«Uma investigação histórica sensacional!»
Washington Post

O Segredo dos Templários

A Verdade Escondida pela História

Como um grupo de cavaleiros corajosos guardou a identidade de Cristo e protegeu o Santo Graal

LYNN PICKNETT E CLIVE PRINCE

a|ma dos livros

«Uma investigação histórica sensacional!»
Washington Post

O SEGREDO DOS TEMPLÁRIOS

A VERDADE ESCONDIDA PELA HISTÓRIA

Como um grupo de cavaleiros corajosos
guardou a identidade de Cristo e protegeu o Santo Graal

LYNN PICKNETT E CLIVE PRINCE

alma livros

ELOGIOS A *O SEGREDO DOS TEMPLÁRIOS*

«Um dos livros mais fascinantes que já li desde *O Sangue de Cristo e o Santo Graal*.»

COLIN WILSON

Nunca mais olhará da mesma forma para a obra de Leonardo da Vinci nem para o cristianismo!»

Fortean Times

«Este livro é mais do que uma experiência informativa: é também iniciática. É provavelmente o mais preciso e pragmático relato alguma vez escrito sobre o tema. Picknett e Prince podem congratular-se por terem produzido uma obra-prima do engenho intelectual, conseguindo ao mesmo tempo o triunfo invulgar de escrever um livro que será um prazer acessível para o leigo e uma inspiração para o investigador experiente.»

Starfire

«Uma das mais intrigantes tentativas até agora de construir uma Grande Teoria Unificada da tradição ocidental dos mistérios.»

NIKLAS RASCHE, *Fortean Times*

LYNN PICKNETT E CLIVE PRINCE

O SEGREDO DOS TEMPLÁRIOS

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt
© 2021
Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros
Copyright © Lynn Picknett e Clive Prince 1997, 2007
Título: *O Segredo dos Templários*
Título original: *The Templar Revelation*
Autores: Lynn Picknett e Clive Prince
Tradução: Carla Ribeiro
Revisão: Daniel Santos
Paginação: Ana Seromenho
Capa: Vera Braga /Alma dos Livros
Imagem de capa: Shutterstock
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.
ISBN: 978-989-8999-96-2
1.ª edição em papel: abril de 2021
Lynn Picknett e Clive Prince afirmaram os seus direitos sob o Copyright,
Designs and Patents Act 1988 para serem identificados como os autores deste trabalho.
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal,
salvo as exceções devidamente previstas na lei.

Para aqueles que mais amamos, no tempo e mais além…

INTRODUÇÃO À NOVA EDIÇÃO PORTUGUESA

Ainda que em certos aspetos pareça ter sido apenas ontem, passaram mais de duas décadas desde a publicação de *O Segredo dos Templários*. É com uma enorme satisfação e orgulho – e também bastante espanto, principalmente em certos anos extraordinários – que olhamos para o tempo que passou. Dá-nos um prazer especial apresentar esta nova edição, revista e atualizada, a uma nova geração de leitores portugueses.

Como seria de esperar de um livro tão controverso, as opiniões foram díspares, para não dizer extremadas, tendo uma das mais simpáticas declarado este livro como «uma das mais intrigantes tentativas até agora de construir uma Grande Teoria Unificada da tradição ocidental dos mistérios» – algo que nós não fazíamos ideia de estar a escrever, mas que, pensando bem, talvez tenhamos escrito, afinal.

Mal sabíamos nós que, nos Estados Unidos, poucos anos após a publicação deste livro, um certo escritor chamado Dan Brown se interessaria por *O Segredo dos Templários* ao vê-lo numa livraria local quando andava à procura de ideias para uma segunda aventura de Robert Langdon. Como viria a reconhecer durante um célebre caso no Supremo Tribunal de Londres: «*O Segredo dos Templários* discutia a história secreta dos Templários e o possível envolvimento de Leonardo da Vinci… Fiquei entusiasmado com a ideia de usar Leonardo da Vinci como personagem histórica e enredo para o meu novo romance… Foi provavelmente por esta altura que me ocorreu o título *O Código da Vinci*.» (Como verão, o nosso primeiro capítulo intitula-se «O Código Secreto de Leonardo da Vinci».)

Sermos apanhados num fenómeno editorial sem precedentes valeu-nos até uma aparição no filme *O Código da Vinci* (como o involuntariamente sinistro casal no autocarro em Londres) – uma espécie de recompensa pela nossa contribuição para o género. O dia de filmagens foi decerto o aniversário mais memorável do Clive!

Mas claro que a perceção mais gratificante é o facto de este livro ter resistido orgulhosamente durante tanto tempo, defendendo o seu espaço durante anos até ser, para nossa grande surpresa, projetado para a ribalta de forma ainda mais intensa. E ainda que, como é natural, tenhamos mudado de posição sobre alguns aspetos ao longo de todo esse tempo, na generalidade, as nossas constantes investigações não só confirmaram como desenvolveram os nossos achados e conclusões originais. Assim, para esta nova edição portuguesa, estamos encantados por termos a oportunidade de acrescentar uma atualização (no final do livro), dando continuidade à história, alisando arestas e, esperamos, expandindo ainda mais o debate.

O que quer que o futuro possa trazer, esperamos gozar de muitas oportunidades para conhecer e agradecer àqueles que nos apoiaram e ao nosso trabalho, bem como para fazer novos amigos e descobertas que ajudarão ao nosso entendimento da religião e da cultura que moldaram o Ocidente.

LYNN PICKNETT
CLIVE PRINCE
Abril de 2021
www.picknettprince.com

INTRODUÇÃO À EDIÇÃO ORIGINAL

Foi Leonardo da Vinci quem deu início à demanda que conduziu a este livro. Foi a nossa pesquisa sobre esse fascinante mas esquivo génio do Renascimento e o seu papel na falsificação do Sudário de Turim que deu origem a uma muito mais ampla e envolvente investigação às «heresias» que em segredo moviam as suas ambições. Tivemos de descobrir a que ordens pertencia, o que sabia e no que acreditava, e porque utilizara certos códigos e símbolos na obra que deixou para a posteridade. Assim – embora estejamos cientes de que é uma bênção ambígua – é a Leonardo que temos de agradecer pelas descobertas que se transformaram neste livro.

No início, pareceu-nos estranho vermo-nos atraídos para o complexo e muitas vezes nebuloso mundo das sociedades secretas e das crenças heterodoxas. Afinal, Leonardo é geralmente considerado como tendo sido um suposto ateu e racionalista. Viríamos, no entanto, a descobrir que ele não era nada disso. Não tardaríamos, em todo o caso, a tê-lo deixado para trás e a vermo-nos sozinhos com algumas implicações bastante perturbadoras. O que começara por ser uma modesta averiguação acerca de alguns cultos interessantes, mas não propriamente devastadores, tornara-se uma investigação às raízes e crenças do próprio cristianismo.

Foi, no fundo, uma viagem pelo espaço e pelo tempo: primeiro, de Leonardo até ao presente, recuando depois para lá do Renascimento e atravessando a Idade Média até à Palestina do século I e à cena definida pelas palavras e ações dos nossos três protagonistas – João Batista, Maria Madalena e Jesus. Pelo caminho, tivemos de parar e de examinar muitos grupos e organizações secretas com um olhar totalmente novo e objetivo: os Maçons, os Cavaleiros Templários, os Cátaros, o Priorado de Sião, os Essénios e o culto de Ísis e Osíris.

Claro que estes temas foram já discutidos em muitos outros livros recentes, como *O Sangue de Cristo e o Santo Graal*, de Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln – que foi originalmente uma

inspiração especial para nós –, *The Sign and the Seal*, de Graham Hancock, *The Temple and the Lodge*, de Baigent e Leigh, e mais recentemente *The Hiram Key*, de Christopher Knight e Robert Lomas. Temos para com todos estes escritores uma dívida de gratidão pelos esclarecimentos que trouxeram às nossas áreas partilhadas de investigação, mas acreditamos que todos eles falharam na descoberta da chave essencial para o âmago destes mistérios.

Não é propriamente uma surpresa. Toda a nossa cultura é baseada em certas suposições sobre o passado, em particular as que dizem respeito ao cristianismo e ao caráter e motivos do seu fundador. Mas se essas suposições estiverem *erradas*, então as conclusões que nelas se baseiam ficarão muito aquém da verdade, ou apresentarão pelo menos uma imagem distorcida dos factos.

Quando nos deparámos pela primeira vez com as conclusões perturbadoras que apresentamos neste livro, tivemos de acreditar que estávamos errados. Mas chegou um momento em que tivemos de tomar uma decisão: continuávamos com a nossa investigação e tornávamos públicas as nossas conclusões, ou esquecíamo-nos de que alguma vez tínhamos feito aquelas descobertas cruciais? Decidimos avançar; afinal, este livro parece seguir naturalmente na senda dos enumerados acima, como se o seu tempo tivesse de facto chegado.

Ao seguir as crenças defendidas por milhares de «hereges» ao longo dos séculos, desvendámos uma imagem bastante consistente. Subjacentes às tradições de muitos grupos aparentemente díspares, estão os mesmos segredos – ou muito similares. De início, pensámos que estas sociedades eram secretas por mero hábito, ou talvez afetação – mas entendemos agora por que motivo tinham de manter o seu conhecimento longe das autoridades, e sobretudo da Igreja. A grande questão, contudo, não é no que é que acreditavam, mas sim se essas crenças se baseavam ou não em algo substancial. Porque se assim for, e se a resistência herege guardava de facto a chave perdida para o

cristianismo, então o que nos resta é um cenário verdadeiramente revolucionário.

Este livro segue a nossa demanda de oito anos por território, na grande maioria dos casos, desconhecido, pois ainda que outros tenham feito mapas para nós seguirmos, ficaram aquém de onde tínhamos de ir.

LYNN PICKNETT
CLIVE PRINCE
St John’s Wood
Londres
22 de julho de 1996

PARTE UM

OS FIOS DA HERESIA

Capítulo Um

O CÓDIGO SECRETO DE LEONARDO DA VINCI

É uma das mais célebres – e duradouras – obras de arte do mundo. *A Última Ceia*, o fresco de Leonardo da Vinci, é a única parte que resta da igreja original de Santa Maria delle Grazie, perto de Milão, estando na única parede a permanecer de pé após um bombardeamento dos Aliados ter reduzido a escombros o resto do edifício durante a Segunda Guerra Mundial. Ainda que muitos outros artistas admirados, como Ghirlandaio e Nicolas Poussin – e até um pintor tão idiossincrático como Salvador Dalí – tenham também dado ao mundo a sua versão desta importante cena bíblica, foi a de Leonardo que, por algum motivo, capturou, mais do que a maioria, a sua imaginação. Existem versões dela em toda a parte, abrangendo ambos os extremos do espectro do gosto, do sublime ao ridículo.

Algumas imagens podem ser tão familiares que nunca são examinadas com rigor, e ainda que estejam mesmo à frente dos olhos do observador, convidando a um escrutínio mais atento, mantêm-se, na verdade, ao seu nível mais profundo e significativo, como livros totalmente fechados. Assim é com *A Última Ceia* de Leonardo – e, por mais incrível que pareça, com quase todas as suas restantes obras.

Foi a obra de Leonardo (1452-1519) – esse génio atormentado da Itália renascentista – que nos veio a conduzir por um caminho que levaria a descobertas tão avassaladoras nas suas implicações que de início pareciam impossíveis: era impossível que várias gerações de académicos simplesmente não tivessem observado o que saltava à nossa sobressaltada vista – e impossível que uma informação tão explosiva tivesse passado todo aquele tempo pacientemente à espera de ser descoberta por autores como nós, vindos de fora da corrente dominante da pesquisa histórica ou religiosa.

Para dar início à nossa história propriamente dita, temos, pois, de regressar à representação da Última Ceia por Leonardo e de a contemplar com novos olhos. Não é altura de a vermos no contexto das conhecidas suposições da história da arte. Este é o momento

em que é apropriado vê-la como faria um perfeito recém-chegado a esta mais familiar de todas as cenas, o momento de deixar que as escamas do preconceito nos caiam dos olhos e de a contemplar com verdadeira atenção, talvez pela primeira vez.

A figura central é, claro, a de Jesus, a quem Leonardo se referiu como «o Redentor» nas suas notas para a obra. (Ainda assim, fica aqui o alerta para o leitor de que não deve fazer nenhuma das suposições óbvias.) Olha contemplativamente para baixo e ligeiramente para a esquerda, de mãos estendidas sobre a mesa diante dele como que a apresentar alguma dádiva ao observador. Uma vez que se trata da Última Ceia, na qual, segundo nos diz o Novo Testamento, Jesus instituiu o sacramento do pão e do vinho, instando os seus seguidores a que deles partilhassem como sua «carne» e «sangue», seria de esperar que houvesse algum cálice ou taça de vinho colocado diante dele, a fim de ser abrangido por esse gesto. Afinal, para os cristãos, esta refeição vem logo antes da «Paixão» de Jesus no jardim de Getsémani, altura em que rezou com fervor «afasta de mim este cálice…» – outra alusão à imagem do vinho/sangue – e também antes da sua morte por crucifixão, em que o seu sangue sagrado foi derramado por toda a humanidade. Não existe, no entanto, qualquer vinho diante de Jesus (e apenas uma quantidade simbólica em toda a mesa). Será possível que aquelas mãos abertas estejam a fazer o que, segundo o artista, é essencialmente um gesto vazio?

À luz da ausência do vinho, talvez não seja também por acaso que, de todo o pão que existe na mesa, muito pouco esteja de facto partido, quebrado. Uma vez que o próprio Jesus associou o pão ao seu corpo, que viria a ser quebrado no supremo sacrifício, estará aqui a ser transmitida alguma mensagem subtil sobre a verdadeira natureza do sofrimento de Jesus?

Isto, no entanto, é apenas a ponta do icebergue da heterodoxia retratada neste quadro. Na narrativa bíblica, é o jovem São João – conhecido como «o Amado» – que está fisicamente tão perto de Jesus nesta ocasião que chega a estar reclinado «no seu peito».

Mas a representação de Leonardo deste jovem não está, como exigido pelas «indicações cénicas» da Bíblia, assim reclinada, afastando-se antes de modo exagerado do Redentor, com a cabeça inclinada para a direita de forma quase coquete. Mesmo no que a esta personagem diz respeito, as coisas não se ficam de todo por aqui, pois é compreensível que os recém-chegados ao quadro possam muito bem albergar curiosas incertezas sobre o alegado São João. Pois, ainda que seja verdade que as predileções do próprio artista tendiam para a representação da epítome da beleza masculina como algo efeminada, *é decerto uma mulher que contemplamos*. Tudo «nele» é surpreendentemente feminino. Por mais velho e desgastado que o fresco possa estar, ainda é possível distinguir as pequenas e graciosas mãos, as feições bonitas e travessas, o peito nitidamente feminino e o colar de ouro. Esta mulher, pois decerto o é, veste também trajes que a distinguem como sendo especial. São o reflexo dos do Redentor: onde um veste uma túnica azul e um manto vermelho, o outro veste uma túnica vermelha e um manto azul do mesmo estilo. Mais ninguém na mesa usa roupas que refletem deste modo as de Jesus. Mas, por outro lado, mais ninguém na mesa é uma mulher.

A forma que Jesus e esta mulher formam juntos – um enorme «M» aberto, quase como se estivessem literalmente unidos pela anca, mas tivessem sofrido um desentendimento ou se tivessem até afastado – é determinante para a composição global. Tanto quanto sabemos, nenhum académico se referiu a esta personagem feminina por qualquer outro nome que não «São João», e a forma do «M» passou-lhes também ao lado. Leonardo, tal como descobrimos nas nossas pesquisas, era um excelente psicólogo, que se divertia a presentear os clientes que lhe tinham feito encomendas religiosas normais com imagens altamente heterodoxas, sabendo que as pessoas veriam com equanimidade a mais surpreendente heresia pois, regra geral, só veem aquilo que esperam ver. Se formos contratados para pintar uma normal cena cristã e apresentarmos ao público algo superficialmente similar, eles

jamais questionarão o seu simbolismo dúbio. Leonardo deve ter esperado, ainda assim, que talvez outros que partilhassem da sua interpretação invulgar da mensagem do Novo Testamento reconhecessem a sua versão, ou que alguém, algures, um observador objetivo, viesse um dia a fixar-se na imagem desta misteriosa mulher associada à letra «M» e fizesse as perguntas óbvias. Quem era esta «M» e porque era tão importante? Porque arriscaria Leonardo a sua reputação – e até a vida, naqueles dias de piras ardentes – para a incluir nesta crucial cena cristã?

Seja ela quem for, o seu próprio destino parece ser pouco seguro, pois uma mão corta através do seu pescoço graciosamente curvado no que parece ser um gesto ameaçador. Também o Redentor é ameaçado por um indicador erguido que é apontado ao seu rosto com óbvia veemência. Tanto Jesus como «M» parecem totalmente insensíveis a estas ameaças, ambos parecendo perdidos no mundo dos seus próprios pensamentos, ambos, à sua maneira, serenos e tranquilos. Mas é como se estivessem a ser utilizados símbolos secretos, não só para avisar Jesus e a sua companheira dos seus diferentes destinos, mas também para instruir (ou talvez lembrar) ao observador alguma informação que, de outro modo, seria perigoso tornar pública. Estaria Leonardo a utilizar este quadro para transmitir alguma crença privada que seria pouco menos do que loucura partilhar com um público mais vasto de qualquer forma óbvia? E será possível que esta crença possa ter uma mensagem para muitos mais do que os do seu círculo imediato, talvez até para nós hoje em dia?

Observemos mais profundamente esta obra extraordinária. À direita do observador do fresco, um homem alto e barbudo dobra-se quase ao meio para falar com o último discípulo à mesa. Ao fazê-lo, fica de costas totalmente voltadas para o Redentor. O modelo deste discípulo – São Tadeu ou São Judas – é reconhecido como sendo o próprio Leonardo.Nada do que os pintores do Renascimento retratavam era acidental ou incluído apenas por ser bonito, e este exemplar específico da época e da profissão era conhecido pela sua

predileção pelo *double entendre* visual. (É possível detetar a sua preocupação em usar o modelo certo para os vários discípulos na irónica sugestão de que o irritante Prior do Mosteiro de Santa Maria posasse ele mesmo para a personagem de Judas!) Porque se pintou então Leonardo a desviar de forma tão óbvia o olhar de Jesus?

Há mais. Uma mão anómala aponta uma adaga à barriga de um discípulo a uma pessoa de distância de «M». É impossível imaginar que a mão pudesse pertencer a algum dos sentados àquela mesa, pois é fisicamente impossível àqueles que estão perto terem-se torcido de forma a colocar a adaga naquela posição. Ainda assim, o que é verdadeiramente espantoso quanto a esta mão desencarnada não é tanto o facto de existir, mas que, em todas as leituras que fizemos sobre Leonardo, nos tenhamos cruzado apenas com um par de referências a ela, e demonstrando uma curiosa relutância em encontrar aí algo de invulgar. Tal como o São João que é na verdade uma mulher, nada poderia ser mais óbvio – e mais bizarro – uma vez indicado, mas, por norma, esta é apagada por completo do olho e da mente do observador pelo simples facto de ser tão extraordinária e escandalosa.

Ouvimos com frequência dizer que Leonardo era um cristão devoto, cujos quadros religiosos refletiam a profundidade da sua fé. Como vimos até aqui, pelo menos um deles inclui imagens altamente dúbias em termos de ortodoxia cristã, e a nossa pesquisa adicional, como veremos, revela que nada poderia estar mais longe da verdade do que a ideia de que Leonardo era um verdadeiro crente – crente, isto é, em qualquer forma aceite, ou aceitável, de cristianismo. Os elementos curiosos e anómalos de apenas uma das suas obras parecem já indicar que ele tentava falar-nos de outra camada de sentido nessa familiar cena bíblica, num outro mundo de crença para lá do esboço aceite da imagem petrificada nesse mural do século XV perto de Milão.

Independentemente do seu possível significado, essas inclusões heterodoxas estavam, nunca é demasiado salientar, em total

discordância com o cristianismo ortodoxo. Isto não é, em si, propriamente novidade para muitos dos materialistas/racionalistas dos dias de hoje, pois, para eles, Leonardo foi o primeiro verdadeiro cientista, um homem que não tinha tempo para superstições ou qualquer tipo de religião, que era a própria antítese do místico ou do ocultista. Mas também eles não conseguiram ver o que está diante dos seus olhos de forma tão óbvia. Pintar a Última Ceia sem uma quantidade significativa de vinho é como pintar o momento crucial de uma coroação sem a coroa: ou falha totalmente no seu objetivo ou tem outro bastante diferente, ao ponto de denunciar o pintor como nada menos do que um absoluto herege, alguém dotado de crenças religiosas, mas que estavam em conflito, talvez até mesmo em guerra, com as da ortodoxia cristã. E as outras obras de Leonardo, descobrimos, salientam as suas particulares obsessões heréticas através de imagens consistentes e cuidadosamente aplicadas, algo que não aconteceria se o artista fosse um ateu dedicado apenas a ganhar a vida. Estas inclusões e símbolos despropositados são também muito, muito mais do que a resposta satírica de um cético a uma tal encomenda – não são apenas o equivalente a pôr um nariz vermelho em São Pedro, por exemplo. O que vemos n' *A Última Ceia* e nas suas outras obras é o código secreto de Leonardo da Vinci, que acreditamos ser inusitadamente relevante para o mundo atual.

Poder-se-á argumentar que, independentemente daquilo em que Leonardo acreditava ou não, isto era apenas a mania de um homem, e de um que era conhecido por ser estranho, cuja história era feita de infinitos paradoxos. Pode ter sido um solitário, mas era também a vida e a alma da festa; desprezava os adivinhos e cartomantes, mas as suas contas indicavam pagamentos a astrólogos; era vegetariano e amava os animais, mas raras vezes a sua ternura se estendia à humanidade; dissecava cadáveres de forma obsessiva e assistia a execuções com um olhar de anatomista; era um pensador profundo e um mestre de enigmas, conjurando truques e embustes. Dada uma tão complexa

perspetiva, talvez fosse apenas expectável que as suas visões pessoais sobre a religião e a filosofia fossem invulgares e até mesmo excêntricas. Por esse único motivo, poderá ser tentador descartar as suas crenças heréticas como irrelevantes para os dias de hoje. Embora seja geralmente admitido que Leonardo tinha uma imensidão de dotes e talentos, a tendência moderna para um arrogante «epoquismo» procura sabotar os seus feitos. Afinal, quando estava no auge da sua vida, até a técnica de impressão era novidade. O que poderia um inventor solitário de um tão primitivo período ter para oferecer a um mundo que, ao navegar na Internet, está permanentemente informado e que pode, numa questão de segundos, comunicar por telefone ou fax com gente em continentes que ainda não tinham sequer sido descobertos no seu tempo?

Existem duas respostas para isso. A primeira é que Leonardo não era, para utilizar um paradoxo, um génio vulgar. Ainda que a maioria das pessoas saiba que ele desenhou máquinas voadoras e tanques militares primitivos, algumas das suas invenções eram tão improváveis para o seu tempo que os mais caprichosos chegaram mesmo a sugerir que ele podia de facto ter tido visões do futuro. Os seus esboços de uma bicicleta, por exemplo, só foram descobertos em finais dos anos 1960.[1] Ao contrário das dolorosamente morosas fases de tentativa e erro no desenvolvimento da primeira bicicleta vitoriana, contudo, *a bicicleta de da Vinci tinha duas rodas do mesmo tamanho e um mecanismo de corrente e transmissão*. Mas ainda mais fascinante do que o efetivo projeto é a questão de qual terá sido, em primeiro lugar, a sua possível razão para inventar uma bicicleta. Pois o homem sempre quis voar como as aves, mas o desejo de pedalar por estradas imperfeitas num equilíbrio precário sobre duas rodas é totalmente desconcertante (e não aparece, ao contrário do voo, em nenhum conto clássico). Leonardo previu também o telefone, entre muitos outros motivos futuristas para a fama.

Se Leonardo era ainda mais genial do que os livros de história admitem, resta também a questão sobre que possível conhecimento

poderia ele ter tido capaz de exercer uma influência significativa ou generalizada cinco séculos após a sua morte. Embora seja possível argumentar que seria de esperar que os ensinamentos de um rabino do século I tivessem ainda menos relevância para o nosso tempo e espaço, é também verdade que algumas ideias são universais e eternas, e que a verdade, se puder ser encontrada ou definida, nunca é essencialmente fragilizada pela passagem dos séculos.

Não foi, porém, a filosofia de Leonardo (aberta ou secreta) nem a sua arte que nos atraíram para ele de início. Foi a mais paradoxal das suas obras, uma que é em simultâneo incrivelmente famosa e a menos conhecida de todas, que nos atraiu para a nossa intensiva investigação sobre Leonardo. Tal como descrevemos ao pormenor no nosso último livro,[2] descobrimos que foi o *Maestro* quem falsificou o Sudário de Turim, que há muito se julgava ter sido miraculosamente gravado com a imagem de Jesus aquando da sua morte. Em 1988, os testes de datação por carbono provaram a todos, exceto a um punhado de desesperados crentes, que se tratava de um artefacto de finais da Idade Média ou inícios do Renascimento, mas para nós continuou a ser uma imagem verdadeiramente notável – no mínimo. A nossa principal preocupação era a questão da identidade do embusteiro, pois quem quer que tivesse criado esta «relíquia» incrível tinha de ser um génio.

O Sudário de Turim, tal como toda a literatura – tanto a favor como contra a sua autenticidade – admite, funciona como uma fotografia. Exibe um curioso «efeito negativo», o que significa que, a olho nu, se parece vagamente com uma marca de queimadura, mas pode ser visto ao pormenor num negativo fotográfico. Uma vez que nenhuma pintura ou gravura em latão conhecida se comporta desta forma, o efeito negativo foi interpretado pelos sudaristas (crentes em que se trata de facto do Sudário de Jesus) como uma prova das caraterísticas miraculosas da imagem. Descobrimos, no entanto, que a imagem do Sudário de Turim se comporta como uma fotografia *porque é precisamente disso que se trata*.

Por mais incrível que possa parecer de início, o Sudário de Turim é uma fotografia. Juntamente com Keith Prince, reconstruímos o que julgávamos ser a técnica original e, ao fazê-lo, tornámo-nos as primeiras pessoas a alguma vez replicar todas as até então inexplicáveis caraterísticas do Sudário de Turim.[3] E, apesar das alegações dos sudaristas de que tal era impossível, fizemo-lo utilizando equipamento extremamente básico. Usámos uma *camera obscura* (uma câmara com um orifício), tecido quimicamente revestido, tratado com materiais fáceis de arranjar no século XV, e grandes doses de luz. O objeto da nossa fotografia experimental foi, no entanto, um busto em gesso de uma rapariga, cujo estatuto estava lamentavelmente a anos-luz do do modelo original. Pois, ainda que o rosto no Sudário não fosse, como alegado por muitos, o de Jesus, era na verdade o rosto do próprio embusteiro. Em suma*, o Sudário de Turim é, entre muitas outras coisas, uma fotografia com quinhentos anos do próprio Leonardo da Vinci*.

Apesar de algumas curiosas alegações do contrário,[4] isto não pode ter sido obra de um crente cristão devoto. O Sudário de Turim, visto em negativo fotográfico, mostra aparentemente o corpo quebrado e ensanguentado de Jesus. Importa ter presente que não se trata de sangue vulgar, pois, para os cristãos, não é apenas literalmente divino: é também o veículo através do qual o mundo pode ser redimido. Para nós, não é de todo possível falsificar esse sangue e ser-se considerado um crente – nem poderia alguém ter o mínimo de respeito pela pessoa de Jesus e substituir a imagem dele pela de si próprio. Leonardo fez estas duas coisas, com meticuloso cuidado e até, suspeitamos, com um certo prazer. Claro que sabia que, enquanto suposta imagem de Jesus – pois ninguém perceberia que se tratava do próprio artista florentino[5] –, o Sudário seria alvo das preces de um número considerável de peregrinos, mesmo durante a sua própria vida. Tanto quanto sabemos, esteve de facto a pairar nas sombras e a vê-los rezar – isto estaria de acordo com o que sabemos do seu caráter. Mas terá também adivinhado quantos peregrinos viriam a benzer-se diante da sua imagem ao longo dos

séculos? Terá imaginado que, um dia, haveria pessoas inteligentes a converter-se efetivamente ao catolicismo só de olhar para aquele belo e torturado rosto? E será possível que tenha previsto que a imagem cultural do Ocidente de qual era o aspeto de Jesus viria em grande medida da imagem no Sudário de Turim? Ter-se-á apercebido de que, um dia, milhões de pessoas de todo o mundo viriam a adorar a imagem de um herege homossexual do século XV no lugar do seu amado Deus, e que *Leonardo da Vinci viria literalmente a tornar-se a imagem de Jesus Cristo?*

O Sudário foi, julgamos nós, *quase* a mais escandalosa – e bem-sucedida – partida alguma vez pregada na história. Mas, ainda que tenha enganado milhões, é mais do que um hino à arte do embuste de mau gosto. Acreditamos que Leonardo aproveitou a oportunidade de criar a derradeira relíquia cristã como veículo para duas coisas: uma técnica inovadora e uma crença herética codificada. A técnica da fotografia primitiva era – como os acontecimentos viriam a demonstrar[6] – altamente perigosa de se divulgar ao público naqueles tempos de paranoia e superstição. Mas Leonardo ter-se-á divertido, sem dúvida, a garantir que este protótipo era velado pelos mesmos padres que desprezava. Claro que é possível que esta irónica guarda sacerdotal seja pura coincidência, uma mera reviravolta fatídica numa história já notável, mas, para nós, tresanda à paixão de Leonardo pelo absoluto controlo, que aqui se vê ir muito além da morte.

O Sudário de Turim, apesar de falso e uma obra de génio, contém também certos símbolos que salientam as obsessões específicas do próprio Leonardo, tal como se veem nas suas outras obras mais amplamente aceites. Existe, por exemplo, na base do pescoço do homem no Sudário uma clara linha de demarcação. Quando a imagem como um todo é transformada num «mapa de contornos», utilizando a mais sofisticada tecnologia informática, podemos ver que a linha assinala o extremo inferior da imagem frontal da cabeça, enquanto, imediatamente por baixo, existe, por assim dizer, um mar de escuridão lisa, sem imagem, até que esta começa de novo na

parte superior do peito.[7] Acreditamos que existem duas razões para isto. Uma é puramente prática, pois a imagem frontal é um compósito, sendo o corpo o de um homem verdadeiramente crucificado e o rosto o do próprio Leonardo, daí que essa linha indique talvez a necessidade de «junção» das duas imagens. Ainda assim, este embusteiro não era um qualquer artífice mediano, e teria sido relativamente fácil cobrir ou esbater essa reveladora linha de demarcação. Mas e se Leonardo não tivesse de facto qualquer vontade de se livrar dela? E se a tiver deixado ali de propósito, a fim de transmitir uma mensagem «aos que têm olhos para ver»?

Que possível heresia pode o Sudário de Turim conter, mesmo em código? Existe certamente um limite para os símbolos que é possível esconder numa imagem simples e clara de um homem crucificado nu – e uma que tem sido analisada por muitos cientistas de alto nível utilizando equipamento topo de gama. Ainda que venhamos a regressar a este tema a seu devido tempo, insinuemos apenas, por agora, que estas questões poderão ser respondidas olhando de novo para dois aspetos principais da imagem. O primeiro diz respeito à abundância de sangue que parece escorrer pelos braços de Jesus – e que pode parecer, à superfície, que contradiz a falta simbólica de vinho à mesa d' *A Última Ceia*, mas reforça, na verdade, esse ponto específico. O segundo diz respeito à óbvia linha de demarcação entre cabeça e corpo, como se Leonardo estivesse a chamar a nossa atenção para uma decapitação… Tanto quanto sabemos, Jesus não foi decapitado e a imagem é um compósito, pelo que nos é pedido que consideremos as imagens de duas personagens distintas, que estavam, ainda assim, intimamente ligadas de alguma forma. Mas, mesmo assim, porque haveria alguém que foi decapitado ser colocado «sobre» alguém que foi crucificado?

Como veremos, esta pista da cabeça cortada no Sudário de Turim é apenas um reforçar dos símbolos em muitas das outras obras de Leonardo. Vimos já como a estranha jovem, «M», na sua *A Última Ceia*, está aparentemente a ser ameaçada por uma mão que

passa sobre o seu delicado pescoço, e como o próprio Jesus é ameaçado por um dedo erguido espetado diante do seu rosto, aparentemente como um aviso – ou talvez uma lembrança, ou ambos. Nas obras de Leonardo, este dedo espetado é sempre, em todos os casos, uma referência direta a João Batista.

Este santo, o alegado precursor de Jesus, que disse ao mundo «eis o Cordeiro de Deus», cujas sandálias ele não era digno de desapertar, era de suma importância para Leonardo, ainda que a julgar apenas pela sua omnipresença nas obras remanescentes do artista. Esta obsessão é em si mesma curiosa para alguém tão amplamente considerado pelos racionalistas modernos como não tendo tempo para a religião. Um homem para quem todas as personagens e tradições do cristianismo nada fossem dificilmente teria dedicado tanto tempo e energia a um santo específico como ele fez com João Batista. É, uma e outra vez, este João que domina a vida de Leonardo, tanto de forma consciente, nas suas obras, como a nível sincrónico, nas coincidências que o rodeavam. É quase como se o Batista o seguisse. Por exemplo, a sua amada cidade de Florença é ela mesma consagrada a esse santo, tal como a catedral de Turim, onde o falso Santo Sudário de Leonardo está em câmara ardente. O seu último quadro, que, juntamente com a *Mona Lisa*, ficou por reclamar na câmara das suas derradeiras horas, foi de João Batista, e a sua única escultura sobrevivente (executada em conjunto com Giovanni Francesco Rustici, um conhecido ocultista) representava também o Batista. Ergue-se agora sobre a entrada para o batistério em Florença, bem acima das cabeças dos turistas, e proporcionando, infelizmente, um alvo acessível aos irreverentes bandos de pombos.

Aquele dedo erguido – aquilo a que chamamos de «o gesto de João» – surge em *A Escola de Atenas*, de Rafael (1509). Aí, vemos a venerável figura de Platão a exibir este sinal, mas, dadas as circunstâncias, não é uma alusão tão misteriosa como poderíamos suspeitar. Na verdade, o modelo para Platão foi o próprio Leonardo, fazendo obviamente um gesto que era não só, de certo modo,

caraterístico dele, mas que tinha também para si um significado profundo (e presumivelmente também para Rafael e para outros do seu círculo).

Caso se pense que estamos a dar demasiada importância àquilo que designamos por «gesto de João», vejamos outros exemplos na obra de Leonardo.

Surge em vários dos seus quadros e, tal como dissemos, tem sempre o mesmo significado. Na sua inacabada *Adoração dos Magos* (que foi iniciada em 1481), um espectador anónimo faz este gesto junto a um monte de terra do qual brota uma alfarrobeira. A maioria dos observadores dificilmente repararia nisto, pois os seus olhos seriam inevitavelmente atraídos para o que estes julgariam ser o objetivo do quadro – tal como o título sugere, a adoração da Sagrada Família pelos «sábios», ou Magos. A bela e sonhadora Virgem, com o menino Jesus no joelho, é retratada como uma figura insípida e sem cor. Os Magos ajoelham-se, oferecendo-lhe os seus presentes para o menino, enquanto, ao fundo, uma multidão se junta, aparentemente também a adorar a mãe e o menino. Mas, tal como *A Última Ceia*, só quando observado de forma superficial é que este quadro é entendido como uma pintura cristã, e justifica um melhor escrutínio.

Os adoradores em primeiro plano não são propriamente exemplos de saúde e beleza. De uma magreza quase cadavérica, as suas mãos estendidas parecem mais tentar agarrar o casal, como que num pesadelo, do que estar erguidas em deslumbramento. Os Magos oferecem os seus presentes – mas só dois dos lendários três. São oferecidos incenso e mirra, mas não ouro. Para as gentes do tempo de Leonardo, o ouro não significava apenas riqueza imediata, sendo também um símbolo de realeza – e aqui está a ser negado a Jesus.

Se olharmos para lá da Virgem e dos Magos, parece haver um segundo grupo de adoradores. Estes têm um aspeto muito mais saudável e normal – mas, se seguirmos a linha do seu olhar, é óbvio que não estão de todo a olhar para a Virgem e para o menino,

parecendo antes estar a venerar as raízes da alfarrobeira, à qual um homem faz o «gesto de João». E a alfarrobeira é tradicionalmente associada a… João Batista.[8]

No canto inferior direito do quadro, um jovem vira deliberadamente as costas à Sagrada Família. É por muitos aceite que se trata do próprio Leonardo, mas o fraco argumento que é muitas vezes utilizado para explicar esta aversão – que o artista se sentia indigno de os encarar – dificilmente se sustenta. Pois é bem sabido que Leonardo não gostava da Igreja. Além disso, na personagem de São Tadeu ou São Judas n'*A Última Ceia*, está também nitidamente de costas para o Redentor, salientando assim uma resposta emocional extrema às figuras centrais da história cristã. E, uma vez que Leonardo não era, digamos, a epítome da devoção ou da humildade, é improvável que esta reação tenha sido inspirada por um sentimento de inferioridade ou servilismo.

Se nos voltarmos para o belo e assombroso esboço que Leonardo fez de *A Virgem e o Menino com Santa Ana* (1501), que se encontra na National Gallery, em Londres, vemos de novo elementos que deveriam – mas raramente o fazem – perturbar o observador com as suas implicações subversivas. O desenho mostra a Virgem e o menino com Santa Ana (a mãe de Maria) e João Batista em pequeno. O menino Jesus parece abençoar o seu primo João, que olha pensativamente para cima, enquanto Santa Ana olha de perto para o rosto alheado da filha – e faz o «gesto de João» com uma mão curiosamente grande e masculina. Este indicador levantado, contudo, ergue-se sobre a pequena mão de Jesus que dá a bênção, como se a obscurecesse, literal e metaforicamente. E, ainda que a Virgem pareça estar sentada de forma bastante desconfortável – quase de lado, na verdade –, é a posição do menino Jesus que é particularmente estranha. A Virgem segura-o como se o tivesse acabado de empurrar para a frente a fim de dar a sua bênção, como se o tivesse trazido para o quadro apenas para isso, mas só conseguindo mantê-lo ali com dificuldade. Entretanto, João apoia-se de forma descontraída no joelho de Santa

Ana, como que indiferente à honra que lhe é concedida. Será possível que a própria mãe da Virgem a esteja a recordar de algo secreto relacionado com João?

Segundo as indicações complementares na National Gallery, alguns especialistas de arte, intrigados pela juventude de Santa Ana e pela presença anómala de João Batista, especularam que o quadro retrataria na verdade Maria e a sua prima Isabel – *a mãe de João*. Parece plausível e, se estiver correto, reforça este ponto de vista.

Esta aparente inversão dos papéis habituais de Jesus e de João é também visível numa das duas versões de Leonardo de *A Virgem dos Rochedos*. Os historiadores de arte nunca conseguiram explicar de modo satisfatório o porquê de haver duas, mas uma delas está atualmente exposta na National Gallery, em Londres, e a outra – que é, para nós, de longe a mais interessante – está no Louvre, em Paris.

A encomenda original foi feita por uma organização conhecida como Fraternidade da Imaculada Conceição, e era de um único quadro destinado a ser a parte central de um tríptico para o altar da sua capela na igreja de San Francesco Grande, em Milão.[9] (Os outros dois quadros para o tríptico seriam de outros artistas.) O contrato, datado de 25 de abril de 1483, ainda existe e dá uma perspetiva interessante sobre o trabalho esperado – e o que os membros da fraternidade realmente receberam. Nele, especificavam minuciosamente a forma e dimensões do quadro que queriam – o que era fundamental, pois a moldura do tríptico já existia. Estranhamente, ambas as versões finais de Leonardo correspondem a estas especificações, ainda que se desconheça o porquê de ele ter feito duas. Podemos, ainda assim, arriscar um palpite sobre estas interpretações divergentes que pouco tem que ver com perfecionismo e mais com a consciência do seu potencial explosivo.

O contrato especificava também o tema do quadro. Devia retratar um acontecimento que não se encontrava nos Evangelhos, mas que

há muito estava presente na lenda cristã. Era a história de como, durante a fuga para o Egito, José, Maria e o menino Jesus se tinham abrigado numa gruta no deserto, onde se encontraram com o pequeno João Batista, que estava protegido pelo arcanjo Uriel. O objetivo desta lenda é proporcionar uma escapatória para uma das mais óbvias e embaraçosas questões levantadas pela história do batismo de Jesus contada nos Evangelhos. Porque haveria um Jesus supostamente sem pecado de necessitar sequer do batismo, dado que o ritual é um gesto simbólico de purificação dos pecados e um compromisso de futura santidade? Porque haveria o Filho de Deus de se submeter ao que era claramente um ato de autoridade por parte do Batista?

Esta lenda conta-nos como, nesse encontro incrivelmente fortuito das duas crianças santas, Jesus concedeu ao seu primo João a autoridade de o batizar quando fossem ambos adultos. Por várias razões, esta encomenda feita pela fraternidade a Leonardo parece-nos ser muito irónica, mas podemos também suspeitar que ele teria ficado encantado ao recebê-la – e ao tornar muito sua a interpretação da lenda, pelo menos numa das versões.

Ao estilo da época, os membros da fraternidade tinham definido um quadro sumptuoso e ornamentado, com montes de folhas de ouro e uma enxurrada de querubins e fantasmagóricos profetas do Antigo Testamento a preencher o espaço. O que acabaram por receber foi bastante diferente, a tal ponto que as relações entre eles e o artista se tornaram azedas, culminando num processo que se arrastou por mais de 20 anos.

Leonardo optou por representar a cena com o máximo de realismo possível, sem personagens estranhas – não haveria querubins rechonchudos nem sombrios profetas da desgraça. Na verdade, o *dramatis personae* foi talvez excessivamente reduzido, pois, ainda que esta cena represente alegadamente a fuga da Sagrada Família para o Egito, José não aparece de todo.

A versão do Louvre, que foi a primeira, mostra uma Virgem vestida de azul com um braço protetor em torno de uma criança,

estando a outra junto a Uriel. Curiosamente, as duas crianças são idênticas, mas, ainda mais estranho, é o facto de que a criança que está com o anjo é que abençoa a outra, e é a criança que Maria abraça que ajoelha em subserviência. Isto levou os historiadores de arte a presumir que, por algum motivo, Leonardo optou por colocar João com Maria. Afinal, não existem rótulos ou etiquetas a identificar os indivíduos, e a criança que tem autoridade para abençoar deve certamente ser Jesus.

Existem, no entanto, outras formas de interpretar esta imagem, formas que não só sugerem mensagens subliminares fortes e altamente heterodoxas, como reforçam também os códigos utilizados nas outras obras de Leonardo. Talvez a semelhança entre as duas crianças sugira aqui que Leonardo estava a ocultar de forma deliberada as suas identidades para os seus próprios fins. E, enquanto Maria envolve num gesto protetor a criança geralmente aceite como sendo João com a sua mão esquerda, a direita está estendida sobre a cabeça de «Jesus» no que parece ser um gesto de hostilidade flagrante. É isto que Serge Bramly, na sua recente biografia de Leonardo, descreve como «evocativo das garras de uma águia».[10] Uriel aponta para a criança abraçada por Maria, mas lança também, de forma significativa, um olhar enigmático ao observador – ou seja, desvia resolutamente o olhar da Virgem e do menino. Embora possa ser mais fácil e mais aceitável interpretar este gesto como uma indicação daquele que deverá ser o Messias, existem outros sentidos possíveis.

E se a criança que está com Maria na versão do Louvre de *A Virgem dos Rochedos* for *realmente* Jesus – como seria lógico esperar – e o rapaz que está com Uriel for João? Lembre-se de que, neste caso, é João quem abençoa Jesus, com este a submeter-se à sua autoridade. Uriel, enquanto protetor especial de João, evita sequer olhar para Jesus. E Maria, protegendo o seu filho, ergue uma mão ameaçadora sobre a cabeça do bebé João. Vários centímetros abaixo da sua mão aberta, o dedo apontado de Uriel passa-lhe diretamente à frente, como se os dois gestos abarcassem uma pista

críptica. É como se Leonardo nos indicasse que algum objeto, algo importante – mas invisível – deveria preencher o espaço entre eles. Neste contexto, não é de todo fantasioso entender que os dedos estendidos de Maria pretendem parecer como se estivessem pousados na coroa de uma cabeça invisível, enquanto o indicador apontado de Uriel atravessa precisamente o espaço onde se encontraria o pescoço. Esta cabeça fantasma flutua logo acima da criança que está com Uriel… Assim sendo, esta criança *está*, afinal, efetivamente identificada, pois qual dos dois viria a morrer decapitado? E se é de facto João Batista, é ele quem é mostrado a dar a bênção, como sendo superior.

Quando nos viramos, porém, para a muito mais tardia versão da National Gallery, vemos que todos os elementos necessários para fazer estas deduções heréticas estão ausentes – mas só esses. As duas crianças são bastante diferentes em termos de aspeto, e a que está com Maria segura a tradicional cruz de haste longa do Batista (embora seja verdade que isto poderá ter sido acrescentado por um artista posterior). Aqui, a mão direita de Maria continua estendida sobre a outra criança, mas desta vez sem qualquer sugestão de ameaça. Uriel já não aponta nem desvia os olhos da cena. É como se Leonardo nos convidasse a «descobrir as diferenças» – desafiando-nos a extrair as nossas próprias conclusões dos pormenores anómalos.

Este tipo de análise à obra de Leonardo revela uma panóplia de tendências provocadoras e inquietantes. Parece existir uma repetição, com recurso a vários engenhosos símbolos e sinais subliminares, do tema João Batista. Este, e as imagens que o representam, são uma e outra vez elevados acima da figura de Jesus – inclusive, se estivermos certos, nos símbolos astuciosamente dispostos no próprio Sudário de Turim.

Existe nesta insistência algo de obstinado, sobretudo na complexidade das próprias imagens utilizadas por Leonardo, bem como, claro, no risco que correu ao apresentar ao mundo uma tal heresia, ainda que tão inteligente e subliminar. Talvez, como já

insinuámos, a razão para ter concluído tão poucas das suas obras não tenha sido tanto o seu perfecionismo, mas mais o facto de estar demasiado ciente do que lhe podia acontecer caso alguém de relevo visse, para lá do fino véu da ortodoxia, a flagrante «blasfémia» escondida logo abaixo da superfície. Talvez até o gigante intelectual e físico que era Leonardo tivesse algum receio de se desentender com as autoridades – já lhe bastara uma vez.[11]

Ainda assim, não era decerto necessário que se arriscasse a pôr a cabeça no cepo ao introduzir nos seus quadros essas mensagens heréticas, a não ser que acreditasse fervorosamente nelas. Como já vimos, longe de ser o materialista ateu tão amado por muitos contemporâneos, Leonardo estava profunda e seriamente comprometido com um sistema de crenças totalmente contrário ao que era então, e continua a ser hoje, o cristianismo dominante. Era aquilo a que muitos optariam por chamar de «oculto».

Para a maioria das pessoas, essa palavra tem hoje conotações imediatas e pouco positivas. É entendida como significando magia negra ou as movimentações de charlatães depravados – ou ambas. Na verdade, a palavra «oculto» significa simplesmente «escondido» e é geralmente utilizada em astronomia, como na descrição de um corpo celeste que «oculta», ou eclipsa, outro. No que a Leonardo dizia respeito, poderemos concordar que, embora houvesse de facto elementos na sua vida e nas suas crenças que tresandavam a ritos sinistros e a práticas mágicas, é também verdade que o que procurava era, acima de tudo, conhecimento. No entanto, a maioria do que buscava fora eficazmente «ocultado» pela sociedade – em particular por uma omnipresente e poderosa organização. Em quase toda a Europa desse tempo, a Igreja via com desagrado qualquer experiência científica e tomava medidas drásticas para silenciar aqueles que tornassem públicas as suas posições heterodoxas ou particularmente distintas.

Florença – onde Leonardo nascera e fora criado, e em cuja corte a sua carreira tivera realmente início – era, no entanto, o próspero centro de uma nova vaga de conhecimento, o que, por incrível que

pareça, se devia inteiramente ao facto de esta cidade servir de refúgio a um grande número de ocultistas e mágicos influentes. Os primeiros protetores de Leonardo, a família Médicis, que governava Florença, incentivavam ativamente os estudos ocultos, chegando mesmo a patrocinar investigadores para a busca e tradução de manuscritos perdidos específicos.

Este fascínio pelo arcano não era o equivalente renascentista aos horóscopos nos jornais dos dias de hoje. Embora existissem inevitavelmente áreas de investigação que nos pareceriam ingénuas ou pura superstição, havia também muitas mais que representavam uma tentativa séria de compreender o universo e o lugar do homem nele. O mágico, contudo, procurava ir um pouco mais longe e descobrir como controlar as forças da natureza. Visto a esta luz, talvez não seja assim tão notável que Leonardo fosse, de entre todas as pessoas, e tal como cremos, um participante ativo na cultura oculta do seu tempo e espaço. E a distinta historiadora Dame Frances Yates chegou mesmo a sugerir que a chave para o vasto génio de Leonardo pode ter estado nas ideias de magia do seu tempo.[12]

Os pormenores exatos das filosofias prevalentes neste movimento oculto florentino podem ser encontrados nos nossos outros livros,[13] mas, resumidamente, a base de todos os grupos da época era o hermetismo, cujo nome vem de Hermes Trismegisto, o grande, ainda que lendário, mago egípcio cujos livros apresentavam um sistema mágico coerente. A parte mais importante do pensamento hermético era, de longe, a ideia de que o homem era, de certo modo, literalmente divino – um conceito que era, em si, tão ameaçador para o domínio da Igreja sobre os corações e mentes do seu rebanho que foi considerado anátema.

Os princípios herméticos eram certamente manifestos na vida e obra de Leonardo, mas, à primeira vista, parece existir uma clara discrepância entre estas sofisticadas ideias filosóficas e cosmológicas e os conceitos heréticos que defendiam, ainda assim, a importância das figuras bíblicas. (Importa salientar que as crenças

heterodoxas de Leonardo e do seu círculo não resultaram apenas de uma reação contra uma Igreja corrupta e crédula. Como a história demonstrou, houve efetivamente uma reação forte, e não foi decerto secreta, à Igreja de Roma – todo o movimento Protestante. Mas, se Leonardo estivesse vivo hoje, também não o encontraríamos a prestar culto *nesse* tipo de igreja.)

Existem, no entanto, muitas provas de que os hermetistas podiam ser também verdadeiros hereges. Giordano Bruno (1548-1600), o pregador fanático do hermetismo, proclamou que as suas crenças vinham de uma antiga religião egípcia anterior ao cristianismo – e que o eclipsava em termos de importância.[14]

Parte deste florescente mundo oculto – mas ainda demasiado receosos da desaprovação da Igreja para serem mais do que um movimento clandestino – eram os alquimistas. Mais uma vez, trata-se de um grupo que sofre de um preconceito moderno. Hoje, são escarnecidos como tolos que desperdiçaram as suas vidas a tentar inutilmente transformar em ouro os metais básicos; na verdade, esta imagem era uma útil cortina de fumo para os alquimistas sérios que estavam mais interessados em experiências científicas adequadas – mas também na transformação pessoal e no implícito controlo absoluto do seu próprio destino. Mais uma vez, não é difícil de ver que alguém tão faminto por conhecimento como Leonardo faria parte desse movimento, sendo talvez até um dos seus principais impulsionadores. Embora não existam provas diretas do seu envolvimento, era sabido que se relacionava com ocultistas dedicados de todo o tipo, e a nossa própria investigação à sua falsificação do Sudário de Turim sugere fortemente que a imagem resultou diretamente das suas próprias experiências «alquímicas». (Na verdade, chegámos à conclusão de que a fotografia foi ela mesma, em tempos, um dos grandes segredos alquímicos.[15])

Dito de forma simples: é altamente improvável que Leonardo desconhecesse qualquer sistema de conhecimento que estivesse disponível na sua época, mas, ao mesmo tempo, dados os riscos envolvidos em fazer abertamente parte deles, é também improvável

que ele pusesse em papel qualquer prova disso. Ainda assim, tal como vimos, os símbolos e imagens que utilizou de forma repetida nos seus supostos quadros cristãos dificilmente seriam do tipo que teria agradado às autoridades da Igreja, caso se tivessem apercebido da sua verdadeira natureza.

O fascínio pelo hermetismo pode, ainda assim, parecer, pelo menos à superfície, estar quase no extremo oposto da escala ao da preocupação com João Batista – e a putativa importância da mulher «M». Na verdade, foi esta discrepância que nos deixou de tal modo intrigados que decidimos ir mais longe. Poder-se-á argumentar, claro, que a única coisa que todo este infindável erguer de indicadores significa é que um génio do Renascimento estava obcecado por João Batista. Mas seria possível que existisse um significado mais profundo por detrás da crença pessoal de Leonardo? Seria a mensagem que pode ser lida nos seus quadros de algum modo *verdadeira*?

É certo que o *Maestro* é reconhecido há muito nos círculos ocultos como detentor de conhecimento secreto. Quando começámos a investigar o seu papel no Sudário de Turim, cruzámo-nos com muitos rumores entre essas pessoas, que diziam não só que ele estivera envolvido na sua criação mas que era também um conhecido mago de algum prestígio. Existe até um cartaz parisiense do século XIX a divulgar o Salão da Rosa+Cruz – um ponto de encontro para ocultistas com inclinações artísticas – que retrata Leonardo como o Guardião do Santo Graal (o que nesses círculos pode ser interpretado como uma abreviatura para Guardião dos Mistérios). Mais uma vez, os rumores e a licença artística não permitem, em si mesmos, grandes conclusões, mas, vistos em conjunto com todas as indicações enumeradas acima, abriram-nos certamente o apetite por saber mais sobre o Leonardo desconhecido.

Até então, tínhamos isolado o fio principal do que parecia ser a obsessão de Leonardo: João Batista. Embora fosse apenas natural que recebesse encomendas para pintar e esculpir esse santo

estando a viver em Florença – local que era consagrado a João –, é um facto que, quando deixado por sua conta, Leonardo escolhia fazê-lo. Afinal, o último quadro em que viria a trabalhar antes da sua morte, em 1519 – que não foi encomendado por ninguém, mas sim pintado pelas suas próprias razões –, era de João Batista. Talvez quisesse poder olhar para a imagem enquanto jazia moribundo. E mesmo quando lhe pagavam para pintar uma cena cristã ortodoxa, enfatizava sempre, se conseguisse sair impune, o papel do Batista nela.

Como vimos, as suas imagens de João são elaboradamente engendradas para transmitirem uma mensagem específica, ainda que captada de forma imperfeita e subliminar. João é certamente retratado como importante – mas, por outro lado, ele *era* o precursor, arauto e familiar de Jesus, pelo que é apenas natural que o seu papel fosse reconhecido desta forma. Mas Leonardo não nos diz que o Batista era, como todos os outros, inferior a Jesus. Na sua *A Virgem dos Rochedos*, o anjo está provavelmente a apontar para João, que abençoa Jesus e não o contrário. Na *Adoração dos Magos*, as pessoas normais e saudáveis adoram as raízes elevadas da alfarrobeira – a árvore de João – e não a Virgem sem cor com o seu menino. E o «gesto de João», esse indicador da mão direita erguido, é apontado ao rosto de Jesus n' *A Última Ceia* de uma forma que nitidamente não é afetuosa nem solidária; no mínimo, parece dizer de forma abertamente ameaçadora: «Lembra-te de João». E a menos conhecida das obras de Leonardo, o Sudário de Turim, exibe o mesmo tipo de simbolismo, com a sua imagem de uma cabeça aparentemente cortada colocada «sobre» um corpo classicamente crucificado. As provas avassaladoras indicam que, pelo menos para Leonardo, João Batista era, na verdade, superior a Jesus.

Tudo isto pode fazer com que Leonardo pareça ter sido uma voz a clamar no deserto. Afinal, muitas grandes mentes foram, no mínimo, excêntricas. Talvez esta fosse apenas outra área da sua vida em que ele se encontrava fora das convenções da sua época,

desvalorizado e só. Mas sabíamos também, mesmo no arranque da nossa investigação em finais dos anos 1980, que tinham surgido provas – ainda que de natureza altamente controversa – nos últimos anos que o associavam a uma sinistra e poderosa sociedade secreta. Este grupo, que alegadamente era muitos séculos anterior a Leonardo, envolvia algumas das individualidades e famílias mais influentes da história europeia e – segundo algumas fontes – continua a existir nos dias de hoje. Há quem diga que não só os membros da aristocracia eram os principais impulsionadores desta organização, como é também mantida viva para os seus próprios objetivos específicos por algumas das figuras mais importantes na vida política e económica da atualidade.

Se, nesses primeiros dias, tivéssemos ingenuamente imaginado que íamos passar o nosso tempo em galerias de arte a descodificar quadros renascentistas, dificilmente andaríamos mais longe da verdade.

Capítulo Dois

RUMO AO SUBMUNDO

A nossa investigação ao «Leonardo desconhecido» viria a tornar-se uma longa e incrivelmente complexa demanda – mais, poder-se-á dizer, uma iniciação do que uma simples viagem de A a B. Pelo caminho, viríamos a encontrar-nos em muitos becos sem saída e a vermo-nos enredados no submundo dos que estão associados às sociedades secretas, que têm prazer não só em jogar jogos sinistros mas também em ser agentes de desinformação e confusão. Muitas vezes, demos por nós a questionar, perplexos, como fora que uma simples investigação à vida e obra de Leonardo da Vinci nos podia ter conduzido a um mundo que não acreditávamos que existisse fora de um dos mais impenetráveis filmes do grande surrealista francês Jean Cocteau, como o seu *Orphée*, com o seu retrato de um Submundo alcançado ao atravessar magicamente espelhos.

Na verdade, seria esse mesmo expoente do bizarro – Cocteau – quem viria a fornecer ainda mais pistas, não só sobre as crenças do próprio Leonardo mas também sobre a existência de uma persistente tradição clandestina que tinha as mesmas preocupações. Viríamos a descobrir que Cocteau (1889-1963) parece ter estado envolvido nesta sociedade secreta – cujas provas serão discutidas a seguir. Mas primeiro analisemos as evidências mais imediatas – as dos nossos próprios olhos.

Surpreendentemente perto das luzes brilhantes e do clamor de Leicester Square, em Londres, encontra-se a igreja de Notre-Dame de France. Situada em Leicester Place, praticamente ao lado de uma badalada geladaria para «adultos», é bastante difícil de encontrar, pois a sua fachada não se mostra propriamente com a exuberância que veio a ser associada às grandes igrejas católicas. É possível passar por ela sem um segundo relance e sem perceber decerto quão significativamente a sua decoração diverge da maioria das outras igrejas cristãs.

Originalmente construída em 1865 num local com associações aos Cavaleiros Templários, Notre-Dame de France foi quase

totalmente destruída pelas bombas nazis durante a *Blitz*, sendo reconstruída em finais dos anos 1950. Uma vez ultrapassado o seu exterior modesto, o visitante dá por si numa grande, alta e arejada nave, que pode inicialmente parecer típica do estilo católico moderno. Quase desprovida das garridas estátuas que adornam de forma excessiva muitos outros edifícios, contém, ainda assim, pequenas placas representando as estações da Via Sacra, um altar elevado sob uma grande tapeçaria de uma jovem Virgem loura rodeada por animais em adoração – o que, embora algo evocativo de uma das cenas mais delicodoces da *Disney*, se enquadra no que constitui uma representação aceitável da jovem Maria – e alguns santos de gesso a presidir às capelas laterais. Mas, à esquerda do visitante, voltada para o altar-mor, há uma pequena capela sem qualquer estátua de culto, mas que tem, ainda assim, os seus próprios seguidores. Os visitantes vêm admirá-la e tirar fotografias ao seu mural invulgar, obra de Jean Cocteau, que o terminou em 1960, e a igreja orgulha-se de vender postais da sua própria, e justamente famosa, obra de arte. Mas, tal como no caso dos supostos quadros «cristãos» de Leonardo, também este fresco, quando meticulosamente escrutinado, revela um simbolismo pouco ortodoxo. E a comparação com a obra de Leonardo não é acidental. Mesmo tendo em conta o intervalo de cerca de 500 anos entre ambos, poder-se-á dizer que ele e Cocteau estariam, de algum modo, a colaborar através dos séculos?

Antes de voltarmos a nossa atenção para a curiosidade de Cocteau, olhemos para a igreja de Notre-Dame de France em geral. Ainda que não seja única, é decerto invulgar que uma igreja católica seja redonda, e aqui a sua forma é efetivamente enfatizada em vários pormenores. Existe, por exemplo, uma impressionante claraboia em forma de cúpula decorada com anéis concêntricos, cuja interpretação como algum tipo de teia de aranha poderá não ser demasiado fantasiosa. E as paredes, por dentro e por fora, exibem repetidamente o motivo alternado de cruzes de braços iguais – e ainda mais círculos.

Apesar de nova, a igreja do pós-guerra ergueu-se incorporando orgulhosamente uma laje de pedra retirada da Catedral de Chartres, essa joia da coroa da arquitetura gótica – e, como viríamos a descobrir, um foco para esses grupos cujas crenças religiosas estavam bem longe de ser tão ortodoxas como os livros de História nos levariam a crer. Poder-se-á objetar que nada há de particularmente profundo ou sinistro em incluir uma tal pedra – afinal, durante a Guerra, esta igreja foi um ponto de encontro para as forças da França Livre, e um pedaço de Chartres era certamente um símbolo pungente de tudo o que o país natal alguma vez representara. A nossa pesquisa, no entanto, viria a demonstrar que havia de facto mais do que isso.

Todos os dias, muitas pessoas – londrinos e visitantes – param em Notre-Dame de France para rezar e participar nos serviços religiosos. A igreja parece ser uma das mais movimentadas de Londres e funciona também como um abrigo conveniente para os despojados das ruas, que lá são tratados com grande bondade. Mas é o mural de Cocteau que atua como íman para a maioria daqueles que lá vão durante a sua viagem a Londres, ainda que possam muito bem ficar para tirar partido de um oásis de calma no meio da azáfama da capital.

Inicialmente, o fresco pode desiludir, pois – tal como grande parte da obra de Cocteau – parece, à primeira vista, ser pouco mais do que um esboço pintado, uma cena simplesmente traçada com algumas cores no gesso liso. Representa a Crucifixão, estando a vítima rodeada por soldados romanos boquiabertos, mulheres enlutadas e discípulos. Tem certamente, poder-se-á pensar, todos os ingredientes de uma tradicional cena da Crucifixão, mas, tal como *A Última Ceia* de Leonardo, justifica um escrutínio mais atento, mais crítico – e com ainda mais bom senso.

A figura central, a vítima desta mais horrível das mortes por tortura, pode muito bem ser Jesus. Mas é igualmente verdade que não sabemos ao certo a sua identidade, simplesmente porque o vemos apenas dos joelhos para baixo. Não nos é mostrada a parte

superior do corpo. E, aos pés da cruz, está uma enorme rosa azul e vermelha.

Em primeiro plano, está uma figura que não é romano nem discípulo, virada de costas para a cruz, e que parece estar gravemente perturbada pela cena que tem lugar atrás de si. É verdade que se trata de um acontecimento profundamente perturbador – assistir à morte de qualquer homem naquelas circunstâncias é decerto aflitivo que chegue, mas estar presente enquanto Deus encarnado verte o seu sangue seria indescritivelmente traumático. Mas a expressão desta personagem não é a do humanista horrorizado nem a do adorador desamparado. Para sermos sinceros, o sobrolho franzido e o olhar de soslaio são os de uma testemunha desencantada, repugnada até. Não é a reação de alguém que se sinta remotamente inclinado a dobrar o joelho em adoração, mas sim a de alguém que expressa a sua opinião de igual para igual.

Quem é então esta presença desaprovadora no mais sagrado acontecimento do cristianismo? Nada menos do que o próprio Cocteau. E se nos lembrarmos de que Leonardo se pintou a desviar o olhar da Sagrada Família na *Adoração dos Magos*, e de Jesus n' *A Última Ceia*, poder-se-á dizer que há pelo menos uma semelhança entre os dois quadros. E, se tivermos em conta que existem alegações de que ambos os artistas eram membros superiores da mesma sociedade secreta herética, torna-se irresistível prosseguir com a investigação.

Um sol negro brilha furiosamente sobre a cena, projetando os seus raios negros para o céu circundante. Mesmo à sua frente, ergue-se alguém – presumivelmente um homem – cujos salientes olhos erguidos, recortados contra o horizonte, se assemelham de forma notável a uns seios espetados. Quatro soldados romanos adotam poses épicas em torno da cruz, erguendo as lanças em estranhos e aparentemente significativos ângulos – e um deles segura um escudo exibindo o desenho de um falcão estilizado. E, aos pés de dois deles, jaz um pedaço de tecido sobre o qual estão

espalhados dados. A soma dos números neles mostrados dá um total de 58.

Um jovem de aspeto insípido ergue as mãos aos pés da cruz, o seu olhar algo vazio vagamente concentrado numa das duas mulheres presentes. Estas, por sua vez, parecem estar unidas pela forma de um grande «M», logo abaixo do homem com os olhos semelhantes a seios. A mais velha das mulheres olha para baixo em sofrimento e parece chorar sangue; a mais nova está literalmente mais distante e, embora esteja junto à cruz, todo o seu corpo se afasta dela. A forma aberta do «M» repete-se na parte da frente do altar que está diante do mural.

A última figura da cena, no extremo direito da pintura, é um homem de idade indeterminada, cujo único olho visível foi desenhado com a nítida forma de um peixe.

Alguns comentadores[1] salientaram que os ângulos das lanças dos soldados traçam a forma de um pentagrama – dificilmente um elemento ortodoxo numa tão tradicional cena cristã. Apesar de intrigante, isso não faz parte da nossa investigação atual. Como vimos, parecem existir ligações superficiais entre as mensagens subliminares nas obras religiosas de Leonardo e de Cocteau, e foi este uso partilhado de certos símbolos que chamou a nossa atenção.

Os nomes de Leonardo da Vinci e de Jean Cocteau surgem na lista de Grão-Mestres da que alega ser uma das mais antigas e mais influentes sociedades secretas da Europa – o *Prieuré de Sion*, ou Priorado de Sião. Altamente controversa, a sua própria existência foi questionada e, assim sendo, quaisquer alegadas atividades suas costumam ser alvo de chacota e as respetivas implicações ignoradas. Inicialmente, simpatizávamos com este tipo de reação, mas as nossas pesquisas adicionais revelaram que a questão não era assim tão simples.

O Priorado de Sião chegou pela primeira vez ao conhecimento do mundo anglo-saxónico apenas em 1982, através do sucesso de vendas *O Sangue de Cristo e o Santo Graal*, de Michael Baigent,

Richard Leigh e Henry Lincoln, ainda que na sua terra natal, em França, os relatos da sua existência se tenham gradualmente tornado públicos a partir do início dos anos 1960. É uma ordem quase maçónica ou de cavalaria com certas ambições políticas e, ao que parece, poderes consideráveis nos bastidores. Dito isto, é extremamente difícil categorizar o Priorado, talvez por haver em toda a operação algo de essencialmente quimérico. Porém, não existia nada de ilusório na informação que nos foi dada pelo representante do Priorado com quem nos encontrámos no início de 1991 – tendo o encontro sido o resultado de uma série de cartas bastante bizarras que nos foram enviadas após uma discussão na rádio sobre o Sudário de Turim.

O que conduziu a este encontro ligeiramente surreal está descrito ao pormenor no nosso livro anterior,[2] mas bastará dizer, de momento, que um certo «Giovanni» – a quem só conhecemos sob este pseudónimo –, um italiano que alegava ser um membro de alto nível do Priorado de Sião, nos tinha observado atentamente nas fases iniciais da nossa investigação sobre Leonardo e o Sudário. Por algum motivo, acabou por decidir falar connosco sobre alguns dos interesses dessa organização, envolvendo-nos até, talvez, nos seus planos. Muita dessa informação levaria eventualmente – após a termos verificado de forma algo tortuosa – ao nosso livro sobre o Sudário de Turim, mas pelo menos outra tanta não tinha qualquer relevância para essa obra, sendo por isso omitida.

Apesar das implicações muitas vezes impressionantes, ou até mesmo chocantes, da informação de Giovanni, sentimo-nos impelidos a levar a sério pelo menos a maior parte dela, pela simples razão de que era confirmada pela nossa pesquisa independente. Como o facto de a imagem no Sudário de Turim, por exemplo, se comportar como uma fotografia porque, tal como demonstrámos, é precisamente disso que se trata. E se, tal como Giovanni alegava, a sua informação vinha mesmo dos arquivos do Priorado, então havia razões para abordar a ideia da sua existência

– talvez com um pouco de ceticismo saudável, mas de modo algum com a absoluta rejeição de muitos dos seus detratores.

Quando nos envolvemos pela primeira vez no mundo secreto de Leonardo, não tardámos a dar-nos conta de que, se esta sociedade obscura fora realmente parte integrante da sua vida, isso podia contribuir muito para explicar a sua força motriz. Se pertencera de facto a algum tipo de poderosa rede clandestina, os seus influentes mecenas – como Lourenço de Médicis e Francisco I de França – podiam estar também implicados. Parecia existir, de facto, uma organização sombria por detrás das obsessões de Leonardo: mas seria realmente, como alguns alegam, o Priorado de Sião?

Se as suas alegações forem verdadeiras, então o Priorado era já uma venerável organização quando Leonardo foi recrutado para as suas fileiras. Mas, seja qual for a sua idade, deve ter exercido uma atração poderosa, talvez singular, sobre o jovem artista e vários dos seus igualmente incrédulos colegas renascentistas. Talvez, tal como a Maçonaria moderna, oferecesse avanços materiais e sociais, facilitando o caminho do jovem pelas mais influentes cortes europeias, mas isso não explicaria a evidente profundidade das estranhas crenças do próprio Leonardo. O que quer que fosse aquilo a que pertencia apelava tanto ao seu *espírito* como aos seus interesses materiais.

O poder subjacente ao Priorado de Sião deve-se, pelo menos em parte, à sugestão de que os seus membros são e sempre foram guardiões de um grande segredo – que, se tornado público, abalaria os próprios alicerces da Igreja e do Estado. O Priorado de Sião, por vezes conhecido como Ordem de Sião ou Ordem de Nossa Senhora de Sião, bem como por outros títulos secundários, alega ter sido fundado em 1099, durante a Primeira Cruzada – e, mesmo então, foi apenas uma questão de formalizar um grupo cuja guarda deste conhecimento explosivo remontava já a muito antes.[3] Alegavam ter estado por detrás da criação dos Cavaleiros Templários – essa curiosa corporação de monges-soldados de reputação sinistra. O Priorado e os Templários tornaram-se, ou pelo menos é isso que é

alegado, praticamente a mesma organização, presidida pelo mesmo Grão-Mestre, até que sofreram um cisma e, em 1188, seguiram caminhos separados. O Priorado continuou a existir sob a custódia de uma série de Grão-Mestres, incluindo alguns dos nomes mais ilustres da história, como Sir Isaac Newton, Sandro Filipepi (conhecido como Botticelli), Robert Fludd, o filósofo ocultista inglês, e, claro, Leonardo da Vinci, que terá alegadamente presidido ao Priorado durante os seus últimos nove anos de vida. Entre os seus líderes mais recentes contam-se Victor Hugo, Claude Debussy e o artista, escritor, dramaturgo e realizador Jean Cocteau.[4] E, embora não tenham sido Grão-Mestres, alega-se que o Priorado terá atraído ao longo dos séculos outros luminares, como Joana d'Arc, Nostradamus (Michel de Notre Dame) e até mesmo o Papa João XXIII.

Além destas celebridades, a história do Priorado de Sião terá alegadamente envolvido algumas das maiores famílias reais e aristocráticas da Europa, geração após geração. Estas famílias incluem os Anjous, os Habsburgos, os Sinclairs e os Montgomerys.

O alegado objetivo do Priorado é proteger os descendentes da antiga dinastia de reis merovíngios no que é atualmente a França – dinastia essa que reinou desde o século V até ao assassinato de Dagoberto II em finais do século VII. Por outro lado, os críticos alegam que o Priorado de Sião só existe desde os anos 1950 e que consiste num punhado de mitomaníacos sem qualquer verdadeiro poder – monárquicos com indefinidas ilusões de grandeza.[5]

Temos então, de um dos lados, as reivindicações do próprio Priorado acerca da sua genealogia e *raison d'être* e, do outro, as alegações dos seus detratores. Vimo-nos confrontados com este fosso aparentemente intransponível e – para sermos sinceros – tivemos dúvidas sobre continuar com esta linha específica de investigação. Apercebemo-nos, no entanto, de que ainda que, como é lógico, uma avaliação do Priorado se divida em duas partes – as questões da sua existência em tempos recentes e das suas pretensões históricas –, o tema é complexo e nada associado a

essa organização é assim tão simples. Basta uma ligação duvidosa ou aparente contradição relativa às atividades do Priorado para levar inevitavelmente os céticos a denunciar a sua totalidade como um absoluto disparate do princípio ao fim. Mas importa recordar que estamos a lidar com *criadores de mitos*, muitas vezes mais preocupados com a transmissão de ideias poderosas e até mesmo chocantes através do uso de imagens arquetípicas do que com a comunicação da verdade literal.

Da existência atual do Priorado, não temos quaisquer dúvidas. As nossas interações com Giovanni convenceram-nos de que não se tratava, pelo menos, de um qualquer vigarista e que a sua informação era de confiança. Não só nos ofereceu factos valiosos sobre o Sudário de Turim como nos forneceu também pormenores sobre vários outros indivíduos que estiveram envolvidos com o Priorado e com outras organizações esotéricas, talvez aliadas, tanto no Reino Unido como no Continente. Referiu-nos, por exemplo, como sendo membro um consultor editorial com quem um de nós tinha trabalhado nos anos 1970. À primeira vista, a afirmação de Giovanni sobre este homem parecia ser uma mera fantasia maldosa da sua parte, mas, passados poucos meses, algo de muito estranho aconteceu.

Pelo que foi certamente uma sincronicidade impressionante, esse mesmo editor esteve numa festa dada por uma amiga nossa em novembro de 1991 num restaurante de que gostava em especial – que nem sequer ficava perto da sua casa nos condados domésticos, mas logo ao virar da esquina da de um de nós. Foi, por isso, particularmente espantoso encontrar alguém que fora de facto referido por Giovanni entre os participantes da festa, à nossa porta, por assim dizer. Mantivemo-nos em contacto depois disso e fomos convidados para a sua casa no Surrey. Sempre boa companhia, não foi nenhum sacrifício passar tempo com ele e com a sua esposa, mas um facto foi-se tornando gradualmente evidente: era membro do Priorado de Sião.

O nosso contacto com ele durante este período culminou num convite para uma festa a seguir ao Natal na sua casa de campo. O evento foi glamoroso mas cordial, e os outros convidados eram encantadores e cosmopolitas, estando todos eles incrivelmente – e talvez excessivamente, em retrospetiva – interessados no nosso trabalho sobre Leonardo e o Sudário. Foi muito lisonjeiro, mas algo inquietante, principalmente por serem todos membros do quadro bancário internacional.

Já sabíamos que o nosso anfitrião era membro de algum tipo de organização maçónica, mas, apesar da sua graça expedita e muitas vezes tumultuosa, era também um ocultista praticante. Sabemos que isto é verdade, em parte porque ele mesmo no-lo disse, no que foi claramente uma jogada deliberada. Era óbvio que queria que soubéssemos algo sobre as suas tendências ocultas e as do seu círculo – mas o quê ao certo? Fosse qual fosse a natureza da sua agenda secreta, tínhamos ficado a saber que o Priorado existe entre homens e mulheres cultos e influentes no mundo anglo-saxónico.

Giovanni referiu também como membro do Priorado um certo diretor de uma editora londrina que também nós conhecíamos. Embora tenhamos sido incapazes de confirmar a sua pertença a essa organização, descobrimos que o seu interesse pelo oculto se estendia para lá dos ocasionais artigos e livros que escrevia sobre o tema utilizando outros nomes. Teve também um papel significativo na divulgação de *O Sangue de Cristo e o Santo Graal* aquando da sua publicação em 1982. (E não é decerto uma coincidência que tenha uma segunda casa muito perto de uma certa aldeia francesa que tem, como veremos, um papel fundamental a desempenhar no drama que rodeia o Priorado de Sião.)

O facto importante que emerge das nossas relações com estes homens é que o atual Priorado de Sião não é, como os críticos alegam, uma mera invenção de um punhado de franceses com fantasias monárquicas. Devido à nossa experiência e contactos, não existe qualquer dúvida nas nossas mentes de que o Priorado existe *atualmente*.

A sua alegada ascendência histórica, contudo, é outra questão. Temos de admitir que os críticos do Priorado têm uma certa razão ao dizer que a primeira referência documentada data apenas de 25 de junho de 1956.[6] Segundo a lei francesa, todas as associações têm de ser registadas, por mais paradoxal que isto possa parecer no caso das chamadas sociedades «secretas». A argumentação do Priorado aquando do registo foi que o seu objetivo era proporcionar «estudos e auxílio mútuo aos membros» – afirmação essa que, embora absolutamente Pickwickiana no seu altruísmo insípido, é também um estudo de cuidadosa neutralidade. Declarou apenas uma atividade, a de publicar um jornal chamado *Circuit*, destinado, nas palavras do próprio Priorado, «à informação e defesa dos direitos e liberdades do arrendamento acessível» (*Foyers HLM* – literalmente o equivalente à habitação camarária). A declaração referia quatro agentes da associação, sendo o mais interessante – e o mais conhecido de todos – um tal Pierre Plantard, também editor do *Circuit*.

Desde essa obscura declaração, no entanto, o Priorado de Sião tornou-se conhecido de um público muito mais vasto. Não só os seus estatutos apareceram em formato impresso,[7] incluindo a assinatura do seu alegado em tempos Grão-Mestre Jean Cocteau (embora possa, claro, tratar-se de uma falsificação), como o Priorado surgiu também em vários livros. A sua estreia foi em 1962, em *Les Templiers sont parmis nous* (*Os Templários Estão Entre Nós*, em tradução livre), de Gérard de Sède, que incluía uma entrevista a Pierre Plantard. O Priorado teve, porém, de esperar 20 anos para causar impacto no mundo anglo-saxónico. Em 1982, chegou às livrarias o fenomenal sucesso de vendas *O Sangue de Cristo e o Santo Graal*, de Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln, e a controvérsia que se seguiu fez certamente do Priorado um tema em voga para debater entre um público muito mais vasto. Do que esse livro afirmou sobre a organização e extrapolou a partir dos seus alegados objetivos falaremos, porém, mais tarde.

Pierre Plantard emerge do material que é do domínio público como uma personagem exuberante que aperfeiçoou a arte do político de olhar diretamente para aquele que o interroga enquanto lida habilmente com a verdadeira questão de forma muito diferente. Nascido em 1920, chamou pela primeira vez a atenção do público na França ocupada de 1942, enquanto editor de um jornal chamado *Vaincre pour une jeune chevalerie* (*Luta por uma Jovem Cavalaria*, em tradução livre) – que era visivelmente acrítico dos opressores nazis, sendo de facto publicado com a sua aprovação. Tratava-se oficialmente do órgão da Ordem Alpha-Galates, uma quase maçónica sociedade de cavalaria, sediada em Paris, da qual Plantard se tornou Grão-Mestre com apenas 22 anos. Os seus editoriais começaram por surgir sob o nome «Pierre de France», depois «Pierre de France-Plantard» e, por fim, simplesmente «Pierre Plantard».[8] A sua obsessão pelo que considerava ser a versão correta do seu nome é novamente visível ao adotar o mais grandioso título de «Pierre Plantard de Saint-Clair», que é o nome com que aparece em *O Sangue de Cristo e o Santo Graal* – e o que utilizou enquanto Grão-Mestre do Priorado de Sião entre os anos de 1981 e 1984. (Nos anos 1980, *Vaincre* tornou-se o título do boletim interno do Priorado, que Pierre Plantard de Saint-Clair editava com o filho Thomas.)[9]

Este outrora projetista para uma empresa de instalação de fornos, que tinha alegadamente dificuldades em pagar a renda de vez em quando,[10] teve, ainda assim, uma influência considerável na história europeia. Foi Pierre Plantard de Saint-Clair – sob o pseudónimo de «Capitão Caminho» – quem esteve por detrás da organização dos Comités de Salvação Pública que suscitaram o regresso ao poder do General Charles de Gaulle em 1958.[11]

Consideremos agora a natureza essencialmente paradoxal do Priorado de Sião. Primeiro, de onde vem a informação pública sobre essa organização, e qual é ao certo a sua fiabilidade? Tal como é referido em *O Sangue de Cristo e o Santo Graal*, a fonte principal é uma coleção de apenas sete enigmáticos documentos depositados

na Biblioteca Nacional em Paris, que são conhecidos como os *Dossiers secrets* (arquivos secretos).[12] À primeira vista, são uma mistura de genealogias e textos históricos e de obras alegóricas mais modernas que são atribuídas a autores anónimos ou com flagrantes pseudónimos, ou que exibem os nomes de pessoas que nada tiveram que ver com elas. A maioria destas entradas diz respeito à suposta obsessão merovíngia da sociedade, e centra-se no famoso mistério de Rennes-le-Château, a longínqua aldeia no Languedoc que foi o ponto de partida para a investigação de Baigent, Leigh e Lincoln (da qual voltaremos a falar mais tarde). Emergem, todavia, outros temas importantes que, para nós, são muito mais significativos e que abordaremos em breve. O primeiro dos artigos nos arquivos secretos foi depositado em 1964, embora esteja datado de 1956. O último foi depositado em 1967.

Grande parte do conteúdo dos arquivos pode ser razoavelmente descartado como uma espécie de piada. Advertimos, contudo, contra uma tal reação imediata, pois diz-nos o nosso conhecimento do Priorado de Sião e do seu *modus operandi* que este se vangloria da sua deliberada e pormenorizada desinformação. Por trás desta cortina de fumo de disparates em grande escala, evasivas e obscurecimento, está uma intenção muito séria e tenaz.

O que jamais poderia, no entanto, ter fascinado e motivado tão grandes nomes como Leonardo e Isaac Newton durante tanto tempo era esta suposta obsessão com a devolução da há muito desaparecida linhagem merovíngia a uma posição de poder na França moderna. Com base nas provas dadas nos arquivos secretos, a defesa da sobrevivência da dinastia para lá do rei Dagoberto II, para não falar na continuação de uma clara linha de descendência até finais do século XX, é na melhor das hipóteses frágil e, na pior, demonstravelmente fictícia.[13] Afinal, quem quer que alguma vez tenha tentado seguir a sua árvore genealógica por mais de duas ou três gerações não tardou a descobrir quão complexo e problemático é todo o processo. Fica-se, pois, uma vez mais, com a questão de como poderia uma tal causa ter inspirado homens e

mulheres altamente inteligentes geração após geração. Dificilmente se pode imaginar alguém como Isaac Newton ou Leonardo a ficar muito impressionado com, por exemplo, uma sociedade britânica cujos objetivos fossem devolver o poder aos descendentes do rei Haroldo II (morto pelos homens de Guilherme, *o Conquistador*, em 1066).

Para o moderno Priorado de Sião, existem grandes dificuldades em alcançar os seus objetivos de restaurar a linhagem merovíngia. Não só existe o problema de transformar de novo a França republicana na monarquia que rejeitou há mais de um século, como, mesmo nesse caso (assumindo que a sucessão merovíngia pudesse alguma vez ser provada), essa dinastia específica não tem qualquer pretensão ao trono, pois a nação francesa não existia durante o período merovíngio. Tal como o autor francês Jean Robin sucintamente descreve: «Dagoberto era… um rei *em* França, mas nunca foi rei *de* França.»[14]

Os *Dossiers secrets* podem parecer um perfeito disparate, mas a escala do esforço e dos recursos que neles foram aplicados, e na manutenção das suas reivindicações, dá-nos que pensar. Até o autor francês Gérard de Sède, que dedica muitas páginas de cuidadosa argumentação a demolir as alegadas provas do caso merovíngio apresentadas nos arquivos, admitiu que os recursos e pesquisas intelectuais e académicos que neles foram aplicados são desproporcionadamente impressionantes. Ainda que mordaz acerca «deste mito delirante», conclui que existe um verdadeiro mistério por trás de tudo isto.[15] Uma curiosa caraterística dos arquivos é a constante implicação subjacente de que os autores tiveram acesso a ficheiros oficiais do governo e da polícia.

Tomando apenas dois de muitos exemplos: em 1967, foi adicionado aos arquivos um folheto chamado *Le serpent rouge* (*A Serpente Vermelha*, em tradução livre), atribuído a três autores – Pierre Feugère, Louis Saint-Maxent e Gaston de Koker – e datado de 17 de janeiro de 1967,[16] ainda que o comprovativo do depósito na Biblioteca Nacional esteja datado de 15 de fevereiro. Este

extraordinário texto de 13 páginas, que é geralmente mais apreciado como um exemplo de talento poético, abrange também um simbolismo astrológico, alegórico e alquímico. O que tem de sinistro, porém, é que os três autores foram todos encontrados enforcados a menos de 24 horas uns dos outros, nos dias 6 e 7 de março desse ano. A implicação é que as suas mortes resultaram da sua colaboração na escrita de *Le serpent rouge.* Investigações posteriores demonstraram, contudo, que a obra foi depositada entre os arquivos no dia 20 de março – *após* todos eles terem sido encontrados mortos – e que o comprovativo de depósito foi deliberadamente falsificado a fim de exibir a data de fevereiro. O mais espantoso, de longe, em toda esta estranha situação é, ainda assim, o facto de estes três alegados autores não terem, na verdade, qualquer relação com este panfleto, ou com o Priorado de Sião… Alguém ter-se-á presumivelmente aproveitado destas três estranhamente sincrónicas mortes, utilizando-as para os seus próprios bizarros fins. Mas porquê? E, como salienta de Sède, passaram apenas 13 dias entre as três mortes e o depósito do panfleto na Biblioteca Nacional – um trabalho tão rápido que sugere fortemente que o(s) verdadeiro(s) autor(es) estaria(m) por dentro das investigações confidenciais da polícia.[17] E Franck Marie, um escritor e detetive privado, determinou de forma conclusiva que a mesma máquina de escrever foi utilizada para produzir *Le serpent rouge* e alguns dos documentos posteriores dos arquivos secretos.[18]

Depois, há o caso da falsificação dos documentos do Lloyds Bank. Alegados pergaminhos do século XVII, encontrados por um padre francês no final do século passado, que supostamente provariam a continuidade da descendência merovíngia, foram adquiridos por um cavalheiro inglês em 1955 e depositados num cofre numa sucursal do Lloyds Bank em Londres. Embora ninguém tenha de facto visto estes documentos, era sabido que existiam cartas que confirmavam que eles tinham sido depositados, e estas estavam assinadas por três importantes empresários britânicos,

todos eles com ligações anteriores aos serviços de informação britânicos. Durante a sua pesquisa para *The Messianic Legacy* (a sequela de *O Sangue de Cristo e o Santo Graal*), no entanto, Baigent, Leigh e Lincoln conseguiram provar que as cartas eram falsificadas – embora incorporassem partes de documentos genuínos com as verdadeiras assinaturas e cópias das certidões de nascimento dos três empresários. A mais significativa e abrangente questão, contudo, é que quem quer que as tenha falsificado parece ter obtido as partes genuínas a partir de documentos que estão nos arquivos do governo francês, de uma forma que implica fortemente os Serviços de Informação Franceses.[19]

Deparamo-nos uma vez mais com uma sensação de grande estranheza. Uma enorme quantidade de tempo, esforço e talvez até mesmo perigo pessoal devem ter estado envolvidos na criação de um tão elaborado estratagema. Mas, ao mesmo tempo, em derradeira análise, parece ser total e absolutamente inútil. Nesse aspeto, contudo, toda a situação segue apenas a antiga tradição das agências de informação, em que poucas coisas são o que parecem e em que as questões aparentemente mais simples podem muito bem ser exercícios de desinformação.

Existem, porém, motivos para recorrer aos paradoxos – e até a absurdos flagrantes. Tendemos a lembrarmo-nos do absurdo e, além disso, os ilogismos apresentados de forma deliberada como factos escrupulosamente debatidos têm um efeito poderoso sobre as nossas mentes inconscientes. Afinal, é essa parte de nós que cria os nossos sonhos, que atuam com o seu próprio tipo de paradoxo e ausência de lógica. E é a mente inconsciente que é a motivadora, a criadora, que, uma vez «agarrada», continuará a trabalhar durante anos até na mais subliminar das mensagens, extraindo cada partícula de significado simbólico de um minúsculo fragmento de aparente algaraviada.

Os céticos, que por norma se orgulham da sua sabedoria mundana, são muitas vezes, na verdade, curiosamente ingénuos – pois veem tudo unicamente a preto e branco, verdadeiro ou falso,

que é precisamente como certos grupos querem que eles vejam. Por exemplo, que melhor forma de, por um lado, atrair a atenção, ainda que filtrando, por outro, os intrusos indesejados ou os casualmente curiosos, do que apresentar ao público uma informação aparentemente intrigante, mas também basicamente disparatada? É como se aproximarmo-nos sequer do que o Priorado de facto representa constituísse uma iniciação: se não lhe estiver destinada, então a cortina de fumo desencorajá-lo-á eficazmente de fazer uma investigação mais aprofundada. Mas se lhe estiver de algum modo destinada, então não tardará a que lhe seja dado esse material suplementar, ou descobrirá sozinho, de forma duvidosamente sincrónica, esse conhecimento adicional da organização que faz com que, de repente, tudo nela bata certo.

Na nossa opinião, é um grande erro descartar os *Dossiers secrets* só porque a sua mensagem visível é comprovadamente implausível. A escala do trabalho que lhes está subjacente defende que têm *algo* para oferecer. É certo que muitos foram os desequilibrados obsessivos que dedicaram todo o seu tempo a alguma vasta e condenada obra, e que as horas de trabalho envolvidas não tornam, só por si, os resultados mais dignos da nossa atenção e respeito. Mas aqui lidamos com um *grupo* que está claramente a trabalhar num plano intrincado, o que, em conjunto com todos os outros indícios e pistas disponíveis (que se tornarão evidentes a seu devido tempo), deixa claro que algo se passa. Ou estão a tentar dizer-nos algo, ou a tentar esconder algo – deixando, ainda assim, pistas acerca da sua importância.

O que pensamos, então, das reivindicações históricas do Priorado? Remonta realmente ao século XI? E terão as suas fileiras incluído todos os ilustres nomes indicados nos arquivos secretos? Em primeiro lugar, poder-se-á dizer que é sempre um problema provar a existência, atual ou histórica, de uma sociedade secreta. Afinal, quanto mais secreta tiver sido, mais difícil será corroborar a sua existência. Onde for possível, no entanto, demonstrar que existiram interesses, temas e objetivos repetidos entre aqueles que

afirmaram ter pertencido a este grupo ao longo dos anos, é seguro e até mesmo sensato presumir que um tal grupo possa ter existido.

Por mais improvável que a lista de Grão-Mestres do Priorado (tal como é apresentada nos arquivos secretos) possa parecer, a investigação de Baigent, Leigh e Lincoln determinou que esta não se trata de uma lista aleatória.[20] Existem ligações persuasivas entre os sucessivos Grão-Mestres. Além de se conhecerem uns aos outros – e de, em muitos casos, serem efetivamente familiares –, estes luminares partilhavam certos interesses e preocupações. É sabido que muitos deles estavam associados a movimentos esotéricos e sociedades secretas como os Maçons, os Rosacruzes e a Compagnie du Saint-Sacrement,[21] sendo que todas elas partilham alguns objetivos comuns. Existe, por exemplo, uma temática nitidamente hermética a atravessar toda a sua literatura conhecida – uma sensação de verdadeiro entusiasmo face à perspetiva de o Homem se tornar quase divino na constante expansão dos limites do seu conhecimento.

Além disso, a nossa própria investigação independente, que foi apresentada no nosso primeiro livro, confirmou que os indivíduos e famílias alegadamente implicados nos assuntos do Priorado ao longo dos séculos foram também os principais impulsionadores da manutenção daquilo a que podemos chamar de Grande Embuste do Santo Sudário.[22]

Como já vimos, tanto Leonardo como Cocteau utilizavam símbolos heterodoxos nos seus quadros supostamente cristãos. Separadas por 500 anos, as suas imagens revelam uma consistência notável – e outros escritores e artistas que foram associados ao Priorado introduziram também esses motivos nas suas produções.[23] Isto é, por si só, uma forte sugestão de que fariam parte de algum tipo de movimento clandestino organizado, que estava já bem estabelecido no tempo de Leonardo. Uma vez que tanto ele como Cocteau foram invocados como seus Grão-Mestres, e se levarmos em conta as suas preocupações comuns,

parece razoável deduzir que foram efetivamente membros de alto nível de algum grupo pelo menos muito similar ao Priorado de Sião.

A quantidade de provas da existência histórica do Priorado reunidas por Baigent, Leigh e Lincoln em *O Sangue de Cristo e o Santo Graal* é difícil de descartar. E ainda mais provas – que tinham sido reunidas por outros investigadores – foram publicadas em 1996 na edição revista e atualizada do seu livro. (É uma leitura essencial para quem estiver interessado neste mistério.)

Todas estas provas demonstram a existência de uma sociedade secreta a atuar desde o século XII – mas será o atual Priorado de Sião o seu verdadeiro descendente? Ainda que os dois grupos possam não estar necessariamente ligados, tal como é alegado, o Priorado moderno tem decerto conhecimentos internos sobre a sociedade histórica. Afinal, foi só através dos membros atuais que soubemos da existência do Priorado no passado.

Mas nem mesmo o acesso aos arquivos do antigo Priorado implicaria necessariamente uma verdadeira continuidade. Em conversas com o artista francês Alain Féral – que, enquanto protegido de Cocteau, trabalhou com ele e o conhecia muito bem –, este disse-nos taxativamente que o seu mentor *não* tinha sido Grão-Mestre do Priorado de Sião. Pelo menos, garantiu-nos Féral, não estivera envolvido com a mesma organização que, depois disso, reivindicou Pierre Plantard de Saint-Clair como Grão-Mestre. Féral realizou, contudo, a sua própria investigação a certos aspetos da história do Priorado de Sião, principalmente os que dizem respeito à aldeia de Rennes-le-Château, no Languedoc, e a sua opinião é que os indivíduos elencados como Grão-Mestres do Priorado nos *Dossiers secrets*, até e incluindo Cocteau, estavam *efetivamente* ligados por uma genuína tradição secreta.[24]

Nesta fase da nossa investigação, decidimos ignorar as putativas ambições políticas do Priorado moderno e concentrarmo-nos antes nos seus aspetos históricos, que poderiam, claro, ajudar a esclarecer um pouco as anteriores.

Os arquivos secretos – além da sua mitomania merovíngia – dão grande destaque ao Santo Graal, à tribo de Benjamim e à figura de Maria Madalena no Novo Testamento. Em *Le serpent rouge*, por exemplo, surge a seguinte declaração:

> Daquele que eu desejo libertar, sobem até mim os aromas do perfume que impregna o sepulcro. Antes, havia quem lhe chamasse: ÍSIS, rainha das fontes benéficas, VINDE A MIM TODOS QUANTOS SOFREIS E ESTAIS CANSADOS E EU VOS CONFORTAREI; outros: MADALENA, do célebre vaso cheio de bálsamo curativo. Os iniciados sabem o seu verdadeiro nome: NOTRE DAME DES CROSS.[25]

Esta curta passagem é desconcertante, sobretudo porque a última expressão – *Notre Dame des Cross* – não faz qualquer sentido (a não ser que «Cross» seja um nome de família, caso em que se torna apenas ligeiramente mais inteligível). «*Des*» é o plural de «de», mas *cross* não existe em francês e, claro, está no singular em inglês. Depois, há a estranha confusão de Ísis com Maria Madalena – afinal, uma era uma deusa e a outra uma «mulher perdida», e são figuras de diferentes culturas sem qualquer ligação aparente.

Há, claro, um problema imediato, poder-se-á pensar, em associar temas tão aparentemente diversos como a Madalena, o Santo Graal e a tribo de Benjamim – para não falar em Ísis, a deusa-mãe egípcia – ao da linhagem merovíngia. Os *Dossiers secrets* explicam que os Francos Sicambros, tribo da qual descenderam os merovíngios, eram de origem judaica; eram a tribo perdida de Benjamim, que migrou para a Grécia e depois para a Germânia, onde se tornaram os Sicambros.

Os autores de *O Sangue de Cristo e o Santo Graal*, contudo, complicaram ainda mais o cenário. Segundo eles, a importância da linhagem merovíngia não era apenas o projeto de um punhado de monárquicos excêntricos. A sua reivindicação projetava toda a questão para um campo muito diferente – um que capturou

certamente a imaginação dos milhões de leitores entusiásticos do livro. Alegavam que Jesus tinha sido casado com Maria Madalena, e que havia descendentes dessa união. Jesus sobreviveu à cruz, mas a sua esposa partiu sem ele, levando consigo os filhos para uma colónia judaica instalada no que é atualmente o sul de França. Seriam os seus descendentes a tornar-se a família real dos Sicambros, fundando assim a linhagem dos reis merovíngios.

Esta hipótese pode parecer dar sentido aos temas centrais do Priorado, mas levanta também grandes questões. Como vimos, é impossível a qualquer linhagem sobreviver na forma «pura» que é necessária para apoiar uma tal campanha, independentemente de quem possa descender.

É inegável que existem muito bons argumentos, que discutiremos mais tarde ao pormenor, para defender que Jesus tivesse sido casado com Maria Madalena – ou tido pelo menos algum tipo de relacionamento íntimo com ela – e até que tenha sobrevivido à Crucifixão. Na verdade, apesar da crença popular em contrário, nenhuma destas afirmações se baseia na obra de Baigent, Leigh e Lincoln, tendo sido rigorosamente debatidas por vários académicos muitos anos antes da publicação de *O Sangue de Cristo e o Santo Graal.*[26]

Existe, no entanto, um grande problema nas suposições que estão por detrás dos seus argumentos – problema esse do qual estão nitidamente conscientes, ainda que evitem chamar a atenção para o mesmo. Para eles, os merovíngios são importantes por serem os descendentes de Jesus. Mas, se este sobreviveu à cruz, então não se poderia dizer que morreu pelos nossos pecados, não poderia ter ressuscitado – não sendo portanto divino, nem Filho de Deus. Porque seriam então, poder-se-á perguntar, os seus alegados descendentes considerados tão importantes?

Julga-se que um dos membros desse sagrado grupo de descendentes seria o próprio Pierre Plantard de Saint-Clair. Apesar da linguagem empolada utilizada por alguns comentadores acerca desta hipótese, importa referir que o próprio Pierre nunca alegou ser

descendente de Jesus. Nunca é demais realçar que não é a ideia *cristã* de que Jesus era Deus encarnado – sendo portanto os seus descendentes, de certo modo, divinos – que dá à ideia da sucessão merovíngia a sua alegada importância. A base de toda esta crença é que, sendo Jesus da linhagem de David e, portanto, o legítimo rei de Jerusalém, este título cabe automaticamente, ainda que apenas em teoria, à sua futura família. É, pois, o poder político, e não o divino, que é reivindicado para a ligação merovíngia.

Baigent, Leigh e Lincoln construíram nitidamente a sua teoria com base nas alegações feitas nos *Dossiers secrets*, mas, na nossa opinião, foram algo seletivos na escolha de quais dessas alegações citar como prova. Os *Dossiers* afirmam, por exemplo, que os reis merovíngios, desde Meroveu, o seu fundador, até Clóvis (que se converteu ao cristianismo em 496), eram «reis pagãos do culto de Diana».[27] É certamente difícil conciliar isto com a ideia de serem descendentes de Jesus ou de uma tribo judaica.

Outro exemplo desta curiosa seletividade por parte de Baigent, Leigh e Lincoln é o do «documento Montgomery».[28] Segundo os autores, trata-se de uma «narrativa que surgira» entre os arquivos familiares da família Montgomery, tendo sido partilhada com eles por um dos seus membros. A data da sua origem é incerta, mas a versão que lhes foi mostrada vinha do século XIX. O seu valor para os autores está no facto de, essencialmente, apoiar as teorias apresentadas em *O Sangue de Cristo e o Santo Graal*, embora, claro, não pudesse ser considerado como prova. Confirmava, pelo menos, que essa ideia – de que Jesus fora casado com Maria Madalena – era já conhecida pelo menos um século antes de eles terem dado início à sua investigação.

O documento Montgomery conta a história de Yeshua ben Joseph (Jesus, filho de José), que era casado com Miriam (Maria) de Betânia (a personagem bíblica que muitas pessoas consideram corresponder a Maria Madalena). Em resultado direto de uma revolta contra os Romanos, Miriam é presa e só é libertada porque

está grávida. Foge então da Palestina, acabando na Gália (que corresponde atualmente a França), onde dá à luz uma filha.

Embora seja fácil entender o porquê de o documento Montgomery ter sido aproveitado por Baigent, Leigh e Lincoln como suporte para a sua tese, é estranho que não desenvolvam melhor certos aspetos da história. Nesta narrativa, Miriam de Betânia é descrita como «uma sacerdotisa de um culto feminino»; tal como a adoração da deusa Diana por parte dos merovíngios, isto acrescenta à história um brilho nitidamente pagão que é difícil de conciliar com a ideia de que o Priorado se dedica sobretudo à continuidade da linhagem do rei judeu David – que incluía Jesus.

Curiosamente, o Priorado moderno não confirmou nem desmentiu a tese de *O Sangue de Cristo e o Santo Graal* – o que desperta uma vez mais as nossas suspeitas. Será possível que o Priorado de Sião esteja a brincar connosco?

Para nós, houve algo que ficou muito claro: que a ambição que move o Priorado não é o *poder puramente político* que Baigent, Leigh e Lincoln reivindicam para ele. Os arquivos referem-se uma e outra vez a pessoas – tanto entre os efetivos Grão-Mestres como entre os associados ao Priorado – que não são essencialmente políticos, mas sim *ocultistas.* Nicolas Flamel, por exemplo, Grão-Mestre entre 1398 e 1418, era um mestre alquimista; Robert Fludd (1595-1637) era rosacruz; e, mais perto do nosso tempo, Charles Nodier (Grão-Mestre entre 1801 e 1844) foi uma grande influência no revivalismo moderno do oculto. Até Sir Isaac Newton (Grão-Mestre entre 1691 e 1727), que é hoje mais conhecido como cientista e matemático, foi um alquimista e hermetista dedicado, e tinha decerto exemplares fortemente anotados dos manifestos rosacruzes.[29] Depois, claro, há Leonardo da Vinci, outro génio totalmente mal interpretado pelos modernos, que veem o seu apurado intelecto como resultado apenas do pensamento materialista. Na verdade, como vimos, as suas obsessões vinham de fontes muito distintas, fazendo dele outro candidato ideal para a lista de Grão-Mestres do Priorado.

Surpreendentemente, embora reconhecendo os interesses ocultos de muitas destas pessoas, Baigent, Leigh e Lincoln não parecem compreender a verdadeira importância das suas obsessões. Afinal, em muitos destes casos, o oculto não era um mero passatempo ocasional, mas sim o principal foco das suas vidas. E a nossa própria experiência demonstrou que os indivíduos relacionados com o Priorado moderno são também ocultistas dedicados.

Que possível segredo pode, portanto, ter concentrado tantas das mais brilhantes mentes ocultas do mundo durante tanto tempo, uma vez que é improvável que tenha sido a implausível fachada merovíngia? Por mais convincente e inovador que *O Sangue de Cristo e o Santo Graal* possa ter sido, a sua explicação para os objetivos e motivos do Priorado é basicamente insatisfatória. É nítido que se passa algo que é bastante improvável que tenha apenas que ver com a legitimidade da monarquia francesa, dadas as enormes quantidades de tempo e de energia que parece ter atraído ao longo dos séculos. E, seja o que for, deve ser uma ameaça tão grande ao *statu quo* que, mesmo após o Iluminismo, teve de permanecer em segredo, de ser uma matéria cuidadosamente guardada por uma rede secreta de iniciados.

Na fase inicial da nossa investigação sobre Leonardo e o Sudário de Turim, vimo-nos repetidamente confrontados com a inevitável sensação de que existia um verdadeiro segredo, ciosamente guardado por uns poucos escolhidos. À medida que as nossas investigações prosseguiam, não conseguimos afastar a suspeita de que os temas que havíamos detetado na vida e obra de Leonardo tinham íntimos paralelismos com os que havíamos distinguido no material disseminado pelo Priorado. E valia a pena, claro, verificar pelo menos as insinuações de que estes mesmos temas estavam também entretecidos na obra de Jean Cocteau.

Descrevemos já o mural desse artista na igreja de Notre-Dame de France em Londres. Mas que relevância tem ao certo a sua imagem surpreendentemente peculiar para a muito mais antiga obra de

Leonardo, e para algum suposto movimento esotérico – e até mesmo herético?

A ligação mais óbvia à obra de da Vinci está no facto de o artista se ter pintado a desviar os olhos da cruz. Leonardo, como já referimos, retratou-se deste modo pelo menos duas vezes – na *Adoração dos Magos* e n' *A Última Ceia*. Tendo em conta a expressão no rosto de Cocteau, que implica certamente uma profunda inquietude acerca de toda a cena, pode não ser exagerado encontrar uma hostilidade similar na violência com que Leonardo vira as costas à Sagrada Família na *Adoração*.

No mural de Cocteau, só vemos o homem na cruz das coxas para baixo, o que implica alguma suspeita sobre a sua verdadeira identidade. Como vimos n' *A Última Ceia* de Leonardo, a curiosa falta geral de vinho parece implicar uma grave questão sobre a natureza do sacrifício de Jesus: aqui, o artista vai mais longe, ao não mostrar de todo Jesus. Também muito semelhante é o uso do «M» gigante – na obra de Cocteau, liga as duas mulheres enlutadas, presumivelmente a Virgem Maria e Maria Madalena. E, mais uma vez, é possível presumir que é esta última que vemos de costas voltadas para a figura de Jesus. Enquanto a mãe olha para baixo, chorosa, é a mulher mais jovem que está de costas para ele. N' *A Última Ceia* de Leonardo, o «M» liga Jesus ao duvidosamente feminino «São João» – e esta «Senhora M» afasta-se também o mais possível dele, parecendo, ao mesmo tempo, manter-se perto.

O mural de Cocteau contém também um simbolismo que, uma vez cientes das preocupações do Priorado de Sião, está muito explicitamente ligado a ele. Existem, por exemplo, 58 pontos nos dados que estão a ser lançados pelos soldados – e este é o número esotérico do Priorado.[30]

A surpreendentemente grande rosa azul e vermelha aos pés da cruz é uma nítida alusão ao movimento rosacrucianista, que, como veremos, tem estreitos laços com o Priorado e decerto com Leonardo.

Como já vimos, os membros do Priorado acreditam que Jesus não morreu na cruz, e algumas das suas fações defendem que uma vítima substituta sofreu o que estava destinado a ser a sua sina. A julgar apenas pelas imagens neste mural, poderemos ser tentados a pensar que eram essas as opiniões do próprio Cocteau. Por exemplo, não só não vemos o rosto da vítima como há a inclusão de uma figura que geralmente não está associada à cena da Crucifixão. Trata-se do homem no extremo direito, cujo único olho visível foi desenhado na forma inconfundível de um peixe – certamente uma alusão ao código dos primeiros cristãos para «Cristo». Quem se supõe então que seja este homem de olho de peixe? À luz da ideia do Priorado de que o próprio Cristo nunca foi pregado na cruz, *não será possível que esta figura adicional seja o próprio Jesus*? Teria o pretenso Messias sido testemunha da tortura e morte de um substituto? Se assim tiver sido, bem podemos imaginar as suas emoções.

Por outro lado, tanto no mural de Leonardo como no de Cocteau, vemos a Senhora M – que é certamente em ambos os casos Maria Madalena. Ora, o que sabemos sobre a crença do Priorado de que ela era casada com Jesus explicaria o porquê de estar n'*A Última Ceia*, à direita do marido, e o porquê de – enquanto sua «outra metade» – usar o reflexo das suas roupas.

Embora existisse, no período medieval e nos primórdios do Renascimento, uma tradição pouco conhecida de retratar a Madalena na Última Ceia, Leonardo fez saber que a personagem à direita de Jesus na sua versão era São João. Porque decidiu ele, então, mentir desta forma? Seria, talvez, uma forma subtil de conferir às suas imagens um maior poder subliminar? Afinal, se o artista nos diz que é um homem e o nosso cérebro nos diz que é uma mulher, é provável que a confusão nos leve a continuar, a nível inconsciente, a refletir sobre isso durante muito tempo.

Tanto no mural de Leonardo como no de Cocteau, Maria Madalena parece estar a exprimir silenciosamente, através da sua linguagem corporal, as suas próprias dúvidas sobre o suposto papel

de Jesus. Estaria mesmo tão próxima dele ao ponto de conhecer a verdadeira história? Seria a Madalena realmente esposa de Jesus, tendo portanto conhecimento interno sobre o verdadeiro resultado da Crucifixão? É por isso que vira as costas?

O papel da Madalena é astuciosamente – ainda que de modo subliminar – salientado n' *A Última Ceia*, mas a maior obsessão de Leonardo parece certamente ter sido por essa trágica personagem do Novo Testamento chamada São João Batista. Se era de facto membro do Priorado de Sião – e dada a sua alegada ênfase na linhagem de Jesus –, esta obsessão pelo Batista parece algo desconcertante. Mas estará na verdade de acordo com os interesses do Priorado de Sião?

O nosso misterioso informador, Giovanni, tinha-nos deixado com uma fascinante questão: «Porque é que os Grão-Mestres se chamam sempre João?» Na altura, julgámos que seria algum tipo de alusão semivelada à sua própria escolha de pseudónimo, e tomámos devida nota de que ele não ocupava uma posição inferior. Mas, na verdade, estava a chamar a atenção para uma outra questão muito mais significativa.

Ainda que os Grão-Mestres do Priorado sejam conhecidos na organização como «*Nautonnier*» (timoneiro), adotam também o nome de «Jean» (João) ou, no caso das mulheres, «Jeanne» (Joana). Leonardo, por exemplo, surge nas suas listas como Jean IX. Importa salientar que, por mais peculiar que isso possa parecer para uma tão antiga ordem de cavalaria, o Priorado sempre afirmou ser uma sociedade secreta de oportunidades iguais, e quatro dos seus Grão-Mestres foram mulheres. (Nos anos 1980, uma das secções francesas do Priorado terá alegadamente estado sob o controlo de uma mulher.[31]) Esta política é, porém, totalmente consistente com a verdadeira natureza e os objetivos do Priorado – tal como viemos a entendê-los.

As preocupações do Priorado são indicadas pelos títulos utilizados na sua hierarquia organizacional. De acordo com os seus estatutos, abaixo do *Nautonnier* está um grau composto por três

iniciados, chamado «*Prince Noachite de Notre Dame*», e, abaixo deste, existe um grau de nove elementos chamado «*Croisé de Saint Jean*», ou «Cruzado de São João». (Este último surge simplesmente como «Condestável» nas versões mais recentes dos estatutos.)

Existem seis outros graus, mas os três mais elevados, que abrangem os treze membros mais importantes, formam o corpo regente. Coletivamente, isto é conhecido como Arch Kyria – sendo esta última palavra um termo grego respeitoso para mulher, o equivalente ao português «senhora». Especificamente, no mundo helenístico dos primeiros séculos antes de Cristo, era um epíteto da deusa Ísis.[32]

O primeiro Grão-Mestre da sociedade foi, há que dizer, um verdadeiro João – Jean de Gisors, um nobre francês do século XII. Mas o verdadeiro enigma está no curioso facto de o seu título no Priorado ser na verdade «Jean II». Como observam os autores de *O Sangue de Cristo e o Santo Graal*:

> Uma importante questão era, claro, qual João. João Batista? João Evangelista – o «Discípulo Amado» no Quarto Evangelho? Ou João, o Divino, autor do Livro do Apocalipse? Parecia que tinha de ser um destes três… Quem, então, era Jean I?[33]

Outra sugestiva ligação a «João» surge no livro de 1982 *Rennes-le-Château: capitale secrète de l'histoire de France*, de Jean-Pierre Deloux e Jacques Brétigny. Ambos os autores são conhecidos por estarem intimamente relacionados com Pierre Plantard de Saint-Clair – estavam, por exemplo, entre a sua «comitiva» quando Baigent, Leigh e Lincoln se encontraram com ele nos anos 1980[34] – e o seu contributo deste para o livro foi certamente enorme. Nítida propaganda do Priorado, explica como foi formada a sociedade. (Deloux e Brétigny escreveram também artigos relacionados com o Priorado de Sião para a revista *L'Inexpliqué* – a versão francesa da *The Unexplained* –, que, segundo alguns, foi criada e financiada pelo Priorado.[35])

A ideia central, diz-se, era formar um «governo secreto», com Godofredo de Bulhão – um dos líderes da Primeira Cruzada – como principal impulsionador. Na Terra Santa, Godofredo encontrou-se com uma organização chamada Igreja de João e, em resultado disso, «formou um grande desígnio». «Entregou a sua espada ao serviço da Igreja de João, essa Igreja esotérica e iniciática que representava a Tradição, que baseava no Espírito a sua primazia.»[36] Foi a partir deste grande desígnio que tanto o Priorado de Sião – a organização que dá sempre aos seus Grão-Mestres o nome de «João» – como os Cavaleiros Templários foram formados.

E, como diz Pierre Plantard de Saint-Clair, através de Deloux e Brétigny:

> Assim, no início do século XII, reuniram-se os meios, espirituais e temporais, que vieram a permitir a realização do sublime sonho de Godofredo de Bulhão; a Ordem do Templo seria a espada da Igreja de João e o porta-estandarte da primeira dinastia, os braços obedientes ao espírito de Sião.[37]

O resultado deste fervoroso «joanismo» viria a ser um «renascimento espiritual» que «viraria o cristianismo do avesso». Apesar da sua óbvia importância para o Priorado, a ênfase em «João» permaneceu extremamente encoberta – no início desta investigação, nem sequer sabíamos qual o João que era tão venerado, quanto mais porquê. Mas qual o motivo desta obscuridade? Porque não nos dizem simplesmente a que João se referem? E porque haveria a veneração (por mais extrema que fosse) de qualquer São João de começar sequer a ameaçar as próprias raízes do cristianismo?

É pelo menos possível arriscar uma hipótese acerca de qual o João que o Priorado tinha em mente, se a obsessão de Leonardo pelo Batista nos servir de referência. Mas, como vimos, a ideia do Priorado sobre o papel de Jesus não era propriamente ortodoxa, e parece ilógico vê-lo atribuir tão grande reverência ao homem que alegadamente só tinha importância enquanto precursor de Jesus.

Será possível que o Priorado, tal como Leonardo, venere em segredo João Batista acima do próprio Jesus?

É um grande pensamento. Se existisse algum *motivo* para acreditar que o Batista fora superior a Jesus, então as repercussões para a Igreja seriam inimaginavelmente traumáticas. Mesmo que a visão «joanita» se baseasse num mal-entendido, não existem dúvidas dos efeitos que esta crença teria se fosse mais conhecida. Seria quase a derradeira heresia – e os *Dossiers secrets* enfatizam repetidamente o caráter anticlerical dos descendentes merovíngios e o seu absoluto incentivo à heresia. Por algum motivo que lhes é específico, o Priorado pretende transmitir a ideia de que a heresia é algo bom.

Percebemos que a suposta heresia Batista tinha repercussões espantosas e que, se quiséssemos investigar mais a fundo o Priorado, teríamos de encarar de frente a questão de João Batista, ainda que inicialmente não estivéssemos convencidos de que encontraríamos quaisquer provas que sustentassem a heresia.

Por esta altura, as únicas coisas que tínhamos como prova das crenças do Priorado acerca do Batista eram a manifesta obsessão do próprio Leonardo por ele e o facto de chamarem aos seus Grão-Mestres «João». Francamente, não tínhamos qualquer verdadeira esperança de encontrar algo mais concreto do que isso, mas, com o passar do tempo, viríamos a desvendar provas muito mais sólidas de que o Priorado pertencia efetivamente a essa tradição joanita.

Com ou sem provas para a sustentar, esta heresia pode, ainda assim, ter sido crida por gerações de membros do Priorado. Mas faria ao menos parte do grande segredo que se supõe ser por eles possuído e guardado de modo tão tenaz?

A outra figura do Novo Testamento cuja importância é enorme para o Priorado é, como já vimos repetidas vezes, Maria Madalena. Os autores de *O Sangue de Cristo e o Santo Graal* explicaram que a sua importância específica está apenas no (alegado) facto de ser casada com Jesus e mãe dos seus filhos. Mas, tendo em conta a admiração menos que absoluta do Priorado por Jesus, esta

explicação parece fraca. Para essa organização, a Madalena parece ter alguma importância por direito próprio, e o próprio Jesus é quase irrelevante – na história do «documento Montgomery», por exemplo, o seu papel resume-se simplesmente a ser o pai da filha dela, não desempenhando qualquer papel na restante narrativa. Pode-se mesmo ir ao ponto de dizer que, mesmo sem Jesus, existe algo nesta mulher que a torna de suma importância.

Numa fase posterior das nossas investigações, conseguimos contactar Pierre Plantard de Saint-Clair com algumas questões sobre o interesse do Priorado em Maria Madalena. Recebemos uma resposta do secretário de Plantard, Gino Sandri – um italiano que vive em Paris –, que, embora curta e concisa, evocava a célebre travessura do Priorado. Nela, dizia-nos Sandri que poderia ser possível ajudar, mas «talvez já tenham informações sobre este tema?»[38] Tratava-se claramente de uma «piada» matreira sobre algo que sabia acerca de nós, mas retirámos coragem do elogio ambíguo. Parecia estar a insinuar que tínhamos já toda a informação de que precisávamos – mas cabia-nos a nós dar-lhe sentido. A carta de Sandri escondia, porém, outra travessura: ainda que o carimbo dos correios datasse de 28 de julho, a carta propriamente dita tinha a data de 24 de junho – o dia de João Batista.

Para quem vem de fora, qualquer ligação particularmente esotérica entre Maria Madalena e João Batista é uma questão de fantasia, pois os Evangelhos conhecidos nem sequer registam que eles alguma vez se tenham encontrado. Mas eis aqui um segredo aparentemente antigo que os envolve – e honra – inequivocamente a ambos. O que tinham estas personagens do século I para assegurar esta duradoura, ainda que «herética», tradição? O que podiam *representar* sequer que fosse assim tão perturbador para a Igreja?

Como se pode imaginar, foi bastante difícil saber por onde começar. Mas, onde quer que nos embrenhássemos na história da Madalena, uma área muito mais perto de casa do que Israel surgia

constantemente como significativa. O Priorado destacava em particular a lenda que a levara para o sul de França, pelo que era para lá que tínhamos de ir, ainda que apenas para descobrir por nós mesmos se esta história era apenas uma invenção medieval concebida, tal como o Sudário de Turim, a fim de atrair o lucrativo negócio dos peregrinos. Havia, no entanto, desde o início, algo de particularmente persuasivo na relação entre esta enigmática figura do Novo Testamento e aquela região específica, algo que ia para lá de tais considerações mercenárias. Dispusemo-nos a investigar o segredo da Madalena no seu próprio terreno.

Capítulo Três

NOS PASSOS DA MADALENA

É bela – tal como as estátuas das deusas gregas são belas –, mais do que bonita no sentido moderno. De traços fortes, com o cabelo a cair de um risco ao meio, a impressão que dá é de uma severidade e integridade quase formais. Pouco há aqui que sugira a voluptuosa libertina das lendas. Pois esta, dizem-nos, é a cabeça de Maria Madalena.

O crânio, geralmente exibido em toda a sua perturbadora e terrível glória na basílica, está agora decentemente envolto na sua máscara dourada e é exibido diante da multidão na cidade francesa de Saint Maximin, na Provença. Este evento anual realiza-se no domingo mais próximo ao dia da Madalena, 22 de julho. Em 1995, o ano da nossa visita, o desfile teve lugar a 23 de julho, sob um calor sufocante e um Sol brilhante.

Às quase quatro da tarde, tendo acabado de terminar os seus longos almoços franceses, os habitantes saíram por fim com a relíquia num andor estranhamente instável. Centenas de pessoas juntaram-se à procissão, talvez apenas porque estava lá – todos adoram um desfile –, mas parecia haver realmente muitos peregrinos genuinamente fervorosos no meio da multidão, de olhos fixos com júbilo na curiosa cabeça que era transportada entre eles. Tivemos de nos lembrar, no entanto, que existem sempre peregrinos, há sempre crentes fervorosos em toda e qualquer coisa, e que a crença não é em si mesma uma medida da autenticidade histórica. Ainda assim, sendo nós oriundos de uma cultura relativamente livre da Madalena, o puro poder deste festival deu-nos que pensar. É de facto um país bastante dedicado a Maria Madalena.

Havia também uma certa ironia na nossa presença em Saint Maximin. Em 1988, a datação por carbono do Sudário de Turim – que determinara que era falso, e que por sua vez levou ao nosso interesse por ele – utilizara, como amostra de controlo, material de

uma capa do século XIII pertencente a «São» Luís IX, que é guardada na basílica de Saint Maximin.

Para os objetivos desta investigação, contudo, todos os pensamentos sobre o Sudário de Turim foram postos de parte. Estávamos ali, no sul de França, para descobrir a verdade sobre Maria Madalena, a mulher que se julgava estar no âmago de muitos antigos mistérios, e cujo poder se estende à cultura atual de uma forma que ainda não compreendemos por completo. Ali, ao calor extremo, quase estonteante, assistimos à procissão anual da alegada cabeça de Maria Madalena com sentimentos ambíguos. Para quem foi educado na Inglaterra protestante, as festividades católicas e todo o ritual envolvendo as relíquias surgem como uma espécie de choque cultural. Estas coisas podem parecer de mau gosto, aparatosas e até mesmo macabras.

Ali, porém, o que forçosamente nos atingiu não foi uma ridícula exibição de superstições, mas sim a devoção e o orgulho das gentes locais, cujo entusiasmo por esta santa específica não se pode dizer que seja totalmente solene. Talvez a palavra de ordem aqui seja «local», pois é a bandeira provençal, e não a francesa, que voa sobre as suas cabeças, e a Madalena é considerada uma santa local, ainda que tenha chegado a estas paragens numa fase algo avançada da sua vida. Julga-se que Maria Madalena terá vindo da Palestina por mar, instalando-se na Provença, onde morreu. É tal o seu poder incessante que ainda hoje é não só venerada mas também *amada* com curioso ardor nesta região.

É-lhe certamente dedicada uma extraordinária, e até mesmo fanática, devoção na Provença, e a lenda de ter morrido nessa região ainda persiste: muitos acreditam tratar-se de um facto. Mas não se trata apenas de outro exemplo da devota continuidade de uma tradição católica. Fomos atingidos pela sensação difusa de que algo muito mais significativo jazia logo abaixo da superfície. E era precisamente esse veio submerso e *subterrâneo* de sentido que estávamos decididos a desvendar.

Em primeiro lugar, como era possível que o corpo de uma judia da Palestina do século I viesse a ser sepultado no sul de França? O que tem ao certo esta mulher, esta santa específica, que evoca tanta paixão e devoção tanto tempo após a sua morte? E porque lhe atribui o Priorado de Sião – se isso for de facto verdade – uma tão invulgar veneração?

Antes mesmo de fazermos a nossa primeira viagem a França para investigar em específico os locais tradicionalmente associados ao seu culto, passámos muito tempo a refletir no seu historial. Tínhamos de saber como era historicamente percecionada na nossa cultura – e que força poderia ter o seu impacto continuado. Pois, em contraste com a relativa frieza com que é recebida na atual Inglaterra protestante, para muitos católicos europeus apaixonados, é objeto de devoção fervorosa, e até mesmo ardente. Para eles, é a mulher mais importante a seguir à Virgem Maria.

Pergunte à maioria das pessoas escolarizadas hoje em dia quem foi Maria Madalena e o que representou e as respostas serão muito interessantes. Quase todos responderão que se tratava de uma prostituta, mas depois disso – dependendo do ponto de vista da pessoa envolvida – surgirá de forma geral algum comentário sobre a sua indefinida, mas implicitamente íntima, relação com Jesus. Esta presunção cultural, por mais confusa que possa ser, encontrou expressão na canção de Tim Rice e Andrew Lloyd Webber *I Don't Know How to Love Him*, do musical *Jesus Cristo Superstar* (1970), onde ela é retratada como a tão amada «rameira com coração» do teatro britânico e no papel de consoladora de Jesus, a quem ele devolve também a sua autoestima. Quando o musical foi representado – e depois adaptado para filme – causou sensação entre os cristãos em geral, e até entre os tipicamente pouco emotivos britânicos. Ter-se-á, talvez, devido sobretudo a uma sensação de indignação por uma história envolvendo Jesus ter sido explorada pelo «mundo do espetáculo», e transformada em ópera *rock*, ainda por cima!

Em *A Vida de Brian* (1979), dos Monty Python, surge uma versão da Madalena, embora não tenha sido essa a razão para os gritos de revolta que se ergueram das fileiras de cristãos em todo o mundo. Interpretando a personagem de Brian como uma alusão ligeiramente velada ao próprio Jesus, esta inteligente e estranhamente perturbadora comédia foi classificada por muitos como uma flagrante blasfémia. Mas, posta de parte toda a irreverência, o filme nunca pretendeu retratar Jesus, sendo um comentário satírico aos cultos messiânicos do seu tempo, que incorporou, ainda assim, na nossa opinião, de forma involuntária ou propositada, algumas visões profundas e pormenores curiosamente bem fundamentados. Nele, é a namorada de Brian, Judith – surrealmente representada como galesa –, o verdadeiro poder por trás dele e do seu movimento; sendo, na verdade, a sua fogosa retórica a fazer dele um homem, embora acabe também por fazer dele um mártir.

Os cristãos montaram piquetes nos cinemas em vários países aquando da exibição de *A Última Tentação de Cristo*, de Martin Scorcese (1988). Embora o próprio Jesus fosse retratado como sendo um pouco simplório, não parece ter sido essa a razão para a generalizada reação de horror. Esta deveu-se mais à representação explícita de um ato sexual entre Maria Madalena e Jesus – ainda que a cena se tratasse de uma mera fantasia. Por razões que analisaremos mais tarde, todo este conceito é curiosamente repugnante para a maioria dos cristãos, provavelmente porque presumem implicar certas questões fundamentais sobre a divindade de Jesus. Para eles, a ideia de um Jesus sexualmente ativo, ainda que no contexto de um casamento, é desde logo blasfema: qualquer sugestão nesse sentido deve implicar que ele não poderia ser também o Filho de Deus. Mas o mais significativo para nós na produção de *A Última Tentação* é o óbvio e persistente fascínio de Scorcese pela Madalena e pelo conceito da sua relação íntima com Jesus. (E, curiosamente, o próprio realizador é cristão.)

Não foi, porém, só a permissividade moderna a fazer da Madalena uma espécie de ícone. Durante toda a história, sempre

personificou, de certo modo, a atitude contemporânea para com as mulheres – de formas que não estão abertas à única outra figura feminina importante nos Evangelhos, a assexual e distante Virgem Maria. No período vitoriano, por exemplo, a Madalena foi uma boa desculpa para a representação de prostitutas penitentes seminuas e extáticas; ao mesmo tempo santas e pecadoras, conhecidas e desconhecidas. Era moda nos bordéis da altura que algumas das residentes encenassem a sua penitência, ainda que os pormenores exatos dessas peculiares «Representações dos Mistérios» pouco devessem à sua história tal como é contada nos Evangelhos. No período pós-feminista dos dias de hoje, a ênfase é colocada na sua relação com Jesus.

A Madalena pode ter mantido o seu papel como prova de fogo das convenções sexuais seculares contemporâneas, mas a sua imagem ao longo da história reflete também a atitude da Igreja para com as mulheres e a sua sexualidade. É só como prostituta *arrependida* que ela é admitida na congregação dos santos e a disseminação da sua lenda depende da sua penitência e estilo de vida desconfortável e solitário. A sua santidade reside na sua abnegação.

Nas últimas décadas, esta Maria tornou-se um foco para a forma como a igreja cristã tem lidado com as suas seguidoras, principalmente quando a ordenação de mulheres na Igreja Anglicana se tornou um assunto controverso. Não foi por acaso que, quando as primeiras mulheres foram ordenadas como párocas, em 1994, a passagem que foi lida foi a história do Novo Testamento de como Jesus ressuscitado se encontrou com Madalena no jardim. Não é de admirar que, sendo a única mulher importante na história de Jesus além da sua mãe, seja utilizada por muitas ativistas no seio da Igreja moderna como um poderoso símbolo dos seus direitos. Pois o poder persistente de Maria Madalena não é imaginário: sempre existiu e exerceu uma profunda atração ao longo dos séculos, tal como Susan Haskins deixa claro no seu estudo *Mary Magdalen* (1993).[1]

Inicialmente, o enorme poder de atração da Madalena parece desconcertante, sobretudo porque raramente é mencionada no Novo Testamento. Fomos levados a pensar que, tal como no caso de Robin dos Bosques, era a própria escassez de informação que levava à tentação de inventar material mítico para colmatar essas falhas. *Mas se alguém criou uma Maria Madalena de fantasia, esse alguém foi a Igreja.* A sua imagem de prostituta arrependida nada tem que ver com a sua história em Mateus, Marcos, Lucas e João: a personagem descrita no Novo Testamento é muito diferente da evocada pela Igreja.

Os Evangelhos são os únicos textos relacionados com Maria Madalena conhecidos pela maioria das pessoas, pelo que é para eles que nos voltamos agora. Até há pouco tempo, a sua personagem era vista pela maioria dos cristãos como secundária à história principal de Jesus e dos seus seguidores. Mas, nos últimos 20 anos, houve uma clara alteração na perceção dos estudiosos acerca dela. Hoje em dia, o seu papel é visto como consideravelmente mais importante, e é à luz destes achados que fundamentamos a nossa própria tese.

Além da Virgem Maria, Maria Madalena é a única mulher a ser referida pelo nome nos quatro Evangelhos. Surge pela primeira vez durante a pregação de Jesus na Galileia como parte de um grupo de mulheres que o seguiam – e «o atendiam da sua substância».[2] Foi dela que foram expulsos «sete demónios». A tradição identificou-a também com duas outras mulheres do Novo Testamento: Maria de Betânia, irmã de Marta e de Lázaro, e uma mulher sem nome que unge Jesus com nardo de um jarro de alabastro. Esta ligação será explorada mais tarde, mas, por agora, limitar-nos-emos à figura inequivocamente identificada como Maria Madalena.

O seu papel assume uma importância totalmente nova, profunda e duradoura ao ser registada como estando presente aquando da Crucifixão, e em especial quando se torna a primeira testemunha da Ressurreição. Ainda que os relatos dos quatro Evangelhos sobre a descoberta do túmulo vazio sejam flagrantemente diferentes, todos

estão de acordo quanto à identidade da primeira testemunha do Jesus ressuscitado. Foi, sem dúvida, Maria Madalena. Não foi apenas a primeira testemunha *mulher*, mas a primeira *pessoa* a vê-lo após emergir do túmulo, facto esse que foi amplamente encoberto pelos muitos que preferem considerar apenas os homens que seguiam Jesus como seus verdadeiros Apóstolos.

Na verdade, foi totalmente no conceito de apostolado que a Igreja baseou a sua autoridade – sendo Pedro o «Primeiro dos Apóstolos» e, portanto, a conduta através da qual o poder de Jesus foi transmitido à posteridade. A sua autoridade, embora muitos acreditem vir da curiosa afirmação «sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja»,[3] resulta, segundo a crença oficial, de ele ter sido o primeiro dos discípulos de Jesus a vê-lo no seu estado ressuscitado. Mas o relato do Novo Testamento contradiz claramente o ensinamento da Igreja a este respeito.

É nítido que, com base neste único facto, a Madalena sofreu uma enorme injustiça, com implicações excecionalmente abrangentes. Mas há mais. Foi também a primeira discípula a receber de Jesus uma incumbência apostólica direta, ao ser instruída para que levasse aos outros discípulos a nova da sua ressurreição. Curiosamente, talvez, a Igreja primordial reconheceu o seu verdadeiro lugar na hierarquia e deu-lhe o título de *Apostola Apostolorum* (Apóstola dos Apóstolos), ou, de forma ainda mais explícita, «Primeira dos Apóstolos».[4]

A razão por que Jesus optaria por surgir primeiro a uma mulher na sua forma ressuscitada sempre foi um espinho no flanco dos teólogos. A que foi talvez a mais pitoresca explicação surgiu na Idade Média, quando foi seriamente sugerido que a forma mais rápida de espalhar a notícia era contá-la a uma mulher![5]

É hoje do conhecimento geral dos estudiosos que as mulheres desempenharam um papel muito mais amplo e mais ativo no percurso de Jesus, tanto durante a sua vida como depois, quando se espalhou entre os gentios, do que é costume ser admitido pela Igreja.[6] Ironicamente, talvez, a verdadeira imagem do lugar das

mulheres nesse tempo podia nem sequer ser conhecida hoje, se não fosse a controvérsia provocada pela campanha a favor da ordenação das mulheres. Só quando a Igreja se tornou uma instituição formalizada – sob a influência de São Paulo – é que o papel das mulheres foi minimizado. E o processo foi também *retroativo*. Por outras palavras, ainda que estas não tivessem sido personagens menores no principal drama cristão, Paulo e os seus sequazes certificaram-se de que seriam empurradas para a margem durante toda a história.

É verdade que a impressão dada apenas pelos Evangelhos é de que os discípulos de Jesus eram realmente todos homens. Só uma única referência no evangelho de Lucas refere que havia mulheres a viajar com Jesus. Isto pode tornar-se confuso quando, mais tarde, parece que as mulheres surgem subitamente do nada para ocupar a posição central em torno da cruz. A julgar pela arrogante marginalização das mulheres na generalidade dos relatos, é desconcertante o porquê de serem tão de repente o centro das atenções. Poderá ser porque todos os seus seguidores do sexo masculino o tinham realmente abandonado? Restariam as mulheres neste ponto crucial da história *só por serem as únicas amigas fiéis que lhe restavam*?[7] Os autores dos Evangelhos podem ter tido de relatar o papel das mulheres na Crucifixão por serem simplesmente as únicas testemunhas, e por ser apenas no seu testemunho que a história se baseia.[8] Significativamente, o testemunho das mulheres não era aceite pelos tribunais judaicos desse tempo, pelo que a sua palavra sobre o que quer que fosse não era considerada importante. Entre as muitas implicações deste facto, está a de que a história de Maria Madalena ter sido a primeira a deparar-se com o Jesus ressuscitado deve ter tido alguma base factual. Uma história baseada sobretudo na palavra de uma mulher é altamente improvável de ter sido inventada.

Brilhantes exemplos de lealdade e de coragem na defesa de um criminoso condenado, as mulheres são todas dignas de aplausos. Mas uma ergue-se particularmente acima das outras: Maria

Madalena. A sua importância é sugerida pelo facto de, quase sem exceção,[9] o seu nome surgir em primeiro lugar sempre que é apresentada uma lista das seguidoras de Jesus. Hoje em dia, até mesmo alguns católicos sugerem que isto se deveu ao facto de ela ser a líder das discípulas. Numa sociedade tão rigidamente hierarquizada e formal, esta não era uma honra menor ou acidental: a Madalena surge primeiro mesmo quando é referida por aqueles que não tinham qualquer consideração por *qualquer* mulher no movimento de Jesus, e nenhum amor, sobretudo, por essa mulher específica.

Era ela, como vimos, quem «atendia» a Jesus e aos seus discípulos. Isto sempre foi explicado pela ideia de que se tratava de uma espécie de serva dedicada, constantemente prostrada diante dos muito mais importantes homens do grupo. Mas os factos são muito diferentes: não existem dúvidas de que as palavras originais utilizadas significam na verdade que «sustentava» os outros, e «da sua substância» significa «com os seus bens». Na opinião de muitos estudiosos, Maria Madalena – tal como, talvez, as outras mulheres no movimento de Jesus – não era uma seguidora empobrecida, mas sim uma mulher independente e de posses que *sustentava Jesus e os outros homens*.[10] Ainda que a narrativa bíblica utilize também estas palavras acerca de outras mulheres que os apoiavam, é Madalena quem, como vimos, surge primeiro.

Maria Madalena é clara e deliberadamente diferenciada das outras mulheres pelo seu próprio nome. Todas as outras mulheres que são referidas pelo nome nos Evangelhos canónicos são definidas pela sua relação com um homem, como «esposa de…» ou «mãe de…» Só esta Maria tem aquilo que podemos considerar como um nome completo, ainda que o que significa ao certo venha a ser discutido mais tarde.

Esta poderosa e importante personagem permanece, ainda assim, curiosamente enigmática. Após o elogio algo ambíguo que lhe é feito nos Evangelhos quando parece ser destacada, não volta a ser referida – nem nos Atos dos Apóstolos, nem nos escritos de

Paulo (nem sequer na sua descrição da descoberta do túmulo vazio), nem nas cartas de Pedro. Pode parecer ser ainda outro mistério destinado a ser muito debatido, mas nunca resolvido – até que nos viramos para os escritos conhecidos como Evangelhos Gnósticos, onde esta questão é esclarecida de forma súbita e impressionante. Estes documentos – que são mais de cinquenta – foram descobertos em 1945 em Nag Hammadi, no Egito, e são uma coleção de antigos textos cristãos gnósticos, dos quais alguns originais são considerados como remontando sensivelmente à mesma altura dos Evangelhos canónicos.[11] São escritos que foram condenados como «heréticos» pela Igreja primitiva, sendo, pois, sistematicamente procurados e destruídos, como se contivessem algum grande segredo potencialmente perigoso para a instituição que começava a emergir.

O que muitos destes textos proibidos proclamam é a primazia de Maria Madalena: um deles intitula-se até *Evangelho de Maria*. A Maria deste evangelho não é a Virgem, mas sim Maria Madalena.

Talvez não seja coincidência que os quatro Evangelhos do Novo Testamento tratem efetivamente de a marginalizar, enquanto os escritos «heréticos» enfatizam a sua importância. Será possível que o Novo Testamento seja na verdade uma forma de propaganda em nome da fação anti-Madalena?

Embora os Evangelhos Gnósticos venham a ser discutidos muito mais ao pormenor num capítulo posterior, os pontos que se seguem são de importância imediata. Como vimos, a história do Novo Testamento sugere relutantemente que ela teve um papel importante no movimento de Jesus, mas os Evangelhos Gnósticos proclamam-no abertamente e confirmam a sua primazia. Além disso, este estatuto superior não se limita apenas ao seu lugar entre as mulheres – é *literalmente Apóstola dos Apóstolos* e, como tal, reconhecida como precedida apenas por Jesus, estando acima de todos os seus seguidores, tanto homens como mulheres. É, ao que parece, a única pessoa a funcionar como ponte entre Jesus e todos os seus outros discípulos, e era ela quem interpretava as suas

palavras para seu benefício. Nestes textos, *não era Pedro a segunda autoridade escolhida por Jesus, mas sim Maria Madalena.*

Foi ela quem, segundo o *Evangelho de Maria*, reuniu os desanimados discípulos após a Crucifixão e instigou neles alguma coragem quando estavam totalmente prontos para desistir e ir para casa após a aparente perda do seu carismático líder.[12] Contestou todas as dúvidas, não só com fervor, mas também com inteligência, e conseguiu inspirá-los a tornarem-se verdadeiros e dedicados Apóstolos. Não pode ter sido fácil, pois não só teve – alegadamente – de combater o sexismo dominante na sua cultura e época, como teve também de lutar contra um poderoso antagonista pessoal. Tratava-se de Pedro, o Grande Pescador da lenda, o mártir e fundador da Igreja Católica Romana. Os Evangelhos Gnósticos referem várias vezes que ele a odiava e temia, ainda que, durante a vida do seu Mestre, só pudesse protestar ineficazmente contra a extensão da sua influência.[13] Vários dos textos relatam discussões acaloradas entre Pedro e Maria, com o primeiro a exigir saber de Jesus porque prefere aparentemente a companhia daquela mulher. Como diz Maria Madalena noutro Evangelho Gnóstico, o *Pistis Sophia*: «Pedro faz-me hesitar: temo-o, pois odeia as mulheres.»[14] E no *Evangelho de Tomé* vemos Pedro a dizer o seguinte: «Que Maria nos deixe, pois as mulheres não merecem viver.»[15]

Existe nas narrativas gnósticas algo mais que as torna explosivas no que à Igreja diz respeito. O retrato que traçam da relação de Maria e de Jesus não é apenas de mestre e discípula, ou sequer de guru e aluna favorita. São retratados – muitas vezes de forma bastante gráfica – como tendo uma relação mais íntima. Vejamos, por exemplo, o *Evangelho de Filipe*:

> Mas Cristo amava-a mais do que a todos os discípulos e costumava beijá-la frequentemente na boca. Os restantes discípulos ficavam ofendidos com isso e exprimiam a sua desaprovação. «Porque a amas mais do que a todos nós?»,

diziam-lhe. O Salvador respondia-lhes, dizendo: «Porque não vos amo como a amo a ela?»[16]

No mesmo Evangelho Gnóstico, lemos a seguinte frase aparentemente inócua: «Havia três que andavam sempre com o Senhor: Maria sua mãe, a sua irmã e Madalena, que é chamada de sua companheira. Irmã, mãe e companheira chamavam-se todas Maria. *E a companheira do Salvador é Maria Madalena.*»[17]

Ainda que hoje em dia a palavra «companheira» signifique camarada, colega e amiga num sentido puramente platónico, o verdadeiro significado da palavra original grega era «consorte» ou *parceira sexual*…[18] Ou os Evangelhos canónicos foram incluídos no Novo Testamento por serem eles e só eles a verdadeira palavra de Deus – e há muitos fundamentalistas que acreditam que assim é – ou os Evangelhos Gnósticos contêm pelo menos tanta informação válida como Mateus, Marcos, Lucas e João. O equilíbrio das probabilidades está a favor de os Evangelhos Gnósticos terem tanto direito ao nosso respeito como os que estão contidos no Novo Testamento.

Se a Madalena era realmente amante ou esposa de Jesus, então fica explicada a sua posição enigmática no Novo Testamento. Parece ser importante, mas a razão do seu estatuto nunca é esclarecida: talvez os autores esperassem que o seu público tivesse conhecimento prévio da sua relação com Jesus. Afinal, como houve quem salientasse, os rabinos eram geralmente casados, por via de regra: um pregador solteiro teria suscitado muitos mais comentários e uma afirmação nesse sentido teria quase certamente sido incluída nos Evangelhos. Se Jesus tivesse sido celibatário e sem filhos numa cultura tão dinástica, não só teria causado agitação como esta teria sido uma parte muito mais óbvia dos seus alegados ensinamentos. Na verdade, o celibato era – e é – considerado tão horrível na tradição judaica ao ponto de ser considerado pecado. Jesus teria sido famoso por pregar o celibato – acusação essa que nunca foi levantada contra ele, nem pelos seus inimigos mais implacáveis. A vida monástica foi um acréscimo muito mais tardio ao cristianismo –

até o aparentemente misógino Paulo admitia que «é melhor casar do que arder».[19]

A própria ideia de Jesus enquanto ser sexual é tão desagradável para a maioria dos cristãos modernos que, tal como vimos, a fantasiada sequência de Jesus e Maria na cama encenada por Scorcese provocou um massivo grito de horror. Cristãos de toda a parte denunciaram-na como sensacionalismo, sacrilégio e blasfémia. Mas o verdadeiro motivo para esta indignação não é senão o atávico receio e ódio às mulheres que lhe está subjacente. Tradicionalmente, são vistas como basicamente impuras, sendo a sua proximidade física poluente para o corpo, mente e espírito de homens naturalmente bons e puros; o Filho de Deus decerto jamais se poderia ter colocado em tão grande perigo mortal. O horror sentido face à ideia de Jesus, de entre todos os homens, ser o parceiro sexual de qualquer mulher é multiplicado mil vezes quando a sua amante é identificada como Maria Madalena – *uma conhecida prostituta*.

Embora venhamos a discutir minuciosamente este assunto mais tarde, basta dizer aqui que a questão de ela ser, ou ter sido, uma mulher da rua deve permanecer em aberto. Existem provas a favor e contra a sua antiga profissão, mas o aspeto mais importante nesta matéria é que a Igreja *optou por retratá-la como prostituta*, ainda que arrependida. Esta interpretação seletiva, na melhor das hipóteses, do seu caráter serviu também para transmitir duas importantes mensagens: que as mulheres em geral, e a Madalena em particular, eram impuras e espiritualmente inferiores aos homens, e que só na Igreja se encontra a redenção.

Se é impensável que Jesus e esta (alegada) ex-prostituta fossem amantes, para a maioria dos cristãos é quase igualmente escandaloso sugerir que tivessem sido marido e mulher. Como vimos, os autores de *O Sangue de Cristo e o Santo Graal* alegam que, se Madalena tivesse sido esposa de Jesus, isso explicaria o porquê de ela ser tão importante para o Priorado de Sião e para a

sua ideia de uma linhagem sagrada. Mas não foi de todo a primeira vez que essa ideia encontrou o caminho para a publicação.

Foi em 1931 que D.H. Lawrence publicou o seu último conto, *O Homem que Morreu*, no qual Jesus sobrevive à cruz e encontra a verdadeira redenção através do ato sexual com Maria Madalena, que é claramente identificada como sacerdotisa de Ísis. Lawrence associa também Jesus ao morto-e-ressuscitado deus Osíris, consorte dessa deusa. A história intitulava-se originalmente *The Escaped Cock* e, tal como escreve Susan Haskins:

> O galo é… associado à ideia do corpo que se «ergue», que «ressuscita» (a figura de Cristo exclama, em jeito de trocadilho, «Ergui-me dos mortos!» ao ter finalmente uma ereção…)[20]

(Parece estranho que as atenções se tenham concentrado de tal modo em *O Amante de Lady Chatterley*, enquanto esta obra, possivelmente muito mais controversa, escapou à censura.)

Embora seja possível apresentar bons argumentos para defender que Jesus e a Madalena terão sido casados – tendo, implicitamente, até tido filhos –, parece, por si só, um fraco motivo para o Priorado investir tanta paixão na sua devoção por ela, pois, como vimos no último capítulo, existem grandes razões para descartar a ideia de que a dinastia merovíngia fosse descendente de ambos. O seu encanto está claramente em algo diferente, algo fugidio, mas não impossível de experimentar. É possível vislumbrar indícios disso no poder da sua imagem na nossa cultura, mas foi alegadamente em França que a verdadeira mulher viveu os seus últimos dias.

O mais célebre relato sobre a Madalena em França é a *Lenda Dourada* (1250), de Jacobus de Voragine.[21] Nela, de Voragine, o arcebispo dominicano de Génova, refere-se a ela como *Illuminata* e *Illuminatrix* – Iluminada e Iluminadora –, o que é particularmente interessante, pois são estes os papéis reivindicados para ela em todos os textos «proibidos» gnósticos. É retratada como simultaneamente iluminada e dadora de iluminação, iniciada e iniciadora: não existe qualquer sugestão de que fosse espiritualmente inferior por ser mulher – muito pelo contrário.

Como acontece com todas as lendas, existem muitas variações de um tema central, que permanece, ainda assim, notavelmente constante. A história principal é a seguinte: pouco após a Crucifixão, Maria Madalena e os seus irmãos Marta e Lázaro, além de vários outros – a sua identidade varia consoante a versão da história –, viajaram por mar para a costa do que é atualmente a Provença. Entre este mutável conjunto de figurantes, contam-se São Maximino, que se diz ter sido um dos 72 discípulos de Jesus e o lendário primeiro bispo da Provença; Maria Jacobi e Maria Salomé, alegadamente tias de Jesus; uma criada negra chamada Sara; e José de Arimateia, um amigo rico de Jesus que é frequentemente associado à história de Glastonbury. O motivo para o que terá supostamente sido uma perigosa e desconfortavelmente longa viagem depende também de qual a versão da história que lemos. Uma diz que este grupo fugira à perseguição feita pelos judeus à Igreja primitiva, e a outra principal razão apresentada é que tinham sido deliberadamente lançados à deriva pelos seus inimigos num barco sem leme e sem remos. Foi, claro, literalmente um milagre que chegassem a terra firme.

O cenário traçado pela história medieval do sul de França no tempo da Madalena era o de um ermo remoto, habitado apenas por selvagens pagãos. Na verdade, a Provença era uma parte importante do Império Romano – uma região altamente civilizada com prósperas comunidades romanas, gregas e até mesmo judaicas; a família de Herodes tinha propriedades no sul de França. E, longe de ser uma viagem extremamente árdua e por território desconhecido, era uma rota normal para os navios mercantes e não mais difícil do que a viagem, digamos, de Tiro ou Sídon a Roma. Se este grupo específico tiver ido para a Provença, pode muito bem tê-lo feito de livre vontade, sem ter sido obrigado a fugir.

As lendas coincidem ao dizer que desembarcaram no que é hoje a vila de Saintes-Maries-de-la-Mer, na Camarga. Uma vez lá, o grupo separou-se, seguindo os seus diferentes caminhos para espalhar o Evangelho. Reza a história que a Madalena pregou por

toda a região, convertendo os pagãos antes de se tornar eremita numa gruta em Sainte-Baume. Algumas histórias dizem que viveu lá durante o implausível, mas biblicamente imemorial, período de 40 anos, passando o que devem ter sido dias muito longos a arrepender-se dos seus pecados e a pensar em Jesus. Para acrescentar à história um pouco de tempero, acredita-se que terá passado todo esse tempo nua, apenas com uma curiosamente farta cabeleira, que a cobria eficazmente de uma forma a fazer lembrar as peles de animais de João Batista. No final da sua vida, dizem-nos, foi levada por anjos a São Maximino (por essa altura o primeiro bispo da Provença), que lhe administrou os últimos sacramentos mesmo antes de ela morrer. O seu corpo foi sepultado na cidade batizada em honra dele.

Uma história bonita, mas haverá nela alguma verdade? Para começar, é extremamente improvável que a Madalena tenha vivido como eremita, seja por que tempo for, numa gruta em Sainte-Baume. Até o atual guardião oficial do santuário católico admite que ela nunca lá esteve.[22] Não se trata, ainda assim, de um local irrelevante. No período romano, estava longe de ser o eremitério no fim do mundo descrito nas lendas, sendo uma região bastante populosa, e essa mesma gruta era um dos centros do culto à deusa Diana Lucífera («portadora da luz» ou *Illuminatrix*). Ainda que uma Madalena nua – mas não depilada – tivesse sido decerto o centro das atenções, dificilmente estaria sozinha naquele local de culto, pois muitas outras sacerdotisas e devotos teriam acorrido à gruta. Mas, apesar de a cristianização de locais pagãos, ainda que apenas retroativamente, ser uma conhecida prática histórica, algo mais parece ser aqui sugerido.

(Curiosamente, Arles – a populosa cidade mais próxima do local onde se julga que a Madalena terá desembarcado – era um importante centro do culto de Ísis.[23] Esta região inóspita e pantanosa parece ter sido o lar de vários grupos de culto da deusa, tendo, sem dúvida, continuado a proporcionar um refúgio aos membros do culto já durante o período cristão.)

Na verdade, a metamorfose da em tempos esplendidamente voluptuosa Madalena na lúgubre e lacrimosa eremita foi a deliberada cristianização de uma história muito mais ambivalente: todos os elementos-chave foram retirados da lenda de uma santa do século v, Santa Maria Egipcíaca, que foi também uma prostituta que se tornou eremita e cuja penitência nos desertos da Palestina durou 47 anos. (Obviamente, contudo, os velhos hábitos eram difíceis de perder, pois pagou a sua viagem de barco até lá proporcionando aos marinheiros os seus habituais serviços pessoais – e, ainda mais notável, foi até considerada mais santa por isso…)

Nitidamente – e à luz de outras provas posteriormente apresentadas – a parte «penitente» da história da Madalena é uma invenção deliberada da Igreja medieval para a tornar mais aceitável. Mas descobrir o que ela *não* fora não esclarecia, só por si, a sua história ou personalidade. Uma e outra vez, no entanto, vimo-nos confrontados com o curioso encanto desta mulher, que vai além do mero carisma contemporâneo e cujo interesse não só sobreviveu aos séculos como parece estar efetivamente a aumentar no nosso próprio tempo.

Existem milhares de lendas de santos, umas mais credíveis do que outras, mas, infelizmente, a maioria não passa de fábulas. Porque haveria o caso de Maria Madalena de ser diferente? Porque haveria a sua lenda de ter qualquer substância? Muitos comentadores alegaram que a lenda da Madalena em França fora apenas uma invenção dos astuciosos publicitários franceses, ávidos de criar para si um falso legado bíblico (um pouco à semelhança das histórias sobre o menino Jesus ter visitado o sudoeste de Inglaterra).

É inegável que muitos dos pormenores da história da Madalena francesa são acrescentos posteriores, mas existem motivos para suspeitar que, de modo geral, é baseada em factos. Pois ainda que possa ser ir demasiado longe alegar que Jesus visitou o sudoeste de Inglaterra – que era então uma região muito remota, exterior ao Império Romano –, dificilmente é o mesmo sugerir que uma mulher

independente e de posses tivesse viajado para uma cultura próspera nas margens do romanizado Mediterrâneo. Mas muito mais reveladora é a natureza do seu papel nestas histórias: é explicitamente retratada como uma pregadora. Como vimos, a Igreja dos primórdios referia-se a ela como «Apóstola dos Apóstolos», mas, na Idade Média, teria sido impensável atribuir tal papel a uma mulher. Se, tal como os críticos defendem, a lenda da Madalena francesa tivesse sido inventada por monges medievais, então dificilmente lhe teriam concedido o papel (por essa altura) categoricamente masculino de *Apóstola*, o que sugere que a história terá sido baseada numa memória real, ainda que romanceada ao longo dos séculos, da própria mulher. E é significativo que os historiadores estejam de acordo quanto ao facto de o cristianismo ter sido instaurado na Provença no século I.[24]

Tomando como base a cidade de Marselha, fomos visitar os principais locais associados à lenda da Madalena.

O caminho, tal como a própria história, começou em Saintes-Maries-de-la-Mer, que fica a cerca de duas horas de Marselha, no interior da Camarga, a zona pantanosa pontilhada por lagoas – *étangs* – onde a foz do Ródano se encontra com o Mediterrâneo. Saintes-Maries é a única vila numa região cuja restante área é eficientemente dedicada à criação de cavalos, algo por que a Camarga é célebre, e que serve também de refúgio a muitas espécies de aves aquáticas, incluindo bandos de flamingos que visitam esta costa vindos de África. É um lugar selvagem, carregado de nuvens de mosquitos ao anoitecer, e, após uma longa viagem pelos pântanos a partir de Arles, é uma espécie de choque chegar a Saintes-Maries e descobrir que se trata de uma efervescente vila turística, incluindo um parque de diversões, bares e restaurantes. Tal como o resto da Camarga, tem uma aura distintamente espanhola, incluindo até uma praça de touros – que, ali, fica junto à praia.

Semelhante a um galeão, a igreja de Notre-Dame de la Mer ergue-se abruptamente sobre os edifícios baixos da vila, e não é

surpresa nenhuma descobrir que esta igreja do século XII foi construída com fortificações: situada numa remota vila costeira, estava sob constante ameaça de piratas e outros inimigos.[25]

Três Marias são aqui veneradas: Maria Madalena, Maria Jacobi e Maria Salomé. A igreja tinha especial interesse para Renato de Anjou (1408-1480), rei de Nápoles e da Sicília e, segundo o Priorado de Sião, seu outrora Grão-Mestre. O «Bom Rei Renato», como ficou conhecido para a história, era um fervoroso devoto da Madalena, e obteve permissão do Papa para escavar a cripta. Encontrou dois esqueletos, que foram declarados como sendo os de Maria Jacobi e Maria Salomé, mas não encontrou qualquer vestígio da Madalena.

Nas entranhas da igreja, há um curioso altar dedicado a Sara, a Egípcia, supostamente a serva das Três Marias. Tradicionalmente tida como negra, é a santa padroeira dos ciganos, que acorrem à vila aos milhares a cada 25 de maio para um festival em sua honra. Diante da estátua de Sara, elegem a Rainha dos Ciganos desse ano, que é depois levada em procissão e cerimoniosamente mergulhada no mar. Como é natural, este acontecimento tornou-se uma grande atração turística na região e atraiu muitos nomes famosos ao longo dos anos – incluindo Bob Dylan, que se sentiu inspirado a escrever uma canção sobre a sua visita.[26]

Entre outros ilustres visitantes, conta-se um celebrado por uma placa na praça exterior à igreja: o Cardeal Angelo Roncalli (1881-1963), então embaixador do Vaticano em França e posteriormente Papa João XXIII. Houve quem alegasse que teria sido membro do Priorado de Sião, na altura em que Jean Cocteau detinha o título de João XXIII enquanto Grão-Mestre.[27]

Seguindo o que se diz ter sido o itinerário da própria Madalena, regressámos ao calor e ao bulício de Marselha, onde pregou. Das duas catedrais, que se encontram lado a lado, uma tem apenas 150 anos e ainda hoje é utilizada. Ainda que a sua decoração celebre o tema da Madalena, isto resulta supostamente das tradições e expetativas locais. O edifício mais velho, a Vieille Major, é de longe

o mais interessante dos dois e contém imagens aparentemente autênticas da vida e obra da santa na região. E, tal como na cúpula de Notre-Dame de France em Londres, o teto foi decorado de modo a parecer uma gigantesca teia de aranha. Contudo, considerada atualmente perigosa, esta catedral já não está aberta ao público.

Construída no século XII no local de um batistério do século V, está impregnada de antigo madalenismo. Não só tem uma capela especificamente dedicada a ela, como também a capela de São Sereno tem uma série de baixos-relevos retratando cenas da sua vida – encomendados por Renato de Anjou. Um deles mostra-a efetivamente a *pregar*, reforçando assim a sua imagem de Apóstola apresentada nos Evangelhos Gnósticos. E, uma vez que terá presumivelmente sido bem-sucedida na conversão dos «pagãos», deve ter havido alguém à mão para os batizar na fé cristã – mas quem? Será possível que a Apóstola dos Apóstolos tenha assumido ela mesma esse papel?

As tradições locais colocam-na a pregar nos degraus de um antigo templo de Diana. Este edifício não proporcionou, na verdade, os verdadeiros alicerces de nenhuma das catedrais de Marselha, mas diz-se que estaria situado no que é atualmente a Place de Lenche – num emaranhado de ruas a cerca de 200 metros dali. Nada existe aí que celebre a sua pretensão à fama histórica, mas há algo de persuasivo na insistência dos habitantes locais em que foi naquele banal ponto triangular que a Madalena em tempos pregou.

Para lá do Forte de São João Batista e do pitoresco porto antigo, com o seu mundialmente famoso, ainda que malcheiroso, mercado de peixe, fica a abadia de São Vítor. Trata-se de outro local religioso importante – desde o início do século V que existe aí um mosteiro, que foi, por sua vez, construído sobre um cemitério pagão. O edifício atual data do século XIII, mas a sua cripta é muito mais antiga e contém muitos sarcófagos ornamentados do período romano. A cripta contém também uma capela semelhante a uma gruta dedicada à Madalena. Para nós, porém, o aspeto mais fascinante deste local é a estátua do século XIII de Notre-Dame de

Confession. Com um menino nos braços, surge como sendo uma mulher negra. É uma das lendárias – e controversas – «Virgens Negras».

A leste de Marselha fica Sainte-Baume – a grande gruta onde se supõe que Maria Madalena terá terminado os seus dias como eremita. Uma estrada íngreme e sinuosa sobe abruptamente quase mil metros, antes de atingir um planalto e conduzir finalmente o visitante a um pequeno aglomerado de edifícios que constitui a aldeia de Sainte Baume. A partir daí, segue-se uma longa e quente caminhada pelos bosques até à gruta propriamente dita, atualmente um santuário católico. Não existem, porém, quaisquer revelações a obter daí, pois, tal como vimos, a Igreja enxertou Sainte-Baume na história da Madalena a fim de criar paralelismos com a vida de outra santa-prostituta, Maria Egipcíaca, e, aquando do suposto período aí passado pela Madalena, a gruta era um centro de culto a uma deusa pagã. O mito teve o valor redobrado de transformar a inconformista Madalena em alguém mais fácil de ser apadrinhado pela Igreja e de transformar um antigo local pagão num foco para os peregrinos cristãos.

A partir de Sainte Baume, a estrada segue para o suposto local da morte e inumação da Madalena, Saint-Maximin-la-Sainte-Baume, onde o seu festival anual estava em pleno andamento.

A gloriosa procissão da cabeça da Madalena começa com um serviço religioso na basílica de Sainte-Marie-Madeleine, após o que as relíquias, que normalmente estão fechadas na sacristia, são montadas em andores e levadas por um determinado percurso através das sinuosas e estreitas ruas da cidade de Saint Maximin. Uma banda de tambores e instrumentos de sopro, vestida com os trajes tradicionais provençais, encabeça o desfile, precedendo bispos, padres, monges dominicanos e figuras locais. Em jeito de «aquecimento», talvez, seguem-se dois andores com pequenas estátuas de santos menores. Depois, após uma longa espera, surge a cabeça propriamente dita. Adornada com pequenas medalhas de ouro em torno do dossel, a preciosa relíquia tem nitidamente uma

importância enorme. Habitantes com lanças mantêm em seu redor uma guarda simbólica, e é tal o seu poder de atração que vimos uma jovem que se esqueceu por completo de quaisquer ideias de modéstia e se debruçou da janela para a ver – sem nada vestido. (Haverá, talvez, quem diga que isto é apenas apropriado no que a esta santa específica diz respeito.)

De todos os locais onde a relíquia é levada, ergue-se o mesmo assombroso refrão dos clérigos oficiantes e da multidão, um hino especial a Maria Madalena, que culmina numa altaneira interpretação no interior da própria basílica, liderada pelo seu mundialmente famoso órgão. Mas serão toda esta exuberância e cerimónia mera fachada? Dizem-nos alguma coisa sobre a verdadeira Maria Madalena, a enigmática mulher do Novo Testamento que pode ter sido, na verdade, a esposa de Jesus?

As suas relíquias, diz-se, foram encontradas sepultadas na cripta da igreja de Saint Maximin, no dia 9 de dezembro de 1279, por Carlos II de Anjou, conde da Provença. O que se julgava ser o seu esqueleto foi descoberto num caro sarcófago de alabastro datado do século V. A explicação para este sepultamento tardio foi encontrada em documentos descobertos no seu interior – dizendo que, em 710 d.C., o corpo da Madalena tinha sido escondido noutro sarcófago para o proteger dos invasores sarracenos e foi só nessa data posterior que tudo foi esclarecido. O esqueleto continua no seu caixão de pedra na cripta da basílica, ainda que o crânio esteja no ornamentado relicário de ouro no interior da sacristia. Carlos de Anjou patrocinou a construção da basílica e – com a aprovação papal – pô-la também sob a proteção da Ordem Dominicana. O edifício, começado em 1295, foi aparentemente concluído 250 anos depois, mas – como tende a acontecer com as catedrais – nunca foi realmente terminado. A intenção original de Carlos fora fazer dele um centro para os peregrinos da Madalena, embora não viesse a atingir a mesma fama que, digamos, Santiago de Compostela.[28]

O comércio medieval de relíquias era, mesmo nessa altura, visto como infame entre as pessoas cultas, um flagrante exercício de

obtenção de dinheiro às custas da simples devoção. Milhares de peregrinos e crentes vertiam dinheiro nos cofres das autoridades da Igreja que alegassem ter nos seus recintos verdadeiras relíquias sagradas. Claro que as relíquias mais lucrativas eram, de longe, o corpo de um santo ou, pelo menos, parte dele. Onde quer que se fosse na Cristandade, era certo que se encontraria a unha do pé de um qualquer santo e o lóbulo da orelha de outro. A ironia é que até mesmo os mais cínicos e escandalosos expositores tinham dificuldade em convencer as hordas de peregrinos ansiosos de que tinham algo relacionado com o próprio Jesus, pois não ascendera ele corporeamente ao céu? O mais próximo que conseguiam arranjar eram espinhos da «coroa» ou lascas da Verdadeira Cruz – das quais existiam tantas que se estima que, se as juntássemos, formariam uma verdadeira floresta.

Hoje em dia, muito poucos comentadores, principalmente exteriores à Igreja Católica, têm qualquer dúvida em denunciar quase todas as supostas relíquias como falsas, admitindo até tratar-se de tão patéticos embustes que são uma verdadeira afronta. Infelizmente, os «ossos de Maria Madalena» em Saint Maximin são definitivamente falsos, e é possível provar sem margem para dúvidas que os documentos que aparentemente os autenticavam são manifestas falsificações – usam o sistema de datação vigente no século XIII, que é diferente do do século VIII, e não havia qualquer ameaça sarracena em França no período indicado.[29]

Existem, no entanto, elementos nesta história que sugerem que houve algo mais do que simples venalidade por detrás deste embuste. É verdade que a detenção de relíquias era um negócio lucrativo, mas no que aos alegados corpos de grandes figuras históricas diz respeito, existe frequentemente outro motivo envolvido. Os alegados restos mortais do rei Artur e da sua rainha, por exemplo, foram descobertos em Glastonbury no século XI. A maioria das pessoas julga ter-se tratado apenas de um estratagema do abade para colocar a sua abadia no mapa, mas havia outra dimensão. Na altura, os ingleses estavam envolvidos na conquista

de Gales e, para os galeses, o rei Artur era um herói lendário, símbolo da sua resistência, que, segundo a crença popular, não morrera, mas regressaria, algures no futuro, para tomar o partido dos galeses contra os seus inimigos. Ao apresentar o seu cadáver, os ingleses desferiram um golpe psicológico nos galeses.

Julgava-se que os ossos de Maria Madalena estariam em Vézelay, na Borgonha, para onde tinham sido levados da Provença e guardados sob o altar da abadia de Sainte-Marie-Madeleine, nunca mais tendo sido vistos. Então, em 1265, São Luís – um grande colecionador e venerador de relíquias – ordenou que fossem exumados e, dois anos depois, que fossem exibidos numa grande cerimónia, a que assistiu. Infelizmente, tudo o que os monges de Vézelay conseguiram apresentar foram alguns ossos num cofre de metal, não o esqueleto completo que se supunha terem.[30] (Esta história destaca-se pela absoluta falta de engenho revelada pelos monges nesta situação.) Enquanto sobrinho de Luís, Carlos II de Anjou, então com 19 anos, teria estado presente nesta cerimónia.

Após este evento, Carlos ficou convencido – por razões que continuam a ser um mistério – de que o verdadeiro corpo da Madalena continuava algures na Provença, e ficou obcecado por encontrá-lo. A sua paixão por ela sempre desconcertou os estudiosos, levando um historiador francês a escrever o seguinte: «Gostaríamos de saber de onde extraíra o príncipe esta devoção.»[31] Carlos ordenou as escavações sob a igreja de Saint Maximin, cavando com as próprias mãos. Ainda que as relíquias que acabaram por ser desenterradas, e que hoje são veneradas, sejam falsas, o que parece, a julgar pelas ações de Carlos, é que, se houve algum ardil envolvido, ele não foi o autor, mas sim o alvo. Existe, todavia, outra possibilidade: que a «descoberta» das relíquias em Saint Maximin tenha sido, na verdade, um estratagema deliberado para travar qualquer busca adicional por elas. Entretanto, Carlos e a sua família continuariam a procurar em segredo…

Quando os ossos foram encontrados, Carlos fez pressão sobre o Papa para que este reconhecesse oficialmente essas relíquias em

vez das de Vézelay – o que aconteceu em 1295 – e para que aprovasse a construção da basílica. Parece, contudo, que algo mais se passava, pois é sabido que Carlos fez os seus planos em reuniões secretas com os arcebispos locais. Estava também empenhado em que a Ordem Dominicana substituísse os Beneditinos que estavam já instalados em Saint Maximin, ainda que os primeiros estivessem relutantes em assumir o controlo e tivessem eventualmente de receber do Papa ordens para tal. A basílica foi colocada sob o controlo direto do Papa, não do arcebispo local, mas a mudança de tutela deparou-se com uma tão aguerrida resistência local que Carlos teve de enviar tropas para ajudar o novo mestre dominicano e os representantes do Papa e do rei quando tomaram oficialmente posse.[32] Um curioso resultado disto foi que os Dominicanos adotaram a Madalena como santa padroeira em 1297, com o epíteto de «filha, irmã e mãe» da ordem.[33]

Como vimos, Renato de Anjou, um descendente posterior de Carlos (e alegado Grão-Mestre do Priorado de Sião), tinha também a Madalena em alta estima. Diz-se que terá possuído uma taça ao estilo do Graal com a seguinte enigmática inscrição:

> Quem beber abundantemente verá Deus. Quem beber tudo de um só gole verá Deus e a Madalena.[34]

Maria Madalena tinha nitidamente uma grande e duradoura importância para a família de Anjou: mas há um mistério escondido no seu fervor por ela. O facto de Renato de Anjou ter feito escavações em Saintes-Maries-de-la-Mer – supostamente em busca dos restos mortais da Madalena – foi particularmente estranho, isto porque, 200 anos antes, Carlos de Anjou alegara tê-los encontrado em Saint Maximin. Parece que, apesar das pretensões rivais à posse dos seus restos mortais, ninguém os encontrou realmente.

Em Marselha, descobrimos uma das estranhas «Virgens Negras» que sabíamos estarem intimamente associadas à tradição da Madalena, ainda que não soubéssemos ao certo como ou porquê.

Estas estátuas religiosas são exatamente iguais às habituais representações da Virgem com o menino, mas, por algum motivo, a Virgem é retratada como tendo *a pele negra*. Não são, importa dizer, lá muito queridas pela Igreja, que as vê, no mínimo, com desconfiança, e existem muitas teorias a explicar o seu negrume. Que possível ligação poderiam ter com a Madalena, uma mulher que se presume ter sido do Médio Oriente – e que tradicionalmente se julga não ter tido filhos? Embrenhámo-nos mais no culto da Virgem Negra, na esperança de encontrarmos algumas pistas.[35]

Conhecidas também como Madonas Negras, cada uma destas estátuas tornou-se o centro de um culto onde quer que se encontrasse. Ainda que haja Virgens Negras espalhadas por grande parte da Europa, incluindo locais na Polónia e até mesmo no Reino Unido, a grande maioria – cerca de 65 %, segundo o estudo de 1985 de Ean Begg – encontra-se em França, estando a maioria destas situada no Sul.[36]

Ainda que estas estátuas continuem claramente a instigar um grande número de seguidores fervorosos, isto acontece a uma escala local e *nunca* é oficialmente reconhecido nem apoiado pela Igreja Católica. Existe nas Virgens Negras, como podemos confirmar por experiência própria, algo que é classificado como «não muito bom». Ean Begg escreve o seguinte no seu livro *The Cult of the Black Virgin* (1985):

> … foi inconfundível a hostilidade quando, a 28 de dezembro de 1952, durante [a apresentação de artigos] sobre as Virgens Negras à Associação Americana para o Avanço da Ciência, todos os padres e freiras presentes saíram.[37]

Refere em seguida que, exceção feita à hostilidade ativa, a maioria dos padres modernos professa falta de interesse ou ignorância sobre o tema, e não tem qualquer desejo de o investigar.

Durante a pesquisa para o seu livro, Begg visitou frequentemente locais conhecidos pelas suas Virgens Negras, para descobrir apenas que o sacerdote local afirmava não ter qualquer conhecimento de tal estátua, ou alegava que esta tinha

desaparecido de algum modo. Mas, onde quer que as Virgens Negras tenham existido ou continuem a encontrar-se, é derramado sobre elas um enorme amor e devoção por parte dos locais. O que têm então estes cultos que é tão desagradável ao catolicismo dominante?

Foram muitas as teorias apresentadas para explicar o seu negrume, do ridículo ao sublime, embora com uma forte inclinação para o primeiro. Ean Begg cita uma típica conversa entre um colega seu e um sacerdote sobre o tema. À questão «Padre, porque é que a Virgem é negra?», a resposta do sacerdote foi esta: «Meu filho, é negra porque é negra.»[38] Outras explicações incluem a condescendente sugestão de que essas estátuas só se tornaram negras com o passar dos séculos, por terem estado sujeitas a densas atmosferas provocadas pelo fumo das velas. Claro que o facto de todas as outras estátuas da mesma idade no mesmo local terem permanecido pelo menos *laváveis* levanta questões bastante óbvias. As pessoas não são ingénuas ao ponto de terem venerado por engano Virgens de cara suja com tão raro e especial fervor durante séculos. Além disso, a maioria destas estátuas foi, de facto, deliberadamente pintada de preto ou feita de um material negro, como o ébano; assim, é razoável supor que a intenção era que fossem negras.

Talvez mais plausível é a ideia de estas estátuas serem negras por terem sido trazidas pelos Cruzados de locais onde as pessoas tinham a pele negra. A verdade, contudo, é que a maioria das Virgens Negras foram efetivamente feitas nos locais onde viriam a ser adoradas, não tendo sido copiadas de um desenho trazido de exóticos países estrangeiros pelos Cruzados.

Existe depois uma outra teoria consideravelmente mais persuasiva. As Virgens Negras estão quase sempre associadas a locais *pagãos* muito mais antigos.[39] E, ainda que a cristianização desses locais tenha sido um fenómeno relativamente comum na Europa, a negrura dessas mesmas imagens sugere que representam a continuidade do culto pagão da deusa disfarçado de

cristianismo. É provavelmente por isso que a Igreja as trata com desdém, ainda que o fervor que lhes é atribuído torne esse culto quase impossível de banir. Além disso, para uma proibição fazer efeito – pelo menos hoje em dia –, teriam de ser apresentadas razões, o que só chamaria a atenção para o que tem vindo a acontecer há quase dois mil anos.

Como é evidente, as ligações pagãs não explicam por si só o porquê de as Virgens serem negras – apesar dos apologistas cristãos que alegam que tal ligação tem de ser pelo menos simbolicamente «tenebrosa». Mas muitos destes locais foram associados a deusas pré-cristãs como Diana e Cibele, representadas como negras durante o longo período em que foram adoradas.

Outra deusa que por vezes era representada como negra era Ísis, cujo culto se manteve durante grande parte da era cristã em torno do Mediterrâneo. Irmã de Néftis, era uma deusa multifacetada, cujos dons especiais incluíam a magia e a cura, e que estava intimamente associada ao mar e à Lua. O seu consorte, Osíris, que, enquanto deus do submundo e da morte, era representado também como negro, foi abominavelmente traído e morto pelo deus maligno Set, mas magicamente ressuscitado por Ísis a fim de gerar o seu filho, Hórus.

É sabido que os primeiros cristãos se apropriaram de grande parte da iconografia de Ísis para a Virgem Maria. Foram-lhe, por exemplo, atribuídos vários dos títulos de Ísis – como «Estrela do Mar» (*Stella maris*) e «Rainha do Céu». E, tradicionalmente, Ísis era representada sobre um quarto crescente, ou com estrelas no cabelo ou em torno da cabeça: tal como a Virgem Maria. Mas a imagem mais espantosamente similar é a da mãe com o seu filho. Os cristãos podem acreditar que as estátuas de Maria com o menino Jesus representam uma iconografia exclusivamente cristã, mas a verdade é que todo o conceito da Virgem com o menino estava já firmemente presente no culto de Ísis.[40]

Também Ísis era adorada como uma virgem sagrada. Mas, apesar de ser também a mãe de Hórus, isto não representava qualquer problema para as mentes dos seus milhões de seguidores. Pois enquanto se espera que os cristãos modernos aceitem o nascimento virginal como um artigo de fé *e* um verdadeiro acontecimento histórico, os seguidores de Ísis (Isíacos) e os outros pagãos não se deparavam com esse dilema intelectual. Para eles, Zeus, Vénus ou Ma'at podiam ou não ter percorrido em tempos a terra: o importante era o que *personificavam*. Cada membro do panteão reinava sobre a sua própria área da vida humana: a deusa egípcia Ma'at, por exemplo, lidava com o conceito de justiça, tanto no mundo material como quando as almas dos mortos fossem pesadas na balança. Os deuses eram entendidos como *arquétipos* vivos, não figuras históricas. Os Isíacos não perdiam o seu tempo à procura dos panos que podiam ter envolvido o corpo de Osíris, nem achavam que fosse importante descobrir as lascas da caixa onde ele estivera confinado. Longe de ser ignorante e pouco sofisticada, a sua religião parece ter tido uma compreensão profunda da psique humana.

Ísis era adorada como Virgem e Mãe – mas não como *Virgem* Mãe. Os Isíacos teriam considerado a ideia do nascimento virginal como francamente ridícula: os deuses podem ser capazes de realizar prodígios, mas não exigem aos seus seguidores que suspendam assim tanto a sua descrença. O culto da maioria das principais deusas enfatizava a sua feminilidade essencial dividindo-a em três aspetos centrais, cada um deles representativo do ciclo de vida das mulheres reais. Primeiro, vinha a Virgem, depois a Mãe, depois a Velha; estando as três também associadas à Lua Nova, à Lua Cheia e à Lua Escura. Cada deusa, incluindo Ísis, era entendida como representando a totalidade da experiência feminina, incluindo o amor sexual, podendo por isso ser invocada para ajudar uma mulher com qualquer tipo de problema – ao contrário da Virgem Maria, cuja suposta pureza é uma barreira impenetrável àquelas que gostariam de partilhar com ela os seus problemas sexuais.

Ísis, uma mulher plena, que representa a totalidade do ciclo de vida feminino, era por vezes representada como negra. E o seu culto era muito mais generalizado do que se poderia supor. Até em Paris, por exemplo, foi encontrado um templo dedicado a ela, e existem evidências que permitem supor que não se tratava de uma construção isolada. Ísis, a bela deusa-menina a quem as mulheres podiam rezar – de consciência tranquila – por absolutamente tudo, apelava a mulheres de todas as culturas. Quando surgiu a Igreja patriarcal, o seu primeiro instinto foi erradicar o culto pagão da deusa. Mas a ânsia por uma deusa manteve-se firme, representando uma ameaça para os Pais da Igreja. Foi, pois, permitida a existência da Virgem Maria como uma espécie de versão expurgada de Ísis, resolutamente desconhecedora dos imperativos biológicos, emocionais e espirituais das mulheres reais, uma deusa improvisada criada por misóginos para misóginos. Mas era improvável que a assexuada Virgem Maria tivesse roubado o poder a Ísis sem algum tipo de retaliação por parte dos seus seguidores. Como podia a boa mas essencialmente desengraçada mãe de Jesus ocupar totalmente o lugar da torneada Ísis – não apenas Virgem, Mãe e Velha, mas também iniciadora sexual e controladora dos destinos dos homens? Será possível que o culto de Maria Madalena, tal como o da Virgem Negra, que tão desprezado é pela Igreja, esconda na verdade uma ideia muito mais antiga e completa da condição feminina?

É sabido que os locais onde existem estátuas da Virgem Negra estão associados a antigos locais pagãos – mas existe outra ligação que não é tão conhecida. Estas enigmáticas estátuas e os seus cultos intemporais parecem proliferar sucessivamente junto ao de Maria Madalena. A célebre estátua negra de Santa Sara, a Egípcia, por exemplo, está em Saintes-Maries-de-la-Mer – o preciso local onde se diz que a Madalena terá desembarcado após a sua viagem da Palestina. E em Marselha existem nada menos que três Virgens Negras, uma delas na cripta da basílica de São Vítor, imediatamente à entrada da capela subterrânea consagrada a Maria Madalena. Há

uma outra imagem na «sua» igreja em Aix-en-Provence (perto do local onde se julga que terá sido sepultada) e ainda uma outra na igreja principal dessa cidade, Saint-Sauveur.

A ligação entre o culto de Maria Madalena e o da Virgem Negra é inegável. Ean Begg nota que pelo menos cinquenta centros do primeiro contêm também altares à Virgem Negra.[41] Uma análise ao mapa dos locais da Virgem Negra em França mostra que a maior concentração é na zona de Lyons/Vichy/Clermont-Ferrand, centrados numa cadeia de colinas chamada Monts de la Madeleine. Elevadas concentrações de locais da Virgem Negra encontram-se também na Provença e no leste dos Pirenéus, ambas regiões intimamente associadas à lenda da Madalena – pelo que é clara a ligação entre os dois cultos, ainda que a razão para tal o seja menos.

Aqui, deparamo-nos de novo com o Priorado de Sião, dado que – ainda que isto não seja do conhecimento geral – este se interessa particularmente pelo culto da Virgem Negra. (É curioso que isto não seja mencionado em *O Sangue de Cristo e o Santo Graal*, pois dois dos seus autores, Michael Baigent e Richard Leigh, escreveram artigos sobre o tema para a revista semanal *The Unexplained* na mesma altura em que o seu livro foi publicado.)[42] Vários dos locais associados ao Priorado têm as suas próprias Virgens Negras, como Sion-Vaudémont e o local onde os seus membros se encontram tradicionalmente para eleger Grão-Mestres, Blois, no Vale do Loire.[43]

O culto da Virgem Negra é fundamental para o Priorado. Os seus membros destacam a de Goult, perto de Avignon, para especial veneração: é conhecida como «Notre-Dame des Lumières» (Nossa Senhora das Luzes).[44] Para eles, pelo menos, não existem dúvidas sobre a verdadeira importância da Virgem Negra. Pierre Plantard de Saint-Clair escreve-o explicitamente: «*A Virgem Negra é Ísis* e o seu nome é Notre-Dame de Lumière.»[45]

Parece haver aqui uma discrepância, pois que possível ligação pode existir entre Ísis/as Virgens Negras e a obsessão do Priorado

com a linhagem merovíngia? Plantard de Saint-Clair explica a ligação entre o Priorado e as Virgens Negras alegando que o seu culto era promovido pelos merovíngios. Mesmo suspendendo a descrença quanto à realidade da linhagem, isto não bate muito certo com as pretensões de esta ser descendente dos judeus da linhagem de David. Begg observa outra discrepância: ainda que a veneração de Ísis por parte do Priorado moderno possa ser vista como uma tentativa de se munirem de uma ascendência que remonta ao período romano e mais além, as deusas adoradas na Gália eram sobretudo Cibele e Diana, não Ísis. Plantard de Saint-Clair insiste que o envolvimento do Priorado é especificamente com Ísis – mas porquê? Begg sugere que pode tratar-se de um mecanismo para insinuar alguma importante ligação com o antigo Egito.[46]

Se existe uma figura lendária capaz de dar resposta a este enigma, ou que represente a ponte entre as tradições pagãs e cristãs que se unem no culto da Virgem Negra, essa figura é decerto Maria Madalena. Vimos como é importante para o Priorado, que vê Ísis nas Virgens Negras. Mas porque haveria ao certo esta famosa penitente cristã de ter sido associada a antigos locais pagãos?

Uma pista pode estar no Cântico dos Cânticos, a coleção de poesia erótica que, bizarramente, se encontra incluída no Antigo Testamento e que é tradicionalmente atribuída ao rei Salomão, escrita em louvor dos sumptuosos encantos da Rainha de Sabá. E, estranhamente, uma destas passagens é lida nas igrejas católicas no dia da Madalena. Diz assim (Cântico dos Cânticos 3:1-4):

> De noite, no meu leito, procurei aquele que a minha alma ama: procurei-o, mas não o encontrei.
>
> Erguer-me-ei agora, e percorrerei as ruas da cidade, e nos amplos caminhos buscarei aquele que a minha alma ama: procurei-o, mas não o encontrei.
>
> Encontraram-me os sentinelas que faziam a ronda na cidade, a quem perguntei: vistes aquele que a minha alma ama?

> Pouco depois de ter passado por eles, encontrei aquele que a minha alma ama: abracei-o e não o larguei, até o ter conduzido à casa de minha mãe e à alcova daquela que me concebeu.

Desde os primeiros anos da era cristã que o Cântico dos Cânticos tem sido associado à Madalena.[47] Nesse caso, talvez haja alguma outra ligação escondida nos versículos, pois põem também a amada a dizer «Sou negra, mas formosa», o que é ainda uma outra ligação ao culto da Virgem Negra[48] e, a acreditar no que o Priorado diz a esse respeito, à deusa egípcia Ísis.

Era desconcertante, pois, se parecem existir poucas ligações óbvias entre a Madalena e as Virgens Negras, são também poucas as que existem entre a santa e o Cântico dos Cânticos. Ainda que, tal como a amada que se lamenta nestes versos, Ísis tenha partido em busca do seu marido, Osíris, que possível paralelismo pode existir na história de Maria Madalena? De início, parecem não existir respostas diretas. Parece que nenhum conjunto de variantes bate certo com todos os factos conhecidos.

Existe outro elemento ainda mais confuso a ter em conta. A Provença, lar do madalenismo e de várias Virgens Negras, está também impregnada de uma forte presença de outra figura importante do Novo Testamento – João Batista. Ficámos impressionados com o número de igrejas a ele consagradas e de locais batizados em sua honra na mesma região. Em Marselha, além de uma igreja dedicada ao Batista, existe o antigo forte de São João, dos Cavaleiros Hospitalários, que ainda guarda a entrada para o porto. Em Aix-en-Provence, temos a grande igreja de São João de Malta; na parede de uma casa na rua que conduz até lá, existe um baixo-relevo da decapitação de João. Viríamos a deparar-nos com o mesmo inexplicável fenómeno noutros pontos das nossas viagens: a maioria dos locais associados à Madalena continha também um número acima da média de igrejas consagradas a João Batista. Talvez tenha sido esta aparentemente estranha ligação que levou Ean Begg a fazer a seguinte observação:

> … a história da Virgem Negra pode incluir também um segredo herético, com o poder de chocar e espantar até os atuais comportamentos pós-cristãos, um segredo que envolve, além disso, forças políticas que são ainda influentes na Europa moderna.[49]

Claro que a prevalência de edifícios consagrados a João Batista pode ser facilmente explicada pelo facto de os Cavaleiros Hospitalários (posteriormente conhecidos como Cavaleiros de Malta) sempre terem tido por ele uma veneração específica, tendo tido uma forte presença na região. Mas outra grande ordem de cavalaria que era uma força de peso no sul de França era a dos mais célebres Cavaleiros Templários – e também eles prestavam especial homenagem ao Batista.

Enquanto estávamos na Provença, não podíamos perder a oportunidade de visitar a zona de Saint-Jean-Cap-Ferrat, onde Jean Cocteau estabelecera o seu lar. A viagem de Marselha a Nice pareceu demorar uma eternidade, apesar de ser apenas um pouco mais acima na linha costeira em direção à mais elegante cidade-estado do Mónaco. Saint-Jean-Cap-Ferrat fica no extremo de uma península e o seu historial de ter servido de refúgio a luminares do cinema como David Niven evoca inevitavelmente imagens cinematográficas. Exibe decerto algumas das mais ricas residências que é possível imaginar como cenário de um filme de James Bond[50] – e um certo Château St Jean, que se ergue quase ameaçadoramente atrás das suas sinistras sombras, parece algo saído de um filme de Hitchcock. Mas mesmo neste recreio dos ricos e famosos, nem tudo é tão materialista como parece: e a ênfase local em «Saint Jean» não é nenhum acidente.

A aldeia propriamente dita tem uma igreja consagrada a João Batista, que é o santo em cuja honra a região foi designada. Isto deve-se, mais uma vez, à presença dos Cavaleiros de Malta, cuja capela de Saint-Hospice se ergue ainda no local do seu forte original no extremo da península, a Ponta de São João – nitidamente um excelente local para ficar de vigia. As paredes da capela estão

enfeitadas com várias placas a celebrar as visitas de vários Grão-Mestres da sua ordem ao longo dos anos, e a área exterior exibe o nome de «Place des Chevaliers de Malte» (Praça dos Cavaleiros de Malta). Esta é dominada pela enorme estátua em bronze de uma Virgem com o menino, que, apesar de ter adquirido uma pátina nitidamente verde-escura, é conhecida localmente como *La Vierge Noire* – a Virgem Negra. Com mais de 5 metros de altura, há quase um século que olha para o mar. Eis aqui esse estranho fenómeno da relação aparentemente simbiótica entre os locais dedicados à Virgem Negra e os consagrados ao Batista.

É, contudo, no território vizinho que encontramos uma inesperada ligação ao Priorado de Sião. Na pequena vila de Villefranche-sur-Mer existe uma capela de tamanho modesto junto ao porto que é utilizada pela comunidade piscatória. Devido a essa associação, está consagrada a São Pedro (o «Grande Pescador»), mas, para nós, o seu principal interesse está na identidade do criador da sua notável decoração – foi projetada e executada por Jean Cocteau, que a concluiu em 1958, ainda que há já muitos anos fosse um sonho seu. Acabou por ser pessoalmente responsável por todos os aspetos da decoração da capela, incluindo o reboco das paredes e o desenho dos castiçais. E o resultado final é francamente *estranho*. Há uma vaga semelhança com a decoração de um templo maçónico, ainda que as imagens sejam consideravelmente mais surreais. Olhos pintados fitam de toda a parte: existem olhos gigantes de cada lado do altar, mas também uma hoste de olhos mais pequenos espalhados de forma livre pelo espaço, e figuras peculiares – como a de uma mulher que, muito deliberadamente, aponta três dedos ao observador – adornam as paredes.

De todos os aglomerados de figuras e símbolos bizarros na capela, contudo, houve um em particular que nos chamou a atenção: mostra figuras de ciganos a dançar na companhia de uma rapariga semelhante a uma deusa – nitidamente uma alusão à cerimónia anual de Saintes-Maries-de-la-Mer. É uma referência estranha para se encontrar do outro lado da Provença, e numa

capela dedicada a São Pedro – que, segundo os Evangelhos Gnósticos, era o inimigo da amada do Priorado, Maria Madalena.

Cocteau decorou a sua capela imediatamente após ter trabalhado no mural em Londres, e em ambos os casos o visitante parte com uma sensação de inquietude, como se mensagens subliminares lhe comunicassem, a um nível inconsciente, algo que é muito diferente da mensagem supostamente contida nos edifícios cristãos.

Cerca de 35 quilómetros a norte do luxo de Nice fica um aglomerado de aldeias que fazem parte do emergente padrão de coexistência de locais associados à Madalena e a João Batista. Ao longo do vale do rio Vésubie passa a outrora importante rota que vai dos Alpes até à costa, e é perto desta região que encontramos sugestivos nomes de locais com as mesmas associações que encontrámos perto de Saint-Jean-Cap-Ferrat. A aldeia de Sainte-Madaleine [*sic*], por exemplo, fica perto dos lugares de *Marie* e de *St Jean*.

Não é tudo. Nessa mesma região, situa-se a antiga vila templária de Utelle, cujas casas medievais exibem ainda os símbolos esotéricos dos alquimistas, e mais acima no vale fica Roquebillière, outro povoado da irmandade de cavalaria. A vila maior é Saint-Martin-de-Vésubie, local de um lendário massacre de Templários em 1308.[51]

É o lar de uma célebre Virgem Negra: *La Madone des Fenestres* (a Virgem das Janelas, ainda que a sua verdadeira derivação seja contestada), que foi introduzida na região pelos Templários. Mas diz a tradição local que a estátua foi trazida para França por Maria Madalena.[52] E ainda que as lendas não tenham necessariamente qualquer base factual, é interessante que as gentes locais tenham aparentemente achado natural fazer associações entre a Madalena, o culto da Virgem Negra e os Templários.

Do outro lado do vale, frente a Saint-Martin-de-Vésubie, fica a aldeia de Venanson, onde a capela de Saint Sébastien se ergue em cima de uma rocha sobre a única estrada. Lá dentro, exibe um retrato de São Grato, outrora bispo local, a segurar a cabeça de

João Batista. A apenas 5 quilómetros desta capela, na aldeia de Saint-Dalmas, ergue-se a igreja templária de Sainte-Croix, um dos mais antigos edifícios religiosos franceses. As suas paredes exibem retratos de Salomé a apresentar a cabeça de João Batista à sua mãe Herodíade e ao seu padrasto Herodes.

Claro que muitas igrejas, tanto católicas como protestantes, têm algum tipo de representação do Batista, mas geralmente mostram João a batizar Jesus. Muito poucas mostram cenas da decapitação de João ou exibem a sua cabeça decapitada, pois só nos lugares onde é particularmente venerado é que esse tipo de imagem é considerado apropriado. Nesta região francesa, contudo, existe uma série de retratos desse tipo – o que não é, de todo, um acaso, pois, como vimos, é um território onde em tempos existiu uma grande concentração de templários e ordens associadas. João Batista sempre foi conhecido como o padroeiro dos Templários, sendo, pois, especialmente venerado por eles. Mas porque era João Batista tão importante para os Templários e para os Cavaleiros de Malta? Essa questão viria a assumir uma maior importância com o progredir da nossa investigação.

A nossa viagem à Provença revelara a existência de algo substancial por trás das lendas regionais da Madalena, mas permitira-nos também fascinantes vislumbres de algo mais antigo, maior, mais organizado – talvez até mais obscuro. À medida que seguíamos os seus passos, começámos a encontrar camada após camada de associações esotéricas, remontando por vezes há séculos. Onde quer que a Madalena estivesse, havia geralmente uma Virgem Negra, e onde quer que esse culto tivesse atuado, existira em tempos um próspero santuário a uma deusa pagã. Os outros fios da teia ligavam este triunvirato feminino ao Priorado de Sião e – inexplicavelmente – à veneração dos Templários por João Batista.

Nessas primeiras etapas da nossa investigação, reconhecemos a existência de tais ligações, mas não conseguimos dar-lhes grande sentido. Por vezes, receámos nunca o conseguirmos vir a fazer.

Mas, ao persistirmos na nossa pesquisa, factos, lendas e personagens aparentemente irreconciliáveis começaram a encaixar no retrato global – e era uma imagem de que o próprio Leonardo se poderia ter orgulhado.

Sem qualquer ideia de quão perturbadores viriam a ser os nossos derradeiros achados, deixámos a Provença para trás e embrenhámo-nos mais a fundo no coração da heresia europeia.

Capítulo Quatro

O CORAÇÃO DA HERESIA

As lendas da Madalena estendem-se para lá da Provença, ainda que os locais associados à sua vida terrena em França se encontrem apenas aí. No Sul, abundam histórias a seu respeito, estando particularmente concentradas junto aos Pirenéus, no Sudoeste, e na região de Ariège. E é para estas terras que se diz que ela terá levado o Santo Graal. Previsivelmente, são também o lar de muitas Virgens Negras, sobretudo no leste dos Pirenéus.

Seguindo para oeste com Marselha atrás de nós, aproximámo-nos da região de Languedoc-Roussillon, em tempos a área mais rica de França e atualmente uma das mais pobres. Neste território despovoado, a terra parece ecoar com os nossos pensamentos e pouco mais durante quilómetro atrás de quilómetro, apesar do crescente número de turistas que vêm beber da sua sanguinária história – para não falar do vinho local. E ainda que, como bons europeus, tenhamos dado o nosso próprio contributo para a economia local, estávamos lá, acima de tudo, para examinar o passado.

Estão por todo o lado as provas da história turbulenta da região. Castelos em ruínas e antigas cidadelas, despedaçadas por ordem de reis e papas, cobrem a paisagem e falam de brutalidades que ultrapassam até a habitual tendência medieval para reinar pela atrocidade. Pois se existe na Europa algum lugar que possa ser descrito como um lar para a heresia, esse local é Languedoc-Roussillon. E foi este simples facto histórico o responsável pelo empobrecimento sistemático da zona. Exceto em regiões como a Bósnia e a Irlanda no Norte, raramente a religião deixou de forma tão óbvia a sua marca nos destinos de um país.

Antes conhecida apenas como Languedoc – de *Langue d'Oc*, o idioma local –, estendia-se da Provença até à zona entre Toulouse e o leste dos Pirenéus. Até ao século XIII, não fazia propriamente parte de França, sendo governada pelos condes de Toulouse, que, ainda

que nominalmente vassalos dos reis de França, eram, na prática, ainda mais ricos e poderosos.

Nos séculos XI e XII, esta região era a inveja da Europa pela sua civilização e cultura. A sua arte, literatura e ciência eram, de longe, as mais avançadas do seu tempo – mas, no século XIII, esta brilhante e resplandecente cultura foi despedaçada por uma invasão do norte bárbaro, causando um fervilhante ressentimento que persiste até aos dias de hoje. Muitos dos habitantes continuam a preferir ver este território como Occitânia, o seu antigo nome. É, como viríamos a descobrir, uma região com uma memória particularmente longa.

O antigo Languedoc sempre foi um centro nevrálgico para ideias heréticas e heterodoxas, provavelmente porque uma cultura que incentiva à busca de conhecimento tende a tolerar pensamentos radicalmente novos.

Uma parte essencial deste meio eram os trovadores – esses menestréis itinerantes cujas canções de amor eram essencialmente hinos ao Princípio Feminino. Toda esta tradição do amor cortês se centrava na feminilidade idealizada e *na* mulher ideal, a Deusa. Podem ter sido românticas, mas as canções dos trovadores transmitiam também verdadeiro erotismo. A influência do movimento estendeu-se, porém, para lá do Languedoc, tendo sido particularmente bem-sucedido na Germânia e nos Países Baixos, onde os trovadores eram conhecidos como *minnesingers* – literalmente «cantores das damas», ainda que essa palavra tenha aqui o significado de uma mulher idealizada ou arquetípica.

O Languedoc assistiu ao primeiro ato de genocídio europeu quando mais de 100 mil membros da heresia cátara foram massacrados por ordem do Papa durante a Cruzada Albigense (cujo nome veio da cidade de Albi, uma fortaleza cátara). Foi especificamente para o interrogatório e extermínio dos Cátaros que a Inquisição foi inicialmente criada. Talvez seja apenas por a Cruzada Albigense ter tido lugar no século XIII que o seu impacto nunca esteve nem perto do de outros holocaustos mais recentes.

Muitos dos locais, contudo, ainda se exaltam com esta questão, chegando mesmo alguns deles a sugerir que houve um encobrimento oficial ao longo dos séculos, uma conspiração para impedir a história dos Cátaros de ser mais conhecida.

Além dos Cátaros, a região era, e sempre foi, um centro de alquimia, e várias aldeias atestam as preocupações alquímicas dos seus antigos residentes, nomeadamente Alet-les-Bains, perto de Limoux, onde as casas continuam a ser decoradas com símbolos esotéricos. Foi também em Toulouse e Carcassonne que surgiram as primeiras acusações conhecidas de participação no chamado Sábado das Bruxas, nos anos 1330 e 1340. Em 1335, em Toulouse, 63 pessoas foram acusadas de bruxaria, sendo-lhes extraídas confissões pelos habituais métodos eficazes. A líder era uma jovem chamada Anne-Marie de Georgel, que se julga ter falado pelos outros ao descrever as suas crenças. Disse que viam o mundo como um campo de batalha entre dois deuses, o Senhor do Céu e o Senhor deste Mundo. Ela e os outros apoiavam este último, pois julgavam que ele ia vencer. Para os juízes eclesiásticos, pode ter-se tratado de «bruxaria», mas era gnosticismo, puro e simples. Outra mulher, igualmente acusada, disse ter assistido ao «Sábado» a fim de «servir os Cátaros na ceia».[1]

São muitos os elementos pagãos que sobrevivem nesta zona, e encontram-se nos locais mais surpreendentes. Pois, ainda que seja possível encontrar esculturas do «Homem Verde» – o deus da vegetação que era venerado na maioria das regiões rurais da Europa – em muitas igrejas de resto cristãs, como a Catedral de Norwich, este não é geralmente retratado como descendente de uma deusa do Antigo Testamento. Como escrevem A.T. Mann e Jane Lyle:

> Pela catedral pirenaica de Saint-Bertrand-de-Comminges, Lilith conseguiu ir parar a uma igreja: uma escultura retrata aí uma mulher alada e com pés de ave a dar à luz uma figura dionisíaca, um Homem Verde.[2]

A mesma pequena vila alega ter sido o local de sepultura de nada menos que Herodes Antipas, o monarca palestiniano que mandou executar João Batista. Segundo Josefo, o cronista judeu do século I, o perverso triunvirato composto por Herodes, pela ardilosa Herodíade, sua esposa, e pela sua enteada Salomé – a da suposta «Dança dos Sete Véus» – foi exilado para a cidade romana de Lugdunum Convernarum, na Gália, que é atualmente Saint-Bertrand-de-Comminges. Herodes desapareceu sem deixar rasto, mas Salomé morreu num riacho nas montanhas e Herodíade continuou a viver nas lendas locais, tornando-se a líder de assembleias de «bruxas noturnas».[3]

Outra colorida lenda do Languedoc diz respeito à «Rainha do Sul» (*Reine du Midi*), um dos títulos das condessas de Toulouse. Segundo a tradição, a protetora de Toulouse é *La Reine Pedauque* (a Rainha com Pés de Ganso). Pode ser um trocadilho, na esotérica «linguagem dos pássaros», em referência ao Pays d'Oc, mas investigadores franceses associaram esta figura à deusa síria Anat, que está, por sua vez, intimamente ligada a Ísis.[4] E há também a óbvia associação à Lilith de pés de ave.

Outra figura lendária da região é Meridiana. O seu nome parece associá-la tanto ao Meio-Dia como ao Sul (ambos *midi* em francês). A sua mais célebre aparição teve lugar quando Gerbert d'Aurillac (c. 940-1003), que posteriormente se viria a tornar no Papa Silvestre II, viajou para Espanha a fim de aprender os segredos da alquimia. Silvestre, que tinha uma cabeça oracular falante, recebeu a sua sabedoria desta Meridiana, que lhe ofereceu «o seu corpo, riquezas e a sua sabedoria mágica»[5] – nitidamente algum tipo de conhecimento alquímico e esotérico comunicado através da iniciação sexual. A autora e investigadora americana Barbara G. Walker[6] associa o nome de Meridiana a «Maria-Diana», ligando assim esta multifacetada deusa pagã às lendas da Madalena no sul de França.

Foi também o Languedoc a servir de base ao que foi, de longe, a maior concentração de Cavaleiros Templários na Europa até à sua

supressão no início do século XIV, estando a região ainda pejada das sugestivas ruínas dos seus castelos e comandos.

Se, tal como suspeitávamos, existiam muitos mais ramos «heréticos» do culto da Madalena do que os que tínhamos encontrado na Provença, então seria decerto ali que os encontraríamos. Uma das primeiras grandes cidades por que iríamos passar na autoestrada a partir de Marselha vira certamente paixões incríveis serem despertadas em seu nome – e milhares de pessoas tinham sido horrivelmente executadas devido ao significado que tinha para elas.

Béziers pertence atualmente ao departamento de Hérault na região de Languedoc-Roussillon, uma populosa cidade a cerca de 10 quilómetros do Golfo de Leão, no Mediterrâneo. Mas, em 1209, todos os habitantes da cidade foram implacavelmente perseguidos e mortos pelos cruzados albigenses. Mesmo para os sanguinários – e muitas vezes francamente bizarros – anais desta extensa campanha, esta é uma história particularmente estranha.

A história foi contada por vários comentadores contemporâneos, mas limitar-nos-emos aqui à versão de Pierre des Vaux-de-Cernat, um monge cisterciense que a escreveu em 1213.[7] Não esteve pessoalmente presente nos acontecimentos, mas baseou o seu relato nos de cruzados que lá estiveram.

Béziers tornara-se como que um núcleo para hereges, razão pela qual, quando os cruzados atacaram, havia um enclave de 222 cátaros a viver lá, sem serem incomodados pela população em geral.[8] Embora não se saiba se o próprio conde de Béziers era ou não um cátaro ou apenas um simpatizante, o que é certo é que nada fez para os perseguir ou suprimir, e foi isso que enfureceu particularmente os cruzados.

Exigiram que os habitantes da cidade – católicos comuns – entregassem os cátaros ou saíssem da cidade para que fosse mais fácil lidar com os restantes. Ainda que esta exigência tivesse sido feita sob pena de excomunhão – o que não era algo de pouca monta, nesses dias em que o inferno era bastante real – e a opção

alternativa parecesse suficientemente generosa, na medida em que era dada aos católicos uma oportunidade de escapar ao iminente massacre, aconteceu algo espantoso. *Os habitantes da cidade recusaram-se a aceder a qualquer das exigências.* Tal como escreveu Vaux-de-Cernat, preferiram «morrer como hereges a viver como cristãos». E segundo o relatório enviado ao Papa pelos seus representantes, as gentes da cidade juraram defender os hereges.

Assim, em julho de 1209, os cruzados marcharam sobre Béziers e, sem dificuldades, tomaram a cidade e mataram todos quantos nela se encontravam – homens, mulheres, crianças e sacerdotes –, tendo o local sido incendiado. Entre 15 000 e 20 000 pessoas foram aí massacradas: destas, só duzentas eram hereges. «Nada os podia salvar, nem cruz, nem altar, nem crucifixo.» Foi aqui que os cruzados perguntaram aos legados papais como distinguiriam os hereges dos restantes habitantes da cidade, tendo recebido a hoje célebre resposta: «Matai-os a todos. Deus conhecerá os seus.»

Ainda que seja fácil entender que os habitantes pudessem ter querido defender a sua cidade contra as caraterísticas depredações de um exército, importa recordar que lhes tinha sido dada a oportunidade de partir e que, se era a segurança das suas propriedades o mais importante nos seus pensamentos, então podiam ter simplesmente entregado os hereges e regressado às suas vidas quotidianas sem olhar para trás. Mas ficaram e assinaram duplamente as suas sentenças de morte ao prestarem ativamente um juramento de apoio aos cátaros. O que se passava realmente em Béziers?

Em primeiro lugar, temos de ter em conta a data exata do massacre. Foi no dia 22 de julho – o dia de Maria Madalena, que é indicado por todos os autores contemporâneos como tendo uma importância singular. E fora na igreja de Maria Madalena em Béziers que, 40 anos antes, o senhor local, Raimundo I de Trencavel, tinha sido assassinado – ainda que a razão para tal permaneça incerta. Mas pelo menos em Béziers a ligação entre a Madalena e a heresia

não era acaso nenhum, e dá-nos uma visão do contexto global da Cruzada Albigense.

Como escreveu Pierre des Vaux-de-Cernat:

> Béziers foi tomada no dia de Santa Maria Madalena. Oh, suprema justiça da Providência…! Os hereges alegavam que Santa Maria Madalena fora a concubina de Jesus Cristo… Foi, pois, com justa causa que estes cães nojentos foram vencidos e massacrados durante o dia daquela a quem haviam insultado…

Por mais chocante que esta ideia possa ter sido para o bom monge e para os cruzados, não era obviamente tal coisa para a vasta maioria dos habitantes da cidade, que se tinham ativamente posto do lado dos hereges *até à morte*. Nitidamente, esta crença era uma tradição local, com um poder quase único sobre os corações e as mentes das pessoas. Como vimos, os Evangelhos Gnósticos e outros textos antigos não hesitam em descrever a relação entre Maria Madalena e Jesus como manifestamente sexual. Mas como tinham aquelas gentes medievais francesas ficado a saber disso? Os Evangelhos Gnósticos ainda não tinham sido descobertos (e, mesmo que tivessem, é improvável que lhes tivessem sido disseminados). De onde vinha, então, esta tradição?

Este episódio funcionou como abertura para toda a Cruzada Albigense, que viria a devastar o Languedoc durante mais de 40 anos, causando cicatrizes tão profundas na psique coletiva das pessoas que não é de todo fantasioso detetá-las ainda. Quem eram então ao certo estes Cátaros, cujas crenças viriam a fazer com que toda uma cruzada fosse montada contra eles? O que representava um tão grande terror para as autoridades que levou a que a Inquisição fosse criada especificamente como arma contra eles?

Ninguém pode precisar com exatidão a génese da fé cátara, mas rapidamente se tornou um poder a ter em conta no Languedoc do século XI. Para os languedocianos, os Cátaros não eram tratados com o desdém nem com o escárnio com que a nossa própria cultura tende a abordar os cultos religiosos minoritários; eram a religião

dominante da zona e tratados localmente com o máximo respeito. Todas as famílias nobres da região eram assumidamente cátaras ou então simpatizantes que os apoiavam ativamente. O catarismo era praticamente a religião oficial do Languedoc.[9]

Conhecidos como *Les Bonhommes* ou *Les Bons Chrétiens* – bons homens ou bons cristãos –, os Cátaros pareciam não ter ofendido ninguém. Os comentadores modernos, principalmente aqueles que têm uma perspetiva *New Age*, alegam que os Cátaros representavam uma tentativa perfeita de regressar às bases do cristianismo. Ainda que, como veremos, tenham absorvido muitas outras ideias e tivessem a sua própria ideologia algo confusa, é verdade que o seu modo de vida era uma tentativa de obedecer aos ensinamentos de Jesus. Acusavam a Igreja Católica de se ter desviado demasiado do conceito original do movimento de Jesus. Viam como anátema a riqueza e a pompa da Igreja, que entendiam como contrárias ao que Jesus pretendia para os seus seguidores. À superfície, então, podem parecer ter sido os precursores do movimento protestante, mas, apesar de certas semelhanças, não foi esse o caso.

Os Cátaros levavam vidas muito simples. Preferiam reunir-se ao ar livre ou em casas normais em vez de nas igrejas, e embora tivessem uma hierarquia administrativa que incluía bispos, todos os membros batizados eram espiritualmente iguais e vistos como sacerdotes. O mais surpreendente, talvez, para aqueles dias, era a sua ênfase na igualdade dos sexos, ainda que o culto Languedoc tivesse já para com as mulheres uma atitude mais esclarecida do que o normal. Eram piscitarianos (por razões ligeiramente insensatas, como discutiremos mais tarde) e pacifistas, e acreditavam numa forma de reencarnação. Eram também pregadores itinerantes, que viajavam aos pares, vivendo na máxima pobreza e simplicidade, parando para ajudar e curar sempre que podiam. Em muitos aspetos, os Bons Homens não pareciam representar qualquer ameaça para ninguém – exceto para a Igreja.

Essa organização encontrou muitos motivos para perseguir os Cátaros. Eram vociferantemente antagónicos ao símbolo da cruz, que viam como uma macabra e doentia lembrança do instrumento que torturara Jesus até à morte. Odiavam também todo o culto aos mortos e o seu associado comércio de relíquias – que era, no seu tempo, uma importante forma de encher os cofres de Roma. Mas a principal razão para os Cátaros terem caído em desgraça junto da Igreja foi o facto de se recusarem a reconhecer a autoridade do Papa.

Durante todo o século XII, vários concílios da Igreja condenaram os Cátaros, mas foi em 1179 que eles e os seus protetores foram finalmente considerados «anátema». Até então, a Igreja enviara missionários específicos – talentosos oradores da época – para tentar trazer os languedocianos de volta à «verdadeira fé», mas essas missões foram recebidas com apatia. Até o grande São Bernardo de Claraval (1090-1153) foi enviado à região, para voltar exasperado com a sua intransigência. Significativamente, no entanto, o relatório que fez ao Papa teve o cuidado de explicar que, ainda que os Cátaros estivessem doutrinalmente errados, se fosse a «examinar o seu modo de vida, nada encontrareis de mais irrepreensível».[10] O facto de até os inimigos dos Cátaros terem de admitir que o seu estilo de vida era exemplar viria a ser um aspeto comum em toda a cruzada.

A tática seguinte da Igreja foi tentar vencer os hereges no seu próprio jogo, ao enviar a sua própria versão dos pregadores itinerantes. Entre os primeiros, em 1205, esteve o famoso Domingos de Gusmão, um monge espanhol que viria a fundar a Ordem dos Pregadores (posteriormente Ordem de São Domingos, cujos membros viriam, ainda mais tarde, a gerir a Santa Inquisição).

Os dois lados defrontaram-se então numa série de disputas abertas, uma espécie de debates públicos mortais que nada resolveram. Finalmente, em 1207, o Papa Inocêncio III perdeu a paciência e excomungou o conde de Toulouse, Raimundo VI, pela sua falta de ação contra os hereges. Foi obviamente uma jogada

pouco popular, pois o legado papal que entregou esta notícia foi morto por um dos cavaleiros de Raimundo. Foi a última gota: o Papa convocou uma cruzada contra os Cátaros e aqueles que os apoiavam e simpatizavam com eles. A cruzada foi convocada no dia 24 de junho de 1209 – dia de São João Batista.

Até este ponto, todas as cruzadas convocadas tinham sido contra os muçulmanos – contra «selvagens» estrangeiros que viviam em terras tão distantes que eram literalmente inimagináveis. Mas esta cruzada seria uma luta de *cristãos contra cristãos*, e quase à porta do Papa. Era altamente provável que alguns dos cruzados pudessem conhecer pessoalmente os hereges que tinham jurado exterminar.

A Cruzada Albigense, que começou em Béziers em 1209, prosseguiu com a máxima brutalidade, à medida que as cidades iam caindo, uma após outra, nas mãos dos soldados, sob o comando de Simão de Montfort. A campanha durou até 1244 – um período nada insignificante para os cruzados fazerem o seu pior. Existem locais no Languedoc onde ainda hoje o nome de Simão de Montfort evoca como resposta uma mistura de medo e repulsa.

Na altura, as razões abertamente religiosas para a campanha não tardaram a misturar-se com motivos políticos mais cínicos.[11] A maioria dos cruzados vinha do norte de França e a riqueza e poder do Languedoc eram demasiado atrativos para serem ignorados. No início da cruzada, esta região podia gozar de uma independência considerável; quando terminou, era definitivamente parte de França.

Este episódio da história europeia teve, sejam quais forem os critérios adotados, uma importância enorme. Não só foi o primeiro genocídio europeu, como foi também um passo crucial na unificação de França – tendo além disso proporcionado o ímpeto direto por detrás da criação da Inquisição. Mas, na nossa opinião, há muito mais na Cruzada Albigense do que uma curiosamente esquecida campanha de atrocidades.

Os Cátaros eram pacifistas, que desprezavam de tal modo «o imundo invólucro da carne» que estavam ansiosos por se livrar dele,

mesmo que a forma de o fazer implicasse o martírio de ser queimado vivo. Durante a campanha, inúmeros milhares de cátaros acabaram os seus dias na fogueira, não tendo muitos deles manifestado o mais ínfimo horror ou medo quando defrontados com ela. Alguns foram aparentemente ainda mais longe e não mostraram qualquer *dor*. Isto foi particularmente notável no final do cerco ao seu derradeiro refúgio, Montségur.

Paragem essencial para o turista moderno, Montségur tornou-se uma espécie de lugar mítico, muito à semelhança do Glastonbury Tor. Mas, ainda que os destreinados possam achar este último uma subida difícil, não é nada quando comparado à estrada que conduz ao topo do *château* de Montségur. É uma cidadela de pedra, empoleirada de forma quase impossível nas estonteantes alturas de uma montanha escarpada, mais ou menos da forma de um antiquado pão de açúcar, com vista para a aldeia e para um vale tornado perigoso pelas regulares quedas de rochas dos penhascos. Sinais em várias línguas alertam contra as tentativas precipitadas de subir ao *château* por parte daqueles cuja energia está em dúvida: até os viajantes experientes consideram o percurso extremamente duro. É difícil imaginar como teriam os Cátaros e as suas provisões conseguido chegar ao topo. Uma vez lá, no entanto, era relativamente fácil aguentar, pois os cruzados – com todas as suas armaduras e cavalos – não podiam sequer tentar a subida.

No início dos anos 1240, tendo os cruzados empurrado os restantes cátaros cada vez mais para o sopé dos Pirenéus, Montségur tornara-se o seu quartel-general. Lar de cerca de trezentos cátaros, mas mais especificamente dos seus líderes, era o grande troféu para os homens do Papa. A rainha de França, Branca de Castela, reforçou a importância de Montségur ao escrever sobre a sua captura que «[temos de] cortar a cabeça do dragão».

Durante os dez meses do cerco de Montségur, deu-se um curioso fenómeno. Vários dos soldados sitiantes *desertaram para os Cátaros*, apesar da certeza de como tudo acabaria para eles. O que poderia ter desencadeado esta bizarra deserção? Houve quem

sugerisse que ficaram de tal modo impressionados com o comportamento exemplar dos Cátaros que sofreram uma profunda conversão interior.

Como vimos, os Cátaros abordavam a sua tortura e morte certa não só com estoicismo, mas com absoluta calma – mesmo quando as chamas começaram efetivamente a dançar à sua volta, diz-se. Para os que se lembram dos anos 1970, isto traz imediatamente à memória a impressionante imagem daquele solitário monge budista que se imolou em protesto contra a guerra do Vietname. Ficou perfeitamente imóvel, num transe resultante de um longo treino e de uma disciplina inimaginável, enquanto o fogo o matava. E os Cátaros preparavam-se conscientemente para a morte, chegando mesmo a fazer um juramento específico de fidelidade à sua fé perante todos os tipos de tortura. Praticariam também uma técnica similar de transe que lhes permitia superar as mais extremas agonias? Este segredo era certamente algo que os soldados, desde tempos imemoriais, queriam saber.

Seja como for, a queda de Montségur criou muitos mais mistérios duradouros que fascinaram gerações, incluindo caçadores de tesouros nazis e aqueles que procuravam o Santo Graal. O mais persistente de todos os mistérios diz respeito ao chamado Tesouro dos Cátaros, que quatro deles conseguiram retirar na noite antes de os restantes serem massacrados. Estes intrépidos hereges conseguiram fugir, de algum modo, ao descerem por cordas pelo lado particularmente íngreme da montanha a meio da noite.

Embora se tenham formalmente rendido no dia 2 de março de 1244, por razões que nunca foram explicadas, foi-lhes dada autorização para permanecerem no interior da cidadela durante mais 15 dias – após o que se entregaram para serem queimados. Algumas versões vão ainda mais longe e descrevem-nos como tendo efetivamente descido a encosta a correr e saltado para as fogueiras que os aguardavam no campo ao fundo. Houve quem especulasse que tinham pedido esse tempo adicional a fim de

realizarem algum tipo de ritual, mas nunca ninguém saberá a verdade dos factos.

A natureza exata do tesouro dos Cátaros é alvo de intensa especulação. A julgar pela perigosa rota seguida por esses quatro fugitivos, dificilmente podem ter sido sacos de pesadas barras de ouro. Houve quem especulasse que se tratava do próprio Santo Graal – ou de algum outro objeto ritual de grande importância –, enquanto outros alegam que tinha a forma de escritos, ou de conhecimento, ou até que os quatro cátaros tinham eles próprios algum tipo de importância. Podiam representar uma linha de autoridade, personificando talvez até literalmente a lendária linhagem de Jesus.

Mas, se o tesouro dos Cátaros fosse realmente *conhecimento secreto*, que forma teria assumido? Em que acreditavam realmente os Cátaros? É difícil avaliar as suas crenças com alguma precisão, pois deixaram poucos registos escritos e muito daquilo em que se diz que acreditavam veio dos escritos dos seus inimigos – a Inquisição. E, tal como Walter Birks e R.A. Gilbert sabiamente observam em *The Treasure of Montségur* (1987), foi dado demasiado destaque à sua suposta teologia quando muito provavelmente era no seu *estilo de vida* que residia a atração.[12] Ainda assim, a religião nasceu de uma visão específica do mundo, e as suas origens exatas continuam a ser discutíveis.

Os Cátaros eram um ramo dos Bogomilos, um movimento herético que surgiu pela primeira vez nos Balcãs em meados do século X, mas que manteve a sua influência na região até depois de os Cátaros terem sido destruídos. O bogomilismo espalhou-se amplamente – pelo menos até Constantinopla – e era tido como uma séria ameaça à ortodoxia religiosa.

Os Bogomilos da Bulgária eram também herdeiros de uma longa linhagem de «heresia», tendo adquirido uma curiosa reputação entre os seus opositores. A palavra inglesa «*bugger*», por exemplo, deriva do nome *Bulgar*, e é utilizada tanto literalmente – todos os

hereges são acusados de perversão sexual, quer se justifique ou não essa acusação – como no sentido geral pejorativo.

Os Bogomilos e as suas ramificações, como os Cátaros, eram dualistas e gnósticos: para eles, o mundo é intrinsecamente maligno, estando o espírito preso num corpo de imundície, e a única forma de se libertar é através da Gnose, a revelação pessoal que conduz a alma à perfeição e a um conhecimento de Deus. São muitas as possíveis raízes do gnosticismo – sendo a antiga filosofia grega, cultos dos mistérios como o dionisianismo e religiões dualistas como o zoroastrismo prováveis candidatos. [É possível encontrar mais pormenores deste tema no magistral estudo de Yuri Stoyanov, *The Hidden Tradition in Europe* (1994).[13]]

Defrontado com o tipo de literatura sobre o tema do catarismo que se encontra em muitas lojas turísticas do Languedoc, poder-se-á perdoar a quem julgue tratar-se de um tipo de inocente religião *New Age*, com uma teologia clara e simplista. Existem literalmente dúzias de livros e panfletos a celebrar o humanismo dos Cátaros e a crença em princípios «modernos» como a reencarnação e o vegetarianismo. De modo geral, contudo, isto são disparates sentimentais. Os Cátaros praticavam o vegetarianismo não devido ao seu amor pelos animais, mas devido ao seu ódio pela procriação, e só comiam peixe sob a crença equivocada de que os peixes se reproduziam assexuadamente. Mais uma vez, a sua ideia de reencarnação baseava-se no conceito de «bom fim» (morte), que geralmente significava ser-se martirizado pela sua fé. Se tivessem um tal fim, não havia dúvidas de que não voltariam a reencarnar neste desprezível vale de lágrimas; senão, voltariam até conseguirem acertar.

Houve quem tentasse argumentar que o catarismo era um produto inteiramente local do Languedoc,[14] o que é manifestamente falso, mas é um facto que incorporou material local na sua teologia. Significativamente, algo único dos Cátaros era a crença de que Maria Madalena fora esposa de Jesus, ou talvez sua concubina. Não era, porém, um conhecimento considerado apropriado a todos

os Cátaros, sendo reservado apenas aos altos iniciados – o círculo interno. Os Cátaros opunham-se virulentamente ao sexo e até mesmo ao casamento, pelo que era improvável que tivessem inventado isto; talvez os horrorizasse de tal modo que o reservavam àqueles que tinham já demonstrado a sua fidelidade.

Os Cátaros davam frequentemente por si numa posição constrangedora a nível teológico: pois, por um lado, incentivavam ativamente os seus seguidores a lerem a Bíblia por si mesmos (em contraste com o catolicismo ortodoxo, que se opunha categoricamente ao acesso popular às Escrituras), mas, por outro, tinham de reinterpretar radicalmente os acontecimentos bíblicos para os fazer encaixar nas suas crenças. O maior exemplo da sua reinvenção do Novo Testamento é a sua perspetiva da Crucifixão, em que colocaram um Jesus feito de puro espírito a ser pregado na cruz. Embora não exista para tal qualquer evidência bíblica, tiveram de inventar este «outro» Jesus devido à sua repulsa pelo corpo físico – ter um Cristo corpóreo era impensável para eles.

Assim, a ideia de Jesus e Maria Madalena terem sido parceiros sexuais dificilmente pode ter resultado de uma esperança sua. Na verdade, debatiam-se com várias justificações teológicas distintas para explicar o casamento, algo que não os teria preocupado tanto se sentissem poder rejeitar a história como um absoluto disparate.[15] O que isto parece indicar é a prevalência que a ideia da relação de Jesus com Maria Madalena tinha no Languedoc dessa altura – não só fazia parte das crenças inquestionáveis das pessoas comuns, como era também fulcral para todo o mundo cristão nesse local, daí que tenha sido necessário lidar com ela em vez de a ignorar. E, tal como escreve Yuri Stoyanov:

> O ensinamento de Maria Madalena como «esposa» ou «concubina» de Cristo parece ser, além disso, uma tradição original cátara, sem qualquer correspondência nas doutrinas bogomilas.[16]

Ainda que tenha sido, e continue a ser, uma santa curiosamente popular na Provença, onde se supõe ter vivido, foi no Languedoc

que a Madalena se tornou o foco de crenças manifestamente heréticas, e – como viríamos a descobrir – foi também nesta região que essas crenças deram origem a paixões incríveis, rumores desvairados e segredos sombrios.

Como vimos, a ideia de Jesus e Maria Madalena terem sido amantes encontrava-se também nos Evangelhos de Nag Hammadi, que foram escondidos no Egito no século IV d.C. Será possível que as crenças similares do Languedoc tenham vindo deles ou de uma fonte comum? Alguns académicos, nomeadamente Marjorie Malvern, especularam que o culto da Madalena no sul de França teria realmente preservado essas primeiras ideias gnósticas.[17] E existem algumas evidências de que foi efetivamente esse o caso.

Nos anos 1330, um opúsculo notável chamado *Schwester Katrei* (*Irmã Catarina*) foi publicado em Estrasburgo, alegadamente escrito pelo místico alemão Mestre Eckhart – mas os estudiosos estão de acordo em que a sua verdadeira autora foi uma das suas seguidoras. Apresenta uma série de diálogos entre a «Irmã Catarina» e o seu confessor sobre a experiência religiosa de uma mulher, e ainda que incorpore muitas ideias ortodoxas, inclui também muitas que o são nitidamente menos. Faz, por exemplo, a seguinte afirmação: «Deus é a Mãe Universal…», e demonstra claramente uma forte inspiração cátara, bem como da tradição dos trovadores/*minnesingers*.[18]

Este invulgar e franco folheto associa a Madalena a *Minne* – a amada dos *minnesingers*, mas, mais empolgante ainda, deu aos estudiosos que pensar, pois contém ideias sobre Maria Madalena que *só se encontram também nos Evangelhos de Nag Hammadi*: é retratada como superior a Pedro devido ao seu maior entendimento de Jesus, e nele existe a mesma tensão entre Maria e Pedro. Além disso, são referidos incidentes descritos nos textos de Nag Hammadi no opúsculo da Irmã Catarina.[19]

A professora Barbara Newman, da Universidade da Pensilvânia, realça o dilema académico ao dizer que «o uso destes motivos em *Irmã Catarina* representa um problema espinhoso de transmissão

histórica» e confessa que é «um fenómeno real, ainda que desconcertante».[20] Como pôde a autora de *Irmã Catarina*, no século XIV, deitar a mão a textos que só foram descobertos no século XX? Não pode ser coincidência que o folheto mostre a influência dos Cátaros e dos trovadores no Languedoc, e a conclusão óbvia é que foi através deles que o conhecimento dos Evangelhos Gnósticos relativamente a Maria Madalena foi transmitido; os seus segredos podem não estar só naquilo que conhecemos como os textos de Nag Hammadi, mas também em documentos similares de igual valor que não foram ainda redescobertos.

É interessante que exista uma crença duradoura na natureza sexual da relação entre a Madalena e Jesus no sul de França. A investigação não publicada de John Saul desvendou muitas referências a uma tal união na literatura do sul de França até ao século XVII – especificamente nas obras de homens associados ao Priorado de Sião, como César, o filho de Nostradamus (que foi publicado em Toulouse).[21]

Vimos na Provença que, onde quer que existam locais da Madalena, existem geralmente lugares associados a João Batista. Uma vez que os Cátaros pareciam tê-la em alta estima, talvez mostrassem também a mesma veneração para com o Batista. Parece, porém, pelo contrário, que os Cátaros tinham uma aversão ativa pelo Batista, ao ponto de o descreverem como «um demónio». Isto vem diretamente dos Bogomilos, alguns dos quais se referiam a ele (de modo algo confuso) como «precursor do Anticristo».[22]

Um dos poucos textos sagrados dos Cátaros que subsistem é o *Livro de João* (também conhecido como *Liber Secretum*), que é a versão gnóstica do Evangelho de outro João: grande parte é exatamente igual ao Evangelho canónico, mas contém algumas «revelações» adicionais alegadamente feitas em privado a João, o «Discípulo Amado». Trata-se de ideias dualistas gnósticas que estavam de acordo com a teologia geral dos Cátaros.[23]

Neste livro, Jesus diz aos seus discípulos que João Batista era, na verdade, um emissário de Satanás (o senhor do mundo material),

enviado para tentar impedir a sua missão de salvação. Este texto era originalmente bogomilo, não sendo completamente aceite por todos os Bogomilos nem por todos os Cátaros. Muitas seitas cátaras tinham ideias muito mais ortodoxas acerca de João, e existem até indícios de que os Bogomilos nos Balcãs celebravam ritos no seu dia, 24 de junho.[24]

O que é certo é que os Cátaros tinham uma consideração especial pelo Evangelho de João, que é geralmente aceite pelos estudiosos como o mais gnóstico do Novo Testamento. (Nos círculos ocultos, existe um antigo rumor de que os Cátaros tinham outra versão, atualmente perdida, do Evangelho de João, e muitos ocultistas investigaram a área em torno de Montségur na esperança de a encontrar – sem sucesso.[25])

Nitidamente, os Cátaros tinham ideias heterodoxas, ainda que talvez confusas, sobre João Batista. Mas haveria alguma noção de um João malvado e de um Jesus bom na sua conceção? Talvez não desta forma, mas – tal como foi sugerido por vários comentadores modernos – a relação entre estes dois homens pode não ter sido tão clara como a maioria dos cristãos é levada a acreditar.[26] A ideia cátara pode ter representado a sua filosofia dualista no seu máximo simplismo: um dos dois é mau e o outro bom. Mas, se assim for, então a conclusão lógica é que os viam como opostos, *mas iguais*. Quer isto dizer que os Cátaros os viam como *rivais*, o que está bem longe da perspetiva cristã tradicional – e revela que as desconcertantes dúvidas acerca do alegado apoio de João à missão de Jesus eram reconhecidas há muito naquela região. Tal como a relação da Madalena com Jesus, também a de João e Jesus parece ter sido entendida como radicalmente diferente da versão ensinada pela Igreja.

À superfície, é dececionante procurar nos Cátaros a confirmação da importância de João para os movimentos heréticos. Mas existe uma importante organização histórica que mais do que repõe esse equilíbrio. Trata-se, claro, dos Cavaleiros Templários, para os quais João Batista sempre foi – inexplicavelmente – objeto de grande

devoção. E, tal como a cruzada cátara deixou um legado visível dos seus traumas na paisagem do Languedoc, também os castelos destes enigmáticos cavaleiros se erguem ainda das brumas nas mais remotas partes dessa paisagem rural.

Os Templários são hoje em dia uma espécie de cliché esotérico, como qualquer pessoa que esteja familiarizada com a ficção de Umberto Eco saberá, e a maioria dos historiadores não tem qualquer problema em descartar com o máximo desdém o que quer que seja que alegue basear-se nos seus «segredos». Ainda assim, qualquer mistério associado ao Priorado de Sião envolve também estes monges-guerreiros, pelo que fazem intrinsecamente parte desta investigação.

Um terço de todas as propriedades dos Templários europeus situou-se em tempos no Languedoc, e as suas ruínas só acrescentam à beleza selvagem da região. Uma das mais pitorescas lendas locais diz que, sempre que o dia 13 de outubro calha numa sexta-feira (dia e data da súbita e brutal supressão da Ordem), estranhas luzes surgem nas ruínas e é possível ver figuras negras a moverem-se no meio delas. Infelizmente, nas sextas-feiras em que estivemos na região, não vimos nem ouvimos nada, além do alarmante fungar dos javalis; mas a história mostra como os Templários se tornaram parte da lenda local.

Os Templários continuaram a viver na memória das gentes locais, e essas memórias não são de todo negativas. Ainda neste século, a célebre cantora de ópera Emma Calvé, natural de Aveyron, no norte do Languedoc, registou nas suas memórias o que os locais diziam de um rapaz especialmente bem-parecido ou inteligente: «É um verdadeiro filho dos Templários.»[27]

Os principais factos relativos aos Cavaleiros Templários são simples.[28] Oficialmente conhecidos como Ordem dos Pobres Cavaleiros do Templo de Salomão, foram fundados em 1118 ou 1119 pelo nobre francês Hugo de Payens como uma escolta de cavaleiros para os peregrinos em viagem à Terra Santa. Inicialmente, eram apenas nove, durante os primeiros 9 anos,

depois a Ordem abriu-se e não tardou a estabelecer-se como uma força de peso, não só no Médio Oriente mas também em toda a Europa.

Após o reconhecimento da Ordem, Hugo de Payens partiu pessoalmente numa viagem pela Europa, pedindo terras e dinheiro à realeza e à nobreza. Visitou Inglaterra em 1129, altura em que fundou o primeiro local templário nesse país, no sítio onde fica atualmente a estação de Holborn no Metro de Londres.

Tal como todos os outros monges, também os cavaleiros faziam voto de pobreza, castidade e obediência, mas estavam no mundo e eram dele, e juravam usar a espada, caso fosse necessário, contra os inimigos de Cristo – e a imagem dos Templários ficou indissociavelmente ligada às cruzadas que foram montadas a fim de expulsar o infiel de Jerusalém e manter a cidade cristã.

Foi em 1128 que o Concílio de Troyes reconheceu oficialmente os Templários como ordem religiosa e militar. O principal protagonista por detrás desta jogada foi Bernardo de Claraval, líder da Ordem de Cister, que foi posteriormente canonizado. Mas, como escreve Bamber Gascoigne:

> Era agressivo, era violento… e era um político desonesto com muito poucos escrúpulos nos métodos que utilizava para vencer os seus inimigos.[29]

Foi efetivamente Bernardo quem escreveu a Regra dos Templários – baseada na dos monges de Cister – e foi um dos seus protegidos que, como Papa Inocêncio II, declarou em 1139 que os Cavaleiros responderiam apenas ao papado a partir desse momento. Uma vez que tanto os Templários como a Ordem de Cister se desenvolveram em paralelo, é possível discernir uma certa coordenação deliberada entre eles – o Conde de Champanhe, por exemplo, senhor de Hugo de Payens, doou a São Bernardo o terreno em Claraval onde este construiu o seu «império» monástico. E significativamente, André de Montbard, um dos nove cavaleiros fundadores, era tio de Bernardo. Houve quem sugerisse que Templários e Cistercienses estariam a agir em conjunto de acordo

com um plano prévio a fim de tomar o controlo da Cristandade, mas este esquema nunca foi bem-sucedido.[30]

É difícil exagerar o prestígio e o poder financeiro dos Templários no auge da sua influência na Europa. Dificilmente havia um grande centro civilizacional onde eles não tivessem uma precetoria – como demonstra ainda, por exemplo, a vasta disseminação de nomes de locais como Temple Fortune e Temple Bar (em Londres) e Temple Meads (em Bristol) em Inglaterra. Mas, à medida que o seu império se espalhava, cresceu também a sua arrogância, o que começou a envenenar as suas relações com os chefes de estado temporais e seculares.

A riqueza dos Templários resultava em parte da sua Regra: todos os novos membros tinham de entregar à Ordem as respetivas propriedades, e obtiveram também uma fortuna considerável através de enormes doações de terras e de dinheiro feitas por muitos reis e nobres. Os seus cofres não tardaram a ficar a abarrotar, em virtude de terem também acumulado uma impressionante argúcia financeira, que fizera com que se transformassem nos primeiros banqueiros internacionais, de cujo julgamento dependia o crédito dos outros. Era uma forma segura de se estabelecerem como um grande poder. Num curto espaço de tempo, o seu título de «Pobres Cavaleiros» tornou-se uma farsa oca, ainda que as suas fileiras possam muito bem ter continuado com falta de dinheiro.

Além da sua impressionante riqueza, os Templários eram célebres pela sua destreza e coragem em combate – ao ponto, por vezes, da temeridade. Tinham regras específicas para governar a sua conduta enquanto combatentes: estavam, por exemplo, proibidos de se renderem, a não ser que as probabilidades contra eles fossem superiores a três para um, e mesmo assim tinham de ter a aprovação do seu comandante. Eram as Forças Especiais da época, uma força de elite com Deus – e dinheiro – do seu lado.

Apesar dos seus melhores esforços, a Terra Santa foi caindo, pouco a pouco, nas mãos dos Sarracenos, até que, em 1291, o

último território cristão, a cidade de Acre, caiu em mãos inimigas. Os Templários nada mais podiam fazer a não ser regressar à Europa e planear a sua eventual reconquista, mas infelizmente, por essa altura, a motivação para uma tal campanha tinha desaparecido entre os vários reis que a podiam ter financiado. A principal razão para a sua existência fora reduzida a nada. Sem emprego, mas ainda ricos e arrogantes, eram alvo do ressentimento geral por estarem isentos de impostos e por só ao Papa deverem fidelidade.

Em 1307, deu-se, pois, a sua inevitável queda em desgraça. O sumamente poderoso rei francês Filipe, *o Belo*, começou a orquestrar a queda dos Templários, com a conivência do Papa, que estava na sua mão de qualquer forma. Ordens secretas foram enviadas aos representantes aristocráticos do rei e, na sexta-feira 13 de outubro de 1307, os Templários foram reunidos, presos, torturados e queimados.

É pelo menos essa a história tal como é contada nas obras mais comuns sobre o tema. Fica-se com a ideia de que toda a Ordem teve, nesse dia de há muito tempo, o seu horrível fim, e que os Templários foram efetivamente erradicados para sempre da face da terra. Mas isso está bem longe da verdade.

Para começar, foram relativamente poucos os Templários que foram efetivamente executados, ainda que a maioria dos capturados tenham sido «interrogados» – um eufemismo já gasto para a aplicação de torturas excruciantes. Relativamente poucos enfrentaram a fogueira, embora seja sabido que o seu Grão-Mestre, Jacques de Molay, foi lentamente queimado vivo na Île de la Cité, à sombra da Catedral de Notre-Dame em Paris. De entre os outros milhares, só os que se recusaram a confessar ou retrataram a sua confissão foram mortos. Mas que validade tinham as confissões que lhes foram extraídas com recurso a atiçadores em brasa e esmaga-polegares? E o que se esperava ao certo que confessassem?

Os relatos das confissões dos Templários são, no mínimo, pitorescos. Lemos sobre terem adorado um gato, ou praticado orgias homossexuais como parte dos seus deveres de cavaleiros,

ou terem venerado um demónio conhecido como Baphomet e/ou uma cabeça cortada. Houve também quem dissesse que pisavam e cuspiam na cruz num rito iniciático. Tudo isto, claro, faria com que parecesse um disparate a ideia de serem devotos cavaleiros de Cristo e defensores do ideal cristão, e quanto mais torturados eram, mais evidente se tornava esta divergência.

Não é propriamente uma surpresa: não há muitas vítimas de tortura que consigam cerrar os dentes e recusar-se a concordar com as palavras postas na sua boca pelos seus torturadores. Mas, neste caso, há mais na história além do que salta à vista. Por um lado, houve sugestões de que todas as acusações feitas contra os Templários tinham sido forjadas por aqueles que invejavam a sua riqueza e se sentiam exasperados com o seu poder, e que eram uma boa desculpa para o rei francês se livrar das suas dificuldades económicas da altura ao apoderar-se das suas riquezas. Por outro lado, ainda que as acusações possam não ter sido estritamente verdadeiras, existem provas de que os Templários estavam envolvidos em algo misterioso e talvez «negro» no sentido oculto. Claro que estas duas visões alternativas não são mutuamente exclusivas.

Muita tinta correu acerca do debate sobre as acusações feitas contra os Templários e as suas confissões. Teriam realmente cometido os atos que confessaram? Ou teriam os Inquisidores inventado previamente as acusações, limitando-se a torturar os cavaleiros até concordarem com elas? (Alguns cavaleiros testemunharam que lhes tinha sido dito que Jesus era um «falso profeta», por exemplo.) É impossível dizer conclusivamente qual das duas hipóteses está correta.

Existe, porém, pelo menos uma confissão específica que tem necessariamente de nos fazer pensar. É a de um tal Fulque de Troyes, que disse ter-lhe sido mostrado um crucifixo e serem-lhe ditas as seguintes palavras: «Não ponhas muita fé nisto, pois é demasiado novo.»[31] Dada a pouca precisão do conceito de história

da época, esta enigmática afirmação parece algo improvável de ter sido inventada por um Inquisidor.

Naturalmente, o Priorado de Sião alega ter sido o poder por trás da criação dos Cavaleiros Templários: se assim for, então é um dos segredos mais bem guardados da história. Mas diz-se que as duas ordens eram praticamente indistinguíveis até ao seu cisma em 1188 – após o que seguiram caminhos separados.[32] Quando mais não seja, parece ter existido algum tipo de conspiração a envolver a criação dos Templários. O senso comum sugere que teriam sido necessários mais do que apenas os nove cavaleiros originais para proteger e proporcionar refúgio a todos os peregrinos que visitavam a Terra Santa, principalmente durante 9 anos; além disso, são poucas as provas existentes de que alguma vez tenham tentado seriamente fazê-lo. Os Templários não tardaram a tornar-se os meninos mimados da Europa, sendo-lhes dados privilégios e honras bastante desproporcionais ao que efetivamente mereciam. Foi-lhes, por exemplo, dada uma ala inteira do próprio palácio real em Jerusalém – no local que anteriormente fora uma mesquita. Esta teria, por sua vez, sido construída, segundo se disse erroneamente, sobre os alicerces do Templo de Salomão, do qual os Templários tinham adquirido o seu nome completo.

Outro mistério associado às suas origens centra-se no facto de existirem provas de que a Ordem existia já muito antes de 1118, ainda que o porquê de a data ter sido falsificada continue a não ser claro. Muitos comentadores sugeriram que o primeiro relato da sua criação – feito por Guilherme de Tiro e escrito 50 anos após os acontecimentos – não passava de uma história para cobrir algo.[33] (Apesar de ser profundamente hostil aos Templários,[34] Guilherme estaria alegadamente a narrar a história tal como a entendia.) Mas, mais uma vez, o que estava a encobrir ao certo é matéria para especulação.

Hugo de Payens e os seus nove companheiros eram todos de Champanhe ou do Languedoc, e incluíam o Conde da Provença,[35] sendo bastante evidente que foram à Terra Santa com uma missão

específica em mente. Talvez, tal como foi sugerido, andassem à procura da Arca da Aliança,[36] ou de outro antigo tesouro ou de documentos que os pudessem conduzir a ele, ou de algum tipo de conhecimento secreto que lhes daria o domínio sobre as pessoas e a sua riqueza. E, recentemente, Christopher Knight e Robert Lomas, no seu *The Hiram Key*, alegaram que os Templários teriam procurado e encontrado um depósito de documentos da mesma fonte que os Manuscritos do Mar Morto. Por mais intrigante que esta sugestão possa ser, não apresentam, contudo, quaisquer provas convincentes disso – e, como veremos, toda a questão da origem dos Manuscritos está pejada de equívocos e mitos. Mas existem realmente provas de que os Templários tinham procurado obter novos conhecimentos junto dos árabes e de outros durante as suas viagens.

Para nós, um dos aspetos mais fascinantes dos Templários é a sua invulgarmente forte veneração por João Batista, que parece ser consideravelmente mais importante para eles do que o habitual santo padroeiro. O Priorado de Sião – outrora alegadamente inseparável deles – chama aos seus Grão-Mestres «João», talvez por respeito a ele. Mas é praticamente impossível descobrir a razão para a lealdade dos Templários em qualquer das histórias convencionais; a explicação habitual é que João era especial para eles por ter sido o mestre de Jesus. Houve quem sugerisse que a cabeça cortada que se dizia terem adorado era a do próprio Batista[37] – mas a *adoração* de um tal símbolo implica, de qualquer modo, que os Templários eram algo mais do que simples cavaleiros cristãos.

Grande parte do seu aparentemente ortodoxo simbolismo esconde também alusões específicas a «João». O Cordeiro de Deus, por exemplo, era uma das suas imagens mais importantes. A maioria dos cristãos interpreta-o como uma referência a Jesus – tendo o Batista aparentemente dito sobre ele «Eis o Cordeiro de Deus» –, mas em muitos locais, como no sudoeste de Inglaterra, este símbolo é interpretado como uma referência ao próprio *João*, e

os Templários parecem ter-lhe atribuído o mesmo significado. O símbolo do Cordeiro de Deus foi adotado como um dos selos oficiais dos Templários; era um selo específico da Ordem no sul de França.

Um indício de que a veneração dos Templários por João Batista não era uma simples questão de prestar homenagem ao seu padroeiro escolhido, escondendo antes algo de bastante mais radical, encontra-se na obra de um sacerdote erudito chamado Lamberto de Saint-Omer. Lamberto era um dos companheiros de um dos nove cavaleiros fundadores originais e braço-direito de Hugo de Payens, Godofredo de Saint-Omer. Em *The Hiram Key*, Christopher Knight e Robert Lomas reproduzem uma ilustração de Lamberto representando a «Jerusalém celeste» e fazem a seguinte observação:

> … aparentemente, mostra que o fundador [da Jerusalém celeste] é João Batista. Não existe qualquer referência a Jesus neste suposto documento cristão.[38]

Tal como no simbolismo dos quadros de Leonardo, a implicação é que João Batista é importante por direito próprio, e não apenas devido ao seu papel de precursor de Jesus.

Dois anos após as detenções em massa, enquanto os cavaleiros estavam ainda a ser julgados, o visionário e ocultista catalão Raimundo Lúlio (1232 – c. 1316), antes um fiel apoiante da Ordem, escreveu que os julgamentos revelavam «perigos para o barco de São Pedro», acrescentando o seguinte:

> Existem talvez muitos segredos entre os cristãos, dos quais um segredo [específico] pode causar uma revelação incrível, como [a que] emerge dos Templários… uma tão pública e manifesta infâmia pode, por si só, pôr em perigo o barco de São Pedro.[39]

Lúlio parece estar a referir-se não só aos perigos para a Igreja causados pelas revelações sobre os Templários mas também a outros segredos de igual magnitude. Parece também aceitar as acusações feitas contra a Ordem – embora, nessa fase, pudesse ter sido insensato questioná-las.

Poderia o Languedoc, lar, em tempos, da maior concentração de Templários na Europa, ceder algumas pistas acerca da verdade sobre a Ordem? Mesmo após todo este tempo, era uma região de memórias muito longas e com um desprezo saudável pelas convenções.

Como vimos, Cátaros e Templários prosperaram aí ao mesmo tempo, mas, dado o entendimento geral dos seus valores, seria de esperar que estes dois grupos altamente influentes estivessem de lados opostos. O símbolo templário da cruz vermelha em fundo branco é, muitas vezes, efetivamente considerado como o do típico cruzado. Existem, porém, muitos indícios de que os Templários eram, se não apoiantes ativos, então certamente simpatizantes dos «hereges» nas montanhas – e é incontestável que os Templários primaram pela sua ausência na Cruzada Albigense. É certo que o principal interesse dos cavaleiros na altura estava bem longe, na Terra Santa, e muitos deles vinham das mesmas famílias que os Cátaros, mas talvez nenhuma destas razões explique totalmente a sua falta de interesse em capturá-los.

Mais quais eram os verdadeiros interesses e motivos dos Templários? Seriam simplesmente os monges-guerreiros que alegavam ser, ou havia nos seus planos uma dimensão oculta e secreta?

Capítulo Cinco

GUARDIÕES DO GRAAL

A corrente académica convencional defende que as ideias «ocultas» acerca dos Templários são disparates: a maioria dos historiadores diz que eram simplesmente os monges-guerreiros que afirmavam ser, e qualquer sugestão de terem estado envolvidos em seja o que for de remotamente esotérico resulta de uma imaginação hiperativa ou de uma pesquisa desleixada. Por ser este o consenso, os historiadores que se interessam por este lado da Ordem não se atrevem a demonstrá-lo abertamente, por medo de perderem a sua reputação (e financiamento académico). Estas pesquisas são por isso evitadas ou, caso sejam feitas, jamais são publicadas. (Existem vários historiadores respeitáveis que admitem em privado que o lado esotérico dos Templários é importante, mas nunca o farão em público.)

Esta atitude levou a que o estudo de certos importantes locais templários fosse negligenciado. E descobrimos que uma região que sofreu mais com este fenómeno do que a maioria – de forma incompreensível – é também a área do nosso interesse específico: a região de Languedoc-Roussillon. Fora da Terra Santa, era este o lar da Ordem – mais de 30 % de todas as fortalezas e comandos templários em toda a Europa estavam situados nesta pequena área. Mas foram despiciendos os trabalhos arqueológicos aí realizados e há alguns locais fulcrais que nunca foram investigados.

Felizmente, o descaso oficial é compensado por muitos investigadores privados com um fervoroso interesse nestes misteriosos cavaleiros, e muitos dos habitantes locais veem como seu dever a preservação e proteção dos antigos locais templários. Existem também várias organizações de pesquisa «amadora» (no sentido em que não têm financiamento, mas não de todo no que respeita à qualidade dos seus estudos), como o Centro de Estudos e Investigação dos Templários, gerido por Georges Kiess, em Espéraza (Aude), que fez corar de vergonha os académicos. As descobertas feitas por estes entusiastas, a partir de um estudo dos

locais e dos muitos documentos templários armazenados intactos nos arquivos locais, são impressionantes – principalmente se tivermos em conta a falta de financiamento e a pura frustração de lidar com arquivistas apáticos e historiadores profissionais.

Um desses grupos de investigação chama-se Abraxas, e é gerido pela expatriada britânica Nicole Dawe e pelo texano Charles Bywaters a partir da estância termal de Rennes-les-Bains, no Aude. As suas investigações, juntamente com as da rede de grupos similares, fizeram descobertas sólidas e bem documentadas que reescrevem literalmente os estudos templários. Lutando, por um lado, contra a maré da apatia oficial e, por outro, contra o excesso de entusiasmo dos caçadores de tesouros da região – que são uma verdadeira ameaça ao material dos locais –, Nicole e Charles descobriram locais cruciais dos Templários que não foram ainda tocados pelas pás dos arqueólogos.

Para saber mais sobre os Templários neste reduto herético de Languedoc-Roussillon, não foi, pois, à academia que nos dirigimos, mas sim a Charles e Nicole.

Sentados no apartamento de Charles na rua principal de Rennes-les-Bains (que é, na verdade, praticamente a única), começámos por lhe perguntar, bem como a Nicole, pela possível ligação entre os Templários e os Cátaros. Responderam-nos que havia claras ligações entre os dois grupos que iam muito além de meros laços familiares e que são geralmente descuradas pelos historiadores – por exemplo, mesmo no auge da Cruzada Albigense, os Templários deram abrigo a cátaros fugitivos, e há exemplos documentados de terem também prestado socorro aos cavaleiros que lutavam ativamente pelos Cátaros contra os cruzados.

Como disse Nicole:

> Basta olhar para os nomes das famílias cátaras nos documentos da Inquisição e para os nomes dos templários no mesmo período para ver que são os mesmos. Mas, mais especificamente, é inegável que certos locais templários

> hospedaram, abrigaram, e até sepultaram em chão sagrado, cátaros.
>
> Houve quem tenha sido cínico e sugerido que isto se deveu ao facto de essas pessoas, para se poderem tornar membros leigos do Templo, lhes terem dado os seus pertences e bens. Na verdade, temos provas de cátaros que recorreram aos Templários após terem sido totalmente despojados e que não só foram acolhidos e abrigados, como morreram e foram aí sepultados. Posteriormente, os Templários fizeram, por vezes, os possíveis para garantir que as famílias cátaras, ou os seus descendentes, recuperavam as suas terras.[1]
>
> Charles prosseguiu assim:
>
> Numa zona específica, os Templários permitiram muito claramente que houvesse atividade hostil a partir da sua posição. Os cavaleiros cátaros continuaram a tomar parte na luta, retirando depois para as propriedades templárias. É muito fácil comprová-lo.

Pareceu-nos imensamente significativo que, dado que algumas das acusações feitas contra os Templários eram nitidamente falsas, a única coisa que não tinha sido usada como prova contra eles fosse a sua íntima relação com proscritos como os Cátaros. Que a Inquisição estava totalmente ciente disto é revelado pelo facto de terem desenterrado os corpos dos cátaros sepultados nas propriedades templárias a fim de os queimarem como dissuasores para os outros aspirantes a hereges, isto mais de 30 anos após o fim da cruzada. (E foi a Inquisição que torturou os Templários, por isso, se alguém sabia da sua ligação aos Cátaros, eram eles.) É claro que algo mais se passava, algo até, talvez, do conhecimento da coroa francesa, mas cuja revelação ao público foi considerada tão perigosa que nenhuma palavra sobre isso alguma vez escapou. Durante toda a nossa pesquisa sobre os Templários, tivemos sempre, na verdade, a inquietante – mas crescente – sensação de que havia um segredo monumental a rondar sob a superfície da

história oficial. Seria possível que os Templários e os Cátaros partilhassem algum conhecimento potencialmente explosivo? E podia este segredo ter sido o verdadeiro motivo de Filipe, *o Belo*, para montar uma tão bem planeada campanha contra os Templários?

Nem todos os Templários foram destruídos nessa fatídica sexta-feira 13. A muitos, foi-lhes permitido viver e reagrupar sob um nome diferente, e houve dois países específicos que proporcionaram casas seguras aos cavaleiros em fuga – Escócia e Portugal. (Neste último, os Templários tornaram-se conhecidos como Cavaleiros de Cristo.) A área em torno do Languedoc, soubemos por Charles e Nicole, assistiu a uma curiosa exceção ao padrão global da perseguição. Roussillon, a leste da região, ficava efetivamente sob a tutela do reino espanhol de Aragão, ainda que as partes a norte, incluindo Carcassonne, pertencessem a França. Os Templários de Roussillon foram presos e julgados – mas considerados inocentes –, e quando o Papa dissolveu oficialmente a Ordem, juntaram-se a outras irmandades similares ou viveram o resto das suas vidas nas suas terras com uma pensão.

Tal como foi sugerido por vários comentadores,[2] os Templários sobreviveram à tentativa de os exterminar por completo e continuam a existir até hoje, ainda que as provas sugiram que terão sofrido muitos cismas e que atuam como organizações distintas, todas alegando ser descendentes diretas da Ordem original.

Se os Templários estavam a esconder alguma coisa – algo que o rei francês considerou ser tão perigoso que tomou contra eles medidas tão drásticas –, o que poderia ser? Quem usou quem, ao certo – o Papa ou Filipe? Seja qual for a perspetiva de onde vemos a história, parece haver um elo crucial em falta.

Suponhamos que este elemento fugidio dizia respeito ao Priorado de Sião. Como já vimos, existem indicadores de uma presença sombria por trás da própria origem dos Templários, e este mesmo grupo de titereiros (fossem eles quem fossem) parece ter dirigido as cenas seguintes. Charles e Nicole não têm certamente quaisquer

dúvidas da existência de um «círculo interno» no seio da liderança dos Templários, e que era efetivamente anterior à sua origem oficial. Vão mesmo ao ponto de alegar que todo o movimento templário foi criado a fim de dar a este círculo interno um rosto público, na precisa altura em que a Terra Santa tinha sido aberta aos viajantes europeus.

Outros investigadores chegaram também à mesma conclusão. Como escreve o autor francês Jean Robin (com base nas investigações de Georges Cagger):

> A Ordem do Templo era efetivamente composta por sete círculos «externos», dedicados aos mistérios menores, e por três círculos «internos», correspondentes à iniciação nos grandes mistérios. E o «núcleo» era composto pelos setenta templários que foram «interrogados» por Clemente V [após as detenções de 1307].[3]

De igual modo, o autor britânico Graham Hancock escreve o seguinte em *The Sign and the Seal*:

> … o estudo que tinha feito sobre as crenças e o comportamento deste estranho grupo de monges-guerreiros convencera-me de que tinham acedido a uma tradição de sabedoria extremamente antiga…[4]

Era possível manter um grupo interno secreto porque os Templários eram essencialmente uma escola dos mistérios – ou seja, atuavam como uma hierarquia baseada na iniciação e no secretismo. É, pois, provável não só que um templário das bases soubesse consideravelmente menos do que os seus superiores, mas também que as suas crenças fossem efetivamente diferentes. É provável que a maioria dos Cavaleiros Templários não fossem mais do que os simples soldados cristãos que pareciam ser, mas o círculo interno era diferente.

O círculo interno dos Templários parece ter existido a fim de promover o estudo ativo de questões esotéricas e religiosas. Talvez uma das razões para o seu secretismo tenha sido o facto de lidarem

com os aspetos arcanos dos mundos judaico e islâmico. Procuravam literalmente os segredos do universo onde quer que suspeitassem que estes podiam ser encontrados e, no decorrer das suas deambulações geográficas e intelectuais, viriam a tolerar – e talvez até mesmo a acolher – algumas crenças muito heterodoxas.

Nesse tempo, tinha de haver uma força motriz particularmente forte para se perseguir o conhecimento contra todos os riscos, e os Templários não estavam preocupados com as complexidades da investigação só porque sim – eram pessoas intensamente pragmáticas. Quando seguiam uma linha de investigação específica, era por uma muito boa razão, e por isso deixaram certas pistas quanto ao que era para eles particularmente importante.

Uma dessas pistas está nas obsessões de Bernardo de Claraval, a sua primeira *éminence grise*. Este intelectual mas fogoso monge era, ao que parece, absolutamente dedicado à Virgem Maria, tal como é demonstrado pelos seus muitos sermões. Mas parece que a Virgem não era o verdadeiro alvo do amor espiritual de Bernardo. Era outra Maria, cuja verdadeira identidade é sugerida pelo facto de ele ter uma predileção especial pelas Virgens Negras.[5] Viria também a escrever quase noventa sermões sobre o tema do Cântico dos Cânticos e a pregar muito mais explicitamente sobre as associações entre a «Noiva» e Maria de Betânia,[6] que, naqueles dias, era inquestionavelmente assumida como sendo a mesma pessoa que Maria Madalena.

«Sou negra, mas formosa», diz a amada, uma frase que liga também o Cântico dos Cânticos ao culto da Virgem Negra – ao qual Bernardo (que nasceu no centro da Virgem Negra de Fontaines, perto de Dijon) era excecionalmente dedicado. Alegava ter recebido a sua inspiração, em pequeno, de três gotas de leite milagroso do seio da Virgem Negra de Châtillon. Houve quem especulasse ser isto uma referência codificada à sua iniciação neste culto.[7] E quando pregou sobre a Segunda Cruzada, Bernardo escolheu fazê-lo a partir do centro de Maria Madalena em Vézelay.[8]

É, pois, provável que a aparente devoção de Bernardo pela Virgem fosse simplesmente uma cortina de fumo para a sua inquestionável paixão pela Madalena, ainda que, claro, as duas não sejam mutuamente exclusivas. Mas, ao criar a Regra dos Templários, Bernardo recomendou aos cavaleiros «a obediência de Betânia, castelo de Maria e Marta»[9] e é sabido ter transmitido à Ordem esta devoção específica. Mesmo quando confrontados com a absoluta extinção, os cavaleiros aprisionados com o Grão-Mestre Jacques de Molay nas masmorras da fortaleza de Chinon compuseram uma prece dedicada a «Notre Dame» (Nossa Senhora) em que lembravam São Bernardo como tendo fundado a religião da Abençoada Virgem Maria.[10] Mas, dadas todas as outras evidências, pode muito bem ter-se tratado de outra referência em código ao culto da Madalena.

É significativo que o juramento dos Templários fosse feito a «Deus e Nossa Senhora» – ou muitas vezes a «Deus e à Abençoada Maria».[11] Há uma sugestão de que a «Nossa Senhora» referida no juramento não é a Virgem, que é também reforçada pelas palavras da Absolvição Templária: «Peço a Deus que perdoe os vossos pecados tal como os perdoou a Santa Maria Madalena e ao ladrão que foi pregado na cruz.»[12] No mínimo, isto demonstra a importância da Madalena para os Templários. (Importa referir que, no caso dos templários de Roussillon, durante o seu cativeiro, as condições em que estavam agrilhoados foram deliberadamente agravadas especificamente – e por ordem do Papa – *no dia de Santa Maria Madalena*.[13] Lembre-se que o massacre de Béziers teve lugar nesse dia para salientar a natureza da «heresia».)

Na verdade, os Templários preocupavam-se com todo o conceito de Feminino – uma ideia que pode parecer estar em grave discordância com a sua imagem de guerreiros. Mas, tal como Charles e Nicole descobriram, *a Ordem do Templo incluía mulheres*. Nos primeiros anos da sua existência, muitas mulheres fizeram o juramento da Ordem, embora tenham permanecido como membros leigos do Templo. Embora não exista qualquer sugestão da

existência de um enclave secreto de rainhas guerreiras no seio da Ordem do Templo, tal como Michael Baigent e Richard Leigh observam em *The Temple and the Lodge* (1989):

> … um relato de finais do século XII em Inglaterra fala de uma mulher ter sido recebida no Templo como Irmã, o que parece implicar muito claramente a existência de algum tipo de ala feminina ou coadjuvante à Ordem. Mas nunca foi encontrada qualquer elaboração ou clarificação sobre este tema. Mesmo a informação que pudesse ter estado contida nos registos oficiais da Inquisição desapareceu há muito ou foi suprimida.[14]

Nicole e Charles, a partir do seu estudo aprofundado dos documentos templários, são mais enfáticos:

> Se recuarmos aos documentos do século XII, existem múltiplos exemplos de mulheres que aderiram à Ordem, certamente no seu primeiro século. Quem se lhes juntasse tinha de fazer um juramento de entregar «a minha casa, as minhas terras e o meu corpo e alma à Ordem do Templo». No fim destes documentos, vemos nomes de mulheres e de homens, e temos frequentemente a filiação de casais – pelo que as mulheres devem ter feito também o juramento. Estes documentos encontram-se sobretudo nesta região [o Languedoc] e há exemplos suficientes para demonstrar que, a determinada altura, deve ter havido um grande número de mulheres envolvidas.

Realçam também que as regras foram posteriormente alteradas, sendo que os Templários foram especificamente proibidos de aceitar mulheres – com a implicação de que, até esse momento, tinham vindo a fazê-lo.

Quando expressámos alguma surpresa por isto não ser mais conhecido, e é certo que, excetuando algumas pistas vagas, o envolvimento das mulheres não surge nas obras convencionais sobre os Templários, Charles explicou-o assim:

> Às vezes, parece que muita desta informação foi intencionalmente descurada. O que vemos nos livros é muita informação redundante, a mesma coisa discutida uma e outra vez. Só há duas possibilidades: ou estas pessoas estão cegas, ou, por alguma razão muito específica, não estão a concentrar-se nessa informação. Quando se é investigador, o que supostamente estas pessoas são, esta informação no meio dos documentos devia chamar a atenção. Mas é descartada.

É *realmente* notável que as detenções do dia 13 de outubro de 1307 tenham sido tão incrivelmente pacíficas. Por toda a França, os senescais do rei abriram as suas ordens seladas, que lhes ordenavam que reunissem tropas suficientes para prender os mais bem treinados guerreiros da Cristandade – um pouco como dizer à comum esquadra de bairro do Reino Unido para reunir forças e ir prender os membros das Forças Especiais aquartelados na sua região. E a maioria dos Templários em França parece ter ido como cordeiros para o matadouro. É estranho que os cavaleiros não tenham pedido reforços ao exterior de França.

Significativamente, alguns dos cavaleiros, incluindo o tesoureiro da Ordem, conseguiram fugir de uma forma que sugere que terão sido avisados.[15] Além disso, a famosa esquadra templária, que estivera sediada em França, desapareceu simplesmente por esta altura. Em todos os registos das depredações templárias feitas pelo rei francês, não é enumerado um único navio. Para onde foi a frota? Não pode ter simplesmente evaporado.

O círculo interno dos Templários, no entanto, parece ter-se dado a grandes esforços para preservar o seu conhecimento secreto. Tal como foi demonstrado pelo respeitado estudioso do Novo Testamento Hugh Schonfield,[16] os Templários utilizavam um código conhecido como cifra Atbash. Isto é verdadeiramente notável, pois esta fora utilizada pelos autores de alguns dos Manuscritos do Mar Morto pelo menos *mil anos* antes da fundação da Ordem do Templo. Independentemente de que outro significado isto possa ter, revela,

por si só, que os Templários eram exímios a guardar os seus segredos das mais engenhosas formas – e também que o seu conhecimento vinha de fontes longínquas e esotéricas. Schonfield revela que, uma vez aplicado o código ao nome do misterioso ídolo de cabeça cortada alegadamente adorado pelos Templários – Baphomet –, este transforma-se na palavra grega *sophia*. Graham Hancock escreve em *The Sign and the Seal* que *sophia* «significa nada mais nada menos que "sabedoria"».[17] Mas, na verdade, significa muito mais do que isso, e o seu sentido completo acrescenta um brilho diferente a toda a *raison d'être* dos Templários.

Simplesmente referida como «Sabedoria», ou, em hebraico, *Chokmah* – uma figura feminina que surge no Antigo Testamento, especificamente no Livro dos Provérbios –, Sophia causou grande embaraço entre os comentadores judaicos e cristãos, pois é apresentada como sendo a companheira de Deus. É ela que tem influência sobre ele e que lhe dá efetivamente conselhos.[18]

Sophia é também crucial para a cosmologia gnóstica – de facto, no texto de Nag Hammadi intitulado *Pistis Sophia*, foi intimamente associada a Maria Madalena. E, enquanto *Chokmah*, é a chave para o entendimento gnóstico da Cabala (o importante e muito influente sistema oculto que constituía a base da magia medieval e renascentista). Para os Gnósticos, era a deusa grega Atena e a deusa egípcia Ísis – que era, por vezes, efetivamente chamada de Sophia.[19]

Vista de forma isolada, a utilização por parte dos Templários da palavra Sophia – tal como está codificada em «Baphomet» – não prova, claro, qualquer veneração especial da sua parte pelo feminino. Podem ter simplesmente admirado a busca pela sabedoria. Mas existem muitos outros indicadores de que isto fazia parte de uma profunda obsessão pelo princípio feminino que ia muito para lá da mera semântica – no que aos Templários, e também a outros grupos esotéricos, dizia respeito.

Como nos disse o investigador escocês Niven Sinclair, cujo conhecimento dos Templários é particularmente extenso: «Os

Templários acreditavam firmemente no lado feminino.»[20] Para ele, não há qualquer dúvida nem nada de estranho nisso.

Geralmente os Templários construíam as suas igrejas *redondas*, pois acreditavam ter sido essa a forma do Templo de Salomão. Este pode, por sua vez, ter simbolizado a ideia de um universo redondo, mas é mais provável que representasse o *Feminino*. Círculos e ciclos sempre foram associados às deusas e a todas as coisas femininas, tanto esotéricas como biológicas. É um símbolo arquetípico que se repete ao longo de toda a civilização: os montes tumulares pré-históricos eram redondos porque representavam o ventre da terra, que receberia de volta os falecidos a fim de renascerem como espíritos. E todos conheciam a rotundidade de uma barriga grávida e o símbolo da fase «Mãe» da deusa, a Lua cheia.

Seja qual for o significado exato da rotundidade para os Templários, não existe qualquer possibilidade de ter sido *masculino*. E após o período dos Templários, a construção de igrejas redondas foi oficialmente classificada como herética pela Igreja.[21] Mas, como vimos, a igreja francesa em Londres é redonda, caraterística essa que é repetida e reforçada por outros motivos decorativos, tanto no seu exterior como no interior.

Aparentemente, os Templários tinham adquirido conhecimentos exóticos e heréticos, mas teria sido por acaso ou premeditadamente? As provas apontam para esta última hipótese: foram em busca de certos segredos que, uma vez na sua posse, estavam em posição de conceder ou recusar. Ainda que muitos dos seus segredos permaneçam à sua guarda, deixaram pistas para alguns deles na forma de códigos – esculpidos até em pedra.

Os Cavaleiros Templários foram os principais impulsionadores por trás da construção das grandes catedrais góticas, principalmente a de Chartres. Enquanto principais – e muitas vezes únicos – «construtores» nos grandes centros culturais europeus, estiveram por trás da formação de guildas de construtores, incluindo a dos

pedreiros – que se tornaram membros leigos da Ordem do Templo, tendo todos os seus benefícios, como a isenção de impostos.[22]

Durante toda a longa história das grandes catedrais, o estranho simbolismo da sua decoração e traçado tem sido motivo de perplexidade para especialistas de muitas áreas. Só recentemente foi visto pelo que sem dúvida era: a codificação de conhecimento esotérico por parte dos Templários. Graham Hancock, ao discutir a arquitetura sagrada dos antigos egípcios, observa que esta «só tem equivalente na Europa nas grandes catedrais góticas da Idade Média, como Chartres», colocando em seguida a questão: «Seria isto um acaso?» Continua assim:

> Há muito que suspeitava que existia de facto uma ligação e que os Cavaleiros Templários, através das suas descobertas durante as Cruzadas, podiam ter formado o elo que faltava na cadeia de transmissão do conhecimento arquitetónico secreto… São Bernardo, o padroeiro dos Templários, definira Deus – de forma espantosa para um cristão – como «comprimento, largura, altura e profundidade». Nem podia esquecer que os próprios Templários tinham sido grandes construtores e arquitetos, ou que a ordem monástica de Cister, a que São Bernardo pertencera, se destacara também neste ramo específico da atividade humana.[23]

O traçado das catedrais era especificamente concebido de modo a ter em conta – a *exemplificar* – os princípios da geometria sagrada.[24] Trata-se da ideia de que a proporção geométrica contém em si uma ressonância com a harmonia divina, e que algumas proporções específicas são mais divinas do que outras. Isto realçava a afirmação incisiva de Pitágoras de que «o número é tudo», reforçando também a ideia hermética de que a matemática é o código com que os deuses falam ao Homem. Os artistas e criadores do Renascimento, para quem a «Média Áurea» – para eles, a proporção perfeita – era pouco menos do que uma panaceia universal, eram particularmente adeptos desta arquitetura esotérica.

Mas não era de todo este o total do seu pensamento, e o conceito de geometria sagrada impregnava todas as suas vidas intelectuais. Os desenhos de Leonardo, sejam de homens ou de máquinas, do interior de flores ou da forma de uma onda, comunicam a crença do artista em que havia significado nos padrões e harmonia na proporção, e um dos seus mais célebres desenhos, o *Homem de Vitrúvio*, encarna literalmente a Média Áurea.[25]

O lendário Templo de Salomão era para os Templários, tal como posteriormente para os Maçons, a mais fina flor e o mais perfeito exemplar de toda a geometria sagrada. Não só era um sumo deleite para os olhos de todos quantos o viam ou nele prestavam culto como ia muito além dos meros cinco sentidos. Entendia-se refletir de forma única e transcendental a harmonia celestial do próprio céu; estando o seu comprimento e largura, altura e profundidade totalmente de acordo com as proporções mais amadas pelo universo. O Templo de Salomão era, por assim dizer, a alma do próprio Deus escrita em pedra.

Muitos visitantes modernos ficaram desconcertados ao ver nas antigas catedrais decorações de pedra que são nitidamente de natureza astrológica. Poder-se-á pensar, hoje em dia, que o inconfundível símbolo do signo Carneiro esculpido na entrada principal de um tão venerável edifício tem de ser certamente uma aberração, um erro pessoal por parte de um pedreiro. Mas estes símbolos surgem uma e outra vez em muitas catedrais diferentes – e nunca são fortuitos.

Todo o grande simbolismo que é possível encontrar nas catedrais era entendido pelos iniciados da época como refletindo o antigo adágio hermético: *Como em cima, assim em baixo*. Julga-se que a frase terá vindo da *Tábua Esmeralda* de Hermes Trismegisto, o lendário mágico egípcio, ou mago, ainda que as palavras propriamente ditas possam ser muito mais antigas. Significam que tudo o que existe na terra tem um homólogo no céu, e vice-versa, algo que Platão popularizou com o seu conceito de *Ideal*. Segundo este, tudo o que existia, desde uma colher a um homem, era apenas

uma versão do seu ideal, que existia numa espécie de dimensão alternativa cheia de modelos perfeitos. Os mágicos – ou magos – iam ainda mais longe, acreditando que cada pensamento ou ação era refletido noutro plano, e que ambas as dimensões se afetavam irresistivelmente, de algum modo, uma à outra. Existem neste conceito ecos da ideia científica moderna de universos paralelos. Daí que as histórias dos antigos deuses, com os seus ciúmes mesquinhos e frequentes obsessões sórdidas, fossem vistas como representações arquetípicas da raça humana. Para os antigos, não havia qualquer discrepância entre humilharem-se perante o grande deus olímpico Zeus e acreditar que, por vezes, este assumia a forma de um animal a fim de seduzir donzelas terrestres. Era esperado de um deus que este se comportasse como um homem – mas o anverso deste conceito era a ideia, «herética» para judeus e cristãos, de que um homem podia tornar-se um deus.

Nada disto era novo para os Templários. O traçado das catedrais revela um entendimento dos princípios herméticos por parte dos pedreiros e dos cavaleiros que patrocinavam os trabalhos de construção.[26] De entre todas as gentes medievais, tinham uma estima especial pela *aplicação prática*, onde quer que tal fosse possível, de qualquer conhecimento esotérico. Para eles, a codificação de mensagens secretas na própria pedra das catedrais era mais do que um mero capricho. Tal como Baigent e Leigh observam no seu *The Temple and the Lodge*: «… Deus tinha efetivamente *ensinado* a aplicação prática da geometria sagrada através da arquitetura.»[27] E, mais uma vez, vemo ser-nos apontada a direção do Templo de Salomão.

Filho do rei David, o lendário herói judeu, Salomão construiu um Templo de insuperável beleza, utilizando os melhores e mais caros materiais.[28] Mármore e pedras preciosas, madeiras aromáticas e os mais raros tecidos foram utilizados para criar um lugar que faria os sentidos dos devotos rodopiar de prazer, mas também onde o próprio Deus se sentiria em casa. No seu âmago, ficava o Santo dos Santos, onde o sumo sacerdote podia efetivamente receber o Todo-

Poderoso através do mais misterioso instrumento que era a Arca da Aliança. Este celebremente temperamental aparelho era conhecido, por um lado, por conceder grandes bênçãos aos «justos» e, por outro, por destruir os malfeitores ou aqueles a quem não tivesse sido dito como combater os efeitos da sua terrível presença. Talvez parecesse aos Templários a derradeira arma, e por isso foram à sua procura, tal como foi sugerido por alguns.

Existem, talvez, pistas para o que os Templários acreditavam ser o verdadeiro significado da «Arca» na decoração das catedrais. A Catedral de Chartres, por exemplo, criação da sua *éminence grise*, Bernardo de Claraval, contém uma escultura em pedra do que parece ser a Virgem Maria com o seguinte «rótulo» gravado: *arcis foederis* – Arca da Aliança. Isto não é, por si só, muito significativo, pois este era um símbolo cristão convencional no período medieval. Mas, uma vez que Chartres era um centro do culto da Virgem Negra, não estará a Arca a ser equiparada a essa outra Maria, a Madalena, ou até mesmo a uma deusa pagã muito mais antiga? Talvez seja o próprio princípio Feminino que está a ser evocado, usando como «capa» o símbolo mariano. Não pode ser uma referência à própria Virgem, pois os arquitetos da catedral gótica tinham um motivo especial para evocar o arquétipo de uma *mulher sexualmente ativa*. (É também significativo que as primeiras representações da lenda da vida de Maria Madalena em França se encontrem nos vitrais da Catedral de Chartres.)

É efetivamente a muito difamada e incompreendida disciplina da alquimia que está por detrás das muitas vezes aparentemente bizarras decorações dos edifícios góticos (tal como é, na verdade, a alquimia que parece ter sido o denominador comum entre a maioria dos Grão-Mestres do Priorado de Sião.[29])

Julga-se que a alquimia terá vindo dos antigos egípcios através dos árabes (a própria palavra tem origem árabe). Era mais do que uma ciência: a sua prática abrangia uma fina teia de atividades e modos de pensamento interligados, da magia à química, da filosofia e do hermetismo à geometria sagrada e à cosmologia. Dedicava-se

também àquilo a que hoje em dia se chama engenharia genética e às formas de retardar o processo de envelhecimento e de tentar atingir a imortalidade física. Os alquimistas tinham fome de conhecimento e não tinham tempo para o antagonismo da Igreja quanto à experimentação, pelo que passaram à clandestinidade e continuaram secretamente com os seus estudos. Para o alquimista, a heresia era algo que não existia – enquanto para a Igreja não havia um alquimista que não fosse herege; daí que toda a prática tenha ficado conhecida como «a Arte Negra».

Havia muitos níveis de alquimia: o externo, ou exotérico, dizia respeito ao trabalho e experimentação com os metais, mas havia outros níveis cada vez mais secretos que incluíam a realização da misteriosa «Grande Obra». Esta tem sido entendida como o ponto alto da vida de um alquimista, em que este finalmente transforma em ouro os metais básicos. Mas, nos círculos esotéricos, é vista também como o ponto em que ele se torna espiritualmente iluminado e fisicamente revitalizado – através de um «mecanismo» mágico que gira em torno da *sexualidade*. (Isto será discutido em pormenor mais tarde.) Parece que a Grande Obra representava um ato de suprema iniciação.

Talvez se julgasse que este rito concedia longevidade: Nicolas Flamel, alegado Grão-Mestre do Priorado de Sião, que alcançou a Grande Obra na companhia da sua esposa Perenelle no dia 17 de janeiro de 1382, teria vivido, segundo os rumores, durante um período de tempo excecionalmente longo depois disso.[30]

Na alquimia, o símbolo da Grande Obra aperfeiçoada é o hermafrodita – literalmente o deus Hermes e a deusa Afrodite fundidos numa só pessoa. Leonardo era fascinado pelos hermafroditas, indo mesmo ao ponto de cobrir folha atrás de folha do seu caderno de esboços com desenhos deles – alguns pornográficos. E estudos recentes do mais célebre retrato do mundo – a enigmaticamente sorridente *Mona Lisa* – provaram de modo convincente que «ela» não era ninguém senão o próprio Leonardo. Lillian Schwartz, dos Laboratórios Bell, nos Estados Unidos, utilizou

as mais sofisticadas técnicas informáticas, de forma independente, para comparar o rosto do retrato com o rosto do artista, e o resultado foi uma correspondência perfeita.[31] Talvez se tratasse apenas de um dos seus excecionalmente inteligentes gracejos para a posteridade, mas existe também a possibilidade de Leonardo, enquanto alquimista, estar também a encapsular a sua ideia de ter atingido a Grande Obra.

Há quem acredite que isto poderia desencadear uma tão profunda transformação física que o bem-sucedido alquimista poderia até mudar de sexo – talvez tenha sido este o conceito por trás da *Mona Lisa*. Mas o símbolo do hermafrodita representa também o momento do orgasmo, em que ambos os participantes na experiência ritual, masculino e feminino, têm a sensação de se fundir um no outro, de atravessar os seus próprios limites e entrar numa consciência mística de si mesmos e do universo.

As catedrais góticas exibem muitas figuras curiosas, desde demónios a Homens Verdes. Mas algumas ultrapassam a estranheza: um entalhe na Catedral de Nantes mostra uma mulher a ver-se ao espelho, ainda que a parte de trás da sua cabeça seja, na verdade, a de um velho.[32] E em Chartres, a escultura da chamada «Rainha de Sabá» tem efetivamente barba![33] Símbolos alquímicos surgem em muitas das catedrais associadas aos Cavaleiros Templários.

São ligações implícitas, mas Charles Bywaters e Nicole Dawe descobriram na região de Languedoc-Roussillon locais templários com símbolos alquímicos explícitos:

> Entre outras coisas, a nossa investigação demonstrou que estavam, de algum modo, muito familiarizados com as propriedades do solo. Numa área específica, criaram um hospital para os templários que regressavam da Terra Santa porque o solo tinha propriedades curativas. Existem neste local símbolos alquímicos…

> É muito claro que estavam familiarizados com a alquimia. É significativo quando encontramos um local que foi especificamente escolhido devido à natureza do solo, onde existem nidamente símbolos alquímicos na sua estrutura e onde há ligações aos Cátaros e aos muçulmanos. E isto são provas documentadas; é relativamente fácil de provar.

Durante as nossas viagens por França, vimos vários casos de cidades que tinham anteriormente sido propriedade dos Templários – como Utelle, na Provença, e Alet-les-Bains, no Languedoc – e que se tornaram subsequentemente centros de alquimia. É também significativo que os alquimistas, tal como os Templários, tivessem uma veneração especial por João Batista.[34]

Como vimos, as grandes catedrais e muitas igrejas famosas foram construídas em locais que se sabia terem sido sagrados para antigas deusas. Notre-Dame, em Paris, por exemplo, foi erguida sobre os alicerces de um templo de Diana, e a igreja de Saint-Suplice, também em Paris, foi construída sobre as ruínas de um templo a Ísis. Isto não é em si mesmo invulgar, pois, por toda a Europa, foram construídas igrejas cristãs em antigos locais pagãos, numa jogada deliberada por parte da Igreja a fim de demonstrar que triunfara sobre os pagãos. Mas muitas vezes o que realmente acontecia era que os locais se limitavam a adaptar a sua forma de paganismo de modo a incluir o cristianismo, vendo o local da nova igreja como complementar à Antiga Religião e não como o seu oposto. Dada, porém, a evidência dos interesses mais profundos dos Templários, não será possível que as catedrais se destinassem a dar continuidade ao culto do feminino em vez de o suprimirem? Talvez as catedrais fossem hinos à deusa esculpidos em pedra, e a «Notre Dame» a que tantas delas foram consagradas fosse na verdade o próprio princípio feminino – *Sophia*…

Hoje em dia, a maioria das pessoas pensa na arquitetura gótica como bastante «masculina», com os seus altos pináculos e naves em forma de cruz, mas grande parte da decoração interior é

incisivamente feminina, principalmente as esplêndidas janelas em rosácea. Barbara G. Walker salienta a sua importância:

> … a Rosa, que era conhecida na Roma Antiga como a Flor de Vénus, [era] a insígnia das suas prostitutas sagradas. As coisas ditas «sob a rosa» (*sub rosa*) eram parte dos mistérios sexuais de Vénus, não devendo ser reveladas aos não iniciados…
>
> Na grande era da construção das catedrais, em que Maria era adorada como uma Deusa nos seus «Palácios da Rainha do Céu», ou *Notre-Dames*, era frequentemente referida como a Rosa, Roseira, coroa de Rosas… Rosa Mística… Tal como um templo pagão, a catedral gótica representava o corpo da Deusa, que era também o universo, contendo em si a essência da divindade masculina…[35]

Como veremos, a rosa foi também um símbolo adotado pelos trovadores, esses cantores de canções de amor do sul de França que estão intimamente ligados aos mistérios eróticos.

Outros símbolos encontrados nas catedrais góticas transmitem fortes mensagens subliminares sobre o poder do Feminino. Teias de aranha esculpidas – uma imagem repetida na claraboia abobadada da igreja de Notre-Dame de France em Londres – representam Aracne, a deusa-aranha que rege o destino do Homem, ou Ísis, no seu papel de tecedora do destino. De igual modo, o grande labirinto desenhado no chão da Catedral de Chartres refere-se aos mistérios femininos, através dos quais o iniciado só pode encontrar o caminho se seguir o fio que para ele foi tecido pela deusa. Não é nitidamente um local que se destine ao culto da Virgem Maria, principalmente porque é também lar de uma Virgem Negra – Notre Dame de Souterrain (Nossa Senhora do Submundo). Além disso, existe em Chartres um vitral que mostra Maria Madalena a chegar de barco a França, associando desse modo à sua lenda uma referência à de Ísis, para quem o barco era também um meio de transporte de eleição. (Talvez o título de *Nautonnier*, «timoneiro», do Grão-Mestre

do Priorado de Sião se refira ao seu suposto papel no Barco de Ísis.) Este vitral é a mais antiga representação da lenda da Madalena em França, e, numa catedral a tantos quilómetros da Provença, foi nitidamente considerada como de grande importância pelos arquitetos.

Ao mesmo tempo que as catedrais estavam a ser construídas, a heresia encontrou outra forma de expressão, garantindo assim que a sua mensagem ficaria para a história – ainda que, tal como n' *A Última Ceia* de Leonardo, os códigos através dos quais se exprimiu sejam muitas vezes incompreendidos. Esta outra tradição herética era a das lendas do Graal.

Hoje em dia, o termo «Santo Graal» é frequentemente utilizado para simbolizar um objetivo fugidio, o brilhante troféu que coroará a obra de uma vida. A maioria das pessoas entende que se refere a algo mais antigo, e de natureza religiosa – geralmente a taça de onde Jesus bebeu na Última Ceia. Diz uma lenda que José de Arimateia, o amigo rico de Jesus, recolheu nela o sangue derramado na Crucifixão, que se descobriu posteriormente ter propriedades curativas. A busca do Santo Graal é entendida como uma demanda pejada de perigos físicos e espirituais, enquanto aquele que o procura luta contra todo o tipo de inimigos, incluindo os do reino sobrenatural. Em todas as versões da história, a taça é tanto um objeto literal como um símbolo de perfeição. É vista como uma representação de algo que pertence simultaneamente a duas dimensões – a mítica e a real –, tendo, por isso, um poder inigualável sobre a imaginação.

O Graal pode ser visto como um objeto misterioso, um verdadeiro tesouro que existe numa gruta algures, mas traz sempre consigo a ideia implícita de que simboliza algo de inefável, para lá do mundo quotidiano. Esta aura de demanda espiritual resultou não só das lendas originais do Graal mas também da cultura onde em tempos desabrocharam.

Dos milhões de palavras que foram dedicadas a este tema ao longo dos séculos, algumas das mais sábias encontram-se, na

nossa opinião, em *The Holy Grail*, de Malcolm Godwin, publicado em 1994. É um resumo notável de todas as diferentes lendas e interpretações, e vê perspicazmente para lá da verborreia até ao coração da matéria. Além das habituais correntes cristãs e celtas dos romances do Graal de finais do século XII e inícios do século XIII, Godwin identifica também uma terceira corrente igualmente importante – a alquímica. Revela que as primeiras versões da história do Graal foram inquestionavelmente baseadas em mitos celtas envolvendo esse grande herói chamado rei Artur e a sua corte, e muitos dos elementos destas histórias centravam-se em ideias do culto celta à deusa. As histórias do Graal redefiniram as velhas lendas celtas e prolongaram-nas de modo a abranger ideias heréticas que eram comuns no século XIII.

O primeiro romance do Graal foi o inacabado *Le Conte del Graal* (c. 1190), de Chrétien de Troyes. É significativo que a cidade de Troyes, de onde Chrétien tomou o seu apelido, fosse um centro cabalístico, bem como o local da precetoria templária original – e era aí que o Conde de Champanhe tinha a sua corte. (Na verdade, grande parte dos nove cavaleiros templários originais eram seus vassalos.) E a igreja mais conhecida de Troyes é consagrada a Maria Madalena.[36]

Na versão da história contada por Chrétien não existe qualquer referência ao facto de o Graal ser uma taça, nem é explicitamente descrita qualquer relação com a Última Ceia ou com Jesus. Na verdade, não existe qualquer conotação religiosa óbvia, e houve quem dissesse que a atmosfera geral é, quando muito, nitidamente pagã.[37] Aqui, porém, o Graal era uma salva ou prato – o que, como veremos, é altamente significativo. Na verdade, Chrétien baseara-se num mito celta muito mais antigo que tinha como herói Peredur,[38] cuja demanda envolvia deparar-se com uma macabra e aparentemente muito ritualizada procissão num castelo longínquo. Entre outras coisas levadas nesta procissão, contavam-se uma lança a pingar sangue *e uma cabeça cortada numa bandeja*. Um elemento comum às histórias do Graal é o momento crítico em que

o herói falha em fazer uma pergunta importante, e é este pecado de omissão que o põe em grande perigo. Como diz Malcolm Godwin: «Aqui, a questão que não é colocada diz respeito à natureza da cabeça. Se Peredur tivesse perguntado *de quem era* a cabeça e como lhe dizia respeito, teria sabido como quebrar os feitiços da Terra Devastada.»[39] (A terra tinha sido amaldiçoada e tornada estéril.)

Mesmo sem um fim, a história de Chrétien foi um enorme sucesso e deu origem a um vasto número de imitações – a maioria das quais explicitamente cristã. Mas, como diz Malcolm Godwin ao falar dos monges que as escreveram:

> Conseguiram cobrir uma obra da mais profunda heresia com um tão devoto mistério que tanto a lenda como os seus autores sobreviveram ao fervoroso zelo dos Pais da Igreja. As mentes ortodoxas da Roma papal, embora nunca reconhecendo efetivamente a existência do Graal, foram surpreendentemente tímidas na sua condenação… Mais curiosamente ainda, a lenda manteve-se sem mácula aquando da queda dos hereges cátaros… e até dos Cavaleiros Templários, que surgem implicitamente nos vários textos.[40]

Uma destas versões cristianizadas foi *Perlesvaus*, que terá sido escrita, dizem alguns, por um monge da Abadia de Glastonbury por volta de 1205, enquanto outros acreditam ter sido obra de um templário anónimo.[41] Esta história é, na verdade, sobre duas demandas entrelaçadas. O cavaleiro Gawain procura a espada que decapitou João Batista e que todos os dias sangra magicamente ao meio-dia. Num episódio, o herói depara-se com uma carroça contendo 150 cabeças de cavaleiros decapitados: algumas seladas em ouro, outras em prata e outras em chumbo. Surge depois uma bizarra donzela que leva numa das mãos a cabeça de um rei, selada em prata, e na outra a de uma rainha, selada em chumbo.

Em *Perlesvaus*, os acompanhantes de elite do Graal envergam vestes brancas adornadas com uma cruz vermelha – tal como os

Templários. Há também uma cruz vermelha que se ergue numa floresta e que é tomada por um padre, que lhe bate «em todas as partes» com uma vara, um episódio claramente associado à acusação de que os Templários pisavam e cuspiam na cruz. Uma vez mais, há uma curiosa cena envolvendo cabeças cortadas. Um dos guardiões do Graal diz isto ao herói, Percival: «Eis ali as cabeças seladas em prata e as cabeças seladas em chumbo, e os corpos a que estas cabeças pertencem: digo-te que tens de fazer ir ali as cabeças do Rei e da Rainha.»

O simbolismo alquímico é exuberante: metais básicos e preciosos, reis e rainhas. Este tipo de imagens surge também em abundância noutra grande versão da lenda do Graal, como veremos.

Apesar da repulsa implícita da Igreja pelo Graal, a versão mais cristianizada foi efetivamente escrita por um grupo de monges cistercienses. Intitulada *Queste del San Graal*, destaca-se sobretudo por recorrer ao Cântico dos Cânticos para o seu poderoso simbolismo místico.[42]

De todas as francamente bizarras histórias do Graal, a mais estranha – e mais provocadora – foi a do poeta bávaro Wolfram von Eschenbach, *Parzival* (c. 1220).[43] Nela, o autor afirma estar deliberadamente a corrigir a versão de Chrétien de Troyes, que não continha toda a informação disponível. Alega ser a sua a mais precisa, por ter obtido a história verdadeira de um tal Kyot da Provença – que foi identificado como Guiot de Provins, um monge que foi simultaneamente uma voz para a Ordem do Templo e um trovador.[44] Tal como Wolfram escreve em *Parzival*: «A verdadeira história com a conclusão do romance foi enviada da Provença às terras da Germânia.»[45]

Mas que conclusão importante era esta? Em *Parzival*, o Castelo do Graal é um local secreto guardado pelos Templários (a quem, significativamente, Wolfram chama «homens batizados»), que são enviados a propagar a sua fé em segredo. O *secretismo* e a aversão da Companhia do Graal a ser questionada são salientados.

No final da história, Repanse de Schoye (a portadora do Graal) e o meio-irmão de Parzival, Fierefiz, partem para a Índia e têm um filho chamado João – o famoso Preste João –, que é o primeiro de uma linhagem *que adota sempre o nome de João*… Poderá tratar-se de uma referência em código ao Priorado de Sião, cujos Grão-Mestres se supõe que adotem sempre esse nome?

É o conceito de linhagem que está no cerne das teorias de Baigent, Leigh e Lincoln relativamente ao Graal. Tal como o título do seu primeiro livro deixa claro, para eles o «Santo Graal» era na verdade o «Sangue Sagrado». Isto baseia-se na ideia de que o original francês *sangraal*, que geralmente é interpretado como *san graal* (Santo Graal), deve na verdade ser transformado em *sang real* – sangue real, o que entendiam significar uma linhagem. Baigent, Leigh e Lincoln associaram a ênfase dada à linhagem nas lendas do Graal àquilo que acreditam ser o grande segredo sobre Jesus e a Madalena terem sido marido e mulher, surgindo com a sua própria teoria: o Graal das lendas era uma referência simbólica aos descendentes de Jesus e de Maria Madalena. Segundo esta teoria, os guardiões do Graal eram aqueles que sabiam da existência desta linhagem sagrada e secreta – como os Templários e o Priorado de Sião.[46]

Há, no entanto, um problema com esta ideia: nas histórias do Graal, a ênfase é colocada na linhagem dos *guardiões do Graal* ou daqueles que o *encontram*: o Graal em si está separado deles. Embora possa muito bem ser possível que as lendas se refiram a um segredo guardado por certas famílias e transmitido de geração em geração, parece improvável que se refiram realmente a uma linhagem. Afinal, a ideia resulta apenas de brincar com uma única palavra em francês, *sangraal*, e já vimos as dificuldades que resultam de qualquer hipótese que assente na ideia da manutenção de uma linhagem «pura» ao longo dos séculos.

A ligação entre as histórias do Graal e o legado dos Templários parece suficientemente real. Wolfram von Eschenbach terá supostamente viajado muito e não seria alheio aos centros dos

Templários no Médio Oriente, e a sua versão é de longe a mais explicitamente templária de todos os romances do Graal. Como diz Malcolm Godwin: «Ao longo de todo o texto de *Parzival*, Wolfram vai esparzindo o relato com alusões à astrologia, à alquimia, à Cabala e às novas ideias espirituais do Oriente.»[47] Inclui também símbolos obviamente retirados diretamente do Tarot.

É nesta versão que os Guardiões do Graal no Castelo de Montsalvasch são explicitamente chamados de Templários.[48] O castelo original foi identificado como Montségur, a última grande fortaleza cátara[49] – e noutro dos seus poemas, Wolfram chama eloquentemente ao Senhor do Graal Castelo de Perilla. O verdadeiro senhor de Montségur no tempo do poeta era Ramon de Perella. Uma vez mais, vemos Templários e Cátaros associados, tanto uns aos outros como a um indefinido mas altamente valorizado tesouro.

Não existe na versão de Wolfram qualquer taça dotada de poderes sobrenaturais; aqui, o Graal é uma pedra – *lapsit exillis*, que possivelmente significa Pedra da Morte, ainda que se trate de mera especulação. Ninguém sabe ao certo. Outras explicações dizem que a pedra é a joia que caiu da coroa de Lúcifer ao tombar dos céus para a terra, ou a célebre Pedra Filosofal (*lapis elixir*) dos alquimistas. Dado o contexto, a interpretação mais provável é a última: todo o texto transborda de símbolos alquímicos.

Alguns autores viram na personagem de Cundrie, a «mensageira do Graal» em *Parzival*, uma representação de Maria Madalena.[50] [Wagner fê-lo certamente – na sua ópera, *Parsifal* (1882), a sua Kundry transporta um frasco de «bálsamo» e lava os pés do herói, secando-os depois com os cabelos ao estilo da Madalena.] Talvez haja algum eco do Graal no vaso de alabastro que a Madalena transporta na iconografia cristã tradicional.

Em todas as histórias, contudo, a demanda do Graal é uma alegoria para a viagem espiritual do herói em direção à transformação pessoal – e mais além. E, como vimos, uma das principais motivações para toda a verdadeira alquimia era

precisamente essa. Mas seria apenas o subtexto alquímico a tornar todas as lendas do Graal «heréticas»?

A Igreja sentia-se, sem dúvida, mortalmente ofendida pela forma como as lendas do Graal ignoravam ou renegavam a sua autoridade e a da sucessão apostólica. O herói atua sozinho – ainda que ocasionalmente com ajudantes – na busca pela iluminação e transformação espirituais. Assim, as lendas do Graal são essencialmente textos gnósticos, salientando a responsabilidade do indivíduo pelo estado da sua própria alma.

Existe, porém, muito mais material capaz de ofender as sensibilidades da Igreja implícito em *todas* as histórias do Graal. Pois a experiência do Graal é inevitavelmente apresentada como estando reservada apenas aos mais altos iniciados, a nata da elite – algo que ultrapassa até a transcendência da missa. Além disso, em todas as histórias do Graal, o objeto propriamente dito – seja ele qual for – é *guardado por mulheres*. Até na história celta de Peredur podem ser os jovens a transportar a lança, mas são as donzelas que levam o que pode ser designado de *protótipo do Graal* – a salva com a cabeça. Mas o que faziam as mulheres a assumir um papel de tão grande autoridade em algo que era efetivamente uma forma mais elevada de missa? (Lembre-se de que os Cátaros, cuja cidadela de Montségur foi quase de certeza a inspiração para o Castelo do Graal de Wolfram, operavam num sistema de igualdade sexual, pelo que tanto homens como mulheres podiam ser chamados de «sacerdotes».)

Mas é a ligação aos Templários a mais ubíqua nas histórias do Graal. Tal como foi salientado por vários comentadores,[51] a acusação de que os cavaleiros adoravam uma cabeça cortada – que se julgava ter o nome de Baphomet – tem sonoridades em comum com os romances do Graal, em que, tal como vimos, as cabeças cortadas desempenham um grande papel. Os Templários foram acusados de atribuir poderes semelhantes aos do Graal a este Baphomet: podia fazer as árvores florir e tornar a terra fértil.[52] Na verdade, os Templários não só foram acusados de venerar esta

cabeça de ídolo como tinham também um relicário de prata com a forma de um crânio feminino que estava identificado simplesmente como *caput (cabeça) 58*.[53]

Hugh Schonfield, ao analisar as implicações desta cabeça feminina, juntamente com a sua «descodificação» de Baphomet como *Sophia*, escreve o seguinte:

> Parece haver poucas dúvidas de que a bela cabeça feminina dos Templários representava Sophia no seu aspeto feminino e de Ísis, e estava associada a Maria Madalena na interpretação cristã.[54]

Entre as relíquias templárias, diz-se ter estado também incluído o (alegado) indicador direito de João Batista. O que pode muito bem ser mais significativo do que parece. Tal como vimos no Capítulo Um, era frequente Leonardo retratar personagens de cenas religiosas a apontar deliberadamente – e ritualisticamente – com o indicador direito para cima, gesto que parece ter estado associado a João Batista. Vimos, por exemplo, como o indivíduo que parecia estar a venerar a alfarrobeira na *Adoração dos Magos* estava a fazer este gesto: tanto a árvore como o gesto estão associados a João. A relíquia que se diz ter pertencido aos Templários pode ter sido a razão material para Leonardo ter adotado esta imagem.

(Na sua *Lenda Dourada*, Jacobus de Voragine regista a tradição de que o dedo de João Batista – a única parte do corpo sem cabeça a escapar à destruição por parte do imperador Juliano – foi trazido para França por Santa Tecla, pelo que talvez haja algumas razões para crer que a relíquia templária e a da lenda possam ter sido a mesma. E de Voragine regista também a lenda que diz que a cabeça do Batista foi sepultada sob o Templo de Herodes em Jerusalém, onde se diz que os Templários terão feito escavações.)[55]

Os Templários são repetidamente associados ao Graal. Nina Epton, a autora britânica de literatura de viagem, descreve em *The Valley of Pyrene* (1955) como subiu às ruínas do castelo templário de Montréal-de-Sos, em Ariège, para ver murais que retratavam

uma lança com três gotas de sangue e um cálice – uma imagem claramente extraída diretamente das lendas do Graal.[56]

Outra imagem bizarra foi encontrada em Domme, no castelo onde muitos templários estiveram encarcerados. Ean e Deike Begg descrevem uma estranha cena de Crucifixão em que José de Arimateia (segurando uma Cruz de Lorena) é mostrado, à direita, a apanhar gotas do sangue de Jesus. À esquerda, uma mulher grávida nua segura um bastão ou vara.[57]

Existem outras ligações mais curiosas. Em Saint-Martin-de-Vésubie, na Provença, que, tal como vimos, é simultaneamente um conhecido local associado à Virgem Negra e um local associado aos Templários, existe uma lenda que incorpora elementos interessantes das histórias do Graal.[58] Diz-se que os Templários de lá foram todos decapitados durante a repressão – algo que, dada a absoluta falta de verificação oficial, parece altamente improvável – e que amaldiçoaram a terra com uma praga. Os homens tornaram-se impotentes ou estéreis e a terra tornou-se infértil. Seja qual for a verdade dos factos, é um dado histórico que, em 1560, o duque Emanuel Felisberto de Saboia mandou exorcizar a terra, pois estava num estado lamentável. Com efeito, um dos seus cumes vizinhos ainda hoje é conhecido como Maledia (que se traduz vagamente como «doença»). Mas a parte mais importante desta triste história é que associa a decapitação dos Templários a uma praga lançada sobre a terra – dois importantes elementos do cânone do Graal. Para os autores das histórias do Graal, havia algo nas cabeças cortadas, ou talvez numa cabeça cortada, que lançava a ruína sobre a terra, mas que podia também conceder dádivas àqueles que estivessem nas suas boas graças.

As diferentes histórias do Graal e as várias correntes nelas contidas podem parecer confusas, mas, no seu monumental estudo sobre as lendas do Santo Graal, *The Hidden Church of the Holy Graal* (1902), o grande estudioso do oculto A.E. Waite detetou a presença de uma tradição secreta no seio do cristianismo que esteve por detrás de todo o conceito das lendas. Waite foi um dos

primeiros a reconhecer os elementos alquímicos, herméticos e gnósticos contidos nas histórias. Embora tivesse a certeza de haver fortes indícios da existência de uma tal «igreja secreta» nas lendas do Graal, não chega a nenhuma conclusão firme sobre a sua natureza, mas dá lugar de destaque ao que chamava de «Tradição Joanina [ou Joanita]».[59] Refere-se a uma ideia há muito defendida nos círculos esotéricos de uma escola mística do cristianismo fundada por João Evangelista, com base nos ensinamentos secretos que lhe haviam sido dados por Jesus. Este conhecimento arcano não surgia no cristianismo exterior ou exotérico transmitido através dos ensinamentos de Pedro. Significativamente, Waite vê esta tradição como tendo chegado à Europa por via do sul da Gália – o sul de França –, passando depois para os primórdios da Igreja Celta Britânica.[60]

Apesar dos elementos celtas contidos nas histórias do Graal, Waite vê a sua influência joanita como originária do Médio Oriente, por via dos Templários. Perspicazmente, não alega ser esta a única ligação possível, pois não existem provas conclusivas disso, mas admite que é a mais plausível. É certo, ainda assim, que os romances do Graal se basearam nalgum tipo de «Igreja secreta» com ligações aos Templários.

A ênfase de Waite numa tradição «joanita» era algo provocadora; no entanto, não desenvolveu o tema, e a sua fonte permanece envolta em mistério. Mas parecia de facto proporcionar um elo potencialmente empolgante entre as histórias do Graal e *um* São João – que, como veremos no próximo capítulo, viria a dar sentido a muita da aparente confusão que rodeia esta matéria.

As histórias do Graal são ainda outra manifestação das ideias secretas que circulavam pela França medieval sob a tutela dos Templários, como o culto da Virgem Negra. A ligação entre ambos é impressionante. Ambos se baseiam em temas pagãos mais antigos: as histórias do Graal nos mitos celtas e o culto da Virgem Negra em santuários a deusas pagãs. Mas ambos desabrocharam nos séculos

XII e XIII devido ao contacto – através dos Templários – com a Terra Santa.

Os Templários eram um repositório de conhecimento obtido de muitas fontes esotéricas, incluindo as da alquimia e da sexualidade sagrada. [A ligação entre as Virgens Negras, os Templários e a alquimia é objeto de estudo do historiador francês Jacques Huynen em *L'énigme des Vierges Noires* (*O Enigma das Virgens Negras*, em tradução livre) (1972).] E a «ponte» entre as suas ideias exóticas e esotéricas e o mundo cristão do seu tempo foi personificada na imagem de uma mulher: Maria Madalena.

Tudo isto aconteceu há muito tempo. Os Cátaros desapareceram há muito, seguidos pouco depois pela Ordem do Templo. Mas estará este conhecimento secreto, esta consciência mística e alquímica do Feminino, também sepultado sob o pó dos séculos?

Talvez não. Talvez se tenha transformado no mais empolgante e perigoso segredo mantido vivo na clandestinidade europeia atual.

Capítulo Seis

O LEGADO DOS TEMPLÁRIOS

A maioria dos historiadores vê os violentos acontecimentos do início do século XIV como o cair do pano para os Templários – não procurando, por isso, quaisquer sinais da continuidade da sua existência. Mas a tradição oculta sempre se referiu aos descendentes espirituais desses Cavaleiros Templários, que ainda hoje continuam a viver no nosso meio, e existem sociedades modernas que alegam ser esses descendentes. Além disso, uma amálgama de estudos recentes demonstrou de forma muito convincente que a Ordem sobreviveu e tem uma enorme influência na cultura ocidental.

As implicações que isto tem são profundas e abrangentes. Pois se eram, tal como nós e outros investigadores julgamos, colecionadores de conhecimento esotérico e alquímico, então qualquer sobrevivência dos Templários aponta para algum tipo de continuidade dos grandes segredos através de uma tradição oculta que pode ainda existir nos dias de hoje. Estes segredos – incluindo talvez conhecimento científico dos antigos alquimistas e práticas mágicas das tradições esotéricas orientais – podem continuar a viver, mesmo na nossa sociedade. Se assim fosse, então, enquanto exemplos emblemáticos de um antigo sistema herético de crenças e práticas, os Templários de hoje em dia podiam muito bem trazer alguma luz à nossa investigação. Mas primeiro tínhamos de nos convencer de que os Templários não tinham efetivamente desaparecido.

Dita o senso comum que é improvável a ideia de que os altamente organizados Templários se tenham limitado a submeter-se e a morrer docilmente. Para começar, nem todos os cavaleiros da Europa foram detidos em simultâneo nessa decisiva sexta-feira 13. Esse tipo de cataclismo para a Ordem ocorreu apenas em França – e, mesmo aí, houve alguns cavaleiros que escaparam. Noutros países, houve, por assim dizer, uma escala móvel de perseguição e repressão. Em Inglaterra, por exemplo, Eduardo II recusou-se a

acreditar que os Templários fossem culpados das acusações, tendo-se até envolvido num acalorado debate com o Papa a esse respeito. Recusou-se terminantemente a aplicar a tortura aos cavaleiros.

Na Alemanha, deu-se uma cena maravilhosamente hilariante. Hugo de Gumbach, mestre templário da Alemanha, entrou dramaticamente no conselho reunido pelo Arcebispo de Metz. De armadura vestida e acompanhado por vinte experientes cavaleiros escolhidos a dedo, proclamou que o Papa era perverso e devia ser deposto, que a Ordem era inocente – e, a propósito, que os seus homens estavam dispostos a enfrentar um julgamento por combate contra a companhia reunida… Após um silêncio estupefacto, toda a questão foi abruptamente abandonada e os cavaleiros viveram para afirmar a sua inocência noutro dia.

Em Aragão e Castela, os bispos julgaram os Templários – considerando-os inocentes. Ainda assim, por mais clementes ou liberais que os juízes desejassem ser para com os cavaleiros, nenhum deles podia dar-se ao luxo de ignorar a ordem do Papa para dissolver a Ordem em 1312. Mas até mesmo em França foram relativamente poucos os executados – sendo muitos libertados após a sua retratação –, e noutros países limitaram-se a reagrupar sob outro nome, ou a juntar-se a outras ordens já existentes, como os Cavaleiros Teutónicos.

Historicamente, existem, pois, poucas evidências de que os Cavaleiros Templários tenham sido efetivamente extintos. Claro que teriam passado à clandestinidade para se reagruparem e reformarem. Na verdade, isso foi praticamente garantido pela forma da sua dissolução.

Lembre-se de que as bases eram muito diferentes do círculo interno, os cavaleiros de elite, que não só geriam a organização como eram também um repositório de conhecimento secreto. É muito provável que cavaleiros de ambos os níveis tenham partido e fundado os seus próprios movimentos clandestinos, dando assim início a duas organizações separadas, ambas alegando ter verdadeira ascendência templária.

Após a dissolução dos Templários, grande parte das suas terras foi dada aos seus rivais, os Cavaleiros Hospitalários. Na Escócia e em Inglaterra, contudo, muita desta entrega de propriedades não se verificou, e existem provas de que antigas propriedades templárias em Londres continuavam a estar na posse de famílias de origem templária já em 1650.[1] Não era, porém, na continuidade da posse de terras e edifícios que estávamos interessados, e sim na perpetuação do conhecimento esotérico dos Templários.

Embora não existam provas conclusivas de terem sido os Templários o cérebro responsável pela rede alquímica clandestina, sabemos que o «círculo interno» se interessava pela alquimia – como vimos pela proximidade entre centros alquímicos como Alet-les-Bains e comandos templários. E, como vimos, os alquimistas – tal como os Templários – tinham uma veneração especial por João Batista.

Vários comentadores apresentaram provas persuasivas de que a Maçonaria teve origem no Templarismo: tanto *The Temple and the Lodge*, de Michael Baigent e Richard Leigh, como *Born in Blood*, do autor e investigador americano John J. Robinson, chegaram a essa conclusão, ainda que abordando o tema de perspetivas totalmente diferentes.

O primeiro segue a continuidade templária ao longo da Escócia, enquanto o último se baseia mais num recuo, a partir dos rituais maçónicos modernos, até às suas origens – acabando, uma vez mais, com os Templários. Assim, estes importantes livros complementam-se eficazmente um ao outro, proporcionando um retrato mais ou menos completo da relação entre as duas grandes organizações ocultas.

O único grande ponto de discórdia entre Baigent/Leigh e Robinson é que os primeiros veem a Maçonaria como um desenvolvimento a partir de templários isolados na Escócia, indo depois para Inglaterra em 1603, com a ascensão ao trono inglês do rei escocês Jaime VI e o subsequente afluxo de aristocratas escoceses. Robinson, por outro lado, acredita que os Templários

deram origem aos Maçons em Inglaterra. Persuasivamente, argumenta que os Templários teriam estado por detrás da Revolta dos Camponeses em 1381, que atacou especificamente as propriedades da Igreja e dos Cavaleiros Hospitalários – os dois principais inimigos dos Templários –, embora tenha feito todos os possíveis para evitar danificar antigos edifícios templários.

Para muitos dos profanos, a Maçonaria é simplesmente um pitoresco clube de cavalheiros, uma rede de ligações que proporciona aos seus membros lucrativos contactos e influências no mundo dos negócios. O seu lado ritual é entendido como absurdo – com os irmãos a enrolar uma perna das calças para cima e a proferir juramentos arcaicos e sem sentido. As coisas podem ter mudado, mas, nos seus primórdios, a Maçonaria era uma escola dos mistérios, com iniciações solenes baseadas em antigas tradições ocultas, e que eram especificamente concebidas para levar à iluminação transcendental, além de unir mais fortemente o iniciado aos seus irmãos.

Originalmente, era uma organização oculta, explicitamente dedicada à transmissão de *conhecimento sagrado*. Muito daquilo a que atualmente chamaríamos de ciência veio efetivamente dessa irmandade – como é possível verificar pela formação, em 1662, da Real Sociedade em Inglaterra, que estava e continua a estar envolvida na recolha e divulgação de conhecimento científico. Foi a fundação oficial do original «Colégio Invisível» dos Maçons, que havia sido criado em 1645.[2] (E, tal como no tempo de Leonardo, o conhecimento do oculto e o científico – longe de serem antitéticos – eram vistos como uma e a mesma coisa.)

Ainda que muitos maçons modernos vejam, sem dúvida, as suas iniciações de forma solene e com uma ideia de espiritualidade, a imagem geral é de uma organização que esqueceu o seu sentido original. Com efeito, a Maçonaria dominante nos dias de hoje é a da Grande Loja, que só foi criada há relativamente pouco tempo, no dia de João Batista (24 de junho), em 1717. Até então, a Maçonaria fora uma *verdadeira* sociedade secreta, mas a aparição da Grande Loja

assinalou uma era em que se tornara já um pretensioso clube de jantares, tendo-se tornado semipública por não ter já quaisquer segredos que guardar para si.

Que idade tem, pois, ao certo a Maçonaria? A primeira referência confirmada é de 1641,[3] mas, se existe uma ligação aos Templários, então é óbvio que remonta a muito antes. John J. Robinson cita provas da existência de lojas maçónicas nos anos 1380,[4] e um tratado alquímico datado dos anos 1450 usa explicitamente o termo «maçon».[5]

Os próprios Maçons alegam ter emergido das guildas medievais inglesas de pedreiros – que tinham desenvolvido gestos secretos e códigos de identificação por possuírem o potencialmente perigoso conhecimento da geometria sagrada. Mas, tal como foi demonstrado pela extensa e meticulosa investigação de John J. Robinson, contra todas as expetativas, estas guildas primavam pela ausência na Grã-Bretanha do período medieval.[6] Outro mito maçónico é a sua alegação de que os pedreiros teriam herdado o seu conhecimento secreto dos construtores do fabuloso Templo de Salomão. Se assim fosse, no entanto, porque teriam ignorado outro grupo com ligações mais óbvias a esse templo? Parecem estar a evitar a mais óbvia ligação de todas: o grupo cujo nome completo era Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do *Templo de Salomão* – por outras palavras, os Templários.

Antes da formação da Grande Loja, contudo, os Maçons divulgavam efetivamente o mesmo tipo de informação sobre geometria sagrada, alquimia e hermetismo que os Templários. Os primeiros maçons, por exemplo, dedicavam-se muito à alquimia: um tratado alquímico de meados do século XV faz referência aos Maçons como «obreiros da alquimia»[7] e um dos primeiros iniciados maçónicos registados foi Elias Ashmole (iniciado em 1646), fundador do Museu Ashmolean em Oxford, além de alquimista, hermetista e rosacrucianista.[8] (Ashmole foi também a primeira pessoa a escrever aprovadoramente sobre os Templários desde a sua supressão.[9])

Uma das joias da coroa da Maçonaria é o curioso e atrativo edifício que dá pelo nome de Capela Rosslyn, a poucos quilómetros de Edimburgo. Por fora, parece de tal modo delapidada que parece quase em perigo de desabar por completo, mas o interior é surpreendentemente robusto – como teria efetivamente de ser, pois a Capela Rosslyn é hoje o foco aceite dos Maçons e de muitas organizações templárias.[10]

Construída entre 1450 e 1480 por Sir William St Clair, *Laird* de Rosslyn, destinava-se originalmente a ser apenas a capela dedicada a Nossa Senhora de um edifício muito maior que deveria ser baseado no traçado do Templo de Salomão, mas acabaria por se erguer sozinha ao longo dos séculos. Os St Clair (cujo nome se tornou posteriormente Sinclair) viriam a ser os protetores hereditários da Maçonaria na Escócia a partir do século XV;[11] não é decerto coincidência que, antes disso, tivessem exercido a mesma função para os Templários.

Desde o início que a Ordem do Templo esteve associada aos Sinclair e a Rosslyn; Hugo de Payens, o Grão-Mestre fundador, era casado com Catherine St Clair. Originalmente de ascendência viquingue, os St Clair/Sinclair são uma das mais intrigantes e notáveis famílias da história, sendo conhecidos na Escócia e em França desde o século XI. (Curiosamente, o seu apelido vem do mártir francês São Claro, que foi decapitado.) Hugo e Catherine visitaram as propriedades dos St Clair junto a Rosslyn, tendo aí construído o primeiro comando templário na Escócia, que se tornou o seu quartel-general.

(Como vimos, Pierre Plantard adotou o nome «de Saint-Clair», associando-se assim deliberadamente ao ramo francês desta antiga família. Vários comentadores questionaram se ele teria o direito a usar essa designação, mas existe pelo menos uma boa razão para o fazer.[12])

Os cavaleiros fizeram certamente da Escócia um dos seus principais refúgios após a sua supressão – talvez por ser a terra de Roberto de Bruce, que fora também excomungado, pelo que o Papa

não tinha de momento qualquer influência na Escócia. E Baigent e Leigh argumentam de forma persuasiva que a desaparecida frota templária aportou na costa escocesa.

Um dos acontecimentos históricos cruciais nas Ilhas Britânicas foi sem dúvida a Batalha de Bannockburn, que teve lugar no dia 24 de junho (dia de João Batista) de 1314, e em que as forças de Roberto de Bruce venceram decisivamente os ingleses. As evidências sugerem, contudo, que terão tido uma ajuda formidável – na forma de um contingente de Cavaleiros Templários que salvou o dia à última hora. É certamente nisso que os atuais Cavaleiros Templários Escoceses acreditam, uma vez que celebram a Batalha de Bannockburn na Capela Rosslyn, aquando do seu aniversário, como sendo a ocasião em que «o Véu foi levantado dos Cavaleiros Templários». Um dos cavaleiros a lutar lado a lado com Roberto de Bruce em Bannockburn foi (outro) Sir William St Clair, que morreu em 1330 e foi sepultado em Rosslyn – num túmulo caraterísticamente templário.[13]

A própria Capela Rosslyn contém na sua decoração algumas aparentes anomalias. Cada centímetro quadrado do interior da capela está coberto de símbolos esculpidos, e todo o edifício foi concebido de acordo com os altos ideais da geometria sagrada. Grande parte é inegavelmente maçónica. Exibe o «Pilar do Aprendiz», um claro paralelismo com o mito maçónico de Hiram Abiff,[14] e o aprendiz nele retratado é conhecido como «o Filho da Viúva», um termo maçónico altamente significativo (e que é também importante nesta investigação). O lintel junto a este pilar exibe a seguinte inscrição:

> O vinho é forte, o Rei é mais forte, as mulheres são as mais fortes, mas a VERDADE tudo vence.[15]

Mas, ainda que grande parte do simbolismo de Rosslyn seja nitidamente maçónico, pelo menos outro tanto é indubitavelmente templário: a planta da capela baseia-se na cruz dos Templários e há esculturas que incluem a célebre imagem de dois homens num

cavalo do seu selo. E um velho bosque vizinho foi plantado em forma de cruz templária.

Tudo isto é muito curioso, pois, segundo os textos da história convencional, a Maçonaria remonta no máximo a finais dos anos 1500, e os Templários já não eram uma força de peso desde 1312. Assim sendo, as imagens na capela, que datam mais ou menos dos anos 1460, deveriam ser demasiado antigas para os primeiros e demasiado recentes para os segundos.

Existe, no entanto, na Capela Rosslyn uma grande quantidade de símbolos que não são classicamente maçónicos nem templários. Há uma panóplia de imagens pagãs – e até mesmo algumas islâmicas. E, na parte exterior da capela, surge uma representação esculpida de Hermes – uma clara alusão ao hermetismo –, enquanto o interior está adornado com mais de cem imagens do Homem Verde, o deus pagão celta da vegetação. Tim Wallace-Murphy, na sua história oficial da Capela Rosslyn, associa o Homem Verde a Tamuz, o deus morto-e-ressuscitado da Babilónia. Todos esses deuses tinham atributos similares e eram frequentemente representados como tendo o rosto verde – ainda que o deus mais frequentemente retratado desta forma fosse Osíris, o consorte de Ísis.

Quando visitámos Niven Sinclair, membro dessa ilustre família, vimo-nos virtualmente bombardeados por evidências de que os Sinclair não só tinham sido templários como também *pagãos*. Niven, que é um investigador dedicado da história de Rosslyn e dos Sinclair, ofereceu-nos algumas perspetivas muito reveladoras sobre o que acontecera ao conhecimento perdido dos Templários. Disse que estava codificado no tecido da Capela Rosslyn, a fim de ser transmitido às gerações futuras. Como ele disse: «O conde William St Clair construiu a capela numa altura em que os livros podiam ser queimados ou proibidos. Queria deixar uma mensagem para a posteridade.»[16]

À medida que se ia entusiasmando com o tema, Niven salientou-nos o puro engenho do seu antepassado, Sir William, ao criar este livro em pedra. «Se forem à Catedral de São Paulo», disse ele,

«conseguem assimilá-la numa única visita. Se forem à Capela Rosslyn, não conseguem. Deve ir nas centenas o número de vezes que lá fui e, de cada vez que a visito, descubro algo de novo. É essa a beleza do local.»

Rosslyn está muito longe de ser uma típica capela cristã. Na verdade, Niven chegou mesmo ao ponto de dizer o seguinte: «Houve quem dissesse que o conde William tinha construído a Capela Rosslyn para “maior glória de Deus.” Se assim for, é notável a pouca quantidade de símbolos cristãos que nela se encontram.»

Na Idade Média, os Sinclair promoviam ativamente as celebrações pagãs, tendo proporcionado um refúgio aos ciganos (de quem foi dito estarem «entre os últimos conservadores ativos do culto da Deusa na Europa»[17]). E é revelador que muitos especialistas acreditem ter existido em tempos uma Virgem Negra na cripta da Capela Rosslyn.[18]

Com um certo choque, vínhamos a apercebermo-nos de que os Templários não eram de todo os devotos cavaleiros cristãos da imaginação popular. A imagem que tinham criado para seu disfarce fora extremamente bem-sucedida, mas tinham obviamente pretendido deixar pistas acerca das suas verdadeiras preocupações «para aqueles com olhos para ver». A decoração da Capela Rosslyn era apenas um exemplo desta críptica mas reveladora mensagem.

O amor e preservação do conhecimento por parte dos Templários implicou que encontrássemos também em Rosslyn o «Manuscrito Rosslyn-Hay», que é o mais antigo texto escocês em prosa que se conhece. É uma tradução dos escritos de Renato de Anjou sobre a cavalaria e o governo, e tem as seguintes palavras inscritas na encadernação: «JHESUS [*sic*] – MARIA – JOHANNES» (Jesus, Maria, João). Como diz Andrew Sinclair em *The Sword and the Grail* (1992):

> A adição do nome de São João aos de Jesus e Maria é invulgar, mas este era venerado pelos Gnósticos e pelos Templários… Outro aspeto notável da encadernação é o uso

do *Agnus Dei*, o Cordeiro de Deus… Na Capela Rosslyn, está também esculpido o selo templário do Cordeiro de Deus.[19]

O conde William e Renato de Anjou eram próximos, sendo ambos membros da Ordem do Tosão de Ouro, um grupo cuja intenção expressa era restaurar os antigos ideais templários de cavalaria e fraternidade.

É evidente que os Templários sobreviveram na Escócia e continuaram a atuar abertamente, não só em Rosslyn, mas em vários outros locais.[20] Mas, em 1329, a sua vida encantada ficou novamente sob ameaça, quando a excomunhão de Roberto de Bruce foi levantada e a sombra da autoridade do Papa voltou para os assombrar. A determinada altura, houve até a nítida possibilidade de poder ser lançada uma cruzada contra a Escócia, e ainda que isto não se tenha materializado, os Templários Escoceses julgaram prudente passar à clandestinidade como muitos dos seus irmãos europeus; e foi isto, diz-se, que deu origem aos primórdios da Maçonaria.

É significativo que certos ramos da Maçonaria sempre tenham afirmado ser descendentes dos Templários e ter na Escócia as suas origens, mas poucos historiadores – mesmo no seio da própria Maçonaria – alguma vez os levaram a sério. Estes maçons «templaristas» podem muito bem ter herdado verdadeiros segredos templários, pelo menos em parte. O seu conhecimento, que inclui sabedoria hermética e alquímica, bem como a da geometria sagrada, continua a ser considerado valioso – talvez mais ainda por abordar temas muito diferentes dos do mundo moderno em geral.

Foi um escocês, Andrew Michael Ramsay, quem dirigiu o que ficou conhecido como «Discurso de Ramsay» em 1737 aos maçons de Paris.[21] Cavaleiro da Ordem de São Lázaro – e tutor de Carlos Eduardo Stuart –, o *Chevalier* Ramsay fez questão de realçar à irmandade que eram descendentes dos *cavaleiros cruzados*, o que era uma referência ligeiramente velada aos Templários. Era do seu interesse utilizar estes termos oblíquos, pois os Templários continuavam a ser anátema para a sociedade francesa. O Discurso

alegava também, de forma controversa, que os Maçons tinham origem nas escolas dos mistérios das deusas Diana, Minerva e Ísis.

O Discurso atraiu grande menosprezo ao longo dos anos, não só pela última afirmação sobre as origens no culto da Deusa, mas também porque o *Chevalier* Ramsay alegava que a Ordem não descendia dos pedreiros medievais. Os especialistas no assunto concentraram-se nesta afirmação, dizendo que, uma vez que era obviamente falsa, punha todo o Discurso em causa. Mas, como vimos, estudos recentes demonstraram não existir qualquer guilda medieval de pedreiros na Grã-Bretanha, pelo que talvez devesse ao menos ser dado ao bom *Chevalier* o benefício da dúvida a esse respeito – e acerca das suas outras afirmações.

O Discurso de 1737 foi a primeira sugestão pública de que a Maçonaria descendia dos Templários – poderia haver alguma ligação ao facto de, apenas um ano depois, o Papa ter condenado toda a irmandade dos Maçons? Surpreendentemente, mesmo nesta fase tardia, a Inquisição prendeu e torturou maçons em resultado direto desta bula papal.

Após as fortes insinuações de Ramsay sobre a ligação aos Templários, surgiu uma afirmação mais explícita e autoritária. Num dos mais controversos episódios da história da Maçonaria, Karl Gotthelf, barão von Hund und Alten-Grotkau, alegou ter sido iniciado numa Ordem Maçónica do Templo em Paris em 1743, e ter-lhe sido dada a «verdadeira» história da Maçonaria, bem como autorização para criar lojas com base nesta linha de autoridade, a que chamou de «Estrita Observância Templária» – ainda que, significativamente, fosse conhecida na Alemanha como Irmandade de João Batista.[22] A verdadeira história que lhe havia sido dada incluía a informação de que, aquando da supressão dos Templários, alguns dos cavaleiros tinham fugido para a Escócia, onde se tinham instalado. O barão von Hund possuía uma lista do que alegava serem os nomes dos Grão-Mestres que haviam sucedido a Jacques de Molay no movimento templário clandestino após a supressão.

As lojas de von Hund alcançaram quase imediatamente um sucesso espantoso, mas infelizmente este não fez amigos entre os historiadores, que o condenaram como um absoluto charlatão e descartaram como um perfeito disparate a sua versão da «verdadeira história».[23] São igualmente desdenhosos quanto à sua lista de alegados Grão-Mestres. A principal razão para esta rejeição global foi o facto de as suas alegações se basearem nas palavras de contactos anónimos – aquilo a que chamava de «Superiores Desconhecidos» –, parecendo por isso que tinha simplesmente inventado tudo. Na verdade, as denúncias anónimas são frequentes no seio dos grupos ocultos, como podemos testemunhar pessoalmente, e recentemente foram atribuídos alguns nomes muito credíveis aos Superiores Desconhecidos, pelo que parece que von Hund pode ter estado afinal a dizer a verdade acerca dos seus contactos.[24]

Significativamente, os historiadores nunca conseguiram produzir uma lista definitiva dos Grão-Mestres dos Templários históricos – devido à natureza incompleta dos arquivos disponíveis. Mas a lista de von Hund é idêntica à que aparece nos *Dossiers secrets* do Priorado de Sião.[25] A investigação de Baigent, Leigh e Lincoln[26] convenceu-os de que a lista do Priorado é a mais precisa que existe; ainda que, devido à escassez dos registos, nunca possamos saber ao certo, resiste certamente ao escrutínio académico e pode muito bem estar certa. Mas, ainda que a lista do Priorado possa – para sermos cínicos – ter sido fabricada nos anos 1950, é improvável que a lista de von Hund possa ter sido igualmente inventada em 1750, quando não havia registos disponíveis nem qualquer pesquisa histórica sobre os Templários. Esta ligação revela, no mínimo, uma tradição de encaixe entre a Estrita Observância Templária e o Priorado.

Ainda que tenham sido escritas muitas palavras sobre as alegações de von Hund e a sua organização, existe uma curiosa falta de especulação sobre qual poderá ter sido o seu motivo subjacente. Na verdade, a sua Estrita Observância era basicamente

uma *rede alquímica*, sendo ele mesmo acima de tudo um alquimista.[27] Estaria von Hund a dar continuidade à tradição templária?

Seja qual for a verdade por trás da organização de von Hund e das suas preocupações, a Maçonaria Templarista não tardou a consolidar-se e viria a tornar-se uma importante forma de maçonaria de ambos os lados do Atlântico. (Houve quem propusesse a ideia de que os Templários se terão efetivamente «escondido» nos graus superiores da Maçonaria.) A Maçonaria Templarista influenciou também outro desenvolvimento que viria a tornar-se importante para a nossa própria linha de investigação – a Maçonaria do Rito Escocês, principalmente na forma conhecida como Rito Escocês Retificado, que é particularmente forte em França.

Os maçons franceses têm uma curiosa lenda sobre «Mestre Jacques», uma figura mítica, padroeira das guildas medievais de pedreiros franceses. Segundo a história, fora um dos mestres pedreiros a trabalhar no Templo de Salomão. Após a morte de Hiram Abiff, saiu da Palestina e, juntamente com 13 jornaleiros, viajou até Marselha. Os seguidores do seu grande inimigo, o mestre pedreiro Pai Soubise, decidiram matá-lo, pelo que se escondeu numa gruta em Sainte-Baume – a mesma que foi posteriormente ocupada por Maria Madalena. Tudo em vão: foi traído e assassinado. Os maçons continuam a fazer peregrinações ao local a cada 22 de julho.[28]

Outro forte candidato ao papel de herdeiro do conhecimento esotérico dos Templários é o movimento conhecido como Rosacrucianismo. Em tempos muito escarnecido pelos historiadores como uma invenção do início do século XVII, começa a ganhar terreno o reconhecimento de que tem verdadeiras raízes nas tradições do Renascimento. O «Rosacrucianismo» enquanto ideal ou atitude – ainda que sem referir o seu nome – é reconhecido como uma das forças motrizes por detrás do Renascimento, um ideal tipificado por Leonardo. Como foi observado por Dame Frances Yates:

> Não poderá ter estado na perspetiva de um Mago que uma personalidade como Leonardo pudesse coordenar os seus estudos matemáticos e mecânicos com o seu trabalho enquanto artista?[29]

Leonardo viveu certamente num tempo em que grandes movimentos intelectuais e místicos funcionavam como um íman para aqueles que estavam famintos de conhecimento e poder. Devido à hostilidade da Igreja, estes movimentos tinham de permanecer secretos, mas os três principais ramos a desabrochar em segredo foram a alquimia, o hermetismo e o gnosticismo. O hermetismo, que deu um tão importante impulso ao iluminismo renascentista/rosacrucianista, e o gnosticismo, que deu origem aos Cátaros, são dois desenvolvimentos das mesmas ideias cosmológicas. O mundo da matéria é o mais baixo numa hierarquia de «mundos» – «esferas», nos seus termos, e, na terminologia atual, «planos» ou «dimensões» – dos quais o mais elevado é Deus. O homem é um ser outrora divino que foi «aprisionado» no seu corpo material, mas mantém ainda uma centelha divina. (Uma muito citada frase hermética era «Não sabeis que sois deuses?») É possível tentar voltar a unir-se ao Divino – na verdade, é o dever do Homem. Os Gnósticos exprimiam-no em termos religiosos (vendo o reencontro com o Divino como a salvação), enquanto os hermetistas o viam em termos mágicos, mas a ideia essencial é a mesma. É impossível traçar uma linha definida entre gnosticismo e hermetismo, tal como é impossível traçar uma linha entre religião e magia.

Além disso, gnosticismo e hermetismo remontam ao mesmo período e espaço – à fermentação de ideias que ocorreu no Egito, mais especificamente em Alexandria, nos séculos I e II a.C. Este enorme cadinho de ideias religiosas e filosóficas baseou-se nas crenças de várias culturas – gregos, persas, judeus, antigos egípcios e até das religiões do Extremo Oriente – para criar ideias que sustentam toda a nossa cultura. (A íntima relação entre gnosticismo e hermetismo é ilustrada pelo facto de os «Evangelhos

Gnósticos» encontrados em Nag Hammadi incluírem tratados contendo diálogos de Hermes Trismegisto.)

A cosmologia do *Pistis Sophia* – o Evangelho Gnóstico em que Maria Madalena desempenha um papel tão crucial – não diverge em nenhum aspeto essencial da de magos renascentistas como Marsílio Ficino, Cornelius Agrippa ou Robert Fludd. As mesmas ideias e a mesma cultura, tempo e espaço deram origem à alquimia. Embora se tenha baseado também em conceitos muito mais antigos, a alquimia – no sentido em que é hoje entendida – foi um produto do Egito nos primeiros séculos da era cristã. As raízes da alquimia e os seus paralelismos com o hermetismo e o gnosticismo são explorados em *The Origins of Alchemy in Graeco-Roman Egypt*, de Jack Lindsay (1970).

Não é difícil compreender o apelo do gnosticismo, ainda que não fosse uma escolha fácil – estando a ênfase na responsabilidade pessoal pelas próprias ações –, mas, ao mesmo tempo, é óbvia a ameaça para a Igreja de Roma. Como Hermes Trismegisto terá alegadamente escrito: «Oh! Que milagre é o Homem!», uma exclamação que encapsula a ideia de que a humanidade contém a centelha divina. Nem Gnósticos nem hermetistas se prostravam perante o seu Deus. Ao contrário dos Católicos, não consideravam ser criaturas humildes e perversas destinadas ao purgatório, se não mesmo ao inferno. O reconhecimento da sua centelha divina conferia-lhes automaticamente aquilo a que hoje em dia chamaríamos de «autoestima» ou *confiança* – o ingrediente mágico no processo de realizar o potencial de cada um. Foi esta a chave para o Renascimento como um todo, e a coragem que induziu é visível na súbita abertura do mundo através da circum-navegação e da exploração. Pior ainda, no que à Igreja dizia respeito, era o facto de esta ideia de potencial individual para a divindade implicar que as *mulheres* eram tão boas como os homens, pelo menos espiritualmente. As mulheres gnósticas sempre tinham tido voz, chegando mesmo a oficiar nas cerimónias religiosas – esta era uma das principais ameaças que o gnosticismo representava para a

Igreja Católica. Além disso, a ideia do estatuto essencialmente divino da humanidade não estava de acordo com a ideia cristã de «pecado original» – a ideia de que todos os homens e mulheres nascem pecadores devido à Queda de Adão e Eva (principalmente desta última). Uma vez que todos os filhos resultam do «vergonhoso» ato sexual, essa ideia unia de forma inextricável mulheres e crianças numa espécie de conspiração eterna contra os homens puros e contra um Deus vingativo. Gnósticos e hermetistas em geral nada queriam ter que ver com o «pecado original».

Cada indivíduo era encorajado a explorar por si mesmo os mundos exteriores e interiores – experimentando a gnose, o conhecimento do Divino. Esta ênfase na salvação individual era totalmente contrária à insistência da Igreja de que só os *sacerdotes* eram a conduta através da qual Deus podia comunicar com a humanidade. A ideia gnóstica de uma ligação direta a Deus, por assim dizer, ameaçava a própria existência da Igreja. Sem qualquer domínio sacerdotal sobre o seu rebanho, que hipóteses tinha de manter o seu controlo? Tal como com a alquimia, era prudente manter o gnosticismo e o hermetismo escondidos dos olhos da Igreja.

A combinação de ciência proibida e filosofia anatematizada significava que os praticantes destas crenças ultrapassavam os limites do razoável, sendo inevitável a sua união numa rede clandestina. Muitas destas pessoas (e os alquimistas do Renascimento incluíam mulheres) tinham também crenças invulgares sobre temas como a arquitetura e a matemática, além de alimentarem ideias teológicas excecionalmente heterodoxas. Esta gente era perigosa, e era-o duplamente em virtude do poder do secretismo, que tem o hábito de concentrar a heterodoxia. Uma grande manifestação desta heresia foi o movimento rosacruz.

O termo «rosacruz» data apenas do início do século XVII, mas foi certamente criado para descrever um movimento que estava já bem consolidado nessa altura. O seu primeiro grande florescimento, tal como o de tantos outros movimentos significativos, foi durante o

Renascimento – na verdade, não será propriamente um exagero dizer que o Rosacrucianismo *foi* o Renascimento.

A segunda metade do século XV assistiu a uma explosão de interesse pelo hermetismo e pelas ciências ocultas. Muito pouca da informação efetivamente envolvida era nova, ainda que, claro, houvesse muitas influências e personalidades contemporâneas, e esta era assistiu a uma fome sem precedentes de explorar as implicações mais vastas do hermetismo. Subitamente, era visto como algo a ser debatido a nível intelectual, para lá dos enclaves secretos que tinham, até então, sido os seus guardiões. Se dependesse apenas dos seus entusiastas renascentistas, o hermetismo teria deixado de ser «oculto».

Esta escalada de fascínio por todas as coisas herméticas durante este período centrou-se na corte dos Médicis em Florença (onde teve uma poderosa influência sobre Leonardo da Vinci, entre muitos outros grandes pensadores).[30] Sob o patrocínio dos Médicis – nomeadamente de Cosme, *o Velho* (1389-1464), e do seu neto Lourenço, *o Magnífico* (1449-1492) – foi realizada a primeira grande síntese das muitas diferentes ideias ocultas. Cosme não só enviou emissários em busca de volumes lendários como o *Corpus Hermeticum*, alegadamente escrito pelo próprio Hermes Trismegisto, como patrocinou também a sua tradução. A corte dos Médicis era um salão de famosos – e talvez famigerados – pensadores ocultos, como Marsílio Ficino (1433-1499), tradutor do *Corpus Hermeticum*, e Pico della Mirandola (1463-1494). O maior contributo deste último foi a introdução da teoria e prática cabalísticas neste cadinho de ideias arrojadas.

Mirandola, dotado talvez de uma falsa sensação de segurança pelo seu aristocrático mecenas, foi demasiado franco nas suas ideias ocultas e não tardou a ver os seus livros incluídos no Index Papal e a si mesmo sob ameaça do Papa Inocêncio VIII. Durante algum tempo, pareceu que Mirandola poderia seguir o caminho de todos quantos se opunham ao Vaticano, mas algo estranho aconteceu: o novo Papa, Alexandre VI – membro da família Bórgia

–, retirou misteriosamente todas as acusações e ameaças contra ele, escrevendo-lhe efetivamente uma carta pessoal de apoio – mas porquê? Talvez uma pista esteja no facto de este Papa ter decorado os seus aposentos privados no Vaticano com murais representativos de antigos temas egípcios, incluindo a deusa Ísis.[31]

Os historiadores modernos tendem a rejeitar o poder e a influência do oculto. Se o discutirem de todo, é para realçar, em comparação, o triunfo do Iluminismo, em que todos esses «disparates supersticiosos» foram rejeitados por qualquer pessoa com um mínimo de razão. Mas o ocultismo continuou a viver, tornando-se efetivamente a mais importante influência no Renascimento. O fascínio pelo ocultismo não era meramente um sintoma da nova abertura às ideias, era a verdadeira causa.

Dame Frances Yates mapeou a história do verdadeiro papel do oculto na ascensão do Renascimento numa série de livros.[32] Como salienta, a nova filosofia oculta espalhou-se de Itália a toda a Europa, culminando na campanha europeia do grande pregador hermético Giordano Bruno (1548-1600). Viajando por países como a Alemanha e a Inglaterra, pregou um regresso ao que era essencialmente a antiga religião egípcia, sendo carateristicamente expansivo acerca do que entendia como os males do cristianismo dominante.[33]

O hermetismo, como vimos, era visto como tendo sido fundado pelo próprio «Hermes Três Vezes Grande» através do fragmento da *Tábua Esmeralda* onde se encontravam inscritos muitos segredos profundos. Ainda que poucos hermetistas acreditassem realmente nesse mito, acreditavam na persistente importância do panteão egípcio. Mas, apesar de a maioria dos hermetistas do Renascimento julgar que os seus segredos vinham do Egito faraónico do tempo de Moisés, a verdade é que vinham de um tempo bastante mais próximo da era de Jesus. As raízes das suas ideias remontam ao Egito dos séculos I a III; depois disso, temos de reconhecer a influência de muitas culturas. Estudos recentes, contudo, admitiram que, ainda que as gerações anteriores tendessem a realçar a

influência da filosofia grega, as ideias que, em última análise, remontam à religião dos *antigos* egípcios tiveram mais influência do que anteriormente se julgava no desenvolvimento das ideias herméticas.[34]

Os hermetistas admitiam que, ainda que a Grécia antiga tivesse muito a oferecer aos pensadores, era acima de tudo o Egito que detinha as chaves para o conhecimento que procuravam. Entendiam também que este conhecimento não estava simplesmente lá para ser tomado: o sistema egípcio fora codificado numa *escola dos mistérios*, e os segredos exigiam ao aluno dedicado que os conquistasse através das árduas fases da iniciação gradual.

Giordano Bruno chegou a Inglaterra em 1583 e rapidamente conheceu luminares como Sir Philip Sydney, autor de – entre outras obras – *Arcadia*. Sydney, que era aluno do grande ocultista inglês Dr. John Dee (1527-1606), era nitidamente uma figura importante neste mundo sombrio, pois Bruno dedicou-lhe duas das suas obras enquanto esteve em Inglaterra. É também possível que outra figura dos círculos interligados da sociedade isabelina e do oculto tivesse estado presente quando Bruno e Sydney se conheceram – um tal William Shakespeare. (É significativo que o Globe Theatre original, em Londres, tivesse sido construído com base nos princípios herméticos da geometria sagrada,[35] e talvez também que haja quem diga que a última peça de Shakespeare, *A Tempestade*, era sobre o Dr. Dee, incorporando múltiplos conceitos rosacrucianistas.[36])

Temos em Bruno uma figura de grandeza similar a Lutero ou Calvino, mas o seu nome raramente é referido na história que é ensinada nas escolas. Tal como eles – e todos os grandes nomes da Contrarreforma, na verdade –, era intransigente e implacável, ao estilo da época. Mas, ao contrário deles, Bruno não pregava qualquer versão do cristianismo aceite e bastava isso para que os seus dias estivessem contados. Junte-se a isto a sua própria natureza bombástica e é muito fácil prever o seu destino. Em 1600, Bruno foi queimado vivo em Roma, após ter sido traído e denunciado à Inquisição por um seguidor desiludido.

Bruno criou a sua própria sociedade secreta, os Giordanisti, na Alemanha. Pouco se sabe sobre ela, mas tornou-se uma das principais influências no desenvolvimento do Rosacrucianismo na Europa.[37] Mas deve dar-se também igual crédito ao anteriormente referido Dr. John Dee, um verdadeiro feiticeiro galês. Homem de muitos ofícios, não só era o astrólogo e conselheiro de Isabel I como comandava também uma rede de espiões – além de ser alquimista e necromante.[38] (E algo que não é do conhecimento geral é que o nome de código do Dr. Dee enquanto espião era «007»!)

Destas raízes, nasceu o Rosacrucianismo, um dos mais misteriosos movimentos da história. A sua existência tornou-se inicialmente conhecida quando dois folhetos anónimos, o *Fama Fraternitatis*, ou *Descoberta da Fraternidade da Mui Nobre Ordem da Rosacruz*, e o *Confessio Fraternitatis*, ou *Confissão da Louvável Fraternidade da Mui Honorável Ordem da Rosacruz*, circularam por toda a Alemanha em 1614 e 1615.[39] Estas publicações anunciavam a existência de uma fraternidade secreta de adeptos mágicos – os Rosacruzes, batizados em honra do seu mítico fundador, Christian Rosenkreutz (Christian RosaCruz).

Este herói tinha supostamente viajado por todo o Egito e pela Terra Santa, reunindo conhecimentos secretos, ou ocultos, que transmitiu a uma nova geração de adeptos. Mas, se a sua vida fora invulgar, a sua morte e inumação foram ainda mais bizarras. Rosenkreutz teria 106 anos quando morreu, em 1484, e foi sepultado num local secreto, mantido iluminado por «um Sol interior». Dizia-se também que o seu corpo se teria mantido «incorruptível» – mantendo o mesmo aspeto de quando estava vivo sem se decompor (um fenómeno que parece acompanhar os estados *post mortem* de um número surpreendente de pessoas, mas sobretudo de santos Católicos).

Estes Manifestos Rosacruzes, como não tardaram a ficar conhecidos, não transmitiam em si nenhuns segredos, mas, ao anunciarem a existência da fraternidade, sugeriam também a quem quisesse saber mais que entrasse em contacto com eles. Seria

supostamente uma espécie de teste de iniciativa, pois não era indicado qualquer endereço para correspondência. Esta abordagem bastou para valer aos Manifestos o escárnio de todos os historiadores convencionais, que os descartaram como algum tipo de estranho embuste. Mas, tal como Frances Yates demonstrou,[40] os autores dos Manifestos revelavam um profundo e genuíno conhecimento de sabedoria hermética e alquímica. Significativamente, viam a alquimia como uma disciplina *espiritual*, não estando de todo ligada à criação de ouro, que apelidavam de «ímpia e amaldiçoada».[41]

Seja qual for a verdade sobre as origens dos Rosacrucianistas, o que é certo é que influenciaram muitos pensadores de renome mundial, como Robert Fludd (1574-1637) e Sir Isaac Newton. Inesperadamente, até o conhecido racionalista Francis Bacon era essencialmente rosacrucianista.[42] Mas isto faz sentido, pois o movimento rosacruz era uma síntese de todos os conceitos herméticos e ocultos: o único aspeto verdadeiramente novo era o facto de agora ter um nome. E Frances Yates não teve problemas em descrever Leonardo – de entre todas as pessoas – como «um dos primeiros rosacrucianistas».[43]

Como vimos, o nome de Leonardo surge na lista de Grão-Mestres do Priorado de Sião, mas não se teria apelidado de rosacrucianista, pois o termo não fora ainda inventado no seu tempo. Outros nessa lista, porém, não tiveram esse problema – como Johann Valentin Andreae (1586-1654), o poeta e dramaturgo alemão que foi também pastor luterano. Os *Dossiers secrets* alegam que Andreae esteve ao leme do Priorado entre 1637 e 1654, mas é muito mais geralmente aceite o facto de ter sido ele mesmo quem escreveu os Manifestos Rosacruzes, ou pelo menos quem esteve por trás deles.

Foi com certeza Andreae a escrever o que foi essencialmente o terceiro Manifesto, *As Núpcias Alquímicas de Christian Rosenkreutz*,[44] em 1616, muitos anos antes da data em que se diz ter-se tornado líder do Priorado. Talvez tenha sido o seu papel de líder rosacrucianista a assegurar-lhe o cargo. O tema do

Rosacrucianismo parece ser efetivamente o elo que liga os quatro alegados Grão-Mestres cujos períodos de serviço abarcam o século XVII. De certa forma, isto aumenta a credibilidade da lista, pois foi só nos anos 1970 que Frances Yates determinou a existência e influência do legado rosacruz.

A sucessão rosacrucianista entre Grão-Mestres do Priorado começou, pelo menos, com Robert Fludd, o alquimista inglês cujo período em funções foi de 1595 a 1637. Fludd afirmava ter tentado encontrar os Rosacruzes após ter lido os seus Manifestos, com vista a juntar-se a eles, mas falhara. Ainda assim, escreveu extensamente sobre o tema e incorporou ideias dos Manifestos nas suas próprias obras extremamente influentes, como *Utriusque cosmi historia* (*História dos Dois Mundos*, em tradução livre) (1617).[45] (Curiosamente, o comentador do oculto Lewis Spence observou que Robert Fludd, ao escrever nos anos 1630, utilizava «linguagem com um forte travo a Maçonaria» e que organizava «a sua sociedade» em graus.[46]) Depois de Fludd, veio o próprio Andreae, que foi Grão-Mestre até à sua morte, em 1654, sendo por sua vez sucedido por Robert Boyle, o químico de Oxford.

Tanto quanto é possível determinar, Boyle nunca referiu a palavra «rosacrucianista» nos seus escritos, mas estes mostram mais do que uma vaga familiaridade com o conteúdo dos Manifestos.[47] E quando fundou o que viria a tornar-se a Real Sociedade, sob o nome de Colégio Invisível, esta era uma referência irónica à descrição geral que os Rosacrucianistas faziam de si mesmos como uma sociedade «Invisível».[48]

Veio depois Isaac Newton, alegado Grão-Mestre do Priorado entre 1691 e 1727. Há muito conhecido por ter praticado alquimia, tinha também um exemplar da tradução inglesa dos Manifestos, embora existam provas de que reconhecia a história de Rosenkreutz como o mito que se destinava a ser. (Os comentadores esotéricos, pelo menos, sempre entenderam que nunca se destinara a ser interpretada como a verdade literal.) Só recentemente é que a extensão total do envolvimento de Newton com o oculto foi

reconhecida: mais de 10 % dos seus livros eram tratados alquímicos. Mais revelador, talvez, é o facto de ter também desenhado uma planta reconstruída do Templo de Salomão.[49]

O Rosacrucianismo esteve também fortemente ligado ao desabrochar da Maçonaria. Os dois primeiros maçons ingleses – Elias Ashmole e o alquimista Sir Robert Moray – estavam ligados ao movimento rosacruz. Ashmole era um conhecido rosacrucianista, enquanto Moray, de acordo com Frances Yates, «fez provavelmente mais do que qualquer outro indivíduo para fomentar a criação da Real Sociedade».[50] Existiam também várias referências na literatura maçónica dos primórdios a associar explicitamente os «Irmãos da Rosa Cruz» aos Maçons, embora parecessem indicar a sua permanência como sociedades relacionadas – mas distintas.[51]

A interligação entre Rosacrucianismo, Maçonaria, hermetismo e alquimia – antes escrupulosamente reconstruída por historiadores como Frances Yates – foi dramaticamente confirmada nos últimos anos pela descoberta de uma coleção de documentos que ilustram a dimensão a que esses movimentos e temas estavam integrados. Em 1984, Joy Hancox, uma professora de música de Manchester, em resultado de uma investigação à história da casa onde vivia, deparou-se com uma coleção de papéis, sobretudo diagramas e desenhos geométricos, que tinham sido coligidos por John Byrom (1692-1763) e preservados pelos seus descendentes, que não sabiam da sua importância. Estes papéis, que eram mais de quinhentos, dizem sobretudo respeito à geometria sagrada e à arquitetura, bem como a símbolos cabalísticos, maçónicos, herméticos e alquímicos.[52]

A importância da «Coleção Byrom» está na luz que faz incidir sobre a relação entre estes temas e nos indivíduos – a nata da elite intelectual e científica da época – que a eles se dedicavam. Byrom, uma importante figura do movimento jacobita, que aspirava a devolver aos Stuart o trono inglês, era membro da Real Sociedade e maçon. Fazia parte do «Clube da Cabala», também conhecido como Clube do Sol, que se reunia num edifício no adro da Catedral de

São Paulo, que era também o lar de uma das quatro lojas fundadoras da Grande Loja da Maçonaria Inglesa. O seu diário mostra que estava em contacto com os principais intelectuais do seu tempo.

O trabalho incorporado na sua coleção é extraído de todas as sociedades e indivíduos que discutimos acima, incluindo os Rosacrucianistas, John Dee (de quem Byrom era parente por casamento), Robert Fludd, Robert Boyle – e até mesmo os Cavaleiros Templários.

Inclui diagramas detalhados da geometria sagrada de múltiplos edifícios de diferentes períodos, mostrando assim a continuidade do conhecimento dos princípios subjacentes a estes edifícios. Um dos diagramas, por exemplo, mostra que o traçado de meados do século XV da capela de King's College, em Cambridge – «uma das últimas grandes estruturas góticas construídas neste país»[53] –, foi baseado na Árvore da Vida da Cabala (conclusão essa que já tinha sido tirada por Nigel Pennick, especialista em simbolismo esotérico). O traçado da capela terá aparentemente sido baseado no da catedral do século XIV de Albi, no Languedoc, anteriormente um dos centros cátaros. A coleção inclui também um diagrama da Temple Church, em Londres, bem como de outros edifícios templários, demonstrando uma vez mais que todos estes edifícios faziam parte de uma tradição contínua, e que os membros das fraternidades rosacrucianistas/maçónicas do século XVIII estavam cientes disso. A coleção Byrom contém também material relativo ao Templo de Salomão e à Arca da Aliança.

Se, como parece ser o caso, os Maçons eram descendentes dos Templários, seria possível que os Rosacrucianistas pertencessem também à mesma linhagem? O próprio nome «Rosa Cruz» traz consigo uma poderosa sugestão desses cavaleiros, com a sua insígnia de uma cruz vermelha, ou *rósea*. Nas *Núpcias Alquímicas* de Andreae, a cruz vermelha em fundo branco é um tema recorrente, e a sua obra em geral tem fortes conotações com as histórias do Graal – e, portanto, com os Templários. E a presença de

material templário nos predominantemente rosacrucianistas documentos de Byrom sugere que esta fraternidade e os Maçons partilham uma origem comum.

Mas, enquanto a Maçonaria era, e continua a ser, uma organização definida, com membros conhecidos e locais onde se encontravam, os Rosacrucianistas têm geralmente sido vistos como consideravelmente mais esquivos, ao ponto de a palavra «Rosacruz» ser mais entendida como referência a um ideal do que como descrição de uma filiação – na verdade, são os próprios Manifestos que se referem aos Rosacrucianistas como uma «sociedade invisível». Mas a primeira sociedade rosacrucianista «concreta e visível» foi a Ordem da Rosa Cruz Dourada, fundada na Alemanha em 1710 por Sigmund Richter, e cujo principal objetivo era a investigação alquímica.[54] Sessenta anos depois, contudo, esta Ordem foi transformada numa loja maçónica da Estrita Observância Templária, ainda que continuando a manter a sua natureza alquímica. Nesta forma, teve muitos membros influentes, incluindo Franz Anton Mesmer (1734-1815), o descobridor do «magnetismo animal» (ainda que não, como é frequentemente defendido, o pioneiro do hipnotismo). O próprio facto de uma sociedade rosacrucianista se poder transformar tão facilmente numa loja da Estrita Observância Templária revela o seu legado comum.

A partir de 1750, a história torna-se irremediavelmente confusa. Onde antes houvera nítidas distinções entre Maçons, Rosacrucianistas e organizações que reivindicavam ter origens templárias, subitamente todos estes grupos ficam tão intimamente interligados que passam a parecer praticamente iguais. Nalgumas formas de Maçonaria, por exemplo, os iniciados adotavam os títulos de «Cavaleiro Templário» e «Rosa Cruz», e é impossível perceber se isto se deve ao facto de haver uma verdadeira linha de descendência ou se acontecia apenas por estes títulos terem um tom grandioso. Estima-se que mais de oitocentos graus e rituais tenham sido adicionados à Maçonaria entre 1700 e 1800.

As tentativas de traçar uma linha direta de sucessão templária na Maçonaria e no Rosacrucianismo não tardaram a fracassar devido a esta enorme proliferação de rituais e sistemas maçónicos. É particularmente confuso, pois, em muitos casos, é impossível determinar que sistemas foram inovações do século XVIII e quais eram genuinamente mais antigos.

É, no entanto, possível encontrar um fio condutor entre certos sistemas maçónicos que foram renegados ou rejeitados pela Maçonaria convencional. São as variações da Maçonaria «oculta», remontando todas à Estrita Observância Templária do Barão von Hund, e cujo desenvolvimento teve lugar sobretudo em França. A chave para isto é um sistema maçónico conhecido como Rito Escocês Retificado, que se dedica especificamente aos estudos do oculto e enfatiza particularmente as suas origens templárias. É também esta forma de Maçonaria que tem os laços mais estreitos com as sociedades rosacrucianistas.

A utilização da palavra «Templário» tinha-se tornado um problema para esta escola da Maçonaria. Havia atritos entre os seus membros e os maçons convencionais, que rejeitavam oficialmente a sugestão de uma origem templária – irritando-os particularmente a declaração de von Hund de que «qualquer maçon é um templário». Mais preocupantes eram as suspeitas que atraíam por parte das autoridades, pois havia inúmeros rumores de que os Templários tinham um plano secreto para se vingarem da monarquia francesa e do papado pela supressão da sua Ordem e pela execução de Jacques de Molay. Devido a isto, realizou-se, em 1778, um Convénio de Maçons «Templaristas» em Lyons, onde foi criado o Rito Escocês Retificado, com uma Ordem interior chamada *Chevalier Bienfaisaint de la Cité Sainte*. O que era, porém, simplesmente outro nome para «Templário».[55]

Uma importante influência no Convénio de Lyons – e no subsequente esoterismo francês – foi o filósofo oculto Louis Claude de Saint-Martin (1743-1803). Embora pareça ter-se dedicado ao celibato, a sua filosofia centra-se numa veneração pelo Feminino na

forma de Sophia, a quem via como «a forma feminina do Grande Arquiteto».[56] O «Martinismo» foi a mais influente filosofia mística, não só nestas formas de maçonaria oculta, mas também nas sociedades rosacrucianistas francesas do século XIX, algo que discutiremos ao pormenor no próximo capítulo.

Alguns anos após a assembleia de Lyons, em 1782, realizou-se outra grande conferência maçónica – desta vez com representantes de todos os grupos maçónicos da Europa – em Wilhelmsbad, Hessen, sob a presidência do Duque de Brunswick. O objetivo era sanar as profundas divisões no seio da Maçonaria, resolvendo de uma vez por todas a questão da relação entre a Maçonaria e os Cavaleiros Templários. O resultado foi uma humilhação para o Barão von Hund, que fora defender o caso dos Templários, e foi efetivamente o fim da Estrita Observância Templária. Mas os Templaristas venceram uma batalha: o convénio decidiu aceitar o Rito Escocês Retificado – que era apenas a Estrita Observância Templária com outro nome.

Também importantes na Maçonaria oculta são os sistemas conhecidos como «Ritos Egípcios», que viriam mais tarde a adquirir importância na nossa investigação. Todos eles tiveram, contudo, origem na amada Estrita Observância Templária de von Hund, estando pois *muito* intimamente ligados ao Rito Escocês Retificado. Contrariamente à habitual imagem da Maçonaria, dão especial destaque ao Feminino (algumas formas incluem lojas femininas ativas). Todos os maçons veneram o misterioso «filho da viúva». Nos Ritos Egípcios, a «viúva» é Ísis.[57]

O Priorado de Sião, com a sua incontestada ênfase em Ísis, alega ter começado como o círculo interno da Ordem do Templo, tendo-se naturalmente desenvolvido ao longo dos anos e adquirido outras associações esotéricas, algumas das quais são, em si, reveladoras. Uma grande influência parece ter sido Jacques-Étienne Marconis de Nègre (1795-1868), que fundou um dos Ritos Egípcios da Maçonaria oculta em 1838, conhecido como «Rito de Mênfis».

Também este alegava descender da tradição «templarista» de von Hund.

Marconis de Nègre delineou para a sua organização um elaborado «mito fundacional», fazendo a habitual grandiosa alegação de que o rito remontava à antiguidade, a um grupo chamado Sociedade dos Irmãos Rosacruzes do Oriente. Este fora, por sua vez, fundado por um sacerdote da antiga religião egípcia chamado Ormus, que fora convertido ao cristianismo por São Marcos e cujos discípulos incluíam membros dos Essénios.[58]

O mito de Ormus sugere quatro influências: rosacrucianista, egípcia, do esoterismo judaico, como a Cabala (os Essénios eram tidos, corretamente ou não, como tendo sido cabalistas), e cristã, talvez de um tipo herético.

O que realmente nos interessava sobre este mito era que – como os leitores de *O Sangue de Cristo e o Santo Graal* saberão – o Priorado de Sião adotara o nome de «Ormus» como seu «subtítulo». E viríamos mais tarde a saber que a história de Ormus surgiu inicialmente associada à Ordem da Rosa Cruz Dourada quando esta se tornou uma loja da Estrita Observância Templária, em 1770.[59] Mas, como veremos, a história por detrás disto tem implicações muito abrangentes no que respeita a esta investigação.

Não será, talvez, de admirar que existam sociedades que alegam ser os sucessores oficiais dos Templários. A maioria pode facilmente ser descartada, ainda que a Antiga Ordem Militar do Templo de Jerusalém apresente argumentos persuasivos e que devem ser levados a sério. Atualmente, encontra-se sediada em Portugal, onde alega dedicar-se a obras caritativas e à pesquisa histórica, embora exista um grupo dissidente que atua a partir da evocativamente designada Sion, na Suíça.[60] Mas as suas origens – na sua forma ressuscitada – estiveram em França.

A Antiga Ordem Militar do Templo de Jerusalém foi fundada em 1804 por um médico com o sonoro nome de Bernard Raymond Fabré-Palaprat, que alegava ter recebido a sua autoridade da *Carta de Transmissão de Larmenius*, geralmente conhecida como Carta

de Larmenius. A ser verdade, isto contribuiria em muito para a determinação de que Fabré-Palaprat pertencia realmente à verdadeira linhagem templária, pois esta Carta defendia ter sido escrita em 1324 por Johannes Marcus Larmenius, que fora nomeado Grão-Mestre pelo próprio Jacques de Molay. O manuscrito contém alegadamente as assinaturas de todos os subsequentes Grão-Mestres da Ordem, o que é significativo, isto porque, após a execução de Molay, não era suposto ter existido nenhum.

Previsivelmente, os historiadores rejeitaram a Carta como uma falsificação.[61] Até mesmo autores de mente mais aberta como Baigent e Leigh concordam ter-se tratado de um embuste.[62] Mas, regra geral, os críticos nunca chegaram a vê-la, baseando as suas objeções numa tradução do século XIX a partir do original em latim.[63] (O documento está escrito em latim, tendo sido transcrito num código baseado na geometria da cruz templária.) Uma das razões para ter sido descartado como falso é que o latim é demasiado bom para a época – sendo o latim medieval notoriamente irregular –, mas a verdade é que o tradutor *corrigiu a gramática*. Os críticos rejeitaram também a lista de declarações dos Grão-Mestres, pois as expressões utilizadas por cada um deles são exatamente as mesmas, algo que é improvável num período de tempo que vai de 1324 a 1804. Mas, mais uma vez, isto deve-se simplesmente ao facto de o tradutor as ter padronizado: no original, eram todas diferentes. Assim, as duas principais razões para rejeitar a Carta de Larmenius não são, de facto, válidas.[64]

Outra razão para a Carta ter sido criticada é o facto de conter uma imprecação contra «os desertores templários da Escócia», que, diz Larmenius, deviam ser «fulminados por um anátema» (juntamente com os Cavaleiros Hospitalários). Presumindo que estes cismáticos eram os maçons da Estrita Observância de von Hund, os historiadores interpretam isto como uma prova de que a Carta era falsa – pois acreditam que o barão inventou a «transmissão escocesa» por volta de 1750. Mas, se estava a dizer a

verdade sobre as reais origens dos Maçons, forma-se então uma imagem radicalmente diferente.

Na verdade, a Antiga Ordem Militar do Templo alega que a Carta existia já pelo menos 100 anos antes de Fabré-Palaprat a ter tornado pública, quando Filipe, Duque de Orleães – posterior Regente de França –, a utilizou como autoridade para convocar uma assembleia de membros do Templo em Versalhes. A ser verdade, então este acontecimento era, em si mesmo, prova de uma presença continuada dos Templários na Europa. (Foi o mesmo Duque de Orleães que iniciou o *Chevalier* Ramsay na Ordem de São Lázaro.)

Além da Carta de Larmenius, Fabré-Palaprat tinha outro documento importante – que foi também imediatamente descartado pela maioria dos comentadores. Tratava-se do *Levitikon* – uma versão do Evangelho de João com implicações flagrantemente gnósticas –, que alegava ter encontrado numa banca de livros em segunda mão. Mais uma vez, parece um pouco conveniente demais, mas, se o documento for autêntico, lança alguma luz sobre as verdadeiras razões para a manutenção em segredo de muito do conhecimento gnóstico. Pois o *Levitikon*, uma versão do Evangelho de São João que há quem diga remontar ao século XI,[65] conta uma história muito diferente da que surge no mais familiar livro do Novo Testamento que ostenta o mesmo nome.

Em 1828, Fabré-Palaprat utilizou o *Levitikon* como base para a fundação da sua Igreja Joanita Neo-Templária em Paris, onde os seus próprios seguidores foram, a seu devido tempo, iniciados, e passados 10 anos da sua morte, Sir William Sydney Smith, o importante maçon e herói das Guerras Napoleónicas, assumiu o seu lugar.

O *Levitikon*, que fora traduzido do latim para o grego, é composto por duas partes.[66] A primeira contém as doutrinas religiosas que devem ser transmitidas ao iniciado, incluindo rituais relativos aos nove graus da Ordem Templária. Descreve a «Igreja de João» dos

Templários e explica o facto de se autointitularem de «joanitas» ou «cristãos originais».

A segunda parte é igual ao Evangelho de João convencional, exceto por algumas omissões significativas. Os capítulos 20 e 21, os últimos do Evangelho, estão ausentes. Remove também quaisquer indícios de milagre das histórias da transformação de água em vinho, dos pães e dos peixes e da ressurreição de Lázaro. E são também removidas certas referências a São Pedro, incluindo a história de Jesus ter dito «Sobre esta pedra edificarei a minha igreja».

Mas se isto é desconcertante, o *Levitikon* contém também material surpreendente, e até mesmo chocante: *Jesus é apresentado como tendo sido um iniciado dos mistérios de Osíris*, o principal deus egípcio do seu tempo.

Osíris era o consorte da sua irmã, a bela deusa Ísis, que regia o amor, a cura e a magia – entre muitos outros atributos. (Por mais desagradável que uma tão incestuosa relação nos possa parecer, fazia parte da tradição faraónica e teria parecido perfeitamente normal a qualquer devoto do antigo Egito.) O seu irmão Set queria Ísis para si e conspirou para matar Osíris. Este último foi surpreendido pelos sequazes de Set, que desmembraram o seu corpo e dispersaram os seus restos mortais. Num sofrimento terrível, Ísis vagueou pelo mundo à sua procura, sendo auxiliada na busca pela deusa Néftis, esposa de Set, que não aprovava o seu crime. As duas deusas encontraram todas as partes do corpo de Osíris exceto o falo. Reagrupando-as, Ísis utilizou um falo artificial, com o qual concebeu magicamente o seu filho Hórus. Nalgumas versões da história, teve então um caso com Set, ainda que os seus motivos não pareçam ser claros – parece haver um elemento de vingança envolvido nesta relação. Hórus, agora um jovem, ficou furioso com esta união, que entendia como uma traição à memória do seu pai Osíris, pelo que travou um duelo com Set que resultou na morte deste último e o deixou apenas com um olho. Foi curado, e o Olho de Hórus tornou-se o talismã mágico favorito do Egito.

Além de fazer a extraordinária afirmação de que Jesus era um iniciado osiríaco, o *Levitikon* dizia também que ele tinha transmitido este conhecimento esotérico ao seu discípulo João, «o Amado». Diz também que Paulo e os outros Apóstolos podem ter fundado a Igreja Cristã, mas fizeram-no sem qualquer conhecimento dos verdadeiros ensinamentos de Jesus. Não faziam parte do seu círculo interno. Segundo Fabré-Palaprat, foram os ensinamentos *secretos*, tal como foram transmitidos a João, o Amado, que foram preservados, acabando por influenciar os Cavaleiros Templários.

O *Levitikon* regista uma tradição alegadamente transmitida através das gerações de uma seita, ou Igreja, de cristãos joanitas no Médio Oriente. Alegavam ser herdeiros dos «ensinamentos secretos» e da verdadeira história de Jesus, a quem se referem como «Yeshu, o Ungido». Na verdade, se essa seita existiu, a sua versão da história de Jesus é tão heterodoxa que temos de nos perguntar por que motivo se autointitulavam de «cristãos». Para eles, Jesus não só era um iniciado de Osíris como era apenas um homem, não o Filho de Deus. Além disso, era o filho ilegítimo de Maria – e não se tratava certamente de um miraculoso nascimento virgem. Atribuíam todas essas alegações a um engenhoso – ainda que escandaloso – encobrimento inventado pelos autores dos Evangelhos para ocultar a ilegitimidade de Jesus, e o facto de a sua mãe não fazer ideia da identidade do pai!

A seita joanita reconhecia que o título de «Cristo» não era exclusivo de Jesus: a palavra original em grego, *Christos*, significava apenas «Ungido» – termo esse que podia ter sido aplicado a muitos, incluindo reis e oficiais romanos. Consequentemente, os líderes joanitas adotavam sempre o título de «Cristo». (Significativamente, o *Evangelho de Filipe*, um dos textos de Nag Hammadi, aplica o termo «Cristo» a todos os iniciados gnósticos.[67])

O grupo era descrito como uma seita gnóstica que guardava vários segredos esotéricos, incluindo os da Cabala. Conceberam também um plano para se transformarem numa organização secreta que seria (nas palavras de Éliphas Lévi, autor do século XIX) «o

único repositório dos grandes segredos religiosos e sociais, capaz de fazer Reis e Pontífices, sem se expor à corrupção do poder»[68] – ou seja, uma organização dos mistérios que não estaria sujeita aos caprichos e incertezas das mudanças políticas e sociais ao longo dos anos. O seu instrumento viria a ser a Ordem dos Cavaleiros Templários, e Hugo de Payens, bem como os outros cavaleiros fundadores, eram na verdade iniciados joanitas. Mas os Templários tornaram-se eles mesmos corruptos, em virtude do seu amor pela riqueza e pelo poder, acabando por ser suprimidos. O rei francês e o Papa não podiam permitir que a verdadeira natureza da ameaça templária se tornasse conhecida, pelo que inventaram as acusações de idolatria, heresia e imoralidade. Mas, antes da sua execução, Jacques de Molay, mais uma vez nas palavras de Lévi, «organizou e instituiu a Maçonaria Oculta».[69]

A ser verdadeira, basta esta afirmação para alterar dramaticamente a versão aceite da história. Estabelece uma ligação direta e credível entre um tipo de Maçonaria e os antigos Templários – podendo muito bem seguir-se que estes maçons específicos possam ter algo para nos ensinar sobre o conhecimento Templário.

Como vimos, Éliphas Lévi dedica uma secção do seu *History of Magic* (*História da Magia*, em tradução livre) à tradição joanita tal como é descrita no *Levitikon*. Lemo-la primeiro na tradução para o inglês de A.E. Waite, mas cruzámo-nos depois com outra tradução dessa secção específica numa obra de Albert Pike, o erudito estudioso maçónico e Grão-Mestre do Rito Escocês Antigo e Aceite na América, *Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry* (1871). Esta versão tem várias diferenças – mas qual delas era a autêntica?

Comparámos com a edição original em francês da obra de Lévi[70] e descobrimos que Pike fez certos acréscimos ou correções suas, presumivelmente baseadas no seu próprio entendimento desta tradição. Transforma, por exemplo, a última parte dessa histórica frase que citámos acima em «Maçonaria Oculta, Hermética ou Escocesa».[71] Corrige também as palavras de Lévi acerca de uma

ligação entre os Templários Joanitas e os Rosacrucianistas. Lévi escreve o seguinte (na fiel tradução de A.E. Waite):

> Os sucessores dos antigos Rosacrucianistas, modificando pouco a pouco os austeros e hierárquicos métodos dos seus precursores na iniciação, tinham-se transformado numa seita mística e *abraçado entusiasticamente as doutrinas mágicas dos Templários*, em resultado das quais se viam como únicos depositários [*sic*] dos segredos sugeridos pelo Evangelho segundo São João.[72]

Pike, de forma reveladora, emenda do seguinte modo a parte em itálico:

> … e unido a muitos dos templários, misturando o dogma de ambos…[73]

As alterações de Pike são significativas porque, enquanto Lévi era um observador e comentador do mundo oculto e maçónico, sendo, em certa medida, um leigo, Pike pertencia claramente ao meio. Achou por bem corrigir a versão de Lévi, pelo que, em vez de falar da adoção de «doutrinas templárias» por parte dos Rosacrucianistas, Pike coloca-os a fundirem-se com os remanescentes grupos templários.

Mas a correção mais significativa de Pike é algo totalmente novo. A seguir à frase sobre a instigação por parte de Jacques de Molay da «Maçonaria Oculta, Hermética ou Escocesa», Pike acrescenta que esta Ordem:

> … adotou São João Evangelista como um dos seus padroeiros, associando-se a ele de modo a não despertar as suspeitas de Roma. São João Batista…[74]

Isto é no mínimo curioso. Uma vez que tanto João Evangelista como João Batista são reconhecidamente santos católicos, porque haveria a veneração de um deles de ser necessariamente um «encobrimento» para a veneração atribuída ao outro? Mas Pike, esse mais erudito de entre os estudiosos maçónicos, não teria provavelmente introduzido esta informação na reprodução de

passagens do livro de outro autor sem ter um bom motivo para isso. Tínhamos nitidamente de nos adentrar mais a fundo neste tema joanita no seio da tradição maçónica.

Como vimos no capítulo anterior, A.E. Waite fez referência a uma «tradição joanita» que influenciara as lendas do Graal, o que inicialmente pareceu absolutamente incompreensível. Agora, no entanto, começava a fazer sentido: a «tradição joanita» está nitidamente ligada, de algum modo, a João Evangelista ou João Batista.

Esta linha subjacente não é, claro, nova para esta investigação. A «tradição joanita», com a sua clara ligação a um São João, é também fulcral para o Priorado de Sião – e para eles, como vimos, é João Batista quem tem a primazia.

Como vimos no Capítulo Dois, o Priorado alega que Godofredo de Bulhão se encontrou com representantes de uma misteriosa «Igreja de João» – por outras palavras, os Irmãos de Ormus – e, em resultado desse encontro, decidiu formar um «governo secreto». Os Cavaleiros Templários e o Priorado de Sião foram assim criados como parte deste plano geral. Nunca é demais sublinhar que, pelo menos segundo esta história, tanto o Priorado como os Templários foram criados conforme os ideais desta misteriosa Igreja de João. Exceto por alguns pormenores secundários, esta história é idêntica à do *Levitikon* e confirma pelo menos que o Priorado moderno e os Templários fazem parte da mesma tradição.

O conceito dos Templários enquanto organização secreta com autoridade para escolher e depor reis assemelha-se ao dos Cavaleiros Templários do Graal no *Parzival* de Wolfram von Eschenbach – existem certamente provas de os Templários terem reivindicado este direito.[75] O problema é que a maioria destas pretensões exóticas a uma longa ascendência histórica remontam apenas às organizações Neo-Templárias do século XIX. Mas podem ser válidas, se puderem ser corroboradas por provas independentes que associem os seus movimentos a organizações que existiam já séculos antes, como a ligação rosacrucianista-maçónica.

Outra dificuldade é que estão a ser feitas duas alegações diferentes: uma é que certas formas de Maçonaria descendem diretamente dos Templários; a outra é que os próprios Templários foram uma continuação de uma mais antiga tradição herética que remontava ao tempo de Jesus. Infelizmente, provar a primeira não significa automaticamente que a segunda é verdadeira.

Mas a ênfase dada a uma versão idiossincrática do Evangelho de João é provocadora, embora pareça existir realmente alguma confusão entre João Evangelista e João Batista. A afirmação de Albert Pike de que os Maçons adotaram o Batista como cobertura para a sua veneração secreta por João Evangelista é, como vimos, absurda. Porque haveriam eles de querer esconder a sua reverência por qualquer um dos santos quando eram ambos perfeitamente aceitáveis para a Igreja? Tudo o que Pike conseguiu fazer foi chamar a atenção para os dois santos e envolver ambos numa aura de mistério e de intriga. Talvez fosse essa a intenção. A.E. Waite cita noutro local escritos maçónicos sobre a Maçonaria Joanita, que alega ter ligações a um Cristianismo Joanita centrado no Batista e que o vê como «o único verdadeiro profeta».[76]

Como vimos, João Batista era o santo padroeiro dos Cavaleiros Templários e também dos Maçons. Na verdade, a Grande Loja de Inglaterra foi fundada no dia 24 de junho – dia de João Batista. E o chão de todos os templos maçónicos exibe duas linhas paralelas: uma representa a vara de João «Evangelista» (outro nome para João, o Amado), enquanto a outra representa a vara do Batista. Ambos os Joões têm nitidamente uma importância especial para a irmandade, ainda que seja o mais antigo a ter a primazia. Além disso, o juramento maçónico é «aos sagrados *Santos* João».[77] Os Maçons de hoje em dia, contudo, admitem não fazer ideia do porquê de os dois Joões serem assim tão venerados.[78] É possível que estas duas personagens bíblicas tenham sido confundidas ao longo dos anos, e que o termo «joanita», embora interpretado como referindo-se aos seguidores do Amado, possa referir-se na verdade aos do Batista. Mas, quer seja o João mais novo ou o mais velho –

ou ambos – a ser venerado pelos Maçons, há um nome que se destaca pela sua quase absoluta ausência nas lojas: o próprio Jesus não tem grande presença. Alegadamente, isto deve-se ao facto de os Maçons não serem essencialmente uma organização cristã; basta ser-se teísta para entrar para as suas fileiras. Mas, nesse caso, porque devem tanta fidelidade aos santos cristãos João?

A ideia de que o Evangelho de João esconde segredos arcanos, ou de que existe outra versão, é recorrente ao longo desta investigação. Os Cátaros terão alegadamente tido uma alternativa herética, e Sir Isaac Newton era obcecado por ela. (Como escreve Graham Hancock: «… apesar das suas devotamente mantidas convicções religiosas, parecia às vezes ver Cristo como um homem especialmente dotado… e não como o Filho de Deus.»[79])

Assim, tanto os Maçons do Rito Escocês como os Templários da «Transmissão de Larmenius» podem muito bem ter preservado os segredos originais dos Templários, fazendo-os ambos remontar à «seita joanita». Embora nada exista de abertamente joanita nos Ritos Egípcios da Maçonaria, todos estes sistemas derivam da Estrita Observância Templária do Barão von Hund. E o Priorado de Sião associa-se a todos estes sistemas.

Como vimos, Pierre Plantard de Saint-Clair descreveu como propósito da Ordem do Templo ser «a espada da Igreja de João e o porta-estandarte da primeira dinastia, os braços obedientes ao espírito de Sião». O resultado deste grande plano seria um «renascimento espiritual» que «viraria o cristianismo do avesso». Nitidamente, isso não aconteceu – ainda, apesar de as nossas investigações demonstrarem que a revelação que poderia levar a uma tal sublevação está já à espera nas alas para surgir dramaticamente no palco do mundo, talvez na forma do Priorado ou de uma aliança entre escolas dos mistérios, como os Ionistas.[80]

Mas, fosse como fosse, tínhamos deparado com algo de extraordinário: partindo da aparente obsessão de Leonardo por João Batista, tínhamos depois seguido a ténue pista de que o Priorado de Sião estava, de algum modo, igualmente envolvido com esse santo.

Não era muito, nessa fase, mas, à medida que fomos seguindo as pistas, dos Templários aos Maçons e depois aos grupos ocultos, começou a formar-se diante dos nossos olhos uma ligação muito mais convincente. A heresia joanita está lá, sob todos os vários adereços da clandestinidade oculta – e é a esta tradição que, como eles próprios admitem, o Priorado pertence.

Apesar de muitas grandes questões continuarem ainda sem resposta, começava a formar-se uma imagem coerente, que, de algum modo, ligava João Batista a uma intrincadamente mantida tradição oculta. Mas isto era apenas parte do que começava a emergir como uma heresia com duas vertentes, sendo a outra a veneração secreta de uma deusa, do princípio Feminino.

Claro que esta última vertente é difícil de conciliar com as aparências exteriores de organizações como a Maçonaria, cuja orientação parece ser excecionalmente masculina. Mas os segredos por trás destas duas vertentes – os temas Feminino e Joanita – são nitidamente dignos de se ter, pois foram defendidos, guardados e protegidos contra todas as probabilidades e parecem ter suscitado especial hostilidade por parte da Igreja de Roma. Não é de admirar, pois a segunda vertente dos antigos segredos esotéricos – a veneração do princípio Feminino – assumiu a forma de magia sexual transcendente, com todas as suas implicações sobre o poder intrínseco da mulher.

Capítulo Sete

SEXO: O DERRADEIRO SACRAMENTO

Os velhos textos alquímicos estão repletos de imagens elaboradas e confusas – deliberadamente, pois destinavam-se a desencorajar os não iniciados a descobrirem os seus segredos. Como vimos, contudo, a alquimia, no seu nível mais profundo, estava relacionada com a transformação pessoal, espiritual e sexual, e os seus segredos continham as técnicas necessárias para alcançar esta «Grande Obra». Na verdade, reconhecendo as profundas preocupações imateriais e sexuais da alquimia, o psicólogo C.G. Jung viu-a como a precursora da psicanálise.[1]

Como vimos, a «Grande Obra» dos alquimistas era uma experiência rara e transformadora, e ninguém sabe ao certo qual a sua forma exata. Nicolas Flamel (alegado Grão-Mestre do Priorado de Sião), que alcançou este brilhante feito no dia 17 de janeiro de 1382 em Paris, salientou, no entanto, tê-lo feito na companhia da sua esposa, Perenelle.[2] Aparentemente, eram um casal particularmente dedicado: também ela parece ter sido alquimista – muitas mulheres o eram, em segredo. Mas terá Flamel enfatizado a sua presença nesse fatídico dia como uma alusão à verdadeira natureza da Grande Obra? Existe alguma sugestão de que possa ter assumido a forma de algum tipo de rito sexual?

Não existe qualquer dúvida acerca da existência de pelo menos uma componente sexual na prática da alquimia, como é revelado pelo clássico texto alquímico *The Crowne of Nature*, citado em *Alchemy*, de Johannes Fabricius:

> Senhora de pele branca, afetuosamente unida ao seu marido de membros rosados, envoltos nos braços um do outro na beatitude da união conjugal. Fundem-se e dissolvem-se ao chegar ao objetivo da perfeição: eles, que eram dois, tornam-se um, como que num só corpo.[3]

Significativamente, existem duas disciplinas orientais que enfatizam a transcendência religiosa e espiritual da sexualidade: o Tantra indiano e o Taoísmo chinês. São ambos antigos – e

altamente respeitados nas suas culturas – e salientam o potencial de certas práticas sexuais para alcançar a consciência mística, a regeneração e longevidade físicas e a união com Deus. Grande parte destas disciplinas são hoje muito conhecidas, mas o que não é reconhecido para lá dos grupos de iniciados é que existe, surpreendentemente, um ramo alquímico tanto do Tantra como do Taoísmo. Como veremos, isto encaixa na verdadeira natureza da alquimia ocidental.

No Tantra, por exemplo, a terminologia «química» é entendida como representando práticas sexuais. Como refere o autor Benjamin Walker em *Man, Myth & Magic*:

> Ainda que ostensivamente dedicada à transmutação de metais básicos em ouro, bem como aos vasos, instrumentos e aparelhos do comércio e aos movimentos rituais do alquimista na sua sala de trabalho, esta alquimia tem realmente lugar dentro do próprio corpo.[4]

A ironia é que os elementos sexuais da alquimia ocidental têm sido geralmente interpretados como uma metáfora para os processos químicos! Como observa Brian Innes no seu artigo para a *The Unexplained* sobre a alquimia sexual tântrica e taoista:

> A estreita semelhança entre as imagens – e as substâncias utilizadas – na alquimia em todas estas culturas é impressionante. Há uma grande diferença igualmente impressionante: a alquimia medieval europeia não parece ter tido qualquer base sexual explícita.[5]

Havia, porém, uma grande diferença entre a imagem pública e os níveis de aceitabilidade da alquimia no Oriente e no Ocidente. Na China e na Índia, não era uma ciência proibida, e as atitudes para com o sexo não eram tão neuróticas e reprimidas como na Europa; assim, podia ser mais aberta e honesta acerca do seu trabalho.

Recentemente, a «sexualidade sagrada» foi «descoberta» pelo Ocidente. Trata-se essencialmente da ideia de que a sexualidade é o supremo sacramento, conferindo não só alegria mas também uma

união com o Divino e com o universo. O sexo é visto como a ponte entre o céu e a terra, trazendo consigo uma enorme libertação de energia criativa, além de revitalizar os amantes de forma única – até ao nível celular. O conhecimento da sexualidade sagrada significa que os velhos textos alquímicos podem finalmente ser plenamente entendidos no Ocidente, ainda que (como habitual) sejam os investigadores franceses os mais dispostos a explorar este seu aspeto. Dos poucos autores anglo-saxónicos que não se esquivaram ao tema, A.T. Mann e Jane Lyle dizem o seguinte no seu livro de 1995, *Sacred Sexuality*:

> É difícil duvidar de que os ensinamentos alquímicos escondiam segredos sexuais mágicos intimamente associados ao conhecimento tântrico. Devido à sua complexidade e diversidade, a alquimia encobriu certamente outros mistérios em alegorias poéticas que só a mente do iniciado seria capaz de penetrar.[6]

Um dos muitos autores franceses a escrever sobre o tema, André Nataf, disse o seguinte: «… o segredo que a maioria dos alquimistas procurava era erótico… A alquimia é simplesmente a conquista do amor, uma "liga" do erótico e do espiritual.»[7]

O Tantrismo e o Taoísmo são, claro, reconhecidos há muito como os veículos da tradição oriental da sexualidade sagrada, mas não existiu no Ocidente nenhuma tradição tão clara e facilmente localizável – *a não ser que fosse conhecida simplesmente como alquimia*.

As imagens sexuais dos textos alquímicos parecem muito flagrantes nesta era pós-freudiana: a Lua diz ao seu esposo, o Sol: «Ó Sol, nada fazes sozinho se eu não estiver presente com a minha força, tal como um galo é impotente sem uma galinha.»[8] As experiências químicas assumem a forma de «casamentos» ou «cópulas», tal como o opúsculo de Johann Valentin Andreae tinha o título de *Núpcias Alquímicas*.

Claro que é bem possível que essas imagens significassem apenas o que diziam: sendo uma «cópula» apenas isso e não havendo qualquer segredo escondido no simbolismo alquímico. As palavras, no entanto, eram cuidadosamente escolhidas para transmitir instruções complexas, abrangendo um sentido sexual e um químico. Essencialmente, os textos alquímicos continham tanto lições de magia sexual como de química.

Talvez curiosamente, dado o óbvio tom sexual de grande parte da obra, a ideia histórica convencional da alquimia era a de ser meramente química, sendo todo o simbolismo uma mera fantasia. A razão para isto era que, até os mistérios do Oriente se terem tornado mais conhecidos, não existia qualquer enquadramento onde encaixar todo o conceito de alquimia sexual. Agora, porém, não temos esse problema, e esta ideia começa rapidamente a ganhar reconhecimento.

> Barbara G. Walker aborda o significado subjacente da alquimia:
>
> Parte do segredo é revelado pela preponderância do simbolismo sexual na literatura alquímica. «Cópula de Atena e Hermes» pode significar misturar enxofre [*sic*] e mercúrio numa retorta; ou pode significar um «trabalho» sexual do alquimista e da sua amante. As ilustrações nos livros alquímicos sugeriam frequentemente um misticismo sexual.
>
> Mercúrio ou Hermes era o herói alquímico que fertilizava o Vaso Sagrado, uma esfera ou ovo semelhante a um útero, do qual viria a nascer o *filius philosophorum*. Este vaso pode ter sido real, um frasco de laboratório ou uma retorta; muitas vezes, parecia ser um símbolo místico. O Diadema Real da sua descendência aparecia, dizia-se, *in menstro meretricis*, «no sangue menstrual de uma prostituta», que pode ter sido a Grande Meretriz, um antigo epíteto da Deusa…[9]

(Walker falha, no entanto, ao prosseguir com a sugestão de que, ao procurar o *vas hermeticum* – o Vaso de Hermes –, o identificavam com o *vas spirituale*, o vaso espiritual, ou ventre, da

Virgem Maria. Pois que outra Maria é geralmente retratada com um vaso ou jarro nas mãos? Quem é tradicionalmente representada com um vestido vermelho-sangue ou coberta pelos seus longos cabelos ruivos? Que outra Maria está associada à ideia de prostituição e sexualidade? Vemos uma vez mais a Virgem Maria a servir de cobertura ao culto secreto da Madalena.)

Hoje em dia, é frequente falarmos em «química sexual», mas, para o alquimista, isto tinha um sentido mais profundo do que a ideia de atração imediata. Na revista esotérica francesa *L'Originel*, Denis Labouré, o especialista em ocultismo, discute a ideia de alquimia «interna» em contraposição à alquimia «metálica» e os seus paralelismos com o Tantrismo, mas insiste em que faz parte de um «legado tradicional *ocidental*» (itálico nosso). Diz assim:

> Se a alquimia interna é bem conhecida no Taoísmo ou no Hinduísmo, os constrangimentos históricos [isto é, a Igreja] obrigaram os autores ocidentais a ter a máxima prudência. Ainda assim, certos textos aludem claramente a esta alquimia.[10]

Cita depois um tratado de Cesare della Riviera, datado de 1605, e acrescenta o seguinte:

> Na Europa, o rasto destes antigos rituais [sexuais] passa pelas escolas gnósticas, pelas correntes alquímicas e cabalísticas da Idade Média e do Renascimento – onde múltiplos textos alquímicos podem ser lidos a dois níveis – até os encontrarmos de novo em organizações ocultas formadas e organizadas, principalmente na Alemanha, no século XVII.

Na verdade, o uso do simbolismo «metalúrgico» remonta às próprias origens da alquimia, na Alexandria dos séculos I a III. Encontram-se metáforas metalúrgicas para o sexo nos feitiços da magia egípcia: os alquimistas limitaram-se a adotar as imagens. Eis um exemplo de um feitiço egípcio de amor atribuído a Hermes Trismegisto, datado pelo menos do século I a.C., e que se centra no forjar simbólico de uma espada:

> Trazei-me [a espada], temperada com o sangue de Osíris, e colocai-a na mão de Ísis… tudo isso forjai neste fogão de fogo, insuflai-o também no coração e no fígado, nos genitais e no ventre de [nome da mulher]. Conduzi-a à casa de [nome do homem] e deixai-a depositar na mão dele o que está na sua, na boca dele o que está na sua, no corpo dele o que está no seu, na sua vara o que está no seu ventre.[11]

A alquimia tal como era praticada pela rede clandestina medieval formou-se originalmente no Egito dos primeiros séculos da era cristã. Ísis desempenhava um papel importante na alquimia desse tempo. Num tratado intitulado *Ísis, a Profetisa do seu filho Hórus*, Ísis fala de como, através dos seus ardis femininos, obteve os segredos da alquimia de um «anjo e profeta». Incentivou-o a alimentar o seu desejo por ela até não o conseguir controlar mais, mas recusou entregar-se até ele lhe revelar os seus segredos – uma clara referência à natureza sexual da iniciação alquímica.[12] (Isto traz à memória a história do Papa Silvestre II e de Meridiana, discutida no Capítulo Quatro, em que ele recebeu o seu conhecimento alquímico através de uma relação sexual com esta arquetípica figura feminina.)

Outro antigo tratado, atribuído a uma alquimista chamada Cleópatra – uma iniciada da escola fundada pela lendária Maria, a Judia[13] –, contém imagens sexuais explícitas: «Vê o cumprimento da arte na junção da noiva e do noivo e em como se tornam um só.» Isto é surpreendentemente similar a um texto gnóstico contemporâneo que diz o seguinte:

> Quando o homem chega ao supremo momento e a semente jorra, a mulher recebe a força do homem e o homem recebe a força da mulher… É por isso que o mistério da união corpórea é praticado em segredo, para que a conjugação da natureza não seja degradada pelo facto de ser vista pela multidão que desprezaria a obra.[14]

Os primeiros textos alquímicos estão pejados de simbolismos que apontam para as técnicas secretas da sexualidade sagrada, provavelmente derivadas de um equivalente egípcio ao Tantrismo e ao Taoísmo. A existência de uma tal tradição é revelada no texto conhecido como «Papiro Erótico de Turim» (onde é atualmente guardado), que há muito é considerado como um exemplo de pornografia egípcia. Esta reação, contudo, é novamente um exemplo claro de um equívoco académico ocidental: o que é classificado como pornográfico era, na verdade, um ritual religioso. Alguns dos mais sagrados ritos do antigo Egito eram sexuais – como, por exemplo, uma prática religiosa diária por parte do Faraó e da sua consorte que envolvia provavelmente que ela o masturbasse. Era uma encenação simbólica da criação do universo pelo deus Ptah, que ocorrera de modo similar. As imagens religiosas nos palácios e templos retratavam inequivocamente este ato, mas foi considerado tão escandaloso pelos arqueólogos e historiadores que só recentemente foi reconhecido o seu significado – e, mesmo assim, o tema continua a ser discutido em tons hesitantes e apologéticos. Nitidamente, o Ocidente tem ainda um longo caminho a percorrer para alcançar a total aceitação dos egípcios em relação ao sexo enquanto sacramento.

Esta relutância em aceitar a importância do sexo para os antigos não é um fenómeno novo. Para os estudiosos dos séculos I e II, o assunto não era problema, mas, como observa Jack Lindsay, por alturas do século VII, vemos o simbolismo sexual nas obras alquímicas a ser tratado de «forma discreta e alusiva».[15]

Desde os primórdios, portanto, que a alquimia ocidental tinha uma forte componente sexual. Devemos realmente acreditar que, por alturas da Idade Média, esta profunda e influente tradição tinha desaparecido por completo?

Algumas das primeiras seitas gnósticas – como os Carpocratas de Alexandria – praticavam ritos sexuais. Não é de admirar que tenham sido condenados como degenerados e repugnantes pelos

Pais da Igreja, e, na ausência de registos menos hostis, não temos como saber que forma assumiam ao certo.

Durante toda a história do cristianismo, foram brotando seitas «heréticas» que incorporavam uma atitude mais libertária relativamente ao sexo, mas foram invariavelmente condenadas e suprimidas – como, por exemplo, os Irmãos e Irmãs do Livre Espírito, também conhecidos como Adamitas, que se diz terem praticado um «segredo sexual» já nos séculos XIII e XIV.[16] A filosofia dos Adamitas teve uma forte influência no panfleto *Schwester Katrei* – que, como vimos, inclui indícios de familiaridade com o retrato de Maria Madalena nos Evangelhos Gnósticos – e a autora parece ter pertencido a esta seita.[17]

Outro grupo associado ao misticismo erótico – ainda que não fosse conhecido como uma seita religiosa – eram os trovadores, esses famosos cantores do culto ao amor no sudoeste de França, cujo equivalente alemão eram os *minnesingers* – sendo Minne uma mulher idealizada ou deusa.[18] O amor do cavaleiro pela sua senhora reflete uma devoção e reverência pelo Princípio Feminino. E o conteúdo dos poemas – uma mistura de «espiritualidade e carnalidade»[19] – pode ser visto como uma série de alusões finamente veladas à sexualidade sagrada. Nem mesmo a académica Barbara Newman, ao resumir esta tradição, pôde fugir à utilização de uma linguagem evocativa da sexualidade sagrada ao descrevê-la como:

> … um jogo erótico com uma desconcertante variedade de movimentações: podíamos tornar-nos a noiva de um Deus ou o amante de uma Deusa, ou fundirmo-nos totalmente com a Amada e tornarmo-nos divinos…[20]

Grande parte da tradição do amor cortês envolve o conhecimento de técnicas específicas, como, por exemplo, a de *maithuna*, a deliberada retenção do orgasmo para induzir sensações de beatitude e consciência mística.

Como diz o autor e poeta britânico Peter Redgrove:

É possível detetar toda uma tradição de *maithuna* (sexualidade visionária tântrica) na literatura romântica.[21]

Os trovadores adotaram a rosa como seu símbolo, talvez por o seu nome (em francês e em inglês – *rose*) – ser um anagrama de *Eros*, o deus do amor erótico. É também possível que a sua ubíqua «senhora» – aquela que tem de ser obedecida, ainda que apenas a uma distância casta – se destinasse a ser entendida, a um nível esotérico, como algo diferente, tal como é sugerido pelo seu nome alemão de *minnesingers*.

Esta senhora arquetípica não pode ter sido a Virgem Maria, pois, ainda que a rosa fosse amplamente vista como o seu símbolo na Idade Média, o seu culto não precisava de se esconder atrás de códigos. Além disso, a flor mais descritiva das suas qualidades não era a erótica rosa, mas sim o mais evocativo Lírio da Páscoa: belo mas austero, sem qualquer indício de carnalidade. Quem mais poderiam então celebrar as canções dos trovadores? Quem mais era uma «deusa» muito amada pelos grupos heréticos da altura? Quem mais, a não ser Maria Madalena?

As grandes janelas em rosácea das catedrais góticas estão sempre voltadas para oeste – tradicionalmente a direção consagrada às divindades femininas[22] – e nunca estão longe de um santuário à Madona («Minha Senhora») Negra. E, como vimos, estas enigmáticas estátuas são outra forma de deusas pagãs, uma personificação da antiga celebração da sexualidade feminina. Além da rosa sagrada, as catedrais góticas continham também outras imagens pagãs – os símbolos da teia de aranha e do labirinto, por exemplo, em Chartres e noutras catedrais, são uma referência direta à Grande Deusa na sua manifestação de fiandeira e senhora do destino do Homem, mas muitas outras igrejas contêm também uma série de imagens femininas. Algumas delas são tão gráficas que, uma vez compreendidas, os cristãos podem nunca mais voltar a ver as suas igrejas com os mesmos olhos. As grandes portas góticas, por exemplo, por onde gerações de cristãos tão inocentemente passaram, são na verdade representações da mais íntima parte da

deusa. Atraindo o devoto para o escuro e uterino interior da Madre Igreja, são esculpidas com sulcos convergentes, tendo até frequentemente no topo do arco um botão de rosa semelhante a um clítoris. Uma vez no interior, o fiel católico para junto à pia de água benta, que é frequentemente representada como uma concha gigante, símbolo da natividade da deusa – tal como Botticelli, alegado Grão-Mestre do Priorado de Sião imediatamente anterior a Leonardo, tão espantosamente retratou em *O Nascimento de Vénus*. (E o búzio, outrora símbolo dos peregrinos cristãos, é reconhecido como sendo um símbolo clássico da vulva.[23]) Todos estes símbolos foram deliberadamente utilizados pelos adeptos do Princípio Feminino e, embora comuniquem a um nível subliminar, têm um efeito perturbador sobre o inconsciente. Acompanhados de um crescendo musical, da luz das velas e do cheiro a incenso, não admira que a ida à igreja tenha em tempos inspirado um tão peculiar fervor!

Para os iniciados nos mistérios, o Feminino era um conceito que era simultaneamente carnal, místico e religioso. A sua energia e poder vinham da sua sexualidade, e a sua sabedoria – por vezes conhecida como «sabedoria da meretriz» – vinha de um conhecimento da «rosa», *eros*.

Como diz o ditado, «Saber é poder», e este tipo de segredos contém um poder inigualável, pelo que representavam uma ameaça singular à Igreja de Roma, e a todos os matizes, na verdade, da opinião cristã. O sexo era – e, em muitos casos, continua a ser – aceitável apenas entre aqueles cujas uniões era provável que resultassem em procriação. Por este motivo, não existe qualquer conceito cristão de sexo apenas por prazer, quanto mais a ideia – como no Tantrismo ou na alquimia – de este poder trazer iluminação espiritual. (E embora seja sabido que a Igreja Católica proíbe a contraceção, outros grupos cristãos vão ainda mais longe: os Mórmons, por exemplo, veem com maus olhos o sexo depois da menopausa.)

O objetivo de todas estas regras inibitórias, contudo, é na verdade o *controlo sobre as mulheres*. Têm de aprender a ver o sexo com apreensão – ou porque não lhes dá prazer, sendo apenas o seu dever conjugal e mais nada, ou porque conduz inevitavelmente à dor do parto. Isto era essencial à forma como as mulheres eram vistas pela Igreja, e pelos homens em geral ao longo dos séculos: se fosse retirado às mulheres o receio do parto, seguir-se-ia indubitavelmente o caos.

Um dos principais motivos subjacentes às atrocidades da caça às bruxas foi o ódio e o medo às parteiras, cujo conhecimento das formas de aliviar as dores do parto era entendido como uma ameaça à civilização decente: Kramer e Sprenger, autores do infame *Malleus Maleficarum* – o manual dos caçadores de bruxas europeus –, destacavam particularmente as parteiras como merecedoras do pior tratamento possível às suas mãos. O terror da sexualidade das mulheres acabou com dezenas de milhares de mortos, a maioria mulheres, ao longo de três séculos de julgamentos de bruxas.

Desde os misóginos dias dos primeiros Pais da Igreja, em que se duvidava de que as mulheres tivessem sequer alma, que tudo foi feito para as fazer sentirem-se profundamente inferiores a todos os níveis. Não só lhes foi dito que eram, em si mesmas, naturalmente pecadoras, como também que eram a maior – e às vezes a *única* – causa dos pecados dos homens. Ao sentirem verdadeira luxúria, era ensinado aos homens que estavam apenas a reagir aos diabólicos ardis da mulher, que os enfeitiçava e conduzia a atos que não teriam de outro modo ponderado. Uma manifestação extrema desta atitude surge na ideia da Igreja medieval de que uma mulher que tivesse sido violada era responsável não só por ter provocado o ato contra si, mas também pela perda da alma do violador – algo por que teria de prestar contas no Dia do Juízo Final.[24]

Como escreve R.E.L. Masters:

> Quase toda a culpa pelo hediondo pesadelo que foi a mania das bruxas, e a maior parte da culpa por ter envenenado a vida

sexual do Ocidente, recai inteiramente sobre a Igreja Católica Romana.[25]

A Inquisição – que fora criada especificamente para lidar com os Cátaros – assumiu facilmente o seu novo papel de caçadora de bruxas, torcionária e assassina, ainda que os Protestantes viessem também a juntar-se-lhe com gosto. Significativamente, os primeiros julgamentos de bruxas tiveram lugar em Toulouse, sede da Inquisição anticátara. Terá sido mero despeito ante algum tipo de catarismo residual que levou a este julgamento crucial? Ou seria um sintoma do medo que as mulheres do Languedoc incutiam nos Inquisidores obcecados pelo sexo?

Subjacente ao ódio e ao medo das mulheres estava o conhecimento de que elas têm uma capacidade única de *desfrutar* do sexo. Os homens medievais podem não ter tido o benefício da educação anatómica moderna, mas uma investigação pessoal não poderia ter falhado em revelar-lhes a existência desse órgão curiosamente ameaçador, o clítoris. Essa pequena protuberância, tão inteligentemente – ainda que subliminarmente – celebrada como o botão de rosa no cimo dos arcos góticos, é o único órgão humano cuja função é *exclusivamente dar prazer*. As implicações disto são, e sempre foram, enormes, e estão no âmago de toda a repressão patriarcal, por um lado, e, por outro, de todos os ritos do sexo tântrico e místico. O clítoris, que ainda hoje dificilmente é considerado um tema de discussão adequado, revela que *as mulheres estavam destinadas a ser sexualmente extáticas*, talvez ao contrário dos homens, cujo aparelho sexual serve o duplo propósito da micção e da procriação.

Mas a tradição misógina do patriarcado judaico-cristão foi de tal modo bem-sucedida que só no século XX é que a ideia de que as mulheres desfrutam da sua sexualidade se tornou aceitável no Ocidente, e ainda hoje não é assim no que à Igreja diz respeito. Embora seja verdade que a desigualdade sexual e o puritanismo não são um desenvolvimento exclusivo das três grandes religiões patriarcais de cristianismo, judaísmo e Islão – basta olhar para o

costume da queima das esposas na Índia –, a ideia de que o sexo é intrinsecamente sujo e vergonhoso é, ainda assim, uma tradição ocidental. E onde quer que essa atitude prevaleça, haverá sempre o tipo de desejo reprimido e de culpa que inevitavelmente dará origem a crimes contra as mulheres e até, talvez, a manias das bruxas. O historial puritano do Ocidente e o seu ódio e receio ao sexo trouxeram ao final do milénio um legado terrível, na forma de violência doméstica, pedofilia e violação. Pois, onde quer que o sexo seja alvo de desconfiança, também o parto e os filhos serão vistos como intrinsecamente sujos, e os jovens serão vítimas de violência, tal como as suas mães.

O algo contraditório e irascível Javé do Antigo Testamento criou Eva – e veio claramente a arrepender-se disso. Quase assim que «nasceu», Eva revelou uma capacidade de pensar pela própria cabeça que era muito superior à de Adão. Eva e a «serpente» formavam uma poderosa equipa; o que não é propriamente uma surpresa, pois as serpentes eram antigos símbolos de *Sophia*, representando a sabedoria, e não a perversidade. Mas ficou Deus satisfeito por a mulher que criara mostrar iniciativa e autonomia ao comer da Árvore do Conhecimento – *ao querer aprender*? Após revelar uma curiosa falta de clarividência relativamente às capacidades de Eva, principalmente para um omnipotente e omnisciente criador de universos, Deus condena-a a uma vida de sofrimento, começando, importa realçar, pela maldição de *coser*… (Pois ela e o infeliz Adão tiveram de fazer tangas a partir de folhas de figueira para cobrir a sua nudez.) Adão e Eva foram assim apresentados à ideia de *vergonha* dos seus corpos e, claro, da sua sexualidade. Estranhamente, é-nos dado a entender que foi o próprio Deus quem ficou horrorizado ao ver a carne nua que ele mesmo criara.

Este mito simplista proporcionou uma justificação retroativa para o aviltamento das mulheres, desincentivando ao alívio das agonias ginecológicas e do parto. Durante milhares de anos, negou às mulheres uma voz – e degradou, aviltou e demonizou até o ato

sexual, que devia ser jubiloso e *mágico*. Substituiu pela vergonha e pela culpa o amor e o êxtase, e incutiu um medo neurótico de um Deus masculino, aparentemente tão cheio de ódio por si mesmo que abominava até a sua melhor criação – a humanidade.

Desta venenosa história nasceu o conceito de pecado original, que condena ao purgatório até mesmo inocentes recém-nascidos; até há pouco tempo, envolveu o incrível milagre do nascimento num manto de vergonha e superstição, retirando também à mulher o seu poder singular – que é, claro, a razão pela qual foi inventado em primeiro lugar.

Embora exista ainda na nossa cultura uma incrível abundância de receio e ignorância acerca do sexo, a situação é agora muito melhor do que era ainda há dez anos. Vários livros importantes abriram novos caminhos – ou talvez tenham aberto novamente um velho caminho. Entre eles, estão *The Art of Sexual Ecstasy*, de Margo Anand (1990), e *Sacred Sexuality*, de A.T. Mann e Jane Lyle (1995), sendo que ambos celebram o sexo como um meio de iluminação espiritual e transformação.

Como vimos, as outras culturas não sofrem do mesmo problema (a não ser que tenham sido contaminadas pelo pensamento ocidental). Em certas culturas, o sexo era elevado até acima de uma arte: era considerado um sacramento – algo que permite aos participantes entrar em união com o Divino. É esta a *raison d'être* do Tantrismo, esse sistema místico de união com os deuses através de técnicas sexuais como a *karezza* ou da obtenção da beatitude sem orgasmo. O Tantrismo é a «arte marcial» da prática sexual, envolvendo um longo e incrivelmente disciplinado treino, tanto para os homens como para as mulheres – que são considerados *iguais.*

A arte do Tantrismo não é, contudo, exclusiva do exótico mundo oriental. Hoje em dia, é possível ver escolas do Tantra a surgirem em Londres, Paris e Nova Iorque, ainda que o extremo rigor da arte seja desencorajador para muitos; pode, por exemplo, demorar meses só a aprender a respirar da forma certa. Mas o uso do sexo como sacramento *não é novo para o Ocidente*.

Vimos quão sexuais eram as raízes da alquimia e como a adoração dos trovadores pela rosa pode ser entendida como um culto a *eros*. Vimos como os construtores das grandes catedrais, como Chartres, investiram tão fortemente no símbolo da rosa vermelha e instalaram altares às Virgens Negras, com as suas poderosas associações pagãs.

Podemos também ver que o Graal enquanto taça é um símbolo feminino e que – numa atitude excecionalmente flagrante –, na história de *Tristão e Isolda*, o grande herói do Graal, Tristão, muda o seu nome para Tantris…[26] Na verdade, o romancista Lindsay Clarke descreve os poemas de amor dos trovadores como os «escritos tântricos do Ocidente».[27]

Nas lendas do Graal, a praga que assola a terra deve-se à perda de potência sexual por parte do rei, frequentemente simbolizada por um «ferimento na coxa». O *Parzival* de Wolfram é mais explícito: a ferida é nos genitais. Isto foi interpretado como uma resposta à repressão da sexualidade natural levada a cabo pela Igreja.[28] A resultante estagnação espiritual só pode ser levantada através de uma demanda pelo Graal, que, tal como vimos, está sempre especificamente ligado às mulheres. Num quadro italiano do século XV, que mostra os cavaleiros do Graal a adorar Vénus, não existe margem para dúvidas quanto à natureza da demanda.

O que é salientado tanto nas lendas do Graal como na tradição do amor cortês dos trovadores é a elevação espiritual das mulheres e o respeito por elas. É, sugerimos nós, significativo que ambas as vertentes desta tradição tenham pelo menos parte das suas raízes no sudoeste de França.

A maioria dos investigadores modernos acredita que o Tantrismo chegou à Europa através do contacto com a seita islâmica mística dos Sufis, que incorporavam ideias de sexualidade sagrada nas suas crenças e práticas. É efetivamente inegável que existem claros paralelismos entre as formas de linguagem utilizadas pelos trovadores e pelos Sufis para exprimir estas ideias. Mas terá o Tantrismo Sufi criado raízes na Provença e no Languedoc por existir

já uma tradição similar nessa região? Já vimos que o Languedoc tinha a tradição de defender a igualdade das mulheres. E, quando a mania das bruxas lançou pela primeira vez a sua negra sombra sobre Toulouse, o que esperava realmente erradicar? Mais uma vez, vemo-nos confrontados com a personificação desse culto do amor – Maria Madalena.

Outra mulher a ter um entendimento do potencial místico do sexo foi a, até há pouco tempo, relativamente desconhecida Santa Hildegarda de Bingen (1098-1179). Como escrevem Mann e Lyle:

> Grande visionária, Hildegarda escreveu sobre uma figura feminina, uma inconfundível imagem da deusa, que lhe apareceu durante uma contemplação profunda: «Pareceu-me ver então uma rapariga de extraordinária e radiante beleza, com um brilho tão ofuscante a irradiar do seu rosto que não a podia contemplar em pleno. Vestia um manto mais branco do que a neve, mais brilhante do que as estrelas, os seus sapatos eram de ouro puro. Na mão direita, tinha o Sol e a Lua, e acariciava-os afetuosamente. Sobre o seio, tinha uma tábua de marfim, onde aparecia em tons de safira a imagem de um homem. E toda a criação chamava a esta rapariga senhora soberana. A rapariga começou a falar à imagem no seu seio: "Estive contigo no princípio, na aurora de tudo o que é sagrado, gerei-te do ventre antes do início do dia." E ouvi uma voz dizer-me: "A rapariga que contemplas é o Amor: tem na eternidade a sua morada."»
>
> Hildegarda, tal como todos os amantes corteses medievais, acreditava que homens e mulheres podiam alcançar a divindade amando-se uns aos outros, para que «toda a terra se tornasse como um só jardim de amor». E este amor tem de ser pleno, uma expressão completa de união envolvendo corpo e alma, pois, tal como ela escreveu: «Foi o poder da própria

eternidade que criou a união física e que decretou que dois seres humanos devessem tornar-se fisicamente um.»[29]

Hildegarda era uma mulher notável: imensamente culta, principalmente em questões médicas. O seu nível de educação é inexplicável – ela mesma atribuía-o às suas visões. Talvez fosse uma referência velada a alguma escola dos mistérios ou a outro repositório de conhecimento similar. Significativamente, muitos dos seus escritos revelam familiaridade com a filosofia hermética.[30]

Esta aclamada abadessa escreveu também descrições detalhadas – e precisas – do orgasmo feminino, das contrações uterinas e tudo mais. Parece que o seu conhecimento era mais do que apenas teórico, o que, diz-se, é invulgar para uma santa. Fossem quais fossem os segredos do seu conhecimento interno, foi uma grande influência para São Bernardo de Claraval, patrono e inspiração dos Templários.[31]

Estes monges-guerreiros podem parecer ser uma grande objeção à ideia da persistente tradição secreta de um culto herético ao amor. Ostensivamente celibatários (ainda que existissem rumores persistentes de uma generalizada homossexualidade templária), parece improvável que fossem, no mínimo, expoentes práticos de uma filosofia que celebrava a sexualidade feminina. Mas existem claros indícios dessa ligação nas obras de um dos seus mais dedicados apoiantes – o grande poeta florentino Dante Alighieri (1265-1321).

Há muito que os seus escritos são reconhecidos como contendo temas gnósticos e herméticos – há um século, por exemplo, Éliphas Lévi descreveu o *Inferno* de Dante como sendo «joanita e gnóstico».[32]

O poeta foi diretamente inspirado pelos trovadores do sul de França, e era membro de uma sociedade de poetas que se autointitulavam de *fidele d'amore* – os «fiéis seguidores do amor». Visto há muito como um círculo estético, estudiosos recentes começaram a descobrir por trás deles motivações mais secretas e esotéricas.

O respeitado académico William Anderson, no seu estudo intitulado *Dante the Maker*, descreve os *fidele d'amore* como «uma irmandade unida, dedicada a atingir uma harmonia entre o lado sexual e emocional da sua natureza e as suas aspirações intelectuais e místicas».[33] Baseia-se na pesquisa de estudiosos franceses e italianos, que concluíram que «as senhoras adoradas por todos estes poetas não eram mulheres de carne e osso, mas sim máscaras do ideal Feminino, *Sapientia* ou Sabedoria Sagrada» e «que a Senhora destes poetas era… uma alegoria da também procurada Sabedoria Divina».[34]

Anderson – juntamente com o também estudioso Henry Corbin – vê o caminho espiritual de Dante como a busca da iluminação através do misticismo sexual, como faziam os trovadores. Henry Corbin diz assim:

> Os *fidele d'amore*, companheiros de Dante, professam uma religião secreta… a união que liga o possível intelecto da alma humana à Inteligência Ativa… O Anjo do Conhecimento, ou Sabedoria-Sophia, é visualizado e experimentado como uma união amorosa.[35]

Mais notável, contudo, é a ligação aos Cavaleiros Templários proporcionada por Dante e pelos seus companheiros místicos. Era um dos seus mais entusiásticos apoiantes, mesmo após a respetiva supressão, altura em que era desaconselhado estar-se associado a eles. Na sua *Divina Comédia*, dá a Filipe, *o Belo*, o título de «novo Pilatos» pelas ações levadas a cabo contra os cavaleiros. Julga-se que o próprio Dante terá sido membro de uma ordem templária terciária chamada *La Fede Santa*. As ligações são demasiado sugestivas para o rejeitar – talvez Dante não fosse a exceção, mas sim a *regra*, dos templários que estavam envolvidos num culto ao amor.

Anderson faz a seguinte observação:

> À primeira vista, os Templários, enquanto ordem militar celibatária… pareceriam ser um veículo altamente improvável

> para temas dedicados ao louvor das belas senhoras. Por outro lado, muitos templários estavam embebidos da cultura do Oriente e alguns podem muito bem ter entrado em contacto com escolas sufis…[36]
>
> Resume em seguida as conclusões de Henry Corbin:
>
> A associação entre *Sapientia* [Sabedoria] e as imagens do Templo de Salomão, juntamente com as suas ligações à peregrinação do Grande Círculo, levam à suposição de uma ligação entre os *fidele d'amore* e os Cavaleiros Templários, ao ponto de os ver até como uma confraria leiga da ordem.[37]

Juntamente com as provas revolucionárias descobertas por investigadores como Niven Sinclair, Charles Bywaters e Nicole Dawe, isto sugere fortemente que pelo menos a ordem interna dos cavaleiros fazia efetivamente parte de uma tradição secreta que venerava o Princípio Feminino.

Subjacentes a muitas das escolas dos mistérios posteriores estiveram os Rosacrucianistas, cujo interesse no misticismo sexual está presente no próprio nome: a cruz fálica e a rosa feminina unidas. Este símbolo de união sexual é evocativo da antiga cruz ansata egípcia (*ankh*): sendo a parte reta o falo e o aro em forma de amêndoa a vulva. Os Rosacrucianistas, com a sua mistura de sabedoria alquímica e gnóstica, entendiam plenamente os princípios subjacentes, tal como foi explicado pelo alquimista rosacruz do século XVII Thomas Vaughan: «… a própria vida não passa de uma união de princípios masculino e feminino, e aquele que conhecer perfeitamente este segredo sabe… como deveria usar uma esposa…»[38] (Lembre-se da enorme rosa aos pés da cruz do mural de Cocteau em Londres – trata-se nitidamente de uma referência rosacrucianista. E, significativamente, a imagem da rosacruz surge no túmulo templário de Sir William St Clair…[39])

Ainda que existam, como vimos, evidências de os Templários, os alquimistas e o Priorado terem sido devotos de um culto ao amor, parece pouco provável que a linha resolutamente masculina de

filósofos herméticos tivesse qualquer ligação a uma organização feminina – ou talvez feminista. Mas também aqui a sua imagem superficial é enganadora.

O próprio Leonardo é amplamente considerado como tendo sido um homossexual misógino, e é verdade que era pouco o amor que exteriorizava pelas mulheres, tanto quanto sabemos. A sua mãe, a misteriosa Caterina, parece tê-lo abandonado à sua sorte em pequeno, embora possa ter vindo a terminar os seus dias junto dele muitos anos depois – é sabido que Leonardo tinha uma empregada a quem se referia ironicamente como «*la Caterina*», e cujo funeral pagou. Pode ter sido homossexual, mas isso nunca impediu os homens de adorarem o Princípio Feminino – muito pelo contrário. Os ícones *gay* são classicamente mulheres fortes e exuberantes que tiveram vidas traumáticas – tal como Maria Madalena e a própria Ísis. Além disso, é sabido que Leonardo teve uma relação muito próxima com Isabella d'Este, uma mulher culta e inteligente. Ainda que fosse um exagero especulativo sugerir que pertencia ao Priorado ou a alguma outra escola secreta «feminista», isto pode implicar no mínimo que Leonardo aprovava a literacia feminina.

O hermetista florentino Pico della Mirandola dedicou muitas palavras ao tema do poder feminino. O seu livro *La Strega* (*A Bruxa*, em tradução livre) conta a história de um culto italiano baseado em orgias sexuais e presidido por uma deusa. Mais notavelmente ainda, equiparava esta deusa à «Mãe de Deus».[40]

Até o notavelmente masculino Giordano Bruno teve um forte envolvimento com o feminino. Durante a sua estadia em Inglaterra, entre 1583 e 1585, publicou várias grandes obras a descrever a filosofia hermética que podem ser encontradas em qualquer livro de história. O que é geralmente ignorado, contudo, é o facto de ter também publicado um volume de apaixonados poemas de amor chamado *De gli eroici furori* (*Do Frenesim Heroico*, em tradução livre), dedicado ao seu amigo e mecenas Sir Philip Sydney. Não era nenhum hino a uma paixão passageira, ou sequer um mero vislumbre da até então desconhecida vida secreta de um

mulherengo. Embora seja admitida a existência de um nível mais profundo nesta poesia, a maioria dos especialistas acreditam tratar-se apenas de uma expressão alegórica da experiência hermética. Na verdade, o amor expresso nestas obras não era alegórico, mas sim literal.

O *furori* do título é, citando Frances Yates: «Uma experiência que torna a alma "divina e heroica" e pode ser comparada ao transe do *furor* do amor apaixonado.»[41] Por outras palavras, o que vemos aqui é uma vez mais um conhecimento dos poderes transmutacionais do sexo.

Nestes poemas, Bruno referia-se a um estado alterado de consciência, em que o hermetista se apercebe da sua potencial divindade. Isto é expresso como o êxtase da plena união à sua *outra metade*. Como diz Dame Frances: «… julgo que aquilo a que a experiência religiosa dos *Eroici furori* realmente almeja é à gnose hermética; é o poema de amor místico do homem Mago, que foi criado divino, com poderes divinos, e está no processo de se tornar novamente divino, com poderes divinos.»[42]

Olhando, porém, para a tradição que Bruno seguia, é óbvio que esses sentimentos não eram apenas metafóricos. Esta ênfase na iluminação através do sexo era parte integrante da filosofia e da prática herméticas. O conceito de sexualidade sagrada está totalmente de acordo com as palavras do próprio Hermes Trismegisto no *Corpus Hermeticum*: «Se odiares o teu corpo, meu filho, não podes amar-te a ti mesmo.»[43]

Hermetistas como Marsílio Ficino identificaram quatro tipos de estado alterado em que a alma se reencontra com o Divino, cada um deles associado a uma figura mitológica: a inspiração poética sob a tutela das Musas, o entusiasmo religioso sob a de Dioniso, o transe poético sob a de Apolo e todas as formas de amor intenso sob a de Vénus. Esta última é um clímax em todos os sentidos, pois é então que a alma atinge realmente o seu reencontro com o Divino.[44]

Significativamente, os historiadores sempre interpretaram literalmente estes três primeiros estados alterados, mas escolheram ler o último, o rito de Vénus, como uma mera alegoria ou como algum tipo de amor impessoal ou espiritual. Mas, se assim fosse, dificilmente os hermetistas o teriam categorizado sob a tutela de Vénus! A aparente timidez dos historiadores neste aspeto deve-se à ignorância generalizada sobre a tradição secreta. É ainda um outro exemplo de conceitos em tempos tidos como obscuros que se tornam cristalinos uma vez levada em conta a ideia da sexualidade sagrada.

O grande mago hermético Heinrich Cornelius Agrippa (1486-1535) torna a questão bastante explícita. Escreveu o seguinte na sua obra clássica, *De occulta philosophia*: «Quanto ao quarto *furor*, vindo de Vénus, transforma e transmuta o espírito do homem num deus através do ardor do amor, tornando-o inteiramente igual a Deus, na verdadeira imagem de Deus.»[45] Veja-se a utilização do termo alquímico *transmuta*, que geralmente é entendido como referindo-se à tola e fútil preocupação com a tentativa de transformar chumbo em ouro. Aqui, porém, é outro tipo de bem valioso a ser procurado. Agrippa salientou também que a união sexual está «cheia de dotes mágicos».[46]

O lugar de Agrippa nesta tradição herética não deve ser subestimado. O seu tratado *De nobilitate et praecellentia foeminei sexus* (*Da Nobreza e Excelência do Sexo Feminino*), que foi publicado em 1529, mas baseado na sua dissertação de 20 anos antes, é muito mais até do que uma notavelmente moderna defesa dos direitos das mulheres. Esta espantosa obra de Agrippa foi, até há muito pouco tempo, maioritariamente ignorada, por uma tristemente previsível razão. Por defender a igualdade sexual – falando até a favor da ordenação de mulheres –, foi interpretada como uma sátira! É um reflexo sombrio da nossa cultura que uma tão apaixonada obra em defesa das mulheres viesse a ser descartada como uma piada. Mas parece evidente que Agrippa não estava a brincar.

Não estava apenas a defender aquilo a que poderíamos chamar de direitos das mulheres – que o estatuto político das mulheres fosse redefinido –, mas tentava também transmitir o princípio subjacente a uma tal campanha. Como diz a professora Barbara Newman, da Northwest University, na Pensilvânia, no seu estudo deste tratado:

> … até o leitor recetivo poderá ficar na dúvida sobre se Agrippa estava a apelar a uma Igreja sem género e de oportunidades iguais ou a uma forma de culto à mulher.[47]

Newman e outros estudiosos fizeram remontar a inspiração de Agrippa a várias raízes, incluindo a Cabala, a alquimia, o hermetismo, o neoplatonismo e a tradição dos trovadores. E, mais uma vez, a busca de *Sophia* é citada como uma grande influência.

Seria um erro pensar que Agrippa estava meramente a defender o respeito e a igualdade das mulheres. Foi muito mais além. A sua ideia era que as mulheres deviam literalmente ser *adoradas*:

> Ninguém que não seja totalmente cego pode deixar de ver que Deus reuniu na mulher toda a beleza de que o mundo inteiro é capaz, para que toda a criação possa ser por ela deslumbrada e amá-la e venerá-la sob muitos nomes.[48]

(E é significativo que Agrippa, tal como os alquimistas, acreditasse que o sangue menstrual tinha uma aplicação prática e mística específica.[49] Acreditavam que continha algum tipo de elixir ou químico singular e que ingeri-lo de certa forma, utilizando técnicas antigas, garantiria o rejuvenescimento físico e conceder-lhes-ia sabedoria. Claro que nada poderia estar mais longe da atitude da Igreja.)

Agrippa não era um mero teórico, e também não era um cobarde. Não só casou três vezes como teve também êxito no que poderia muito bem ter sido impossível: defendeu uma mulher acusada de bruxaria – e *ganhou*.

Claro que Vaughan, Bruno e Agrippa eram todos homens, e é tentador suspeitar de que desfrutavam deste êxtase sexual apenas

para seu próprio benefício, ainda que este fosse profundamente espiritual. Mas, embora seja verdade que qualquer mulher que se atrevesse a escrever sobre esses temas teria sido presa por bruxaria, é-o também que o rito de Vénus só era considerado como tendo «resultado» se os dois parceiros atingissem os mesmos objetivos. A ideia era de opostos e iguais a trabalhar em conjunto com vista ao mesmo fim, e recebendo como parceiros a mesma iluminação, como na ideia chinesa de o todo ser composto por Yin e Yang.

Giordano Bruno não era do tipo de guardar para si as suas crenças. Nas suas obras posteriores, utilizou imagens ainda mais explicitamente sexuais[50] – mas até isto foi posto de lado pelos historiadores; caso seja referido nas obras convencionais, é geralmente explicado como sendo alegórico. Além disso, também outras referências explícitas – e associadas – nas suas obras são geralmente mal interpretadas. Quando Bruno escreveu sobre uma «deusa», em referência à senhora anónima a quem eram dedicados os seus poemas de amor, isto foi entendido como um epíteto afetuoso. E posteriormente, quando fez o seu discurso de despedida na Alemanha, dizendo sem rodeios que a deusa Minerva era *Sophia* (sabedoria), também isto foi interpretado como outra alegoria. Mas as suas verdadeiras palavras eram inconfundivelmente as de um devoto da deusa:

> A ela amei e procurei desde a minha juventude, e desejei-a para esposa, e tornei-me amante da sua forma… e rezei para que… pudesse ser enviada a habitar comigo, e a trabalhar comigo, para que eu pudesse saber o que me faltava…[51]

Mais convincente, contudo, é o facto de, na sua dedicatória dos *Eroici furori*, ele os comparar especificamente ao Cântico dos Cânticos.[52] Mais uma vez, vemo-nos defrontados com o culto da Virgem Negra e, por associação, com o da Madalena. (Claro que outro grande autor hermético/rosacrucianista da época, conhecido como William Shakespeare, dedicou os seus sonetos a uma misteriosa Dama Negra, cuja identidade deu a gerações de críticos

infinitas questões para debater. Embora possa muito bem ter-se tratado de uma verdadeira mulher – ou até mesmo de um homem –, é também provável que representasse *au fond* a Virgem Negra, a deusa negra. Efetivamente, os herméticos simbolizavam um estado alterado em particular – uma espécie de transe especializado – como uma senhora de tez negra.[53])

Os fortes ataques de Bruno à fé e aos *costumes* cristãos levaram-no a uma morte horrível, atuando como aviso para outros aspirantes a almas corajosas. O atroz holocausto dos julgamentos de bruxas reforçou também, como vimos, a necessidade de circunspeção entre os «hereges» (e importa lembrar que, embora as fogueiras tenham acabado há muito, a última acusação feita a uma mulher sob a Lei da Bruxaria no Reino Unido remonta apenas a 1944). Mas o amor transcendental, enquanto segredo específico da clandestinidade oculta, não estava limitado aos indivíduos, e não desapareceu com eles.

Há uma certa dificuldade em traçar uma tradição direta de sexualidade sagrada na Europa devido ao antagonismo da Igreja e à consequente necessidade de secretismo entre os guardiões deste conhecimento. Nos séculos XVII e XVIII, contudo, a Alemanha parece ter-se tornado lar desta tradição, embora poucos estudos tenham sido feitos sobre isso até há pouco tempo. Segundo os investigadores franceses modernos – como Denis Labouré –, a prática da «alquimia interna» concentrou-se na Alemanha em várias sociedades secretas. Outros estudos recentes, incluindo o do Dr. Stephen E. Flowers, confirmaram que o ocultismo alemão deste período era essencialmente de natureza sexual.[54]

Um problema para os investigadores desta área é que as evidências de cultos sexuais tendem a vir da Igreja, ou pelo menos daqueles que viam satanismo em tudo quanto estivesse associado ao sexo. Quando esses movimentos são perseguidos, os seus registos são destruídos ou censurados, e tudo o que resta é a versão dos acontecimentos tal como é contada pelos seus inimigos. Aconteceu aos Cátaros e aos Templários, tendo, claro, alcançado o

seu terrível zénite nos julgamentos de bruxas. Vemos este processo em ação sempre que são exprimidas ideias sobre a sexualidade sagrada – como aconteceu de novo em França no século XIX.

Na altura, surgiram vários movimentos interligados que – embora tivessem nascido no seio da Igreja Católica e se centrassem em pessoas que se consideravam bons católicos – incluíam conceitos de sexualidade sagrada e da elevação do Feminino (geralmente na forma exterior da Virgem Maria) e estavam associados a uma obscura sociedade «joanita» – desta vez especificamente dedicada a João Batista.

Trata-se de uma série de acontecimentos imensamente complexa de desenredar, em grande medida porque, além das ideias e conceitos religiosamente heterodoxos de sexualidade, que levaram a que o movimento fosse rotulado de imoral, estavam também ligados a causas políticas que atraíram a hostilidade das autoridades. Assim, quase todos os relatos que temos deles vêm dos seus inimigos.

As motivações políticas destes grupos situam-se fora do âmbito desta investigação, embora fossem muito importantes para os envolvidos na altura. Basta dizer que apoiavam as pretensões de um tal Charles Guillaume Naündorff (1785-1845), que se gabava de ser Luís XVII (que se julgava ter sido morto em bebé juntamente com o pai, Luís XVI, durante a Revolução Francesa).

Um destes grupos era a Igreja do Carmelo, também conhecida como *Oeuvre de la Misericorde* (Obra da Misericórdia), fundada no início dos anos 1840 por um tal Eugène Vintras (1807-1875). Pregador carismático e convincente, Vintras atraiu a nata da alta sociedade para o seu movimento, que não tardou, ainda assim, a tornar-se o foco de acusações de diabolismo. Os seus rituais tinham certamente algum tipo de conteúdo sexual, em que (nas palavras de Ean Begg) «o maior sacramento era o ato sexual».[55]

Para piorar a situação, no que às autoridades dizia respeito, Vintras e Naündorff apoiaram-se um ao outro. Assim, Vintras deu inevitavelmente por si no que era nitidamente um julgamento de

fachada. Acusado de fraude – ainda que até as alegadas vítimas negassem ter ocorrido qualquer crime –, foi condenado a 5 anos de prisão em 1842. Após a sua libertação, foi para Londres e foi nessa altura que um dos antigos membros da sua Igreja – um sacerdote chamado Gozzoli – escreveu um panfleto a acusá-lo de todo o tipo de orgias sexuais. Embora isto pareça ter resultado sobretudo de uma imaginação demasiado fértil, pode ter sido parcialmente baseado em factos. Depois, em 1848, a seita foi declarada herética pelo Papa e todos os seus membros foram excomungados. Em resultado disso, tornou-se independente, exibindo tanto homens como mulheres no papel de sacerdotes – como os Cátaros, ainda que não seja claro se o culto de Vintras seguia ou não os seus elevados princípios.

Por trás de Vintras e de Naündorff estava uma obscura seita conhecida como «os Salvadores de Luís XVII», ou como os Joanitas. Este grupo remonta aos anos 1770 e parece ter tido algum papel na agitação social que precedeu a Revolução. Ao contrário dos joanitas «maçónicos» anteriormente discutidos, estes não tinham qualquer dúvida sobre qual o São João que veneravam – era o Batista.[56]

Após a Revolução, os Joanitas dedicaram-se à restauração da monarquia. Foram, em grande parte, os responsáveis pela promoção de Naündorff enquanto pretendente ao trono, tendo também estado por detrás de movimentos «proféticos» como o de Vintras. Outro autodesignado «guru» da época, Thomas Martin – que ascendera meteoricamente de camponês a conselheiro do rei[57] –, era apoiado pelos Joanitas, que parecem ter além disso «encenado», de certa forma, certas visões da Virgem – como a de La Salette nas colinas dos Alpes ocidentais, em 1846.[58] É difícil dizer com exatidão o que se passava ao certo, mas é possível identificar os principais fios que atravessam certos acontecimentos aparentemente associados.

Em primeiro lugar, houve uma tentativa de regenerar o catolicismo a partir do interior. Isto envolvia substituir os dogmas

convencionais – baseados na autoridade de Pedro – por um cristianismo místico e esotérico, na crença de que se aproximava uma era em que o Espírito Santo estaria em ascendência. Uma das suas caraterísticas era a elevação do Feminino, na forma exterior da Virgem Maria, não tardando, porém, a assumir um caráter mais abertamente sexual e a começar a parecer ativamente hostil à Igreja. A visão de La Salette – que foi condenada pela Igreja – era essencial a este plano. E, de alguma forma, o papel de João Batista nestes desenvolvimentos foi crucial.

O movimento aliou-se também à tentativa de fazer reconhecer Naündorff como legítimo rei de França, provavelmente porque, se tivesse sido bem-sucedido, teria sido favorável a esta nova forma de religião (tendo já apoiado Vintras). Significativamente, Melanie Calvet, a rapariga que teve a visão em La Salette, falou também a favor de Naündorff. E é interessante que a reação da Igreja tenha sido enviá-la para um convento em Darlington, no nordeste de Inglaterra, onde não poderia fazer mais estragos.[59]

As forças combinadas da Igreja e do Estado impediram que o grande plano do movimento se concretizasse, e o que quer que tenha realmente acontecido está atualmente sepultado sob uma avalanche de escândalos e insinuações. Mas é sem dúvida significativo que a reação da Igreja a esta ameaça tenha sido a de transformar a Imaculada Conceição de Maria num artigo de fé em 1854. (Esta doutrina viria a ser convenientemente confirmada pela própria Virgem Maria, ao aparecer, cerca de 4 anos depois, à camponesa Bernadette Soubirous em Lourdes, ainda que esta tenha inicialmente descrito a sua visão simplesmente como «aquela coisa».)

Profetas como Martin e Vintras parecem ter sido «geridos» pelos Joanitas, em vez de pertencerem efetivamente à seita. A ligação de Vintras a eles foi a sua mentora, uma certa Madame Bouche, que vivia na Place Saint-Suplice, em Paris, e que dava pelo esplendidamente evocativo nome de «Irmã Salomé». (A Igreja do

Carmelo de Vintras operava ainda em Paris nos anos 1940, e houve rumores da existência de um grupo em Londres nos anos 1960.[60])

Houve um outro movimento que se fundiu com a Igreja do Carmelo, tendo sido, no entanto, fundado mais cedo, em 1838. Eram eles os Irmãos da Doutrina Cristã, que tinham sido criados pelos três irmãos Baillard, todos sacerdotes. Fundaram duas casas religiosas – vendo-se, mais uma vez, como católicos – nas montanhas: Saint Odile, na Alsácia, e Sion-Vaudémont, na Lorena. Eram ambos locais importantes nas suas regiões e é um mistério como foi que os irmãos Baillard conseguiram adquiri-los.

Sion-Vaudémont era um importante local pagão na antiguidade, consagrado à deusa Rosamerta, e – como se pode adivinhar pelo nome – tem uma longa associação ao Priorado de Sião. Na verdade, uma historicamente reconhecida *Ordre de Notre-Dame de Sion* foi aí estabelecida no século XIV por Ferri de Vaudémont, cujo foral a ligava à abadia do Monte Sião em Jerusalém – da qual o Priorado alega ter originalmente obtido o seu nome. O filho de Ferri casou com Iolande de Bar, Grã-Mestra do Priorado entre 1480 e 1483, que era também filha de Renato de Anjou, o anterior Grão-Mestre. Iolande promoveu Sion-Vaudémont como um importante centro de peregrinação, focando-se na sua Virgem Negra. A estátua propriamente dita foi destruída durante a Revolução e substituída por uma Virgem – não negra – medieval, retirada da igreja de Vaudémont, que é consagrada a João Batista.[61]

Parece, pois, ser significativo que uma das novas igrejas dos irmãos Baillard se situasse nesse local. Tinham ideias similares às de Vintras, incluindo a ênfase na era vindoura do Espírito Santo e na sexualidade sagrada, pelo que não é de admirar que tenham brotado da mesma fonte. O seu movimento atraiu grandes apoios, incluindo o da Casa de Habsburgo. Mas também ele foi suprimido em 1852.

Após a morte de Vintras em 1875, o comando do movimento foi assumido pelo abade Joseph Boullan (1824-1893) – figura ainda mais controversa. Anteriormente, tinha seduzido uma jovem freira,

Adèle Chevalier, no convento de La Salette, tendo ambos criado a Sociedade para a Reparação das Almas em 1859. Esta era definitivamente baseada em ritos sexuais, sendo a sua filosofia geral que a humanidade encontraria a redenção através do sexo, se utilizado como um sacramento. Ainda que, por si só, isto possa parecer puro e de natureza alquímica, infelizmente Boullan estendeu os benefícios deste rito ao reino animal.

Boullan e Adèle Chevalier terão alegadamente sacrificado o seu filho bebé durante uma Missa Negra em 1860. Mas, ainda que isto seja apresentado como um facto em toda a literatura moderna, é impossível identificar uma fonte fiável para a sua origem. Se era sabido que Boullan tinha praticado tal crime, parece ter escapado à acusação. É certo que foi suspenso dos seus deveres de sacerdote nesse ano, mas isso foi revertido passados poucos meses. Em 1861, ele e Adèle foram presos por fraude (talvez o modo habitual de as autoridades lidarem com aqueles de quem não gostavam mas a quem nada podiam apontar). Após a sua condenação, Boullan voltou a ser suspenso dos seus deveres sacerdotais, mas a decisão foi novamente revertida. Após a sua libertação da prisão, Boullan apresentou-se *voluntariamente* ao Santo Ofício (que era, por essa altura, o nome oficial da Inquisição) em Roma, que não viu nele quaisquer culpas e o deixou regressar a Paris.[62]

Durante a sua estadia em Roma, Boullan registou as suas doutrinas num caderno (conhecido como *cahier rose*, manifestamente devido à cor da capa), que foi encontrado pelo escritor J.K. Huysmans entre os seus papéis após a sua morte, em 1893. Desconhecem-se os pormenores exatos do conteúdo – embora tenha sido descrito como um «documento chocante» – e está atualmente fechado na Biblioteca Vaticana. Todos os pedidos para o ver são recusados.[63]

Existe nitidamente mais na história de Boullan do que aquilo que salta à vista. À superfície, parece ser outra história de um clube de pervertidos. A Igreja, contudo, parece ter efetivamente protegido Boullan até certo ponto. Emitiu, por exemplo, uma instrução de que

não devia ser assediado, e há indícios de que possuía algum tipo de segredo que o protegia.[64] A história de Boullan ajusta-se ao clássico padrão do *agent provocateur*, que se infiltra numa organização com o deliberado objetivo – em nome de um grupo bastante diferente – de a desacreditar. Isto explicaria as gritantes discrepâncias na sua vida e nas atitudes oficiais para com ele.

Após o seu regresso de Roma, Boullan juntou-se à Igreja do Carmelo de Vintras, tornando-se o seu líder. Isto provocou um cisma: os membros do culto que o aceitavam acompanharam-no a Lyons, onde instalaram a sua sede. Seguiram-se cenas desvairadas de licenciosidade sexual – que, mais uma vez, parecem estar em notável discordância com a afirmação de Boullan de que era a reencarnação de João Batista.

Essa ideia pode muito bem ter sido a inspiração por trás do nome escolhido por J.K. Huysmans (devoto do culto da Virgem Negra), que utilizou Boullan como modelo para o «Dr. Johannès» (um dos pseudónimos de Boullan) no seu romance sobre o satanismo em Paris, *Além* (1891). Seria, porém, um erro saltar para a conclusão óbvia – o Dr. Johannès era retratado como um sacerdote que praticava magia para se *opor* ao satanismo e que era mal interpretado pela Igreja, que, claro, condenava toda a magia como sendo do Diabo. Huysmans tornou-se amigo de Boullan e ficou com ele em Lyons enquanto pesquisava para o seu romance, mas, embora tivesse certamente grandes conhecimentos de magia, pelo menos em teoria, permaneceu sempre um verdadeiro filho da Igreja.

Além é atualmente recordado sobretudo pela sua sinistra descrição de uma Missa Negra, que parece ser um testemunho ocular. Os verdadeiros vilões da obra são, contudo, os Rosacrucianistas, devido à célebre batalha mágica entre Boullan e membros de certas Ordens Rosacrucianistas que surgiram em França nessa altura. Pode parecer incongruente que, de entre todas as pessoas, fossem os Rosacrucianistas quem assim se opunha a Boullan e a tudo o que ele parecia representar. Claro que o conflito pode ter sido apenas um daqueles choques de personalidades que

carateristicamente assolam esses movimentos – mas talvez alguns rosacrucianistas se sentissem alarmados pela abertura de Boullan em relação aos seus segredos.

França tornara-se o lar de uma série de lojas ocultas. Várias Ordens Rosacrucianistas representavam um desenvolvimento da mistura de movimentos templaristas-maçónicos-rosacrucianistas existentes no sudoeste de França. Embora não fossem estritamente ordens Maçónicas, eram certamente aliadas de sistemas maçónicos ocultos como o Rito Escocês Retificado e os Ritos Egípcios. Tanto os grupos maçónicos como os rosacrucianistas abraçaram a filosofia martinista – os ensinamentos ocultos de Louis Claude de Saint-Martin. Na verdade, a importância do Martinismo não deve ser subestimada: hoje em dia, os maçons do Rito Escocês Retificado recrutam exclusivamente entre os Martinistas.[65]

A primeira destas organizações rosacrucianistas parece ter sido um ramo de uma algo irregular loja maçónica conhecida como *La Sagesse* (Sabedoria ou *Sophia*), em Toulouse. Por volta de 1850, um dos seus membros, o Visconde de Lapasse (1792-1867), um respeitado médico e alquimista, fundou a *Ordre de la Rose-Croix, du Temple et du Graal* (Ordem da Rosa Cruz, do Templo e do Graal).[66] Um dos subsequentes líderes desta ordem foi Joséphin Péladan (1858-1918), que era também de Toulouse e que se tornou naquilo a que poderíamos chamar de padrinho das sociedades rosacrucianistas francesas da época.

Péladan era um grande especialista no oculto, tendo sido inspirado pelo autor francês Éliphas Lévi (cujo verdadeiro nome era Alphonse Louis Constant, 1810-1875). Péladan desenvolveu um sistema mágico que tem sido descrito como «catolicismo-barra-magia eróticos»[67] e organizou o popular Salão da Rosa+Cruz. (Curiosamente, é num cartaz a publicitar um destes encontros que Dante é retratado como Hugo de Payens, primeiro Grão-Mestre dos Templários, e Leonardo é representado como o Guardião do Graal.) Acreditava que a Igreja Católica era um repositório de conhecimento que ela mesma tinha esquecido, e estava particularmente

interessado no Evangelho de João.[68] Estava também à frente dos estudiosos modernos, na medida em que entendia os *fidele d'amore* como uma sociedade esotérica, que associava especificamente aos Rosacrucianistas do século XVII.[69]

Péladan conheceu outro ocultista, Stanislas de Guaïta (1861-1897), com quem criou em 1888 a *Ordre Kabbalistique de la Rose-Croix* (Ordem Cabalística da Rosacruz). Foi Guaïta quem se infiltrou na Igreja do Carmelo de Boullan e, juntamente com Oswald Wirth, um membro desiludido desse culto, escreveu o livro *The Temple of Satan*, que expôs o movimento como sendo diabólico. Isto levou à batalha mágica, em que Boullan e Guaïta se acusaram mutuamente de empregar métodos mágicos para assassinar o outro. De forma algo dececionante, Boullan parece ter morrido de causas naturais, mas a contenda levou também inevitavelmente a dois duelos de carne e osso, um entre Guaïta e um dos discípulos de Boullan, Jules Bois, e o outro entre este último e um dos Rosacrucianistas, Gérard Encausse (mais conhecido como Papus). Ambos os eventos acabaram em empates.

Este episódio é um dos favoritos dos autores do oculto, mas nunca é satisfatoriamente explicado. Porque haveriam Guaïta e os Rosacrucianistas de Paris de iniciar uma vendeta contra Boullan? (Lembre-se, neste contexto, de que temos apenas a palavra de Guaïta e de Wirth quanto às perversidades alegadamente cometidas por Boullan e pelos seus seguidores.) À primeira vista, não existe qualquer verdadeira ligação, nem razões para um litígio entre as lojas ocultas e a ordem essencialmente religiosa de Boullan.

Uma investigação um pouco mais profunda revela, contudo, a razão: de Guaïta e um tribunal de rosacruzes tinham inicialmente condenado Boullan por «profanar» e revelar «segredos cabalísticos» – ou seja, os ensinamentos que eram considerados território dos Rosacrucianistas.[70] (E a sua condenação foi a 23 de maio de 1887, *antes* de Guaïta se ter infiltrado no grupo de Boullan.) Era esta a verdadeira razão para sentirem que Boullan tinha de ser travado.

Outros comentadores parecem não ter reparado nas implicações deste facto: se os ritos de Boullan eram considerados como algo pertencente aos Rosacrucianistas, *então também eles devem ter praticado ritos sexuais*. Aos seus olhos, o erro de Boullan estava em tê-los tornado públicos.

A Paris de finais do século XIX serviu de lar a muito ocultismo e filosofia eruditos – refletindo, talvez, a busca de *fin de siècle* por um sentido mais profundo para a vida. Atraía todo o tipo de pensadores e artistas, como Oscar Wilde, Debussy e W.B. Yeats. (Como sempre, a verdadeira União Europeia era uma irmandade oculta.) Os salões estavam repletos de rostos famosos, tão ávidos de captar fórmulas mágicas como de apanhar boatos, entre eles Marcel Proust, Maurice Maeterlinck e a cantora de ópera Emma Calvé (1858-1942). Conhecida beldade, esta última acabou por organizar os seus próprios serões para todos aqueles que tivessem algo de interessante para partilhar – de preferência um grande segredo oculto. Estes círculos incluíam também gente como Joséphin Péladan, Papus e Jules Bois (que foi um dos muitos amantes de Emma Calvé).

Muitas das principais figuras deste círculo eram do Languedoc, incluindo a própria Emma Calvé. (Não era estranha ao misticismo: fora uma familiar sua, Melanie Calvet, a ter a célebre visão em La Salette. E curiosamente, Adèle Chevalier, a freira que havia sido seduzida por Boullan e se tornara sua parceira, era uma das amigas de Melanie.) Seria Emma Calvé quem viria a desempenhar um importante papel na intrincada história do abade Saunière, pároco da aldeia languedociana de Rennes-le-Chatêau, que discutiremos mais tarde.

Sugestivamente, em 1894, comprou o castelo de Cabrières (Aveyron), perto da sua terra natal, Millau, que se dizia ter sido, no século XVII, o esconderijo do muito procurado Livro de Abraão, o Judeu, utilizado por Flamel para atingir a Grande Obra.[71] Na sua autobiografia, Calvé regista que o castelo «foi refúgio de um certo

grupo de Cavaleiros Templários»,[72] mas, provocadoramente, não desenvolve mais o tema.

Certos outros importantes grupos ocultos tinham tido origem no Languedoc e estabeleceram ligações às sociedades rosacrucianistas. Estes foram influenciados pela Maçonaria da Estrita Observância Templária do Barão von Hund, ainda que a principal influência tenha vindo da muito difamada figura do Conde Cagliostro (1743-1795).[73]

Amplamente condenado como um charlatão, este artista nato andava verdadeiramente em busca do conhecimento oculto. Nascido Giuseppe Balsamo, adotou da sua madrinha o título de Conde Alessandro Cagliostro. Aos 23 anos, foi apresentado ao oculto durante uma visita a Malta, onde conheceu o Grão-Mestre dos Cavaleiros de Malta – um alquimista e rosacrucianista. O próprio Cagliostro apanhou o bichinho do oculto e tornou-se alquimista e maçon, sendo fortemente influenciado pela Estrita Observância Templária de von Hund. A sua introdução à Maçonaria ocorreu em Gerrard Street, no Soho londrino, onde foi iniciado numa loja da Estrita Observância Templária, em abril de 1777. Viajou por toda a Europa, mas passou a maior parte do seu tempo na Alemanha, procurando especificamente o conhecimento perdido dos Templários. Adquiriu também fama de curandeiro.

Após ter recebido autorização do Papa para visitar Roma, em 1789, foi, assim que chegou, imediatamente entregue à Inquisição sob acusações de heresia e conspiração política – por ordem do Papa – e condenado a prisão perpétua. Morreu nas masmorras do forte de São Leo em 1795.

Cagliostro instituíra o sistema da Maçonaria «Egípcia» (a loja mãe foi criada em Lyons em 1782), que consistia em lojas masculinas e femininas, sendo estas últimas encabeçadas pela sua esposa Serafina. Lévi descreveu isto como uma tentativa «de ressuscitar o misterioso culto a Ísis».[74]

Os frutos das investigações de Cagliostro às sociedades secretas da Europa foram um corpo de conhecimento designado como

Arcana Arcanorum (Segredo dos Segredos), ou A. A. Tomou este termo do Rosacrucianismo original do século XVII, mas o seu *corpus* consistia em descrições de práticas mágicas que realçavam particularmente a «alquimia interna». Como vimos, estas são técnicas essencialmente *sexuais*, similares ao Tantrismo – mas Cagliostro tinha-as aprendido *na Alemanha* entre os grupos rosacrucianistas.[75]

Foi sob a autoridade de Cagliostro que o Rito de Misraïm (palavra hebraica para «egípcios») foi criado em Veneza, em 1788. Por volta de 1810, os três irmãos Bédarride levaram o sistema para França, onde foi incorporado no Rito Escocês Retificado da Maçonaria.[76]

O Rito de Misraïm foi o antecessor direto do Rito de Mênfis – que, tal como vimos, foi fundado por Jacques-Étienne Marconis de Nègre e ao qual o Priorado de Sião se associou. (Os dois sistemas foram unificados como Rito de Mênfis-Misraïm em 1889, sob a liderança de Papus, que se manteve como Grão-Mestre até morrer, em 1918.) O Rito de Mênfis estava também intimamente associado a uma sociedade secreta chamada Filadelfos, fundada pelo Marquês de Chefdebien em 1780 – outro ramo da Estrita Observância Templária de von Hund, ainda que este tenha sido especificamente formado para adquirir conhecimento oculto. Marconis de Nègre salientou os laços de proximidade com os Filadelfos e deu a um dos graus do seu movimento o nome de «Os Filadelfos».[77]

Nenhum dos ritos – de Mênfis ou de Misraïm – era, por si só, particularmente influente. Mas vistos em conjunto, como Mênfis-Misraïm, eram uma força a ter em conta, e a sua influência espalhou-se como uma maré pelos círculos europeus da clandestinidade oculta. Entre os seus membros, contavam-se estrelas sombrias como o ocultista britânico Aleister Crowley e luminares místicos como Rudolf Steiner. E havia também Karl Kellner, que, com Theodore Reuss, viria a fundar a Ordem dos Templários do Oriente, mais conhecida simplesmente como OTO.

Esta organização estava – e continua a estar – explicitamente relacionada com a magia sexual. E embora a ideia generalizada

seja a de que representa a ocidentalização do Tantrismo, é também o desenvolvimento lógico dos segredos ensinados em Mênfis-Misraïm – extraídos, por sua vez, do conhecimento adquirido por Cagliostro dos grupos alquímicos rosacrucianistas da Alemanha e das lojas da Estrita Observância Templária.

Crowley deixou Mênfis-Misraïm para se juntar à OTO, tornando-se depois seu Grão-Mestre, e outra figura influente que passou do primeiro para a OTO foi Rudolf Steiner. É conhecido sobretudo pelo seu tipo «puro» de misticismo – a Antroposofia – e foi tão bem-sucedido na minimização deliberada da sua ligação à OTO que muitos dos seus mais fervorosos seguidores modernos não têm dela qualquer conhecimento. Quando morreu, contudo, foi sepultado com as insígnias da OTO.[78]

Significativamente, Theodore Reuss escreveu que a magia sexual da OTO era «a CHAVE que abre todos os segredos maçónicos e herméticos…»[79] Disse também sem rodeios que a magia sexual era o segredo dos Cavaleiros Templários.[80]

Outro descendente do movimento Mênfis-Misraïm ganhou forma em Inglaterra em finais do século XIX. Foi a ordem hermética da Aurora Dourada, cujos membros incluíam Bram Stoker, o diretor de teatro, mais conhecido por ser o autor de *Drácula*, Aleister Crowley, o poeta, patriota e místico irlandês W.B. Yeats e a sociável Constance Wilde, esposa do malfadado Oscar. Fundada em 1888 por Macgregor Mathers e W. Wynn Westcott, a sua linha de descendência remontava diretamente à Rosa Cruz Dourada, a ordem alemã da Estrita Observância Templária discutida no capítulo anterior, tal como muitos dos nomes e rituais dos seus graus.[81] A Aurora Dourada utilizava também ritos retirados de Mênfis-Misraïm. No fim de contas, contudo, é ao Barão von Hund que a ordem deve o seu direito de nascença – tanto as influências alemãs como as francesas acabam por remontar a ele e aos seus ritos templaristas.[82]

A Aurora Dourada é muito mais conhecida no mundo anglo-saxónico do que esses outros grupos europeus mais exóticos. Tem

uma reputação de grande integridade e parece, à primeira vista, ser uma sociedade de esoteristas que gostavam de se vestir e proferir encantamentos, mas que eram basicamente pouco mais do que ocultistas amadores com ideais elevados. Mas entre os estudiosos franceses do oculto, a Aurora Dourada tem uma reputação muito mais sinistra; quando abriu o seu ramo em Paris, em 1891, aceitou muitas das personagens mais dúbias discutidas acima, incluindo o aparentemente ubíquo Jules Bois.

Na verdade, até a Aurora Dourada inglesa tinha um pouco conhecido aspeto mais profundo. Era efetivamente composta por duas ordens distintas: de um lado, tinha uma imagem pública conhecida e respeitável, e do outro tinha uma ordem interna chamada Rosa de Rubi e Cruz de Ouro, em que a iniciação era feita apenas por convite. A Ordem externa parece ter funcionado como campo de recrutamento para o círculo interior secreto, cujas práticas incluíam ritos sexuais.

A Aurora Dourada era certamente boa a guardar os seus segredos internos. Durante anos, até mesmo autores como Katan Shu'al,[83] que fazem também parte do mundo oculto, puderam apenas especular acerca dos ritos sexuais nessa ordem. Parecem, no entanto, ter realmente existido, ainda que as evidências sejam fragmentárias. Na verdade, os elementos sexuais parecem ter estado presentes desde a própria fundação da ordem. A Aurora Dourada nasceu de outra sociedade, a Societas Rosicruciana in Anglia, que tinha entre os seus fundadores um tal de Hargrave Jennings (1817-1890), cujos escritos eram tão explícitos quanto os de um cavalheiro vitoriano podiam ser a respeito da magia sexual. Na sua enorme obra, *The Rosicrucians: Their Rites and Mysteries* (1870), Jennings, nas palavras do autor Peter Tompkins, «insinuou o mais fortemente possível que estes ritos e mistérios eram de natureza essencialmente sexual».[84] Ao discutir, por exemplo, o simbolismo sexual dos triângulos interligados que compõem o Selo de Salomão (ou Estrela de David), Jennings acrescenta explicitamente o seguinte:

> … a pirâmide indica o correspondente poder ampliador ou ascendente feminino – não submisso, mas recetivamente sugestivo, sincronizado no clítoris anatómico… esse excêntrico e minúsculo objeto, que tudo significa na anatomia rosacruz.[85]

No dia 18 de julho de 1921, Moina Mathers – uma das fundadoras da Aurora Dourada (e irmã do filósofo Henri Bergson) – escreveu a Paul Foster Case, tutor do ramo nova-iorquino da Ordem, ao saber que este andava a ensinar ritos sexuais:

> Lamento que seja o que for sobre a Questão Sexual seja, nesta fase, introduzido no Templo, pois só começamos a abordar diretamente as questões sexuais em graus muito superiores…[86]

Depois, quando a autora do oculto e membro da Aurora Dourada Dion Fortune (cujo nome verdadeiro era Violet Firth) escreveu artigos sobre sexo, Mona quis expulsá-la por ter traído os segredos da Ordem. Mas teve eventualmente de admitir que Dion Fortune não podia tê-los sabido, pois não atingira os graus necessários.[87]

Comentadores como Mary K. Greer[88] admitem atualmente que existem provas que sustentam a ideia de que a Aurora Dourada praticava efetivamente magia sexual, que claramente entendia como demasiado potente e preciosa para ser desperdiçada nos seus mais novos recrutas e nos graus inferiores.

É também possível encontrar pistas sobre os segredos internos da Aurora Dourada nas palavras que descrevem uma visão conjunta que Florence Farr e Elaine Simpson, duas adeptas desse sistema, tiveram nos anos 1890. A primeira, uma famosa atriz dos palcos londrinos, era também conhecida pelos seus casos amorosos com uma série de homens, incluindo George Bernard Shaw e o ocultista W.B. Yeats. Florence e a sua colega mágica, Elaine, fizeram juntas uma viagem astral – uma espécie de aventura gémea pelos Planos Interiores ou uma alucinação partilhada. Este fenómeno é uma parte relativamente comum do treino mágico e faz geralmente parte do «trajeto» cabalístico, uma espécie de projeção mental ou

associação de imagens que se manifesta no clássico enquadramento da «Árvore da Vida».

Florence e Elaine propuseram-se visitar a «esfera de Vénus» no olhar conjunto das suas mentes. O apogeu da sua viagem astral teve a forma de um encontro com um impressionante arquétipo feminino que, sorrindo, disse assim:

> Sou a poderosa Mãe Ísis; a mais poderosa de todo o mundo, sou aquela que não luta, mas é sempre vitoriosa. Sou a Bela Adormecida que os homens buscam desde sempre. Os caminhos que conduzem ao meu castelo estão pejados de perigo e de ilusões. Os que não conseguem encontrar-me dormem; ou podem correr para sempre atrás da *Fata Morgana* que transvia todos os que sentem essa ilusória influência. Ergo-me nas alturas e atraio os homens a mim. Sou o desejo do mundo, mas poucos são os que me encontram. Quando o meu segredo é revelado, é o segredo do Santo Graal…
>
> Dei o meu coração ao mundo, é essa a minha força. O amor é a Mãe do Homem-Deus, dando a quintessência da sua vida para salvar a humanidade da destruição e mostrar o caminho da vida eterna. O amor é a Mãe do Espírito de Cristo, e este Cristo é o máximo amor. Cristo é o coração do amor, o coração da Grande Mãe Ísis, a Ísis da Natureza. É a expressão do seu poder. Ela é o Santo Graal e Ele é o sangue vital do Espírito que se encontra no cálice.[89]

A acompanhar estas palavras, estavam vívidas imagens de uma taça contendo um líquido cor de rubi e de uma cruz com três barras.

À primeira vista, pode parecer uma espécie de trapalhada do estilo *New Age*, com Jesus e a deusa egípcia Ísis a serem misturados com a ideia do Santo Graal apenas porque soa arcano e místico. Mas, tal como escreveu o falecido especialista no oculto Francis X. King, existem aqui dois pontos significativos: «O primeiro é a identificação da Bendita Virgem, “Mãe do Homem-Deus”, com Vénus, deusa do amor – do amor *sexual*, isto é, *eros*, não *agapé*. O

segundo é a associação do Graal… a Vénus, o *yoni*, ou órgão reprodutor feminino, arquetípico.»[90]

Os leitores modernos poderão interpretar cinicamente a visão destas senhoras como uma espécie de realização de um desejo, uma fantasia sexual conjunta – principalmente tendo em conta a colorida reputação de Florence Farr como a homóloga britânica de Emma Calvé. Mas a visão teria supostamente revelado um segredo que estava de acordo com a filosofia mágica da Aurora Dourada, e Francis X. King expressou certamente desconcerto quanto a de onde poderiam as mulheres ter obtido as imagens, tendo em conta que a sociedade não estava supostamente associada a qualquer tipo de rito sexual. Esta visão é, porém, um forte indicativo de que *estava*, ainda que, mais uma vez, os ritos envolvidos parecessem ser apenas para os iniciados nos graus superiores, o círculo interno.

É significativo que a visão associe Ísis ao Graal e ao sexo, o que não teria sido estranho para os alquimistas, os Gnósticos ou os trovadores. Que o Graal – visto aqui como a tradicional taça – é um símbolo feminino é facilmente entendido pelo nosso mundo pós-freudiano, mas era ainda uma revelação para os que vieram antes. Mas o líquido vermelho, o sangue que contém, é aqui transportado por *Ísis*…

Curiosamente, o tema da Bela Adormecida, que é referido no relato da visão das mulheres, surge também amplamente em *Le serpent rouge*, esse texto crucial do Priorado de Sião. A busca da Bela Adormecida é um tema repetido e está interligado ao da busca pela rainha de um reino perdido. Como vimos, esse documento revela também uma preocupação com Maria Madalena e Ísis, combinando-as tipicamente na mesma figura.

A busca de uma rainha é uma imagem alquímica, pelo que não deve surpreender-nos encontrar essas personificações da sexualidade – a Madalena e Ísis – como seu objeto. Curiosamente, ainda que hoje em dia o papel da sexualidade nos movimentos heréticos e ocultos quase não seja admitido ou reconhecido, a sua importância dificilmente pode ser sobrestimada. O sexo nunca foi

um tema secundário nem uma mera questão de mania pessoal, mas esteve no âmago da *maioria* das poderosas organizações secretas.

A tradição que mais nos interessa e que está por detrás desta investigação depende, na verdade, do conceito de sexualidade sagrada. Como vimos, esta tradição parece ser composta por duas vertentes principais – a da veneração pela Madalena e a da veneração por João Batista. Nesta fase da nossa investigação, deparávamos com a possibilidade de a Madalena ser apenas uma figura simbólica que representava a ideia do sexo sagrado, não estando a sua imagem associada a qualquer verdadeira figura histórica. De qualquer modo, a ligação entre Maria Madalena e o sexo não é difícil de entender e parece perfeitamente natural.

Não é assim, claro, quando consideramos a vertente de João Batista e a ideia de sexualidade sagrada. A narrativa bíblica e a tradição cristã criaram uma imagem convincente e duradoura de um homem extremamente ascético – uma figura semelhante a John Knox – de moral inflexível e inabalável celibato. Como podia ele, de entre todas as pessoas, ter sido importante para qualquer culto baseado nas práticas sexuais? À superfície, parecia não haver, nem jamais poder existir, tal ligação – e, ainda assim, a nossa investigação revelou uma e outra vez que várias gerações de ocultistas, uma após outra, acreditavam pelo menos na sua existência. E, como vimos no caso da Aurora Dourada, até nos grupos ocultos as primeiras impressões podem ser muito enganadoras. A sua verdadeira *raison d'être* pode ter implicações surpreendentes.

Florence Farr e os seus colegas na Aurora Dourada pertenciam a um grande círculo de ocultistas internacionais, que incluíam Péladan e Emma Calvé. As sociedades a que estavam associados eram extremamente influentes, e foi essa rede que proporcionou o enquadramento para um dos mais célebres mistérios de França; um que diz intimamente respeito ao Priorado de Sião.

O foco de todos os *Dossiers secrets*, bem como do material associado vindo do Priorado de Sião, é inequivocamente o mistério

de Rennes-le-Château. *Le serpent rouge*, por exemplo, refere-se repetidamente a locais situados nessa aldeia e em redor dela. Dificilmente podíamos deixar de voltar a nossa atenção para Rennes-le-Château, e, mais uma vez, demos por nós no Languedoc – o coração da heresia.

Capítulo Oito

«ESTE É UM LUGAR TERRÍVEL»

Rennes-le-Château é um cliché do oculto, quase – por esta altura – ao mesmo nível do próprio Graal, e igualmente fugidio. Mas é um lugar real e foi aí que também nós nos encontrámos à medida que a nossa própria demanda se desenrolava. Este local poderia ser comparado a Glastonbury, na Grã-Bretanha, pois ambos parecem guardar no seu coração profundos mistérios, acumulando ao mesmo tempo os mais ridículos, mas disseminados, mitos e suposições.

Rennes-le-Château fica na região do Languedoc conhecida como Aude, perto da vila de Limoux, que dá o seu nome ao conhecido *blanquette*, ou vinho espumante, na zona conhecida nos séculos VIII e IX como Razès. A partir da pequena vila de Couiza, grandes sinais apontam para uma estrada secundária, publicitando a «*Domaine* do Abade Saunière». Seguindo estes sinais, os condutores dão por si na curiosa estrada em espiral que sobe até à aldeia de Rennes-le-Château, no topo da colina.

Para nós, como para muitos hoje em dia, é uma viagem empolgante. Graças sobretudo a *O Sangue de Cristo e o Santo Graal*, mas também à lenda passada de boca em boca, esta simples subida por uma colina francesa rapidamente adquire a sensação de ser, em si mesma, uma iniciação. Mas o local onde os visitantes geralmente param é muito prosaico. A via de acesso conduz inevitavelmente ao solitário parque de estacionamento, através de uma estreita «*grand rue*» que não tem um posto dos correios nem sequer uma loja de comércio geral – mas que exibe uma livraria esotérica, um bar/restaurante, o castelo em ruínas que dá o nome à aldeia e vielas que conduzem à célebre igrejazinha e ao presbitério.

Este lugar tem uma história sinistra e uma reputação ainda mais tenebrosa, apesar de algo vaga. Resumidamente, reza a história que François Bérenger Saunière (1852-1917), um sacerdote vulgar, nascido e criado na aldeia de Montazels, a apenas 3 quilómetros de Rennes-le-Château, fez algum tipo de descoberta durante as obras de restauro na sua delapidada igreja paroquial do século X[1], há

pouco mais de 100 anos. Em resultado desta descoberta – fosse devido ao seu valor intrínseco ou porque o conduziu a algo que podia ser transformado em benefícios financeiros – tornou-se extremamente rico.

A especulação foi variando ao longos dos anos quanto à verdadeira natureza da descoberta de Saunière: houve quem prosaicamente sugerisse que ele tinha encontrado um monte de tesouros, enquanto outros acreditam ter sido algo consideravelmente mais estupendo, como a Arca da Aliança, o tesouro do Templo de Jerusalém, o Santo Graal – ou até mesmo o túmulo de Cristo, uma ideia que encontrou recentemente expressão em *The Tomb of God*, de Richard Andrews e Paul Schellenberger (1996).

Tínhamos de ir a Rennes-le-Château, pois, segundo os *Dossiers secrets* e *O Sangue de Cristo e o Santo Graal*, era particularmente importante para o Priorado de Sião – ainda que as razões exatas para tal permanecessem obscuras. O Priorado alega que o que Saunière encontrou foram pergaminhos contendo informação genealógica que prova a sobrevivência da dinastia merovíngia e determina que certos indivíduos têm o direito a reclamar o trono de França – como Pierre Plantard de Saint-Clair. Mas, uma vez que ninguém fora do Priorado pôs efetivamente a vista nesses pergaminhos, e que toda a ideia da continuidade da linhagem merovíngia é, no mínimo, duvidosa, são poucos os motivos para dar grande importância a esta alegação.

Há ainda uma outra grande falha, uma inconsistência gritante, na história do Priorado. Se existiam realmente há muitos séculos com o único objetivo de proteger os descendentes merovíngios, é curioso que acolhessem de bom grado qualquer informação que lhes dissesse quem eram esses descendentes. Saberiam, decerto, quem tinham jurado defender – caso contrário, dificilmente teriam tido o tipo de zelo fanático que, ao longo dos séculos, mantivera durante tanto tempo a sua própria organização! Depender – aparentemente

– do que é essencialmente uma *raison d'être* retroativa é, no mínimo, suspeito.

Estávamos, ainda assim, intrigados pela importância conferida à aldeia pelo Priorado. Há duas possíveis razões: uma é que a aldeia é realmente significativa, mas não pelos motivos afirmados nos *Dossiers*, outra é que a história de Saunière não tem qualquer verdadeira ligação ao Priorado e que este se apoderou do mistério para os seus próprios fins. Tínhamos de descobrir qual destas alternativas estava mais próxima da verdade.

Ao chegar ao parque de estacionamento da aldeia, vemo-nos confrontados com uma vista deslumbrante sobre o Vale do Aude, até aos picos cobertos de neve dos Pirenéus. É fácil entender o porquê de, no passado, este aparentemente inconsequente vilarejo ter sido considerado de tão grande importância estratégica, pois a vista de qualquer abordagem inimiga seria certamente difícil de igualar. Foi por isso que Rennes-le-Château foi em tempos uma grande fortaleza visigoda: alguns vão mesmo ao ponto de a identificar com a cidade perdida de Rhedae, que era semelhante a Carcassonne e Narbona – embora seja atualmente difícil visualizar uma tão movimentada metrópole neste estranhamente deserto aglomerado de casas. Ainda assim, o local continua a exercer uma influência magnética: embora menos de cem pessoas vivam atualmente em Rennes-le-Château, tem mais de vinte e cinco mil visitantes por ano.

A torre de água, que se ergue do próprio parque de estacionamento, exibe os signos do zodíaco – um motivo que se repete também sobre as portas de algumas das casas – mas, dececionantemente, isto é, afinal, um hábito comum da zona. Mas todos os olhares são atraídos para o pitoresco e oneroso edifício que parece nascer da própria orla da aldeia, pendendo sobre o precipício. Era a biblioteca privada e estúdio de Saunière, conhecido como *Tour Magdala* (Torre de Magdala). Faz parte da sua *domaine*, recentemente aberta ao público. Como um pequeno torreão medieval, a torre de um dos lados dá lugar a longas muralhas, que

conduzem a uma agora devoluta estufa. Nas divisões inferiores às muralhas situa-se atualmente um museu, dedicado à vida de Saunière e ao mistério que o rodeia. Um jardim separa a torre da grandiosa casa que ele construiu com a sua inexplicável riqueza, a Vila Betânia, da qual algumas divisões estão abertas ao público. Logo a seguir, ao virar de um caminho de gravilha, ergue-se uma pequena gruta feita pelo próprio sacerdote a partir de pedras especialmente transportadas, presumivelmente com grande esforço, de um vale vizinho. Chega-se então ao cemitério da aldeia e à igreja delapidada. Esta é consagrada a Santa Maria Madalena.

Dada a fama da igreja, é espantoso ver que é tão pequena, mas qualquer desilusão é mais do que compensada pelo justamente célebre caráter bizarro das decorações feitas pelo abade Saunière. Nisto, pelo menos, o abade ainda consegue espantar.

Por cima do pórtico, com as suas quase cómicas aves brancas em gesso de segunda classe e os seus azulejos amarelos partidos, estão inscritas as seguintes palavras: *Terribilis est locus iste* («Este é um lugar terrível»), uma citação do Livro do Génesis (28:17) que é completada, em latim, no arco do pórtico: «É a casa de Deus e o Arco do Céu.» Uma estátua de Maria Madalena preside sobre a porta, enquanto o tímpano se encontra decorado com um triângulo equilátero e rosas esculpidas com uma cruz. Mas muito mais surpreendente é a visão de um demónio de gesso, horrivelmente retorcido, que aparentemente guarda a entrada logo no interior do pórtico. Com chifres e um esgar, agacha-se de uma forma claramente significativa, enquanto carrega aos ombros a pia de água benta. Esta está coroada por quatro anjos, cada um fazendo um dos gestos envolvidos no sinal da cruz, enquanto as palavras *Par ce signe tu le vaincras* («Por este sinal o vencerás») estão inscritas por baixo. Contra a parede oposta, ergue-se um painel que mostra o batismo de Jesus – sendo este retratado numa posição que é o preciso reflexo do demónio. Tanto o demónio como Jesus olham para uma parte específica do solo, cuja disposição é a de um tabuleiro de xadrez. No painel, João Batista ergue-se sobre Jesus,

vertendo-lhe água em cima com uma concha e repetindo assim o motivo da pia de água benta em forma de concha que pesa sobre o demónio. Existe nitidamente algum paralelismo a ser traçado entre os dois conjuntos de imagens, entre o demónio e o batismo de Jesus. (Em abril de 1996, num dos muitos atos de vandalismo a que a igreja é propensa, a cabeça do demónio foi cortada – e roubada – por um atacante desconhecido.)

De pé no chão preto e branco e a olhar para esta minúscula igreja paroquial de Santa Maria Madalena, parece-nos, à primeira vista, ser bastante típica do que se espera de uma igreja católica do seu período e espaço. Excessivamente decorada com garridos santos em gesso – como Santo Antão, o Eremita, e São Roque –, contém a habitual quota de mobiliário de igreja. Mas vale a pena observá-lo mais atentamente, pois a maioria das peças tem pelo menos um toque idiossincrático. A Via Sacra, por exemplo, que segue invulgarmente no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, inclui aqui um rapaz de *kilt* e uma pequena criança negra. E o pálio que cobre o púlpito tem a forma do Templo de Salomão.

O baixo-relevo na parte da frente do altar era, segundo se diz, o orgulho e alegria de Saunière: foi ele mesmo a dar-lhe os últimos retoques. Mostra uma Madalena de vestes douradas ajoelhada em oração, com um livro aberto à frente e um crânio junto aos joelhos. Os seus dedos estão curiosamente entrelaçados ao jeito habitualmente descrito como *latté*. Uma cruz aparentemente feita de uma fina árvore viva – com um frondoso rebento a meia altura – ergue-se diante dela e, para lá da gruta rochosa onde ela se ajoelha, é possível ver a nítida forma de edifícios recortados contra a linha do horizonte. Curiosamente, ainda que o crânio e o livro aberto sejam ambos partes aceites da iconografia da Madalena, falta aqui o habitual vaso de nardo.

Esta surge também no vitral por cima do altar, onde emerge aparentemente debaixo de uma mesa para untar os pés de Jesus com o precioso unguento. Ao todo, existem na igreja quatro imagens da Madalena, o que, mesmo tendo em conta o seu estatuto de santa

padroeira, pode parecer excessivo para um edifício tão pequeno. O compromisso de Saunière para com ela é reforçado pelo nome dado à sua biblioteca – *Torre de Magdala* – e à sua casa, *Vila Betânia*, sendo Betânia o lar bíblico da família que incluía Lázaro, Marta e Maria.

Há uma sala secreta escondida atrás de um armário na sacristia, mas mesmo esta raramente é vista pelo público. A sua única janela, que não é claramente visível do exterior, parece retratar em vitral a habitual cena da Crucifixão. Mas, tal como praticamente tudo neste «lugar terrível», não é exatamente aquilo que parece. O olhar é atraído para a paisagem distante, que pode ser avistada sob os braços do homem na cruz; é nitidamente este o verdadeiro foco da imagem. Ali, ergue-se uma vez mais o Templo de Salomão.

Até a entrada para o cemitério é invulgar: o arco encontra-se enfeitado por um crânio e por uns ossos cruzados em metal, símbolo dos Cavaleiros Templários – embora um toque invulgar seja o sorriso que mostra 22 dentes. Os túmulos, floridamente encimados por elaborados tributos florais e fotografias dos falecidos, tal como em muitos outros cemitérios franceses, incluem os da família Bonhomme. Em qualquer outro local, talvez isto não gerasse comentários, mas esta lembrança linguística dos Cátaros – *les Bonhommes* – parece aqui particularmente pungente. O túmulo de Saunière, com o baixo-relevo do seu perfil – ligeiramente danificado pelo vandalismo em tempos recentes –, está encostado à parede que separa o cemitério da sua antiga *domaine*. Marie Dénardaud, a sua fiel governanta (se não muito mais do que isso), está sepultada ao seu lado.

Não é nossa intenção descrever ao pormenor o que é, por esta altura, uma história absolutamente banal. Mas, ao desconfiar de que o mistério de Rennes nos daria algumas pistas sobre a continuidade da tradição secreta, não estávamos enganados nem ficámos desiludidos. Como vimos, tínhamos encontrado provas de uma complexa série de ligações que remontavam a uma tradição *gnóstica* na região, um lugar que sempre havia sido célebre pelos

seus «hereges», fossem eles cátaros, templários ou supostas «bruxas». Desde o trauma da Cruzada Albigense, as gentes locais nunca mais confiaram totalmente no Vaticano, o que proporcionou um lar perfeito para as ideias heterodoxas, bem como para aqueles com interesses políticos minoritários. No Languedoc, com as suas longas e amargas memórias, a heresia e a política sempre andaram de mãos dadas, e talvez continuem a fazê-lo.

Encontramos em Saunière um sacerdote extrovertido e rebelde. Não era propriamente o típico clérigo de igreja, sabendo grego e latim e sendo assinante regular de um jornal alemão contemporâneo. Tenha ou não descoberto algum tesouro ou segredo, é improvável que toda a «questão de Rennes» seja uma perfeita invenção. Existem, ainda assim, várias razões para pensar que a história tal como é geralmente contada é, em grande medida, mal interpretada.[2]

A sequência exata dos acontecimentos é claramente difícil de reconstruir, uma vez que depende em grande medida das memórias dos aldeões e não de provas documentais. Saunière ocupou o seu cargo de pároco no início de junho de 1885. Passados poucos meses, envolveu-se em sarilhos por ter feito um sermão ferozmente antirrepublicano a partir do seu púlpito (durante as eleições desse ano), e viu-se temporariamente privado da sua posição. Reintegrado no verão de 1886, recebeu uma dádiva de 3000 francos da Condessa de Chambord, viúva de um pretendente ao trono francês – Henri de Bourbon, que reclamou o título de Henrique V –, em reconhecimento pelos seus serviços à causa monárquica. Aparentemente, Saunière usou o dinheiro para restaurar a antiga igreja e, segundo a maioria das versões, foi então que foi removido o pilar visigodo que sustentava o altar – no qual, diz-se, encontrou certos pergaminhos em código. Mas isto parece improvável, pois o seu comportamento excêntrico e os seus projetos ambiciosos só começaram em 1891. Foi por volta dessa altura que o sineiro, Antoine Captier, descobriu algo importante. Há quem diga que foi um cilindro em madeira, enquanto outros alegam ter sido uma

ampola de vidro: fosse o que fosse, julga-se que conteria pergaminhos ou documentos enrolados que ele entregou a Saunière. E parece ter sido *esta* descoberta que desencadeou as ações peculiares do padre.

A versão habitual é a de que Saunière apresentou os pergaminhos ao seu bispo em Carcassonne, Félix-Arsène Billard, e que isto precipitou uma viagem a Paris. Geralmente, diz-se que Saunière foi aconselhado a levar os documentos a um especialista para serem descodificados, um tal Émile Hoffet, que era então um jovem a estudar para padre, mas que tinha já um profundo conhecimento de ocultismo e do mundo das sociedades secretas. (Posteriormente, veio a ensinar na igreja de Notre-Dame de Lumiéres em Goult, um local da Virgem Negra que é particularmente importante para o Priorado de Sião.[3]) O tio de Hoffet era o diretor do Seminário de Saint-Sulpice, em Paris.

A igreja de Saint-Sulpice distingue-se pelo facto de o Meridiano de Paris – que passa perto de Rennes-le-Château – estar assinalado por uma linha em cobre no seu chão. Construída sobre os alicerces de um templo a Ísis em 1645, foi fundada por Jean-Jacques Olier, que a mandou projetar de acordo com a Média Áurea da geometria sagrada. Recebeu o nome de um bispo de Bourges da época do rei merovíngio Dagoberto II, e o seu dia de celebração é 17 de janeiro – uma data que se repete nos mistérios de Rennes-le-Château e do Priorado de Sião. Grande parte do romance satânico de J.K. Huysmans, *Além*, passa-se em Saint-Sulpice, e o seminário anexo à igreja era conhecido pela heterodoxia (para dizer o mínimo) em finais do século XIX. Serviu também de quartel-general para uma misteriosa sociedade secreta do século XVII chamada Compagnie du Saint-Sacrement, que houve quem sugerisse ter sido uma fachada para o Priorado de Sião.

Durante a estadia de Saunière em Paris – que foi no verão de 1891 ou na primavera de 1892 –, Hoffet apresentou-o à florescente sociedade oculta centrada em Emma Calvé, e que incluía figuras como Joséphin Péladan, Stanislas de Guaïta, Jules Bois e Papus

(Gérard Encausse). Há um rumor persistente de que Saunière e Emma se tornaram amantes.

Diz-se que Saunière terá visitado a igreja de Saint-Sulpice e estudado aí certos quadros, tendo também – segundo a história usual – comprado reproduções de quadros específicos no Louvre (algo que discutiremos mais tarde). Ao regressar a Rennes-le-Château, deu início à decoração da sua igreja e à construção da sua *domaine*.

A visita a Paris é uma parte crucial do mistério de Saunière, e tem sido desde então alvo de intenso escrutínio por parte dos investigadores. Não existem provas diretas de que alguma vez tenha efetivamente ocorrido. Um retrato de Saunière com o nome de um estúdio de fotografia em Paris, há muito considerado como prova da viagem, foi recentemente revelado como sendo, na verdade, do seu irmão mais novo, Alfred (também sacerdote).[4] Houve também quem alegasse que a assinatura de Saunière surge no missal de Saint-Sulpice, mas isto nunca foi confirmado. O escritor Gérard de Sède,[5] que tem alguns dos papéis de Émile Hoffet, alega que eles contêm uma nota de um encontro com Saunière em Paris (sem data, infelizmente), mas, tanto quanto sabemos, não existe qualquer corroboração independente desse facto. Tal como acontece com grande parte desta história, baseia-se nas memórias e testemunhos dos aldeões e de outros. Claire Captier, por exemplo, nascida Corbu, filha do homem que comprou a *domaine* de Saunière a Marie Dénardaud em 1946 – tendo esta última vivido com os Corbu até à sua morte, em 1953 –, é categórica ao dizer que a viagem a Paris aconteceu *mesmo*.[6]

O que quer que Saunière tenha encontrado parece tê-lo tornado extremamente rico de forma muito rápida. Quando ocupou inicialmente o cargo, o seu estipêndio era de 75 francos por mês. Mas, entre 1896 e a sua morte, em 1917, Saunière gastou uma vasta quantia – talvez não os 23 milhões de francos que alguns alegam, mas certamente até 160 mil francos por mês. Tinha contas bancárias em Paris, Perpignan, Toulouse e Budapeste e investia

fortemente em títulos, ações e garantias – o que não é propriamente a situação financeira habitual de um padre do campo. Houve quem dissesse que ganhara o seu dinheiro a traficar missas (cobrando para dizer missas que se julgavam libertar aquele que as pagava de um determinado número de anos no purgatório), mas, ainda que o tenha certamente feito, como diz o historiador francês René Descadeillas – geralmente visto como o principal desmistificador do caso Saunière –, isto não poderia ter «gerado quantias suficientes para lhe permitir erigir tais construções e viver ao mesmo tempo de forma tão grandiosa. Havia, pois, algo mais.»[7] Seja como for, poder-nos-emos questionar sobre o porquê de tantas pessoas quererem missas celebradas por Saunière – um insignificante sacerdote rural de uma paróquia longínqua.

Saunière e Marie atraíram críticas devido ao seu estilo de vida extravagante: Marie andava sempre vestida segundo as últimas modas de Paris (e há quem diga ter sido esse o motivo para a sua alcunha de «la Madonne», a Madona), e recebiam convidados a um nível que era totalmente desproporcional ao seu suposto rendimento ou estatuto social. Além disso, os ricos e famosos faziam a incrivelmente difícil viagem até Rennes-le-Château para estar com eles. (Por algum estranho motivo, contudo, Saunière apenas se servia da Vila Betânia para os receber, preferindo viver no degradado presbitério anexo à igreja.) Entre os seus visitantes contavam-se um príncipe Habsburgo – que dava pelo curiosamente sugestivo nome de Johann Salvator von Habsburg –, um ministro do governo e Emma Calvé.

Mas não foi só a extravagante escala da sua hospitalidade a gerar hostilidade: Saunière e Marie começaram a escavar no cemitério à noite. Ainda que o que andavam a fazer seja motivo de especulação, é certo que apagaram as inscrições na lápide e na laje que cobriam o túmulo da evocativamente chamada Marie de Nègre d’Ables, uma nobre da região que morreu no dia 17 de janeiro de 1781, teoricamente a fim de destruir a informação que continham. Mal sabiam eles que todo esse esforço seria em vão – existia já

uma cópia da inscrição, graças aos membros visitantes de uma sociedade local de antiquários. Como veremos, no entanto, a avidez de Saunière em destruir esta inscrição é muito importante para a nossa investigação.

Por volta da altura da alegada viagem a Paris, Saunière encontrou também a «Pedra do Cavaleiro» virada ao contrário junto do altar, uma laje esculpida datada do período visigodo que mostrava um cavaleiro montado com uma criança. Debaixo dela, parece ter encontrado algo muito importante – talvez outro esconderijo de documentos ou artefactos, ou a entrada para uma cripta. Ninguém sabe ao certo, pois Saunière mandou substituir o chão, mas o seu diário regista esta enigmática entrada para o dia 21 de setembro de 1891: «Carta de Granès. Descoberta de um túmulo. Choveu.»

As escavações noturnas de Saunière causaram um escândalo local, mas foi o seu tráfico de missas que suscitou a ira das autoridades da Igreja, ao ponto de ser despojado do seu ofício sacerdotal. Foi até transferido para outra paróquia, mas recusou-se terminantemente a aceder, vivendo resolutamente em Rennes-le-Château com Marie. Quando a Igreja enviou outro padre para a aldeia, Saunière celebrou oficiosamente uma missa na Vila Betânia para os aldeões, que se mantiveram fiéis a ele.

De todos os mistérios que rodeiam Saunière, talvez um dos mais duradouros seja o que se seguiu à sua morte. Adoeceu a 17 de janeiro de 1917: morreu cinco dias depois e o seu corpo foi sentado numa cadeira ao ar livre, nos contrafortes do terraço da sua *domaine*, enquanto os aldeões – e outros que tinham já feito viagens muito mais longas – passavam, arrancando borlas vermelhas do seu manto. A sua última confissão foi ouvida pelo padre da vizinha Espéraza, e o que quer que tenha sido dito teve nele um efeito tão profundo que, como diz René Descadeillas: «… a partir desse dia, o velho sacerdote nunca mais foi o mesmo homem; tinha manifestamente recebido um choque.»[8]

Após a sua morte, a fiel Marie Dénardaud continuou a viver na Vila Betânia. Saunière, que, enquanto sacerdote, não podia ter quaisquer posses, comprara todos os terrenos em nome desta. Tornou-se cada vez mais solitária e ganhou fama de irascível, resistindo às muitas tentativas de lhe comprarem a cada vez mais devoluta *domaine*. Mas finalmente, em 1946, no dia de Maria Madalena,[9] vendeu-a a Noël Corbu, um empresário, sob o compromisso de que poderia viver aí o resto da sua vida.

A filha de Corbu, Claire Captier, lembrava-se de viver lá em pequena. Segundo ela, Marie visitava o túmulo de Saunière todos os dias – e a meio de todas as noites. Marie falou à jovem Claire de um fenómeno extraordinário que acompanhava algumas dessas visitas. Dizia ela: «Esta noite, fui seguida pelos fogos-fátuos do cemitério.» Questionada sobre se tinha medo, respondeu assim: «Estou habituada… Ando devagar, eles seguem-me… quando paro, eles também param, e quando fecho o portão do cemitério, desaparecem sempre.»[10]

Claire Captier[11] lembra-se também de Marie ter dito isto: «Com o que o senhor padre deixou, podíamos alimentar toda a Rennes durante 100 anos e ainda sobraria.» E, quando questionada sobre o porquê de continuar a viver como uma pobre se lhe tinha sido deixado assim tanto dinheiro, respondeu: «Não posso tocar-lhe.» E em 1949, quando soube que o negócio de Corbu estava em dificuldades, disse-lhe: «Não te preocupes tanto, meu bom Noël… Um dia, contar-te-ei um segredo que fará de ti um homem rico… muito rico!» Infelizmente, nos meses que levariam à sua morte devido a uma apoplexia em janeiro de 1953, Marie ficou senil e o segredo morreu com ela.

O que estava no cerne da história de Saunière? O que parece é que estaria certamente a ser pago por algum agente externo para permanecer na aldeia (mesmo depois de rico e após ter deixado de ser o pároco, ele decidiu ficar), ainda que os pagamentos possam ter sido erráticos. A sua riqueza não consistia numa grande soma em dinheiro, como houve quem sugerisse, pois o seu fluxo

financeiro era variável. Passava frequentemente por períodos de escassez, recuperando depois o seu exuberante estilo de vida numa questão de meses. Aquando da sua morte, estava comprometido com novos e ambiciosos projetos que teriam custado pelo menos oito milhões de francos[12] – construir uma estrada decente até à aldeia para um automóvel que pretendia comprar, levar água a todas as casas e criar uma pia batismal exterior, e erigir uma torre de 70 metros, da qual planeava chamar os seus paroquianos à oração.

Os monárquicos são fortes candidatos ao papel de financiadores, caso em que surge um mistério diferente. Que possível serviço podia Saunière ter-lhes prestado que resultasse em pagamentos a uma tão grande escala? Poderia a sua obsessão pela Madalena sugerir, de alguma forma, o motivo subjacente às suas generosas recompensas? Havia certamente algo mais na sua riqueza além do envolvimento numa intriga política. E as suas poucas memórias remanescentes, nas palavras de Gérard de Sède, revelam isto:

> … uma curiosa devoção à *Bona Dea*, ao eterno princípio feminino que, na boca de Bérenger [Saunière], parece transcender a crença e as fés.[13]

Uma vez mais, deparamo-nos com segredos a envolver o Princípio Feminino tal como é personificado em Maria Madalena… e com uma nítida ligação ao Priorado de Sião, que alega venerar as Virgens Negras e Ísis. E, como veremos, a região em torno de Rennes-le-Château contém muitas mais pistas sobre a continuidade desta forma de culto à deusa.

E quanto aos famosos pergaminhos alegadamente descobertos por Saunière (segundo fontes do Priorado de Sião)? Diz-se que terão consistido em duas genealogias relativas à sobrevivência da dinastia merovíngia e outras duas compostas por excertos dos Evangelhos em que certas letras, que se encontram assinaladas, continham mensagens codificadas. Os pergaminhos propriamente ditos jamais viram a luz do dia, mas alegadas cópias dos textos codificados têm sido amplamente publicadas, tendo a sua primeira

aparição ocorrido em 1967 em *L'Or de Rennes*, de Gérard de Sède e da sua esposa Sophie. (Na verdade, embora não seja creditado como tal, Pierre Plantard de Saint-Clair afirmou ter sido coautor deste livro.[14])

Estes textos têm sido tema de milhares de palavras e muita especulação em curso. Do relato do Novo Testamento sobre Jesus e os discípulos no campo de milho ao sábado, as letras assinaladas, quando lidas simplesmente por ordem, formam a seguinte frase:

> A DAGOBERT II ROI ET A SION EST CE TRESOR ET IL EST LA MORT
> (A/PARA DAGOBERTO II REI E A/PARA SIÃO É ESTE TESOURO E É A MORTE/ESTÁ ALI MORTO)

O outro texto descreve claramente a unção de Jesus por Maria de Betânia, e a versão descodificada é geralmente apresentada assim:

> BERGERE PAS DE TENTATION QUE POUSSIN TENIERS GARDENT LA CLEF PAX 681 PAR LA CROIX ET CE CHEVAL DE DIEU J'ACHEVE CE DAEMON DE GARDIEN A MIDI POMMES BLEUE
> (PASTORA SEM TENTAÇÃO QUE POUSSIN TENIERS TEM A CHAVE PAZ 681 PELA CRUZ E ESTE CAVALO DE DEUS EU COMPLETO [OU MATO] ESTE DEMÓNIO GUARDIÃO AO MEIO-DIA [OU NO SUL] MAÇÃS AZUIS)

A decifração deste código foi muito mais complexa do que a primeira. Ao ler as letras assinaladas neste caso obtém-se «REX MUNDI» («Rei do Mundo» em latim – um termo gnóstico para o deus deste mundo, que era utilizado pelos Cátaros), mas foram também adicionadas 140 letras estranhas, tornando a descodificação um processo imensamente tortuoso para chegar à mensagem da «Pastora sem tentação».[15] (Curiosamente, o sistema utilizado foi concebido pelo alquimista francês Blaise de Vignère, que era secretário de Lourenço de Médicis.) A última mensagem é um anagrama perfeito da inscrição na lápide de Marie de Nègre (que é discutida no próximo capítulo).

Embora haja poucas dúvidas de que a descodificação da mensagem está correta, houve muitas tentativas engenhosas – e muitas vezes altamente criativas – de a *explicar* ou de lhe dar sentido. Nenhuma delas foi totalmente satisfatória.

O problema destes pergaminhos é que Philippe de Chérisey, um dos associados de Pierre Plantard de Saint-Clair (e seu provável

sucessor como Grão-Mestre do Priorado de Sião em 1984), veio posteriormente admitir tê-los forjado em 1956.[16] (Quando confrontado com isto pelos autores de *O Sangue de Cristo e o Santo Graal* em 1979, Plantard de Saint-Clair alegou que de Chérisey se limitara a copiá-los, mas isto não é totalmente convincente.[17]) Independentemente da forma como olhemos para os pergaminhos, temos de admitir que foram um enorme sucesso enquanto clássicos mecanismos para fazer perder tempo, e que são demasiado duvidosos para proporcionar grandes orientações para uma investigação à história de Saunière.

Mas se o padre não encontrou pergaminhos, talvez tenha encontrado algum tipo de tesouro – como muitos acreditam firmemente. Encontrou decerto um pequeno esconderijo de joias e moedas antigas na igreja, mas, uma vez que toda a região é rica em achados arqueológicos, uma tal descoberta dificilmente teria despertado o interesse que tem envolvido a história de Saunière. Muitos acreditam que ele encontrou uma verdadeira caverna de Aladino cheia de tesouros sumptuosos, tantos que nem ele e os seus faustosos amigos conseguiram esbanjá-los, e que parte do tesouro ali continua à espera de que um intrépido explorador o encontre. Há quem tenha sugerido que o elaborado simbolismo da igreja, juntamente com as várias mensagens codificadas como a do pergaminho das «Maçãs Azuis», se destinam a dar pistas a esse intrépido explorador sobre o paradeiro do restante tesouro.

Por mais romântica que esta ideia possa ser, é um disparate. Em primeiro lugar, este cenário dificilmente explicaria os seus recorrentes problemas de fluxo financeiro; em segundo lugar, foi ele que criou os supostos mapas do tesouro – o simbolismo da igreja –, o que não é algo muito inteligente de se fazer se estivesse decidido a guardar o dinheiro para si. Finalmente, se a igreja é essencialmente um grande mapa do tesouro, então o simbolismo utilizado é extremamente bizarro e esotérico. Se queria guardar o dinheiro para si, dificilmente teria desenhado um mapa do tesouro para consumo público (por mais arcano que fosse), e se queria que

só algumas pessoas o encontrassem, então porque não simplesmente dizer-lhes? E a sua descoberta de um tesouro dificilmente explicaria o porquê de pessoas ricas e influentes quererem visitá-lo na sua remota paróquia no alto de uma colina.

Dadas todas as evidências, parece que Saunière estava a ser pago por alguém para fazer alguma coisa – algum tipo de serviço que envolvia ficar em Rennes-le-Château, onde insistiu em viver mesmo quando lhe foi ordenado que se mudasse. As suas atividades revelam que andava definitivamente à procura de alguma coisa: as escavações noturnas no cemitério, as longas digressões pelas proximidades e as ainda mais longas viagens a locais mais distantes, que duravam vários dias de cada vez. Mas era tão importante que pensassem que ele continuava em Rennes-le-Château que, durante as suas ausências, Marie Dénardaud enviava regularmente cartas preparadas em resposta à correspondência recebida, implicando que ele estava simplesmente demasiado ocupado para responder pessoalmente naquele momento. (Algumas destas respostas padronizadas foram encontradas entre os seus papéis após a sua morte.)

Um novo aditamento à história de Saunière surgiu em 1995, quando o esoterista André Douzet apresentou uma maquete, um modelo em gesso, representando uma paisagem em relevo, que Saunière teria alegadamente encomendado mesmo antes de morrer.[18] Mostra colinas e vales e o que parecem ser estradas ou rios a atravessá-los. Numa das vertentes, há um único edifício quadrado. Ostensivamente, mostra a área em torno de Jerusalém, uma vez que são indicados locais bíblicos como o Jardim de Getsémani e o Gólgota. Mas a paisagem da maquete não corresponde de todo à de Jerusalém; talvez mostre, na verdade, a área em torno de Rennes-le-Château. Poderia Saunière ter imaginado transformar a sua terra natal na Nova Jerusalém?[19]

É possível passar uma vida inteira a estudar as possibilidades do mistério de Rennes-le-Château: na verdade, talvez seja essa a sua função – ser uma monumental manobra de diversão. Pois, ainda

que seja, sem dúvida, importante, desvia as atenções do igualmente sugestivo envolvimento de outros na área circundante.

Outros sacerdotes nas paróquias vizinhas estiveram envolvidos no caso, incluindo o superior de Saunière, Félix-Arsène Billard, bispo de Carcassonne. Alegadamente, enviou Saunière a Paris e fez vista grossa ao seu excêntrico e escandaloso comportamento. (Foi após a morte de Billard em 1902 e a nomeação do seu sucessor que Saunière foi acusado.) E o próprio Billard esteve envolvido nalgumas transações financeiras duvidosas.[20]

O mais conhecido deste círculo de padres em redor de Saunière foi o abade Henri Boudet (1837-1915), que era o pároco de Rennes-les-Bains desde 1872. Um homem sábio, estudioso e reservado – temperamentalmente o oposto de Saunière –, dedicava-se também a estranhas atividades. Em 1886, publicou um livro bizarro, chamado *La vraie langue celtique et le cromleck de Rennes-les-Bains* (*A Verdadeira Língua Celta e o Cromeleque de Rennes-les-Bains*, em tradução livre), que tem vindo a desconcertar os investigadores desde então. Ostensivamente, o livro aborda dois temas: uma teoria perversa de que muitas das línguas antigas – celta, hebraico e por aí fora – derivam do anglo-saxão, incluindo exemplos muitas vezes hilariantes de como os nomes de locais na vizinhança de Rennes-les-Bains tinham raízes inglesas; e uma descrição de vários monumentos megalíticos na zona. Boudet era um respeitado historiador local e antiquário, e as teorias que propôs são tão improváveis que foram muitos os que concluíram que tinham de esconder uma mensagem mais profunda e secreta – um homólogo literário da decoração da igreja de Saunière. Houve até quem sugerisse que os dois se complementam e que, quando unidos, codificam orientações para o «tesouro». Se assim for, então ninguém conseguiu obter uma decifração satisfatória, e o livro de Boudet é tão desconcertante atualmente como quando foi publicado. As suas outras atividades, contudo, são também paralelas às de Saunière, uma vez que é sabido que alterou inscrições em lápides no cemitério da sua igreja e mudou marcos na zona.

Há quem tenha visto Boudet como o verdadeiro cérebro por trás dos trabalhos de construção de Saunière, e houve também sugestões, como as de Pierre Plantard de Saint-Clair – até agora infundadas –, de que era Boudet quem pagava a Saunière.[21] Mas Boudet é também significativo para outro grande interveniente neste complexo mistério: foi o próprio Pierre Plantard de Saint-Clair quem escreveu o prefácio para uma edição fac-similada de 1978 de *Le vraie langue celtique*…, e tem terras perto de Rennes-les-Bains. É também possível ver no cemitério da antiga igreja de Boudet um marco que indica a campa que Plantard de Saint-Clair reservou para si.

Outro clérigo contemporâneo de Saunière foi o abade Antoine Gélis, pároco da aldeia de Coustassa, que fica do outro lado do vale do rio Sals, frente a Rennes-le-Château. No dia 1 de novembro de 1897, o idoso Gélis (então com 70 anos) foi encontrado brutalmente assassinado, tendo morrido devido aos repetidos e violentos golpes na cabeça, aparentemente desferidos por um atacante que ele deixara entrar no seu presbitério e com quem estava a conversar. Gélis era amigo de Saunière – este regista no seu diário uma reunião com ele e vários outros no dia 29 de setembro de 1891, apenas oito dias após a entrada relativa à «descoberta de um túmulo». No período anterior ao seu homicídio, Gélis parecia viver com medo, mantendo a porta trancada e vendo apenas a sobrinha, que lhe trazia as refeições. E recebera recentemente muito dinheiro – cerca de 14 000 francos – que ninguém podia explicar. Escondera-o na sua casa e na igreja, e foram encontrados papéis que revelavam os esconderijos. Mas praticamente todo o dinheiro continuava lá após o homicídio. O assassino – que nunca foi apanhado – tinha revistado a casa, mas deixara quase 800 francos espalhados por ali. Ainda mais estranho é o facto de ter disposto ritualisticamente o corpo, cruzando-lhe os braços sobre o peito e deixando um papel com as palavras «*viva Angelina*». Nunca foi identificado qualquer motivo por detrás deste crime.

Existem alguns elementos particularmente estranhos associados ao homicídio de Gélis. A sua lápide, no cemitério de Coustassa, foi posicionada – a única entre todos os túmulos – de modo a ficar voltada para Rennes-le-Château, que é claramente visível na colina oposta. O túmulo tem também uma insígnia rosacruz. E, ainda que este homicídio brutal de um velho e frágil sacerdote tenha chocado a população local, a diocese parece ter querido que o assunto fosse esquecido o mais rapidamente possível. Quando Gérard de Sède tentou investigá-lo no início dos anos 1960, não encontrou qualquer registo do homicídio nos arquivos diocesanos em Carcassonne. Só em 1975 é que dois advogados reconstruíram a história a partir dos registos locais da polícia e do tribunal.[22]

Chegou mesmo a ser sugerido que fora Saunière o responsável pelo homicídio de Gélis, mas isto é pura especulação. Parece, todavia, que algo de sinistro se passava, envolvendo sacerdotes locais para lá dos confins de Rennes-le-Château.

A aldeia de Rennes-le-Château é, sem dúvida, importante em si mesma, mas talvez lhe tenha sido dado demasiado destaque, pois toda a região circundante está também envolta em mistério. A maioria dos investigadores reconhece o facto de existirem outros locais, igualmente atrativos e estranhos, por perto, mas tendem a vê-los apenas como pano de fundo para a história de Saunière. Se ele fez alguma descoberta, contudo, existem muitos locais onde a poderia ter feito. Além das suas várias longas ausências da aldeia, às vezes durante dias ou até mesmo semanas, era também conhecido por fazer longas caminhadas pelas proximidades. (E as suas entusiásticas excursões de caça e pesca podem muito bem ter sido um disfarce para outra atividade.)

Os *Dossiers secrets* afirmam categoricamente que Saunière trabalhava para o Priorado de Sião, mas existe alguma prova da sua influência na área circundante? Vimos que Pierre Plantard de Saint-Clair tem terrenos perto de Rennes-les-Bains e comprou uma campa no cemitério de lá, mas estarão as aparentes preocupações da organização realmente refletidas na zona?

Dada a extraordinária transversalidade das sociedades secretas no Languedoc, seria de admirar se não estivessem. Na verdade, um estudo da área junto a Rennes-le-Château dá-nos muitas pistas não só sobre o Priorado mas também sobre uma tradição secreta mais vasta – que suspeitávamos poder existir. Viríamos a descobrir que aquilo a que se poderia chamar de Grande Heresia Europeia – a extrema veneração, e até adoração secreta, de Maria Madalena e de João Batista – está aqui bem representado.

Existe nesta região uma incrível proliferação de igrejas dedicadas ao Batista. Muitas vezes, encontram-se em aglomerados – existem, por exemplo, três igrejas de «João» na pequena área de Belvèze-du-Razès. (Curiosamente, grande parte desta área chama-se *La Magdalene*.)

É também interessante que a atual igreja da «Madalena» em Rennes-le-Château tenha sido em tempos apenas a capela do castelo, enquanto outra igreja – dedicada a João Batista[23] – agraciava a aldeia. Esta foi destruída no século XIV, quando Rennes-le-Château foi capturada pelas tropas de um nobre espanhol, sendo aparentemente demolida pedra a pedra na crença de que havia algum tipo de tesouro escondido no seu interior.[24]

Na vizinha Arques, deu-se um inexplicável *volte-face* quando a igreja original de São João Batista foi rededicada a Santa Ana. Isto é particularmente estranho, pois continua a alojar uma relíquia do Batista.

Arques e Couiza – onde existe outra igreja de «João» – foram propriedade da família de Joyeuse até 1646, altura em que Henriette-Catherine de Joyeuse vendeu todas as suas terras no Languedoc à monarquia francesa. Curiosamente, era a viúva de Carlos, Duque de Guise, cujo tutor fora Robert Fludd – especialmente trazido de Inglaterra para fazer esse trabalho.[25]

Ou em Couiza ou em Arques, existiu em tempos uma Virgem Negra, conhecida como Notre-Dame de la Paix, que foi levada para Paris em 1576 pela família de Joyeuse, onde ainda pode ser vista na igreja das Irmãs do Sagrado Coração (no décimo segundo

bairro).[26] Estranhamente, Saunière trocou correspondência com a superiora desta ordem, para quem era claramente alguém especial. Uma carta para ele da Irmã Augustine Marie, Secretária da Ordem, datada de 5 de fevereiro de 1903,[27] pede-lhe que diga missas especificamente em honra da sua Virgem Negra, oferece-se para lhe vender uma estátua do Menino Jesus de Praga (que ainda pode ser vista na Vila Betânia) e, de modo algo misterioso, agradece-lhe «pela devoção que demonstra para com o nosso bondoso Rei». Isto pode referir-se a algum pretendente ao trono francês ou a Jesus, ainda que, como veremos, houvesse outro «Rei» a ser honrado pelos grupos heterodoxos. Existe, porém, uma sugestão de um segundo sentido, talvez codificado, nas palavras da Irmã Augustine Marie, bem como a curiosa implicação da existência de algo de especial na paróquia (e nos paroquianos) de Rennes-le-Château.

A família de Joyeuse construiu também a Igreja de João Batista em Arques, que foi construída a partir das ruínas do antigo castelo que havia sido destruído pelos homens de Simão de Montfort. Na verdade, a atual torre sineira e a parede principal pertenciam efetivamente ao castelo original. Como vimos, a igreja foi em tempos consagrada a João Batista, mas é atualmente dedicada a Santa Ana – ainda que nem o presidente da câmara de Arques nos tenha conseguido dizer o porquê de a mudança ter sido feita.

O seu antecessor nos anos 1930 e 1940 foi Déodat Roché, um grande estudioso da história esotérica da zona, que esteve por detrás de uma das mais sérias tentativas de reestabelecer uma Igreja Cátara na região.[28] Um dos tios de Roché fora o médico de Saunière, e outro o seu notário.

A meio caminho entre Rennes-le-Château e Limoux fica a vila termal de Alet-les-Bains. Anteriormente local de um bispado da região (antes de se ter transferido para Carcassonne), Alet era, na Idade Média, um reputado centro alquímico. A família de Nostradamus era oriunda desta vila, e é possível que o famoso profeta tenha ele mesmo vivido lá durante algum tempo. A vila tem ligações aos Templários que remontam aos primeiros anos da

Ordem – vários atos importantes a conceder-lhes terrenos foram aí assinados nos anos 1130 – e ainda hoje é possível ver símbolos templários esculpidos nas vigas de algumas das pitorescas casas medievais; na verdade, o brasão da vila tem uma cruz templária. A imponente igreja de Santo André tem uma curiosa ligação a essa ordem. O autor e investigador Frank Marie[29] demonstrou que (tal como na Capela Rosslyn) o seu traçado se baseia na geometria da cruz templária – mas a igreja foi construída em finais do século XIV, *após a supressão da Ordem*. O edifício é também notável pelas janelas que exibem o símbolo da estrela de seis pontas, a Estrela de David. Além das óbvias associações judaicas (que são, no mínimo, extremamente invulgares numa igreja cristã medieval), o símbolo tem também tradicionais conotações mágicas – simbolizando a união dos princípios masculino e feminino.

A rua principal de Alet-les-Bains é a Avenida Nicolas Pavillon, batizada em honra do seu mais famoso bispo (cujo benefício eclesiástico foi de 1637 até 1677). É uma figura importante, tendo estado envolvido em acontecimentos ligados ao Priorado de Sião. Pavillon, juntamente com dois outros clérigos, o famoso São Vicente de Paulo e Jean-Jacques Olier (o construtor de Saint-Sulpice), foram as forças motrizes por trás da Compagnie du Saint-Sacrement, que era também conhecida entre os seus membros como «a Cabala dos Devotos». Ostensivamente uma organização caritativa, é hoje reconhecida pelos historiadores como tendo sido uma sociedade secreta político-religiosa que manipulou importantes líderes do seu tempo e chegou mesmo a ter influência sobre o monarca. Escondeu tão bem os seus verdadeiros motivos que os historiadores continuam a não conseguir pôr-se de acordo quanto a quais eram ao certo – às vezes, parece ferozmente dedicada ao catolicismo convencional, mas outras parece totalmente herética. Houve quem argumentasse ser, na verdade, uma fachada para o Priorado de Sião.[30] Como vimos, a sua sede era no seminário de Saint-Sulpice, em Paris.

Um destes conspiradores, o misterioso São Vicente de Paulo (c. 1580-1660) – que, estranhamente, alegou ter sido educado na alquimia –, é honrado noutro local classificado como um dos mais enigmáticos do Languedoc. Trata-se da basílica de Notre-Dame de Marceille, que fica a norte de Limoux, mesmo à saída da vila. Uma estátua de São Vicente ergue-se no seu recinto, para assinalar o facto de ele ter fundado a Ordem dos Padres Lazaristas, que, desde 1876, tem sido a responsável pela basílica. (Significativamente, o Padre Lazarista de Notre-Dame de Marceille destacou-se entre os convidados para as cerimónias de abertura de várias partes da *domaine* de Saunière.)

Este local tem várias ligações provocadoras às «heresias» que estávamos a investigar.[31] Para começar, apesar da diferença ortográfica, esta «Marceille» (cuja origem se desconhece) evoca a Madalena através da ligação a «Marselha». A basílica foi construída no local de um antigo santuário pagão, centrado numa nascente que se diz ter propriedades curativas, principalmente para os olhos. A igreja adotou o seu nome de uma Virgem Negra do século XI que se encontra ainda exposta no seu interior, e à qual foram associados muitos milagres. Talvez, com esse contexto, não seja surpreendente descobrir que o local pertenceu anteriormente aos Templários. Durante séculos, foi um centro para peregrinos.

Ao longo dos anos, por alguma razão, sempre existiram lutas entre várias ordens religiosas pelo controlo deste local. Originalmente, pertencia à vizinha abadia beneditina de Saint-Hilaire, que, durante a Cruzada Albigense, atraiu comentários hostis devido à sua política de neutralidade para com os Cátaros. (A determinada altura, toda a população de Limoux foi excomungada por lhes dar abrigo.) No século XIII, a luta foi entre o Arcebispo de Narbona, a Ordem Beneditina e os Dominicanos. Posteriormente, o rei teve de intervir numa disputa pela propriedade do local entre o arcebispo, o senhor de Limoux e Guillaume de Voisins, senhor de Rennes-le-Château. No dia 14 de março de 1344 (centésimo aniversário da misteriosa cerimónia cátara em Montségur na noite

antes de se terem entregue às chamas), o Papa Clemente VI deu a igreja ao Colégio de Narbona, em Paris, em cuja posse permaneceu até meados do século XVII, altura em que passou para o bispo de Alet-les-Bains. (Curiosamente, a principal fonte de rendimento para o Colégio de Narbona eram as receitas da igreja de Maria Madalena em Azille, no Aude.[32]) Durante a Revolução, a igreja e as terras foram vendidas, mas a Virgem Negra foi escondida por um tal Priorado da Ordem dos Penitentes Azuis, um curioso grupo com ligações aos maçons do Rito Escocês Retificado e à família Chefdebien – que, como veremos, são importantes intervenientes neste drama.[33] A igreja foi restaurada como local de culto em 1795.

Ainda uma outra disputa teve lugar durante o período de Saunière, e envolveu o seu superior, Monseigneur Billard, bispo de Carcassonne. O local pertencia então a vários proprietários, mas, através de uma série de astutas – e nem sempre éticas – jogadas, ele contratou os serviços de um banqueiro como «testa de ferro» para comprar todos os títulos. Curiosamente, a venda teve lugar a 17 de janeiro de 1893 (ainda que Billard tenha, de algum modo, deitado a mão à Virgem Negra, que esteve algum tempo guardada em Limoux). Em menos de quatro meses, contudo, o novo proprietário tinha vendido novamente as terras ao bispado e Billard ficou com o controlo exclusivo que pretendia.

Em 1912, o Papa Pio X decretou que a igreja fosse elevada ao estatuto de basílica, uma honra rara e totalmente inexplicável para um tão relativamente humilde local. O estatuto de basílica é geralmente concedido apenas a igrejas de especial importância – como no caso de Saint Maximin, na Provença, que contém as (alegadas) relíquias de Maria Madalena.

A área em torno de Notre-Dame de Marceille é também notável por ter sido, até há muito pouco tempo, um lugar de especial interesse para os ciganos, que costumavam ter um acampamento no campo entre a igreja e o rio Aude, que passa algumas centenas de metros a oeste.

Notre-Dame de Marceille é especialmente referida no enigmático livro do abade Boudet, *Le vraie langue celtique…*, e foi isto que levou o falecido investigador belga Jos Bertaulet ao local.[34] Fez uma interessante descoberta: nos antigos terrenos da igreja, agora em mãos privadas, nas margens do Aude, existe um mausoléu subterrâneo. É composto por duas grandes câmaras que datam de finais do período romano ou inícios do período visigodo (séculos III ou IV). Com cerca de 6 metros de altura, a primeira destas câmaras tem uma conduta no teto abobadado, mas a única entrada é um estreito túnel de um metro de altura, aparentemente de construção posterior e que estava escondido dentro de uma pequena casa atualmente em ruínas (que parece ter sido construída expressamente para este propósito). Desconhece-se a função do mausoléu. Existem especulações de que serviria de câmara funerária aos visigodos – embora esteja atualmente vazia – ou como local de iniciação nalguma escola dos mistérios. Seja qual for a sua função, existem alguns indícios de ter sido utilizada até ao início do século XX, embora a sua existência fosse tão secreta que – como viríamos a descobrir em circunstâncias traumáticas – nem os sacerdotes da própria basílica sabiam dela. Talvez fosse a esta curiosa câmara subterrânea que Billard estava tão ansioso por deitar as mãos.

Durante uma viagem de estudo a França no verão de 1995, Clive Prince visitou a zona com o seu irmão Keith. Tínhamos recebido informações sobre o mausoléu, incluindo indicações de como o encontrar – que se revelaram valiosas, uma vez que a entrada estava coberta por um imenso emaranhado de ervas daninhas – do investigador belga Filip Coppens. Jos Bertaulet cobrira parcialmente a claraboia da primeira câmara com lajes de pedra para prevenir acidentes. Por baixo havia, como viríamos a descobrir da maneira mais difícil, uma queda abrupta de 6 metros.

Keith, tendo descido à primeira câmara utilizando uma corda de escalada (quaisquer degraus de madeira tinham já apodrecido há muito), tropeçou no entulho que cobria o chão e deu uma grande

queda. Deitado às escuras entre os destroços dos séculos, pareceu inicialmente que tinha partido a perna e, embora se tenha mais tarde descoberto que apenas rompera um ligamento, Keith não conseguia levantar-se, quanto mais trepar para fora do mausoléu. Clive não teve alternativa a não ser ligar para os serviços de emergência (que acorreram em tal número que pareceu que a situação de Keith era o que de mais empolgante acontecia há muito tempo em Limoux). Passadas quatro horas, uma equipa de resgate içou-o finalmente pela conduta superior, levando-o depois para o hospital de Carcassonne. (Algo que emergiu deste episódio foi que, quando Clive foi pedir ajuda à basílica, os responsáveis do local não sabiam claramente da existência do mausoléu.)

Infelizmente, devido a este incidente, foi impossível qualquer investigação adicional às câmaras subterrâneas. Talvez uma consequência mais séria tenha sido a ameaça por parte das autoridades de as selar para prevenir mais acidentes. Foi um alívio descobrir que isto não acontecera efetivamente, ainda que as entradas tivessem sido tapadas quando regressámos com Charles Bywaters na primavera de 1996. Desta vez, embora não tenhamos feito qualquer tentativa de explorar as câmaras principais, investigámos o túnel que conduzia a elas – e fizemos uma descoberta muito significativa.

O túnel parece partir de uma parede vazia, mas, seguindo uma sugestão feita por Filip Coppens, examinámos esta parede e descobrimos que fora em tempos uma entrada. Fora deliberadamente selada – há relativamente pouco tempo, pareceu-nos – e as barras de ferro que tinham sido introduzidas na pedra podem ter servido de puxadores. A julgar pela manifesta ignorância por parte das autoridades locais acerca da existência do mausoléu, não podem ter sido eles a selar aquela entrada. Quem o fez, então? E, seja como for, porquê selar só uma das câmaras daquela maneira?

A partir da condição das barras de ferro, calculámos que a entrada tinha sido selada há cerca de 100 anos, quando Billard tinha

o controlo exclusivo da propriedade. Teria escondido algo atrás daquela porta selada? Talvez, mas as suas ações revelavam praticamente um desespero em possuir aquele local específico, o que sugere que não estaria a esconder algo, mas sim *à procura*. E o que quer que fosse, ainda devem existir pelo menos algumas pistas quanto à sua natureza naquele húmido e secreto local, pois deu-se ao trabalho de o selar.

Pouco antes da sua morte por cancro em 1995, Jos Bertaulet alegou ter descodificado a estranha obra de Boudet, *Le vraie langue celtique*…, e concluiu que dizia que um relicário contendo a cabeça de «um Rei sagrado» estava escondido naquele mausoléu subterrâneo. Afirmou ainda que Boudet associava esta câmara às lendas do Santo Graal. Como vimos, o tema dos reis sagrados decapitados atravessa estas histórias (e Saunière recebeu agradecimentos pela devoção que mostrara para com «o nosso bondoso Rei» da parte das Irmãs do Sagrado Coração em Paris). E, significativamente, Notre-Dame de Marceille foi em tempos propriedade dos Templários.

A continuidade da investigação depende de passar pela entrada selada, e parece improvável – no momento em que escrevemos – que tal autorização venha a ser concedida. Mas são tantos os temas fulcrais para esta investigação que parecem convergir neste local: as Virgens Negras, os Templários, a Madalena e as lendas do Graal. E a história de uma cabeça cortada, numa área tão repleta de igrejas a ele consagradas, evoca certamente a figura de João Batista. Nitidamente, a região em geral, e a área de Notre-Dame de Marceille em particular, guardam ainda um segredo profundo.

É difícil ver como encaixa ao certo Saunière neste cenário, mas parece igualmente que tinha de fazer parte dele. É muito provável que tenha descoberto algo de grande importância, mas é impossível dizer com qualquer grau de certeza do que se tratou. A nossa investigação, contudo, deu-nos várias pistas muito esclarecedoras sobre o tipo de companhias com que se dava e os contactos que deliberadamente procurava. Na verdade, as provas que juntámos de

forma meticulosa relativamente às verdadeiras afiliações de Saunière mudam radicalmente e para sempre a imagem convencional de um humilde sacerdote do campo que tropeçou num tesouro. O que quer que andasse realmente a tramar, a sua importância estende-se muito além dos confins da curiosa aldeia de Rennes-le-Château.

Capítulo Nove

UM CURIOSO TESOURO

Os céticos alegam não existir qualquer mistério em Rennes-le-Château. Para eles, Saunière ganhou o seu dinheiro simplesmente através do tráfico de missas – ou talvez de alguns outros negócios duvidosos – e a história do tesouro foi cinicamente fabricada como uma atração turística. Quanto à ênfase dada à aldeia e ao seu mito nos *Dossiers secrets*, isso, dizem eles, foi simplesmente o Priorado a criar um ar de mistério para si. Além disso, a história tal como a conhecemos remonta apenas a 1956, quando Noël Corbu gravou uma versão com que entreter os hóspedes na Vila Betânia, que convertera em hotel-restaurante.

A investigação demonstra, no entanto, que existe *realmente* um mistério: na verdade, já antes disso a aldeia era nitidamente um foco para os investigadores esotéricos. Em 1950, por exemplo, alguém foi lá especificamente em busca do lendário tesouro cátaro, que julgavam ter sido transportado para lá a partir de Montségur.[1] Talvez isto explique também a de outro modo curiosa presença de oficiais alemães na Vila Betânia, onde estiveram acantonados, durante a Segunda Guerra Mundial. Como muitos sabem hoje em dia, os nazis tinham uma obsessão por artefactos religiosos e ocultos e passaram muitos meses a fazer escavações em Montségur durante a guerra. Há rumores de que andariam à procura do Santo Graal: nos anos 1930, Otto Rahn, o arqueólogo nazi, tinha certamente concentrado nessa zona os seus esforços para o encontrar.

Noël Corbu é um dos principais intervenientes na história de Rennes-le-Château. O seu papel vai muito além do de hoteleiro local e contador de histórias – como é visível pelo seu papel na publicação dos célebres pergaminhos codificados. Como vimos, estes surgiram pela primeira vez num livro de Gérard de Sède publicado em 1967, mas Philippe de Chérisey, colega de Pierre Plantard de Saint-Clair e seu companheiro no Priorado de Sião, confessou posteriormente tê-los inventado.

No seu mais recente livro sobre o caso de Rennes-le-Château, em 1988, Gérard de Sède afirma ter publicado os textos de boa-fé, tendo-lhe estes sido dados por alguém ligado a Rennes-le-Château que alegou serem cópias que Saunière tinha dado ao presidente da aldeia antes de levar os originais para Paris. Mas de Sède tem o cuidado de evitar nomear esse «alguém».[2]

A sua identidade é, porém, *realmente* mencionada na obra de Jean Robin: foi Noël Corbu.[3] Isto é significativo, pois, se de Chérisey falsificou *mesmo* os pergaminhos, então Corbu só podia tê-los obtido através de contactos com o Priorado de Sião.

Quanto mais as circunstâncias em que Corbu veio a ser o proprietário da *domaine* de Saunière são investigadas, mais intrigantes se tornam. A história habitual diz que ele se deparou com a aldeia por acaso durante a Segunda Guerra Mundial, tendo-se tornado amigo da velha Marie Dénardaud e decidido que a vila daria uma boa casa. Mas a verdadeira história parece ser que há já algum tempo estava interessado na história de Saunière e que, no início dos anos 1940, não se poupara a esforços para se tornar amigo de Marie e, assim, descobrir mais.[4]

O mistério adensa-se: por algum motivo, a Igreja sempre estivera muito interessada em deitar as mãos à antiga propriedade de Saunière, mas estava igualmente ansiosa por não ser vista a fazê-lo. Na verdade, tentara várias vezes convencer Marie a vendê-la, mas ela recusou. Através da mediação de um padre, o abade Gau, parece ter convencido Corbu a agir em seu nome, provavelmente com o compromisso de que, quando Marie lhe tivesse vendido a propriedade, ele a entregaria. Algo parece ter corrido mal: talvez Corbu tenha renegado o seu acordo com a Igreja.[5]

Posteriormente, candidatou-se diretamente a uma subvenção do Vaticano, que foi obviamente considerada invulgarmente importante, pois o Vaticano enviou pessoalmente o embaixador papal a Carcassonne para fazer averiguações junto da diocese. E este embaixador não era outro senão o Cardeal Roncalli – posteriormente Papa João XXIII (que, segundo *O Sangue de Cristo*

e o Santo Graal, pode ter sido ele mesmo um homem do Priorado). A diocese deu aparentemente um parecer negativo e recomendou que a subvenção fosse recusada. Mas, estranhamente, o Vaticano concedeu-lha na mesma.

A ligação a Corbu faz nitidamente a diferença no entendimento da história de Rennes-le-Château: o mistério não acabou com a morte de Saunière. E, uma vez que Corbu viveu cerca de sete anos com Marie Dénardaud, parece ter estado em boa posição para descobrir o segredo. O que quer que fosse, não foi ele que o inventou. (Curiosamente, houve quem afirmasse que Corbu, juntamente com Pierre Plantard de Saint-Clair, foi um dos principais impulsionadores da vinda a público do Priorado nos anos 1950, mas estes rumores nunca foram confirmados.[6])

No capítulo anterior, vimos que Saunière era apenas um indivíduo envolvido num mistério mais vasto da região – em acontecimentos que envolviam grandes quantias de dinheiro e que levaram alguns a recorrer ao homicídio.

O mistério envolvia também, sem dúvida, os grupos em Paris com que Saunière estava em contacto. Mas é curioso que muitas das principais figuras dos círculos que rodeavam Emma Calvé fossem – tal como a própria Emma – originárias do Languedoc. Houve quem observasse que não era realmente necessário a Saunière ter ido a Paris para se encontrar com grande parte destas figuras, pois era frequente visitarem Toulouse, o «berço do seu círculo».[7] Mais uma vez, o caminho conduz-nos novamente a pessoas e grupos cujos nomes e filiações são já conhecidos nesta investigação.

Estas ligações são excecionalmente significativas: não só fazem incidir sobre o próprio Saunière uma muito necessária luz, como mostram também que a história de Rennes-le-Château tem realmente lugar nesta investigação. Seguir a pista do sacerdote até à elaborada «árvore genealógica» de grupos ocultos que discutimos anteriormente viria a proporcionar-nos perspetivas e revelações totalmente inesperadas sobre a verdadeira natureza do mais vasto

mistério languedociano, que, tanto quanto sabemos, nunca foi publicado em inglês.

Estranhamente, dado todo o tempo e esforço que foram investidos a tentar desvendar o mistério, algumas das respostas estão mesmo à frente do investigador. Pistas para a filiação específica do próprio Saunière podem ser encontradas no interior da própria igreja de Rennes. Pois, ainda que os céticos tenham sugerido que toda a garrida e peculiar decoração podia ser explicada pelo mau gosto de Saunière ou por uma aberração mental, outros estudos indicaram que existe mais, e não menos, mistério no lugar «terrível».

Suspeitávamos de que a igreja e o seu espaço circundante tinham sido concebidos e dispostos de acordo com um muito específico plano arcano. Os seus principais temas parecem ter sido a inversão, o reflexo e o equilíbrio de opostos: a homóloga da Torre de Magdala, por exemplo, é a estufa no outro extremo da muralha. Enquanto a primeira é feita de pedra maciça e tem 22 degraus até ao cimo do torreão, a segunda é de um material frágil e os seus 22 degraus descem para uma sala mais abaixo. E o traçado do jardim de Saunière e do Calvário no exterior da igreja ajustam-se claramente a um preconcebido – e provavelmente significativo – padrão geométrico.

Estas nossas observações foram confirmadas por Alain Féral,[8] um conhecido artista que vive na aldeia – e que é o protegido do próprio Jean Cocteau. Féral, que vive em Rennes desde o início dos anos 1980, fez as mais detalhadas medições dos planos da igreja e dos edifícios circundantes e chegou à conclusão de que revelam temas recorrentes. (Pode não ter sido, claro, o próprio Saunière o responsável por isto – pode ter sido Henri Boudet, ou o arquiteto que ele chamou para fazer o trabalho, ou até os superiores de seja qual for o grupo com que Saunière possa ter estado envolvido.)

Reforçando a nossa ideia do tema dos reflexos, Féral salienta que o pilar visigodo (que antes suportava o altar) exibe uma cruz esculpida, que Saunière colocou de cabeça para baixo no exterior

da igreja. Cita também a importância do número 22: além dos degraus da torre e da estufa, o número surge também noutros locais da *domaine*. Dois lanços de escadas vão do jardim ao terraço, cada um deles com 11 degraus. As duas inscrições na igreja que mais atenção chamaram – *Terribilis est locus iste* por cima do pórtico e *Par ce signe tu le vaincras* sobre a pia de água benta – são ambas compostas por 22 letras. (A frase em latim, que geralmente é apresentada como *Terribilis est hic locus*, e o estranho *le* na expressão francesa parecem ter sido planeados de modo a dar a cada uma delas 22 letras.) Há um bom motivo para a ênfase no 11 e no 22: estes números são ambos «números mestres» no oculto. São particularmente significativos nos estudos cabalísticos.

Depois, há o padrão curiosamente heterodoxo criado por quatro objetos, dois dentro e dois fora da igreja: o confessionário, que está diretamente voltado para o altar; o altar propriamente dito; a estátua de Notre-Dame de Lourdes (com a sua inscrição de «Penitência! Penitência!»), que está no exterior da igreja sobre o pilar visigodo invertido; e o «Calvário» no pequeno jardim que o próprio Saunière meticulosamente construiu. Estes quatro objetos não só formam um quadrado perfeito como contêm também uma mensagem simbólica. O confessionário e a inscrição de «penitência» referem-se ambos ao *arrependimento* e estão voltados, respetivamente, para o altar e para o Calvário, ambos símbolos da *salvação*. Cada par parece, pois, simbolizar uma viagem, caminho ou iniciação espiritual – do arrependimento ao perdão e depois à salvação.[9] Isto foi tão cuidadosamente planeado que *tem* de ter contido alguma mensagem. Estaria Saunière a tentar dizer que o perdão e a salvação também podem ser encontrados fora da Igreja? E haverá algo mais a ser aqui insinuado, algo ligado às figuras que representam o *arrependimento e a penitência* – João Batista e Maria Madalena?

A frase «Penitência! Penitência!» foi o que alegadamente foi dito pela Virgem Maria durante as aparições em La Salette. Das duas jovens visionárias, uma era uma pastora chamada Melanie Calvet,

que era parente de Emma Calvé. (Emma alterou a forma de escrever o seu apelido quando se tornou cantora de ópera.) Durante algum tempo, a visão de La Salette ameaçou rivalizar com a de Lourdes, mas a Igreja Católica decidiu que se tratava apenas de um embuste. A visão de La Salette foi, ainda assim, defendida pelo movimento joanita de Naündorff/Vintras (ver Capítulo Sete). Saunière também escreveu aprovadoramente sobre as visões de La Salette.[10]

Como vimos, as célebres decorações na igreja propriamente dita parecem sinais improváveis para a localização de um grande tesouro. Se Saunière tivesse encontrado algo que o deixara rico, dificilmente decoraria a sua igreja com indicações codificadas para o local onde esse tesouro costumava estar. É mais provável que as decorações tentem *ocultar* algo, ou pelo menos fazer uma afirmação que só seria óbvia para outro iniciado. A melhor analogia – e, dadas as circunstâncias, provavelmente a mais adequada – é com a sala de uma loja maçónica. Para um não iniciado, os vários símbolos utilizados num tal templo – os compassos, os esquadros e outras insígnias – não podem simplesmente ser «descodificados» para traçar um retrato coerente daquilo a que os Maçons realmente se dedicam. É preciso conhecer a filosofia subjacente, a história e os segredos que simbolizam para entender o que fazem ali.

Muitos foram os que distinguiram os símbolos de várias sociedades ocultas e secretas – os Rosacrucianistas, os Cavaleiros Templários e os Maçons – na decoração da igreja. As rosas e cruzes do tímpano referem-se claramente aos Rosacrucianistas. Uma das mais frequentemente citadas anomalias na Via Sacra é a da Oitava Estação, em que Jesus (carregando sem esforço a sua cruz) se encontra com uma mulher que enverga o que parece ser um véu de viúva e envolve com o braço um rapazinho embrulhado no que parece ser algum tipo de tartã. Isto é entendido como uma referência aos Maçons, que se autointitulam de «Filhos da Viúva». (E talvez haja um significado no facto de a Oitava Casa da astrologia reger os mistérios do sexo, da morte, do renascimento e

do oculto.) O chão em xadrez preto e branco e o teto azul da igreja, com as suas estrelas douradas por cima do altar, lembram as decorações habituais de uma loja maçónica.

Na nossa opinião, um dos elementos mais importantes em toda a igreja é o primeiro que o visitante vê ao entrar. O demónio à porta sempre foi chamado de «Asmodeu», aquele que tradicionalmente guarda os tesouros enterrados – embora nada exista que associe explicitamente esta estátua ao demónio com esse nome. Mas discutimos isto com Robert Howells, que, enquanto gerente de uma das mais famosas livrarias ocultas de Londres, tem um conhecimento extraordinariamente extenso do simbolismo esotérico, e cujas próprias investigações ao mistério de Rennes-le-Château são eruditas, sensatas e abrangentes. Salientou-nos que existe uma antiga lenda judaica sobre a construção do Templo de Salomão em que o rei impediu vários demónios de interferirem na obra de várias formas diferentes – um deles, Asmodeu, foi «amarrado» e obrigado a carregar água, o único elemento que podia ser utilizado para o controlar.[11] Significativamente, essas lendas foram incorporadas na tradição maçónica, e não é certamente uma coincidência encontrar na igreja de Saunière este quadro em que Asmodeu é controlado ao carregar água – sob as palavras «Por este sinal o vencerás». E as decorações da pia de água benta – anjos, salamandras, pia de água e demónio – representam os quatro elementos clássicos de ar, fogo, água e terra que são essenciais a qualquer obra oculta.

Se a ligação a Asmodeu estiver correta, então é muito curioso, pois o quadro do demónio e o do batismo de Jesus destinam-se, tal como vimos, a serem interpretados em conjunto. Uma vez que o demónio está a ser domado pela água, estará o mesmo a ocorrer quando João verte água sobre Jesus? Depois, há a peculiar inversão da habitual ordem das duas letras gregas *alfa* e *ómega*, o primeiro e o último, que são associados a Jesus. Seria de esperar que o alfa surgisse debaixo de João – o alegado precursor – e o ómega debaixo de Jesus, o apogeu. Mas o que se verifica aqui é o contrário.

A prevalência de imagens sugestivas do Templo de Salomão tanto no interior como no exterior da igreja pode referir-se aos Maçons ou aos Cavaleiros Templários. O facto de as letras anómalas na expressão erroneamente citada *Par ce signe tu le vaincras*, que se encontra entre os quatro anjos e o demónio, serem a décima terceira e décima quarta letras (o «*le*» é totalmente supérfluo e altera o sentido da frase) é visto por alguns como evocativo do ano 1314, em que Jacques de Molay, líder dos Templários, foi queimado vivo.

Todo este simbolismo foi meticulosamente estudado por dezenas de investigadores competentes ao longo dos anos e o resultado foram quase outras tantas interpretações diferentes. Mas as respostas podem ser muito simples e talvez dececionantemente óbvias. Na verdade, o simbolismo da igreja de Rennes-le-Château nunca foi um mistério para os versados na tradição maçónica. É simplesmente a indicação da filiação particular de Saunière, que era *maçónica*. Isto é confirmado pela sua escolha de escultor para a Via Sacra e para as outras estátuas – um tal Giscard, que vivia em Toulouse e cuja casa e estúdio bizarramente decorados podem ainda ser vistos na Avenue de la Colonne dessa cidade. Giscard era um conhecido maçon, ainda que se tenha admitidamente especializado em decorações de igrejas, e é possível encontrar outros exemplos da sua obra por todo o Languedoc. Curiosamente, na igreja de João Batista em Couiza, que fica no sopé da colina abaixo de Rennes, é possível encontrar uma Via Sacra idêntica fornecida por Giscard – mas esta é uma versão monocromática e as tão visíveis anomalias da igreja de Saunière estão ausentes. É quase como se as duas igrejas, que ficam a apenas um par de quilómetros uma da outra, se destinassem a ser comparadas, de modo a realçar as singularidades da versão de Saunière.

Jean Robin, no seu livro sobre Rennes-le-Château, afirma que a filiação maçónica de Saunière é confirmada por registos nos arquivos da diocese.[12] Como vimos, no entanto, a Maçonaria é composta por várias tradições separadas. A qual delas pertencia

Saunière? Também aqui os versados investigadores franceses estão de acordo: a sua ligação era ao Rito Escocês Retificado, o ramo da Maçonaria «oculta» que alega descender especificamente dos Cavaleiros Templários.

Antoine Captier, neto do sineiro de Saunière, que age como um foco para a investigação a Rennes-le-Château e ao caso Saunière, disse-nos o seguinte: «Sabemos que pertenceu a uma loja maçónica. Foi enviado a um local onde havia algo [de significativo]. Encontrou certas coisas. Mas, mais uma vez, não estava só. Não trabalhava sozinho.»[13] Numa fase posterior da nossa conversa, foi mais preciso: as ligações de Saunière eram ao Rito Escocês Retificado; acrescentou, porém, que «Não é segredo.» Foi também esta a conclusão a que Gérard de Sède chegou, ele que dedicou 30 anos à investigação do caso. Na verdade, de Sède acredita que algum do simbolismo na Nona Estação da Via Sacra evoca diretamente o grau de *Chevalier Bienfaisaint de la Cité Sainte* – o eufemismo para «templário».[14]

Existe outro indicador da possível filiação de Saunière. A sua escolha de estátuas de santos para a igreja, exceção feita às Madalenas, tem sido amplamente debatida pelos investigadores: temos Santa Germana, São Roque, Santo António de Pádua, Santo Antão (o Eremita) e, por cima do púlpito, São Lucas. Alain Féral salientou que, se unirmos estas estátuas com uma forma em «M» a partir do chão da igreja, as suas iniciais formam a palavra *graal*.[15]

Com os símbolos rosacruzes no tímpano e a prevalência de imagens do Templo de Salomão, isto aponta na direção da Ordem da Rosa Cruz, do Templo e do Graal – uma ordem fundada em Toulouse por volta de 1850 e posteriormente chefiada por nada menos que Joséphin Péladan, o padrinho dos grupos ocultos eróticos da época.

***

No começo da nossa investigação, pensávamos que a tendência de muitos outros investigadores para acreditar que todos os caminhos vão dar a Rennes-le-Château estava errada. Mas, de

certa forma, têm razão, ainda que essencialmente pelos motivos errados. Foi certamente espantoso desvendar a intrincada rede de grupos secretos e maçónicos que discutimos anteriormente e seguir-lhes o rasto até Saunière e à sua aldeia. Não é uma coincidência: fazia parte de um elaborado e meticuloso plano que fora estabelecido antes do seu nascimento e que continua até hoje.

Vimos que Saunière mostrou grande interesse pelo túmulo de Marie de Nègre d'Ables, senhora de Hautpoul de Blanchefort, que fora erigido por Antoine Bigou, pároco de Rennes-le-Château, em 1791. Era a última da linhagem direta que detivera o título de Rennes-le-Château, ainda que outros ramos da família tenham continuado. Marie de Nègre d'Ables casara com o último marquês de Blanchefort em 1732, vindo o nome do «castelo» vizinho (embora pareça ter sido apenas algum tipo de torre) de Blanchefort, cujas ruínas são ainda visíveis. A própria família de Marie tinha, porém, algumas ligações muito interessantes. Já discutimos o influente Rito de Mênfis, que posteriormente se fundiu com o de Misraïm. Este foi fundado em 1838 por Jacques-Étienne Marconis de Nègre, que era efetivamente da mesma família de Marie da história de Rennes-le-Château.[16] E foi um dos Hautpoul – Jean-Marie-Alexandré – que foi fundamental para a criação, no Rito Escocês Retificado, do grau de *Chevalier Bienfaisant de la Cité Sainte*, o eufemismo para *Templário*, em 1778.[17] Membros da mesma família ocuparam lugares de destaque na loja maçónica La Sagesse, da qual nasceu a Ordem da Rosa Cruz, do Templo e do Graal.[18] O sobrinho e herdeiro de Marie de Nègre, Armand d'Hautpoul, tinha certamente ligações a indivíduos ligados ao Priorado, incluindo Charles Nodier, que foi Grão-Mestre entre 1801 e 1844.[19] Armand d'Hautpoul foi também tutor do Conde de Chambord, cuja viúva foi tão generosa com Saunière.[20]

O Rito de Mênfis de Marconis de Nègre estava intimamente ligado à sociedade conhecida como os Filadelfos, que foi criada em Narbona, em 1780, pelo Marquês de Chefdebien – um maçon do Rito Escocês Retificado.[21] Trata-se de mais uma das sociedades

maçónicas templaristas influenciadas pelas ideias do Barão von Hund: Chefdebien tinha estado presente no famoso Convénio de Wilhelmsbad em 1782, que tentara resolver de uma vez por todas a questão das origens templárias dos Maçons, tendo falado pelo partido de von Hund. Os Filadelfos, tal como o Rito de Mênfis, dedicavam-se sobretudo à aquisição de conhecimento oculto – ambos tinham graus exclusivamente dedicados a esta tarefa. Os Filadelfos aspiravam além disso a tentar desenredar a complexa história da Maçonaria, com a sua proliferação de hierarquias, graus e rituais concorrentes, numa tentativa de descobrir o seu propósito original e os seus segredos. Tornaram-se um repositório de informação sobre a Maçonaria e sociedades similares, que ou lhes era dada de boa fé ou obtida em resultado de infiltrações. É, pois, significativo que o irmão de Saunière, Alfred (também sacerdote) tenha sido tutor da família Chefdebien – e que tenha sido despedido por roubar parte dos seus arquivos.[22]

Alfred Saunière é, sem dúvida, uma figura crucial nos estranhos acontecimentos em que o seu irmão mais velho – e mais famoso – estava envolvido, e valeria a pena investigá-lo mais a fundo. Mas é difícil encontrar muito sobre ele, embora seja sabido que era amante da ocultista Marquesa du Bourg de Bozas, uma das visitantes que haviam sido recebidas na Vila Betânia. Alfred morreu alcoólico em 1905, após ter sido excomungado.

Após a morte de Alfred, Saunière, numa carta ao seu bispo, referiu-se a um sentimento local de que «era esperado que expiasse os erros do meu irmão, o abade, que morreu cedo demais».[23]

Assim que soubemos das ligações de Saunière à Maçonaria do Rito Escocês, grande parte da imagem global começou a tornar-se mais clara. E, longe de ser uma obsessão pessoal, a reverência especial de Saunière pela Madalena emergiu realmente como parte da Grande Heresia Europeia. A chave para as suas ligações estava nas pessoas que conhecia.

Na verdade, é possível ir mais longe e ligar Saunière a Pierre Plantard de Saint-Clair através de um único homem: Georges

Monti.[24] Também conhecido pelos pseudónimos de conde Israël Monti e Marcus Vella, é uma das mais implacáveis e poderosas figuras das sociedades secretas do século XX – ainda que não seja de todo a mais conhecida. Ao jeito tradicional destes *magos*, preferia exercer a sua influência a partir das sombras em vez de procurar publicidade ao estilo do seu colega Aleister Crowley. Ao longo de toda a sua vida, subiu na hierarquia de muitas sociedades secretas, maçónicas e mágicas, muitas vezes a fim de as infiltrar em nome de outros. Foi também agente duplo para as agências de informação francesas e alemãs; tal como no caso de John Dee, e possivelmente também no de Leonardo, os dois mundos da espionagem e do oculto andam frequentemente de mãos dadas. Teve uma vida tão complexa que é impossível determinar a quem pertencia a sua verdadeira fidelidade. Provavelmente a si mesmo e ao seu amor pela intriga e pelo poder pessoal.

Fossem quais fossem os verdadeiros motivos de Monti, foi incrivelmente bem-sucedido na sua vida secreta, ocupando frequentemente altos cargos em sociedades que eram mutuamente hostis, sem que uma tivesse conhecimento das outras ou com cada uma delas a acreditar que ele estava a infiltrar-se nos outros grupos em seu nome. Ainda que alguns dos grupos, por exemplo, fossem vincadamente antissemitas, tal como o próprio Monti, conseguiu também ocupar altos cargos na B'nai B'rith, uma sociedade judaica semimaçónica fundada nos Estados Unidos – chegando mesmo a converter-se ao judaísmo para o fazer.

Monti nasceu em Toulouse em 1880, abandonado pelos seus pais italianos e criado pelos Jesuítas. Desde muito cedo que se interessou pelo mundo sombrio das sociedades ocultas e secretas. Viajou por grande parte da Europa, passando períodos no Egito e na Argélia. Entre as muitas sociedades a que se juntou, esteve a Santa Vehm, uma organização alemã especializada em assassínios políticos. Disse-se também ter «tido as chaves» da Maçonaria italiana. Entre os seus muitos conhecidos, estava Aleister Crowley – na verdade, foi descrito como o seu «representante em França»,[25] e

foi membro da OTO durante o período em que esse exuberante inglês foi Grão-Mestre. Não é de admirar que a dúbia vida de Monti tenha acabado por o apanhar, e foi envenenado em Paris em outubro de 1936.

Entra nesta investigação porque o seu primeiro papel no mundo do oculto parisiense foi como secretário de Joséphin Péladan, sendo portanto íntimo do círculo de Emma Calvé. Como vimos, era sabido que Saunière tinha ligações a Péladan e ao seu grupo, e que conhecia Emma Calvé, pelo que se deve ter encontrado com Monti. Além disso, este era do Languedoc e vivia frequentemente em Toulouse ou noutra parte do Midi.

Em 1934, Monti fundou a Ordem Alpha-Galates, da qual Pierre Plantard de Saint-Clair se tornou Grão-Mestre em 1942, com a tenra – mas talvez significativa – idade de 22 anos. E, ainda que Plantard tivesse apenas 16 anos quando Monti morreu, chegou a conhecê-lo: a ex-mulher de Plantard de Saint-Clair, Anne Léa Hisler, escreveu inequivocamente num artigo de 1960 que ele «conheceu bem o conde Georges Monti».[26] Monti pode até ter sido o seu mestre e mentor oculto.

Parece, pois, que havia uma clara ligação entre Saunière e Plantard de Saint-Clair na forma de Georges Monti, representando talvez uma continuidade de uma certa tradição secreta.

O que podemos então retirar da história de Saunière? Não é tarefa fácil passar por cima de todas as ofuscações, mitos e camadas de suposições, mas parece realmente que o sacerdote andava *à procura de algo*, e não estava a trabalhar sozinho. Os indícios apontam para a existência de um financiador secreto, possivelmente ligado às influentes sociedades secretas de Paris e do Languedoc. Não só é a explicação mais lógica, como é também a que foi dada pelo próprio Saunière. Quando o sucessor de Billard como bispo de Carcassonne exigiu que Saunière explicasse o seu estilo de vida extravagante, o sacerdote respondeu espirituosamente assim:

> Não sou obrigado… a divulgar os nomes dos meus financiadores… Expô-los sem autorização seria correr o risco de trazer discórdia a certas famílias ou casas… cujos membros deram sem o conhecimento dos seus cônjuges, filhos ou herdeiros.[27]

Posteriormente, contudo, disse que daria ao bispo os nomes dos seus financiadores – mas só no segredo do confessionário. A formulação de uma carta de apoio escrita a Saunière em 1910 por um amigo chegado utiliza linguagem mais sugestiva:

> Recebeste o dinheiro. Não compete a ninguém penetrar no segredo que guardas… Se alguém te deu o dinheiro sob natural secretismo, és obrigado a mantê-lo, e nada te pode libertar deste segredo…[28]

O irmão de Saunière, Alfred, estava também aparentemente a par do segredo. Em resposta às perguntas das autoridades sobre a sua extravagância, Saunière respondeu assim:

> Enquanto pregador, o meu irmão tinha múltiplos contactos. Serviu de intermediário para estas almas generosas.[29]

Mas ainda que Rennes-le-Château possa ter sido o ponto de partida para a misteriosa demanda de Saunière – que parece ter sido realizada em nome desses financiadores fugidios –, o objeto da busca pode ter estado noutro local.

Muitos investigadores acharam pistas intrigantes sobre os verdadeiros interesses e motivações de Saunière espalhadas pela sua *domaine*. Durante uma das nossas viagens à região em 1995, levámos connosco Lucien Morgan, apresentador de televisão e especialista tântrico, que ficou espantado ao descobrir que a Torre de Magdala e as muralhas tinham sido construídas de acordo com os antigos princípios de um certo tipo de rito sexual. Lucien acredita que Saunière e o seu círculo secreto praticavam ritos sexuais ocultos destinados a facilitar a clarividência, a pô-los em contacto com os deuses – alcançando efetivamente a Grande Obra dos antigos alquimistas – e a obter poder e influência materiais. Outros

reconheceram indícios de magia sexual: os autores britânicos Lionel e Patricia Fanthorpe citam a especialista no oculto Bremna Agostini, que diz que Saunière realizava um ritual de magia sexual conhecido como «Invocação de Vénus», em que Marie Dénardaud e Emma Calvé participavam.[30]

No que a esta investigação diz respeito, o aspeto realmente significativo em todas as construções de Saunière em Rennes-le-Château é a sua ênfase em Maria Madalena. É verdade que a igreja da aldeia tinha sido consagrada a ela muito antes de ele ter nascido, mas nem isso foi mera coincidência, pois fora a capela da família reinante no local – a de Marie de Nègre. E dada a sua íntima ligação ao Rito Escocês Retificado, a consagração parece ser significativa. Saunière batizou também em honra dela a torre da sua biblioteca e deu à sua casa o nome daquela em que, segundo uma interpretação dos acontecimentos do Novo Testamento, ela tinha vivido com o seu irmão Lázaro e com a sua irmã Marta. E, de todas as decorações da igreja, foi o baixo-relevo na frente do altar, retratando a Madalena, que ele escolheu pintar pessoalmente.

Descobrimos que mandou também fazer uma pequena estátua da Madalena em bronze, que colocou à entrada da gruta junto à igreja. Tinha menos de um metro de altura e pesava cerca de 85 quilos, sendo a imagem refletida, mas de resto idêntica, do baixo-relevo. Esta estátua desapareceu há muito, mas André Galaup, um jornalista reformado de Limoux, tem fotografias dela.[31]

A legenda «*Terribilis est locus iste*» destaca-se sobre a porta da igreja. Tal como Keith Prince nos salientou, a frase vem de Génesis 29:17, que nos conta como Jacob sonha com uma escada onde anjos sobem e descem. Ao acordar, profere estas palavras. Dá então ao lugar o nome de Betel, que significa Casa de Deus. Mas no Antigo Testamento, Betel torna-se um centro de poder antagónico ao de Jerusalém – dando ao conceito de Betel a conotação de alternativa ou rival do centro religioso «oficial». Em França, porém, a implicação é mais óbvia: um dicionário francês define efetivamente «Betel» como «*templo de uma seita dissidente*».[32] Poderia ser isto o

que Saunière estava a tentar comunicar? Curiosamente, os *Dossiers secrets* alegam que, nos seus últimos anos, Saunière planeava criar «uma nova religião» e montar uma cruzada por toda a região. As últimas construções planeadas para a sua *domaine* – a torre alta e a pia batismal exterior – faziam parte desta ambição.[33]

Decidimos concentrar-nos no que Saunière encontrara ao chegar a Rennes-le-Château e no que poderia tê-lo inspirado na sua busca. Pondo de parte a manobra de diversão dos pergaminhos, impressionou-nos a aparente contradição no comportamento de Saunière. Muitas pessoas julgam que estava a tentar deixar pistas na decoração da sua igreja, mas é também sabido que *destruiu* meticulosamente certas coisas que aí encontrou – nomeadamente as inscrições nas duas pedras que assinalavam o túmulo de Marie de Nègre. Também as retirou do túmulo, o que sugere que queria encobrir a sua localização exata.

Como vimos, estas pedras – uma lápide e uma laje horizontal – foram colocadas no túmulo de Marie de Nègre pelo abade Antoine Bigou cerca de 100 anos antes da chegada de Saunière. Mas havia já uma singularidade envolvida: Bigou colocou as pedras em 1791 – 10 anos após a morte da mulher supostamente no túmulo –, na mesma altura em que mandou colocar a «Pedra do Cavaleiro» virada ao contrário na igreja. (O levantar desta pedra parece ter sido um passo importante na busca de Saunière.) Existe ainda um outro indicador de que Saunière estava, de algum modo, a seguir os passos de Bigou: antes de se tornar pároco de Rennes, Bigou servira a pequena aldeia montanhosa de Le Clat, a cerca de 20 quilómetros dali. Também Saunière fora sacerdote em Le Clat imediatamente antes de ir para Rennes-le-Château. Poderia Saunière ter andado à procura de algo relacionado com Bigou e, consequentemente, com as famílias d'Hautpoul ou de Nègre?

Os trabalhos de Bigou no túmulo podem ter sido desencadeados pelos acontecimentos que ocorreram em França entre a morte de Marie e 1791 – o início do terror da Revolução Francesa. Os revolucionários eram hostis à Igreja Católica, e muitas relíquias,

ícones e decorações foram destruídos ou saqueados durante esse período. Curiosamente, logo após o seu trabalho em Rennes-le-Château, Bigou, que se opunha à república, passou a fronteira para Espanha, onde morreu em 1793.

Houve outra singularidade na inumação de Marie de Nègre. Os senhores de Rennes, a família d'Hautpoul, eram geralmente colocados no mausoléu da família, que se diz ficar por baixo da igreja. Porque haveria então o funeral de Marie de se afastar deste costume? Sabemos que a cripta existia, uma vez que é referida num registo paroquial que vai de 1694 a 1726 e que está em exposição no museu. De acordo com este registo, a entrada para a cripta fica no interior da igreja. Mas essa entrada está atualmente perdida, embora pareça certo que Saunière a encontrou; talvez os documentos que descobriu lhe tenham dito onde procurar.

A versão da história de Saunière registada pelos irmãos Antoine e Marcel Captier e baseada nas memórias da sua família[34] é a de que o sacerdote descobriu a entrada para a cripta por baixo da Pedra do Cavaleiro, tendo efetivamente descido até lá. Mas escondeu novamente a entrada sob o novo chão da igreja, não querendo provavelmente que o seu paradeiro fosse conhecido. Antoine Bigou deve ter tido a mesma preocupação, pois fora ele quem colocara a Pedra do Cavaleiro ao contrário em 1791, cobrindo a entrada. Porque haveriam os dois sacerdotes, com um século a separá-los, de se preocupar tanto com que mais ninguém entrasse na cripta dos senhores de Rennes-le-Château?

Há uma resposta simples. Se Saunière tivesse descido ao mausoléu e encontrado o túmulo de Marie de Nègre onde deveria ter estado em primeiro lugar, teria percebido imediatamente que algo de muito estranho se passava: *a mulher tinha dois túmulos*. Mas o segundo, o do cemitério, foi lá colocado por Bigou 10 anos após a sua morte. Obviamente, Marie não estava sepultada no cemitério – mas, nesse caso, quem ou que estava?

Uma hipótese razoável é que Bigou, provavelmente devido aos tumultos da Revolução de 1789 que o ameaçavam pessoalmente,

tivesse escondido algo no cemitério de Rennes-le-Château antes de fugir para Espanha. Mas o que poderia ter sido? Outro corpo, um objeto ou algum tipo de documentação? Talvez fosse algo demasiado difícil de levar consigo para Espanha, ou talvez fosse algo que *pertencia* realmente a Rennes-le-Château. Podemos nunca vir a saber, mas aparentemente Saunière sabia, pois abriu o túmulo para o procurar. E estava decidido a que a mensagem nas duas lápides se perdesse – ou pelo menos a da laje horizontal, onde obliterou a inscrição. Poderia a mensagem transmitir alguma pista quanto ao que o túmulo realmente continha?

A inscrição que estava na lápide do túmulo de Marie de Nègre contém muitos erros, que não podem ter resultado apenas de um trabalho desleixado.[35] Há palavras mal escritas, letras em falta, espaços omitidos ou adicionados onde não são necessários. Das 25 palavras na inscrição, pelo menos 11 têm erros. Alguns parecem bastante inócuos, mas um em particular era tão mau que teria causado grave ofensa à família. As derradeiras palavras deviam formar o convencional REQUIESCAT IN PACE – «descansa em paz» –, mas surgem como REQUIES CATIN PACE. A palavra francesa *catin* é um palavrão que significa «prostituta». Isto é reforçado por um erro no apelido do marido: d'Hautpoul surge como DHAUPOUL. Pode não alterar significativamente o sentido, mas é eficaz a chamar a atenção para a palavra. E *poule* (galinha) é outro termo para prostituta; na verdade, *hautpoul* poderia significar «prostituta-mor»…[36]

De igual modo, o nome na lápide relaciona-se com temas importantes para esta investigação. É até tentador pensar que Marie de Nègre teria existido apenas como um nome, um código para algo bastante espantoso. Pois Blanchefort, embora seja certamente o nome de um marco local, significa «torre branca» ou «*branco forte*» – um termo alquímico. E «Marie de Nègre» evoca as Virgens Negras e a sua associação a Maria Madalena, que é reforçada pela referência de *hautpoul* à «alta prostituição», a sabedoria da meretriz. Mais uma vez, vemos aparentes ligações sugestivas da sexualidade

sagrada, e talvez – no contexto dos rumores de um «tesouro» – dos aspetos sexuais da Grande Obra alquímica. E ainda mais significativamente, talvez, há outro erro na lápide: D'ABLES é transformado em D'ARLES. Se isto for, como suspeitamos, uma referência à cidade de Arles, na Provença, pode evocar o facto de ser um antigo centro do culto a Ísis. Seja como for, Arles fica muito perto de Saintes-Maries-de-la-Mer.

O traçado da segunda pedra no túmulo de Marie de Nègre, a laje horizontal, é mais controverso, uma vez que existem algumas discrepâncias nas várias versões publicadas.[37] Na maioria das versões, contém duas inscrições principais: a frase – em latim, mas curiosamente inscrita em carateres gregos – *Et in Arcadia ego* e as quatro palavras em latim *Reddis Regis Cellis Arcis* a atravessar a pedra. Não é claro o significado da última, e tem sido alvo de muitas interpretações diferentes, mas parece referir-se a um mausoléu ou túmulo real, talvez ligado a Rhedae e/ou à aldeia de Arques. (A palavra *Arcis* tem muitos significados possíveis, desde palavras ligadas ao inglês *arc* a palavras que significam «fechado» ou «interior», ou pode ser simplesmente uma alusão a Arques, no seu antigo nome de Archis ou numa interpretação fonética do nome moderno.)

O lema *Et in Arcadia ego* encontra-se também no túmulo do quadro *Os Pastores da Arcádia*, de Nicolas Poussin (1593-1665), que tão notavelmente se assemelhava a um que parece sempre ter-se erguido – de uma ou de outra forma – junto à estrada que vai de Rennes-le-Château e Couiza a Arques. (A mais recente versão foi demolida com dinamites em 1988 porque o agricultor em cujas terras se encontrava deixara de estar disposto a tolerar centenas de turistas a invadir a sua propriedade. Infelizmente, esta medida drástica foi em vão: agora, os turistas vão tirar fotografias ao local onde o túmulo *costumava* estar.)

Diz-se que Saunière trouxe da sua viagem a Paris cópias de certos quadros, um dos quais foi *Os Pastores da Arcádia*, de Poussin.[38] Este quadro, datado de cerca de 1640, mostra um grupo

de três pastores a examinar um túmulo, vigiados por uma mulher que é geralmente tida como sendo uma pastora. O túmulo exibe a inscrição em latim *Et in Arcadia ego*, uma frase estranhamente agramatical que tem sido interpretada de várias formas, mas que é geralmente entendida como representando um *memento mori*, uma meditação sobre a mortalidade: até nas paradisíacas terras da Arcádia a morte está presente. O lema tem uma estreita ligação à história do Priorado de Sião e surge no brasão de Pierre Plantard de Saint-Clair. Diz-se também, como vimos, que foi incorporado na decoração da laje horizontal do túmulo de Marie de Nègre. O tema do quadro não foi inventado por Poussin, sendo o primeiro exemplo conhecido da autoria de Giovanni Francesco Guercino, cerca de 20 anos antes. Julga-se, contudo, que o homem que encomendou a versão de Poussin, o Cardeal Rospigliosi, terá também sugerido o tema a Guercino. E a primeira aparição conhecida da frase *Et in Arcadia ego* na arte está numa gravura alemã do século XVI, intitulada *O Rei da Nova Sião destronado após ter inaugurado a Idade do Ouro…*[39]

Enquanto estamos a discutir Poussin, é interessante referir uma carta que o abade Louis Fouquet escreveu de Roma ao seu irmão Nicolas, Superintendente das Finanças de Luís XIV, em abril de 1656:

> [Poussin] e eu planeámos certas coisas de que vos falarei ao pormenor muito em breve, [e] que vos darão, através do senhor Poussin, vantagens que os reis teriam grandes dificuldades em lhe extrair, e que, depois dele, talvez ninguém nos séculos vindouros venha alguma vez a recuperar; e mais, isto sem grandes despesas, mas podendo, ainda assim, dar lucro, e estas coisas são tão difíceis de encontrar que nada neste mundo poderia agora ter melhor, nem talvez igual, fortuna.[40]

Significativamente, foi Charles Fouquet, irmão de Louis e de Nicolas, quem, como bispo de Narbona, assumiu posteriormente o

controlo exclusivo de Notre-Dame de Marceille por um período de 14 anos.[41]

A razão por que o quadro de Poussin é interessante para os investigadores de Rennes é que a paisagem tal como é vista no quadro parece ser muito similar à da área que rodeia o local do túmulo de Arques, sendo a própria Rennes-le-Château visível ao longe. Mas, ainda que a paisagem seja similar, não é idêntica, e isto foi visto por alguns como prova de que a semelhança é fruto do acaso. Na nossa opinião, contudo, o retrato que Poussin traça do campo é suficientemente parecido com o original para admitir a possibilidade de estar a tentar traduzir a área em torno de Rennes.

O mistério adensa-se, no entanto: é sabido que o túmulo de Arques data apenas dos primeiros anos do século xx. Foi construído em 1903 pelo proprietário de uma fábrica local, Jean Galibert, e subsequentemente vendido a um americano chamado Lawrence. Existem, porém, rumores de que este túmulo se limitou a substituir uma versão mais antiga que ficava no mesmo local, que tinha por sua vez substituído o anterior. O nosso amigo John Stephenson, que viveu muitos anos nesta região, confirmou que os locais dizem que «sempre houve um túmulo naquele sítio». É, pois, possível que Poussin tivesse realmente pintado apenas o que ali vira. John Stephenson disse-nos também que a ligação ao quadro de Poussin era conhecida na região há muito tempo, o que certamente contraria a ideia dos céticos de que foi uma invenção dos anos 1950 ou 1960. O lugar sempre foi visto como significativo.

Houve também quem alegasse que o lema da *Arcádia* só foi adotado por Plantard de Saint-Clair e pelo Priorado de Sião no século xx, tal como a sua alegada ligação ao quadro de Poussin e ao túmulo de Marie de Nègre. Mas a frase estava já ligada à região muito antes do tempo de Saunière. Em 1832, um tal Auguste de Labouïse-Rochefort escreveu um livro intitulado *Voyage à Rennes-les-Bains*, que incluía referências a um tesouro escondido ligado a Rennes-le-Château e a Blanchefort. Labouïse-Rochefort escreveu

outro livro, *Les Amants, à Éléonore* (*Os Amantes, a Éléonore*, em tradução livre), que incluía a frase no frontispício.

O túmulo é localmente conhecido como «túmulo de Arques», o que, apesar de mais preciso do que a expressão «túmulo de Poussin», continua a não ser exatamente verdade, pois a aldeia de Arques fica 3 quilómetros a leste pela estrada principal. Ainda que o túmulo fique muito mais perto da aldeia de Serres, a palavra *Arques* é demasiado semelhante a *Arcádia* para não ser explorada.

Segundo Deloux e Brétigny, no seu *Rennes-le-Château: capitale secrète de l'histoire de France*, a laje no túmulo de Marie de Nègre foi na verdade trazida para o túmulo pelo abade Bigou de uma versão mais antiga do túmulo de Arques.[42] A ser verdade, surge uma intrigante possibilidade. Poderia Poussin ter simplesmente pintado algo que vira realmente – um túmulo com as palavras *Et in Arcadia ego*?

John Stephenson contou-nos uma impressionante lenda local relativa ao túmulo de Arques: que ou era a sepultura de Maria Madalena ou funcionava como marco ou algum tipo de indicador dela – a inscrição na laje de Marie de Nègre tinha efetivamente uma seta a atravessar o centro. Mas, provocadoramente, a laje de pedra foi movida, pelo que já não sabemos em que direção apontava originalmente a seta.

As evidências sugerem que Saunière acreditava que o corpo de Maria Madalena se encontrava algures; ou nas efetivas proximidades de Rennes-le-Château, ou a aldeia fornecia algum tipo de pista para o seu paradeiro. O que estava escondido no segundo túmulo de Marie de Nègre? Referir-se-ia realmente à Madalena a inscrição codificada que aparentemente aludia a uma «prostituta-mor»? (Talvez o termo pudesse ser lido como «Suma Sacerdotisa», ligando assim o conceito de sexualidade sagrada a práticas ocultas antigas, e não modernas.)

Saunière parecia certamente andar à procura de algo especial e potente, algo precioso que estava associado à sua amada Maria Madalena – e o que podia ser mais precioso do que os seus

verdadeiros ossos? Claro que isto pode ter sido uma obsessão pessoal da sua parte, e pode ter imaginado simplesmente que as relíquias se encontravam ali. Por outro lado, como vimos, Saunière estava a trabalhar para, e provavelmente a ser financiado por, uma organização mais vasta e obscura. Estariam igualmente iludidos? Talvez não. As evidências sugerem que o sacerdote estava a agir com base em informações privadas sobre um objeto real.

À medida que a nossa investigação prosseguia, fomos ficando cada vez mais convencidos desta hipótese da Madalena, mas não tardámos a descobrir que – pelo menos entre os investigadores britânicos do tema – estávamos sós. Foi, pois, encorajador descobrir que os investigadores franceses estavam a seguir as mesmas linhas. Para eles, tal como para nós, não era inconcebível que Saunière e os seus misteriosos apoiantes procurassem *a própria Maria Madalena*.

Durante uma das nossas viagens à região, na primavera de 1995, Nicole Dawe teve a bondade de combinar um jantar para podermos conhecer Antoine e Claire Captier, juntamente com Charles Bywaters. Antoine, neto do sineiro que encontrara o cilindro de madeira contendo os documentos que entregou a Saunière, viveu a vida inteira com o mistério, tal como Claire, que é filha de Noël Corbu.

Antoine foi franco: não tinha interesse em provocar ainda mais mistérios. «Não vos vou dizer o que não sei» foi a sua maneira de abrir a discussão.[43] Disse que achava improvável que lhe fôssemos perguntar algo de novo, mas ficou surpreendido quando o questionámos sobre a possível ligação de Saunière ao culto da Madalena – pois era um ângulo que até há pouco tempo fora ignorado, mas o nosso interesse por ele era estranhamente concomitante com o de certos investigadores franceses.

Antoine disse-nos que Saunière tinha *realmente* investigado a lenda da Madalena, tendo, por exemplo, visitado Aix-en-Provence e a área circundante. Isto começava a ser noticiado num jornal chamado *Cep d'Or de Pyla*, produzido por André Douzet – o homem

que encontrou a maquete discutida no capítulo anterior –, que vive em Narbona. Douzet e o seu círculo são investigadores entusiásticos e informados da história esotérica de França. Antoine disse que o próximo número do jornal «será interessante para vocês… pois encontrarão algo mais profundo relativo à Madalena».

De novo graças a Nicole, encontrámo-nos depois com André Douzet, que nos disse que ele e alguns outros, nomeadamente Antoine Bruzeau, tinham feito investigações específicas ao interesse de Saunière pela Madalena – mas parecia que a chave do mistério estava a alguma distância de Rennes-le-Château. Inicialmente, André não se sentira atraído pelo mistério de Saunière, mas acabou por chegar a ele por via indireta: certos locais de interesse para ele na sua cidade natal de Lyons encaminharam-no para lá.

A ligação remonta a Gérard de Roussillon – que, no século IX, fundou a abadia de Vézelay, na Borgonha, para onde, segundo foi posteriormente alegado, levou o corpo de Maria Madalena. Lembramos (ver Capítulo Três) que esta alegação foi depois descartada pela população de Saint Maximin, na Provença, quando os monges em Vézelay foram incapazes de apresentar as relíquias. Lembramos também que este acontecimento levou Carlos II de Anjou a empreender uma busca febril por elas, convicto de que se encontravam ainda algures na Provença.

Gérard de Roussillon era conde de Barcelona, de Narbona e da Provença – uma vasta região. A sua família tinha também propriedades na região de Le Pilat – atualmente Parque Nacional de Le Pilat –, a sul de Lyons. Eram fervorosos devotos da Madalena e a área era um centro do seu culto. (Uma Capela de Sainte-Madeleine na região de Le Pilat continha o que se dizia serem as relíquias de Lázaro.)

No século XIII, o conde reinante, Guillaume de Roussillon, morreu nas Cruzadas, e a sua viúva enlutada, Béatrix, retirou-se para as colinas de Le Pilat, onde fundou um mosteiro cartuxo, Sainte-Croix-en-Jarez, onde passou o resto da vida. Mas o mosteiro pareceu ter desde então uma estranha associação a Maria Madalena.

Antoine Bruzeau alega que a família possuía as verdadeiras relíquias de Maria Madalena, e que Béatrix as levou para Sainte-Croix. (Ou talvez tenha simplesmente confiado à abadia o segredo da sua localização.) Sugere também que o verdadeiro local da chegada da Madalena a França não foi a Camarga, mas sim a costa de Roussillon, num local que ainda hoje é chamado de *Mas de la Madeleine*. Segundo esta teoria, ela não viveu o resto dos seus dias na Provença, mas sim no Languedoc – na zona de Rennes-le-Château.[44]

Por algum motivo, a família Roussillon sentiu que o seu dever era não só guardar as relíquias, mas também mantê-las secretas. Isto é extremamente estranho numa altura em que as relíquias eram tão lucrativas, e sugere que tinham outros motivos além da simples veneração de uma santa do Novo Testamento. Talvez fosse algo ligado ao verdadeiro papel da Madalena.

No século XIV, foi adicionado à abadia de Sainte-Croix um curioso mural, que mostra Jesus a ser crucificado em *madeira viva*. Este foi posteriormente tapado com gesso, mas foi redescoberto em 1896 – pouco antes de Saunière ter pintado pessoalmente o baixo-relevo do seu altar, que mostra a Madalena a contemplar uma cruz feita de madeira que continua a crescer.

Posteriormente, no século XVII, um dos frades de Sainte-Croix, Dom Polycarpe de la Rivière, um reputado estudioso, fez obras de restauro no mosteiro e pode ter descoberto algo. Estava particularmente interessado na Madalena – escreveu um livro sobre ela que está hoje infelizmente perdido, além de um sobre a região em torno de Aix-en-Provence, Saint Maximin e Sainte Baume, *que o Vaticano aboliu*. De la Rivière estava também ligado a Nicolas Poussin, e a investigação de Bruzeau sugere que ambos faziam parte de uma sociedade secreta conhecida como Société Angélique.[45]

Nas colinas de Le Pilat, uma estrada antiga sobe o Monte Pilat até uma capela dedicada a Maria Madalena. A estrada começa na aldeia de Malleval, cuja igreja contém estátuas de Santo António de

Pádua e de Santa Germana, idênticas às de Rennes-le-Château. O caminho passa por uma capela consagrada a Santo Antão, o Eremita – outro santo venerado da igreja de Saunière (e cujo dia é 17 de janeiro). E, na Capela da Madalena, há um quadro da santa na sua gruta que é incrivelmente semelhante ao de Rennes-le-Château. Bruzeau salienta que, no fundo do quadro do altar de Saunière, há um arco e uma coluna: em celta, o primeiro diz-se *pyla*; em latim, o segundo é *pila* – apontando foneticamente para a região de Le Pilat. E os picos que se veem no horizonte parecem ser os da área em torno do Monte Pilat.

Sempre nos pareceu estranho que, no seu baixo-relevo, Saunière tivesse deixado de fora o mais caraterístico elemento da iconografia de Maria Madalena – o seu vaso de bálsamo santo, ou *sainte baume*… Poderia ser esta a sua forma de dizer que as suas verdadeiras relíquias não estavam afinal em Saint-Maximin-la-*Sainte-Baume*, na Provença?

A julgar pelas faturas do aluguer de carruagens e cavalos na região de Lyons em 1898 e 1899,[46] Saunière parece certamente ter vasculhado a região de Le Pilat em busca do que restava da sua amada Maria Madalena.

A questão primordial é: porque haveria alguém de se dar a tanto trabalho para encontrar o que seria essencialmente uma mera caixa de ossos? Pois, ainda que os católicos sempre tenham tido apreço pelos cadáveres de santos, importa recordar que muitos daqueles que aparentemente procuraram os restos mortais da Madalena eram ocultistas ou católicos *rebeldes*. Seja como for, não parecem ter sido pessoas sentimentais, e a era das relíquias enquanto grande negócio já terminou há muito – porque dedicaram, então, tanto tempo e esforço a esta busca?

Talvez não fosse simplesmente um esqueleto que procuravam: podem ter julgado que o caixão ou túmulo continha algum segredo relacionado com o corpo, ou então guardado com ele. Henry Lincoln, provavelmente de forma irónica, sugeriu à imprensa francesa que este «algo» podia ser a certidão de casamento de

Jesus com a Madalena.[47] De um ponto de vista mais sério, este segredo tem de ser algo similar a isto – algo evidencial e inequívoco que, uma vez tornado público, causaria um furor enorme.

Dados os interesses dos grupos específicos que temos vindo a investigar, tem de ser algo *herético*, cuja natureza se revelaria profundamente perturbadora para a Igreja consagrada. Mas o que poderia representar uma tal ameaça? Porque haveria algo que – hipoteticamente – tem cerca de dois mil anos de ter qualquer importância significativa para a sociedade moderna?

Capítulo Dez

ADIVINHANDO A CORRENTE SUBTERRÂNEA

Nesta fase das nossas investigações, vimo-nos mais uma vez confrontados com a aparente importância de Maria Madalena para uma rede herética clandestina. Fora aqui que começáramos, com o astuto e subliminar simbolismo da «Senhora M» n'*A Última Ceia* de Leonardo. Mas, nos anos que haviam decorrido desde que primeiro nos tínhamos visto atraídos para o obscuro mundo da heresia europeia, tínhamos coberto uma enorme quantidade de terreno, em todos os sentidos da palavra. Era tempo de fazer um inventário: o que tínhamos descoberto?

A «Senhora M», que entendemos ser Maria Madalena, tinha nitidamente uma enorme importância para Leonardo, que, segundo se alega, foi Grão-Mestre do Priorado de Sião. Os nossos próprios encontros com membros do Priorado atual tinham certamente reforçado a nossa suspeita de que ela era altamente relevante para eles. E o mesmo se aplica a João Batista – figura que dominou a obra de Leonardo e que o Priorado parece venerar com especial devoção.

As nossas muitas viagens ao sul de França revelaram que existia algum fundamento para levar a sério as lendas de que Maria Madalena tinha vivido lá, mas as suas ligações ao culto da Virgem Negra apontam para uma ligação *pagã*. Tudo na veneração da Madalena tem uma forte carga sexual – algo que é particularmente evidente na sua associação ao poema de amor erótico do Antigo Testamento, o Cântico dos Cânticos.

Mas há um aparente paradoxo. Pois, por um lado, existem provas de que a Madalena era esposa de Jesus – ou pelo menos sua amante –, mas, por outro, é persistentemente associada a deusas pagãs. Isto parece totalmente irracional – porque haveria a esposa do Filho de Deus de estar ligada desta forma a figuras como Diana, a Caçadora, e à deusa egípcia do amor e da magia, Ísis? Era uma questão que assombrava as nossas pesquisas.

Ao longo de toda a nossa investigação, indivíduos e grupos como os Templários, São Bernardo de Claraval e o abade Saunière mostraram de forma persistente girar intimamente em torno do tema central do Feminino. Ainda que, para alguns deles, possa ter sido apenas um ideal filosófico, o próprio facto de lhe ter sido dado um rosto feminino reconhecível aponta para uma devoção mais específica. Era, se não a Madalena, então Ísis, antiga Rainha do Céu e consorte do morto-e-ressuscitado deus Osíris. Foi decerto sempre esta cadeia de associações – Madalena/Virgem Negra/Ísis – a essência do Priorado. Para eles, uma Virgem Negra representava simultaneamente a Madalena e Ísis. Mas isto é muito estranho, pois a primeira é uma santa cristã e a última uma deusa pagã: certamente que não existe qualquer ligação plausível?

Como vimos, os Cátaros pareciam ter uma perspetiva inaceitável e heterodoxa sobre a Madalena; na verdade, toda a cidade de Béziers foi trespassada pela espada devido a esta heresia. Para eles, fora a concubina de Jesus – uma ideia curiosamente evocativa da dos Evangelhos Gnósticos, que a descrevem como a mulher que Jesus beijava frequentemente na boca e a quem amava acima de todos os outros. Os Cátaros acreditavam que isto era verdade, ainda que com a maior das relutâncias, pois a sua própria versão do gnosticismo via todo o sexo e toda a procriação como, na melhor das hipóteses, um mal necessário. Esta ideia da relação da Madalena com Jesus não veio dos seus precursores bogomilos, sendo na verdade comum no sul de França – numa cultura que procurava elevar o Feminino de todas as formas, tal como é revelado pelo desabrochar da tradição dos trovadores. E, como vimos, o opúsculo da «Irmã Catarina» revela que as ideias sobre Maria Madalena que surgem nos Evangelhos Gnósticos tinham, de algum modo, sido transpostas para o século XIV.

Curiosamente, descobrimos que os mais aparentemente masculinos de todos os homens, os Cavaleiros Templários – ou pelo menos a sua ordem interna –, estavam também fortemente comprometidos com a elevação do Feminino. A intensidade da sua

veneração pelas Virgens Negras era inigualável, e a sua demanda de cavaleiros pelo amor transcendental esteve por detrás das grandes lendas do Santo Graal.

Os Templários tinham fome de conhecimento, sendo a sua busca por ele a sua principal força motriz. Apoderavam-se do conhecimento onde quer que o encontrassem: dos árabes, tomaram os princípios da geometria sagrada, e as suas aparentes relações próximas com os Cátaros acrescentaram um adicional brilho gnóstico às suas já heterodoxas ideias religiosas. Desde os seus primórdios que os interesses desta ordem de cavaleiros eram essencialmente ocultos: a pouco convincente história das suas origens enquanto protetores dos peregrinos cristãos à Terra Santa não faz mais do que chamar a atenção para as anomalias que envolvem a Ordem.

A maior concentração de propriedades templárias na Europa situava-se no Languedoc, essa estranha região no sudoeste de França que parece ter funcionado como um íman para muitos grupos heréticos. No seu auge, o catarismo tornou-se praticamente a religião oficial daquela região, e foi aí que o movimento dos trovadores nasceu e desabrochou. E estudos recentes demonstraram que os Templários praticavam a alquimia. Os edifícios de várias vilas no Languedoc, como Alet-les-Bains, exibem ainda complexos símbolos alquímicos e têm também fortes ligações aos Templários.

Após os sinistros acontecimentos envolvendo a supressão oficial dos Templários, a Ordem passou à clandestinidade e continuou a exercer a sua influência sobre muitas outras organizações. Como foi que o fizeram, e quem herdou o seu conhecimento, nunca se soube ao certo, até aos últimos dez anos. Gradualmente, veio a saber-se que os Templários continuaram a existir nas formas do Rosacrucianismo e da Maçonaria, e que o conhecimento que haviam adquirido passou para estas sociedades.

Descobrimos que uma análise atenta a estes grupos revelava as suas subjacentes e consistentes preocupações. Uma delas é uma

grande, talvez até excessiva, veneração por um ou ambos os Santos João – João Evangelista (ou o «Amado») e João Batista. Isto é desconcertante, pois os mesmos grupos que os parecem entender como tão sagrados não são propriamente cristãos ortodoxos, e parecem até ver Jesus com alguma frieza. Um destes grupos é o Priorado de Sião, mas o mais desconcertante neste contexto é o facto de que, apesar de o Priorado dar aos seus sucessivos Grão-Mestres o nome de «João», Pierre Plantard de Saint-Clair alega que o título de primeiro desta dinastia – «João I» – está «simbolicamente reservado a Cristo».[1] Perguntamo-nos porque haveria Cristo de se sentir honrado por ser chamado de João.

Talvez a resposta esteja na ideia, partilhada por estas sociedades, de que Jesus transmitiu os seus ensinamentos *secretos* ao jovem São João, sendo esta a tradição que tão ciosamente é guardada pelos Templários, Rosacrucianistas e Maçons. E João Evangelista parece ter sido confundido, de forma aparentemente deliberada, com o Batista.

O próprio conceito de ter existido um Evangelho de João secreto era comum entre os «hereges», desde os Cátaros do século XII ao *Levitikon*. É curioso que esta corrente joanita percorra todos estes grupos de forma tão penetrante e consistente, pois é também uma das menos conhecidas. Talvez isto se deva apenas ao facto de o manto de secretismo ter sido particularmente bem-sucedido a ocultá-la dos olhos do mundo durante tanto tempo.

O outro tema central que é transportado através dos vários afluentes da «corrente subterrânea» da heresia é o da elevação do Princípio Feminino, e nomeadamente o reconhecimento do sexo enquanto sacramento. A Grande Obra dos alquimistas, por exemplo, tem claros paralelismos com os ritos do sexo tântrico – ainda que estas conotações só recentemente tenham vindo a ser compreendidas. Ironicamente, só quando a nossa cultura tomou conhecimento do Tantrismo é que as práticas de muitas antigas tradições ocidentais começaram finalmente a fazer sentido.

A sabedoria feminina é procurada há muito, tanto no sentido filosófico como no que se julgava ser magicamente concedido através do ato sexual. Esta busca pela sabedoria feminina – *Sophia* – é o fio que liga todos os grupos que investigámos: os antigos gnósticos, os grupos herméticos, os Templários e os seus sucessores na Maçonaria do Rito Escocês Retificado. O texto gnóstico *Pistis Sophia* liga Sophia a Maria Madalena, e Sophia estava também intimamente associada a Ísis – talvez isto ajude a explicar a aparente mistura feita pelo Priorado de Sião da santa com a deusa. Mas isto é apenas uma pista; não é a resposta.

Não está em dúvida a contínua importância da Madalena. Mas os seus restos mortais foram procurados – e continuam possivelmente a sê-lo – com inexplicável fervor. No século XIII, Carlos II de Anjou dedicou-se à demanda com um zelo fanático, embora tenha claramente ficado desiludido, isto porque, cerca de dois séculos depois, o seu descendente, o mais célebre Renato de Anjou, continuava à procura. Mesmo no final do século XIX, o mesmo desejo ardente – de encontrar os restos físicos da sua amada Madalena – parece ter consumido o abade Saunière de Rennes-le-Château.

De uma maneira ou de outra, a Madalena tem a chave para um grande mistério, que foi ciosa e implacavelmente guardado durante séculos. E parte deste segredo envolve intimamente João Batista (e/ou talvez João Evangelista). Assim que nos demos conta de que esse segredo existia, ficámos ansiosos por sacudir as teias da história o mais rapidamente possível e fazer incidir sobre ele alguma luz. Mas não foi tarefa fácil: os grupos e organizações que, ao longo dos anos, guardaram este conhecimento desenvolveram formas de manter os intrusos bem longe da verdade. Embora alguns nos tenham dado indícios e pistas, ninguém nos ia entregar o segredo central. Tudo o que sabíamos era que todas as provas apontavam para o facto de o mistério ter sido construído sobre uma base que abrangia essencialmente *Sophia* e João. Esses temas eram fulcrais – mas não fazíamos ideia do porquê, embora uma pista estivesse

no facto de, fosse qual fosse o segredo, não ser certamente do tipo que reforçaria a autoridade da Igreja. Na verdade, esta grande heresia desconhecida parecia representar a maior das ameaças, não só para o catolicismo mas para o cristianismo tal como o conhecemos. Os grupos que guardavam o segredo julgavam nitidamente estar na posse de algum conhecimento sobre as verdadeiras origens do cristianismo, e até sobre o próprio Jesus.

Seja qual for a natureza deste segredo, trata-se claramente de algo que era relevante – e significativo – para os séculos XIX e XX. Em Rennes-le-Château, Saunière recebeu não só representantes da alta sociedade parisiense como Emma Calvé, mas também políticos e membros das famílias imperiais. Hoje em dia, Pierre Plantard de Saint-Clair e o Priorado de Sião têm sido associados a figuras como Charles de Gaulle e Alain Poher, um importante estadista francês que foi por duas vezes presidente interino.[2] Houve mesmo rumores a associar o falecido presidente François Mitterrand a Pierre Plantard de Saint-Clair.[3] É certo que Mitterrand fez uma visita a Rennes-le-Château em 1981, altura em que foi fotografado na Torre de Magdala e junto à estátua de Asmodeu na igreja. Pode ser significativo o facto de ter nascido em Jarnac, onde foi sepultado numa cerimónia privada enquanto os líderes mundiais assistiam a um serviço religioso em Notre-Dame, Paris. Segundo os estatutos dos anos 1950 do Priorado de Sião, há muito que Jarnac é um dos seus centros.[4]

O Priorado de Sião é amplamente entendido como tendo verdadeira influência na política europeia e até mesmo mundial. Mas porque haveriam de lhe interessar os assuntos que estávamos a investigar, por mais interessantes que fossem de uma perspetiva histórica e filosófica? Estará isto relacionado com o anteriormente discutido «virar o cristianismo do avesso» prometido pela união do Priorado de Sião e da «Igreja de João»?

A única coisa que Maria Madalena e João Batista tinham em comum era o facto de serem santos, e aparentemente figuras históricas que podiam ser encontradas no Novo Testamento. A única

via lógica para um estudo adicional era olhar para as suas vidas e feitos, na esperança de que isto pudesse revelar o motivo do seu duradouro interesse para as tradições heréticas secretas. Se tínhamos alguma esperança de alguma vez vir a entender a sua suma importância para os iniciados dos mais solenes e sábios grupos esotéricos, então tínhamos de começar a ler a Bíblia a sério.

PARTE DOIS

A TEIA DA VERDADE

Capítulo Onze

FALSIDADES DO EVANGELHO

Na Páscoa de 1996, os meios de comunicação social britânicos[1] dedicaram muita atenção ao que parecia ser uma descoberta incrível – a de ossários, encontrados em Jerusalém, contendo os ossos de um pequeno grupo de pessoas, entre as quais estava «Jesus, filho de José». Os outros eram de duas Marias (estando a inscrição de uma delas em grego) – neste contexto, possivelmente a Virgem e a Madalena –, um José, um Mateus e um «Judas, filho de Jesus». Estes nomes, assim agrupados, geraram obviamente alguma expetativa nos cristãos, ainda que as implicações desta descoberta não fossem necessariamente do seu agrado – afinal, o próprio cristianismo assentava na ideia de que Jesus ressuscitara dos mortos e ascendera corporeamente ao céu. Encontrar os seus ossos seria devastador. Mas seriam realmente os seus e os da sua família?

Temos de admitir que muito provavelmente não. Pode muito bem ter sido pura coincidência que os nomes sejam particularmente evocativos para os cristãos, pois eram todos nomes comuns na Palestina do século I. Mas a razão para esta descoberta ter sido importante foi a enorme escala e intensidade do debate que causou. Programas de televisão e jornais de qualidade agarraram-se à questão: se fosse possível provar que se tratava desses ossos específicos, que significado teria isso para o cristianismo? E um dos aspetos mais reveladores da questão foi, para nós, o espanto e a afronta manifestados por alguns cristãos ao serem confrontados com a ideia de Jesus poder ter sido um homem normal. Foi até uma surpresa para muitos que o seu nome fosse comum.

Embora seja compreensível que os cristãos dedicados quisessem manter a sua visão de Jesus como Filho de Deus e decidir, talvez por uma questão de política, ignorar o que os profanos pudessem dizer sobre ele, continua a ser estranho que tantos cristãos não saibam realmente quanta da narrativa dos Evangelhos se revelou incorreta. Nunca houve tanta informação disponível: ao longo dos

últimos cerca de 50 anos foram escritos livros que assumiram uma enorme variedade de posições acerca de Jesus e do seu movimento, apresentando muitas teorias diferentes (e às vezes divertidas). Entre elas, contam-se ideias como a de Jesus ter sido divorciado e pai de três filhos, maçon, budista, feiticeiro, hipnotista, progenitor de uma dinastia de reis franceses, um filósofo cínico, um cogumelo alucinogénico – e até mesmo uma mulher! Esta explosão de estranhas e maravilhosas ideias pode ter resultado em parte da disponibilidade moderna para questionar, mas a razão para essas ideias terem podido surgir está no facto de os estudos modernos terem revelado que a história tradicional de Jesus é radicalmente imperfeita e, por isso, muito fraca. Mas, ainda que tais ideias possam desabrochar devido à existência deste vácuo, dependem do facto de os Evangelhos terem de ser não só reinterpretados, mas praticamente reescritos.

Este vácuo só pôde ser detetado após a pesquisa de fundo ter proporcionado um contexto para a história. Descobertas arqueológicas como os textos de Nag Hammadi e os Manuscritos do Mar Morto revelaram muito mais sobre a época e a cultura em que Jesus viveu – e, subitamente, parece que muitos dos aspetos do cristianismo que costumavam ser considerados singulares não eram, afinal, tal coisa. Até os mais gastos e conhecidos conceitos cristãos podem agora ser vistos como tendo um sentido totalmente diferente no contexto da Palestina do século I.

Um mote que os cristãos evangélicos gostam particularmente de exibir, por exemplo, à entrada das suas igrejas é «Jesus Cristo é o Senhor». Para eles, esta frase sintetiza a ideia de que Jesus era literalmente divino – *o* Senhor, Deus encarnado. Foi retirada dos Evangelhos, na crença de que fora um título dado a Jesus pelos seus seguidores em reconhecimento do seu estatuto singular. Mas, tal como foi demonstrado por Geza Vermes, o altamente respeitado estudioso da Bíblia, era apenas um termo comum de respeito, como o utilizado pelos filhos para com o pai ou por uma esposa em relação ao seu marido – o equivalente a «senhor» («*sir*», em

inglês).[2] Não implica mais nada além do mero costume, e nada certamente de espiritual ou de divino. Mas, ao longo dos séculos, esta expressão ganhou vida própria e é entendida quase como prova de que Jesus é o Senhor de Tudo.

Outro exemplo da forma como a tradição cristã se transformou em facto histórico é o das principais festividades, como a Páscoa e o Natal. Todos os anos, milhões de cristãos em todo o mundo celebram o nascimento do menino Jesus no dia 25 de dezembro. A história da Natividade é uma das mais conhecidas do mundo: Maria era uma Virgem que concebeu através da intervenção do Espírito Santo; não havia espaço na estalagem para ela e para o seu marido José, pelo que a criança nasceu num estábulo (ou, nalgumas versões, numa gruta), e os magos e os pastores foram adorar o Salvador recém-nascido. Esta história pode não ser do agrado dos teólogos e dos cristãos mais sofisticados, mas é uma das primeiras histórias a serem contadas às crianças e torna-se «Evangelho» desde tenra idade.

Quando o Papa julgou ser prudente explicar que Jesus não nascera efetivamente no dia 25 de dezembro, tendo essa data sido escolhida por ser já um festival de inverno para os antigos pagãos, o anúncio causou uma certa agitação. Para a maioria dos cristãos comuns, até isto foi uma grande revelação. Que este anúncio tenha surgido apenas em 1994 é quase inacreditável. Mas é apenas a ponta do icebergue, pois há muito que os teólogos sabem que toda a história do Natal é um mito.

A extensão da ignorância em que a maioria dos cristãos é deliberadamente mantida por aqueles que sabem mais vai muito, muito mais longe: a data natalícia de 25 de dezembro não é apenas o alegado aniversário de Jesus; era também o de muitos deuses pagãos, como Osíris, Átis, Tamuz, Adónis, Dioniso e muitos outros.

Também eles nasceram em moradas humildes, como grutas, e pastores assistiram ao seu nascimento, que fora anunciado por sinais e prodígios, incluindo o avistamento de uma nova estrela. E entre os seus muitos títulos, estavam os de «Bom Pastor» e

«Salvador da Humanidade». Se confrontado com as evidências de Jesus ter sido apenas mais um numa longa linha de tradições do «deus morto-e-ressuscitado», o clero tende a refugiar-se na insatisfatória ideia de que os antigos pagãos tinham, de algum modo, entendido vagamente que um dia *haveria* um verdadeiro deus salvador, mas tiveram de se contentar com uma grotesca paródia do cristianismo que estava para vir.

Ainda que venhamos a abordar detalhadamente as verdadeiras origens do cristianismo mais tarde, basta dizer que a data de nascimento partilhada de 25 de dezembro não é a única semelhança entre a história de Jesus e a dos deuses pagãos. Por exemplo, Osíris – consorte de Ísis – morreu às mãos dos perversos *numa sexta-feira* e foi magicamente «ressuscitado» após ter passado *três dias* no Submundo. E os mistérios de Dioniso eram celebrados com a ingestão do deus através de uma refeição mágica de pão e vinho, simbolizando o seu corpo e sangue. Há muitos anos que estes «deuses mortos-e-ressuscitados» têm sido reconhecidos como tal por teólogos, historiadores e estudiosos da Bíblia, mas parece ter havido uma conspiração implícita para manter esse conhecimento longe do «rebanho» da Igreja.

Com toda a catadupa de novo material a surgir sobre as origens do cristianismo, é muito fácil deixarmo-nos levar pelo entusiasmo e abraçarmos uma ideia específica sem a necessária cautela e discernimento. Se o material de base for mal interpretado, então as conclusões alcançadas podem estar muito longe da realidade. Muitas palavras têm sido dedicadas, por exemplo, aos Manuscritos do Mar Morto, que foram descobertos em 1947: alguns deles parecem lançar um novo olhar sobre os primórdios do cristianismo. Certas passagens dos Manuscritos convenceram muita gente de que Jesus e João Batista eram membros dos Essénios, uma seita sediada em Qumran, junto ao Mar Morto. Não é um exagero dizer que isto é hoje entendido por muitas pessoas como inabalavelmente provado.

Na verdade, não existe qualquer prova de que os próprios manuscritos sejam de origem essénia – foi simplesmente essa a suposição imediata quando foram encontrados. Existe outra suposição: que os documentos eram os escritos de uma só seita, fosse ela a dos Essénios ou qualquer das muitas outras que se sabe terem retirado para aquela região. Ainda assim, o ilustre professor de história judaica Norman Golb, que assistiu de perto à descoberta dos Manuscritos do Mar Morto e ao desenvolvimento do seu estudo, desafiou esta suposição. Demonstrou que a teoria de eles terem vindo de uma só comunidade – ou de que uma comunidade religiosa tenha sequer existido em Qumran – não é sustentada pelas provas arqueológicas nem pelas contidas nos próprios Manuscritos. Golb acredita que os Manuscritos pertencem na verdade à biblioteca do Templo, que aí fora escondida durante a Revolta dos Judeus em 70 d.C.[3]

Se Golb estiver certo, e tudo indica que está, então praticamente todos os livros escritos sobre os Manuscritos do Mar Morto são obsoletos. Essencialmente, o que a maioria dos autores fez foi tentar reconstruir as crenças de uma putativa seita a partir de uma coleção de documentos cujas origens estão, na verdade, numa multiplicidade de grupos diferentes. É como deduzir as *crenças* de alguém a partir do que está nas suas estantes: a nossa própria biblioteca pessoal, por exemplo, facilmente revela o nosso interesse por temas religiosos e esotéricos, mas, uma vez que os nossos livros abrangem várias perspetivas diferentes – cética, racional, crédula –, não podem nitidamente representar aquilo em que de facto acreditamos. (Em comparação, os textos de Nag Hammadi nunca foram vistos como o produto de uma única seita.)

Ainda que a ligação «essénia» dos Manuscritos do Mar Morto seja falaciosa, e apesar do seu estatuto de mito moderno, estes continuam a ter uma profunda importância histórica para a compreensão do judaísmo dessa época. Mas, uma vez que é improvável que sejam de grande utilidade para qualquer estudo

sobre as origens do cristianismo, os Manuscritos não terão grande presença nesta investigação.

Os perigos de basear conclusões abrangentes em premissas erradas estão exemplificados em *The Hiram Key*, de Knight e Lomas. O seu argumento é que, uma vez que alguns dos Manuscritos do Mar Morto contêm ideias semelhantes às da Maçonaria, e uma vez que alegam «que o facto de os autores dos Manuscritos do Mar Morto… serem essénios é agora inquestionável»,[4] concluir-se-ia então que os Essénios foram os precursores da Maçonaria. Junte-se a isso a sua certeza de que Jesus era essénio e a conclusão é clara: Jesus era maçon.

Mas, tal como vimos, os Manuscritos não foram escritos pelos Essénios, nem ficou provado que Jesus tenha pertencido a essa seita, pelo que todo o argumento cai por terra. Quando mais não seja, serve de alerta ao investigador demasiado entusiástico.

Chegáramos ao ponto em que nos apercebemos de que há já muito tempo devia ter sido feita uma reavaliação radical aos estatutos de João Batista e de Maria Madalena. Afinal, parecia realmente que estas duas figuras históricas tinham alguma pretensão convincente a ser levada muito a sério – pelo menos por um tenaz movimento clandestino na Europa que incluíra algumas das mentes mais brilhantes de todos os tempos.

O principal tema daquilo que designamos por Grande Heresia Europeia era a inexplicável veneração – chegando, em muitos casos, a verdadeira adoração – por Maria Madalena e por João Batista. Mas representaria isto algo mais do que algum tipo de teimosa heterodoxia, uma persistente rebelião contra a Igreja sem nenhum motivo concreto? Haveria algo de substancial por trás destas heresias? Para descobrir se havia alguma base factual para estas crenças, voltámo-nos para o Novo Testamento, e mais especificamente para os quatro Evangelhos canónicos de Mateus, Marcos, Lucas e João.

Admitimos uma perplexidade inicial face a esta ligação «herética» entre o Batista e a Madalena. Não só não havia nada na versão

aceite do cristianismo que os relacionasse – exceto a sua aparente devoção a Jesus – como também uma investigação superficial às heresias propriamente ditas não nos proporcionou qualquer base comum plausível. As suas imagens estavam em polos opostos. João Batista surge como um asceta que morreu devido aos seus padrões morais inflexíveis, ainda que talvez seja revelador o facto de não ter morrido como um mártir *cristão*. (Na verdade, não existe qualquer sugestão de que tenha invocado os ensinamentos ou a moral de Jesus quando assumiu a sua posição fatal contra Herodes Antipas.) E, por outro lado, julga-se que a Madalena terá sido uma prostituta, ainda que, segundo a história tradicional, se tenha emendado e passado o resto da sua longa vida como penitente. De algum modo, João e Maria não parecem ser aliados naturais: segundo os Evangelhos, não existe decerto qualquer sugestão de que se tenham sequer conhecido.

Existem, porém, indícios de que é provável que soubessem pelo menos da existência um do outro. O Batista é reconhecido pelos estudiosos como tendo tido, no seu tempo e espaço, a fama generalizada de um pregador reto vindo do deserto para chamar os homens ao arrependimento, enquanto Maria era uma das seguidoras ou discípulas de Jesus, tendo um papel importante no seu grupo. E julga-se que João e Jesus eram primos, ou pelo menos parentes de sangue de alguma forma. Lendo nas entrelinhas, pode-se imaginar que João talvez conhecesse Maria Madalena como alguém que lavava os pés aos homens, lhes trazia toalhas lavadas e cozinhava as suas refeições. Talvez soubesse vagamente da sua reputação passada e visse com desagrado a sua presença «impura» – a não ser, claro, que tivesse sido ele mesmo a batizá-la. Não há registos disso, mas também não os há sequer de Apóstolos como São Pedro terem sido batizados.[5]

Uma investigação mais profunda ao contexto da história bíblica dá-nos, contudo, algumas pistas sobre a ligação entre a Madalena e o Batista. O primeiro grande elo é o dos seus papéis

complementares na carreira de pregador de Jesus. É João quem representa o seu início e Maria quem simboliza o seu fim.[6]

É João quem dá início ao ministério de Jesus através do ritual do batismo. Maria é fulcral para os acontecimentos que envolvem a sua morte e ressurreição. A principal ligação é o facto de ambos oficiarem uma espécie de *unção*. O batismo de João com água é claramente análogo à unção com nardo por parte de Maria de Betânia, que é geralmente entendida como sendo a mesma pessoa que Maria Madalena, e foi esta última a ungir o cadáver de Jesus com mirra e aloés para ser sepultado.

A principal semelhança entre estas duas personagens curiosamente cativantes, contudo, é que, embora tenham ambos obviamente desempenhado uma importante função ritual na vida de Jesus, a sua inclusão na narrativa dos Evangelhos foi meramente tolerada. É tal a brusquidão com que entram e saem das páginas da Bíblia que o efeito é particularmente chocante. Por um lado, lemos sobre a execução de João às mãos dos homens de Herodes, mas, por outro, não há uma só palavra sobre como Jesus sofreu com isso ou como exortou os seus seguidores a mostrarem respeito pela memória de João. A Madalena surge de súbito na história aquando da Crucifixão, desempenhando claramente um papel de alguma intimidade com Jesus, e é a primeira pessoa a assistir à Ressurreição – mas porque é que nunca é referida de forma específica antes disso? Talvez isto se deva ao facto de os autores dos Evangelhos se terem visto obrigados a admitir que tanto João como Maria Madalena tinham desempenhado papéis tão cruciais na história de Jesus que não podiam ser totalmente eliminados, caso contrário jamais os teriam mencionado. O que tinham então João Batista e Maria Madalena que era de tal modo ofensivo para os autores dos Evangelhos e para os primeiros Pais da Igreja?

Esta marginalização deliberada é fácil de ver no caso da Madalena. Por um lado, é claramente importante para a história de Jesus, mas, por outro, praticamente não existe informação sobre ela nos Evangelhos. Exceto por uma referência em Lucas, por exemplo,

faz a sua primeira verdadeira entrada como testemunha da Crucifixão. Não nos é dito como veio a ser uma seguidora, exceto pela insinuação contida na história da «expulsão de sete demónios» de que havia sido curada por Jesus a determinada altura. Nem nos é dito qual foi ao certo o seu papel, principalmente no funeral de Jesus.

De início, presumimos ingenuamente que qualquer seguidora de Jesus teria recebido este tratamento desdenhoso pelo simples facto de ser mulher e, portanto, uma cidadã de segunda classe no que aos judeus do século I dizia respeito. Mas, a ser assim, as coisas deviam ter mudado desde os tempos de Rute e de Noemi, cujas vidas estavam tão bem registadas no Antigo Testamento. Depois, há a curiosa ênfase dada a este apelido ou título de Maria, a Madalena. Ainda que venhamos a discutir a sua origem mais tarde, é possível ver que se tratava de uma mulher independente e de meios, pelo próprio facto de este título ser utilizado pelos autores dos Evangelhos. Todas as outras mulheres nos Evangelhos são definidas pelo seu estatuto de esposa, mãe ou irmã de algum homem importante. Mas aqui temos simplesmente «Maria Madalena». É como se os autores dos Evangelhos esperassem que os seus leitores soubessem quem ela era.

Os Evangelhos dizem das seguidoras de Jesus que elas «o atendiam da sua própria substância» – indicando assim que tinham alguma substância com que o atender. Faria ela parte de um grupo de mulheres independentes e de algumas posses que essencialmente *sustentavam* o grupo de Jesus? Muitos estudiosos acreditam certamente ser esse o caso. Mas, independentemente do seu estatuto financeiro, Maria Madalena, quando é de todo referida pelo nome, é sempre a primeira da lista de discípulas, antes mesmo de Maria, a Mãe – exceto quando há uma razão específica para colocar a Virgem primeiro.[7]

O Priorado de Sião acredita que Maria Madalena é a mesma pessoa que Maria de Betânia, irmã de Lázaro, e aquela que unge os pés de Jesus. Se assim for, então o seu tratamento brusco às mãos

dos autores dos Evangelhos torna-se ainda mais evidente. Parecem ter feito deliberadamente com que a sua identidade e o seu papel fossem ainda mais difíceis de determinar. Os Evangelhos Sinópticos chegam mesmo ao ponto de tornar anónima a mulher que unge Jesus, embora seja altamente provável que os autores soubessem quem era e o porquê de ser importante.

Este processo de marginalização parece ter sido também aplicado a João Batista. Os estudiosos modernos do Novo Testamento admitem que é difícil definir a relação exata entre João e Jesus. Muitos deles apontam para o aparente excesso de destaque dado por João ao seu papel de mero precursor, sugerindo que «protesta demasiado». Significativamente, o Evangelho de Marcos – que foi provavelmente o primeiro e aquele em que os de Mateus e Lucas se basearam – é menos insistente no papel subordinado de João do que os textos posteriores. Isto levou muitos académicos a concluir que a subserviência de João a Jesus, que é repetida *ad nauseam*, foi na verdade um encobrimento para uma rivalidade entre os dois homens e os seus respetivos grupos de discípulos.

Uma análise atenta aos próprios Evangelhos revela indícios dessa rivalidade. Para começar, uma leitura imparcial revela que muitos dos primeiros – e mais famosos – discípulos de Jesus vieram, na verdade, das fileiras dos seguidores de João. Por exemplo, o jovem João, «o Amado» (que, como vimos, foi fulcral para muitas crenças «heréticas»), é amplamente reconhecido como tendo sido um dos acólitos do Batista, podendo até ter adotado o seu nome em sinal de respeito por ele. Os discípulos de João continuaram a existir como um grupo separado após a decapitação do seu líder: é-nos dito que alguns deles foram buscar o seu corpo, e há passagens no Novo Testamento em que os seguidores de Jesus discutem com os de João sobre os seus respetivos estilos de vida.[8]

Mais revelador, contudo, é o facto de ficar registado que João teve as suas dúvidas sobre Jesus ser o Messias – numa passagem

que, como não é de admirar, é pouco divulgada pela Igreja. Quando João é encarcerado na prisão de Herodes, envia dois dos seus discípulos para perguntar a Jesus: «És tu aquele que há de vir ou procuramos outro?»[9] Este episódio é particularmente embaraçoso para os teólogos. Por um lado, veem João Batista como tendo sido nomeado por Deus para preparar o caminho do Messias e o apontar como tal ao povo, reconhecendo assim nele também alguma medida de orientação divina – mas o «precursor» questiona então se fez ou não a escolha certa!

Existem outros sinais menos óbvios, mas igualmente reveladores, da rivalidade que existia entre os dois homens, inclusive nas palavras registadas de Jesus. O primeiro está na célebre passagem em que Jesus parece louvar João às multidões, dizendo-lhes que «não apareceu entre os nascidos de mulher alguém maior do que João Batista».[10] Mas acrescenta depois a desconcertante condição de que «o mais pequeno no reino dos céus é maior do que ele». O exato sentido destas palavras tem sido tema de grandes debates. Geza Vermes, o ilustre estudioso do Novo Testamento, comparou este uso da expressão «mais pequeno no reino dos céus» com outros exemplos e concluiu tratar-se de um circunlóquio – uma frase formal e impessoal – que se aplicava ao próprio orador.[11] Ou seja, Jesus estava a dizer à multidão que «João pode ter sido um grande homem, mas *eu sou maior*».

Existe, no entanto, outra interpretação muito mais óbvia, que nunca vimos ser discutida por nenhum dos estudiosos da Bíblia. Admite-se que a expressão «nascidos de mulher» possa ser entendida como um insulto, pois implicava fraqueza[12] – caso em que toda a passagem adquire um matiz totalmente diferente. Talvez a afirmação de Jesus de que «não apareceu entre os nascidos de mulher alguém maior do que João Batista» possa ser interpretada como um *insulto direto*. Esta ofensa parece ter sido reforçada pelo comentário seguinte – «o mais pequeno no reino dos céus é maior do que ele». Se Geza Vermes estiver certo, estando Jesus a dizer ser ele o maior, então dificilmente seria um elogio a João. Mas pode

ter sido um insulto mais forte, querendo dizer que «até o mais pequeno dos meus seguidores é maior do que ele».

Houve quem sugerisse[13] que existe também uma outra ofensa discreta a João – que teria sido óbvia para os judeus do século I – nos comentários de Jesus durante uma discussão entre os seus discípulos e os de João: «Ninguém deita vinho novo em odres velhos.»[14] Naquele tempo e espaço, o vinho era frequentemente transportado em «garrafas» feitas de peles de animais – e João vestia peles de animais… No contexto dessa discussão específica, é muito provável que este comentário se referisse a João.

É evidente que esta rivalidade era do conhecimento dos autores dos Evangelhos pelo menos 50 anos após a Crucifixão (que é mais ou menos a altura em que os livros foram escritos). Talvez os quatro Evangelhos tenham na verdade sido escritos com a intenção secreta de minimizar esta infame rivalidade e garantir que Jesus saía por cima. Na verdade, os autores dos Evangelhos teriam, sem dúvida, ficado muito mais satisfeitos se pudessem ter deixado João completamente de fora.

É, pois, claro que o Batista e a Madalena – um que batizou Jesus e a outra que foi a primeira testemunha de todo o objetivo do cristianismo, a Ressurreição – estão unidos pelo facto de os autores dos Evangelhos se sentirem no mínimo desconfortáveis com eles. Mas será possível descobrir porquê e reconstruir os seus verdadeiros papéis, restabelecendo assim a sua importância original?

O principal problema é que os livros do Novo Testamento são fontes de informação muito pouco fiáveis. Tal como todos os textos antigos, foram sujeitos, claro, a um implacável processo de edição, seleção, tradução e interpretação. Ao longo dos séculos, foram acrescentadas às obras originais partes que por vezes não têm importância, mas que outras vezes são altamente significativas. Na Primeira Epístola de João, por exemplo, é sabido que a frase «Pois são três os que dão testemunho no céu, o Pai, o Verbo e o Espírito Santo, e estes três são um só» foi acrescentada mais tarde.[15] Por

outro lado, a história da «mulher apanhada em adultério» surge apenas no Evangelho de João – e as primeiras versões conhecidas não contêm este episódio.[16] É motivo de grande debate se é ou não autêntico.

Um grande exemplo da confusão resultante dos caprichos da tradução é o do equívoco comum de que Jesus era um humilde carpinteiro. A palavra utilizada no original em aramaico era *naggar*, que tanto pode significar um trabalhador da madeira como um estudioso ou homem culto.[17] Dado o contexto, é este último que faz mais sentido, pois não existe em parte alguma qualquer outro indício de que Jesus fosse algum tipo de artesão – e a sua sabedoria gerou comentários especiais entre aqueles que o ouviam: a palavra *naggar* só é utilizada quando as pessoas estão a discutir especificamente a sua erudição.[18] Mas a ideia de que Jesus era carpinteiro está hoje tão indelevelmente inscrita na história cristã como o «facto» de ele ter nascido a 25 de dezembro.

As datas em que os Evangelhos canónicos foram escritos têm sido motivo de grande debate e controvérsia. Como escreve A.N. Wilson:

> Um dos aspetos mais curiosos do estudo do Novo Testamento é o facto de, apesar de homens sábios terem passado séculos a examinar os documentos, nunca terem conseguido responder sem margem para dúvidas a questões tão simples como onde os Evangelhos foram escritos, ou quando, e muito menos por quem.[19]

Os primeiros manuscritos completos que existem datam do século IV, mas são claramente cópias de textos mais antigos. Assim, os estudiosos tiveram de tentar determinar a sua proveniência através da análise da linguagem dos fragmentos remanescentes dos Evangelhos. Ainda que a questão não tenha sido conclusivamente resolvida, o consenso atual é que o Evangelho mais antigo é o de Marcos, tendo sido escrito talvez logo em 70 d.C. É também consensual que os Evangelhos de Mateus e de Lucas

foram amplamente baseados no de Marcos, tendo, pois, de ter sido compostos mais tarde, ainda que incorporem material de outras fontes. Julga-se que o Evangelho de João terá sido o último a ser escrito – algures entre 90 e 120 d.C.[20]

O quarto Evangelho – o de João – sempre foi uma espécie de enigma. Os de Mateus, Marcos e Lucas, conhecidos coletivamente como Evangelhos Sinópticos, contam mais ou menos a mesma história, pondo os acontecimentos basicamente na mesma sequência e retratando Jesus de forma similar – ainda que continuem a existir muitas discrepâncias e inconsistências em episódios individuais. Um bom exemplo disto é a diferença no número e nos nomes das mulheres que foram ao túmulo de Jesus segundo os três autores. O Evangelho de João, contudo, conta a história de Jesus numa ordem muito diferente e inclui também acontecimentos que os outros não referem.

Dois exemplos disso são as bodas de Canaã, em que Jesus realiza o seu primeiro milagre – transformando a água em vinho –, e a ressurreição de Lázaro, que se transforma, em João, num dos acontecimentos centrais. Que os outros cronistas não tivessem conhecimento de episódios tão importantes sempre desconcertou os historiadores bíblicos.

O Evangelho de João diverge também, contudo, na imagem que apresenta de Jesus. Enquanto os Evangelhos Sinópticos contam a história de um mestre religioso e milagreiro que cabe, em grande medida, num enquadramento judaico, o Evangelho de João tem uma atitude muito mais mística e gnóstica, dando muito mais destaque à divindade de Jesus. Procura também explicar o sentido por trás da história à medida que esta se desenrola.[21]

Hoje em dia, a visão convencional é de que Jesus era um líder religioso judeu que foi maioritariamente rejeitado pelo seu próprio povo. Muitos comentadores modernos não julgam sequer que ele pretendesse fundar uma nova religião, e acham que o cristianismo aconteceu quase por acidente, porque os ensinamentos de Jesus vingaram no resto do Império Romano. Isto explica, dizem eles,

ideias como a da divinização de Jesus: tinha de se tornar conhecido como o Filho de Deus – literalmente Deus encarnado – para apelar ao mundo romanizado, que estava habituado à ideia de que os seus soberanos e heróis se tornavam deuses. Uma vez que o Evangelho de João aprofunda estes temas, presumiu-se que teria sido escrito numa fase posterior do desenvolvimento do cristianismo, em que a nova religião começava a ajustar-se ao contexto mais vasto do Império Romano.

O problema é que o Evangelho de João é o único que realmente alega ser baseado no testemunho ocular de alguém que tinha estado presente nos grandes acontecimentos da vida de Jesus: «o discípulo amado», que é tradicionalmente entendido como sendo o jovem João, daí a atribuição do Evangelho.

O Evangelho de João contém certamente os pormenores mais circunstanciais, como o nome de indivíduos que surgem anonimamente noutras versões. Alguns estudiosos[22] argumentaram, pois, que o Evangelho de João é o primeiro, embora haja outras interpretações, que vão da ideia de que João tinha simplesmente a melhor imaginação à de ter usado testemunhos em primeira mão, mas aos quais acrescentou posteriormente a sua própria interpretação.

O Evangelho de João é, a todos os títulos, muito estranho. Há muito que tem vindo a desconcertar até os mais eruditos estudiosos devido às suas mensagens confusas: na verdade, o seu tom – que é inconfundível – é categoricamente desmentido pelos factos que tem o cuidado de expor perante o leitor. Devido às informações detalhadas que apresenta, o Evangelho de João é reconhecido como o mais historicamente valioso, mas é também visto como o mais temporalmente distante da vida de Jesus. Mostra um conhecimento mais preciso sobre as práticas religiosas judaicas, mas é o menos judeu e o mais helenístico na visão. É de longe o mais hostil aos judeus – as suas diatribes contra eles revelam verdadeiro ódio –, mas deixa mais claro do que os outros Evangelhos que foram os romanos, e não os judeus, os

responsáveis pela execução de Jesus. E é também o mais veemente na sua marginalização de João Batista, dedicando muitas palavras à sua aparente inferioridade e ignorando por completo o subsequente destino do Batista – mas, ao contrário dos Evangelhos Sinópticos, diz-nos que Jesus recrutou os seus primeiros discípulos no grupo de João e que os seguidores de ambos os líderes continuaram a ser rivais, revelando assim que João era importante por mérito próprio.

Esta evidente confusão é, no entanto, fácil de explicar através das muitas fontes que foram utilizadas para coligir o Evangelho de João – incluindo o seu testemunho ocular da missão de Jesus. E, como veremos, algumas destas fontes são particularmente reveladoras.

Muitos cristãos modernos acreditam que o Novo Testamento foi, de alguma forma, inspirado por Deus. Mas os factos argumentam contra isso: foi só em 325 d.C. que o Concílio de Niceia se reuniu para debater quais dos muitos livros seriam incluídos no que viria a tornar-se o Novo Testamento. Não existem dúvidas de que os homens presentes no Concílio trouxeram à tarefa os seus próprios preconceitos e agendas, dos quais estamos ainda a obter a triste colheita. Eventualmente, o Concílio determinou que só quatro Evangelhos seriam incluídos no Novo Testamento e rejeitou para sempre mais de cinquenta outros livros com mais ou menos as mesmas pretensões a serem considerados autênticos.[23]

De um só golpe, as perspetivas expressas, implícita ou explicitamente, no material rejeitado tornaram-se sinónimo de heresia. (Na verdade, o significado original da palavra *heresia* era simplesmente *escolha*.) Num certo sentido, o mesmo tipo de processo de seleção que foi utilizado pelo Concílio de Niceia no século IV continua até hoje. Não é geralmente permitido ao público em geral formar as suas próprias opiniões sobre os restantes textos. O *Evangelho de Tomé*, por exemplo, cuja existência era conhecida há muito, só foi totalmente descoberto quando os textos de Nag Hammadi foram encontrados, em 1945. Mas qualquer alegria ante a

sua descoberta deve decerto ser temperada pelo reconhecimento da razão para ele ter sido aceite pelos teólogos: estava de acordo com os quatro Evangelhos existentes, e foi por isso que lhe foi permitido passar para o cânone oficioso (ainda que a Igreja Católica o tenha declarado herético). Outros textos, datados mais ou menos do mesmo período, foram rejeitados por as perspetivas religiosas que continham não estarem de acordo com as do Novo Testamento. Estes são geralmente os textos que têm origem gnóstica.

Os cristãos são educados com a ideia de que a «verdade do Evangelho» significa os *factos*: literais, inequívocos, inquestionáveis e de inspiração divina. Muito poucos estudiosos modernos aceitam, contudo, que o Novo Testamento seja a palavra de Deus, pois sabem que as palavras do Novo Testamento não são mais nem menos válidas do que qualquer outro relato feito por alguém 50 ou mais anos depois dos acontecimentos descritos.

Será coincidência que os Evangelhos só tenham sido escritos após o primeiro missionário, Paulo, ter evangelizado muitos dos países do leste do Mediterrâneo? Nas suas cartas, Paulo não dá qualquer pista de que soubesse algo mais sobre a vida e os atos de Jesus além do facto de ter morrido e ressuscitado dos mortos. Foram, pois, os Evangelhos criados para reforçar a sua versão do cristianismo ou para a contrariar? Os autores dificilmente poderiam não ter tido conhecimento do ministério de Paulo.

Os relatos dos Evangelhos foram, como vimos, escritos pelo menos quatro décadas após a Crucifixão, e as coisas tinham avançado desde então – até porque a «vinda do reino de Deus», tal como fora prometida por Jesus, não se materializara realmente. Este período de tempo implica, claro, enormes problemas para a avaliação da autenticidade dos Evangelhos, pois é impossível saber que passagens foram baseadas em acontecimentos históricos reais, em rumores e na extrapolação a partir de rumores ou numa perfeita invenção. Muitas das palavras que hoje julgamos terem vindo dos lábios do próprio Jesus podem não ter sido registadas textualmente, ou podem nunca ter sido ditas por ninguém.[24] Algumas delas podem

ter sido mal recordadas até pelos seus seguidores (ainda que seja possível que um povo com uma tradição oral como a dos judeus as tenha mantido consideravelmente «mais puras» durante mais tempo do que hoje o faríamos) e podem ter sido atribuídas a Jesus palavras de outras pessoas totalmente diferentes. Ironicamente, contudo, uma das poucas formas de se testar se um dito é genuíno é o «princípio da dissemelhança»: ou seja, ver se *contradiz* a mensagem geral dos Evangelhos. Afinal, se for contra o espírito da maior parte do texto, é improvável que o autor o tenha inventado.[25]

Durante a maior parte dos últimos dois mil anos, presumiu-se que os Evangelhos tinham sido inspirados por Deus, contendo a pura verdade sobre Jesus, os seus ensinamentos e a sua mensagem para a humanidade. Era entendido como sendo o Filho de Deus, enviado para salvar o Homem dos seus pecados através de um ato de supremo sacrifício e para estabelecer uma nova Igreja capaz de substituir a religião do Antigo Testamento – e, consequentemente, a de todos os pagãos do mundo grego e romano. Só nos últimos 200 anos é que a Bíblia foi sujeita à mesma análise crítica que outros documentos históricos e foi feita uma tentativa de enquadrar a vida e os ensinamentos de Jesus no contexto do seu tempo.

Seria de esperar que um tal processo tivesse esclarecido muito sobre o caráter e as motivações de Jesus. Na verdade, aconteceu o oposto. Ainda que esta abordagem tenha revelado que muitas suposições estão erradas – *não* foi, por exemplo, por iniciativa dos líderes religiosos judeus que Jesus foi executado, mas sim devido às acusações de intriga política feitas pelos romanos[26] –, falhou por completo em responder a algumas das questões mais fundamentais acerca dele. Podemos dizer o que Jesus *não foi*, mas continua a ser difícil dizer o que *foi*.[27]

O resultado disto é que o estudo do Novo Testamento está atualmente em crise. É incapaz de chegar a acordo sobre questões tão fundamentais como estas: terá o próprio Jesus afirmado ser o Messias? Terá alegado ser o Filho de Deus? Terá proclamado ser o Rei dos Judeus? E é totalmente incapaz de explicar a importância

de muitas das coisas que ele fez. Nem sequer consegue apresentar uma explicação convincente para a sua Crucifixão, pois nada há no que Jesus disse ou fez – tal como é relatado nos Evangelhos – que tivesse ofendido de tal modo os líderes religiosos judeus ou os senhores romanos ao ponto de os levar a querer o seu sangue.[28] Muitas das suas ações simbólicas, como o derrubar das mesas dos prestamistas no Templo ou até o evento crucial da instituição da Eucaristia na Última Ceia, não podem ser relacionadas com nada no judaísmo.

O mais incrível de tudo é, porém, o facto de os estudiosos do Novo Testamento terem grandes dificuldades em explicar porque haveria uma religião de ter sido fundada em nome de Jesus em primeiro lugar. Se era realmente o há muito aguardado Messias judaico, então Jesus falhou nesse papel, pois foi humilhado, torturado e morto. E, ainda assim, os seus seguidores não só continuaram a venerá-lo como foram também levados pela sua devoção a ele a demarcarem-se como diferentes dos outros judeus.

Um bom exemplo desta confusão académica surge nas obras de dois dos mais importantes estudiosos do Novo Testamento dos últimos tempos, Hugh Schonfield e Geza Vermes. Os paralelismos entre os dois professores são impressionantes. Ambos eram estudiosos do judaísmo que, desde muito cedo, desenvolveram um interesse pelas origens do cristianismo, tendo dedicado a maioria das suas ilustres vidas profissionais a esse tema. Ambos se aperceberam de que a maioria dos estudiosos cristãos não tinham conseguido enquadrar a busca pelo Jesus histórico no contexto mais vasto da cultura judaica do seu próprio tempo e espaço. Ambos esperavam encontrar a resposta através de uma cuidadosa comparação entre os relatos do Evangelho e o judaísmo do tempo de Jesus, e ambos publicaram, além dos seus muitos trabalhos académicos, livros de enorme sucesso e popularidade a apresentar os resultados do trabalho de uma vida – Schonfield com o seu *The Passover Plot* (1965) e Vermes com o seu *Jesus the Jew* (1973). As

conclusões a que chegaram, contudo, dificilmente poderiam ter sido mais diferentes.

Vermes apresenta Jesus como um judeu hassídico – um dos bastante xamânicos herdeiros dos profetas do Antigo Testamento que se destacavam pela sua independência do judaísmo institucional e pelos seus milagres. Alega nada haver no Novo Testamento que sugira que Jesus alguma vez tenha afirmado ser o Messias, e muito menos o Filho de Deus – esses títulos foram-lhe retroativamente aplicados pelos seus seguidores. Schonfield, por outro lado, coloca Jesus como uma figura essencialmente política que luta para tornar a Palestina independente de Roma, tendo moldado *conscientemente* o seu próprio percurso para se ajustar ao do Messias esperado, ao ponto de até planear voluntariamente a sua própria morte por crucifixão.

Foi *The Passover Plot*, de Schonfield, que revelou ainda mais motivos para se ser cauteloso na aceitação da «verdade do Evangelho». A sua obra demonstrou que existia por trás de Jesus e dos seus seguidores conhecidos um outro grupo obscuro, com a sua própria agenda e interesse em manipular a sua história. Ainda que esta alegação seja conhecida, vale a pena resumi-la brevemente aqui.

Ao longo de todas as histórias dos Evangelhos, Jesus encontra repetidamente certas pessoas que não são nem os seus discípulos mais próximos nem fazem parte da sua massa de seguidores, e que são geralmente abastadas – como José de Arimateia, que surge do nada para monopolizar os preparativos para a inumação de Jesus. As principais figuras desta organização eram o grupo de Betânia, a que Schonfield se refere como a «base operacional»[29] de Jesus.

Este grupo parece ter assegurado que Jesus cumpria o papel do Messias esperado, principalmente a entrada em Jerusalém. O burro em que se sentou, cumprindo assim a profecia de Zacarias (9:9), fora claramente preparado com antecedência, incluindo uma palavra-passe a fim de ser entregue – ainda que os discípulos de Jesus nada soubessem a esse respeito.[30] Depois, a sala para a

Última Ceia está pronta e à sua espera, apesar de ser o período mais movimentado do ano e de Jerusalém estar a abarrotar. Jesus diz aos seus discípulos para irem à cidade e procurarem um *homem* a carregar um cântaro de água (que teria saltado à vista, pois só as mulheres realizavam tarefas tão servis); mais uma vez, deveriam ser trocadas senhas e ele levá-los-ia então à sala superior.[31]

Isto indica que os discípulos não tinham conhecimento de grande parte do que realmente se passava, e que Jesus estava a seguir algum tipo de programa pré-planeado, em que a família de Betânia estava entre os principais intervenientes. Este é outro exemplo de como os Evangelhos não traçam um retrato completo da história de Jesus.

A maioria das pessoas sabe atualmente que foram atribuídos a Jesus motivos políticos. É hoje sabido que os seus discípulos incluíam membros de diferentes fações – algumas delas tão extremas que seriam hoje chamadas de terroristas. O segundo nome de Judas, que é geralmente apresentado como «Iscariotes», é nos dias de hoje entendido pela maioria dos estudiosos como tendo derivado de *sicarii*, o nome de um desses grupos. Simão, o Zelota, é outro exemplo de quão perto os homens violentos estavam de Jesus.[32]

As obras de Schonfield e Vermes são relativamente conhecidas e de fácil acesso. A obra de um outro investigador bíblico, contudo, embora merecedora de um público muito mais vasto, recebeu, na verdade, um muito mais pequeno.

Em 1958, o Dr. Morton Smith (posteriormente professor de História Antiga na Universidade de Columbia, em Nova Iorque) fez uma descoberta altamente significativa na biblioteca de Mar Saba, uma comunidade isolada e fechada da Igreja Ortodoxa Oriental a cerca de 20 quilómetros de Jerusalém. Smith fora pela primeira vez ao mosteiro durante a Segunda Guerra Mundial, quando, enquanto aluno, ficara preso na Palestina. Vendo a potencial importância dos documentos que haviam sido acumulados naquela biblioteca ao longo dos séculos, regressou lá em 1958.

A sua descoberta mais significativa em Mar Saba foi de alguns fragmentos de um «Evangelho Secreto» que se dizia ter sido escrito por Marcos.[33] O que realmente encontrou foi a cópia de uma carta de Clemente de Alexandria, um dos Pais da Igreja do século II. A cópia datava, no mínimo, da segunda metade do século XVII, e fora escrita nas guardas de um livro datado de 1646 (uma prática comum quando documentos muito antigos começavam a deteriorar-se). Mas, a partir da análise do estilo – que contém muitas das conhecidas idiossincrasias de Clemente –, os paleógrafos determinaram que o original fora efetivamente escrito por ele. Existem também peculiaridades nos excertos deste «Evangelho Secreto» que são citados na carta, o que torna provável a sua autenticidade. (Descreve Jesus, por exemplo, como ficando zangado. Nos Evangelhos canónicos, só Marcos atribui emoções humanas normais a Jesus – os outros retiraram esses elementos das suas versões, e não é propriamente algo que os Pais da Igreja, como Clemente, fossem inventar.)

A carta de Clemente é uma resposta a alguém chamado Teodoro, que aparentemente lhe escrevera a pedir conselhos sobre como lidar com uma seita herética conhecida como Carpocratas (em honra do seu fundador, Carpócrates). Tratava-se de um culto gnóstico cujas práticas incluíam ritos sexuais, que eram previsivelmente condenados por Clemente e pelos outros Pais da Igreja. As doutrinas da seita eram aparentemente baseadas numa versão alternativa do Evangelho de Marcos. Na sua carta, Clemente admitia que este Evangelho existia e era autêntico – embora acusasse os Carpocratas de o interpretar mal e de falsificar algumas partes – e que representava um Evangelho escrito por Marcos, contendo os ensinamentos esotéricos de Jesus que não se destinavam a ser revelados ao cristão comum. Este «Evangelho Secreto de Marcos» era muito similar à mais conhecida versão canónica, com a exceção de que continha pelo menos duas passagens que haviam sido deliberadamente removidas para se manterem longe da vista dos «não iniciados».

A descoberta é significativa por três razões. Primeiro, pela perspetiva que dá dos anos formativos da Igreja Cristã e dos métodos utilizados pelos Pais da Igreja para estabelecer o cânone dos dogmas cristãos. Mostra que houve textos que foram *realmente* editados e censurados, e que até obras reconhecidas como de igual valor ao dos Evangelhos canónicos eram sonegadas aos adoradores comuns. Além disso, revela que até mesmo uma tão augusta figura como Clemente estava disposta a mentir para impedir que esse material se tornasse mais conhecido: embora admita a Teodoro que o Evangelho Secreto de Marcos existe, aconselha-o a negá-lo a todos os outros.

O segundo aspeto importante é que confirma que os Evangelhos canónicos, bem como os outros livros do Novo Testamento, não traçam um retrato completo dos ensinamentos e motivações de Jesus, e que (tal como é sugerido por algumas descrições das suas palavras nos Evangelhos canónicos) havia pelo menos dois níveis de ensinamentos. Um era o exotérico, para os seguidores comuns, e o outro era o esotérico, para os discípulos especiais – ou o verdadeiro círculo interno de *iniciados*.

O terceiro aspeto significativo da descoberta do Evangelho Secreto de Marcos – e um particularmente relevante para a nossa própria investigação – é a natureza das duas passagens que Clemente cita na sua carta.

A primeira é um relato da ressurreição de Lázaro, embora nesta versão ele não seja nomeado, sendo simplesmente descrito como um «jovem» de Betânia. O relato é muito similar ao do Evangelho de João, exceto que, nesta versão, há um seguimento para o efetivo milagre – diz que, passados seis dias, o jovem foi ter com Jesus «usando um pano de linho sobre o seu corpo despido» e passou com ele uma noite, durante a qual lhe foi «ensinado… o mistério do reino de Deus.»[34] Mais do que uma ressurreição milagrosa, a ressurreição de Lázaro parece, pois, ter sido parte de algum tipo de rito iniciático em que o iniciado passa por uma morte e renascimento simbólicos antes de lhe serem dados os ensinamentos secretos.

Esse tipo de rito é um elemento comum em muitas das religiões dos mistérios que eram amplamente praticadas nos mundos grego e romano – mas terá também incluído, como alguns leitores poderão deduzir, uma iniciação homossexual?

Morton Smith especulou decerto que assim poderia ser, a julgar pela alusão específica a um único pano a cobrir a nudez do jovem e ao facto de este ter passado uma noite sozinho com o seu mestre, Jesus. Na nossa opinião, contudo, esta é uma interpretação demasiado moderna – e facunda –, pois era corrente as escolas dos mistérios envolverem tanto a nudez como longas horas de reclusão com o iniciador sem que houvesse necessariamente qualquer atividade sexual envolvida.

O facto de esta descrição ser da ressurreição de Lázaro é também importante. Como vimos, este é um dos episódios do Evangelho de João que não surge em nenhum dos outros, e é citado pelos críticos como prova de que o Evangelho não é autêntico. O próprio facto de ter em tempos surgido pelo menos num dos outros Evangelhos, sendo depois deliberadamente removido, sustenta a autenticidade de João e explica o porquê de acontecimentos tão significativos terem sido censurados, uma vez que davam pistas para um ensinamento secreto que estivera reservado ao círculo interno de Jesus.

A outra passagem, mais curta, citada por Clemente é também interessante, pois preenche um conhecido intervalo na história que foi já reconhecido pelos académicos. No Evangelho canónico de Marcos (10:46) surge esta curiosa afirmação: «E eles [Jesus e os seus discípulos] foram a Jericó; e, quando ia a sair de Jericó com os seus discípulos e um grande número de pessoas, o cego Bartimeu, filho de Timeu, estava sentado a mendigar à beira da estrada.» Uma vez que não fazia sentido dizer-nos que Jesus tinha ido a Jericó, deixando depois imediatamente a cidade, é óbvio que falta algo nesta versão. A carta de Clemente confirma ser esse o caso ao apresentar a passagem censurada, que é esta:

E a irmã do jovem amado por Jesus e a sua mãe e Salomé estavam lá, e Jesus não as recebeu.

Este versículo omitido parece inofensivo quanto baste, e não despertou o mesmo interesse que a passagem de «Lázaro» – mas é, na verdade, muito mais significativo do que inicialmente parece. O «jovem amado por Jesus» é Lázaro, pois é referido por esta expressão no Evangelho de João. (E, uma vez que a expressão é também aplicada ao discípulo em cujo testemunho o Evangelho se baseia – «João» –, há pelo menos bons motivos para supor que o «Discípulo Amado» e Lázaro são uma e a mesma pessoa.) As irmãs de Lázaro são Maria e Marta de Betânia, e se aceitarmos que esta Maria é a mesma que Maria Madalena, então esta seria uma das três mulheres que Jesus evitou em Jericó.

Devido à sua brevidade, esta passagem não contém as implicações teológicas do acima referido relato mais longo sobre Lázaro. O que é significativo, no entanto, é que, por alguma razão, uma frase tão aparentemente inofensiva tenha sido suprimida tão cedo. Que possível razão poderiam os Pais da Igreja ter tido para negar aos seus seguidores o conhecimento de que houvera algum tipo de situação envolvendo Jesus e a irmã de Lázaro – possivelmente Maria Madalena –, a sua mãe e uma mulher chamada Salomé?

Os estudiosos reagiram à descoberta deste material por parte de Smith ignorando as implicações e declarando-o demasiado insubstancial para ser devidamente analisado. Mas, na nossa opinião, levanta algumas questões interessantes.

Clemente acreditava que Marcos tinha escrito o seu «Evangelho Secreto» durante a sua estadia na cidade egípcia de Alexandria. Tendo em mente que tanto o «mito fundacional» do Priorado de Sião como o do Rito de Mênfis associam o sacerdote egípcio Ormus a São Marcos, poderá ser uma alusão velada a esta tradição secreta?

A descoberta do Evangelho Secreto de Marcos confirma que os livros do Novo Testamento tal como os conhecemos hoje *não* são verdadeiros registos imparciais de Jesus e do seu ministério. Em

certa medida, são obras de propaganda. Pode parecer impossível ter sequer esperança de reconstruir uma imagem precisa dos primeiros dias do cristianismo a partir das suas páginas. Mas a situação não é totalmente desesperada. A propaganda pode *efetivamente* ser utilizada para extrair conclusões razoáveis, desde que seja reconhecida por aquilo que é. Se for cuidadosamente analisada, pode ser levada a revelar o que se destinava a esconder – são suspeitas, por exemplo, as passagens em que o obscurecimento é óbvio ou em que os nomes são omitidos sem nenhum motivo aparente.

É, porém, encorajador saber que muito do material «proibido» que foi retirado dos textos originais do Novo Testamento ou que aparecia nos Evangelhos que foram totalmente banidos do Novo Testamento pelo Concílio de Niceia, foi secretamente preservado pelos supostos «hereges», cuja heresia se devia muitas vezes ao facto de saberem a verdade sobre estas páginas censuradas. O que poderia este material editado conter que fosse tão potencialmente prejudicial à Igreja que fez com que aqueles que o conheciam fossem implacavelmente perseguidos e queimados vivos?

Pegando nas pistas da nossa investigação aos movimentos clandestinos europeus, dispusemo-nos a reavaliar a história de Jesus e dos seus ensinamentos. Durante anos, debatêramo-nos com a enorme quantidade de informações diferentes que tínhamos reunido a partir de várias fontes – desde textos teológicos convencionais a entrevistas aos próprios «hereges», das páginas do Novo Testamento e dos textos apócrifos e gnósticos às obras de alquimistas e hermetistas. Eventualmente, começou a surgir um padrão – e era tão surpreendente, tão diferente da versão dos acontecimentos que é ensinada nas igrejas, que inicialmente duvidámos das nossas próprias conclusões.

E se muitos destes alegados «hereges», com o seu conhecimento secreto da história original de Jesus, fossem na verdade *os verdadeiros cristãos*? O que pode uma análise verdadeiramente imparcial da história dizer-nos sobre estes

acontecimentos cruciais na Palestina do século I? Era tempo de afastar os antolhos do preconceito e ver para lá do mito.

Capítulo Doze

A MULHER QUE JESUS BEIJOU

A mulher conhecida como Maria Madalena tem claramente uma importância enorme, ainda que inicialmente desconcertante, para os antigos movimentos «heréticos» da clandestinidade europeia. As suas ligações ao culto da Virgem Negra, aos trovadores medievais e às catedrais góticas, ao mistério que rodeia o abade Saunière de Rennes-le-Château e ao Priorado de Sião implicam que existia algo nela que sempre foi considerado *perigoso* pela Igreja.

Como vimos, muitas lendas cresceram em torno desta enigmática e poderosa mulher. Mas quem era ela, e qual é o seu segredo?

Existem, como vimos, poucas referências explícitas a «Maria Madalena» nos Evangelhos do Novo Testamento. Mas fica claro, pela forma como é mencionada, que era a mais importante das discípulas de Jesus – sendo todas elas ainda hoje quase totalmente ignoradas pela Igreja. Se chama a atenção para elas, é geralmente com o entendimento implícito de que, de alguma forma, a palavra «discípulo» tem mais peso quando aplicada aos homens. Na verdade, o papel das discípulas foi minimizado ao máximo por comentadores que vieram muito depois dos autores dos Evangelhos. Pois, ainda que os judeus do século I possam ter tido problemas sociológicos e religiosos com o conceito de mulheres *importantes*, devido simplesmente à sua cultura, os críticos mais recentes não têm essa desculpa. Ainda assim, o debate sobre a ordenação de mulheres no sacerdócio anglicano – para citar só um exemplo – mostra que pouco mudou em 2000 anos. Para os frequentadores da igreja em todo o mundo, os «discípulos» são automática e exclusivamente as preponderantes figuras masculinas de Pedro, Tiago, Lucas e por aí adiante, e *não* «Maria Madalena, Joana, Salomé…», apesar de estas mulheres serem elencadas até pelos próprios autores dos Evangelhos.

Durante as intermináveis discussões sobre a ordenação de mulheres (até as mulheres envolvidas tiveram o máximo cuidado de não utilizar o termo «pagão» *sacerdotisa*), foram citadas

deturpações extraordinárias dos seguidores de Jesus como «prova» de que as mulheres não estavam destinadas a pertencer ao clero. Foi dito, por exemplo, que Jesus escolhera os seus discípulos apenas entre os homens, apesar de, tal como vimos, serem referidos *os nomes* de mulheres pertencentes ao seu grupo, e apesar do facto de a tradição judaica da época significar que, se tivesse sido possível aos autores dos Evangelhos ignorá-las por completo, eles tê-lo-iam feito. O facto de serem referidas indica que tinham um papel inevitavelmente significativo no ministério – como foi certamente o caso nas gerações seguintes de cristãos. Pois, tal como foi conclusivamente demonstrado por Giorgio Otranto, professor italiano de história da Igreja, e por outros autores, durante várias centenas de anos, as mulheres não só faziam parte da congregação como desempenhavam efetivamente as funções de *sacerdotes* e *bispos*.

Sobre a autoridade das mulheres nos primórdios do cristianismo, Karen Jo Torjesen escreve o seguinte no seu livro *When Women Were Priests* (1993):

> Sob um alto arco numa basílica romana consagrada a duas santas, Prudenciana e Praxedis, está um mosaico que retrata quatro figuras femininas: as duas santas, Maria e uma quarta mulher cujo cabelo está velado e cuja cabeça está rodeada por um halo quadrado – técnica artística indicativa de que a pessoa ainda estava viva quando o mosaico foi feito. Os quatro rostos fitam serenamente a partir de um reluzente fundo dourado. Os rostos de Maria e das duas santas são facilmente reconhecíveis. Mas a identidade da quarta é menos evidente. Uma inscrição em letras cuidadas identifica o rosto da esquerda como *Theodora Episcopa*, que significa Bispa Teodora. A forma masculina para bispo em latim é *episcopus*; a forma feminina é *episcopa.* A prova visual do mosaico e a prova gramatical da inscrição sublinham inconfundivelmente que a Bispa Teodora era uma mulher. Mas o *a* em Teodora foi

> parcialmente apagado por arranhões feitos nos ladrilhos de vidro do mosaico, levando à perturbadora conclusão de que houve tentativas de desfigurar o termo feminino, talvez até na antiguidade.[1]

Os padres podem emaranhar-se em nós lógicos a tentar explicar representações tão gráficas de mulheres no sacerdócio – alguns tentaram até descartar Teodora como a *mãe* de um bispo –, mas os factos falam por si. As mulheres não eram úteis apenas para fazer o equivalente do século I de café e sandes; participavam na Eucaristia e conduziam as congregações no culto. Não havia qualquer sugestão, nesses primeiros dias, de que uma sacerdotisa menstruada contaminaria de algum modo o pão e o vinho simbólicos, como em tempos recentes.[2]

Só em novembro de 1992 é que a Igreja de Inglaterra votou finalmente a espinhosa questão do sacerdócio das mulheres e, por uma mera margem de dois votos, decidiu permitir que fossem ordenadas. Embora não seja nossa intenção demorarmo-nos na controvérsia da ordenação das mulheres, expressamos a nossa solidariedade para com as muitas mulheres que, contra todas as probabilidades, tentaram explicar aos seus «superiores» masculinos que tudo o que pediam era um *regresso* à forma como era no princípio, não uma reinterpretação radical do século XX. Ao exigir que lhes fosse permitida a ordenação, estas mulheres não estavam a pedir mais do que os direitos que teriam tido há séculos. (Surpreendentemente, o verdadeiro estatuto das mulheres na Igreja dos primórdios parece ter sido conhecido no século XVI: o tratado de Agrippa sobre a superioridade das mulheres, discutido no Capítulo Sete, inclui as seguintes palavras: «[não somos] ignorantes das muitas santas abadessas e freiras entre nós, a que a antiguidade não rejeitou chamar de sacerdotisas.»[3])

Existem, no entanto, muito bons motivos para as mulheres serem tão importantes no culto de Jesus – o que, infelizmente, tornou inevitável que certos tipos de homens procurassem rebaixá-las e denegri-las. Embora venhamos a abordar esse assunto mais tarde,

basta dizer por agora que não existem dúvidas de que as mulheres desempenhavam um papel sacerdotal nos primórdios da Igreja Cristã, e que era no mínimo igual ao dos homens.

Uma das mais condescendentes suposições dos sacerdotes é que as mulheres referidas nas Epístolas e nos Atos dos Apóstolos eram meras provedoras de hospitalidade para os Apóstolos que andavam a pregar e a batizar. Mulheres com nomes como Lúcula e Filipa recebem agradecimentos pelo seu patrocínio, e é claro que muitas destas mulheres eram ricas e talvez surpreendentemente independentes para o seu tempo e cultura. Ainda que desafiemos a ideia de que era esta a sua única função, a forma como Maria Madalena é descrita deixa claro que foi uma das primeiras benfeitoras.

Ela e as outras mulheres «atendiam-nos [Jesus e os seus discípulos] da sua própria substância», o que indica que os sustentavam financeiramente. Noutros pontos, as mulheres são descritas como «seguindo-o», e as palavras originais implicam realmente uma participação plena nas atividades e práticas do grupo.

Como vimos, Maria Madalena é a única mulher nos Evangelhos a não ser identificada pela sua relação com um homem – como irmã, mãe, filha ou esposa. É simplesmente mencionada. Ainda que isto possa refletir ignorância por parte dos cronistas quanto à sua identidade, é mais provável que fosse tão conhecida no seu tempo que era inconcebível que qualquer dos primeiros cristãos não soubesse imediatamente de quem se tratava.

Mas, ainda que as suas relações com os outros se prestem a discussão, há algo que emerge claramente dos relatos dos Evangelhos: Maria Madalena era uma mulher independente. E, tal como observa Susan Haskins, isto tem uma implicação clara de que era uma mulher «de algumas posses».[4]

Significativamente, muito poucas personagens dos Evangelhos são mencionadas como Maria (a) Madalena, e, dessas poucas, as

duas que saltam à vista são Jesus, o Nazareno, e João, o Batista (ou, na descrição que tem vindo a ganhar preferência, o Batizador).

O que significa o seu nome? «Madalena» parece significar «de Magdala», e é sempre dito que isto se refere à vila piscatória de el Mejdel, na Galileia. Mas *não existem provas* de que assim seja, ou que fosse conhecida como Magdala no tempo de Jesus. (Na verdade, el Mejdel é referida por Josefo como Tariqueia.) Existia, porém, uma cidade de Magdolum no nordeste do Egito, perto da fronteira com a Judeia – provavelmente a Migdol referida em Ezequiel.[5]

O significado do próprio termo Magdala tem estado aberto a várias interpretações possíveis, como «lugar da pomba», «lugar da torre» e «torre do templo».[6]

Pode até ser que o nome de Maria fosse simultaneamente uma referência a um lugar e a um *título*, pois há no Antigo Testamento uma profecia reveladora (Miqueias 4:8):

> E tu, ó torre do rebanho, fortaleza da filha de Sião, a ti virá o primeiro domínio; o reino virá à filha de Jerusalém.

Pois, como observa Margaret Starbird no seu estudo de 1993 sobre o culto da Madalena, *Maria Madalena e o Santo Graal: A Mulher do Vaso de Alabastro*, as palavras traduzidas como «torre do rebanho» são *Magdal-eder*, acrescentando depois o seguinte:

> Em hebraico, o epíteto *Magdala* significa literalmente «torre» ou «elevada, grande, magnífica».[7]

Seria a ligação da Madalena às torres e, mais significativamente, à restauração de Sião conhecida no seu próprio tempo? É também muito revelador que *Magdal-eder* significasse «torre do rebanho», com a sua implicação de sentinela ou guardiã de seres inferiores – e até, talvez, de ser uma «Boa Pastora».

Maria Madalena já causou alvoroço no nosso próprio tempo, quando foi alegado em *O Sangue de Cristo e o Santo Graal* que fora a esposa de Jesus. Ainda que esta sugestão não fosse realmente nova, era a primeira vez que a maioria das pessoas ouvia falar nela e, previsivelmente, causou agitação. A culpa associada ao sexo está

tão profundamente enraizada na nossa cultura que qualquer sugestão de Jesus ter tido uma parceira sexual – ainda que no contexto de um casamento monógamo e de amor – é vista por muitos como de algum modo sacrílega e repugnante. O conceito de um Jesus casado continua, de modo geral, a ser visto como improvável na melhor das hipóteses e como obra do Diabo na pior. Mas existem muitas razões para acreditar que Jesus esteve realmente envolvido num relacionamento íntimo – e muito provavelmente com Maria Madalena.

Muitos comentadores salientaram que o absoluto silêncio por parte do Novo Testamento acerca do estado civil de Jesus é muito estranho. Geralmente, os cronistas do seu tempo e espaço descreviam as pessoas em termos do que as *diferenciava* das outras – e, para um homem com mais de 30 anos, não ter sido casado teria sido praticamente único. Importa lembrar que nos baseamos na imagem de Jesus que foi traçada pelos autores dos Evangelhos e pelas suas fontes: a sua perspetiva era essencialmente judaica. Os judeus viam o celibato como *impróprio*, pois sugeria uma relutância em gerar a próxima geração do povo eleito do Senhor, e era motivo de censura por parte dos anciões da sinagoga. Alguns rabinos do século II, segundo Geza Vermes, «comparam ao homicídio a abstinência deliberada de procriação».[8] As frequentemente infundadas genealogias da Bíblia provam que os judeus eram um povo orgulhosamente dinástico, que continua, aliás, a dar grande valor aos estreitos laços familiares. O casamento sempre foi fundamental para o modo de vida dos judeus – sobretudo quando a nação estava sob ameaça, como ocorria sob o domínio romano. Que um pregador carismático e famoso *não* tivesse sido marido e pai seria, no mínimo, um escândalo, e teria sido um milagre que o seu grupo tivesse durado muito tempo, sobretudo após a morte do seu fundador.

Segundo o Novo Testamento, Jesus e os seus seguidores tinham muitos inimigos. Mas não existem vestígios de qualquer acusação de terem sido um enclave de homossexuais – como teria sem

dúvida ocorrido se tivessem sido um grupo de homens celibatários: se tal escândalo alguma vez tivesse existido, teria certamente chegado a Roma e saberíamos disso hoje em dia. Este tipo de calúnias não está reservado aos tabloides modernos – Pilatos e as suas coortes eram romanos sofisticados e experientes – e os judeus reconheciam a existência da homossexualidade, ainda que apenas para a condenar. Se Jesus e os seus discípulos fossem celibatários e pregassem o celibato, bastaria isso para causar agitação entre as autoridades.

Geralmente, os estudiosos evitam discutir a questão do celibato, aceitando com confiança a tradição da Igreja de que Jesus não era casado. Mas quando o tema é *realmente* discutido, as dificuldades em provar o seu estado civil surgem de forma clara. Geza Vermes, por exemplo – e tal como vimos –, na sua tentativa de definir o Jesus histórico, chegou à conclusão de que o molde em que este melhor se enquadrava era o dos judeus hassídicos, os herdeiros dos profetas do Antigo Testamento. Ao fazê-lo, tenta – por vezes com sucesso, outras nem tanto – explicar as ações e ensinamentos de Jesus nos termos de um tal papel, comparando-os aos de outros conhecidos judeus hassídicos desse período e local. Mas, quando chega à questão do celibato de Jesus (que aceita), depara-se com dificuldades. Tem de admitir que a maioria dos judeus hassídicos que utiliza como comparação eram casados e pais de filhos. Na verdade, só consegue encontrar um outro santo dessa cultura que louve o celibato – Pinhas ben Yair, que viveu um século depois de Jesus e nem sequer era hassídico![9] Surpreendentemente, bastou isto para Vermes concluir que Jesus tivera um estilo de vida similar, mas outros podem não ser tão fáceis de convencer. Na verdade, o celibato de Pinhas era tão invulgar que lhe valeu notoriedade *só por esse facto*. Não existe qualquer sugestão de que o estilo de vida ou a mensagem de Jesus enfatizassem ou promovessem o celibato: se houvesse, tê-lo-iamos certamente sabido.

É verdade que havia algumas seitas judaicas, como os Essénios, que eram celibatárias – ainda que, mais uma vez, só o saibamos

porque era de tal modo invulgar que atraiu comentários específicos. Houve quem utilizasse isto a favor do argumento de que o próprio Jesus era essénio. Mas a seita não é referida uma única vez em todo o Novo Testamento, o que dificilmente se teria verificado se Jesus tivesse sido o seu mais famoso membro.

A possibilidade de Jesus ter sido casado foi citada por vários comentadores modernos, mas o silêncio dos Evangelhos sobre o tema tem outra interpretação possível. Pode ter tido uma parceira sexual que não era sua esposa, ou ter passado por uma forma de casamento que não era reconhecida pelos judeus.

(Importa recordar que a tradição herética salientava que Jesus e a Madalena eram parceiros sexuais, não que eram marido e esposa; como vimos, os Evangelhos Gnósticos, os Cátaros e outros na rede clandestina referiam-se especificamente a ela como «concubina» ou «consorte» de Jesus, ou tinham o cuidado de utilizar termos ambíguos como o da sua «união».)

Quanto a provas claras do estado civil de Jesus, houve quem argumentasse que as bodas de Canaã, em que Jesus transformou a água em vinho, eram na verdade as suas.[10] Na história, o seu estatuto parece ser o do noivo. É esperado, por razões de outro modo inexplicáveis, que forneça o vinho para o banquete nupcial. Mais uma vez, é interessante que este evento crucial, em que Jesus realiza o seu primeiro milagre público, surja apenas no Evangelho de João, não sendo mencionado nos outros três. Pode, porém, haver outra interpretação para este evento, que discutiremos mais tarde.

A contrabalançar estes argumentos, surgem as seguintes questões: se Jesus era casado, porque não há então qualquer referência específica à sua esposa ou família nos Evangelhos? Se era casado, quem era a sua esposa? Porque haveriam os seus seguidores de querer apagar qualquer referência a ela? Talvez a evitassem porque a sua relação com Jesus os ofendia e revelar-se-ia embaraçosa para a sua missão. Se não eram casados, mas

tinham uma íntima relação sexual e espiritual, então os discípulos teriam preferido esquecê-la.

É precisamente esta a situação que tão vividamente é descrita nos Evangelhos Gnósticos, em que a identidade da parceira de Jesus é esclarecida. Maria Madalena era a *parceira sexual* de Jesus, e os discípulos ressentiam-se da sua influência sobre o seu líder.

Quanto à razão para a relação de Jesus com a Madalena ter sido encoberta, o que hoje pode parecer óbvio não o era no contexto do século I. Podemos pensar que o encobrimento se deveu ao facto de a Igreja Cristã sempre ter aparentemente feito das mulheres subordinadas e visto a procriação como um mal necessário. Mas as evidências mostram que esta atitude anticasamento é o *resultado*, e não a causa, deste encobrimento. Na verdade, a Igreja dos primórdios, antes de se ter tornado uma instituição e estabelecido uma hierarquia, não tinha, como já vimos, quaisquer preconceitos contra as mulheres.

Que houve um encobrimento deliberado da Madalena e da sua relação com Jesus é algo evidente, mas não se explica apenas por pura misoginia. Tem de ter havido algum outro fator a inspirar esta campanha anti-Madalena. Supostamente, estaria de algum modo ligada ao seu caráter ou identidade, e/ou à natureza da sua relação com Jesus. Por outras palavras, o problema não era o facto de Jesus ser casado, mas sim com quem.

Ao longo desta investigação, tínhamo-nos deparado uma e outra vez com estes indícios de que a Madalena fora, de algum modo, considerada desagradável. Agora, tínhamos de descobrir o que tinha ela que criava esta aura de perigo, que fatores além da mera misoginia estavam por detrás do curioso e antigo medo desta poderosa companheira de Jesus.

A identificação de Maria Madalena, de Maria de Betânia (a irmã de Lázaro) e da «pecadora anónima» que unge Jesus no Evangelho de Lucas sempre foi motivo de acalorado debate. A Igreja Católica decidiu muito cedo que estas três personagens eram uma e a

mesma pessoa, embora tenha invertido a sua posição em 1969. A Igreja Ortodoxa Oriental sempre tratou Maria Madalena e Maria de Betânia como personagens separadas.

Existem certamente discrepâncias e contradições a obscurecer o assunto – mas essa confusão é, em si mesma, significativa, pois os Evangelhos, qual pessoa culpada, tendem a tornar-se obviamente evasivos quando tentam esconder alguma coisa. O facto de isso envolver todas as descrições de Betânia, da família que aí vivia – Lázaro, Maria e Marta – e dos acontecimentos que aí ocorreram torna todo o assunto mais sugestivo, e não menos.

Como vimos, a descoberta de Morton Smith prova que a remoção da história da ressurreição de Lázaro do Evangelho de Marcos foi um ato deliberado de censura. Mas, na sua única versão canónica remanescente – no Evangelho de João –, é um dos acontecimentos mais importantes de toda a história. Porque haveriam então os primeiros cristãos, que se deram ao trabalho de a remover de pelo menos um dos outros Evangelhos, de se sentir tão desconfortáveis com ela? Seria por, mais uma vez, a história incluir Maria? Ou estaria o local, Betânia, também contaminado de alguma forma?

O Evangelho de Lucas (10:38) descreve um episódio em que Jesus visita a casa de duas irmãs chamadas Maria e Marta, mas não há qualquer referência a um irmão, nem – significativamente – o local é nomeado. É apenas referido como «uma certa aldeia», de um modo tão brusco que levanta desde logo suspeitas. Afinal, não é como se o nome do local fosse totalmente desconhecido para os outros cronistas. Também Lázaro é deliberadamente omitido de Lucas. O que havia naquele local e na família que ali vivia? (Talvez haja uma pista no facto de João Batista ter iniciado o seu ministério num lugar chamado Betânia.)

É também o Evangelho de Lucas (7:36-50) que apresenta a versão mais obscura da unção dos pés de Jesus. De entre todos os autores dos Evangelhos, só ele situa o acontecimento em Cafarnaum, no início do ministério de Jesus, e não refere o nome da

mulher que aparentemente invadiu a sua refeição ungindo-lhe a cabeça e os pés com o precioso nardo e secando-o com os cabelos.

O Evangelho de João (12:1-8), contudo, é explícito nesta matéria. A unção tem lugar em Betânia, na casa de Lázaro, Maria e Marta, e é Maria quem a realiza. O relato de João (11:2) da ressurreição de Lázaro salienta também que a irmã deste, Maria, foi a mulher que posteriormente ungiu Jesus.

Nem Marcos (14:3-9) nem Mateus (26:6-13) identificam a mulher envolvida, mas estão de acordo em que aconteceu em Betânia dois dias (em contraposição aos seis de João) antes da Última Ceia. Ainda assim, segundo eles, a unção teve lugar na casa de um tal Simão, o Leproso. Aparentemente, tudo o que envolvia Betânia e aquela família causava grande desassossego entre os cronistas sinópticos, ao ponto de terem «baralhado» o assunto, ainda que não tivessem de incluir o evento. A história de Betânia perturbava-os – talvez pelas mesmas razões que a tornaram tão importante para a clandestinidade herética.

Betânia é também importante porque foi daí que Jesus partiu para a sua viagem fatal a Jerusalém – para a Última Ceia, e depois para a sua prisão e Crucifixão. E, ainda que os discípulos pareçam nada ter sabido sobre a tragédia vindoura, existem indícios de que a família em Betânia não estava assim tão desprevenida, e, como vimos, podem ter feito alguns dos preparativos, como ter fornecido o burro em que Jesus entrou na capital.

Maria de Betânia e a mulher sem nome que unge Jesus eram claramente a mesma pessoa – mas seria também Maria Madalena? A maioria dos estudiosos modernos julga que Maria de Betânia e Maria Madalena eram duas mulheres diferentes. Mas permanece a questão: porque haveriam os autores dos Evangelhos de querer «baralhar» este assunto?

Alguns estudiosos adotam certamente a perspetiva de que a Madalena e Maria de Betânia eram a mesma mulher. William E. Phipps, por exemplo, acredita que é estranho que Maria de Betânia – que era claramente uma amiga muito próxima de Jesus – não

fosse especificamente referida como estando presente na Crucifixão, e que Maria Madalena surja subitamente aos pés da cruz sem qualquer grande referência anterior.[11] Phipps salienta ainda que é possível aplicar à mesma pessoa dois epítetos distintos – «de Betânia» ou «de Magdala» – dependendo do contexto. Isto torna-se ainda mais provável se os autores estiverem a tentar obscurecer deliberadamente a questão.

Ainda assim, os estudiosos não consideram sequer, em geral, a possibilidade de censura por parte dos autores dos Evangelhos, de terem deliberadamente deturpado certos aspetos da história que decidiram contar. (Alguns, nomeadamente Hugh Schonfield, admitem que ou existe algo que os autores dos Evangelhos estão deliberadamente a ocultar sobre o grupo de Betânia, ou que existe algo sobre este grupo que os autores simplesmente não sabiam ou compreendiam.) Uma vez reconhecida essa «deturpação», torna-se então possível que Maria de Betânia e Maria Madalena fossem *realmente* a mesma pessoa.

Esta investigação começou com uma análise à tradição secreta, tal como é exemplificada por Leonardo da Vinci e a sua alegada irmandade, o Priorado de Sião. Como vimos, a primeira vez que a maioria dos leitores do mundo anglo-saxónico ouviram falar no Priorado foi em *O Sangue de Cristo e o Santo Graal* – e esse livro alega inequivocamente que Maria Madalena e Maria de Betânia eram a mesma pessoa. Significativamente, a versão revista de 1996 apresenta novo material, incluindo o «documento Montgomery», que, tal como vimos, parece reforçar toda a base de *O Sangue de Cristo e o Santo Graal*. Neste contexto específico, o documento afirma que Jesus era casado com «Miriam de Betânia» e que esta foi para França e teve uma filha. Supõe-se que será nitidamente Maria Madalena – ainda que a questão importante aqui seja que os apologistas do Priorado *acreditam* ser esse o caso. E importa lembrar que em todas as versões tradicionais da ida de Maria Madalena para França – como a *Lenda Dourada* – se supõe que

esta se trata da mesma pessoa que Maria de Betânia. Mas existe alguma prova que sustente isso?

Há uma pista em Lucas, que, após descrever a unção de Jesus pela «pecadora anónima», introduz de imediato a Madalena pela primeira vez. (8:1-3). Aparentemente, para Lucas, pelo menos de forma inconsciente, a associação era demasiado forte para ser ignorada.

Significativamente, é o próprio Jesus que associa não só o *ato* de unção mas também a *pessoa* que o unge à sua iminente inumação, como por exemplo em Marcos (14:8): «Fez aquilo que podia: ungiu previamente o meu corpo para a sepultura.» É uma ligação implícita entre esta mulher de Betânia e Maria Madalena, pois é esta que, poucos dias depois, vai ao túmulo ungir o corpo de Jesus para ser sepultado. Tanto a unção do Jesus vivo como a planeada unção do seu cadáver são atos rituais de grande importância e, no mínimo, ligam as duas mulheres. Seja como for, é de suma importância o facto de a pessoa que unge Jesus – demarcando-o para o seu verdadeiro destino – *ser uma mulher*.

Embora não seja impossível que sejam a mesma pessoa, é melhor manter a mente aberta em relação a este tema, enquanto nos embrenhamos mais a fundo no relato bíblico dos carateres e papéis da Madalena e de Maria de Betânia.

Significativamente, a ideia persistente de que Maria Madalena era uma prostituta vem da tradicional associação (ou confusão) da sua personagem com a de Maria de Betânia, que é descrita como «uma pecadora». Claro que, se Maria de Betânia era prostituta e era também a mesma pessoa que Maria Madalena, então isto contribuiria em muito para explicar a extrema cautela – e a deliberada ocultação – dos autores dos Evangelhos quanto a esta última. Temos de examinar o caráter de Maria de Betânia, para ver que luz podemos lançar sobre esta matéria.

Nos Evangelhos Sinópticos, a mulher que unge Jesus não é nomeada, embora façam questão de dizer que é uma pecadora, mas no Evangelho de João é explicitamente identificada como Maria

de Betânia, e o seu estatuto moral não é referido. Isto pode parecer, por si só, algo suspeito.

Em Lucas, a mulher que unge é descrita como «uma mulher da cidade, que era pecadora». Ainda que o termo grego original para «pecadora» neste contexto – *harmartolos*, que significa alguém que transgrediu e se colocou fora da lei – não implique necessariamente prostituição, a ênfase associada ao facto de usar o cabelo solto – algo que não era feito pelas mulheres respeitáveis – sugere algum tipo de pecado sexual, pelo menos aos olhos dos autores dos Evangelhos.[12]

No contexto da cultura judaica daqueles dias, havia algo de desagradável em Maria de Betânia, mas não era necessariamente sugestivo de que esta fosse uma prostituta comum a praticar o seu ofício nas ruas. (O nardo, que vinha de uma muito rara e valiosa planta indiana, era tão proibitivamente caro que estaria fora das possibilidades de uma comum meretriz de rua. Segundo William E. Phipps, o nardo custar-lhe-ia o equivalente a um ano de salários de um trabalhador agrícola.[13]) Parece também improvável que, ainda que fosse uma rica «madame» de um bordel, Maria fosse viver abertamente com o seu irmão Lázaro e a sua irmã Marta, nenhum dos quais parece ter tido qualquer tipo de má reputação, sendo claramente grandes amigos de Jesus, que ficava com eles. Qual era então ao certo a verdadeira natureza do seu «pecado»?

Harmartolos era um termo retirado do tiro com arco, que significa falhar o alvo: neste contexto, significa simplesmente alguém que não segue a lei judaica ou as práticas rituais – ou porque não conseguiu cumprir as práticas prescritas, ou por não ser de todo judeu.[14] Se a mulher não fosse efetivamente judia, então isto poderia explicar pelo menos a atitude dos autores dos Evangelhos para com ela. Mas foi o pormenor de ter os cabelos soltos – e a atitude dos discípulos para com ela – que deu origem à sugestão de a sua transgressão ser, de algum modo, sexual.

Foi efetivamente este ar de mau gosto que, intencionalmente ou não, prejudicou a verdadeira importância da unção de Jesus. Há

neste ato um importante aspeto que atraiu muito pouca atenção, mas do qual depende, na verdade, grande parte do cristianismo. É sabido que o termo «Cristo» vem da palavra grega *Christos*, que é, por sua vez, uma tradução do termo hebraico para «Messias». Mas, apesar da crença generalizada em contrário, não tem quaisquer implicações de divindade: *Christos* significa simplesmente «Ungido». (Utilizando esta interpretação, qualquer funcionário ungido é um «Cristo» – desde Pôncio Pilatos à Rainha de Inglaterra.) A ideia de um Cristo *divino* foi uma interpretação posterior dos cristãos: do Messias *judaico*, esperava-se apenas que fosse um grande líder político e militar, ainda que escolhido por Deus. No seu tempo, o termo «Messias» ou «Cristo», quando aplicado a Jesus, teria significado simplesmente «ungido».

Existe, claro, uma só unção de Jesus referida nos Evangelhos. Embora haja quem tenha argumentado que a sua «unção» foi na verdade o batismo por João, seguindo esse raciocínio, toda a multidão que acorrera ao Jordão teria sido também composta por «Cristos». A embaraçosa verdade é que a única pessoa a «cristificar» Jesus *foi uma mulher*.

Ironicamente, conta-se que Jesus terá dito o seguinte aquando da sua unção (Marcos 14:9):

> Em verdade vos digo que, onde quer que este evangelho seja proclamado pelo mundo inteiro, será também contado isto que ela fez em sua memória.

É curioso que esta injunção tenha sido ignorada pela Igreja, que tradicionalmente acredita que a mulher que praticou a unção foi *Santa* Maria Madalena. Tendo em conta a condescendência com que esta é geralmente tratada nos púlpitos de todo o mundo, parece que também as palavras do próprio Jesus, tal como tudo o resto no Novo Testamento, são sujeitas a um implacável processo de seleção. Neste caso, as palavras de Jesus são quase totalmente ignoradas. Mas, mesmo nas raras ocasiões em que é dado à Madalena o devido reconhecimento por este episódio, faz-se silêncio sobre as suas implicações.

Só duas pessoas são referidas no Novo Testamento como tendo oficiado nos principais ritos da vida de Jesus: João, que o batizou no início do seu ministério, e Maria de Betânia, que o ungiu no fim. Ainda assim, tal como vimos, estas duas pessoas foram ambas marginalizadas pelos autores dos Evangelhos – é como se só tivessem sido incluídas porque aquilo que fizeram era demasiado importante para ser deixado de fora. É há uma grande razão para isto: o batismo e a unção *implicam autoridade por parte dos oficiantes*. Pois, ainda que os que batizam e os que ungem *confiram* autoridade – do mesmo modo que o Arcebispo da Cantuária conferiu à rainha Isabel II o estatuto de soberana em 1953 –, *têm de ter tido eles mesmos autoridade para o fazer*.

Abordaremos mais tarde a questão da autoridade de João, mas tenha-se em conta o curioso facto de a história da unção ter sido sequer incluída. Se a unção de Jesus tivesse sido um gesto frívolo ou sem significado não teria sido de todo registada. Mas é-nos dito que os discípulos, principalmente Judas, condenaram Maria por ter utilizado o raro e dispendioso unguento de nardo para ungir Jesus, alegando que podia ter sido vendido para angariar dinheiro para os pobres. Jesus responde que sempre haverá pobres, mas que ele nem sempre estará ali (para ser assim honrado). Esta repreensão – além de contrariar a ideia de que Jesus era uma espécie de proto-marxista – não só justifica a ação de Maria, como é também fortemente sugestiva de que só ele e ela a entendiam verdadeiramente. Os discípulos – como habitual – parecem incapazes de compreender os pontos mais delicados deste altamente significativo ritual, e mostram-se ativamente hostis às ações de Maria, ainda que o próprio Jesus se encarregue de defender a sua autoridade. Este acontecimento tem ainda outra importância: assinala o momento em que Judas se tornou traidor – imediatamente a seguir, vende Jesus aos sacerdotes.

Maria de Betânia «cristificou» Jesus com o nardo, um unguento que muito provavelmente havia sido guardado para essa ocasião específica e que estava associado aos ritos fúnebres. O próprio

Jesus fez a seguinte observação sobre a unção (Marcos 14:8): «… ungiu previamente o meu corpo para a sepultura». Pelo menos no seu pensamento, destinava-se a ser um *ritual*.

A unção tinha nitidamente uma profunda importância – mas qual era exatamente o seu objetivo? E porque foi, naquela sociedade e naquela época, praticada por uma mulher? Dado o género e a reputação (ainda que injusta) da oficiante, a cerimónia não é propriamente típica da prática judaica. Talvez haja uma pista para a verdadeira natureza da unção no «documento Montgomery».

Como vimos, este relato fala do casamento de Jesus com Miriam de Betânia, que é descrita como uma «sacerdotisa de um culto feminino» – uma tradição de culto à deusa. A ser verdade, isto pode explicar o porquê de a unção ter parecido tão estranha aos outros discípulos, ainda que permaneça o aparente problema de porque haveria Jesus de ser tão tolerante com isso. E se era realmente uma sacerdotisa pagã, isso explicaria o porquê de os discípulos a verem como alguém de moral e caráter duvidosos.

Se Maria de Betânia era realmente uma sacerdotisa pagã, porque estava ela a ungir Jesus? Mais importante ainda, porque lhe permitiu ele fazê-lo? E existem alguns paralelismos entre este ritual e os geralmente associados ao paganismo desse tempo? Na verdade, há um antigo rito que é extraordinariamente relevante: a unção do *rei sagrado*. A ideia subjacente a isto era que um verdadeiro rei ou sacerdote só podia receber o seu pleno poder divino através da autoridade da suma sacerdotisa. Tradicionalmente, isto assumia a forma do *hieros gamos*, ou casamento sagrado: o rei-sacerdote unido à rainha-sacerdotisa. Era através da união sexual com ela que ele era efetivamente confirmado rei. Sem ela, não era nada.

Nada existe na vida moderna do Ocidente que reflita este conceito ou prática, e é difícil às gentes de hoje começar a entender todo o conceito do *hieros gamos*. Fora do mundo íntimo dos casais individuais, não temos qualquer ideia de sexualidade sagrada. Mas não é meramente uma questão de sexo ou de erotismo, por mais

elevado que se julgue ser: no casamento sagrado, o homem e a mulher *tornam-se realmente os deuses*. É a suma sacerdotisa que se transforma na própria deusa, concedendo depois a derradeira bênção da regeneração – como na alquimia – ao homem, que personifica o deus. Julgava-se que a sua união os infundia, bem como ao mundo que os rodeava, de um bálsamo regenerador, evocando efetivamente o impulso criativo do nascimento do planeta.[15]

O *hieros gamos* era a derradeira expressão do que é designado por «prostituição do templo», em que um homem visitava uma sacerdotisa a fim de receber a gnose – de experimentar por si o divino através do ato da prática do amor. Significativamente, a palavra original para uma tal sacerdotisa é *hierodula*, que significa «serva sagrada»;[16] a palavra «prostituta», com todo o julgamento moral que tem implícito, foi uma interpretação vitoriana. Além disso, esta serva do templo, ao contrário da prostituta secular, é reconhecida como tendo o controlo tanto da situação como do homem que a visita, e ambos recebem benefícios em termos de fortalecimento físico, espiritual e mágico. O corpo da sacerdotisa transformara-se, de um modo quase inimaginável para os amantes ocidentais dos dias de hoje, literal e metaforicamente num portal para os deuses.

Claro que nada poderia andar mais longe da atitude até da Igreja moderna para com o ato sexual e as mulheres. Pois não só a chamada prostituição do templo conferia iluminação espiritual – um processo conhecido como *horasis* –, como, sem o «conhecimento» carnal da hierodula, o homem permaneceria espiritualmente insatisfeito. Pouca esperança tinha, por si só, de um contacto extático com Deus ou com os deuses, mas as mulheres não tinham necessidade de tal cerimónia: para estes pagãos, as mulheres estavam naturalmente em contacto com o Divino.

É possível que a «unção» realizada em Jesus simbolizasse o ato sexual da penetração. Mas, ainda que não seja necessário pensar nesses termos para compreender a solenidade do ritual, existem

associações inevitáveis aos ritos antigos em que a sacerdotisa, que representava a deusa, era fisicamente preparada para «receber» o homem que fora escolhido para simbolizar o rei sagrado, ou deus salvador. Todas as escolas dos mistérios de Osíris, Tamuz, Dioniso, Átis e por aí adiante incluíam um rito – encenado pelos seus duplos humanos – em que o deus era ungido pela deusa antes da sua morte efetiva ou simbólica, que tornaria a terra novamente fértil. Tradicionalmente, era *três dias depois* que, graças à intervenção mágica da sacerdotisa/deusa, ele ressuscitava e a nação podia suspirar de alívio até ao ano seguinte. (As peças dramáticas dos mistérios põem a deusa a dizer assim: «Levaram o meu Senhor e não sei onde o encontrar» – praticamente as mesmas palavras atribuídas a Maria Madalena no jardim. Discutiremos isso ao pormenor mais tarde.)

É possível encontrar pistas para a verdadeira importância da unção de Jesus no livro do Antigo Testamento do Cântico dos Cânticos (1:12), em que a «Amada» diz assim: «Enquanto o *Rei* se senta à sua mesa, *o meu nardo* exala o seu perfume.» Importa recordar que o próprio Jesus associou a sua unção à sepultura, pelo que o versículo seguinte assume outra importância: «O meu amado é para mim um feixe de mirra: toda a noite repousará entre os meus seios.»

Trata-se de uma ligação clara entre a unção de Jesus e o Cântico dos Cânticos. Muitos especialistas acreditam que o Cântico dos Cânticos terá sido, na verdade, a liturgia de um ritual de casamento sagrado, apontando para as suas muitas semelhanças com esse tipo de liturgias no Egito e noutros países do Médio Oriente.[17]

Há uma semelhança particularmente impressionante; como diz Margaret Starbird:

> Frases que são idênticas e equivalentes às do Cântico dos Cânticos surgem no poema litúrgico do culto à deusa egípcia Ísis, a Noiva-Irmã do mutilado… Osíris.[18]

A deusa/sacerdotisa une-se ao deus/sacerdote no casamento sagrado por motivos complexos. À superfície, é um rito de

fertilidade, destinado a assegurar a fecundidade pessoal e nacional, a garantir o futuro do povo e da sua terra. Mas é também através do êxtase e da intimidade do rito sexual que a deusa/sacerdotisa confere sabedoria ao seu parceiro. A analista junguiana Nancy Qualls-Corbett, em *The Sacred Prostitute* (1988), dá grande ênfase à ligação entre a prostituta sagrada e o Princípio Feminino tal como é simbolizado por Sophia (Sabedoria).[19] Como vimos, Sophia surgiu repetidamente nas nossas investigações – era particularmente venerada pelos Templários – e é fortemente associada à Madalena e a Ísis.

A unção de Jesus foi um ritual pagão: a mulher que o celebrou – Maria de Betânia – era uma sacerdotisa. Dado este novo cenário, é mais do que provável que o seu papel no círculo interno de Jesus fosse de iniciadora sexual. Mas recordemos que tanto os hereges como a Igreja Católica acreditam há muito que Maria de Betânia e Maria Madalena eram a mesma pessoa: nesta figura da iniciadora sexual, temos finalmente o motivo que faltava para a confusão sobre o verdadeiro papel e importância da Madalena na vida de Jesus. Se era realmente uma hierodula a atuar no mundo patriarcal do judaísmo, seria inevitavelmente vista como uma proscrita moral. Mas enquanto estivesse com Jesus estava protegida, ainda que por pouco, dos efeitos dessa indignação moralista, tal como é claramente demonstrado pelas suas várias trocas de palavras com Simão Pedro (tal como são descritas nos Evangelhos Gnósticos).

Os membros do Priorado de Sião são, tal como já vimos, devotos da deusa – na forma da Virgem Negra, de Maria Madalena ou da própria Ísis. É óbvio que associam Maria Madalena a Ísis: isto é essencial para a sua própria *raison d'être*, ainda que inicialmente pareça nitidamente desconcertante. É claro, porém, que veem a Madalena como uma sacerdotisa pagã – o que é, no mínimo, outro paralelismo entre ela e Maria de Betânia.

O papel de Maria Madalena como sacerdotisa pagã é reconhecido por Baigent, Leigh e Lincoln, mas, ainda que abordem o tema, parecem considerar as suas implicações como indignas de

mais atenção. Embora argumentem, por exemplo, que a Madalena estava associada a um culto da deusa, concluem que «antes da sua ligação a Jesus, a Madalena pode muito bem ter estado associada a um tal culto».[20] E depois largam o assunto. Mas a frase crucial aqui é «*antes* da sua ligação a Jesus», presumindo que ele a converteu e fazendo eco da perspetiva tradicional de que ela era uma figura reformada através da sua relação com ele. Esta perspetiva pode, no entanto, ser algo ingénua – ainda que desafiá-la seja evocar um cenário alternativo profundamente inquietante.

Qualls-Corbett refere também a relação entre a Meretriz Sagrada, Sophia e a Virgem Negra, salientando assim as ligações que descrevemos na Parte Um.[21] Esta personificação multifacetada do Princípio Feminino ajuda a esclarecer o grande e ciosamente guardado segredo erótico da tradição oculta ocidental. Pois Sophia *é* a Meretriz, que é também a «Querida Amada» do casamento sagrado, e que é Maria Madalena, a Virgem Negra e Ísis. A sexualidade sagrada implícita na Grande Obra dos alquimistas é uma continuação direta desta antiga tradição, em que o rito sexual confere iluminação espiritual e até transformação física. É após esta suprema experiência com a deusa/sacerdotisa que o deus/sacerdote é de tal modo transformado que pode deixar de ser reconhecível e «ressuscitar» para uma vida nova.

Significativamente, tal como foi salientado por Nancy Qualls-Corbett e outros comentadores recentes, a descrição de Maria Madalena nos Evangelhos Gnósticos é de iluminadora e iluminada – Maria Lucífera, a portadora da luz, que confere a iluminação através da sexualidade sagrada. E, vista em conjunto com as nossas conclusões sobre Maria de Betânia, parece que esta e Maria Madalena são efetivamente a mesma mulher.

Este cenário reforça também a ideia de que Maria era a esposa de Jesus, ainda que redefina essencialmente essa palavra. Era a sua parceira num casamento *sagrado*, que não era necessariamente uma união de amor. Curiosamente, como vimos, o

Cântico dos Cânticos é uma liturgia do casamento sagrado – e sempre foi associado a Maria Madalena.

A sexualidade sagrada – anátema para a Igreja de Roma – encontra expressão nos conceitos de casamento sagrado e «prostituição sagrada», nos antigos sistemas orientais do Taoísmo e do Tantrismo e na alquimia.

Como diz Marvin H. Pope, na sua exaustiva obra sobre o Cântico dos Cânticos (1977):

> Os hinos tântricos à Deusa oferecem alguns dos mais provocadores paralelismos com o Cântico dos Cânticos.[22]

E como explica Peter Redgrove em *The Black Goddess* (1989), ao discutir as artes sexuais do Taoísmo:

> É curioso comparar isto com as práticas religiosas sexuais do Médio Oriente e com a imagem que delas herdámos. Mari-Ishtar, a Grande Meretriz, ungia o seu consorte Tamuz (a quem Jesus foi associado), tornando-o assim num Cristo. Isto em preparação para a sua descida ao submundo, de onde regressaria a seu mando. Ela, ou a sua sacerdotisa, era chamada de Grande Meretriz por se tratar de um rito sexual de *horasis*, ou orgasmo de corpo inteiro, que levaria o consorte para o contínuo visionário cognoscível. Era um rito de travessia, do qual regressaria transformado. De igual modo, Jesus disse que Maria Madalena o tinha ungido para a sepultura. Só as mulheres podiam realizar estes ritos em nome da deusa, e é por isso que nenhum homem foi visitar o seu túmulo, só Maria Madalena e as suas mulheres. Um dos principais símbolos da Madalena na arte cristã era a bilha com o santo óleo – sinal externo do batismo interior experimentado pelo taoista…[23]

Existe um outro aspeto muito importante nesse vaso de óleo com que a Madalena ungiu Jesus. Como vimos, dizem-nos os Evangelhos que se tratava de nardo – um unguento

excecionalmente caro. A razão para o seu preço elevado era o facto de ter de vir da Índia, lar da antiga arte sexual do Tantrismo. E, na tradição tântrica, são atribuídos diferentes perfumes e óleos a partes específicas do corpo: *o nardo era para o cabelo e para os pés*…

Na Epopeia de Gilgamesh, é dito o seguinte aos reis sacrificiais : «A meretriz que vos ungiu com óleos aromáticos chora agora por vós», enquanto uma frase semelhante era utilizada nos mistérios de Tamuz, o Deus que Morre, cujo culto era comum em Jerusalém no tempo de Jesus.[24] E significativamente, os «sete demónios» que Jesus alegadamente expulsou da Madalena podem ser vistos como os sete Maskim, espíritos sumero-acádios que regiam as sete esferas sagradas e que tinham *nascido da deusa Mari*.[25]

Na tradição do casamento sagrado, era a noiva do rei sacrificial – a Suma Sacerdotisa – que escolhia o momento da sua morte, assistia ao seu funeral e cuja magia o trazia do submundo para uma nova vida. Na maioria dos casos, esta «ressurreição» era, claro, puramente simbólica, sendo visível na nova vida da primavera – ou, no caso de Osíris, nas cheias anuais do vale do Nilo que renovavam a fertilidade da terra.

Podemos, pois, ver a unção realizada por Maria Madalena como aquilo que era –um anúncio de que chegara o momento do sacrifício de Jesus e também uma distinção ritual do rei sagrado, em virtude da sua própria autoridade de sacerdotisa. Que este papel seja diametralmente oposto ao que a Igreja tradicionalmente lhe atribuiu não deve, por esta altura, ser uma surpresa.

Na nossa opinião, a Igreja Católica nunca quis que os seus membros soubessem da verdadeira relação entre Jesus e Maria, razão pela qual os Evangelhos Gnósticos não foram incluídos no Novo Testamento e por que a maioria dos cristãos não sabe sequer da sua existência. O Concílio de Niceia, ao rejeitar os muitos Evangelhos Gnósticos e ao votar para incluir apenas Mateus, Marcos, Lucas e João no Novo Testamento, não tinha qualquer mandato divino para este grande ato de censura. Agiram por autopreservação, pois por essa altura – o século IV – o poder da

Madalena e dos seus seguidores era já demasiado generalizado para o patriarcado poder lidar com ele.

De acordo com esse material censurado, que foi deliberadamente rejeitado a fim de impedir que a verdadeira imagem fosse conhecida, Jesus deu à Madalena o título de «Apóstola dos Apóstolos» e de «a Mulher que Tudo Sabia». Disse que devia ser elevada acima de todos os outros discípulos e reinar sobre o vindouro Reino da Luz. Como vimos, chamava-lhe também «Maria Lucífera» – «Maria, a Portadora da Luz» –, e houve quem dissesse que fora só por amor a ela que ele ressuscitara Lázaro dos mortos, nada havendo que por ela não fizesse, nada que lhe pudesse recusar. O *Evangelho de Filipe* descreve como os outros discípulos não gostavam dela e como Pedro em particular procurava discutir com Jesus sobre o seu estatuto – chegando mesmo, de forma bastante engenhosa, a perguntar-lhe certa vez porque a preferia aos outros discípulos e porque estava sempre *a beijá-la na boca*! No *Evangelho de Maria*, a Madalena diz que Pedro a odiava e a «toda a raça das mulheres» e, no *Evangelho de Tomé*, Pedro diz «Que Maria nos deixe, pois as mulheres não merecem viver» – um prenúncio da terrível batalha entre a Igreja de Roma, que foi fundada por Pedro, e a clandestinidade herética pertencente a Maria. (É esclarecedor lembrar que isto começou como o choque pessoal entre dois indivíduos – e que um deles era a *consorte* de Jesus.)

Significativamente, o *Evangelho de Filipe* (que descreve especificamente a Madalena como a parceira sexual de Jesus) está repleto de referências a uniões entre homens e mulheres, entre noiva e noivo. A derradeira iluminação é simbolizada pelos frutos da união da noiva com o noivo: aqui, Jesus é o noivo, a sua noiva é Sophia – e a sua gravidez gerada por Jesus é a vinda da gnose.[26] (E curiosamente, mesmo nos Evangelhos canónicos, Jesus refere-se várias vezes a si mesmo como «o Noivo».) O *Evangelho de Filipe* associa também de forma clara Maria Madalena a Sophia.[27]

Esse Evangelho Gnóstico refere cinco ritos iniciáticos ou sacramentos: batismo, *crisma* (unção), eucaristia, redenção – e o maior de todos, «a câmara nupcial»:

> O crisma é superior ao batismo… e Cristo é (assim) chamado devido ao crisma… Quem é ungido possui o Todo. Possui a ressurreição, a luz, a Cruz, o Espírito Santo. O Pai deu-lhe isto na câmara nupcial.[28]

Se o rito do sacramento do *crisma* era superior ao do batismo, então quer isto dizer que a autoridade de Maria era, na verdade, superior à de João Batista. Ainda mais significativamente, contudo, o *Evangelho de Filipe* deixa claro que *todos* os gnósticos que seguiam esse sistema, e não apenas Jesus, se tornavam «Cristos» após a sua unção. E o supremo sacramento era o da «câmara nupcial» – que nunca é explicado e permanece um mistério para os historiadores. À luz desta investigação, no entanto, é possível arriscar um palpite sagaz: as palavras da passagem contêm certamente uma pista para a verdadeira natureza da relação entre Jesus e Maria. Como vimos, esta era também conhecida nos Evangelhos Gnósticos como «a mulher que conhece o Todo», e é-nos dito aqui que «quem é ungido *possui o Todo*». E o *Evangelho de Filipe* afirma sem rodeios o seguinte: «Entendei como é grande o poder de uma relação não conspurcada.»[29]

O texto gnóstico do século III que é conhecido simplesmente como *Pistis Sophia* apresenta os alegados ensinamentos de Jesus 12 anos após a sua ressurreição. Nele, a Madalena é retratada no arquetípico papel de catequista, questionando-o para lhe extrair a sua sabedoria – tal como a Shakti ou deusa oriental que interroga ritualmente o seu divino consorte. É notável que, no *Pistis Sophia*, Jesus utilize para Maria o mesmo termo que é utilizado para estas deusas – «Querida Amada». São também estas as palavras utilizadas por um parceiro para o outro num casamento sagrado.

A intimidade de Jesus com Maria tem também outra implicação profunda. Uma comparação entre a sua relação e a de Jesus com os seus discípulos deixa pouca margem para dúvidas sobre quem

conhecia realmente as suas ideias, pensamentos e segredos. Os discípulos do sexo masculino são frequentemente retratados como bastante *tolos*. Uma e outra vez, «não sabiam o que ele queria dizer» – o que não é propriamente uma qualidade inspiradora nos homens que viriam um dia, aparentemente, a fundar a Igreja do seu líder. É verdade que os Atos dos Apóstolos falam do fogo celestial do Pentecostes que conferiu aos discípulos alguma sabedoria e poder, mas os Evangelhos Gnósticos falam de uma discípula que não necessitou dessa intervenção celeste. De acordo com esse material censurado, foi a Madalena quem, após a Crucifixão, reuniu os discípulos abalados e, por força apenas das suas palavras, os inspirou a assumir a causa quando pareciam estar mais do que prontos para desistir. É certo que vira com os seus próprios olhos o Jesus ressuscitado, mas, mais uma vez, fica-se com a curiosa sensação de que os discípulos tinham falta de motivação, fé e coragem quando comparados com ela.

Será possível que os Doze não fossem realmente de todo o círculo interno dos seguidores de Jesus, mas, na melhor das hipóteses, apenas os mais leais de entre os seus devotos *não iniciados*? Em retrospetiva, a sua ignorância é incrível. Por exemplo, ainda que a morte e ressurreição de Jesus fosse quintessencialmente o cerne da sua missão, os homens não esperavam que acontecesse: «Não conheciam as escrituras, segundo as quais devia ressuscitar dos mortos.»[30]

Foi Maria Madalena, com as suas seguidoras, quem se dirigiu ao túmulo. Talvez as suas palavras para o «jardineiro» – que é na verdade o Jesus ressuscitado – sobre o seu «Senhor» ter sido levado e não saber «onde o puseram» possam significar que sabia tão pouco sobre o que se passava como os homens. Mas existem razões convincentes para ver as suas palavras no contexto de ela estar ao corrente, e ser talvez uma sacerdotisa, dos mistérios internos. Maria Madalena foi muito provavelmente a consorte de Jesus e a primeira dos Apóstolos, e parece plausível que o seu

papel abrangesse também um outro significado ritual, mais antigo e mais pagão.

Presume-se que nenhum homem visitou o túmulo de Jesus, pois não era o tipo de coisa que os homens fizessem nesse tempo. Mas, a julgar pelas descrições gnósticas da estupefacta apatia dos discípulos após a Crucifixão, não está no mero costume a explicação para a sua ausência. Na tradição dos mistérios, só as sacerdotisas proclamavam o clímax do sacrifício do rei – a sua miraculosa ressurreição.

Mesmo que as aparentes semelhanças entre a unção, morte e ressurreição de Jesus e as tradições pagãs vigentes no seu tempo sejam aceites, permanece a questão de por que haveria um pregador judeu de se ter envolvido num tal cenário. Pois, ainda que Maria Madalena pareça ter pertencido a algum culto envolvendo meretrizes sagradas e que a sua influência sobre o seu consorte fosse indubitavelmente grande, que possível razão podia Jesus ter tido para virar as costas a séculos de arraigada tradição judaica? Como podia ele, de entre todas as pessoas, ter participado num rito *pagão*?

Esta questão confronta-nos com uma possibilidade até aqui inimaginável. Como vimos, a realidade acerca de Jesus e da sua missão pode ser muito diferente da que é ensinada pela Igreja. Até suspender a descrença e considerar *e ses* sobre se as hipóteses acima sugeridas são verdadeiras é criar um cenário completamente novo. *E se* Jesus tiver sido um dos parceiros de um casamento sagrado, tendo, pois, participado voluntariamente em ritos sexuais pagãos? *E se* Maria Madalena era realmente uma suma sacerdotisa de um culto à deusa e, *no mínimo, espiritualmente igual a Jesus*? *E se* Pedro e os outros discípulos não pertenciam realmente ao círculo interno do movimento? Há outra questão a colocar: com um tão radicalmente novo enquadramento em vigor – ainda que hipoteticamente –, que tipo de homem estava realmente no seu centro? Quem era o verdadeiro Jesus?

Capítulo Treze

FILHO DA DEUSA

Como vimos, o conhecimento histórico moderno apresentou uma série de novas e sugestivas descobertas sobre as origens do cristianismo, mas o fosso entre o que os estudiosos da Bíblia sabem sobre a religião e o que é do conhecimento dos próprios cristãos está, quando muito, a alargar. Burton L. Mack, professor de Estudos do Novo Testamento na Claremont School of Theology, na Califórnia, lamentou recentemente «a assustadora falta de conhecimentos básicos sobre a formação do Novo Testamento entre os cristãos comuns».[1]

Que a análise do Novo Testamento tal como a conhecemos tenha começado apenas no século XIX reflete a quase supersticiosa relutância em examinar os textos originais, vinda da antiga proibição por parte da Igreja de que a Bíblia fosse lida pelas massas. Durante séculos, só os sacerdotes leram as Escrituras – na verdade, tinham o monopólio da literacia na grande maioria dos casos. A ascensão do protestantismo ultrapassou em parte esta exclusividade e deu a muitas mais pessoas acesso aos textos que consideravam sagrados. Mas todas as formas extremadas do movimento protestante – desde o puritanismo ao que é hoje conhecido como fundamentalismo – salientaram a inspiração divina por trás das palavras do Novo Testamento e, com base nesse único aspeto, proibiram qualquer sugestão de que pudesse *não* se tratar da verdade literal. Ainda hoje, milhões de cristãos ignoram as evidências de que o Novo Testamento é uma mistura de mitos, invenções, versões truncadas de testemunhos oculares e material extraído de outras tradições. Mas, ao evitar estas provas, não só falham o essencial como mantêm também um sistema de crenças que é cada vez mais vulnerável à crítica.

Quando os intelectuais do século XIX começaram a empregar os mesmos critérios que geralmente são utilizados para analisar outros textos históricos, os resultados foram extremamente reveladores. Um dos primeiros desenvolvimentos a emergir foi a afirmação de

que Jesus nunca existira realmente e que os Evangelhos eram simplesmente compostos por material mitológico e metafórico. Hoje em dia, poucos estudiosos do Novo Testamento concordam com este ponto de vista – ainda que, como veremos, continue a ter os seus defensores. Os argumentos a favor da existência de um Jesus histórico são suficientemente sólidos, mas não deixa de ser elucidativo olhar para o raciocínio dos que julgavam o contrário, que Jesus fora uma perfeita invenção dos primeiros cristãos.

Os defensores desta perspetiva dizem que, exceção feita aos próprios Evangelhos, não existe qualquer prova independente de que Jesus tenha alguma vez efetivamente existido. (Isto é, em si mesmo, um choque para muitos cristãos, que presumem que, por ele ser essencial ao seu mundo, deve ter sido muito famoso no seu tempo: na verdade, não é referido em *nenhum* texto contemporâneo.) Os outros livros do Novo Testamento – como, por exemplo, as Epístolas de Paulo – dão como certa a existência de Jesus, mas não apresentam disso qualquer prova sólida. Paulo, cujas cartas são os mais antigos escritos cristãos conhecidos, não descreve quaisquer pormenores biográficos sobre Jesus a não ser os que rodeiam a sua Crucifixão – nada sobre os seus pais, o seu nascimento ou o contexto da sua vida. Mas, por outro lado, tal como os outros autores do Novo Testamento, Paulo está mais preocupado com a teologia, com a manutenção do movimento de Jesus e com a explicação dos seus ensinamentos do que com a biografia do seu fundador.

Muitos historiadores do século XIX preocupavam-se com a ausência de qualquer registo contemporâneo sobre Jesus. Como vimos, nenhum dos cronistas do século I o refere sequer. E, como escreveu Bamber Gascoigne: «Dos primeiros 50 anos do que hoje conhecemos como a era cristã, não resta uma só palavra sobre Cristo ou os seus seguidores.»[2]

O autor romano Tácito (nos seus *Anais*, c. 115 d.C.) regista o crescimento do cristianismo – que apelida de uma «perigosa superstição» – tanto em Jerusalém como em Roma, e refere-se de

passagem à execução do seu fundador, mas não dá quaisquer pormenores, referindo-se a ele simplesmente pelo título de «Cristo».[3]

Suetónio, no seu *Os Doze Césares* (c. 120), refere-se a tumultos entre os judeus em Roma no ano 49 d.C. por instigação de «Cresto». Isto é frequentemente citado como prova de um antigo ramo romano do cristianismo, mas não é necessariamente assim. Havia muitos autoproclamados Messias entre os judeus desse tempo, podendo todos eles ser intitulados, em grego, de «Cristos», e Suetónio escreve como se este em particular estivesse a instigar ativa e pessoalmente a rebelião judaica em Roma nesse período.[4]

Outro ilustre romano com ligações aos cristãos nos primeiros anos do século I foi Plínio, o Novo, mas, além de dizer que o seu movimento fora fundado por «Cristo», não dá mais nenhuma informação sobre eles. O que é particularmente interessante na sua versão, contudo, é o facto de mostrar que este Cristo era já visto como um deus.[5]

Eram autores romanos e, uma vez que a Palestina era uma espécie de parvónia do seu império, não é de admirar que tivessem descurado Jesus e os primeiros dias da Igreja Cristã. (Além disso, rebeldes e criminosos não eram tão facilmente promovidos à notoriedade como no nosso próprio tempo de interesse pelas celebridades. Até à rebelião do antigo escravo Espártaco foi dado relativamente pouco espaço nas crónicas.) Ainda assim, seria de imaginar que a vida e o ministério de Jesus pudessem ter sido citados nas obras de Flávio Josefo (c. 38-100), um judeu que mudou de lado na Revolta dos Judeus e que escreveu dois livros a relatar a história do período. O seu *Antiguidades Judaicas* (escrito por volta de 93 d.C.) refere efetivamente outras personagens da história dos Evangelhos, nomeadamente João Batista e Pôncio Pilatos. Há uma referência a Jesus, mas infelizmente há muito que é reconhecida como tendo sido adicionada à obra de Josefo por um autor cristão muito mais tardio, provavelmente no início do século IV – precisamente para superar o de outro modo embaraçoso silêncio

sobre o tema.[6] Na verdade, essa referência a Jesus é demasiado reverente, ao ponto de os comentadores terem questionado o porquê de, se Josefo pensava realmente assim tão bem dele, nunca se ter convertido ao cristianismo! A verdadeira questão, contudo, era se esta introdução proporcionava apenas uma referência onde nenhuma existia ou se fora substituir uma outra que era menos lisonjeira para Jesus e para o seu movimento. Não podemos saber de forma definitiva qual das hipóteses está certa, ainda que o peso das provas penda a favor de se tratar de uma absoluta invenção; a passagem não tem sequer o estilo de Josefo e encaixa desajeitadamente no fluxo da história. Além disso, em finais do século III, o autor cristão Orígenes não parece ter tido conhecimento de qualquer referência a Jesus na obra de Josefo.[7] (Ainda que Eusébio cite a referência ao escrever no século seguinte.) A referência de Josefo à pregação de João Batista e à sua execução por Herodes Antipas não é, porém, contestada.[8]

Claro que a falta de referências contemporâneas a Jesus fora dos Evangelhos não quer dizer que ele nunca tenha existido. Pode significar apenas que o impacto que ele teve no seu tempo e espaço não foi suficientemente grande. Afinal, havia muitos outros aspirantes a Messias na altura que escaparam à nossa atenção.

Há também o problema do porquê de, não tendo existido tal pessoa, alguém o ter inventado, e de tantas pessoas terem acreditado na história, ao ponto de uma religião em seu nome ter desabrochado tão depressa. Como observa Geoffrey Ashe, o conceito de personagens ficcionais, que é uma tão grande parte da nossa cultura, não era de todo familiar para os autores antigos.[9] Ainda que estivessem a escrever o que era essencialmente ficção, era sempre baseada numa personagem real, como Alexandre, *o Grande*. Basta isto para que pareça altamente provável que Jesus tenha sido uma perfeita invenção – e se houvesse simplesmente uma grande procura cultural ou espiritual de um «Deus que Morre», havia já muitos por onde escolher, como veremos. Não havia necessidade de inventar mais um.

É também significativo que os autores dos Evangelhos tenham colocado Jesus num contexto onde viviam conhecidas figuras históricas, como João Batista e Pilatos. É também um argumento a favor da sua existência e, além disso, nenhum dos primeiros críticos do cristianismo desafiou a existência do seu fundador, algo que certamente teriam feito se houvesse alguma dúvida sobre a matéria.

E a própria forma como Jesus é descrito indica ter-se tratado de um homem real. Nenhum autor se teria dado ao trabalho de criar um Messias fictício e de o retratar, ainda assim, como tão ambíguo, evasivo até, acerca do seu papel, nem deixaria tantos ditos e alusões impenetráveis entre os seus alegados ensinamentos. A ambiguidade, as aparentes contradições e as expressões por vezes totalmente ininteligíveis marcam os Evangelhos como os – algo confusos – relatos das palavras e ações de uma verdadeira figura histórica.

A ausência de qualquer menção por parte de Paulo aos pormenores biográficos de Jesus tem sido interpretada pelos céticos como prova de que Cristo não existiu. Mas ninguém alega que o próprio Paulo tenha sido uma invenção – e é certo que conheceu pessoas que tinham conhecido Jesus. Não só conheceu Pedro, por exemplo, como se desentendeu com ele (e este comportamento menos correto prova que *eles* eram reais – nenhum autor desses dias teria construído heróis tão imperfeitos). Parece, pois, provável que Jesus tenha existido – mas claro que isso não faz, só por si, com que tudo o que está nos Evangelhos seja verdadeiro.

Mas havia outra razão para muitos intelectuais do século XIX duvidarem da existência de Jesus. À medida que o conhecimento histórico crescia e o Novo Testamento ia sendo sujeito a uma análise cada vez mais crítica, tornou-se óbvio que a história de Jesus tinha paralelismos inquietantes com as de célebres figuras mitológicas; nomeadamente com os deuses mortos-e-ressuscitados do antigo Médio Oriente, que eram adorados nos cultos dos mistérios que desabrocharam ao mesmo tempo que o cristianismo e que eram muito mais antigos.

Uma das mais eruditas e persuasivas exposições deste argumento é *Pagan Christs*, de J.M. Robertson, publicado em 1903. Na sua introdução a um resumo recente, Hector Hawton sintetizou esta hipótese na forma da seguinte questão:

> … ninguém afirma seriamente que Adónis, Átis e Osíris eram figuras históricas… porque se abre então uma exceção para o alegado fundador do cristianismo?[10]

Estes paralelismos relacionam-se com o cristianismo de duas formas. Em primeiro lugar, nos relatos dos acontecimentos da vida de Jesus, como a sua morte e Ressurreição e a instituição da Eucaristia na Última Ceia, e em segundo, no significado atribuído a esses acontecimentos pelos primeiros cristãos. Um breve resumo dos principais pontos levantados por Robertson e por outros importantes comentadores salienta o facto de muitas das partes mais sagradas da história de Jesus serem idênticas às de outras religiões antigas.

Diz Robertson:

> Tal como Cristo, e como Adónis e Átis, também Osíris e Dioniso sofrem e ressuscitam. Entrar em união com eles é a paixão mística dos seus fiéis. São todos iguais na medida em que os seus mistérios conferem imortalidade. Do Mitraísmo, Cristo apropria as chaves simbólicas do céu e assume a função do nascido de uma virgem Saoshayant, o destruidor do Mal…[11]
>
> Na sua essência, o Cristismo não passa, pois, de uma reformulação do paganismo.[12]
>
> O mito cristão nasceu da absorção de pormenores dos cultos pagãos… Tal como a imagem do menino-deus no culto de Dioniso, Jesus foi visualizado envolto em faixas numa manjedoura. Nasceu num estábulo como Hórus – o templo-estábulo da deusa virgem Ísis, rainha do céu. Mais uma vez como Dioniso, transformou água em vinho; como Esculápio,

> ressuscitou mortos e devolveu a vista aos cegos; e, como Átis e Adónis, é lamentado e regozijado pelas mulheres. A sua ressurreição ocorreu, como a de Mitra, a partir de um túmulo numa rocha…[13]
>
> [itálico nosso] *Não existe um único conceito associado a Cristo que não seja comum a alguns ou a todos os cultos do Salvador da antiguidade.*[14]

Se é incrível que as questões levantadas por Robertson e outros tenham tido tão pouco impacto na altura, é ainda mais espantoso que continuem a ser, ainda hoje, amplamente desconhecidas. Uma voz mais recente sobre o tema é a de Burton L. Mack, que escreveu o seguinte em 1994:

> Vários estudos, uns após outros, demonstraram que o cristianismo dos primórdios não era uma religião singular, tendo sido «influenciado» pelas religiões da antiguidade tardia… Foi inquietante a descoberta de que o cristianismo dos primórdios tinha uma nítida semelhança com os cultos helenísticos dos mistérios, particularmente nos aspetos mais importantes, como os seus mitos de deuses mortos e ressuscitados e os seus rituais de batismo e refeições sagradas.[15]

Hugh Schonfield diz o seguinte em *The Passover Plot*:

> Os cristãos continuam ainda hoje a ser perturbados pelas doutrinas contraditórias da Igreja, que resultaram da infeliz tentativa de misturar ideais judaicos e pagãos incompatíveis.[16]

Estudiosos como Robertson achavam inconcebível que fosse uma coincidência o facto de ser possível encontrar tantos elementos dos cultos dos deuses mortos na história de Jesus. Concluíram que os Evangelhos tinham pegado nos elementos cruciais das histórias de Osíris, Átis e afins, enxertando-os depois num herói «interno» – Jesus – que nunca existiu.

Um recente defensor desta ideia é Ahmed Osman, que, em *House of the Messiah*, apresenta a teoria de que as histórias dos Evangelhos registaram na verdade uma peça dramática sobre os mistérios de há muitos séculos, do tempo do Antigo Egito. Tal como os seus antecessores, Osman baseia a sua argumentação nos impressionantes paralelismos entre o mito de Jesus e as histórias da antiga religião egípcia, bem como nas dúvidas sobre a existência histórica de Jesus.[17]

Mas porque haveria alguém de se apropriar de uma peça sobre os mistérios de outra tradição e de introduzir nele pessoas reais como João Batista? Osman julga que a história dos Evangelhos foi *uma invenção dos seguidores de João Batista*. Segundo a sua tese, inventaram Jesus a fim de cumprir a profecia do seu mestre sobre alguém que havia de vir depois dele, e cujo advento previsto se destacara, possivelmente, pela ausência. Mas isto é improvável por várias razões: os seguidores de João dificilmente teriam inventado uma história em que o seu próprio amado mestre era tão marginalizado – sendo incluído apenas para preparar o cenário para a glorificação de outro alguém. E, como veremos, não é de todo seguro que João tenha sequer feito a sua famosa profecia sobre alguém mais importante que viria depois de si.

Segundo Osman, ninguém teria sabido da missão de Jesus como Redentor até depois de ele ter efetivamente morrido, pelo que não teria tido muitos seguidores durante a sua vida. Nitidamente, Osman julga que os judeus estavam à espera de um Messias que morresse por eles. Não é de todo esse o caso – os judeus nunca esperaram que o seu rei-herói fosse sacrificado ou humilhado desta forma. Toda a ideia da morte redentora tal como a conhecemos é uma interpretação cristã posterior.

Poucos outros estudiosos hoje em dia duvidam de que Jesus tenha existido, ainda que a maioria continue a ter problemas com os claros exemplos de referências às escolas dos mistérios presentes nos Evangelhos. Vendo que é impossível conciliá-las com o mais óbvio material judaico, tendem a rejeitar as alusões pagãs. Alegam

que estas foram sendo acrescentadas à medida que os primeiros cristãos iam alargando o seu contacto com o Império Romano, principalmente em resultado das viagens de Paulo. A perspetiva aceite é a de que a Igreja de Jerusalém, liderada pelo irmão de Jesus, Tiago, o Justo, representava a forma «pura» e original do cristianismo. Infelizmente, devido a um acaso da história, a Igreja de Tiago foi erradicada durante a Revolta dos Judeus, pelo que a natureza das suas crenças terá de continuar a ser motivo de especulação. Sabemos, no entanto, que os seus seguidores prestavam culto no Templo de Jerusalém, pelo que é razoável presumir que as suas crenças eram baseadas nas práticas judaicas. Após o colapso da Igreja de Jerusalém, a costa ficou livre para Paulo assumir o controlo. À primeira vista, isto parece proporcionar uma solução elegante para o problema do porquê de ser possível encontrar tanto material das escolas dos mistérios nos Evangelhos tal como os conhecemos.

Pode haver outra explicação – se virarmos o argumento ao contrário. E se fosse a versão de Paulo do cristianismo a que estava mais próxima dos ensinamentos do próprio Jesus e a Igreja de Jerusalém que percebera mal as coisas? Não é inevitável que os irmãos se compreendam, e havia certamente uma nítida frieza entre Jesus e a sua família, não havendo por isso razões para presumir que o cristianismo de Tiago estava mais próximo do que o de Paulo dos ensinamentos originais de Jesus.

A perspetiva aceite do desenvolvimento dos primórdios do cristianismo é incapaz de explicar o porquê de Paulo, que era ele mesmo judeu, ter sentido a necessidade de pregar uma forma paganizada da nova religião. A sua célebre conversão na estrada para Damasco aconteceu provavelmente, no máximo, cinco anos após a Crucifixão – e, uma vez que o seu anterior papel fora de perseguidor dos cristãos, teria presumivelmente uma ideia firme daquilo por que os estava a perseguir.

As nossas descobertas sobre a Madalena ter sido iniciadora de uma escola dos mistérios trazem consigo a implicação de que o

próprio Jesus era também um iniciado – talvez porque ela o iniciara. Mas como podia ele estar tão profundamente envolvido com um culto pagão quando toda a gente sabe que era judeu?

Descobrimos que nada podia ser tomado como garantido nesta história. Julgámos que valeria a pena encarar os habituais preconceitos sobre o contexto religioso do próprio Jesus. Tal como observa Morton Smith com ironia no seu *Jesus the Magician* (que discutiremos ao pormenor em breve):

> É claro que Jesus era judeu, tal como todos os seus discípulos – teoricamente. Não é certa a teoria.[18]

Para começar, vale a pena perguntar *como* «sabemos» estas coisas sobre Jesus.

A acima discutida perspetiva académica aceite sobre Jesus baseia-se em duas suposições que tentam dar sentido à evidente contradição entre os elementos judaicos e pagãos na sua história.

A primeira suposição é a de que Jesus era judeu – ainda que a qual seita pertencia ao certo seja motivo de discussão. Como vimos, a segunda suposição é a de que os aspetos abertamente pagãos vindos do culto dos mistérios que se encontram presentes nas histórias dos Evangelhos resultam de invenções posteriores. O argumento é que, à medida que o cristianismo começou a espalhar-se por comunidades não judaicas no seio do mundo romano, foram percecionadas e desenvolvidas afinidades com os mistérios, principalmente porque podiam ajudar a explicar o visível fracasso de Jesus em cumprir o papel do Messias judaico.

Foi um choque para nós perceber que eram realmente apenas suposições, e não factos solidamente provados. Nenhuma delas se baseia na qualidade das provas normalmente exigida pelos historiadores. Não existem quaisquer evidências sólidas de que os elementos pagãos tenham vindo de Paulo. Podem, claro, ter vindo de um dos seus companheiros missionários – a propagação do cristianismo não se deveu inteiramente a ele, apesar do sucesso da publicidade do próprio Paulo. Quando chegou a Roma, por exemplo, descobriu que já lá existiam cristãos.

Aparentemente, mesmo no cético século XX, há uma tão generalizada aceitação tácita da história cristã que nem mesmo académicos normalmente críticos conseguem ver os seus próprios preconceitos por aquilo que são. A.N. Wilson, por exemplo, geralmente um comentador analítico e perspicaz, escreveu as seguintes duas frases uma a seguir à outra sem aparentemente reparar na contradição entre elas:

> … é necessário, antes de começarmos [a tentar responder às questões acerca do Jesus histórico], esvaziar a mente e não tomar nada como garantido. O âmago do ensinamento de Jesus era a sua crença em Deus e no judaísmo.[19]

Decidimos ver o que aconteceria ao certo se questionássemos *realmente* estas suposições.

A versão convencional do desenvolvimento inicial do cristianismo baseia-se sempre na premissa básica de que Jesus era da religião judaica, o que significa que muitos outros aspetos de outro modo intrigantes da história dos Evangelhos foram automaticamente rejeitados. Olhámos mais atentamente para a suposição do judaísmo de Jesus – que implica, claro, um contexto étnico e também religioso – e não tardámos a dar por nós a desafiá-la. (Pode ter sido etnicamente judeu, mas não da religião judaica: para efeitos deste argumento, utilizaremos o termo «judeu» em referência a Jesus apenas no último sentido, a não ser que seja indicado o contrário.)

Claro que o nosso desafio a esta suposição não foi desprovido de apreensão: estávamos, afinal, a enfrentar todo o peso de mais de um século de estudos do Novo Testamento. Ficámos, pois, mais do que um pouco aliviados por descobrir que a mais recente tendência nos estudos do Novo Testamento se baseava na mesma exata questão: seria Jesus realmente judeu?

A primeira dessas obras a alcançar popularidade junto do público foi *The Lost Gospel*, de Burton L. Mack, em 1994, ainda que vários outros estudiosos tenham vindo a publicar os resultados das suas

pesquisas na mesma linha em publicações eruditas desde finais de 1980.

Mack abordou esta questão da perspetiva dos ensinamentos de Jesus e não da história da sua vida. Baseia o seu argumento na fonte perdida dos Evangelhos Sinópticos, conhecida como *Q* (da palavra alemã *Quelle*, que significa «fonte»), ou de tanto quanto foi possível reconstruir dela a partir de uma comparação com esses Evangelhos. Conclui que os ensinamentos de Jesus não vieram do judaísmo, estando mais intimamente relacionados com os conceitos, e até mesmo com o estilo, de certas escolas filosóficas gregas, principalmente a dos cínicos.

Q é credivelmente entendido como tendo sido uma compilação dos ditos e ensinamentos de Jesus, perfeitamente enquadrada no género específico de escritos contemporâneos conhecido como «literatura sapiencial», género esse que se sabia existir no antigo hebraico, mas que não era de todo exclusivo da religião ou cultura judaicas. Era também popular em todo o mundo helenístico, no Próximo Oriente e no antigo Egito. Houve um especialista, Kloppenborg, que argumentou que é do modelo dos «manuais de instrução» helénicos que *Q* mais se aproxima. Diverge, de facto, desses manuais na sua inclusão de material profético e apocalíptico, mas Mack acredita que só os «ensinamentos sapienciais» formavam o *Q* original, tendo o outro material sido adicionado mais tarde.

Mack e os outros estudiosos a trabalhar nas mesmas linhas baseiam as suas conclusões nos ensinamentos e máximas de Jesus. Rejeitam na mesma os *acontecimentos* tal como são narrados nos Evangelhos, pois não se enquadram nas tradições dos judeus nem dos cínicos, e sugerem que os temas do deus morto-e-ressuscitado e da escola dos mistérios são invenções posteriores dos primeiros cristãos.[20]

Colocámos a nós mesmos as seguintes questões: existe alguma evidência que demonstre que Jesus *não* era judeu? Por outro lado, existe alguma evidência que prove conclusivamente que o *era*? E os

elementos das escolas dos mistérios tornam as coisas mais fáceis ou mais difíceis de explicar?

É certo que o ministério de Jesus teve lugar num contexto judaico – a Judeia do século I – e que a maioria dos que o seguiam eram também judeus. Os seus discípulos mais próximos e aqueles que escreveram os Evangelhos parecem ter acreditado que ele era judeu. Mas os seus seguidores parecem tê-lo considerado como uma espécie de enigma – não tinham a certeza, por exemplo, se ele era ou não o Messias – e os autores dos Evangelhos tiveram nitidamente enormes dificuldades em conciliar os elementos contraditórios da sua vida e dos seus ensinamentos. Parece que não sabiam ao certo como lidar com ele.

À primeira vista, parecem haver muito bons motivos para acreditar que Jesus *era* judeu. Referia-se frequentemente a figuras religiosas do Antigo Testamento, como Abraão e Moisés, e envolvia-se muitas vezes em debates com os Fariseus sobre aspetos da lei judaica – se não fosse judeu, não haveria decerto qualquer motivo para o ter feito de forma tão obsessiva.

Mas a maioria dos estudiosos está de acordo em que estas passagens são as que menos probabilidade têm de ser verdadeiras palavras de Jesus. Foram posteriormente adicionadas porque os *Apóstolos* deram por si a discutir pontos da lei judaica e sentiram a necessidade de criar uma justificação retroativa para os seus argumentos utilizando o próprio Jesus. Prova disto é que os antagonistas nas histórias do Novo Testamento são geralmente os Fariseus, que não tinham, na verdade, qualquer função ou autoridade especial – principalmente na Galileia – durante o tempo de Jesus, mas que, quando os Evangelhos estavam a ser compilados, estavam em ascensão.[21] Como diz Morton Smith:

> Quase todas as referências aos Fariseus feitas nos Evangelhos podem ser demonstradas como remontando aos anos 70, 80 e 90, os últimos da edição dos Evangelhos.[22]

A única forma de compreender as verdadeiras origens de Jesus é situá-lo no contexto do seu tempo e espaço. Ainda que, como

veremos, o local onde nasceu e foi criado esteja em constante discussão, os Evangelhos estão de acordo quanto a ter sido a partir da Galileia que lançou a sua missão. É improvável, porém, que fosse natural da região, pois, ainda que os Evangelhos se refiram ao distinto sotaque galileu dos discípulos – que era considerado divertidamente rústico pelos habitantes da Judeia –, é significativo que o mesmo não seja dito sobre o próprio Jesus.[23]

O que sabemos então sobre a Galileia no tempo de Jesus? Mack resume habilmente a atual perspetiva académica sobre esse tempo e espaço:

> No mundo da imaginação cristã, a Galileia pertencia à Palestina e a religião da Palestina era o judaísmo, pelo que todos na Galileia devem ter sido judeus. Uma vez que esta imagem está errada… o leitor precisa de ter em mente uma imagem mais verdadeira.[24]

Aquilo em que pensamos como o judaísmo do tempo de Jesus – a partir da imagem apresentada nos Evangelhos – era na verdade apenas o Judaísmo do Templo da Judeia, cujo culto se centrava no Templo de Jerusalém. Fora inicialmente criado pelos judeus após o seu traumático cativeiro na Babilónia, e estava em constante estado de fluxo. Mas nem todos os judeus tinham sido exilados, e a sua versão do judaísmo desenvolveu-se em separado, sendo muito diferente da dos ex-cativos retornados. A religião dos não exilados era praticada sobretudo na Samaria e na Galileia, a norte, bem como na Idumeia, a sul da Judeia.

A Galileia não era, porém, propriamente um viveiro de fervoroso judaísmo – de qualquer tipo. Na verdade, só brevemente fizera parte do reino de Israel, muitos séculos antes de Jesus, tendo desde então sofrido a influência de várias culturas diferentes. Não era por acaso que a Galileia era conhecida como «a terra dos gentios».[25] Era ainda mais cosmopolita do que Samaria, que ficava entre a Judeia e a Galileia. Como observa Mack: «Seria errado visualizar a

Galileia como subitamente convertida a uma lealdade e cultura judaicas.»[26]

Com o seu bom clima para a agricultura e a lucrativa pesca no Mar da Galileia, era uma região rica e fértil. Tinha vastas relações comerciais com as outras culturas do mundo helenístico e encontrava-se no âmago de uma rede de rotas comerciais para o resto da Síria, a Babilónia e o Egito. Servia de lar a povos de muitas nações e culturas, e até homens das tribos beduínas eram visitantes familiares. Como salienta Morton Smith, as principais influências na região da Galileia nesse período eram «autóctones, palestinianas, do paganismo semita, gregas, persas, fenícias e egípcias».[27]

Os galileus eram conhecidos pela sua independência feroz. Mas, nas palavras de Mack, a região «não tinha capital nem templo nem hierarquia de sacerdotes».[28] Significativamente, a mais antiga sinagoga da Galileia data apenas do século III da era cristã.[29]

A região fora anexada a Israel no ano 100 a.C., sendo que, pouco depois, em 63 a.C., toda a Palestina foi conquistada pelos romanos e transformada numa província do seu império. Aquando do nascimento de Jesus, toda a Israel era governada pelo rei-fantoche dos romanos, Herodes, *o Grande*, mas quando iniciou o seu ministério, o território tinha sido dividido entre os três filhos de Herodes. Herodes Antipas governava a Galileia, e (após o seu irmão Arquelau ter sido retirado à força para as propriedades da família de Herodes no sul de França) a Judeia era governada diretamente por Roma, através do seu governador, Pôncio Pilatos.

No tempo de Jesus, a Galileia era uma região cosmopolita e próspera – longe da parvónia rústica da imaginação popular – que não era sequer predominantemente judaica e para a qual as autoridades em Jerusalém não teriam sido mais populares do que os seus amos romanos.

Uma vez entendida a Galileia como muito diferente da tradicional imagem do local onde Jesus iniciou o seu ministério, surgem imediatamente questões sobre os seus verdadeiros objetivos e motivações. Se a Galileia era realmente uma cultura sofisticada sem

nenhum preconceito fanático antirromano e pró-judaico, então estaria Jesus realmente a tentar incitar a sua população à rebelião contra os romanos, como é sugerido por alguns comentadores modernos? E seria a Galileia o lugar mais sensato para dar início a algum tipo de campanha pela reforma do judaísmo, como julgam outros?

Apesar de existirem judeus na Galileia, havia também muitas outras religiões, coexistindo numa invejável atmosfera de tolerância. Havia até formas «heréticas» de judaísmo a aí prosperar, o que faz com que seja ainda mais improvável que fosse terreno fértil para plantar qualquer tipo de reforma judaica. Numa área onde aparentemente tudo servia no que à religião dizia respeito, uma tentativa de redefinir o judaísmo convencional teria certamente caído em terreno pedregoso. E teria feito também com que o apogeu da missão de Jesus em Jerusalém fizesse ainda menos sentido.

Tal como observa Schonfield no seu *The Passover Plot*:

> … os judeus viam o norte da Palestina como o lar natural da heresia… Não sabemos assim tanto sobre a antiga religião israelita, mas parece ter absorvido muito do culto dos sírios e dos fenícios, e isto não foi nem de longe tão erradicado como no sul, pelo zelo reformista de Esdras e dos seus sucessores.[30]

Outro território no norte que viria a ser importante para Jesus foi Samaria, celebrizada pela história do Bom Samaritano. Devido aos inúmeros sermões sobre o tema, os fiéis entendem que os samaritanos eram injuriados pelos outros judeus e que a história do samaritano que atravessou a estrada para ajudar a vítima de um assalto é um perfeito exemplo da necessidade de reconhecer em todos o potencial para o bem.

Existe, no entanto, outra razão para levar Samaria a sério no contexto desta investigação. Os samaritanos tinham as suas próprias expetativas de um iminente Messias, a quem chamavam Ta’Eb, e que era consideravelmente diferente do da versão judaica.

No Evangelho de João (4:6-10), lemos como Jesus se encontrou num poço com uma samaritana, que o reconheceu como o Messias – presumivelmente o Ta'Eb –, o que insinua que o seu judaísmo era, no mínimo, pouco ortodoxo. Talvez Jesus tenha inventado a parábola do Bom Samaritano como um «obrigado» aos samaritanos pelo seu apoio.

Ainda um outro equívoco sobre o contexto de Jesus é a ideia de que ele era «Jesus de Nazaré» – ou seja, que vinha da cidade com esse nome, que existe na atual Israel. Mas, na verdade, não existem registos de tal sítio até ao século III. A palavra deveria ser *Nazareno*, que identifica Jesus como *membro* de uma de várias seitas que, coletivamente, utilizavam esse nome – mas não, significativamente, como seu fundador. Os Nazarenos eram um grupo de seitas relacionadas sobre as quais pouco se sabe. Mas a palavra é em si mesma reveladora, uma vez que deriva do hebraico *Notsrim*, que significa «Guardiões ou Conservadores… aqueles que guardavam os verdadeiros ensinamentos e tradições, ou que acalentavam certos segredos que não divulgavam aos outros…»[31]

Isto contraria por si só um dos principais princípios do cristianismo, que é o de que a religião é para todos e não tem segredos – exatamente o oposto das escolas dos mistérios, que ofereciam diferentes graus de conhecimento ou iluminação àqueles que subissem os cada vez mais íngremes degraus da iniciação. Para esses cultos, a sabedoria só é oferecida se for *merecida*, e um discípulo só recebe conhecimento quando é considerado pelos seus mestres espirituais como estando pronto para tal. Era uma ideia relativamente comum no tempo de Jesus: as escolas dos mistérios de Grécia, Roma, Babilónia e Egito aplicavam geralmente este ensino estruturado e guardavam ciosamente os seus segredos. Ainda hoje, a abordagem das escolas dos mistérios é utilizada por muitas religiões e escolas filosóficas no Oriente (incluindo o budismo Zen) – e também por grupos como a Maçonaria e os Templários. Toda a ideia de iniciação foi também o que deu ao *oculto* o seu nome, pois, como vimos, a palavra em si significa simplesmente

«escondido» – os mistérios permanecem secretos até chegar o momento certo e o aluno estar pronto. Se o ensinamento de Jesus não se *destinava* às massas, então era por natureza elitista e hierárquico – e *oculto*. E, como vimos ao reavaliar o verdadeiro estatuto de Maria Madalena, existem simplesmente demasiadas semelhanças entre as escolas dos mistérios e o movimento de Jesus para as podermos ignorar.

Existem muitos outros equívocos sobre Jesus. A história do Natal, por exemplo, é essencialmente um conto de fadas – tal como os mitos da natividade dos outros deuses mortos –, mas existem mesmo dúvidas sobre se Jesus nasceu em Belém. Na verdade, o Evangelho de João (7:42) afirma explicitamente que ele *não* nasceu lá.

Ainda que a maioria dos elementos da Natividade tenham nitidamente sido extraídos dos mitos do nascimento de outros deuses mortos-e-ressuscitados, a visita dos Sábios do Oriente foi baseada num relato contemporâneo da vida do imperador Nero.[32] Às vezes, estas figuras são conhecidas como os magos, que é um título específico dado a uma tradição de mágicos – ou feiticeiros – persas. Parece muito estranho ter o equivalente a três Aleister Crowleys a visitar o menino Jesus para lhe dar presentes, sem qualquer palavra de crítica ou censura por parte dos autores dos Evangelhos. E, a julgar pelo facto de que alegavam ter seguido uma estrela até Belém, eram também astrólogos (a astronomia enquanto disciplina independente era desconhecida nesse tempo). É definitivamente esperado que fiquemos *impressionados* com a história de feiticeiros a oferecer a Jesus ouro, incenso e mirra. (Mas, tal como vimos, Leonardo, na sua *Adoração dos Magos*, omitiu o ouro, símbolo de realeza e perfeição.)

Como vimos, Jesus é referido como um *naggar*, que tanto significa um carpinteiro como um homem erudito ou sábio – no seu caso, provavelmente o último. Nem é provável que os mais célebres discípulos de Jesus fossem os humildes pescadores da lenda: A.N. Wilson salienta que tinham na verdade um negócio de pesca no Mar

da Galileia.[33] (Além disso, como observa Morton Smith, alguns dos discípulos não eram claramente judeus: Filipe, por exemplo, é um nome grego.[34])

Muitos comentadores utilizaram as parábolas como prova de que Jesus vinha de um contexto humilde: usava sistematicamente analogias que giravam em torno de situações do quotidiano rural e doméstico, o que é interpretado como prova de que tinha experiência pessoal dessas coisas.[35] Outros,[36] porém, salientaram que os cenários por si criados revelam apenas, na verdade, um conhecimento superficial das realidades mundanas da vida – é como se fosse, afinal, uma pessoa muito mais grandiosa a tentar deliberadamente falar às massas, como um aristocrático candidato conservador a dirigir-se a votantes da classe trabalhadora em termos que espera que eles achem familiares.

Ainda que as bodas de Canaã não tenham sido, como alguns creem, a data do seu próprio casamento com a Madalena, demonstram, mesmo assim, que ele se movia nos círculos da «sociedade», a julgar pela escala das celebrações. E o incidente dos soldados romanos a jogar aos dados aos pés da cruz, apostando pelas roupas de Jesus, implica que estas eram dignas de se ganhar. Ninguém aposta por trapos inferiores.

Começa, pois, a emergir uma imagem do contexto de Jesus que é significativamente diferente daquela com que a maioria de nós cresceu. A questão seguinte é se existe alguma suposição sobre Jesus que tenhamos *realmente* justificações para fazer. Existe, por exemplo, alguma prova segura nos Evangelhos da ideia de que Jesus não era judeu?

Após o seu batismo, Jesus retirou-se para o deserto, onde foi tentado pelo Diabo, que tentou seduzi-lo e levá-lo a revelar a sua divindade. Mais uma vez, contudo, isto não é de todo claro. Houve até quem sugerisse que a tentação revela nada menos do que a implícita rejeição do próprio Javé por parte de Jesus.[37] Pode ser discutível, mas há um episódio que reflete definitivamente a sua atitude para com o Deus judaico.

Um dos mais célebres acontecimentos do Novo Testamento é aquele em que Jesus, cheio de virtuosa fúria ao ver os prestamistas no Templo, derruba as suas mesas. Embora pareça ser um episódio relativamente simples, implica, na verdade, um grande problema, que há muito tem sido reconhecido tanto pelos teólogos como pelos estudiosos do Novo Testamento.

Ainda que as ações de Jesus sejam geralmente explicadas pelo seu horror ao ver um local tão sagrado contaminado por transações financeiras, esta é uma atitude muito ocidental, e recente também. Pois a troca de dinheiro a fim de comprar animais para sacrificar no Templo de Jerusalém não era uma corrupção nem um abuso. Era uma parte fundamental do culto que aí se praticava. Tal como é salientado por John Dominic Crossan, professor de Estudos Bíblicos na Universidade de Chicago: «Não há um único indício de que alguém estivesse a fazer algo financeira ou sacrificialmente inapropriado.» Como diz em seguida, foi «um ataque à própria existência do Templo… uma negação simbólica de tudo o que… o Templo representava».[38]

Houve quem tentasse explicar a ação – que foi fulcral para o ministério de Jesus – alegando que expressava a sua insatisfação com o regime contemporâneo no Templo. Mas, no contexto dessa época e desse espaço, teria sido uma reação tão exagerada que sugeriria um desequilíbrio mental. Usando uma analogia moderna: seria como se um anglicano que se opunha à ordenação de mulheres expressasse o seu protesto entrando na Abadia de Westminster e pisando a cruz no altar. Não aconteceria, simplesmente porque os fiéis sabem onde traçar a fronteira entre ações apropriadas – por mais simbólicas que possam ser – e protestos efetivamente sacrílegos. O que Jesus fez enquadra-se nesta última categoria.

O judaísmo de Jesus era, pois, no mínimo, pouco ortodoxo. Isto abre espaço para novas sugestões quanto ao que ele realmente *era*. E existem claros indícios de que fazia parte de uma escola dos

mistérios. Mas há nos Evangelhos propriamente ditos alguns episódios que sugiram que possa ter sido esse o caso?

Na fase inicial da nossa investigação, foi, de certo modo, um choque descobrir que muito poucos outros investigadores pareciam ter colocado uma das questões que, para nós, era absolutamente básica: de onde obteve João Batista o ritual do batismo? Um estudo mais aprofundado revelou que não tinha absolutamente nenhum precedente no judaísmo, ainda que surjam referências a uma lavagem ritual – repetidas imersões simbolizando a purificação – nos Manuscritos do Mar Morto. É, porém, incorreto descrever estes ritos como «batismos»: o que João defendia era um único ato transformador de iniciação que era precedido pela confissão e arrependimento dos pecados. O facto de este ritual não ter precedentes judaicos é indiciado pelo seu título ou alcunha – João, *o* Batista – o único, não um de muitos. Na verdade, tem sido frequentemente interpretado como uma invenção sua, embora existam muitos precedentes e paralelismos exatos *fora* do mundo judaico.

O batismo enquanto símbolo exterior e visível de uma renovação espiritual interior era caraterístico de muitos dos cultos dos mistérios existentes em todo o mundo helenístico da altura. Tinha uma tradição particularmente longa no culto dos mistérios de Ísis, no antigo Egito. E, significativamente, o batismo nos seus templos nas margens do Nilo era precedido de um arrependimento público e da confissão dos pecados ao sacerdote. (Isto é discutido de forma mais detalhada no próximo capítulo.)

Foi, além do mais, o único período na extensa história da religião de Ísis em que esta enviou missionários para países além do Egito, pelo que parece provável que João tivesse sido particularmente influenciado pelo seu ritual de batismo. Pode, como veremos, ter tido uma experiência pessoal da religião dos egípcios no seu próprio lar, pois existem antigas tradições cristãs que dizem que foi a família de João que fugiu para o Egito a fim de escapar à ira de Herodes –

tradições essas que encontraram expressão n' *A Virgem dos Rochedos* de Leonardo.

O batismo de Jesus apresenta vários problemas. Em primeiro lugar, e não de todo menos importante, está a ideia de um Filho de Deus sem pecado *precisar* efetivamente de ver os seus pecados purificados. Não basta apenas explicá-lo, como muitos tentaram fazer, dizendo que Jesus estava a dar um bom exemplo aos seus seguidores, pois em nenhuma parte dos Evangelhos é feita essa observação. Existem também, contudo, importantes anomalias na própria imagem utilizada pela narrativa dos Evangelhos ao descrever o batismo de Jesus por João. Enquanto Morton Smith[39] salienta que a imagem da descida da pomba não tem qualquer paralelismo ou precedente na tradição judaica, Desmond Stewart vai ainda mais longe, encontrando claras ligações ao simbolismo e às práticas do Egito. Diz assim:

> Ainda que Javé tenha supostamente enviado corvos para alimentar um profeta, não era habitual manifestar-se na forma de aves descendentes. As pombas, seja como for, eram sagradas para a deusa pagã do amor, quer fosse conhecida pelo nome de Afrodite ou de Astarte…
>
> Para aquilo que Jesus julgou ter visto, o Egito proporciona uma melhor orientação… Quando Ré [ou Rá, o deus solar dos egípcios] apertou contra o peito o seu amado faraó, fê-lo disfarçado de Hórus, cujo símbolo mais comum era o falcão… A adoção, num rito batismal, de um mortal por uma divindade não era um grande problema para os egípcios.[40]

A principal divindade egípcia a ser geralmente associada ao símbolo de uma pomba é, contudo, novamente Ísis, que era conhecida como «Rainha do Céu», «Estrela do Mar» (*Stella Maris*) e «Mãe de Deus» muito antes de a «Virgem» Maria ter nascido. Ísis era frequentemente retratada a amamentar Hórus, o mágico descendente que gerara com o morto Osíris. Era no festival anual que assinalava a morte deste deus e, três dias depois, a sua

ressurreição, que o Sol era descrito como tendo ficado negro no momento em que ele morrera e entrara no Submundo. (E é um Sol negro que brilha sobre a cena da Crucifixão no mural de Jean Cocteau em Londres.)

Dado o invulgar zelo missionário de alguns grupos de isíacos na altura e a proximidade geográfica do Egito – para não falar na natureza cosmopolita da Galileia –, não é de admirar que João, Jesus e aqueles que os seguiam tivessem sido influenciados pelo culto de Ísis.

O que é notável é que a maioria dos cristãos continuem a ser incentivados a pensar na sua crença como totalmente singular em todos os seus aspetos, intocada por qualquer outra filosofia ou religião, quando claramente não é esse o caso. Veja-se, por exemplo, a Última Ceia, onde se crê que Jesus terá instituído a sagrada refeição de pão e vinho que viria a representar o seu corpo e sangue sacrificiais.

«Isto», escreve A.N. Wilson, «é fortemente sugestivo dos cultos mediterrânicos dos mistérios e tem pouco em comum com o judaísmo.»[41] Wilson utiliza depois isto como prova para a sua ideia de que a Última Ceia foi uma invenção dos autores dos Evangelhos – mas e se tiver realmente acontecido *como um rito pagão*?

Desmond Stewart fortalece o paralelismo, dizendo:

> [Jesus] tomou o pão e o vinho, elementos da sociabilidade quotidiana que assinalam, ainda assim, o auge do simbolismo osiríaco, e transformou-os não num sacrifício, mas num laço entre dois estados do ser.[42]

Os cristãos veem a sagrada refeição de pão e vinho – clímax da comunhão protestante e da missa católica – como sendo exclusiva de Jesus. Na verdade, era já uma *prática comum* a todas as grandes escolas dos mistérios do Deus que Morre, incluindo as de Dioniso, Tamuz e Osíris. Em todos os casos, era entendida como uma forma de entrar em união com o deus em questão e de alcançar a elevação espiritual (ainda que os romanos expressassem horror ante o implícito canibalismo envolvido). Todos os outros

cultos estavam bem representados na Palestina aquando da Última Ceia, pelo que é compreensível a sua influência.

É, talvez, significativo que, dos quatro Evangelhos, seja o de João que fala da Ceia, omitindo, porém, qualquer referência à cerimónia do pão e do vinho – talvez por não ter sido essa a ocasião em que foi efetivamente instituída. Noutra parte do Evangelho de João (6:54) é sugerido que a refeição sagrada do pão e do vinho era promovida desde os primórdios do percurso de Jesus na Galileia.

O próprio conceito de comer e beber o deus – o ritual da missa – é aberrante para os judeus. Como observa Desmond Stewart:

> A ideia de que o milho *era* Osíris era comum aos egípcios, tendo uma ideia similar sido associada às [deusas] Deméter e Perséfone na própria Hélade [Grécia].[43]

Outro paralelismo com as escolas dos mistérios – e que não tem paralelo na crença ou prática judaicas – é a história da ressurreição de Lázaro. Trata-se nitidamente de um ato iniciático: Lázaro é «ressuscitado» nos *simbólicos* morte e renascimento comuns nas escolas dos mistérios da altura, e que têm eco em certos rituais da Maçonaria moderna. O único Evangelho canónico a registar este evento – o de João – torna-o milagroso, uma literal ressurreição dos mortos. Mas o Evangelho Secreto de Marcos deixa bem claro que se trata apenas de um ato simbólico, assinalando a «morte» do antigo ser de Lázaro e o seu renascimento como um ser mais espiritual. Supostamente, este episódio foi removido dos outros Evangelhos por ser uma tão óbvia alusão às atividades das escolas dos mistérios. Mas, no que a esta investigação diz respeito, o aspeto mais significativo deste ritual é que o seu mais direto paralelismo era com as cerimónias de «renascimento» do culto de Ísis no Egito. Como observa Desmond Stewart (referindo-se ao místico isíaco do século I):

> … a evidência de Betânia indica que Jesus praticava uma espécie de mistério semelhante ao que Lúcio Apuleio experimentou no culto de Ísis.[44]

Até a Crucifixão reforça a negação judaica de que Jesus era o Messias esperado, pois morrer em tão vergonhosas circunstâncias era a última coisa que se esperava que um Messias conquistador fizesse. Isso não é, por si só, algo que preocupe excessivamente os cristãos, pois defendem que o seu messianismo ia muito mais além, em termos espirituais, daquilo que os judeus esperavam dele. Mas existem outros problemas com a descrição da morte de Jesus no Novo Testamento. Aparentemente, a interpretação cristã desse acontecimento como sendo o supremo sacrifício místico foi, na verdade, inventada posteriormente, *a fim de* explicar a discrepância entre as expetativas que os judeus tinham do seu Messias e o que de facto aconteceu a Jesus.

Houve quem sugerisse que Jesus e os membros do seu círculo desenvolveram o seu próprio conceito de Messias, incorporando nele o ideal do Justo Sofredor, tal como resulta da figura de José nos escritos apócrifos judaicos. Mas, significativamente, no herético norte da Palestina – a Galileia –, o «sofredor» José tinha absorvido algumas das caraterísticas do culto sírio de Adónis-Tamuz.[45] Foi também observada pelos estudiosos a influência do deus *pastor* Tamuz no Cântico dos Cânticos,[46] que tão importante é, como vimos, para o culto da Virgem Negra. É provável que Jesus se tenha intitulado de Bom Pastor em honra de Tamuz, e que os seus seguidores na altura estivessem familiarizados com o termo – Belém era um importante centro do culto de Adónis-Tamuz. (Curiosamente, cristãos como São Jerónimo ficaram indignados com a existência de um templo a Tamuz no alegado local do nascimento de Jesus em Belém.)

É notável, no entanto, que, ainda que muitos comentadores modernos reconheçam a presença de fortes influências pagãs na vida e nos ensinamentos de Jesus, não as explorem para lá de uma referência superficial. Como diz Hugh Schonfield, por exemplo:

> Foi preciso um nazareno da Galileia para entender que a morte e a ressurreição eram a ponte entre as duas fases [do Justo Sofredor e do Rei Messiânico]. A própria tradição da terra onde

todos os anos Adónis morria e ressuscitava parecia apelar a isso.[47]

Ainda que Geoffrey Ashe admita o seguinte: «Cristo tornou-se um Salvador visivelmente semelhante aos deuses mortos-e-ressuscitados dos Mistérios, Osíris, Adónis e os restantes.»[48]

Mas o arquétipo que melhor encaixa na vida de Jesus e na sua história tal como chegou até nós é o do deus egípcio Osíris, consorte de Ísis. Segundo a tradição, foi morto numa sexta-feira e ressuscitou passados três dias.[49] E há indícios de que, nos primórdios do cristianismo, o título de *Christos* foi confundido com outra palavra grega, *Chrestos*, que significa bondoso ou gentil. Alguns dos antigos manuscritos gregos dos Evangelhos utilizavam esta palavra em vez de *Christos*. Mas *Chrestos* era um dos epítetos tradicionalmente atribuídos a Osíris – e, significativamente, há também uma inscrição em Delos a *Chreste Isis.*[50]

O grito de Jesus na cruz está também aberto a uma interpretação pagã. Tanto a versão de Marcos, «*eloi eloi!*», como a de Mateus, «*eli eli!*» são traduzidas como «Meu Deus! Meu Deus! [porque me abandonaste?]», ainda que seja dito que alguns dos presentes entenderam mal a palavra e julgaram que ele estava a invocar o profeta Elias, que o próprio Jesus associara especificamente a João Batista.[51] Mas «Meu Deus» em aramaico devia ter sido *ilahi*. Desmond Stewart[52] sugere que a palavra era, na verdade, *Helios* – nome do deus sol, o que é particularmente interessante, uma vez que o grito foi associado ao estranho período de escuridão ao meio-dia. Na verdade, um dos primeiros manuscritos conhecidos do Novo Testamento põe os espetadores a pensar que ele está a chamar por Helios, cujo culto – que, até ao século IV, era generalizado na Síria – foi cristianizado ao substituir o nome pelo de Elias. E é óbvio que um deus *solar* está quintessencialmente relacionado com cíclicas mortes e ressurreições.

Vemos, pois, que Jesus se enquadra facilmente na tradição do Deus que Morre, mas o seu arquétipo não constitui a imagem

completa dos antigos mistérios. O deus – Osíris, Tamuz, Átis, Dioniso ou qualquer um dos outros – estava inevitavelmente associado à sua consorte, a deusa, que geralmente desempenhava o papel principal no drama da sua ressurreição. Como explica Geoffrey Ashe:

> O deus companheiro era sempre o trágico e condenado amante da Deusa, que morria anualmente com a verde vida da natureza e renascia na primavera…[53]

Se Jesus estava de facto a cumprir uma tradição do «Deus que Morre», parecia nitidamente haver algo em falta. Ashe prossegue assim:

> No seu papel de Salvador morto-e-ressuscitado, não podia ser facilmente entendido como estando só. Esses deuses nunca o estavam normalmente… Não se podia ter Osíris sem Ísis, ou Átis sem Cibele.[54]

Os críticos podem dizer que, uma vez que Jesus não tinha uma deusa companheira, não poderia ter estado a representar o papel de um deus que morre. Era, dizem, único na sua verdadeira divindade e não precisava de nenhuma mulher com que a partilhar. Mas e se *tivesse* realmente tido uma tal companheira? E é claro que teve, e foi esse conhecimento que foi acalentado em segredo por gerações de «hereges». *A «Ísis» de Jesus foi Maria Madalena*.

Os egípcios dirigiam-se à sua rainha Ísis como «Senhora dos deuses… dama do traje vermelho… ama e senhora do túmulo…»[53] Tradicionalmente, a Madalena tem sido retratada com um vestido vermelho, o que foi interpretado como uma referência ao facto de ter sido uma «mulher escarlate», imoral. E foi a Madalena quem presidiu às cerimónias no túmulo de Jesus.

Entenda-se isto, e muito do que se perdeu ou foi deliberadamente encoberto e distorcido passa finalmente a encaixar, incluindo a própria natureza do que pode ser designado como verdadeiro cristianismo.

Apesar das primeiras impressões, o Princípio Feminino não está ausente dos Evangelhos – pelo menos na sua forma original. As célebres palavras de abertura do Quarto Evangelho são «No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.» Ainda que o conceito de Verbo (*Logos*) seja baseado nas ideias do filósofo neoplatónico judeu Fílon de Alexandria, contemporâneo de Jesus, parece aqui – na versão de João – ser explicitamente *Feminino*. *Logos* é um substantivo masculino, mas, paradoxalmente, o conceito que descreve parece ser feminino. Houve nitidamente alguma confusão quando o Evangelho foi extraído do seu material de base – e viemos posteriormente a dar-nos conta da importância das verdadeiras origens desta passagem.

A expressão «e o Verbo estava com Deus» é um erro radical de tradução, que altera totalmente o verdadeiro sentido, mas que, ao fazê-lo, remove convenientemente algumas implicações muito desconfortáveis. Pois as palavras originais em grego são *pros ton theon*, o que literalmente significa «ir em direção a Deus», e tem o sentido de um homem que procura a união com uma mulher. Como diz George Witterschein:

> … podemos até usar a palavra *erótico* para descrever um anseio por que a união vença a separação.
>
> A chave para tudo… era a atração entre homem e mulher, que reflete… a atração entre o Verbo e Deus.[56]

Por outras palavras, o Verbo é feminino. E significativamente, a tradução correta das frases de abertura do Evangelho de João é esta:

> No princípio era o Verbo, e o Verbo ia para Deus, e Deus era o mesmo que o Verbo. Estava com Deus no início.[57]

O Verbo era, pois, uma força nitidamente separada de Deus. Significativamente, é geralmente entendido que o Verbo e o Espírito Santo eram uma e a mesma coisa, ainda que o termo original para o último fosse inequivocamente feminino. Era *Sophia*.[58]

Os conceitos evocados nestas frases não são nitidamente judaicos. Mas também não são originais dos primeiros anos da emergente «nova» religião do cristianismo. Karl Luckert, o antropólogo americano e professor de História Religiosa que fez um importante estudo sobre a religião egípcia e a sua influência em conceitos teológicos e filosóficos posteriores, não tem dúvidas sobre a sua verdadeira origem, ao escrever o seguinte:

> … em toda a literatura religiosa do chamado Período Helenístico, não existe melhor resumo da antiga teologia ortodoxa egípcia do que o prólogo do Evangelho de João.[59]

Em *The Foreigner*, Desmond Stewart argumenta que Jesus foi criado no Egito, se é que não nasceu efetivamente lá. Mas podia na mesma ter sido judeu, pois havia grandes e prósperas comunidades judaicas no Egito desse período. Stewart salienta que muitas coisas sobre Jesus, desde a falta de sotaque galileu à ênfase e contexto implícitos nas suas parábolas, sugerem uma educação egípcia. E claro, o Novo Testamento diz-nos que Maria, José e o menino Jesus fugiram para o Egito para escapar à ira de Herodes. Além do incidente de Jesus a discutir com os anciões no Templo de Jerusalém aos 12 anos, não existe qualquer referência à sua juventude. Mas até este episódio é nitidamente uma invenção, pois põe Maria e José a exprimir a sua ignorância sobre a divindade de Jesus – imediatamente após a história do seu miraculoso nascimento, do qual, a haver alguém que tivesse sabido, seriam certamente eles! Nada existe, pois, de autêntico sobre Jesus nos Evangelhos canónicos entre a sua infância e maturidade. Onde esteve? Porquê este silêncio sobre a sua infância e adolescência? Se esteve fora do país e envolvido numa cultura totalmente diferente, contudo, os autores podem ter sentido que não lhes competia – ou, mais provavelmente, que estava para lá dos seus talentos – inventar toda uma série de incidentes para preencher o espaço.

Outras fontes confirmam esta perspetiva. O livro sagrado dos judeus, o Talmude, não se refere a Jesus como natural da Galileia

ou oriundo de Nazaré, afirmando antes dogmaticamente que ele veio *do Egito*.[60] Além disso, e talvez mais revelador, o Talmude afirma inequivocamente que o motivo para a prisão de Jesus foi uma acusação de *feitiçaria*, e que era um iniciado da magia egípcia. Este conceito foi também o principal impulso para *Jesus the Magician*, o livro de 1978 de Morton Smith, em que este sugere que milagres como o da transformação de água em vinho e o caminhar sobre as águas eram tão comuns no repertório habitual dos mágicos egípcios como o truque indiano da corda no dos faquires orientais.

Smith dá muitos exemplos das semelhanças entre os milagres de Jesus e os feitiços e encantamentos mágicos que se encontram nos papiros contemporâneos, traçando também paralelismos com a vida e obra do célebre mágico Apolónio de Tiana (um mais jovem contemporâneo de Jesus) e de Simão Mago. Eram atribuídas a ambos capacidades quase idênticas às de Jesus.

Os cristãos poderão dizer que foi apenas um equívoco por parte das multidões crédulas que deu origem à imagem de Jesus como ocultista: os seus milagres eram na verdade o dom do Espírito Santo. Mas essa é uma interpretação tão subjetiva como a outra, tendo, na verdade, menos argumentos a seu favor. E Morton Smith chama a nossa atenção para um grande paradoxo do cristianismo:

> … temos de lidar não só com uma tradição que tentou ilibar Jesus da acusação de magia, mas que o venerava também como um grande mágico.[61]

Havia muitos mágicos itinerantes – feiticeiros – mais ou menos célebres no mundo greco-romano do tempo de Jesus, e uma parte comum do seu repertório eram as curas e exorcismos, tal como acontece hoje em dia com os homens santos indianos e os sacerdotes vudu, entre outros. (Se as alegadas curas são genuínas é motivo de discussão, mas o espanto das multidões é maioritariamente real, e o passa-palavra contribui em muito para desenvolver a reputação do milagreiro.)

Smith sugere que o termo «Filho de Deus» – que sempre intrigou os teólogos e os estudiosos do Novo Testamento, pois não tem

qualquer precedente judaico e não era um conceito que estivesse associado ao Messias – deriva também da tradição greco-romano-egípcia. O mágico de sucesso obtinha as suas capacidades ao deixar-se transformar na conduta de um deus, como os xamãs tribais. Assim, sugere Smith, Jesus tornou-se Filho de Deus em resultado de *uma possessão mágica* por parte da divindade.

O milagre da transformação de «água em vinho» nas bodas de Canaã revelou ser duvidosamente similar ao relato de uma cerimónia dionisíaca celebrada em Sídon, até nas palavras utilizadas.[62] E, no mundo helenístico, Dioniso era explicitamente associado a Osíris.[63] Smith cita também dois textos mágicos egípcios que têm paralelismos com a Eucaristia, a tomada ritual do pão e do vinho que é vista pelos cristãos como tão sagrada, tendo sido unicamente instigada por Jesus. Smith diz assim – e os itálicos são seus:

> *Estes são os mais próximos paralelismos que se conhecem com o texto da Eucaristia.* Neles, tal como nela, um deus-mago entrega o seu próprio corpo e sangue ao recetor, que, ao consumi-los, se unirá a ele no amor.[64]

Até as palavras proferidas por Jesus são similares às dos textos mágicos.

Existem outros indícios – contidos nos próprios Evangelhos – de que Jesus era amplamente visto como um mágico no seu tempo. No Evangelho de João, as palavras dirigidas a Pilatos quando Jesus lhe é entregue são que ele é «um malfeitor». Na lei romana, este era o termo para *feiticeiro*.[63]

O aspeto mais significativo da investigação de Morton Smith neste contexto é que, apesar de totalmente baseada numa comparação entre os Evangelhos e os papiros mágicos, as suas conclusões correspondem *exatamente* à forma como Jesus é retratado no Talmude judaico e nos primeiros escritos rabínicos. Estes nunca retrataram Jesus como um judeu que inventou uma forma herética de judaísmo, como julgam muitos cristãos modernos.

Em vez disso, esses textos judaicos veem-no como um judeu que se converteu totalmente a outra religião ou como alguém que nunca foi de todo judeu. Na verdade, condenam-no especificamente como praticante da magia egípcia. O próprio Talmude afirma de forma inequívoca que Jesus passou no Egito os seus primeiros anos de jovem adulto, tendo sido aí que aprendeu magia.

Numa história da literatura rabínica, Jesus é comparado a uma figura anterior chamada Ben Stada. Era um judeu que tentara introduzir o culto de outras divindades pagãs juntamente com o de Javé, e que trouxera práticas mágicas especificamente do Egito. A história enfatiza que, de modo similar, também Jesus trouxe do Egito aos judeus as práticas mágicas egípcias. Outros textos rabínicos são igualmente explícitos quanto a este ponto: Jesus «praticava magia e enganava e transviava Israel».

A perspetiva que os judeus contemporâneos tinham de Jesus era nitidamente a de um adepto da magia egípcia. O seu crime, aos olhos deles, foi o de tentar introduzir *ideias e deuses pagãos* nos territórios judaicos.

O Talmude, bem como outras coleções de textos rabínicos, remontam apenas ao século III d.C., dando origem às acusações de difamação premeditada por parte dos inimigos de Jesus, os judeus. Mas estas acusações do que é essencialmente *bruxaria* podem não ter surgido por pura maldade, como poderá inicialmente parecer. A acusação de feitiçaria é curiosa de se forjar – e existem provas de que essas ideias sobre Jesus já existiam anteriormente.

Justino Mártir, escrevendo por volta de 160 d.C., relata uma discussão com um judeu de nome Trifo, que chama a Jesus um «mágico galileu». O filósofo platónico Celso, escrevendo por volta de 175 d.C., afirma que, apesar de Jesus ter crescido na Galileia, trabalhou durante algum tempo no Egito, onde aprendeu as técnicas da magia.

Como vimos, os autores dos Evangelhos nada viram de vergonhoso ou de chocante em registar que os *magos* tinham prestado homenagem a Jesus com o seu ouro, incenso e mirra. Não

eram apenas Sábios ou reis, mas explicitamente membros de uma fraternidade oculta específica com origem na Pérsia. E ainda que alguns comentadores possam tentar explicar isto como o reconhecimento simbólico da superioridade do bebé Filho de Deus por parte dos feiticeiros, não existe qualquer indício de tal interpretação nos Evangelhos propriamente ditos, em que a visita dos magos se destina claramente a provocar espanto e admiração.

Morton Smith salienta que – ainda que a história tenha tido tendência a minimizar isto – os primeiros cristãos, principalmente no Egito, praticavam magia. Alguns dos primeiros artefactos cristãos conhecidos são amuletos mágicos, contendo imagens de Jesus com inscrições de feitiços. A implicação é clara: a primeira geração de seguidores de Jesus reconhecia-o como um mágico, ou por saberem que o era, ou porque simplesmente encaixava perfeitamente no papel.[66]

Existe, contudo, um rumor muito mais negro, que circulava já no próprio tempo de Jesus, sobre o seu envolvimento com a feitiçaria, um que não só reforça o dos escritos rabínicos como, a ser verdade, resolveria também um persistente problema bíblico. Esta bizarra e chocante acusação, que será discutida mais tarde, pode muito bem revelar-se a chave para grande parte do mistério que rodeia a relação de Jesus com o Batista, bem como a possível razão da importância de João para os grupos ocultos ao longo dos séculos.

Como vimos, existem paralelismos extraordinariamente claros entre a vida de Jesus e a história de Osíris. Mas talvez mais revelador seja o facto de muitas das suas efetivas palavras parecerem ter vindo, inalteradas, da tradição da religião egípcia. Jesus diz isto, por exemplo (João 12:24): «Se o grão de trigo não cair na terra e morrer, fica só; mas se morrer, dá muitos frutos.» Esta imagem e conceito vêm inegavelmente do culto osiríaco.[67] E as palavras de Jesus ao dizer que «na casa de meu Pai há muitas moradas» (João 14:2), que desconcertaram gerações de cristãos, são explicitamente osiríacas e vêm *diretamente* do *Livro dos Mortos* egípcio.[68]

Mais corretamente intitulada de *Saída para o Dia*, esta obra era composta por uma série de feitiços com os quais a alma podia ultrapassar os terrores da vida depois da morte, e era lida aos moribundos por um sacerdote ou sacerdotisa. O conhecimento de Jesus da *Saída para o Dia* sugere uma familiaridade não só com os escritos religiosos do culto de Ísis/Osíris, mas também com a sua magia – como vimos, religião e magia eram o mesmo para os egípcios.

Osíris foi morto numa sexta-feira e o seu corpo desmembrado foi disperso. Passados três dias, ressuscitou – graças à intervenção mágica de Ísis, que o chorara por toda a terra. Nas peças dramáticas anuais dos mistérios osiríacos do Egito, a alta sacerdotisa que representava Ísis lamentava-se assim: «Homens perversos mataram o meu amado, e não sei onde o seu corpo está»; quando finalmente reagrupa o corpo, diz: «Vê, encontrei-te aí deitado… Oh, Osíris, vive, ergue o infeliz que ali jaz! Eu sou Ísis.» O sacerdote que encarnava Osíris levantava-se então e mostrava-se aos seus seguidores, que expressavam a sua dúvida e espanto ante a miraculosa ressurreição.[69]

Compare a primeira frase com as palavras de Maria Madalena ao «Jardineiro» (que é, na verdade, Jesus): «Levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram.» («Meu Senhor» era uma expressão habitualmente utilizada por uma esposa para se referir ao marido nessa cultura.[70]) Talvez tenha havido também um ritual no túmulo de Jesus, em que a Madalena proferiu as palavras da deusa egípcia antes de o curar dos seus ferimentos. Nos mistérios do Deus que Morre, é a deusa que, com as suas ajudantes, desce ao Submundo para trazer o deus ressuscitado, e esse negro Hades era geralmente representado como um *túmulo*.

Uma vez que, na nossa opinião, Jesus e a Madalena estavam a representar a história da morte e ressurreição de Osíris, a opção pela crucifixão fazia todo o sentido – *pois a cruz era já um antigo símbolo osiríaco.*

Foram Maria Madalena e as suas mulheres que assistiram à inumação de Jesus, não só porque, tal como foi sugerido, era trabalho de mulheres naqueles dias, mas também porque estavam a representar conscientemente o seu próprio papel na história de Osíris. Jesus representava o papel de um Deus que Morre e que era ressuscitado graças à intervenção – mágica ou não – da sua «deusa», a sua parceira sexual e espiritual, Maria Madalena. Foi ela quem o sagrou Messias ao ungi-lo ritualmente com nardo, e se a ideia de que ela era abastada estiver correta, então talvez a sua influência tenha tornado possível o rito iniciático e mágico da Crucifixão.

Com a sua forte dependência da imagística osiríaca e o seu suposto contexto egípcio, Jesus pode muito bem ter-se sujeitado voluntariamente aos horrores da crucifixão, mas por razões algo irónicas, tendo em conta a forma como é percecionado pelos cristãos. Para eles, Jesus é Deus encarnado, mas talvez ele acreditasse que, através de uma morte e renascimento simbólicos, podia *tornar-se* um deus. A Crucifixão pode muito bem ter sido deliberadamente montada e organizada – com a ajuda de uns quantos subornos – de maneira a que Jesus, tal como Lázaro, pudesse renascer ao jeito da escola dos mistérios osiríacos, ressuscitando na forma do próprio Osíris. Isto é ainda mais provável se Jesus considerasse realmente pertencer à realeza – da linhagem de David –, pois um faraó morto tornava-se automaticamente «um Osíris» e também senhor dos céus e flagelo do submundo, através da mágica intervenção de Ísis. Esperaria Jesus emergir do túmulo imbuído de poderes divinos? Talvez esta ideia explique um dos mais persistentes mistérios do cristianismo – se Jesus morreu ou não na cruz.

Muitas pessoas acreditam que não. Certos Evangelhos Gnósticos, o Corão e alguns dos primeiros hereges cristãos – e talvez o Priorado de Sião – adotaram a perspetiva de que um substituto (talvez Simão de Cirene) ocupou o seu lugar, enquanto outros acham que ele foi crucificado, mas foi descido vivo, e que a

sua «ressurreição» se referia apenas ao facto de ter sido curado dos seus ferimentos. Leonardo achava certamente que ele fora descido da cruz e sobrevivera: o sangue ainda corre na imagem do homem no seu falso «Santo» Sudário de Turim, e o sangue não continua a correr num cadáver. (Ainda que a nossa tese esteja errada, e não tenha sido Leonardo a forjar o Sudário, quem quer que o tenha feito deve ter também acreditado que Jesus não morreu na cruz – e se, contra todas as evidências, for realmente o Sudário de Jesus, então *é uma prova clara de que ele estava vivo no túmulo*.)

Claro que pode ter sido por acidente que Jesus foi descido vivo da cruz, e a versão convencional da sua prisão e Crucifixão pode ser a mais próxima que temos da verdade. Mas há demasiadas objeções lógicas. As forças de ocupação romanas eram um povo prático, e os seus funcionários eram torcionários e executores experientes. Mas é-nos dito que terminaram à pressa as execuções dessa sexta-feira – partindo as pernas aos ladrões crucificados, por exemplo, para que estes fossem sepultados antes do início do Sábado judaico. Vamos mesmo acreditar que os romanos, de entre todos os povos, se iam preocupar assim tanto com os costumes judaicos, ou que, se o fizessem, se esqueceriam, de algum modo, de que o anoitecer de sexta-feira sinalizava o fim da tortura da crucifixão, ainda que tivesse começado apenas horas antes?

A crucifixão era a pior morte imaginável porque normalmente as vítimas demoravam dias a morrer. Era esse o objetivo. Assim sendo, porque haveria alguém de ser crucificado a uma sexta-feira na Palestina quando teriam de ser descidos da cruz, vivos ou mortos, ao pôr do Sol desse mesmo dia?

Houve certamente um julgamento e uma crucifixão. Mas parece que Jesus e o seu círculo interno – que incluía a «Família de Betânia» – engendraram deliberadamente os acontecimentos de modo a realizar algum plano seu. *The Passover Plot*, de Hugh Schonfield, explica de forma elegante e persuasiva como foi que isto aconteceu, mas não consegue explicar o porquê de, se estava a fazer-se passar pelo Messias, Jesus ter escolhido ser crucificado,

pois uma morte tão vergonhosa jamais teria sido o destino desse aguardado herói judeu.

A encenação vai, contudo, além de fazer com que Jesus fosse preso e crucificado. Existem anomalias no relato dos Evangelhos que levantam graves suspeitas. O período de tempo atribuído à Crucifixão de Jesus foi, como vimos, notavelmente curto, e é-nos também dito que, enquanto no caso dos ladrões foi necessário que os soldados romanos lhes dessem o golpe de misericórdia para acabar com eles antes do Sábado, Jesus limitou-se a fazer-lhes a vontade, morrendo antes do pôr do Sol. Muitas pessoas sugeriram que pode ter sido dada a Jesus alguma droga – um poderoso narcótico – na esponja oferecida enquanto estava pendurado na cruz, o que lhe deu o aspeto de estar morto. Neste caso, temos de presumir que os conspiradores tinham subornado os guardas para fazerem vista grossa. Estas pistas sugerem que a conspiração se destinava essencialmente a montar uma muito cínica atuação: a crucifixão era a forma mais pública de anunciar uma morte e, tendo feito isso, qualquer aparente regresso à vida seria considerado milagroso.

A própria natureza deste esquema revela o porquê de terem de ter sido os romanos, e não os judeus, a prender e condenar Jesus. Se os judeus o tivessem considerado culpado, teria sido apedrejado, e teria sido impossível fingir uma morte por apedrejamento.

Mas o que esperavam os conspiradores conseguir com este elaborado – e arriscado – subterfúgio? Afinal, como vimos, um criminoso crucificado jamais poderia ser aceite como o Messias: os judeus não esperavam que o Messias fosse crucificado nem que regressasse dos mortos. Esta interpretação das suas expetativas simplesmente não existia.

O plano não encaixava, pois, no molde da tradição judaica. Mas estava *realmente* de acordo com um conceito não judaico – o do deus morto-e-ressuscitado, que estava no âmago dos grandes cultos das escolas dos mistérios. Os judeus não queriam ter nada que ver com isso: para eles, só existia um Deus, e era inconcebível

que alguma vez fizesse parte de um culto que envolvesse o derramamento de sangue, pois viam tudo o que estivesse ligado ao sangue e à sepultura como impuro e abominável. Mas os países mediterrânicos e do Médio Oriente desse tempo fervilhavam de cultos dessas divindades.

Nunca é demais salientar que está fora de questão a possibilidade de a história da morte e ressurreição de Jesus ser única. No contexto da proliferação de cultos do Deus que Morre nessa altura, pretendia obviamente ser associado a um deles. Mas qual? E o que esperava conseguir com este doloroso e perigoso plano?

Como já vimos, o grito de Jesus na cruz pode ser interpretado como «*Helios! Helios!*» («Sol! Sol!»). A morte de Osíris é tradicionalmente representada como um *Sol negro* – ou seja, o abandono da luz, que tem pelo menos a mesma pretensão no grito de Jesus de «*Sol! Sol! Porque me abandonaste?*»

Parece certamente que Jesus estava, de algum modo, a viver a história de Osíris nessa sexta-feira de há muito tempo.

Existem muitas perguntas sem resposta a envolver a Ressurreição, presumindo que a ideia cristã da verdadeira morte e literal ressurreição de Jesus está errada. Em que estado, por exemplo, estava ele quando foi descido da cruz – estaria em coma no túmulo, ou simplesmente ferido mas consciente? O que lhe aconteceu então? Terá, como foi sugerido por alguns, deixado a Palestina e viajado para lugares longínquos, como a Índia? E o que aconteceu à sua relação com a Madalena, já que esta parece ter partido para a Gália sem ele? Seja qual for a verdade dos factos, o Jesus dos Evangelhos desaparece da história após a sua alegada ressurreição.

Essencialmente, os Evangelhos desintegram-se após a descoberta do túmulo vazio. Os relatos do Novo Testamento sobre as aparições de Jesus ressuscitado aos seus discípulos e a sua alegada ascensão ao céu são uma irremediável trapalhada – inconsistentes mesmo enquanto mitos. Claro que os não cristãos se

aproveitam deste emaranhado de histórias como prova da sua invenção, e estaríamos certamente de acordo com isso. Mas, apesar desta confusão, como salienta Hugh Schonfield, existe uma fonte que *pode* ser claramente discernida: o encontro de Jesus ressuscitado com dois discípulos a caminho de Emaús foi retirado da obra isíaca de Lúcio Apuleio, *O Burro de Ouro*.[71]

Ainda que o conceito de uma futura ressurreição corpórea faça parte das crenças judaicas, o que aconteceu quando Jesus foi alegadamente ressuscitado não está certamente de acordo com o pensamento judaico. A ideia tradicional é a de que todos os justos serão ressuscitados em conjunto no fim dos tempos: aparentemente, Jesus desafiou este plano, sendo devolvido à vida enquanto os seus companheiros continuavam a apodrecer nos seus túmulos. Depois, subiu ao céu, não deixando para trás quaisquer restos mortais, apesar de ter prometido que o seu ser espiritual estaria facilmente acessível aos seus seguidores – na verdade, esta constante presença espiritual foi um dos principais motivos para a nova religião cristã se ter revelado tão atrativa para o mundo romano, e é também em grande medida por isso que continua a ter um tão grande domínio sobre milhões de corações e mentes.

Como salienta Karl Luckert, os comentadores modernos, embora admitam que este conceito da constante presença espiritual de Jesus não é judaico, não apresentam qualquer hipótese acerca do seu verdadeiro contexto e origem. De onde veio, pois, esta ideia?

A análise erudita de Luckert[72] demonstra conclusivamente que os duplos conceitos da singular Ressurreição de Jesus e da continuidade da sua presença espiritual podem ser associados, sem sombra de dúvida, à teologia egípcia. Como ele explica, a antiga teologia egípcia:

> … tornava possível acreditar que o Filho de Deus ressuscitara dos mortos… regressando assim ao Pai. Explicava também o porquê de, durante algum tempo, antes de ter ascendido totalmente ao céu, terem sido vistas algumas das aparições de Cristo… Também em sintonia com a lógica egípcia estava a

ideia de, apesar de ter agora regressado ao Pai, Jesus Cristo continuar eternamente presente entre os seus seguidores.

Mais uma vez, vemos que conceitos que são essenciais para a religião cristã, e que há muito têm sido acalentados como prova da singularidade e divindade de Jesus, não surgiram totalmente formados da sua vida e dos seus ensinamentos. Nem nasceram do tipo de judaísmo herético que tão frequentemente é evocado para explicar a sua génese.

O conceito de ressurreição individual e da vida eterna do espírito no outro mundo teve origem no Egito: aí, era aceite como facto. E a ideia da continuada e reconfortante presença do espírito depois da morte foi diretamente extraída das crenças que envolviam a morte dos faraós, que se julgava guiarem o povo a partir do mundo invisível.

Vimos como os acontecimentos cruciais da vida de Jesus parecem encaixar na história de Osíris, e como o papel da sua parceira, Maria Madalena, encaixava no de Ísis. Mas existe um outro ponto importante a salientar neste contexto.

Ainda que o arquétipo de Osíris corresponda nitidamente ao cumprimento consciente do seu papel por parte de Jesus – «morrendo» numa sexta-feira, sendo chorado por «Ísis» e regressando à vida três dias depois –, foi a magia da deusa que tornou possível a ressurreição. Nunca é demais enfatizar que o seu papel não era subordinado.

Ísis era vista como a *Criadora*; como dizem as escrituras egípcias: «No início, era Ísis, a Mais Antiga dos Antigos.» Era a deusa «de onde toda a transformação nasceu», e uma invocação tradicional diz o seguinte: «… sois a criadora de todas as coisas boas». Mas, mais do que isso, era Ísis – e não Osíris – a *Salvadora* original, sendo descrita por Aristides, um iniciado dos seus mistérios, como «uma Luz e outras coisas impronunciáveis que conduzem à salvação», enquanto Lúcio Apuleio se lhe dirigiu assim: «Ó Sagrada e eterna Salvadora da raça humana… dais luz ao Sol… calcais a morte sob os vossos pés.»[73]

É aceite pelos estudiosos que os primeiros cristãos absorveram certos aspetos do culto de Ísis no seu próprio movimento, como o conceito de que a crença na deusa lhes concedia a vida eterna. Também se apoderaram de muitos dos seus templos. Um desses santuários situava-se em Sais, uma antiga capital do Egito, tendo sido convertido no século III numa igreja da Virgem Maria. Mil anos antes, enquanto templo da grande deusa Ísis, exibira a seguinte inscrição: «Sou tudo o que era, foi e ainda está para vir» – que muito mais tarde encontrou o seu caminho para o Livro do Apocalipse (1:8) como as palavras de Javé.

A influência do culto de Ísis pode ser abertamente encontrada mesmo nos Evangelhos Canónicos. Uma das frases mais famosas de Jesus, por exemplo, é «Vinde a mim todos os que estais cansados, e eu vos reconfortarei». Devido à sua oferta de amor e conforto no meio das dificuldades da vida, surge frequentemente em cartazes à porta das igrejas, precedida por «disse Jesus». Na verdade, essa mesma frase – palavra por palavra – foi integralmente retirada das máximas de Ísis. Ainda é possível vê-la inscrita sobre a porta de um templo a ela dedicado em Dendera. Seja como for, o auxílio oferecido na frase é certamente o de uma *mãe*.

Se, tal como acreditamos, Jesus e Maria Madalena eram iniciados dos mistérios de Ísis e de Osíris, então o «cristianismo» deve ter sido muito diferente da religião patriarcal e de *temor* a Deus em que não tardaria a transformar-se. E o seu contexto essencialmente pagão lança finalmente alguma luz sobre alguns dos mais persistentes enigmas do Novo Testamento.

O dilema essencial sempre foi tentar conciliar a existência de um Jesus histórico com os óbvios elementos das escolas dos mistérios egípcias nas histórias a seu respeito. Em resultado direto deste problema, os comentadores seguiram um de dois caminhos: ou, como Ahmed Osman, concluíram que Jesus não existiu, ou, como A.N. Wilson, defendem que as referências das escolas dos mistérios nunca fizeram parte da história original, tendo sido acrescentadas posteriormente.

Estes dois elementos aparentemente irreconciliáveis podem, ainda assim, tal como demonstrámos, fazer sentido se vistos em conjunto. Foi a suposição de que Jesus era da religião judaica que impediu o reconhecimento de uma solução clara e simples. Se, por outro lado, a sua religião vinha de fora da tradição judaica, então tudo bate certo.

Não quer isto dizer que os discípulos de Jesus não fossem judeus, ou que ele não estivesse a visar diretamente os judeus com a sua campanha. Mas, tal como vimos, é evidente que havia um «grupo de titereiros» por trás do movimento, parte do qual era quase de certeza a «Família de Betânia».

O movimento de Jesus era composto por um círculo interno e outro externo, as versões esotérica e exotérica do culto. Ironicamente, a maioria dos discípulos e das fontes de onde os Evangelhos foram extraídos faziam parte deste último, o grupo que Jesus manteve de forma propositada às escuras quanto à sua verdadeira mensagem e objetivos. Por mais radical e bizarro que isto possa parecer, é mesmo esta a situação que é repetidamente descrita nos Evangelhos – em que discípulos como Pedro confessam várias vezes a sua total perplexidade com os ensinamentos e intenções de Jesus. Mais crucial ainda é o facto de os discípulos do círculo externo não terem a certeza das ambições de Jesus ou sequer do seu verdadeiro papel.

Os estudiosos admitiram o seu desconcerto face à questão básica do porquê de ter sido o cristianismo – de entre todos os cultos messiânicos desse período e espaço – a sobreviver e prosperar. Como vimos, a razão para o movimento de Jesus ter sido praticamente o único desses grupos a conquistar terreno duradouro fora da Judeia foi o facto de ser já reconhecível como um culto dos mistérios. O segredo do seu atrativo estava no facto de ser essencialmente um *híbrido*, uma mistura de certos aspetos do judaísmo com elementos pagãos das escolas dos mistérios. O cristianismo era único porque era tranquilizadoramente familiar para

muitos judeus e também para os gentios, sendo, ao mesmo tempo, empolgantemente diferente.

O cristianismo enquanto nova religião foi criado a partir da dinâmica que foi surgindo à medida que os diferentes conversos étnicos e religiosos se esforçavam por dar o seu próprio sentido aos elementos individuais – e muitas vezes contraditórios – do híbrido. Os seguidores viam-se constantemente confrontados com a dificuldade de encaixar o arquetípico deus morto-e-ressuscitado no clássico molde do Messias, e vice-versa, e foi esta impossível mistura que deu origem à Igreja de Cristo.

Claro que muitos poderão contestar a origem egípcia do cristianismo, citando o tom geralmente judaico dos Evangelhos. Poderão razoavelmente salientar que é esta toda a prova que têm da natureza da religião primitiva, e esta implica certamente que tinha raízes judaicas. Mas os Evangelhos do Novo Testamento *não* são a única prova disponível, ainda que sejam a única que a Igreja gostaria que tivéssemos. Como vimos, o grande conjunto de obras coletivamente conhecido como os Evangelhos Gnósticos foi deliberadamente recusado aos cristãos durante muitos séculos – e a imagem que invoca dos primórdios do cristianismo não é decerto a de uma seita de judeus dissidentes. O que os Evangelhos Gnósticos descrevem é uma escola dos mistérios egípcios.

Estudiosos como Jean Doresse – no seu estudo sobre os documentos de Nag Hammadi – reconhecem a profunda influência da teologia egípcia nos escritos gnósticos. Vemos várias vezes, nestes há muito ignorados Evangelhos, conceitos obviamente egípcios. Isto é particularmente evidente no *Pistis Sophia*, cuja cosmologia corresponde à do *Livro dos Mortos* egípcio. Os Evangelhos Gnósticos utilizam até a mesma terminologia: usam, por exemplo, a palavra egípcia para «inferno», *Amente*.[74]

Durante séculos, os cristãos entenderam que os Evangelhos do Novo Testamento estavam «corretos» – histórica e espiritualmente –, enquanto os livros gnósticos estavam «errados». Mateus, Marcos, Lucas e João terão, crê-se, sido inspirados por Deus, enquanto os

outros (se forem sequer conhecidos) são amplamente vistos como disparates. Mas, como esperamos demonstrar, existem razões de peso para considerar as obras gnósticas como pelo menos igualmente dignas da nossa atenção.

Os Evangelhos Gnósticos foram rejeitados pelos Pais da Igreja por razões de autopreservação, pois estes escritos apresentavam uma imagem muito diferente do cristianismo, que não seria do seu interesse apoiar. Não só esses livros suprimidos tendem a salientar a importância de Maria Madalena (e das outras discípulas), como apresentam também uma religião que tinha as suas raízes – ao contrário da dos livros do Novo Testamento – na teologia egípcia. O cristianismo não se destinava a ser um patriarcado nem um desenvolvimento, ainda que herético, do judaísmo. É inegável que os Evangelhos do Novo Testamento foram escritos pelos seguidores judeus de Jesus, mas, ironicamente, parecem ter sido aqueles que menos entendiam o que ele representava que tentaram explicá-lo no seu próprio contexto religioso e cultural. Por outro lado, parece que os Evangelhos Gnósticos apresentam um retrato mais autêntico das origens da sua religião – e até das origens e crenças do próprio Jesus.

Mas permanece a questão: o que esperavam Jesus e o seu círculo interno ganhar com a disseminação do que era essencialmente uma mensagem pagã no centro nevrálgico do judaísmo?

A religião original dos hebreus era, tal como a de todas as outras culturas antigas, politeísta – venerando *tanto deuses como deusas*. Só mais tarde é que Javé surgiu como a divindade superior, e os sacerdotes reescreveram eficazmente a sua história a fim de apagar – de modo não muito abrangente – o culto anterior às deusas. (E, em resultado disso, o estatuto da mulher decaiu abruptamente, tal como nos primórdios do cristianismo e pela mesma razão.)

O antropólogo e estudioso bíblico húngaro Raphael Patai demonstrou conclusivamente na sua grande obra *The Hebrew Goddess* que os judeus adoraram em tempos uma divindade

feminina. Entre os muitos exemplos que cita do culto hebraico à deusa, está o que diz respeito ao Templo de Salomão: apesar da tradição, *não* foi construído apenas para honrar Javé, mas também para celebrar a deusa Asherah. Diz Patai:

> … o culto de Asherah como consorte de Javé… foi parte integrante da vida religiosa na antiga Israel até às reformas introduzidas pelo rei Josias em 621 a.C.[75]

O Templo de Salomão foi construído com base no modelo dos templos fenícios, que, por sua vez, foram moldados com base nos do antigo Egito.[76] E vários estudiosos acreditam que as imagens esculpidas na Arca da Aliança representavam Javé e uma divindade feminina. Os querubins representados na Arca eram também imagens da deusa – as esculturas de dois «querubins» encontradas no palácio do rei Acab em Samaria são idênticas às representações clássicas de Ísis.

Os judeus hereges que adoravam a deusa continuaram a prosperar em várias áreas, nomeadamente no Egito.[77] Mesmo no judaísmo convencional, a deusa sobreviveu «encoberta» por duas formas principais. Uma delas é a personificação de Israel como mulher; a outra, a figura da Sabedoria – em hebraico *Chokmah*, ou em grego *Sophia.* Ainda que geralmente explicada como uma alegoria para a divina sabedoria de deus, é evidente que *Chokmah* tem também outro sentido: a sabedoria é retratada como mulher, e como tendo coexistido com Javé desde o início.[78]

Esta figura é hoje amplamente reconhecida como tendo a sua origem nas deusas das culturas circundantes. Burton L. Mack desvendou inclusivamente a influência das deusas egípcias Ma’at e Ísis.[79]

O judaísmo não tinha perdido por completo as suas origens pagãs na época de Jesus: em todo o caso, durante os períodos do domínio grego e romano, os judeus converteram-se a religiões estrangeiras – a Revolta dos Macabeus, por exemplo, em meados

do século II a.C., deveu-se sobretudo ao fosso causado por judeus apóstatas que adoravam, entre outros deuses, Dioniso.

O elemento pagão de culto à deusa do judaísmo herético pode explicar muito sobre Jesus, os seus verdadeiros motivos e a sua missão. Sem esta consideração, há uma aparente contradição: enquanto, se visto de forma isolada, praticamente tudo o que Jesus disse ou fez pode ser associado a uma escola dos mistérios – provavelmente a de Ísis e/ou Osíris –, existem, contudo, também provas de que ele desempenhou conscientemente o papel de Messias judaico e de que a maioria dos seus seguidores acreditava ser ele o seu rei. Até estudiosos muito respeitados rejeitaram todo o material messiânico quando este não conseguiu encaixar nas suas hipóteses: se estiverem certos ao fazê-lo, então Jesus era certamente um iniciado de uma escola dos mistérios. Mas, para nós, é insatisfatório rejeitar este material, pois significaria que vários episódios dos Evangelhos – como o da entrada de Jesus em Jerusalém num burro – são perfeitas invenções. Embora haja algumas histórias comprovadamente fictícias nos Evangelhos (sobretudo relativas à infância de Jesus), existem provas convincentes de que estas partes específicas são autênticas. Como vimos no Capítulo Onze, os acontecimentos que conduzem à entrada triunfal de Jesus em Jerusalém parecem ter sido previamente preparados, como por exemplo a disponibilização do burro que Jesus viria a montar, cumprindo assim as profecias messiânicas. A prova desta organização prévia está nos próprios relatos dos Evangelhos, mas os autores não entendem claramente o seu significado. Se os autores dos Evangelhos tivessem inventado este episódio, não teriam decerto fabricado tais provas.

Quais eram então os verdadeiros objetivos e motivações de Jesus? Seria possível que estivesse a usar a mania messiânica vigente nesse período a fim de reintroduzir o culto da deusa? Afinal, ainda que pertencesse realmente, como foi alegado em seu nome, à linhagem real de David, isso não seria propriamente um obstáculo, pois o próprio rei David adorara a Deusa, tal como o rei Salomão.

Talvez Jesus fosse um sacerdote isíaco, tentando apresentar aos judeus uma versão aceitável da religião de Ísis/Osíris, ou utilizar a ânsia por um Messias para fomentar planos mais secretos e a longo prazo, envolvendo iniciações esotéricas e culminando, talvez, na Crucifixão. E, enquanto «Jesus, o Nazareno», pertencia a uma «família» primitiva de seitas heréticas judaicas, que se julga terem transmitido a forma original da religião. Só podemos especular quanto à natureza das crenças nazarenas, mas, no que a Jesus dizia respeito, é óbvio que encaixavam nas suas convicções da escola dos mistérios. Seja qual for a verdade dos factos, Jesus não era tanto o Filho de Deus, mas mais um dedicado Filho da Deusa.

A ideia de que Jesus estava a tentar reintroduzir o culto da deusa entre o povo de Israel enquadra-se extraordinariamente bem nos factos. É também precisamente essa a ideia atribuída a Jesus no *Levitikon*, esse texto fundamental do movimento joanita. Nele, Jesus é um iniciado osiríaco que se apercebe de que a religião original de Moisés e das Tribos de Israel era a do Egito, e de que os judeus se tinham esquecido de que existia também uma deusa. Claro que nada disto é uma prova definitiva, mas existe – como veremos no próximo capítulo – um forte apoio a esta hipótese, vindo de alguns quadrantes muito surpreendentes.

Por mais espantoso que isso possa parecer hoje em dia, as semelhanças entre o cristianismo dos primórdios e o culto a Ísis e Osíris eram efetivamente reconhecidas pela Igreja primitiva. Na verdade, as duas religiões estavam em concorrência aberta pelos corações e mentes das mesmas pessoas; exceto pela insistência dos cristãos em como o seu fundador fora um homem real, as suas doutrinas eram praticamente idênticas.

O culto de Ísis que existia no tempo de Jesus não era exatamente o mesmo que desabrochou no Egito antes da ascensão do império helénico – os seus atributos tinham mudado à medida que absorvia os das outras deusas. No século IV a.C., durante o domínio grego do Egito, surgiu um novo culto de Ísis e Serápis (a forma grega de Osíris), que era essencialmente uma mistura das diferentes escolas

dos mistérios. Este culto chegou a Roma antes do ano 200 a.C., tendo já percorrido todo o império. O principal centro de culto manteve-se, contudo, no Egito, no Serapeu de Alexandria, embora existisse outro centro em Delos.[80]

As classes inferiores de Roma adoravam o culto de Ísis e acolheram-no de todo o coração. Esse tipo de movimentos de massas eram sempre tratados com desconfiança pelas autoridades, que viam neles o potencial para uma subversão em grande escala, daí que os isíacos de Roma fossem frequentemente perseguidos. Finalmente, o Senado ordenou a destruição dos templos de Ísis e Serápis em Roma – mas, apesar do pleno conhecimento das consequências, não conseguiram encontrar nenhum trabalhador para fazer o trabalho. O culto foi oficialmente abolido por Júlio César.

Em 43 a.C., contudo, o triunvirato ordenou inesperadamente a construção de um novo templo de Ísis-Serápis. Isto pode ter resultado diretamente do célebre caso amoroso entre Marco António e Cleópatra – era frequente ela mandar-se retratar como Ísis e ao seu amante como Osíris ou Dioniso. O próprio Marco António preferia ser conhecido como Novo Dioniso. Durante o seu reinado, Cleópatra certificou-se de que o culto de Ísis era a religião oficial do Egito.

A mais severa perseguição aos isíacos em Roma aconteceu sob o reinado do imperador Tibério, em 19 d.C., altura em que os seus sacerdotes foram crucificados e 4000 foram exilados. Esta perseguição coincidiu com a dos judeus em Roma. O motivo para esta dupla reação exagerada é, todavia, incerto. Josefo regista a história e atribui-a a um escândalo em que um dos sacerdotes isíacos ajudou um nobre romano a seduzir a mulher de outro homem no seu templo, mas, dado o habitual padrão moral na alta sociedade romana, isto mal teria causado um erguer de sobrolho em circunstâncias normais. Parece que Josefo estava a tentar fazer uma distinção entre a perseguição dos isíacos e a dos judeus, mas

o verdadeiro motivo parece ser que os primeiros tinham estado envolvidos em distúrbios civis.[81]

Algo de invulgar se passava com a religião isíaca nessa altura. Como diz R. Merkelbach, em *Man, Myth & Magic*:

> É óbvio que a «igreja» de Ísis tinha uma «missão» durante o período imperial… Não existe, pois, qualquer dúvida de que estava a ser disseminada propaganda.[82]

No século I d.C., a fortuna sorriu ao culto, que obteve algum apoio entre as classes superiores e até mesmo entre imperadores. Calígula – que não é propriamente, porém, um bom exemplo – promoveu a construção de templos e instaurou festivais isíacos. Cláudio e Nero sentiam-se ambos atraídos pelos cultos dos mistérios em geral e expressaram interesse pelo de Ísis. Vários imperadores romanos posteriores eram devotos.

O culto de Ísis continuou abertamente até ao final do século IV, mas o seu maior rival era o cristianismo. Em 391 d.C., os cristãos destruíram o Serapeu em Alexandria e tomaram medidas para reprimir o culto onde quer que este se encontrasse. O último festival isíaco oficial da antiguidade foi celebrado em Roma em 394.

Porque era o culto de Ísis tão popular? O que tinha para oferecer aos seus seguidores?

Como vimos, estava relacionado com a salvação e redenção pessoais e concedia aos seus devotos as bênçãos de uma vida eterna depois da morte. Como diz Sharon Kelly Heyob em *The Cult of Isis among Women in the Graeco-Roman World* (1975):

> Ísis acabou por se tornar uma deusa salvadora no sentido essencial da palavra. A redenção individual podia ser alcançada através da participação nos seus mistérios. A crença de que a imortalidade podia ser conquistada era a mais persistente das suas doutrinas.[83]

Enquanto Merkelbach diz isto sobre o culto a Ísis:

> Era popular porque apelava ao desejo de salvação pessoal (tal como o cristianismo), e foram-lhe associadas ideias filosóficas

> platónicas [tal como ao cristianismo].[84]
>
> Os pecados eram confessados e perdoados através da imersão em água…[85]

S.G.F. Brandon salienta que os dois conceitos – imersão para simbolizar a purificação espiritual e consequente regeneração – foram conjugados no Egito nos rituais da escola dos mistérios de Osíris, e que:

> Este duplo processo para a obtenção de uma bem-aventurada imortalidade não volta a ser encontrado até ao aparecimento do cristianismo.[86]

Existem efetivamente grandes paralelismos entre a descrição do batismo tal como é feita por Paulo e a das escolas dos mistérios osiríacos.[87]

Tal como no cristianismo, a salvação pessoal do fiel estava associada ao seu *arrependimento*. Na verdade, no mundo romano posterior, só estas duas religiões partilhavam uma tão grande ênfase no arrependimento.[88]

Existe outra semelhança impressionante – e singular – entre as práticas do culto de Ísis e o posterior cristianismo católico. Trata-se do conceito de *confissão*: o fiel admitia uma transgressão ao sacerdote, que dirigia então a Ísis uma súplica por perdão em nome dele.[89]

Outra tradição que a Igreja primitiva partilhava com os isíacos – apesar da atual conceção errónea – era o papel ativo desempenhado pelas mulheres, ainda que algumas estimativas sugiram que, em ambos os casos, o número de sacerdotes suplantava o das sacerdotisas. Ainda assim, em termos de participação e estatuto espiritual, os sexos eram considerados iguais.

O culto de Ísis destacava geralmente o aspeto maternal da deusa, celebrando os seus atributos de esposa e mãe, ainda que não descurasse as outras facetas da natureza feminina. Consequentemente, como vimos, a trindade familiar de Ísis, Osíris e

Hórus tinha uma poderosa influência sobre a vida familiar dos fiéis: homens, mulheres e crianças sentiam-se igualmente compreendidos pelos seus deuses. O laicado em geral tinha um papel muito ativo na religião – ao contrário do controlo total exercido pelos sacerdotes de Roma – e havia muitas associações de «leigos» associadas aos templos.

Sexualmente, os isíacos eram incentivados à monogamia e a preservar a santidade da família. E, ainda que vários autores romanos os tenham condenado por comportamento imoral, os mesmos autores queixavam-se dos períodos regulares de abstinência sexual exigidos às suas amantes devotas de Ísis.

No apogeu da religião egípcia, a maior festividade isíaca era a 25 de dezembro, altura em que era celebrado o nascimento de Hórus, filho de Ísis – e 12 dias depois, a 6 de janeiro, o do seu outro filho, Aion. Estas duas datas foram apropriadas pelos cristãos – a Igreja Ortodoxa celebra o Natal a 6 de janeiro. No Egito, os cristãos do século IV celebravam a epifania de Jesus nesse dia, adotando também elementos do festival de Aion, incluindo ritos batismais usando água do Nilo. Em *Man, Myth & Magic*, S.G.F. Brandon nota a «evidente influência do festival de Ísis nos costumes cristãos populares associados à Epifania».[90]

Muitos dos cultos dos mistérios do tempo de Jesus envolviam, porém, práticas similares. Era comum, por exemplo, declararem que os seus iniciados tinham «nascido de novo» e, como diz Marvin W. Meyer no seu *The Ancient Mysteries*:

> Geralmente, os *mystai* [iniciados] partilhavam alimento e bebida nas celebrações rituais, podendo por vezes entrar em união com o divino através da participação numa refeição sacramental análoga à Eucaristia cristã. Diz-se, por exemplo, que as selvagens ménades de Dioniso devoravam a carne crua de um animal na sua *omophagia*, ou festim de carne… As descrições do festim de carne crua sugerem que as participantes acreditavam estar a consumir o próprio deus…

> Nos mistérios de Mitra, os iniciados participavam numa cerimónia de tal modo evocativa da «Ceia do Senhor» cristã que se revelou um embaraço para o apologista cristão Justino Mártir. Segundo Justino, os *mystai* mitríacos comiam pão e bebiam água (ou talvez uma taça de água e vinho misturados) numa refeição iniciática – uma imitação diabólica, acrescenta apressadamente, da Eucaristia cristã.[91]

Mas, por mais que os outros cultos dos mistérios se possam assemelhar ao cristianismo dos primórdios e aos ensinamentos de Jesus, é o de Osíris que, tal como vimos, mais motivos tem para ser considerado a sua mais direta inspiração. S.G.F. Brandon descreve Osíris como «um protótipo de Cristo».[92]

A história da Igreja primitiva no Egito é muito sugestiva no que às semelhanças entre o cristianismo e a escola dos mistérios de Ísis/Osíris diz respeito. Os historiadores reconhecem que existe um grande mistério acerca das origens e desenvolvimento do cristianismo no Egito: a única coisa de que podem ter a certeza é que foi um ramo muito precoce do movimento. Na verdade, para uma tão grande e influente metrópole, Alexandria é praticamente ignorada pelos autores do Novo Testamento, sendo referida apenas uma vez. (Mas, como veremos, essa referência é particularmente importante para esta investigação.) Existe também uma total ausência de registos escritos acerca da Igreja até ao século III d.C.: os estudiosos atribuem este facto a uma destruição maciça dos arquivos por parte da fação cristã dominante.[93] Havia nitidamente algo de odioso no ramo egípcio do movimento. Talvez uma pista quanto à sua natureza esteja implícita no facto de, quando o Serapeu foi destruído em 391 d.C., muitos dos fiéis se terem virado para a Igreja Cristã Copta (Egípcia).[94]

A Igreja Copta continuou a ser uma entidade distinta, independente da Igreja de Roma ou da Igreja Ortodoxa Oriental. Significativamente, as suas doutrinas são uma óbvia mistura de crenças tradicionais egípcias e cristãs – tendo as duas sido

assimiladas com uma facilidade extraordinária. A partir de 391, a Igreja Copta adotou o *ankh* – a cruz ansata egípcia – como seu símbolo e ainda hoje continua a utilizá-lo. Como diz Mircea Eliade sem rodeios: «Os coptas veem-se como os verdadeiros descendentes dos antigos egípcios.»[95]

Foi nessa mesma altura e nesse mesmo local que muitas das peças essenciais do nosso quebra-cabeças foram criadas. A Alexandria desse tempo era um cadinho para a síntese de muito conhecimento e muitas ideias, das quais surgiram o hermetismo, o gnosticismo dos textos de Nag Hammadi e a alquimia na sua forma «moderna». Todas elas eram essencialmente expressões da mesma ênfase no poder transcendental do Feminino e na magia de unir a deusa ao seu deus.

O triste facto é que, ainda que todas as ligações entre o cristianismo e a religião de Ísis/Osíris sejam bem conhecidas dos estudiosos há pelo menos 60 anos, poucos cristãos as conhecem. Claro que pode não lhes interessar que Jesus tenha sido um de uma longa linha de salvadores, de deuses mortos-e-ressuscitados, pois para eles a *fé* é mais importante do que os factos históricos. Por outro lado, muitos cristãos modernos têm-se sentido nitidamente enganados pela Igreja ao fazerem sozinhos essas descobertas.

O cristianismo não foi a religião fundada pelo Filho Unigénito de Deus que morreu pelos pecados de todos nós: foi uma outra versão do culto de Ísis e de Osíris com uma nova roupagem. Mas rapidamente se tornou um culto da personalidade centrado em Jesus.

Mas, se ele era essencialmente um missionário egípcio, seria simplesmente um trabalhador abnegado ao serviço dos seus deuses? Seria suficiente para Jesus chegar aos corações e às almas das massas? Falta algo neste panorama, algo fundamental para o nosso entendimento do homem e da sua missão. Nitidamente, Jesus tinha também em vista um objetivo mundano: havia *realmente* uma agenda política paralela às suas ambições de pregador isíaco/osiríaco. Não foi por acaso que foi um líder

importante e que levou a sua mensagem a várias partes da Palestina, chegando ao máximo de pessoas possível. Nesse tempo e nesse espaço, política e religião eram inseparáveis. Quando se era um grande líder religioso, era-se também um poder político a ter em conta.

Mas toda a campanha com riscos tão elevados enfrenta inevitavelmente desafios à sua liderança; erguem-se vozes em discordância. Neste caso, a voz era uma que já tinha surgido antes, uma que era audível a clamar no deserto. E é para essa voz, para João Batista, que nos voltamos agora.

Na Parte Um, identificámos duas vertentes principais – centradas em Maria Madalena e João Batista – que corriam, quais correntes subterrâneas, por todas as heresias que investigámos. E estas duas correntes escondiam nitidamente um poderoso e perigoso conhecimento, algo que ameaçaria as próprias bases da Igreja se fosse tornado público. No caso de Maria Madalena, a nossa investigação demonstrou certamente que isto é verdade. Ela mesma surge hoje revelada como uma das grandes chaves para os há muito escondidos segredos do próprio Jesus. Através dela, vemos finalmente que ele era um sacerdote da religião egípcia, um adepto mágico a quem ela iniciou através do rito do sexo sagrado. Era isto que o culto herético da Madalena verdadeiramente significava, e que efetivamente codificou para gerações de hereges. Não representava apenas a tradição pagã a que ela e Jesus pertenciam; no que à maioria da clandestinidade herética dizia respeito, Maria Madalena *era* a deusa Ísis.

Mas os hereges mantinham também junto aos seus corações outra corrente de segredos, e esta era personificada e codificada na figura de João Batista. E, tal como no caso da Madalena, também ele foi uma pessoa real que conheceu e interagiu com Jesus. Que revelações tem, pois, para oferecer?

Capítulo Catorze

JOÃO CRISTO

Ao investigarmos o papel de Leonardo da Vinci na falsificação do Sudário de Turim, ficámos espantados com a frequência com que João Batista aparece na sua história. Não só o próprio artista era um grande admirador do santo como muitos dos locais associados ao *Maestro* eram, talvez por coincidência, dedicados a ele. O principal é a adorada cidade de Leonardo, Florença, que exibe no seu âmago o extraordinário Batistério. Em 1995, durante a produção de um documentário televisivo sobre o Sudário, visitámo-lo com uma equipa de filmagens, que – sendo o acrónimo mágico «BBC» praticamente um «abre-te, sésamo» – garantiu que tínhamos o local só para nós durante algum tempo antes de as portas se abrirem ao público. O Batistério é um estranho edifício octogonal que data do período da Primeira Cruzada e pode muito bem dever a sua forma invulgar aos Templários, que (além das suas caraterísticas igrejas redondas) promoviam também a forma octogonal, com base no que acreditavam ser o Templo de Salomão em Jerusalém. Queríamos especialmente vê-lo porque a única escultura remanescente de Leonardo (uma obra conjunta com Giovanni Francesco Rustici) adornava uma das paredes exteriores deste estranho edifício octogonal. Era, claro, uma estátua de João Batista. E, como todas as representações de João feitas por Leonardo, surge com o indicador direito levantado.

Como vimos, a Grande Heresia Europeia centra-se parcialmente no Batista, ainda que as verdadeiras razões para isso sejam deliberadamente mantidas na obscuridade: na verdade, mesmo quando começámos a investigar este tema há alguns anos, não tardou a tornar-se evidente que isto constituía um segredo interno de organizações como os Cavaleiros Templários e a Maçonaria. Mas porque é ainda considerado prudente manter este segredo tão zelosamente guardado?

***

A perspetiva tradicional cristã de João Batista é relativamente clara. É aceite que o seu batismo de Jesus assinalou o início do ministério deste último – na verdade, dois dos Evangelhos canónicos começam com João a pregar junto ao rio Jordão. A imagem que os autores evocam de João é a de um fervoroso e ascético evangelista que emergiu de uma existência de eremita no deserto para apelar ao povo de Israel para que se arrependesse dos seus maus caminhos e fosse batizado. Desde o início que há algo de tão intransigente e frio em João que deixa o leitor moderno desconfortável; na verdade, não há *nada* nos Evangelhos que justifique a extrema veneração que lhe foi dedicada por gerações de hereges – e certamente não a que lhe foi demonstrada por homens de tão sumo intelecto como Leonardo da Vinci.

Os relatos dos Evangelhos pouco revelam, na verdade, sobre o Batista. Dizem-nos que o batismo que realizava era um sinal exterior de arrependimento e que muitos responderam à sua convocação e foram ritualmente mergulhados no Jordão – incluindo Jesus. Segundo Mateus, Marcos, Lucas e João, o Batista proclamou ser apenas o precursor do profetizado Messias, reconhecendo Jesus como sendo esta figura. Tendo cumprido o seu papel, desaparece quase por completo de cena, embora haja insinuações de que continuou a batizar durante algum tempo.

O Evangelho de Lucas diz que Jesus e João eram primos e, entrelaçado no relato da conceção e nascimento do primeiro, faz também uma descrição dos de João – que são similares aos de Jesus, mas muito menos milagrosos. Os pais de João, o sacerdote Zacarias e Isabel, são de idade avançada e não têm filhos, mas são informados pelo anjo Gabriel de que foram escolhidos para ter um filho. Pouco depois, a pós-menopáusica Isabel concebe. É para junto de Isabel que Maria vai ao saber que está grávida de Jesus. Isabel está, na altura, grávida de seis meses e, face à presença de Maria, o seu filho ainda por nascer «saltou-lhe no ventre»; Isabel sabe assim que o filho de Maria irá ser o Messias. Isabel louva-a, o

que a inspira a proclamar o «cântico» que é hoje conhecido como *Magnificat*.[1]

Lemos nos Evangelhos que, pouco depois de ter batizado Jesus, João foi preso e encarcerado por ordem de Herodes Antipas. O motivo apresentado foi o facto de João ter condenado abertamente o recente casamento de Herodes com Herodíade, antiga esposa do seu meio-irmão Filipe – um casamento que, uma vez que ela se tinha divorciado primeiro de Filipe, era contra a lei judaica. Após um período não especificado na prisão, João foi executado. Na conhecida história, a filha de Herodíade do seu casamento anterior, Salomé, dança para o padrasto no seu banquete de aniversário, deixando-o de tal modo encantado que ele lhe promete tudo o que ela desejar, até «metade do seu reino». Instigada por Herodíade, Salomé pede a cabeça de João Batista numa bandeja. Incapaz de recuar na sua palavra, Herodes acede com relutância – tendo vindo a admirar o Batista – e manda decapitar João. É permitido aos seus discípulos levar o corpo para ser sepultado, ainda que não seja claro se isto inclui a cabeça.[2]

A história tem tudo – um rei tirânico, uma madrasta má, uma núbil dançarina e a horrível morte de um célebre homem santo –, tendo, pois, proporcionado matéria fértil a gerações de artistas, poetas, músicos e dramaturgos. Parece ter um fascínio eterno, o que é, talvez, curioso para um episódio que consiste em apenas uns quantos versículos dos Evangelhos. Duas adaptações escandalizaram particularmente o público no início do século XX: a ópera de Richard Strauss, *Salomé*, retrata uma rapariga promíscua que tenta seduzir João na prisão e que, quando rejeitada, exige a sua cabeça como vingança, beijando depois triunfalmente os seus lábios sem vida. A peça de Oscar Wilde com o mesmo nome só foi representada uma vez devido ao horror gerado pela sua divulgação prévia, centrada sobretudo no facto de ele mesmo representar o papel principal. Mas o célebre cartaz de Aubrey Beardsley para a peça continua a ser uma exibição gráfica da interpretação de Wilde

da história bíblica e centra-se, uma vez mais, na suposta luxúria necrófila de Salomé.

Este inebriante *cocktail* de erotismo imaginado pouco tem que ver com o relato prosaico do Novo Testamento, cujo único propósito parece ser determinar sem margem para dúvidas que João era o precursor de Jesus e espiritualmente seu inferior – e cumprir também o profetizado papel do reencarnado Elias, que precederia o advento do Messias.

Existe, no entanto, outra fonte de informação sobre João facilmente acessível: o *Antiguidades Judaicas*, de Josefo. Ao contrário da sua alegada referência a Jesus, a autenticidade desta não é contestada, pois enquadra-se naturalmente na narrativa e é um relato impessoal que não faz elogios a João, além de divergir significativamente dos relatos dos Evangelhos.[3]

Josefo regista João a pregar e a batizar, bem como o facto de a sua popularidade e influência sobre as massas terem alarmado Herodes Antipas, que mandou prender e executar João num «ataque preventivo». Josefo não dá quaisquer pormenores sobre o seu encarceramento ou as circunstâncias ou modo da sua execução, e não faz qualquer referência às alegadas críticas ao casamento de Herodes. Realça o enorme apoio popular a João e acrescenta que, pouco depois da sua execução, Herodes sofreu uma pesada derrota em combate – algo que o povo interpretou como um sinal de vingança pelo seu crime contra o Batista.

O que podemos concluir sobre João a partir dos relatos dos Evangelhos e de Josefo? Para começar, a história do seu batismo de Jesus deve ser autêntica, pois a sua inclusão denota que era demasiado conhecida para ser deixada de fora – já anteriormente referimos a tendência dos autores dos Evangelhos para marginalizar João sempre que possível.

João atuava na Pereia, a leste do Jordão, um território sob o domínio de Herodes Antipas, juntamente com a Galileia. A descrição de Mateus é contraditória;[4] o Evangelho de João é mais específico e refere duas pequenas povoações onde João batizou: «Betânia, do

outro lado do Jordão» (1:28) – uma aldeia junto à principal rota comercial – e Enon, no norte do Vale do Jordão (3:23). Os dois locais ficam a uma certa distância um do outro, pelo que João parece ter viajado muito durante a sua missão.

A impressão de um ascetismo de eremita fomentada pelas traduções inglesas dos Evangelhos pode ser, na verdade, um equívoco. A palavra original grega *eremos*, entendida como «deserto» ou «ermo», pode referir-se a qualquer local de solidão. A mesma palavra é, significativamente, aplicada ao local onde Jesus alimenta os cinco mil.[5] Carl Kraeling, no seu estudo sobre João, que é considerado o texto académico padrão, argumenta também que a dieta de «mel e gafanhotos» que se diz que João teria preferido não denota um estilo de vida particularmente ascético.[6]

É também provável que a missão de João não estivesse apenas limitada aos judeus. No relato de Josefo, ainda que este o coloque inicialmente a exortar «os judeus» à devoção e a uma vida de virtude, acrescenta também que «outros se reuniram [à sua volta] (pois estavam também muito entusiasmados por ouvir os seus ensinamentos)».[7] Alguns estudiosos acham que estes «outros» só podem ser não judeus, e segundo o estudioso bíblico britânico Robert L. Webb:

> … nada existe no conteúdo que sugira que não pudessem ter sido gentios. A localização do ministério de João sugere que este poderia ter contacto com os gentios que viajavam pelas rotas comerciais vindos de leste, bem como com os gentios a viver na região da Transjordânia.[8]

Outro erro diz respeito à idade de João, que é geralmente entendida como sendo mais ou menos a mesma de Jesus. Mas o que é sugerido nos quatro Evangelhos é que João pregava já há vários anos antes de ter batizado Jesus e que era, talvez por uma grande margem, o mais velho dos dois.[9] (A história do nascimento de João no Evangelho de Lucas é, como veremos, altamente

forçada, sendo improvável que tenha grandes semelhanças com os factos.)

Tal como a de Jesus, também a mensagem de João era um ataque implícito ao culto do Templo de Jerusalém – não apenas à possível corrupção dos seus funcionários, mas a tudo aquilo que representava. O seu apelo ao batismo pode ter enfurecido as autoridades do Templo, não só por afirmar ser espiritualmente superior aos seus ritos, mas também porque era *grátis*.

Depois, há as anomalias nas descrições da sua morte, principalmente quando comparadas com a versão de Josefo. As respetivas razões atribuídas a Herodes – medo da influência política de João (segundo Josefo) e raiva ante a sua crítica ao casamento do monarca (segundo os Evangelhos) – não são mutuamente exclusivas. A situação matrimonial de Herodes Antipas tinha efetivamente implicações políticas, mas não por causa da mulher com quem casara. O problema estava em de quem se *divorciara* para o fazer. A primeira esposa de Herodes era uma princesa do reino árabe da Nabateia, e o aparente insulto a esta família real desencadeara uma guerra entre os dois reinos. A Nabateia fazia efetivamente fronteira com o território de Herodes Antipas na Pereia, onde João andava a pregar. Assim, a condenação do casamento por parte de João punha-o efetivamente do lado do rei inimigo, Aretas, com a ameaça implícita de que, se a população concordasse com ele, podiam acabar por apoiar Aretas contra Antipas.[10]

Pode parecer abstrato, mas é desconcertante que os autores dos Evangelhos tenham decidido «suavizar» o verdadeiro motivo de Herodes para mandar matar João. Se admitirmos que são essencialmente obras de propaganda, e que, quando encobrem algum acontecimento, é de forma deliberada que o fazem, a alternativa levanta questões sobre o porquê de, neste caso, os autores dos Evangelhos se terem dado a esse trabalho.

É compreensível que os autores dos Evangelhos tivessem querido censurar qualquer sugestão de que João tivera uma enorme

massa de seguidores – enquadra-se na sua política geral para com ele –, mas, se iam inventar algo, seria de esperar que engendrassem uma história que, de alguma forma, apoiasse Jesus. Podiam, por exemplo, ter dito que João fora preso por ter proclamado que Jesus era o Messias.

Os relatos dos Evangelhos cometem também um erro. Dizem que João criticou Herodes Antipas pelo facto de este ter casado com a ex-mulher do seu meio-irmão Filipe. Mas, ainda que as circunstâncias do casamento estejam historicamente corretas, o meio-irmão em causa foi, na verdade, outro Herodes, não Filipe. Era este Herodes o pai de Salomé.[11]

Apesar do facto de João – tal como a Madalena – ter sido deliberadamente marginalizado pelos autores dos Evangelhos, é ainda possível encontrar pistas acerca da sua influência nos contemporâneos de Jesus. Num episódio, cuja implicação parece não ter chocado a maioria dos cristãos, os discípulos de Jesus dizem-lhe assim: «Senhor, ensina-nos a rezar, como João ensinou aos seus discípulos.»[12] Este pedido pode, na verdade, ser entendido de duas formas: como «ensina-nos orações, tal como João fez com os seus discípulos» ou «ensina-nos as *mesmas orações* que João ensinou…» Lemos em seguida que Jesus lhes ensinou o que ficou conhecido como Pai Nosso («Pai nosso, que estais no Céu, santificado seja o Vosso nome…»).

Já no século XIX, o grande egiptólogo Sir E.A. Wallis Budge[13] realçou a origem da abertura do «Pai Nosso»; uma antiga oração egípcia a Osíris-Ámon começa assim: «Ámon, Ámon, que estais no céu…» Era nitidamente vários séculos anterior a João e Jesus, e o «Senhor» que é invocado na prece não é Javé nem o seu alegado filho, Jesus. Em todo o caso, o «Pai Nosso» não foi, portanto, composto por Jesus.

João é visto pela maioria como tendo sido dominado pelo assombro ao contemplar Jesus antes de o batizar. Ficamos com a impressão de que toda a sua missão, talvez toda a sua vida, fora uma preparação para aquele acontecimento. Na verdade, contudo,

existem claros indícios de que João e Jesus, ainda que intimamente associados no início da carreira deste último, eram *ferozes rivais*. Isto não escapou a muitos dos atualmente mais respeitados comentadores bíblicos. Como escreve Geza Vermes:

> O objetivo dos autores dos Evangelhos foi, sem dúvida, dar uma impressão de amizade e estima mútuas, mas as suas tentativas tresandam a superficialidade e um escrutínio atento às provas reconhecidamente fragmentárias sugere que, pelo menos ao nível dos seus respetivos discípulos, não estavam ausentes os sentimentos de rivalidade.[14]

Vermes descreve também como «forçada» a insistência de Mateus e de Lucas na precedência de Jesus sobre João. Na verdade, para os leitores imparciais, há algo de profundamente suspeito na repetida, e bastante revoltante, insistência de João na superioridade «daquele que vem depois». Eis aqui um João Batista que efetivamente se *humilha* perante Jesus.

Mas, como diz Hugh Schonfield:

> É-nos dado conhecimento a partir de fontes cristãs de que havia uma importante seita judaica a rivalizar com os seguidores de Jesus, que defendia que João Batista era o verdadeiro Messias…[15]

Schonfield salienta também a «amarga rivalidade» entre os seus respetivos seguidores, mas acrescenta que, uma vez que a influência de João sobre Jesus era demasiado conhecida: «Não podiam, por isso, menosprezar o Batista, e tiveram antes de arranjar uma forma de enfatizar a sua posição secundária.»[16]

(Sem um entendimento desta rivalidade, nem o verdadeiro papel de João nem o de Jesus podem ser totalmente compreendidos. Além das abrangentes implicações para a própria teologia cristã, o fracasso em reconhecer a hostilidade entre Jesus e João faz com que a maioria das teorias radicalmente novas sejam, em última instância, insatisfatórias. Como vimos, por exemplo, Ahmed Osman alega efetivamente que Jesus foi inventado pelos seguidores de

João Batista a fim de cumprir a sua profecia sobre aquele que estava para vir. De igual modo, *The Hiram Key*,[17] de Knight e Lomas, chega ao ponto de afirmar que Jesus e João eram co-Messias a trabalhar em parceria, uma teoria que exige que os dois pregadores fossem colegas chegados; mas nada poderia estar mais longe da verdade.)

A conclusão mais lógica é que Jesus começou como um dos discípulos de João, tendo-se mais tarde separado para formar o seu próprio grupo. (É muito provável que tenha *mesmo* sido batizado por João, mas como acólito, não como Filho de Deus!) Os Evangelhos registam certamente que foi de entre as hordas de discípulos de João que Jesus recrutou os seus primeiros discípulos.

Na verdade, C.H. Dodds, o grande estudioso inglês da Bíblia, traduz a frase do Evangelho de João «aquele que vem depois de mim» (*ho opiso mou erchomenos*) como «*aquele que* me *segue*». Dado que a ambiguidade é a mesma que em inglês, isto pode significar «discípulo». De facto, o próprio Dodds julgava ser esse o caso.[18]

As mais recentes críticas à Bíblia apontam para a ideia de que João nunca fez a sua célebre proclamação sobre a superioridade de Jesus, nem insinuou sequer que este fosse o Messias. Isto é sustentado por vários factos.

Os Evangelhos (de forma bastante ingénua) registam que João, quando estava na prisão, questionou a autenticidade da messianidade de Jesus. A implicação é de que duvidava se estivera ou não certo no seu apoio original a Jesus, mas isto pode igualmente ser outro exemplo de os autores dos Evangelhos terem tido de adaptar um episódio real para os seus próprios fins. Será possível que João tenha inequivocamente *negado* a messianidade de Jesus – tendo-o talvez até condenado?

Da perspetiva da mensagem cristã, as implicações de todo o episódio são – ou deveriam ser – profundamente perturbadoras. Pois, por um lado, os cristãos aceitam que João fora divinamente inspirado a reconhecer Jesus como o Messias, mas a pergunta feita

por João na prisão revela, no mínimo, que tinha dúvidas. Nitidamente, o seu encarceramento tinha-lhe dado tempo para pensar, ou talvez a inspiração divina o tivesse abandonado.

Como veremos, seguidores posteriores de João, que se encontraram com Paulo durante o seu trabalho missionário em Éfeso e Corinto, nada sabiam sobre a alegada proclamação de João sobre uma figura maior que viria depois dele.

A prova mais convincente de que o Batista nunca proclamou Jesus como o Messias vindouro está em que *os próprios discípulos de Jesus não o reconheciam como tal*, pelo menos no início do seu ministério. Era o seu líder e mestre, mas nunca há qualquer sugestão de que o tenham originalmente seguido por acreditarem que era o há muito esperado Messias judaico. A identidade de Jesus como o Messias parece ter ocorrido gradualmente aos discípulos à medida que o seu ministério progredia. Mas Jesus iniciou a sua missão após ter sido batizado por João: se este anunciara realmente a messianidade de Jesus, porque não o sabia ninguém na altura? (E os próprios Evangelhos deixam bem claro que não era por ele ser o Messias que o povo o seguia, mas sim por alguma outra razão.)

Depois, há outra consideração que dá muito que pensar. Quando o movimento de Jesus começou a ter impacto, Herodes Antipas ficou com medo e pareceu pensar que Jesus era João ressuscitado ou reencarnado (Marcos 6:14):

> E o rei Herodes ouviu falar nele (pois o seu nome fora-se espalhando) e disse que João Batista tinha ressuscitado dos mortos, e por isso grandes obras nele se manifestavam.

Estas palavras sempre foram motivo de perplexidade. O que queria Herodes dizer com elas – que Jesus era, de algum modo, a reencarnação de João? Mas não pode ter sido assim, pois tanto João como Jesus tinham vivido no mesmo período. Antes de examinarmos mais a fundo esta história, tomemos nota de algumas implicações importantes nas palavras de Herodes.

A primeira é que nitidamente não sabe que João tinha previsto que «alguém maior do que ele» o seguiria, caso contrário teria chegado à conclusão óbvia de que Jesus era essa pessoa. Se a vinda do Messias tivesse sido uma parte evidente dos ensinamentos de João – como afirmam os Evangelhos –, Herodes tê-lo-ia sabido.

A segunda é que Herodes diz que «João… tinha ressuscitado… e *por isso* grandes obras nele se manifestavam [em Jesus]…», o que implica que João tinha ele mesmo reputação de milagreiro. Isto é, porém, categoricamente negado nos Evangelhos – na verdade, no Evangelho de João (10:41) esta negação é tão enfática que sugere um encobrimento. Terá João Batista transformado água em vinho, alimentado milhares com um punhado de comida, curado os doentes e até ressuscitado os mortos? Talvez. Uma coisa é certa, no entanto: sendo o Novo Testamento a propaganda do movimento de Jesus, não é nele que podemos esperar ler sobre isso.

Uma possível explicação para as de outro modo desconcertantes palavras de Herodes sobre João ter, de algum modo, renascido através de Jesus é, pelo menos à primeira vista, inacreditável – tanto literal como metaforicamente. Mas lembre-se de que estamos a lidar com uma era e com uma cultura que eram tão diferentes das nossas que, em muitos aspetos, eram um outro mundo. Tal como foi observado por Carl Kraeling, em 1940, as palavras de Herodes só fazem sentido se entendidas como um reflexo de ideias *ocultas* que eram comuns no mundo greco-romano do tempo de Jesus.[19] Esta sugestão foi abordada e expandida por Morton Smith no seu *Jesus the Magician* em 1978.[20] Como já vimos, Smith concluiu que a resposta para o enigma da popularidade de Jesus estava nas suas demonstrações de magia egípcia.

Nesse tempo, julgava-se que, para fazer magia, um feiticeiro tinha de ter poder sobre um demónio ou espírito. Na verdade, isto é referido na passagem dos Evangelhos em que Jesus se refere à acusação feita contra João de que «ele tinha um demónio». Isto não se refere, como poderá parecer, à possessão por um espírito maligno, mas antes à alegação de que João tinha *poder* sobre um.

Neste contexto, a sugestão de Kraeling era que as palavras de Herodes Antipas podiam ser entendidas como uma referência a este conceito, pois não eram só os demónios que podiam ser «escravizados» desta forma, mas também o espírito de um ser humano, principalmente se tivesse sido assassinado. Um espírito ou alma assim escravizados obedeceriam, segundo se acreditava, às ordens do seu mestre. (Tal acusação foi posteriormente feita contra Simão Mago, que se dizia ter «escravizado» o espírito de um rapaz assassinado.)

Diz Kraeling:

> Os detratores de João aproveitaram a ocasião da sua morte para desenvolver a sugestão de que o seu espírito desencarnado estava a servir de instrumento a Jesus para a realização de obras de magia negra, o que era, por si só, uma grande concessão ao poder de João.[21]

Com esta explicação em mente, a interpretação de Morton Smith das palavras de Herodes é a seguinte:

> João Batista foi ressuscitado dos mortos [pela necromancia de Jesus; Jesus tem-no agora]. E por isso, [uma vez que Jesus-João pode controlá-los,] os poderes [inferiores] realizam [os seus prodígios] por ele [ou seja, segundo as suas ordens].[22]

Para apoiar esta ideia, Smith cita um texto mágico de um papiro que se encontra atualmente em Paris. A invocação é feita – talvez significativamente – ao deus solar Helios:

> Dai-me a autoridade sobre este espírito de um homem assassinado, de cujo corpo possuo uma parte…[23]

Particularmente interessantes neste contexto são os dons que esta operação mágica se destina a conceder ao mago: a capacidade de curar e de dizer se uma pessoa doente viverá ou morrerá, e a promessa de que «serás adorado como um deus…»[24]

Outro episódio serve para salientar o facto de que a popularidade de João era, quando muito, superior à de Jesus. Este episódio ocorre perto do fim do ministério deste último, quando está a pregar

às multidões no Templo de Jerusalém.[25] Os «sumos sacerdotes e anciões» vão confrontá-lo publicamente e colocar-lhe questões com rasteira na esperança de o apanharem – questões que Jesus evita com a alacridade de um político experiente. Exigem-lhe que identifique a autoridade com que fala. Jesus responde-lhes com uma nova pergunta: «De onde provém o batismo de João? Do céu ou do homem?»

Isto faz os seus oponentes parar para pensar:

> E eles discutiram entre si, dizendo: Se respondermos que é do céu, ele dir-nos-á, Então porque não acreditastes nele?
>
> Mas se dissermos dos homens, tememos a multidão, pois todos veem João como um profeta.

Confrontados com este dilema, recusam-se a responder.

O que é significativo nessa troca de palavras é que Jesus utilizou contra os sacerdotes o seu receio da popularidade de João entre as multidões, não a sua. Como vimos, Josefo salientou a extensão da influência de João e do apoio de que gozava entre o povo: o Batista não era nitidamente um vulgar pregador itinerante, mas sim um líder de grande carisma e poder que, por alguma razão, tinha muitos seguidores. Na verdade, segundo Josefo, tanto judeus como gentios «ficavam muito entusiasmados por ouvir os seus ensinamentos».

Um curioso episódio no Evangelho apócrifo intitulado de Livro de Tiago ou Protoevangelho indica que João era importante por mérito próprio.[26] É verdade que este Evangelho foi coligido relativamente tarde e inclui muitos relatos da infância de Jesus que ninguém leva a sério hoje em dia – mas incorpora material de várias fontes e pode, por isso, incluir pelo menos indícios de tradições bem conhecidas. É certamente difícil entender como poderia alguém familiarizado com os Evangelhos canónicos tê-lo inventado.

Nesta história das infâncias de Jesus e João – após a conhecida história do nascimento de Jesus e da visita dos Sábios –, Herodes ordena o Massacre dos Inocentes. Até aqui, parece idêntica à versão que se encontra no Novo Testamento. Mas não tarda a seguir por um caminho radicalmente diferente.

Quando Maria é informada do massacre, a sua reação é simplesmente envolver o seu bebé em faixas e colocá-lo numa manjedoura – supostamente para o esconder dos soldados. Mas parece que é João o objeto da busca. Lemos como Herodes envia os seus homens para interrogarem Zacarias, o pai de João, e eles regressam dizendo que ele não sabe onde estão a sua esposa e o seu filho:

Herodes enfureceu-se e disse: O seu filho será rei de Israel.

Nesta versão, é Isabel que foge com João para as montanhas. Existem aqui claros indícios de um paralelismo, e talvez até de uma «Sagrada Família» rival.

Como vimos, João tinha um grande grupo de seguidores entre o povo, que, tal como o movimento de Jesus, era composto por um círculo de discípulos que o acompanhavam para toda a parte e pelos membros do público em geral que iam ouvir as suas palavras. Também como no caso de Jesus, após a morte de João, os seus discípulos começaram a escrever relatos da sua vida e dos seus ensinamentos, no que eram efetivamente as *escrituras* de João.

Os estudiosos admitem a existência de um tal corpo de «literatura joanina» – outrora, mas não o temos hoje. Possivelmente foi destruído, ou guardado em segredo pelos «hereges». Parece, no entanto, que deve ter contido algum material que não estava de acordo com as versões do Novo Testamento de João e de Jesus – caso contrário, teria sido preservado de alguma forma no domínio público.

O relato de Lucas das conceções «conjuntas» de Jesus e de João é extremamente interessante. Partindo de uma análise à história, os estudiosos determinaram sem margem para dúvidas que se trata na verdade de uma combinação de duas histórias separadas, uma sobre a conceção de João e a outra sobre a de Jesus, que são (segundo Kraeling) «unidas por materiais basicamente sem qualquer relação com o fio de qualquer das séries».[27] Ou seja, Lucas (ou a fonte que ele utilizou) pegou em duas histórias diferentes e tentou uni-las utilizando o artifício literário

do encontro de duas mães de esperanças, Isabel e Maria. A conclusão lógica é que a história da infância de João era originalmente independente do Evangelho, e provavelmente *anterior* à história da Natividade de Jesus. Isto traz consigo implicações importantes. Uma delas é que existiam já histórias acerca de João. A outra é que a versão de Lucas da Natividade foi especificamente evocada a fim de «superar» a então vigente acerca de João. Afinal, o «milagre» do nascimento de João é simplesmente o de ter nascido de pais tão velhos, enquanto Lucas põe Jesus a nascer efetivamente de uma virgem. E o único motivo que Lucas pode ter tido para contar a história desta maneira é que os seguidores de João continuavam a existir como rivais dos de Jesus.

Isto é sustentado por outro facto que foi determinado pelos estudiosos – mas que continua a ser desconhecido para a maioria dos cristãos. O muito amado «cântico» de Maria, o *Magnificat*, era na verdade de Isabel, e referia-se ao filho desta. As palavras associam a mulher à personagem de Ana no Antigo Testamento, que só teve filhos já em idade avançada, pelo que é mais adequado à situação de Isabel. Na verdade, alguns manuscritos antigos do Novo Testamento afirmam efetivamente tratar-se do cântico de Isabel, e o Pai da Igreja Ireneu (escrevendo por volta do ano 170) afirma também ter sido ela, e não Maria, a proferir essas palavras.[28]

De igual modo, na cerimónia da circuncisão de João, o seu pai, Zacarias, profere uma «profecia», ou hino, que é conhecido como *Benedictus*, em louvor do seu filho recém-nascido.[29] Obviamente, isto deve ter em tempos pertencido à história original da natividade de «João Batista». Tanto o *Magnificat* como o *Benedictus* parecem ter sido «hinos» separados a João, tendo sido incorporados num «Evangelho de João» que foi depois adulterado por Lucas para o tornar mais aceitável para os seguidores de Jesus. Isto indica que não só havia pessoas a escrever relatos da vida de João, mas também a elogiá-lo em canções e versos. Mas terão estas tradições sobre João proporcionado efetivamente aos posteriores autores dos

Evangelhos o material em que basearam a sua história sobre Jesus? Como diz Schonfield no seu *Essene Odyssey*:

> O contacto com os seguidores de João Batista… familiarizou os cristãos com as histórias da Natividade de João, em que este surgia como o pequeno Messias das tradições sacerdotais, nascido em Belém.[30]

Além disso, os textos da Igreja primitiva conhecidos como *Reconhecimentos Clementinos* afirmam efetivamente que alguns dos discípulos de João acreditavam ser *ele* o Messias.[31] E Geza Vermes acredita que alguns dos episódios dos Evangelhos e dos próprios Atos dos Apóstolos insinuam que os seguidores de João acreditavam ser ele o Messias.[32]

O conhecimento da possível existência de uma «literatura joanina» dá-nos uma resposta para os muitos problemas relacionados com o Quarto Evangelho – que foi atribuído ao discípulo João. Como vimos, existem várias contradições internas neste Evangelho. Embora seja o único a ser baseado no relato de uma testemunha ocular – alegação essa que é sustentada pelos pormenores circunstanciais contidos no próprio texto –, contém elementos visivelmente gnósticos que entram em contradição com os outros Evangelhos e também com o tom pragmático do resto do livro em si. Isto é particularmente visível no «prólogo» acerca de Deus e do Verbo. O Evangelho de João é o mais veementemente anti-Batista dos quatro, mas é o único que nos diz de forma explícita que Jesus recrutou os seus primeiros discípulos de entre os seguidores de João – incluindo o suposto autor e testemunha ocular, o «discípulo amado» em pessoa.[33]

Mas estas contradições não invalidam necessariamente o Evangelho. É evidente que o autor compilou o texto a partir de várias fontes, que entrelaçou e interpretou de acordo com as suas próprias crenças acerca de Jesus, reescrevendo o material onde julgou ser necessário. Quem quer que tenha sido o autor, o Evangelho parece conter o testemunho em primeira mão do

«discípulo amado». Mas muitos dos mais influentes estudiosos do Novo Testamento acham que o autor utilizou também alguns dos textos escritos pelos seguidores do Batista, que, segundo Edwin Yamauchi, especialista em estudos do Médio Oriente, «foram desmitificados e cristianizados… pelo Quarto Evangelista».[34]

O material do Batista é sobretudo o prólogo e alguns dos chamados «discursos reveladores» entre Jesus e os seus discípulos. O grande estudioso bíblico alemão Rudolf Bultmann disse o seguinte sobre eles:

> … julga-se terem sido originalmente documentos dos seguidores de João Batista que exaltavam João e lhe atribuíam originalmente o papel de um Redentor enviado do mundo da Luz. Assim, grande parte do Evangelho de João não era originalmente de origem cristã, tendo resultado da transformação de uma tradição batista.[35]

Note-se que estes elementos no Evangelho de João são os mais gnósticos, tendo, pois, sido eles a causar mais problemas, no que a esse Evangelho diz respeito, aos historiadores. É frequentemente assumido que, uma vez que estes elementos estão tão desenquadrados da teologia dos outros Evangelhos e do restante Novo Testamento, este livro deve ter sido escrito consideravelmente mais tarde do que os outros. A admissão, contudo, de que vêm de outra fonte que não os seguidores de Jesus altera o cenário, tendo vários comentadores associado o Quarto Evangelho a uma «fonte gnóstica pré-cristã» que foi adaptada pelo autor. Essa fonte parece ter sido João Batista e os seus seguidores, que aparentam ter sido eles mesmos gnósticos.

(Estas descobertas podem proporcionar uma solução para a controvérsia sobre a data do Evangelho de João. Como vimos, a ideia convencional é há muito a de que, devido ao material gnóstico e não judaico contido neste Evangelho, este foi escrito depois dos Evangelhos Sinópticos. Mas, se Jesus não era judeu, e uma vez que grande parte do material deriva dos seguidores de João Batista

– que, como veremos, eram gnósticos –, é inteiramente possível que este Evangelho seja contemporâneo ou até mesmo anterior aos outros.)

João não só teve um grande e dedicado grupo de seguidores durante a sua vida como esse grupo continuou a crescer após a sua morte de uma forma que é curiosamente similar ao crescimento do cristianismo. Existem indícios de que o movimento de João se tinha tornado uma Igreja por direito próprio e que não estava confinado à Palestina. Em *Jesus*, o seu livro de 1992, A.N. Wilson escreve o seguinte:

> Se a religião de João Batista (e sabemos que havia uma) se tivesse tornado o culto dominante do Mediterrâneo em vez da de Jesus, sentiríamos provavelmente que sabíamos mais do que sabemos sobre esta impressionante figura. O seu culto sobreviveu pelo menos até meados dos anos 50, como o autor dos Atos dos Apóstolos é suficientemente inocente para deixar escapar… Em Éfeso, achavam que «O Caminho» (como era conhecida a religião desses primeiros crentes) significava seguir «o Batismo de João»… Se Paulo tivesse sido uma personalidade mais fraca… ou nunca tivesse escrito as suas epístolas, facilmente poderia ter acontecido ser o «Batismo de João» a religião a capturar a imaginação do mundo antigo, em vez do Batismo de Cristo… O culto poder-se-ia até ter desenvolvido ao ponto de os atuais joanitas, ou batistas, acreditarem que… João era Divino…
>
> Este acaso da história não estava, porém, destinado a acontecer.[36]

Até o Novo Testamento descreve, pois, a existência da Igreja de João para lá das fronteiras de Israel. Bamber Gascoigne diz assim:

> Um grupo de pessoas que Paulo encontrou em Éfeso dá um intrigante vislumbre do desenvolvimento de uma tal possível religião – e uma que Paulo rapidamente cortou pela raiz.[37]

Esse grupo de pessoas era, claro, a Igreja de João. A sua própria existência enquanto entidade separada após a morte de Jesus demonstra que João nunca pregou sobre «alguém maior» que viria depois dele, ou, caso o tenha feito, essa pessoa não poderia ter sido Jesus. Aparentemente, quando os Joanitas se encontraram com Paulo, não faziam ideia de tal profecia. O seu culto não era insignificante. Foi descrito como «um grupo internacional de seguidores»[38] e estendia-se da Ásia Menor à Alexandria. Os Atos dos Apóstolos registam que a religião de João tinha sido levada para Éfeso por um alexandrino chamado Apolo – a única duvidosa referência a Alexandria em todo o Novo Testamento.

João Batista tinha, pois, ele mesmo um grupo de seguidores diferenciado e forte, que lhe sobreviveu como uma verdadeira Igreja. Mas tem-se presumido – como nos comentários anteriores de A.N. Wilson – que esta foi absorvida pela Igreja Cristã desde muito cedo. É certo que algumas das suas comunidades o foram, como as que Paulo encontrou, suplantadas pela sua própria versão do movimento de Jesus. Mas existem fortes indícios de que, na verdade, a Igreja de João *sobreviveu*.

Este conjunto de provas enfatiza, porém, o papel de uma personagem que, à primeira vista, poderá parecer muito deslocada nesta história, alguém que, ao longo de toda a história cristã, foi injuriado como «o pai de todas as heresias» e um mago negro da pior espécie. Deu até o seu nome ao pecado de tentar *comprar* o Espírito Santo: simonia. Referimo-nos, claro, a Simão Mago.

Ao contrário das outras duas grandes figuras que temos vindo a discutir – Maria Madalena e João Batista –, Simão Mago não é alguém que tenha sido marginalizado pelos primeiros cronistas cristãos, tendo-lhe, aliás, sido permitido aparecer de forma bastante proeminente nos primeiros escritos cristãos. Mas continua a ser inequivocamente denunciado como maligno, como o homem que tentou imitar Jesus e que, a determinada altura, chegou mesmo a infiltrar-se na Igreja embrionária a fim de aprender os seus segredos – até, claro, ter sido exposto pelos Apóstolos.

Por vezes conhecido como o «Primeiro Herege», Simão Mago é considerado como quase irredimível. Mas uma pista para o porquê de assim ser está no facto de os primeiros Pais da Igreja verem a palavra gnóstico como sinónimo de «herege» – e Simão era gnóstico (ainda que não, como julgavam, o fundador do gnosticismo).

Simão faz apenas uma breve aparição no Novo Testamento, nos Atos dos Apóstolos (8:9-24). Era, significativamente, um samaritano, que, segundo os Atos, andava a usar feitiçaria para «embruxar» as gentes de Samaria. Quando o apóstolo Filipe vai lá pregar, Simão fica de tal modo impressionado que é batizado por ele. Mas isto acaba por ser apenas um astuto estratagema para poder aprender a adquirir para si o poder do Espírito Santo. Oferece dinheiro para o comprar a Pedro e João, sendo firmemente repreendido. Simão, temendo pela sua alma, arrepende-se e pede-lhes para rezarem por ele.

Os primeiros Pais da Igreja sabiam, porém, muito mais sobre esta personagem e os seus relatos contradizem o simples auto de moralidade contido no livro dos Atos dos Apóstolos.[39] Era natural da aldeia de Gitta e era conhecido pelas suas capacidades de mágico (daí o seu título de *Mago*). Durante o reinado de Cláudio (41-54 d.C., ou seja, menos de 10 anos após a Crucifixão), foi a Roma, onde foi honrado como um deus, tendo-lhe até sido erguida aí uma estátua. Os samaritanos tinham-no já reconhecido como um deus.

Simão Mago viajava com uma mulher chamada Helena, uma antiga prostituta da cidade fenícia de Tiro, a quem chamava de Primeiro Pensamento (*Ennoia*), Mãe de Tudo. Isto resultava das suas crenças gnósticas: Simão ensinava que o «primeiro pensamento» de Deus – tal como a anteriormente discutida figura judaica da Sabedoria/ Sophia – fora feminino, e que fora ela quem criara os anjos e os outros semideuses, que são os deuses deste mundo. Criaram a Terra segundo as suas instruções, mas rebelaram-se e aprisionaram-na na matéria, no mundo material. Fora presa numa série de corpos femininos (incluindo o de Helena

de Troia), tendo cada um deles passado por humilhações cada vez mais insuportáveis, e acabara eventualmente como uma prostituta no porto de Tiro. Mas nem tudo estava perdido, pois também Deus encarnara na forma de Simão. Este procurara-a e resgatara-a.

O conceito de um sistema cosmológico capaz de abranger uma série de mundos e planos superiores e inferiores é um com que estamos hoje familiarizados. Ainda que os pormenores exatos possam variar, é a crença gnóstica geral que chegou até aos Cátaros medievais e que está subjacente à cosmologia hermética que é a base do ocultismo ocidental, atravessando a alquimia e chegando ao hermetismo do Renascimento. Há também paralelismos exatos e impressionantes com outros sistemas que discutimos. O mais significativo é a semelhança com o *Pistis Sophia* do gnosticismo copta, em que é Jesus que vai em busca da aprisionada Sophia, uma figura explicitamente associada nesse texto à Madalena.[40] (Simão também chamava a Helena de a sua «ovelha perdida».)

A personificação da Sabedoria enquanto mulher – e uma prostituta, ainda por cima – é por esta altura algo com que estamos familiarizados nesta investigação, e que a atravessa como um fio. No caso de Simão, esta personificação era literal, na pessoa de Helena.

Como escreve Hugh Schonfield:

> … os Simonianos adoravam Helena como Atena (Deusa da Sabedoria), que, por sua vez, era associada a Ísis no Egito.[41]

Schonfield associa ainda Helena à própria Sophia e a Astarte.

Karl Luckert também relaciona o conceito de Simão de *Ennoia*, tal como é encarnado em Helena, com Ísis.[42] Geoffrey Ashe concorda, acrescentando o seguinte: «[Helena] segue um caminho de regresso à glória como *Kyria* ou Rainha do Céu.»[43]

Outra fonte apócrifa, datada de cerca de 185, descreve Helena como sendo «negra como uma etíope» e põe-na a dançar agrilhoada, acrescentando: «Todo o Poder de Simão e do seu Deus é esta Mulher que dança.»[44]

Ireneu escreve que os sacerdotes iniciados de Simão «viviam de forma imoral»,[45] ainda que, dececionantemente, não se alongue sobre este tema. Mas é óbvio que praticavam ritos sexuais, como revela Epifânio na sua monumental obra *Panarion*:

> E impôs os mistérios da obscenidade e… do derramar dos corpos, *emissionum virorum, feminarum menstruorum*, e que deviam reunir-se para os mistérios na mais imunda junção.[46]

(G.R.S. Mead, sendo um bom vitoriano, deixou esta bastante tímida tradução com aquelas expressões em latim, mas aparentemente a seita de Simão utilizava magia sexual, envolvendo sémen e sangue menstrual.)

Os Pais da Igreja tinham, como é óbvio, um profundo receio de Simão Mago e da sua influência. Parece ter sido uma séria ameaça à Igreja primitiva, o que pode parecer estranho – até nos darmos conta do muito que Simão tinha efetivamente em comum com Jesus.

Os Pais da Igreja tiveram de envidar todos os esforços para salientar que, ainda que Simão e Jesus dissessem e fizessem basicamente as mesmas coisas, incluindo milagres, a fonte do seu poder era muito diferente. Simão fazia-o através de feitiçaria perversa, enquanto Jesus o fazia através do poder do Espírito Santo. Com efeito, Simão era uma paródia satânica de Jesus. Vemos, pois, por exemplo, Hipólito a dizer isto sem rodeios sobre Simão: «Não era Cristo.»[47]

Epifânio escreve de forma mais reveladora:

> Desde o tempo de Cristo até aos nossos próprios dias, a primeira heresia foi a de Simão, o mago, e embora não sendo correta e distintamente de nome cristão, causou grandes estragos através da corrupção que produziu entre cristãos.[48]

Além disso, segundo diz Hipólito:

> … ao comprar a liberdade de Helena, ofereceu assim a salvação aos homens através de um conhecimento especificamente seu.[49]

Outro relato atribui a Simão a capacidade de fazer milagres, incluindo o de transformar pedras em pão. (O que pode representar a Tentação de Jesus, em que lhe é oferecido o poder de fazer o mesmo, mas ele recusa. É-nos, porém, posteriormente dito que ele alimentou cinco mil pessoas a partir de cinco pães e dois peixes, o que é basicamente a mesma coisa.)

Jerónimo cita uma das obras de Simão:

> Eu sou o Verbo de Deus, sou o glorioso, sou o Paracleto, o Todo-Poderoso. Sou a totalidade de Deus.[50]

Por outras palavras, Simão proclamou-se divino e prometeu a salvação aos seus seguidores.

Nos Atos Apócrifos de Pedro e Paulo, Simão Mago e Pedro envolvem-se num concurso para ressuscitar um cadáver. Simão, porém, consegue apenas reanimar a cabeça, enquanto Pedro realiza o truque na perfeição.[51] Existem muitas destas histórias apócrifas de batalhas entre Simão Mago e Simão Pedro, todas terminando com o necessário triunfo cristão. O que mostram, todavia, é que o primeiro era de tal modo influente que foi *preciso* inventar as histórias para contrapor o seu poder sobre as massas.

O Mago não era um simples feiticeiro itinerante, mas sim um filósofo que registou as suas ideias. Escusado será dizer que os seus livros originais desapareceram, mas existem algumas citações extensas nas obras dos Pais da Igreja, onde foram incluídas a fim de serem rotundamente condenadas. Estes fragmentos revelam, contudo, claramente o gnosticismo de Simão e a sua ênfase na existência de duas forças opostas mas complementares – uma masculina e outra feminina. O excerto seguinte, por exemplo, é citado da sua *Grande Revelação*:

> Dos Éons universais, existem dois ramos… um que se manifesta de cima, que é o Grande Poder, a Mente Universal que ordena todas as coisas, masculina, e o outro que vem de baixo, o Grande Pensamento, feminino, que tudo produz.

> Assim, emparelhados um com o outro, unem-se e manifestam a Distância Intermédia… nisto está o Pai…
>
> Este é Aquele que esteve, está e estará, um poder masculino-feminino no preexistente Poder Infinito…[52]

Vemos aqui ecos do hermafrodita alquímico, do andrógino simbólico que tanto viria a fascinar Leonardo. Mas de onde obteve Simão Mago as suas ideias?

Karl Luckert[53] associa as «raízes ideológicas» dos ensinamentos de Simão às religiões do antigo Egito, e parece ser verdade que refletem, e talvez lhes deem até continuidade de uma forma adaptada, esses cultos. Ainda que, tal como vimos, as escolas de Ísis/Osíris enfatizassem a natureza igual e oposta das divindades femininas/masculinas, esta é por vezes entendida como estando misturada na figura e no corpo de Ísis. É ocasionalmente retratada com barba e crê-se que terá dito: «Apesar de ser mulher, torno-me homem…»

Simão Mago e Jesus eram, no que à Igreja primitiva diz respeito, perigosamente similares nos seus ensinamentos, razão pela qual Simão foi acusado de ter tentado roubar o conhecimento dos cristãos. Isto é uma admissão tácita de que os seus próprios ensinamentos eram, na verdade, *compatíveis* com os de Jesus – e até de que fazia parte do mesmo movimento. As implicações são perturbadoras. Seriam os ritos sexuais de Simão e Helena praticados também, por exemplo, por Jesus e Maria Madalena? Segundo Epifânio, os Gnósticos tinham um livro chamado *Grandes Questões de Maria*, que alegadamente continha os segredos internos do movimento de Jesus e que assumiam a forma de cerimónias «obscenas».[54]

Pode ser tentador descartar esses rumores como uma mera e indecente urdidura de escândalos – mas, tal como vimos, existem indícios de que a Madalena era uma iniciadora sexual na tradição da *meretriz do templo*, cuja função era conceder aos homens o dom da *horasis*: iluminação espiritual através de uma relação sexual.

John Romer, no seu livro *Testament*, deixa claro este paralelismo:

> Helena, a Meretriz, como os cristãos lhe chamavam, era a Maria Madalena de Simão Mago.[55]

Existe ainda uma outra ligação: a das suas prováveis origens egípcias. Karl Luckert diz o seguinte acerca de Simão:

> Enquanto «pai de toda a heresia», deve agora ser estudado não só como um adversário, mas também como um visível concorrente de Cristo nos primórdios da Igreja cristã – talvez até um potencial aliado…
>
> É do seu legado egípcio comum que pode ser extraída a verdadeira força da ameaça de Simão Mago. O perigo resumia-se à possibilidade de ele poder ser confundido com a figura do próprio Cristo…[56]

E Luckert vê um claro paralelismo no que entende como sendo a verdadeira missão de ambos os homens. Reconhece a aparente dicotomia no facto de Jesus pregar uma mensagem essencialmente egípcia a um público judeu, mas entende a estreita ligação entre a teologia hebraica *original* e a do Egito. Diz isto de Simão Mago:

> … via como sua missão consertar o que… devia ter corrido mal; nomeadamente, a separação de toda a dimensão feminina Tefnut-Mahet-Nut-Ísis da divindade masculina.[57]

Este é, claro, precisamente o motivo que sugerimos como hipótese para a missão de Jesus na Judeia, e o que lhe é atribuído no *Levitikon*. Luckert conclui que Jesus só ganhou a Simão Mago tomando a medida extrema de incluir a sua própria morte no cenário. A ênfase altera-se, porém, radicalmente se levarmos em conta a ideia de que a Crucifixão pode não ter resultado na morte de Jesus.

Além dos paralelismos com Jesus, existe um outro facto inquietante – e, para nós, revelador – sobre Simão Mago: *era um dos discípulos de João Batista*. Não só isso, como fora efetivamente nomeado por João *como seu próprio sucessor* (ainda que, pelas razões apresentadas a seguir, não viesse a ser uma sucessão direta).

As implicações são incríveis. Pois Simão sempre fora conhecido como um feiticeiro e mágico sexual, e não apenas nos anos após a morte de João. Não era propriamente o caso de um discípulo a derrubar os vestígios uma vez removido de cena o puritano guru. João deve ter sabido e aprovado os ensinamentos de Simão. E, se Simão pertencia ao círculo interno de João, então teria sido com o Batista que aprendera a sua magia – tal como outros discípulos em posição similar. Tal como Jesus…

O texto que se segue foi retirado dos *Reconhecimentos Clementinos* do século III:

> Foi em Alexandria que Simão aperfeiçoou os seus estudos de magia, sendo um adepto de João, um hemerobatista [«batista do dia»: pouco se sabe sobre este termo], através do qual veio a lidar com doutrinas religiosas. João era o precursor de Jesus…
>
> … De todos os discípulos de João, era Simão o favorito, mas, aquando da morte do seu mestre, estava ausente em Alexandria, pelo que foi Dositeu, um outro discípulo, a ser escolhido como líder da escola.[58]

Este relato alonga-se também em extremamente complexas razões numerológicas para o porquê de João ter 30 discípulos – supostamente apenas no círculo interior – ainda que, na verdade, fossem 29,5, pois um deles era uma mulher, que não contava como uma pessoa completa. O seu nome era Helena… Isto é interessante porque implica, no contexto, que se tratava da Helena de Simão Mago, e que também ela havia sido discípula de João. Tudo isto deixa a sensação nitidamente inquietante de que o Batista, que sempre foi apresentado como um puritano ascético e monástico, era na verdade algo muito diferente.

Quando Simão retornou de Alexandria, Dositeu entregou-lhe a liderança da Igreja de João, ainda que não sem dar luta. Vemos uma vez mais que a cidade egípcia de Alexandria é importante

nesta história, provavelmente por ter sido aí que os principais protagonistas aprenderam a sua magia.

Dositeu teve também uma seita batizada em sua honra, que conseguiu sobreviver até ao século VI. Orígenes regista o seguinte:

> … um certo Dositeu dos samaritanos apresentou-se e disse que era o Cristo profetizado: desde esse dia que existem dositeus, que apresentam os escritos de Dositeu e que contam também algumas histórias sobre ele, como que não sofreu a morte, mas continua vivo.[59]

O rasto dos seguidores de Simão continuou também até ao século III. O seu sucessor imediato foi um tal Menandro.

Os Dositeus «adoravam João Batista» como o «justo mestre… dos Últimos Dias».[60] Mas tanto a seita de Simão como a de Dositeu acabaram por ser erradicadas pela Igreja.

A nítida implicação é que João Batista não era um ocasional pregador às multidões: era o líder de uma *organização* – e esta estava sediada em Alexandria. Como vimos, os primeiros proselitistas do movimento de Jesus ficaram espantados ao descobrir uma «Igreja de João» em Éfeso, que fora levada para lá por Apolo de Alexandria. Foi também essa metrópole a base de Simão Mago – sucessor oficial de João e um conhecido rival de Jesus –, que era também um samaritano. Curiosamente, os cristãos veneravam o alegado túmulo do Batista em Samaria, até este ter sido destruído no século IV pelo imperador Juliano, o que sugere no mínimo uma antiga tradição a associar o Batista a essa terra. (Talvez a parábola do Bom Samaritano tenha sido na verdade uma astuta tentativa de apaziguar os discípulos de João ou de Simão Mago.)

Não existe, porém, qualquer sugestão de que Simão Mago fosse judeu, nem mesmo de Samaria. Nem nos seus mais virulentos ataques contra ele os Pais da Igreja alguma vez o atacaram por ser judeu – e, dada a violência com que os judeus foram acusados de terem assassinado o Filho de Deus ao longo dos séculos, isto é particularmente revelador. Como vimos, João pregava aos não

judeus e atacou o culto do Templo de Jerusalém – a própria base da religião judaica. Muito provavelmente, tinha fortes ligações a Alexandria – mas, mais importante do que isso, é que o seu sucessor foi também um gentio. Tudo isto implica que o próprio João não era judeu e que estava familiarizado com a cultura egípcia.

É particularmente estranho que os primeiros Pais da Igreja, como Ireneu, tenham associado as origens das seitas «heréticas» a João Batista, de entre todas as pessoas. Afinal, os Evangelhos põem-no, ao que parece, a inventar o batismo e a viver praticamente só para preparar o caminho de Jesus. Mas saberiam a verdade acerca de João? Terão percebido que ele não era nenhum precursor, mas sim um feroz rival, que era adorado por direito próprio como o Messias? Terão reconhecido o incrível facto de que João *não era, na verdade, de todo cristão*?

Os autores dos Evangelhos conseguiram efetivamente vingar-se de João. Reescreveram-no e, no processo, «domesticaram-no» e realinharam-no, pelo que o outrora rival – talvez até mesmo inimigo – de Jesus é visto a ajoelhar diante dele, assombrado pela sua divindade. Removeram os verdadeiros motivos, palavras e ações de João e substituíram-nos por aqueles que se enquadravam na imagem que deliberadamente criaram de Jesus e do seu movimento.

Enquanto artigo de propaganda, foi um sucesso impressionante, ainda que isto se tenha talvez devido em parte à antiga tendência da Igreja para responder a quaisquer questões «heréticas» com os esmaga-polegares e a pira ardente. A história cristã que hoje recebemos com confiança é tanto o resultado do anterior reinado de terror da Igreja como da propaganda dos Evangelhos.

Mas, bem longe da influência nefasta da Igreja consagrada, alguns dos seguidores de João mantiveram fielmente viva a sua memória enquanto «verdadeiro Messias». E ainda hoje continuam a existir.

Capítulo Quinze

SEGUIDORES DO REI DA LUZ

No século XVII, missionários jesuítas regressados da região em torno dos territórios meridionais dos rios Eufrates e Tigre, no que é atualmente o Iraque, trouxeram consigo histórias de um povo que designaram de «Cristãos de São João». Apesar de viver no mundo muçulmano e de estar rodeado por árabes, este grupo seguia ainda uma forma de cristianismo em que João Batista era figura central. Os seus ritos religiosos centravam-se todos no batismo, que não era uma cerimónia única de iniciação e boas-vindas de um novo membro à congregação, mas tinha um importante papel em *todos* os seus sacramentos e rituais.[1]

Desde esses primeiros contactos, tornou-se, contudo, evidente que a designação de «Cristãos de São João» era um termo incorreto. A seita em questão venera especialmente João Batista – mas não podem de todo ser intitulados de «cristãos» no sentido habitual do termo, pois veem Jesus como um falso profeta, um mentiroso que enganou deliberadamente o seu próprio povo – e outros. Mas, tendo vivido durante séculos sob a constante ameaça de perseguição por parte dos judeus, dos muçulmanos e dos cristãos, adotaram a estratégia de se apresentarem aos visitantes da forma menos ofensiva. Foi por isso que adotaram o nome de «Cristãos de São João». A sua política está resumida nestas palavras do seu livro sagrado, o *Ginza*:

> Quando Jesus vos oprimir, dizei então: pertencemos-te. Mas não o reconheçais nos vossos corações nem negueis a voz do vosso Mestre, o alto Rei da Luz, pois ao mentiroso Messias não é revelado o oculto.[2]

Hoje em dia, esta seita – que sobrevive ainda nos pântanos do sul do Iraque e, em números mais reduzidos, no sudoeste do Irão – é conhecida como os Mandeus. São um povo profundamente religioso e pacífico, cujo código proíbe a guerra e o derramamento de sangue. Vivem sobretudo nas suas próprias aldeias e comunidades, ainda que alguns deles se tenham mudado para as

cidades, onde tradicionalmente trabalham como ourives e prateiros, trabalho esse em que se destacam. Mantêm a sua própria língua e escrita, ambas derivadas do aramaico, a língua falada por Jesus e João. Em 1978, estimava-se que os seus números ficariam abaixo dos 15 000, mas a perseguição aos árabes do pântano por parte de Saddam Hussein após a Guerra do Golfo pode muito bem tê-los levado quase à extinção – as circunstâncias políticas no Iraque fazem com que seja impossível ser-se exato sobre o tema.[3]

O termo mandeu significa literalmente *gnóstico* (de *manda*, gnose) e, corretamente utilizado, aplica-se apenas aos leigos, ainda que seja frequentemente aplicado à comunidade como um todo. Os seus sacerdotes são chamados de *Nazarenos*. Os árabes referem-se a eles como *Subbas*, e aparecem no Corão sob o nome de *Sabeus*.

Até aos anos 1880, não foi realizado qualquer estudo sério sobre os Mandeus. Mesmo assim, os estudos mais extensos até à data continuam a ser os de Ethel Stevens (posteriormente Lady Drower) nos anos imediatamente anteriores à Segunda Guerra Mundial. Os académicos continuam a basear-se muito no material que ela coligiu, que inclui várias fotografias dos seus rituais e cópias dos livros sagrados mandeus. Ainda que recetivos a estranhos, são naturalmente – e com bons motivos para isso – um povo fechado e sigiloso, e Lady Drower demorou muito tempo a conquistar a sua confiança ao ponto de eles lhe revelarem as suas crenças, doutrinas e história, dando-lhe também acesso aos manuscritos secretos contendo os seus textos sagrados. (No século XIX, estudiosos franceses e alemães tinham tentado sem sucesso romper este muro de secretismo.) Mas continuam, sem dúvida, a existir mistérios internos que não foram ainda partilhados com estranhos.

Os Mandeus têm uma série de textos sagrados – toda a sua literatura é religiosa –, sendo os mais importantes o *Ginza* (*Tesouro*), também conhecido como *Livro de Adão*, o *Sidra d'Yahya*, ou *Livro de João* (também conhecido como o *Livro dos Reis*), e o *Haran Gawaita*, que é uma história da seita. O *Ginza* data

certamente do século VII d.C. ou antes, enquanto o *Livro de João* terá sido coligido, julga-se, desse período em diante. O João do título é o Batista, que nos textos mandeus é referido por dois nomes, Yohanna, que é mandeu, e Yahya, que é o nome árabe com que aparece no Corão. Este último é utilizado com mais frequência, o que indica que o livro foi escrito após a conquista da região pelos muçulmanos em meados do século VII, ainda que o material que contém seja muito mais antigo. A questão importante é quão mais.

Costumava pensar-se que os Mandeus tinham criado o *Livro de João* e elevado o Batista ao estatuto de seu profeta como um astuto estratagema para evitarem ser perseguidos pelos muçulmanos, que só toleravam aqueles a quem chamavam «povos do Livro» – ou seja, povos com uma religião que tinha um livro sagrado e um profeta; caso contrário, eram vistos como pagãos. Mas os Mandeus surgem no próprio Corão, sob o nome de Sabeus, como um «povo do Livro», provando assim que eram conhecidos como tal muito antes de terem ficado sob a ameaça do domínio muçulmano. Seja como for, foram *realmente* perseguidos, particularmente no século XIV, quando os seus monarcas islâmicos quase os erradicaram.

Em constante retirada face à perseguição, os Mandeus chegaram finalmente ao seu lar atual. As suas próprias lendas, bem como estudos modernos, mostram que eram originalmente oriundos da Palestina, de onde foram forçados a sair no século I d.C. Ao longo dos séculos, deslocaram-se para leste e para sul, avançando à medida que se deparavam com perseguições. O que hoje temos é efetivamente o que resta de uma religião muito mais generalizada.

Hoje em dia, a religião mandeia é, sejamos honestos, uma miscelânea irremediavelmente confusa: vários fragmentos do judaísmo do Antigo Testamento, formas heréticas do cristianismo gnóstico e crenças dualistas iranianas misturam-se na sua cosmologia e teologia. O problema está em determinar quais eram as suas crenças originais e quais vieram depois. Os próprios Mandeus parecem ter esquecido grande parte do sentido inicial da sua religião. Mas é possível fazer algumas generalizações sobre

ela, e uma meticulosa análise permitiu aos estudiosos chegar a algumas conclusões acerca das suas crenças no passado longínquo. Foi esta análise que nos proporcionou algumas pistas empolgantes sobre a importância de João Batista e a sua verdadeira relação com Jesus.

Os Mandeus representam a única religião gnóstica que subsiste no mundo: as suas ideias sobre o universo, o ato de criação e os deuses são conhecidas crenças gnósticas. Acreditam numa hierarquia de deuses e semideuses, masculinos e femininos, com uma divisão fundamental entre os da luz e os das trevas.

O seu ser supremo, que criou o universo e as divindades menores, surge sob vários nomes que se traduzem como «Vida», «Mente» ou «Rei da Luz». Criou cinco «seres de luz», que automaticamente deram vida a cinco outro iguais, mas opostos, seres das trevas. (Esta ênfase na equiparação da luz ao bem supremo é carateristicamente gnóstica: praticamente todas as páginas do *Pistis Sophia*, por exemplo, utilizam esta metáfora. Para os Gnósticos, ser-se *iluminado* significava, literal e metaforicamente, entrar num mundo de luz.) Tal como noutros sistemas gnósticos, foram estes semideuses que criaram e regem o universo material e esta terra. A humanidade foi também criada por um destes seres, chamado (consoante a versão do mito) Hiwel Ziwa ou Ptahil. Os primeiros humanos são os Adão e Eva físicos – Adam Paghia e Hawa Paghia – e os seus homólogos «ocultos», Adam Kasya e Hawa Kasya. Os Mandeus acreditam ser descendentes de pais de ambos os conjuntos, físico e espiritual – Adam Paghia e Hawa Kasya.

O seu equivalente mais próximo ao Diabo é a deusa negra Ruha, que governa o reino das trevas, mas é também vista como o Espírito Santo. Esta ênfase em forças iguais e opostas de bem e mal, masculino e feminino, é carateristicamente gnóstica e está exemplificada nas seguintes palavras:

> … a terra é como uma mulher e o céu como um homem, pois torna a terra fecunda.[4]

Uma importante deusa, a quem podem ser encontradas muitas preces nos livros mandeus, é Libat, que foi associada a Ishtar.

Para os Mandeus, o celibato é pecado; os homens que morrem solteiros estão condenados à reencarnação – mas, fora isso, os Mandeus não acreditam no ciclo do renascimento. No momento da morte, a alma regressa ao mundo da luz de onde os Mandeus vieram em tempos, e é ajudada a seguir o seu caminho por muitas orações e cerimónias, muitas das quais têm nitidamente origem nos antigos ritos fúnebres egípcios.

A religião impregna todos os aspetos da vida quotidiana dos Mandeus, mas o seu sacramento fundamental é o batismo, que surge nos casamentos e até nos serviços fúnebres. Os batismos mandeus são imersões totais em piscinas especialmente criadas que estão ligadas a um rio, a que chamam de «Jordão». Parte de cada ritual é uma série de complexos apertos de mão entre os sacerdotes e os que vão ser batizados.

O dia santo dos Mandeus é o domingo. As suas comunidades são regidas pelos sacerdotes, que adotam também o título de «rei» (*malka*), ainda que alguns deveres religiosos possam ser realizados pelos leigos. O sacerdócio é hereditário e consiste em três níveis: os sacerdotes normais, que são chamados de «discípulos» (*tarmide*), os bispos e um «líder geral do povo» – ainda que há mais de um século ninguém tenha sido considerado digno de desempenhar esse papel.

Os Mandeus afirmam que existiam já muito antes do tempo do Batista, a quem veem como um grande líder da sua seita, mas nada mais. Dizem ter deixado a Palestina no século I d.C., tendo tido origem numa região montanhosa a que chamam Tura d'Madai, que não foi ainda identificada pelos estudiosos.

Quando os Jesuítas se cruzaram com eles no século XVII, presumiu-se que seriam os descendentes dos judeus a quem João havia batizado, mas as suas alegações de terem existido antes desse tempo e mesmo num outro local são atualmente levadas a sério pelos estudiosos. Mantêm, ainda assim, vestígios do tempo

que passaram na Palestina do século I: a sua escrita é similar à da Nabateia, o reino árabe que fazia fronteira com a Pereia, onde João Batista apareceu pela primeira vez.[5] Pistas contidas no *Hawan Gawaita* sugerem que terão deixado a Palestina em 37 d.C. – mais ou menos na altura da Crucifixão, mas é impossível dizer se isto foi apenas uma coincidência.[6] Terão sido expulsos pelos seus rivais, os do movimento de Jesus?

Até há pouco tempo, os académicos pensavam que a negação dos Mandeus de que vinham de uma seita judaica dissidente era falsa, mas é hoje reconhecido que não têm quaisquer raízes judaicas. Pois, ainda que os seus escritos incluam realmente os nomes de algumas personagens do Antigo Testamento, são genuinamente ignorantes dos costumes e práticas rituais judaicos – os seus homens, por exemplo, não são circuncidados e o seu dia santo não é ao sábado. Tudo isto indica que viveram outrora perto dos judeus, mas nunca fizeram realmente parte deles.[7]

Algo que sempre desconcertou os estudiosos em relação aos Mandeus é a sua insistência em como vieram originalmente do Egito. Na verdade, nas palavras de Lady Drower, consideram-se, em certos aspetos, como «correligionários» dos antigos egípcios, pois um dos seus textos diz que «o povo do Egito era da nossa religião».[8] Foi em Tura d'Madai, a misteriosa região montanhosa que citam como seu lar original, que a religião emergiu – entre povos, dizem eles, que tinham vindo do Egito. O nome do semideus que, para eles, rege o mundo – Ptahil – é notavelmente semelhante ao do deus egípcio Ptah e, tal como já vimos, as suas cerimónias fúnebres parecem dever muito às dos antigos egípcios.

Após a sua fuga da Palestina, os Mandeus viveram nas terras dos partas e na Pérsia sob os monarcas sassânidas, mas instalaram-se também na cidade de Harran – que, como veremos, tem alguma importância para esta investigação.

Os Mandeus nunca afirmaram que João Batista era o seu fundador nem que ele inventara o batismo. Também não o veem como mais do que um grande – o maior, na verdade – líder da sua

seita, um *Nasurai* (adepto). Alegam que também Jesus era um *Nasurai*, mas tornou-se «um rebelde, um herege, que desviou os homens do caminho [e] traiu doutrinas secretas…»[9]

O seu *Livro de João*[10] conta a história de João e de Jesus. O nascimento de João é previsto num sonho e uma estrela aparece a pairar sobre Enishbai (Isabel). O seu pai é Zakhria (Zacarias) e, tal como na história do Evangelho, são ambos velhos e sem filhos. Após o seu nascimento, os judeus conspiram contra a criança, que é levada por Anosh (Enoque) para ser protegida e escondida numa montanha sagrada, de onde regressa aos 22 anos. Torna-se então o líder dos Mandeus – e, curiosamente, é representado como um talentoso curandeiro.

João é chamado de «Pescador de Almas» e de «Bom Pastor». O primeiro termo foi aplicado tanto a Ísis como a Maria Madalena,[11] além de – como «Pescador de Homens» – a Simão Pedro, e o segundo a muitos antigos deuses mediterrânicos, incluindo Tamuz e Osíris – além de, claro, Jesus. O *Livro de João* inclui o lamento do Batista por uma ovelha perdida que fica presa na lama por ele se curvar a Jesus.

Na lenda mandeia, João toma uma esposa, Anhar, mas esta não desempenha um papel importante na história. Um estranho elemento na lenda é que os Mandeus parecem não ter qualquer conhecimento da morte de João, que é, claro, muito dramática no Novo Testamento. Há uma sugestão no *Livro de João* de que este morre tranquilamente e a sua alma é levada pelo deus Manda-t-Haiy na forma de uma criança, mas isto parece ser uma prefiguração poética do que eles acham que *devia* acontecer ao Batista. Muitos dos seus escritos sobre João nunca se destinaram a ser interpretados como factos biográficos, mas não deixa de ser desconcertante que tenham ignorado o que foi essencialmente uma morte de mártir. Por outro lado, pode ser que o episódio seja fulcral para os seus mais secretos mistérios internos.

E quanto a Jesus no *Livro de João* dos Mandeus? Surge sob os nomes de Yeshu Messiah e Messiah Paulis (julga-se que este último

derivará de uma palavra persa que significa «impostor»), e às vezes como «Cristo, o Romano». Aparece pela primeira vez na história a candidatar-se a um lugar como discípulo de João – o texto não é claro, mas a insinuação é de que Jesus não era um membro da seita, e sim um forasteiro. Da primeira vez que vai ao Jordão e pede o batismo, João mostra-se cético acerca dos seus motivos e merecimento, recusando, mas Jesus acaba por convencê-lo. No momento em que Jesus é batizado, Ruha – a deusa negra – aparece em forma de pomba e traça uma cruz de luz sobre o Jordão.

Após ter-se tornado discípulo de João, contudo – num espantoso paralelismo com as histórias contadas pelos cristãos sobre Simão Mago – Jesus (nas palavras de Kurt Rudolph) «começa a perverter a palavra de João e a transformar o batismo do Jordão, tornando-se sábio através da sabedoria de João».[12]

O *Hawan Gawaita* acusa Jesus com as seguintes palavras:

> Perverteu as palavras da luz e transformou-as em trevas e converteu aqueles que eram meus e perverteu todos os cultos.[13]

«Não acrediteis nele [em Jesus]», diz o *Ginza*, «pois pratica feitiçaria e traição.»[14]

Na sua confusa cronologia, os Mandeus aguardam a vinda de uma figura chamada Anosh-Uthra (Enoque) que «acusará Cristo, o Romano, o mentiroso, filho de uma mulher, que não é da luz» e que «desmascarará Cristo, o Romano, como um mentiroso, pelas mãos dos judeus será amarrado, os seus fiéis o atarão, e o seu corpo será morto».[15]

A seita tem uma lenda sobre uma mulher chamada Miriai (Miriam, ou Maria) que foge com o seu amante e cuja família procura desesperadamente recuperá-la (mas não sem antes lhe dizer o que pensa, em linguagem colorida, chamando-lhe «cadela com o cio» e «sarjeta debochada»). Filha dos «soberanos de Jerusalém», vai viver com o seu marido mandeu na foz do Eufrates, onde se torna uma espécie de profetisa, sentada num trono e lendo do «Livro da

Verdade». Se, como parece provável, a história for uma alegoria das viagens e perseguições da própria seita, significaria que uma fação de judeus unira em tempos forças com um grupo não judaico, tendo a fusão de ambos resultado nos Mandeus. Mas o nome de Miriai e a sua representação como uma «prostituta» incompreendida e perseguida são também sugestivos da tradição da Madalena, tal como os pormenores sobre ter deixado a sua pátria e se ter transformado numa pregadora ou profetisa. Em todo o caso, é interessante que os Mandeus quisessem ser simbolizados por uma mulher.[16]

Os Mandeus podem aparentar ser simplesmente uma curiosidade antropológica, um povo perdido e confuso que ficou parado no tempo e agarrou algumas crenças bizarras ao longo dos anos. Mas um estudo atento dos seus textos sagrados revelou alguns paralelismos empolgantes com outros textos antigos que têm influência na nossa investigação.

Os seus manuscritos sagrados são ilustrados com imagens de deuses que são surpreendentemente semelhantes aos dos papiros mágicos gregos e egípcios – do tipo utilizado por Morton Smith na sua investigação.[17] Foram feitas comparações entre as doutrinas dos Mandeus e as dos Maniqueus, os seguidores do mestre gnóstico Mani (c. 216-76); na verdade, o consenso é que a seita batismal dos Mughtasilah, a que o pai de Mani pertencia e entre a qual o próprio Mani foi criado, eram os Mandeus (durante o seu longo êxodo em direção ao sul do Iraque ou numa comunidade atualmente extinta).[18] As doutrinas de Mani foram, sem dúvida, influenciadas pelos Mandeus – e foram as suas doutrinas que, por sua vez, exerceram uma forte influência nas seitas gnósticas europeias até, e incluindo, aos Cátaros.

Estudiosos como G.R.S. Mead realçaram semelhanças impressionantes entre os textos sagrados dos Mandeus e o *Pistis Sophia*. Na verdade, uma secção do *Livro de João*, intitulada *Tesouro de Amor*, é vista por ele como «os ecos de uma fase mais antiga» dessa obra.[19] Existem também fortes paralelismos com

vários documentos de Nag Hammadi que foram associados a «movimentos batismais» existentes na altura. E foram observadas estreitas semelhanças entre a teologia mandeia e a de alguns dos Manuscritos do Mar Morto.[20]

Outra ligação sugestiva é que é sabido que os Mandeus se instalaram em Harran, na Mesopotâmia. Até ao século X, esta cidade era o centro de uma seita ou escola conhecida como os Sabeus, que são muito importantes na história do esoterismo.[21] Eram filósofos herméticos e herdeiros do hermetismo egípcio, e foram extremamente influentes em seitas místicas muçulmanas como a dos Sufis, cuja influência foi, por sua vez, associada à cultura medieval do sul de França – como é verificado, por exemplo, nos Cavaleiros Templários. Como observa Jack Lindsay em *The Origins of Alchemy in Graeco-Roman Egypt*:

> Um estranho conjunto de crenças herméticas, incluindo muitas associadas à alquimia, persistiu entre os Sabeus de Harran, na Mesopotâmia. Sobreviveram como uma seita pagã no seio do Islão… durante pelo menos dois séculos.[22]

Os Mandeus, como vimos, são ainda designados por «Sabeus» (ou *Subbas*) pelos muçulmanos modernos, pelo que foi claramente a *sua* filosofia que tanta influência teve em Harran. E, além do hermetismo, que outro legado concederam aos Templários? Ter-lhes-ão transmitido a sua reverência, e talvez até o seu conhecimento secreto de João Batista?

As mais empolgantes ligações são, porém, com o enigmático quarto Evangelho. Kurt Rudolph, que é hoje provavelmente o principal especialista nos Mandeus, escreve o seguinte:

> Os elementos mais antigos da literatura mandaica conservaram para nós um testemunho do meio oriental dos primórdios do cristianismo, que pode ser utilizado na interpretação de certos textos do Novo Testamento (particularmente o *corpus* joanino).[23]

Vimos já que muitos dos mais respeitados e influentes estudiosos do Novo Testamento do século XX veem partes do Evangelho de João – nomeadamente o prólogo de «No princípio era o Verbo…» e algumas das discussões teológicas – como tendo sido «retiradas» de textos escritos por seguidores de João Batista. Muitos dos mesmos académicos estão também de acordo com o facto de que os textos partilhavam uma origem comum: os livros sagrados dos Mandeus. Logo em 1926, H.H. Schaeder sugeriu que o prólogo do Evangelho de João – com o seu Verbo feminino – era «um hino mandaico adquirido de círculos batistas».[24] Outro estudioso, E. Schweizer, apontou para os paralelismos entre o discurso sobre o Bom Pastor no Evangelho de João do Novo Testamento e a secção do Bom Pastor no *Livro de João* dos Mandeus, e concluiu que vinham da mesma fonte original.[25] Claro que esta fonte original não aplicava a Jesus a analogia do Bom Pastor, mas sim a João Batista: o Evangelho de João, no Novo Testamento, *roubou-a* efetivamente aos Mandeus/Joanitas.

Comentadores como Rudolf Bultmann concluíram que os Mandeus modernos são verdadeiramente os descendentes dos seguidores do Batista – são a elusiva Igreja de João que anteriormente discutimos. Ainda que haja razões convincentes para pensar que os Mandeus modernos são apenas um dos ramos da remanescente Igreja Joanita, não deixa de ser elucidativo realçar o resumo que W. Schmithals faz das conclusões de Bultmann:

> Por um lado, João [o Evangelho] manifesta estreitos contactos com a visão gnóstica do mundo. A fonte dos discursos, de que João se apodera ou a que adere, é de perspetiva gnóstica. Tem nos escritos mandeus os seus mais próximos paralelismos, sendo que os estratos mais antigos dessas tradições remontam ao tempo do cristianismo primitivo.[26]

De modo ainda mais abrangente, foi também argumentado que o material apocalíptico em *Q*, o documento que serviu de base aos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, vem da mesma fonte que o

Ginza mandeu[27] – e houve até quem sugerisse que o batismo cristão se desenvolveu a partir dos ritos mandeus.[28]

As implicações deste plágio bíblico são impressionantes. Será realmente possível que grande parte do material que tão estimado tem sido por gerações de cristãos como relativo, ou até mesmo representativo, das verdadeiras palavras de Jesus fosse sobre outro homem completamente diferente? E seria esse outro homem o seu amargo rival, o profeta que *não* previu a vinda de Jesus, mas que era ele mesmo venerado como o Messias – João Batista?

A continuidade das investigações revela cada vez mais provas de que os Mandeus representam uma linha direta até aos seguidores originais de João. Na verdade, a primeira referência aos Mandeus data de 792 d.C., quando o teólogo sírio Theodore bar Konai afirma explicitamente, citando a partir do *Ginza*, que tiveram origem nos Dositeus.[29] E, tal como vimos, os Dositeus foram uma seita herética criada efetivamente por um dos primeiros discípulos de João, juntamente com o grupo de Simão Mago.

Há mais. Já vimos que Jesus era chamado de «o Nazareno» ou «Nazoreano», nome esse que era também aplicado aos primeiros cristãos – apesar de não ter sido inventado para os descrever. Era um termo que já existia e que era aplicado a um grupo de seitas relacionadas oriundas das regiões heréticas de Samaria e da Galileia que se viam como guardiãs da verdadeira religião de Israel. Quando aplicado a Jesus, o termo «Nazareno» identifica-o como um vulgar membro de um culto que, a julgar pelas outras provas, parecia existir há já pelo menos 200 anos quando ele nasceu.

Mas lembre-se de que os Mandeus também dão aos seus adeptos o nome de «*Nasurai*»: não é coincidência. Hugh Schonfield diz o seguinte ao discutir os Nazarenos pré-cristãos:

> Existem bons motivos para crer que os herdeiros destes Nazarenos… são os atuais Nazoreanos (também conhecidos como Mandeus) do Baixo Eufrates.[30]

O grande estudioso britânico da Bíblia C.H. Dodds concluiu ser a seita dos Nazarenos aquela a que João Batista pertencia – ou, mais

corretamente, *liderava* – e que Jesus iniciou o seu percurso como discípulo de João, tendo depois criado o seu próprio culto e levado o nome consigo.[31]

É possível que os Mandeus não estejam hoje confinados exclusivamente ao Iraque e ao Irão (se é que conseguiram de facto sobreviver às depredações de Saddam), podendo estar também representados por outra seita altamente sigilosa que existe ainda na Síria moderna. São eles os Nusairiyeh ou Nosairi (por vezes conhecidos também como Alauitas devido à cordilheira montanhosa onde vivem). O nome é obviamente parecido com «Nazareno». Mais uma vez aparentemente islâmicos, é sabido que adotaram as práticas dessa religião para se protegerem da perseguição. Embora seja sabido que têm uma «verdadeira» religião que mantêm secreta, os seus pormenores – por motivos óbvios – são difíceis de encontrar. Julga-se, porém, ser uma forma de cristianismo.

Um dos poucos europeus que alguma vez conseguiram aproximar-se dos ensinamentos internos dos Nosairi foi Walter Birks, que os descreve em *The Treasure of Montségur* (escrito em coautoria com R.A. Gilbert).[32] Passou algum tempo na região durante a Segunda Guerra Mundial e tornou-se amigo de alguns dos sacerdotes. O seu relato é muito circunspecto, pois sempre honrou o juramento de secretismo que lhes fez, mas, a julgar por aquilo que diz, parece muito provável que sejam uma seita gnóstica muito semelhante à dos Mandeus. O que é particularmente interessante é uma troca de palavras entre Birks e um dos sacerdotes Nosairi após terem discutido o tema dos Cátaros e a possível natureza do Santo Graal (Birks reparara que alguns dos seus rituais se centravam no uso de um cálice sagrado). O sacerdote disse-lhe «o maior segredo» da sua religião, que era este: «O graal de que fala é um símbolo e representa a doutrina que Cristo ensinou apenas a João, o Amado. Ainda o temos.»[33]

Lembramos a tradição «joanita» de algumas formas da Maçonaria oculta europeia e do Priorado de Sião: que os Cavaleiros Templários tinham adotado a religião dos «Joanitas do Leste», que

era composta pelos ensinamentos secretos de Jesus tal como haviam sido dados a João, o Discípulo Amado. Uma vez deixado claro que o Evangelho de João era originalmente material *batista*, fica esclarecida a aparente confusão que observáramos entre João, o Amado, e João, o Batista.

As tradições dos Mandeus sobre João Batista e Jesus enquadram-se incrivelmente bem nas conclusões que delineámos no último capítulo: Jesus era originalmente um discípulo do Batista, mas lançou-se por conta própria, levando consigo no processo alguns dos discípulos de João. As duas escolas eram rivais, tal como os respetivos líderes.

Em conjunto, tudo isto forma uma imagem extraordinariamente consistente. Sabemos que João Batista era uma figura bastante respeitada e com um grande número de seguidores – uma verdadeira Igreja, de facto – mas que, apesar disso, desaparece dos registos «oficiais» após uma breve menção nos Atos dos Apóstolos. Mas este movimento tinha uma literatura própria, que foi suprimida, ainda que alguns elementos tenham sido «tomados de empréstimo» pelos Evangelhos cristãos, nomeadamente a «Natividade de João» em Lucas (ou na sua fonte) e o «cântico» de Maria, ou *Magnificat*. Mais surpreendentes são as evidências apresentadas acima de que o mito do massacre dos inocentes ordenado por Herodes, ainda que fictício, estava anteriormente associado ao nascimento de João, que Herodes temia ser o verdadeiro «Rei de Israel».

Dois outros movimentos que representavam uma grande ameaça para a emergente Igreja Cristã foram fundados por outros discípulos de João – Simão Mago e Dositeu; eram ambos seitas *gnósticas* com grande influência em Alexandria. Significativamente, o material do «Batista» que foi incorporado no Evangelho de João do Novo Testamento é também gnóstico, tal como o são os Mandeus. A conclusão óbvia é que o próprio João Batista era gnóstico.

Existem também paralelismos reveladores entre os escritos dos Mandeus, Simão Mago, o Evangelho de João e os textos gnósticos

coptas, principalmente o *Pistis Sophia*, que tem um importante papel na nossa investigação sobre Maria Madalena.[34]

Nenhuma das seitas – Mandeus, Simonianos e Dositeus – associadas a João Batista pertence à religião judaica, embora tenham todas começado na Palestina, duas delas no herético território nortenho de Samaria. E, se esses grupos não pertenciam à religião judaica, a conclusão óbvia é que também João não era judeu. Pois, ainda que o desenvolvimento de ideias gnósticas possa ser associado a outros locais e culturas – nomeadamente o Irão –, há uma clara linha de influência vinda da religião do antigo Egito. Foi aí que encontrámos os mais estreitos paralelismos com as ideias e ações de Jesus e, significativamente, os próprios Mandeus dizem remontar ao Egito a sua ancestralidade.

Apesar do estado de confusão dos seus textos, muito do que os Mandeus dizem sobre si mesmos é confirmado pelos estudiosos modernos – que estavam de início, quando muito, céticos acerca das suas alegações.

Os Mandeus afirmam que os precursores da sua seita vieram do antigo Egito, ainda que a seita propriamente dita tenha tido origem na Palestina. Não eram judeus, mas viviam lado a lado com eles. A sua seita, conhecida então como os Nazarenos, foi liderada por João Batista, mas existia já muito antes dele. Curiosamente, honram-no, mas não consideram que tenha sido algo mais do que um líder e profeta. Sofreram perseguições, primeiro dos judeus, depois dos cristãos, e foram expulsos da Palestina, empurrados cada vez mais para leste, para a sua atual e precária pátria.

A perspetiva mandeia de Jesus – de que era um mentiroso, um impostor e um feiticeiro perverso – está de acordo com a do Talmude judaico, onde é acusado de «transviar» os judeus e onde a sua sentença de morte é atribuída ao facto de ter sido condenado como ocultista.

Todas as seitas associadas a João Batista, ainda que relativamente pequenas a nível individual, formavam um movimento enorme se vistas em conjunto. Os Mandeus, os Simonianos, os

Dositeus – e possivelmente até os Cavaleiros Templários – foram implacavelmente perseguidos e reprimidos pela Igreja Católica devido ao seu conhecimento e reverência pelo Batista, deixando apenas o pequeno grupo de Mandeus no Iraque. Noutros locais, em particular na Europa, os Joanitas podem ter passado à clandestinidade, mas continuam a existir.

Nos círculos ocultos europeus, houve quem dissesse que os Cavaleiros Templários tinham obtido o seu conhecimento dos «Joanitas do Leste». Outros movimentos secretos e esotéricos, como a Maçonaria – nomeadamente as ordens que alegam descender diretamente dos Templários e também os Ritos Egípcios – e o Priorado de Sião, sempre tiveram por João Batista uma veneração especial.

Façamos uma síntese dos principais pontos desta tradição joanita:

1. Dá especial destaque ao Evangelho de João, pois dizem que guarda ensinamentos secretos dados a João Evangelista («o Discípulo Amado») por «Cristo».
2. Há uma evidente confusão entre João Evangelista (o presumível autor do Quarto Evangelho) e João Batista. Esta confusão continua a ser uma caraterística da Maçonaria convencional.
3. As «tradições secretas» referidas são especificamente gnósticas.
4. Embora alegue representar uma forma esotérica de cristianismo, que guarda os seus «ensinamentos secretos», a tradição mostra uma clara falta de respeito pelo próprio Jesus. Na melhor das hipóteses, parece vê-lo como um mero mortal, ilegítimo e tendo talvez até sofrido de ilusões de grandeza. Para os Joanitas, o termo «Cristo» não implica qualquer estatuto divino, sendo interpretado apenas como um termo de respeito – na verdade, todos os seus líderes são conhecidos como «Cristo». Assim, quando um membro de um desses

grupos se autointitula de «cristão», isso pode não querer dizer bem o que parece.

5. A tradição vê também Jesus como um adepto da escola egípcia dos mistérios de Osíris, e os segredos que transmitiu como sendo os do círculo interno osiríaco.

Na sua forma original, o Evangelho de João do Novo Testamento não era um texto sagrado do movimento de Jesus, mas sim um documento originalmente pertencente aos seguidores de João Batista. Isto explica não só o porquê da alta consideração que os Joanitas mostraram por este Evangelho mas também a confusão entre João Evangelista e João Batista. No que à tradição joanita diz respeito, contudo, esta confusão foi *deliberada*.

Não existe qualquer prova de um movimento de «Joanitas» de Leste que tenham formado uma Igreja esotérica fundada por João Evangelista. Existem, porém, indícios consideráveis da existência de uma tal Igreja inspirada por João *Batista*. Ainda hoje é representada pelos Mandeus e talvez pelos Nosairi. Existiram, sem dúvida, Mandeus noutras regiões do Médio Oriente – desconhecem-se os locais –, mas estão hoje reduzidos a pequenas comunidades no Iraque e no Irão. É mais do que possível que ainda existissem no tempo das Cruzadas, tendo, pois, podido entrar em contacto com os Templários, e é também provável que a Igreja Ocidental de João tenha passado à clandestinidade nos primeiros séculos da era cristã.

Mesmo tendo em conta o tratamento atroz que receberam dos cristãos, é difícil explicar porque continuam os Mandeus a expressar no mínimo um ódio ardente pelo próprio Jesus. É verdade que o veem como um falso Messias, que roubou os segredos do seu mestre João e os utilizou para transviar alguns dos seus próprios membros, mas, passado todo este tempo, parece inexplicável a absoluta veemência da sua hostilidade. Nem o seu historial de perseguição explica claramente o porquê de continuarem a insurgir-se com tanto fervor *pessoalmente* contra Jesus. O que pode ele ter

feito para merecer um tão constante vilipêndio durante século após século?

Capítulo Dezasseis

A GRANDE HERESIA

Sabemos que grande parte dos últimos capítulos pode ter sido um choque para muitos leitores, principalmente se não estiverem familiarizados com os estudos bíblicos recentes. Alegar que o Novo Testamento representou incorretamente o Batista como subserviente a Jesus e que o sucessor oficial de João foi o mágico sexual gnóstico Simão Mago está de tal modo em discordância com a história «tradicional» que o que sugere é uma invenção descarada. Mas, como vimos, muitos reputados estudiosos do Novo Testamento fizeram estas descobertas de forma bastante independente: nós limitámo-nos a coligi-las e a comentá-las.

A maioria dos atuais estudiosos da Bíblia está de acordo em que João Batista foi um importante líder político, cuja mensagem religiosa ameaçava desestabilizar de algum modo o *statu quo* da Palestina dessa época – e há muito que é admitido que Jesus foi uma figura similar. Mas que relação tem esta dimensão política da sua missão com o que desvendámos acerca do seu enquadramento nas escolas dos mistérios egípcias?

Importa recordar que religião e política eram uma e a mesma coisa no mundo antigo, e que qualquer indivíduo carismático e que atraísse multidões era automaticamente considerado uma ameaça política pelas autoridades. E essas mesmas multidões teriam olhado para o líder em busca de orientação, o que era provável, no mínimo, que perturbasse as autoridades. A mistura de religião e política estava exemplificada no conceito do Rei Divino, ou de César enquanto deus. No Egito, julgava-se que os faraós eram divindades a partir do momento da sua sucessão: começavam como a encarnação de Hórus – o mágico descendente de Ísis e Osíris – e, uma vez concluídos os ritos sagrados da morte, *tornavam-se* Osíris. Mesmo no tempo do Império Romano, a família reinante do Egito, a dinastia grega dos Ptolemeus – da qual Cleópatra é o membro mais conhecido –, era escrupulosa em manter a tradição do faraó-como-

deus. A Rainha do Nilo identificava-se intimamente com Ísis e era frequentemente retratada como a deusa.

Um dos conceitos mais duradouros associados a Jesus é o da sua *realeza*. «Cristo Rei» é uma expressão frequentemente utilizada pelos cristãos, alternando com o termo «Cristo Senhor», e, ainda que ambos sejam utilizados de modo simbólico, existe uma sensação generalizada de que ele era, de algum modo, da realeza – e a Bíblia está de acordo com isso.

O Novo Testamento é inequívoco neste ponto: Jesus era descendente direto do rei David, ainda que a exatidão desta afirmação não possa ser verificada. O ponto crucial é que ou o próprio Jesus acreditava ser da linhagem real ou queria que os seus seguidores acreditassem nisso. Seja como for, não existem dúvidas de que Jesus afirmava ser o legítimo rei de toda a Israel.

À primeira vista, isto parece contradizer a nossa ideia de que Jesus era da religião egípcia – pois porque haveriam os judeus de ouvir sequer um pregador não judeu, quanto mais aceitá-lo como seu legítimo rei? Como vimos no Capítulo Treze, muitos dos seguidores de Jesus pareciam achar que ele era judeu: era provavelmente uma parte essencial do seu plano. Mas permanece a questão – porque haveria ele de querer ser rei dos judeus? Se estivermos certos e se o que ele queria era restaurar o que acreditava ser a religião original do povo de Israel, e trazer de volta ao feroz patriarcado a deusa perdida do Templo de Salomão, que melhor forma de o fazer do que implantar-se nos corações e mentes das massas como seu legítimo líder?

Jesus queria poder político; talvez isto explique o que esperava alcançar sujeitando-se ao rito iniciático da Crucifixão e da subsequente «Ressurreição» através da intervenção da sua sacerdotisa e parceira no casamento sagrado, Maria Madalena. Pode ter realmente acreditado que, «morrendo» e ressuscitando, tornar-se-ia – à maneira intemporal dos faraós – no próprio deus-rei Osíris. Enquanto imortal divinizado, Jesus teria então um poder temporal ilimitado. Mas algo correu obviamente muito mal.

Enquanto exercício de angariação de poder, a Crucifixão foi, no fundo, um fracasso, e o esperado afluxo de energia mágica não se terá provavelmente materializado. Como vimos, estudiosos como Hugh Schonfield sugerem que é muito improvável que Jesus tenha perecido na cruz ou em resultado direto dos seus tormentos. Mas parece ter sido derrubado ou incapacitado de alguma forma, pois não só o grande impulso de poder político não se materializou como a Madalena saiu do país, acabando eventualmente por chegar a França. Pode-se especular que sem Jesus – o seu protetor – se viu subitamente ameaçada pelos seus velhos adversários, Simão Pedro e respetivos aliados.

A ideia de que quaisquer judeus tivessem estado recetivos a um líder não judaico parece, à primeira vista, improvável. Mas este cenário não é impossível – *pois aconteceu realmente*.

Em *A Guerra dos Judeus*, Josefo regista que, cerca de 20 anos após a Crucifixão, uma figura que ficou conhecida para a história apenas como «o Egípcio» entrou na Judeia e reuniu um grande exército de judeus a fim de derrubar os romanos. Referindo-se-lhe como «um falso profeta», Josefo diz assim:

> Ao chegar ao país, este homem, uma fraude que se fazia passar por profeta, reuniu cerca de 30 000 tolos, conduziu-os pelo território selvagem até ao Monte das Oliveiras e, a partir daí, estava pronto para forçar a entrada em Jerusalém, subjugar as tropas romanas e apoderar-se do poder supremo com os seus companheiros invasores como guarda-costas.[1]

Este exército foi derrotado pelos romanos sob o comando de Félix (sucessor de Pilatos como governador), ainda que o Egípcio tenha escapado e desaparecido por completo da história.

Apesar de existirem colónias judaicas no Egito, pelo que este arrivista estrangeiro pode ter sido um judeu, este episódio continua a ser elucidativo, pois alguém que era pelo menos entendido como egípcio conseguiu reunir um número substancial de judeus na sua própria pátria. Outras provas, contudo, sugerem que este líder não era judeu: a mesma figura é referida nos Atos dos Apóstolos

(21:38). Paulo acaba de ser salvo da multidão no Templo em Jerusalém e colocado sob «custódia protetora» pelos romanos, que não estão claramente seguros da sua identidade. O capitão da guarda coloca-lhe esta questão:

> Não és tu aquele Egípcio que, há uns dias, provocou um tumulto e conduziu para o deserto 4000 homens[2] que eram assassinos?

Paulo responde: «Sou um *judeu* de Tarso…»

Este episódio levanta algumas questões interessantes: porque haveria um egípcio de se dar ao trabalho de liderar uma revolta palestiniana contra os romanos? E, talvez mais pertinente ainda, porque haveriam os romanos de associar Paulo – um pregador cristão – a este agitador egípcio? O que poderiam eles ter em comum? Depois, há outro aspeto significativo: a palavra traduzida como «assassinos» na versão do Rei Jaime é na verdade *sicarii*[3], que era o nome dos mais militantes nacionalistas judeus, conhecidos pelas suas táticas terroristas. O facto de terem sido capazes de se reunir atrás de um estrangeiro nesta ocasião demonstra que é possível que tivessem feito o mesmo no caso de Jesus.

A nossa investigação sobre Maria Madalena e João Batista fez incidir uma nova luz sobre Jesus. Entendemo-lo agora como radicalmente diferente do Cristo tradicional. Parecem existir duas vertentes principais na massa de informação a seu respeito que veio à superfície: uma que o liga a um contexto não judaico e especificamente egípcio, e outra em que é visto como rival de João. Que imagem se forma se combinarmos as duas?

Os Evangelhos têm um grande cuidado em apresentar um Jesus que era literalmente divino; assim, todos – incluindo João – lhe eram espiritualmente inferiores. Mas, assim que vemos isto como mera propaganda, a história começa finalmente a encaixar. A primeira grande diferença da história geralmente aceite sobre Jesus é que, preconceitos à parte, ele não foi marcado desde o início como o Filho de Deus, nem o seu nascimento acompanhado por hostes

angelicais. Na verdade, a história da sua miraculosa Natividade é, em parte, puro mito, tendo a outra parte sido «retirada» da (igualmente mítica) história do nascimento de João.

Os Evangelhos dizem que a carreira de Jesus começou quando João o batizou, tendo os seus primeiros discípulos sido recrutados de entre os seguidores do Batista. E é também como discípulo de João que Jesus aparece nos textos mandeus.

É, porém, muito provável que Jesus fosse membro do círculo *interno* do Batista – e, ainda que a proclamação de Jesus como o Messias esperado nunca tenha sido feita por João, a história pode demonstrar um verdadeiro louvor da sua parte. Existe até a possibilidade de, durante algum tempo, ele ter realmente sido o seu herdeiro aparente, mas algo de muito grave aconteceu que levou João a pensar duas vezes e a nomear antes Simão Mago.

Parece ter existido de facto um movimento dissidente no seio do grupo de João: possivelmente, foi o próprio Jesus quem liderou o cisma. Os Evangelhos registam antagonismo entre os dois conjuntos de discípulos e sabemos que o movimento de João continuou a existir após a sua morte, independentemente do culto de Jesus. Houve certamente algum tipo de grande disputa ou luta pelo poder entre os dois líderes e os seus seguidores: vejam-se as dúvidas de João, quando na prisão, acerca de Jesus.

Existem dois cenários possíveis. O cisma pode ter acontecido antes da prisão de João e ter sido uma separação limpa. Isto é insinuado no Evangelho de João (3:22-36), mas não nos outros (que se concentram apenas em Jesus após o seu batismo). Alternativamente, após a prisão de João, Jesus pode ter tentado assumir a liderança – por iniciativa própria ou como legítimo braço-direito de João. Mas, por algum motivo, não foi aceite por todos os seus seguidores.

Como vimos, Jesus parece ter tido motivações complexas, mas parece inegável que encenou conscientemente dois grandes dramas político-religiosos, um esotérico e outro exotérico – respetivamente as histórias de Osíris e o profetizado papel do

Messias judaico. O seu ministério sugere uma estratégia definida, que foi levada a cabo em três fases principais: primeiro, atraindo as massas através da realização de milagres e curas; depois, após terem começado a segui-lo, fazendo discursos em que lhes prometia uma Era Dourada (o «Reino dos Céus») e uma vida melhor; e, finalmente, levando-as a reconhecê-lo como o Messias. Dada a hipersensibilidade das autoridades relativamente a potenciais subversivos, teve, sem dúvida, de deixar implícita a sua pretensão à messianidade em vez de a afirmar abertamente.

Hoje em dia, muitas pessoas aceitam que Jesus tinha uma agenda política, mas continua a ser vista como secundária aos seus ensinamentos. Entendemos que precisávamos de comparar a nossa hipótese sobre o seu caráter e ambições com o contexto do que ele pregava. A crença de que defendia um sistema ético coerente baseado na compaixão e no amor é de tal modo generalizada que é tomada como garantida. Para praticamente todos da maioria das religiões, Jesus é a epítome da gentileza e da bondade. Hoje em dia, mesmo que não seja entendido como o Filho de Deus, é visto, ainda assim, como um pacifista, um defensor dos proscritos e um amigo das crianças. Para os cristãos, e também para a grande maioria dos não cristãos, Jesus é entendido como tendo sido praticamente a pessoa que *inventou* a compaixão, o amor e o altruísmo. Não é, contudo, nitidamente assim: como é óbvio, sempre existiram boas pessoas em todas as culturas e religiões, mas a religião isíaca desse período dava especificamente grande destaque à responsabilidade e moralidade pessoais, à defesa dos valores familiares e ao respeito por todas as pessoas.

Uma análise objetiva às histórias dos Evangelhos revela algo muito diferente do consistente mestre moral que se julga que Jesus terá sido. Ainda que os Evangelhos sejam efetivamente propaganda a favor de Jesus, a imagem que traçam do homem e dos seus ensinamentos é inconsistente e evasiva.

Em poucas palavras, os ensinamentos de Jesus tal como são apresentados no Novo Testamento são contraditórios. Por um lado,

diz, por exemplo, aos seus seguidores para «darem a outra face» e perdoarem os seus inimigos, bem como para entregarem todos os seus bens ao ladrão que lhes rouba alguns[4]; mas, por outro, diz isto: «Não vim trazer a paz, mas a espada.»[5] Defende o mandamento de «honrar pai e mãe»,[6] mas diz também o seguinte:

> Se algum homem vier a mim e não odiar o seu pai e a sua mãe, e a sua esposa, filhos, irmãos e irmãs, e também a própria vida, não pode ser meu discípulo.[7]

Os seus seguidores podem ter sido instados a odiar as suas próprias vidas, mas ao mesmo tempo é-lhes dito para amarem o próximo *como a si mesmos*.

Os teólogos tentam explicar essas discrepâncias alegando que algumas das frases se destinam a ser interpretadas de forma literal, mas outras são metafóricas. O problema disto, contudo, é que a teologia foi inventada para lidar com essas contradições. Os teólogos cristãos partem do pressuposto de que Jesus era Deus. Eis um exemplo paradigmático de raciocínio circular: para eles, tudo o que Jesus diz tem de estar certo porque foi ele que o disse, e disse-o porque estava certo. Mas se Jesus não tiver sido Deus encarnado, a teoria cai por terra, e as flagrantes contradições nas palavras que lhe são atribuídas podem ser vistas à dura luz do dia.

Hoje em dia, os cristãos tendem a achar que a imagem de Jesus se manteve inalterada durante dois mil anos. Na verdade, a forma como é visto agora é muito diferente da perceção que dele se tinha há apenas dois séculos, quando a ênfase era dada ao seu papel de juiz severo. Muda de era para era e de lugar para lugar. Jesus enquanto juiz foi o conceito por detrás de atrocidades como a Cruzada dos Cátaros e os Julgamentos das Bruxas, mas desde o período vitoriano que passou a ser o «doce Jesus, manso e dócil». Imagens tão contraditórias são possíveis porque os seus ensinamentos, tal como são apresentados nos Evangelhos, pretendem agradar a todos.

Curiosamente, esta grande nebulosidade pode conter de facto a chave para o entendimento das palavras de Jesus. Os teólogos

tendem a esquecer-se de que ele estava a dirigir-se a pessoas reais e a viver num ambiente político real. Os seus discursos pacifistas, por exemplo, podem ter sido uma tentativa de dissipar as suspeitas das autoridades sobre o seu potencial subversivo. Devido à agitação da época, as suas manifestações teriam incluído informadores e tinha de ter cuidado com o que dizia.[8] (Afinal, João tinha sido preso devido a suspeitas de que poderia ter liderado uma rebelião.) Jesus precisava de ter muito cuidado: por um lado, tinha de consolidar o apoio popular, mas, por outro, tinha de parecer não representar qualquer ameaça ao *statu quo* – até estar preparado.

É sempre importante compreender o *contexto* de qualquer observação feita por Jesus. A frase «Deixai vir a mim as criancinhas»,[9] por exemplo, é quase universalmente interpretada como sendo uma bela representação da sua afabilidade, disponibilidade e amor pelos inocentes. Deixando de parte o facto de que os políticos astutos sempre beijaram bebés, importa recordar que Jesus gostava de escarnecer das convenções – andava acompanhado por mulheres de moral duvidosa e até mesmo por cobradores de impostos. Quando os discípulos tentaram manter afastadas as mães com os seus filhos, Jesus interveio imediatamente e disse-lhes para avançarem. Isto pode ter sido outro exemplo do seu prazer em quebrar convenções, ou mostrar simplesmente aos discípulos quem mandava.

De igual modo, quando Jesus diz isto sobre as crianças:

> Àquele que ofender um só destes pequeninos que creem em mim, mais lhe valeria que lhe pendurassem ao pescoço uma mó e o atirassem ao mar.[10]

A maioria das pessoas lê isto como uma afirmação do seu amor ou do amor de Deus pelas crianças. Mas poucas pessoas reparam no qualificativo – «*que creem em mim*». Nem todas as crianças são dignas deste amor, só as que pertencem aos *seus seguidores*. Na verdade, está a jogar com a insignificância das crianças, dizendo efetivamente que «até uma criança que me segue é importante». A ênfase não está nos pequeninos, está na sua própria importância.

Como vimos com o Pai Nosso, as mais conhecidas – e amadas – palavras de Jesus são também, ironicamente, as mais questionáveis. «Pai nosso que estais no Céu» não foi uma formulação que tivesse sido inventada por Jesus: parece que João Batista também a utilizava nessa altura e, em todo o caso, teve origem nas orações a Osíris-Ámon. O mesmo se aplica ao Sermão da Montanha – como diz Bamber Gascoigne em *The Christians*: «Nada no Sermão da Montanha é um exclusivo original de Cristo».[11] Vemos uma vez mais que Jesus diz palavras originalmente atribuídas a João Batista. No Evangelho de Mateus (3:10), por exemplo, João diz assim: «… toda a árvore que não dá bom fruto é cortada e lançada ao fogo». Depois, numa fase posterior do mesmo Evangelho (8:19-20), no Sermão da Montanha, Jesus repete esta metáfora palavra por palavra, acrescentando: «Pelos seus frutos, pois, os conhecereis.»

Ainda que seja improvável que Jesus tenha feito um único discurso que fosse o que conhecemos hoje como Sermão da Montanha, é provável que este representasse os pontos-chave dos seus ensinamentos – tal como os autores dos Evangelhos os entendiam. Embora pelo menos uma dessas vertentes fosse já reconhecida como pertencente à mensagem de João, o Sermão é, sem dúvida, complexo: inclui afirmações éticas, espirituais e até mesmo políticas, pelo que justifica uma análise mais atenta.

Os indícios de que Jesus tinha uma agenda política são excecionalmente fortes. Uma vez entendido isto, muitas das suas máximas mais evasivas começam a encaixar. O Sermão da Montanha parece consistir numa série de afirmações de uma só frase, que são particularmente reconfortantes devido à autoridade com que foram proferidas, como «Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus». Os cínicos, contudo, podem ver nelas apenas uma série de banalidades ou de promessas bastante absurdas. («Bem-aventurados os mansos, pois herdarão a terra.») Afinal, todos os revolucionários da história tentaram tornar-se populares junto da gente comum apelando sobretudo aos

insatisfeitos e despojados, tal como hoje em dia um político poderá fazer promessas aos desempregados. Isto encaixa na sua agenda como um todo: os seus repetidos ataques aos ricos são parte essencial do seu apelo ao apoio popular, uma vez que os ricos são sempre um foco de descontentamento.

Não deixa de ser verdade que as palavras de Jesus – «amai os vossos inimigos/bem-aventurados os pacificadores/bem-aventurados os misericordiosos» – parecem ser as de um homem genuinamente compassivo, afetuoso e amável. Fosse ou não o Filho de Deus, parece ter encarnado um espírito notável. Se parecemos expressar algum cinismo sobre o homem e os seus motivos, fazemo-lo apenas porque acreditamos que as evidências sugerem que isso se justifica. Para começar, como vimos, as palavras de Jesus – pelo menos tal como são relatadas nos Evangelhos – eram frequentemente ambíguas e às vezes claramente contraditórias, sendo por vezes demonstrável que tiveram origem em João Batista.

Poder-se-á, ainda assim, pensar que as nossas próprias sugestões são contraditórias: questionando, por um lado, os motivos de Jesus e até a sua integridade, enquanto, por outro, o alinhamos firmemente com o afável e compassivo culto a Ísis. Mas não existe nisto qualquer contradição: ao longo de toda a história, homens e mulheres foram atraídos para uma série de diferentes religiões ou sistemas políticos aos quais se converteram fervorosamente, só para, numa fase posterior, os utilizarem para promover as suas próprias causas, convencendo-se até, talvez, a si mesmos de que tinham apenas em vista os melhores interesses da organização. Tal como a história demonstrou que o cristianismo – que proclama ser *a* religião do amor e da compaixão – produziu filhos e filhas que levaram vidas pouco exemplares, assim também a religião isíaca se viu a braços com as depredações da natureza humana ao longo dos anos.

Jesus era então um mágico milagreiro que atraía as multidões porque as *entretinha*. Expulsar demónios deve ter sido espetacular e garantia que o exorcista era falado durante meses após ter saído da

aldeia. Tendo obtido a atenção das multidões, Jesus começou a ensiná-las, a fim de se promover como o Messias.

Mas, como vimos, Jesus começou como discípulo de João, o que nos leva à questão: teria o Batista as mesmas ambições? Infelizmente, dada a escassa informação disponível, é impossível fazer mais do que especular. E, ainda que a imagem que temos de João dificilmente seja a de um mundano lutador político, a nossa conceção dessa figura friamente reta vem das páginas da propaganda do movimento de Jesus – os Evangelhos do Novo Testamento. Por um lado, Herodes Antipas mandou prender João (segundo a versão mais fiável de Josefo) por o considerar potencialmente subversivo, mas isto pode ter sido mais uma jogada preventiva do que uma reação a algo efetivamente dito ou feito. Por outro, os seguidores de João, incluindo os Mandeus, não parecem reconhecer quaisquer ambições políticas da parte do seu líder, mas isto pode ter-se devido ao facto de ele ter sido preso antes de poder mostrar o seu plano – ou simplesmente por não terem conhecimento dos seus motivos secretos.

O acontecimento que assinala o momento em que Jesus entrou em ação parece ter sido a Alimentação dos Cinco Mil. Os Evangelhos retratam-no apenas como uma espécie de piquenique milagroso, com o seu anfitrião a espantar as pessoas com a multiplicação de uma parca reserva de cinco pães de cevada e dois pequenos peixes a fim de os alimentar a todos, mas a história teve na altura um profundo significado que se perdeu: primeiro, o milagre é totalmente diferente de quaisquer outros atribuídos a Jesus – os outros, que se destinavam ao público em geral, envolviam todos algum tipo de cura. Em segundo lugar, os próprios Evangelhos sugerem que há neste acontecimento algo de significativo que nem eles compreendem. O próprio Jesus reforça isto ao dizer misteriosamente assim: «Procurais-me, não porque vistes os sinais, mas porque comestes dos pães.»[12] No Evangelho de Marcos, pelo menos, ninguém fica espantado com o acontecimento. Como diz A.N. Wilson:

> O milagre ou sinal foca-se na alimentação e não na multiplicação do pão. Na verdade, é visível que no relato de Marcos ninguém expressa o mais ínfimo espanto ante este incidente. Quando Jesus purifica um leproso ou cura um cego, basta geralmente esse acontecimento para «espantar» ou «assombrar» todos quantos ouvem falar nele. Não existe qualquer espanto em Marcos.[13]

A importância da alimentação da multidão não estava na sua natureza paranormal. É possível que os autores dos Evangelhos tenham inventado a parte milagrosa da história por saberem que, por alguma razão, tinham de a fazer sobressair, mas não sabiam bem porquê.

O ponto essencial é que, segundo os Evangelhos, estavam lá cinco mil *homens* – pode ter havido também um número não especificado de mulheres e crianças, mas são irrelevantes para esta história em particular.[14] O relato pode referir-se inicialmente a cinco mil *pessoas*, mas especifica mais tarde que era uma multidão de *homens*. Há nisto uma importância especial: é salientado que Jesus fez com que todos se sentassem juntos. Como diz A.N. Wilson:

> Fazei os homens sentar-se! Fazei os Essénios sentar-se! Fazei os Fariseus sentar-se! Fazei Iscariotes sentar-se… e fazei Simão, o Zelota, sentar-se, com o seu patriótico bando de guerrilheiros terroristas! Sentai-vos, homens de Israel![15]

Efetivamente, Jesus estava a fazer com que as fações até então em guerra se sentassem pacificamente e tomassem juntas uma refeição ritual. Como alega A.N. Wilson, parece ter sido literalmente uma assembleia de clãs – uma enorme reunião de velhos inimigos, pelo menos temporariamente unidos por Jesus, o antigo discípulo de João Batista.

A própria linguagem utilizada por Marcos (6:39-40) é altamente sugestiva de um evento militar:

> E ordenou [aos discípulos] que fizessem com que todos se sentassem por companhias na erva verde. E eles sentaram-se

em fileiras de cem e de cinquenta.

Segundo o Evangelho de João (6:15), foi em resultado direto dos «pães» que as pessoas quiseram que Jesus fosse rei. Foi nitidamente um grande acontecimento, mas parece ter mais do que apenas o significado óbvio – pois ocorre *imediatamente* após a decapitação de João. Como diz a história em Mateus (14:13):

> Quando Jesus soube [da morte de João], partiu dali num barco para um lugar ermo e afastado: e, quando o povo soube disso, seguiu-o a pé a partir das cidades.

Jesus pode ter-se sentido de tal modo dominado pela dor ao saber da morte de João que necessitou da paz do deserto, que não tardaria, infelizmente, a ser estilhaçada pela chegada de uma horda de pessoas que queriam ouvi-lo pregar. Talvez precisassem que lhes fosse assegurado que os ideais de João não estavam mortos e que a sua continuidade estava garantida através de Jesus.

Seja como for, a morte de João foi muito significativa para Jesus. Preparou o caminho para ele se tornar no líder do grupo e ficar possivelmente ao leme de todo o povo. É provável que tivesse já assumido o controlo do movimento de João após a sua detenção e, quando as pessoas souberam da subsequente execução do Batista, apressaram-se a seguir o seu braço-direito – Jesus.

Existem muitas perguntas sem resposta acerca de todo o episódio do encarceramento de João; mais uma vez, parece que os Evangelhos nos estão a esconder alguma coisa. Dizem que o motivo para a detenção de João foi ter falado contra o casamento ilegal de Herodes com Herodíade, enquanto o relato de Josefo afirma que João foi preso por ser visto como uma potencial ou efetiva ameaça ao domínio de Herodes. Josefo não dá quaisquer pormenores sobre as circunstâncias da morte do Batista ou a forma como foi executado. Depois, há a aparentemente súbita mudança de ideias por parte de João acerca da messianidade de Jesus: talvez tenha ouvido algo sobre ele enquanto estava na prisão que lançou dúvidas a esse respeito. E, como vimos, existe algo de claramente insatisfatório nos motivos apresentados para a morte de

João: de acordo com os Evangelhos, Herodes foi *enganado* por Herodíade a fim de mandar matar o Batista, com Salomé como intermediária.

Existem vários problemas na história dos Evangelhos sobre a morte de João. É-nos dito que Salomé, agindo segundo as instruções de sua mãe, Herodíade, pede a Herodes a cabeça de João Batista – e ele acede, ainda que com relutância. Trata-se de um cenário extremamente improvável: dado o que hoje se sabe sobre a extensão da popularidade de João, Herodes dificilmente teria sido insensato ao ponto de o ter mandado matar por um tão perverso capricho. João Batista pode ter sido uma ameaça estando vivo, mas seria de pensar que se teria tornado um perigo muito maior como mártir. Herodes pode, claro, ter achado que valia a pena correr o risco e ter exercido a sua autoridade, por maior que fosse o número de seguidores do Batista. A ser assim, teria mandado executar João inequivocamente por sua própria ordem: não teria decerto tomado medidas sobre um tão grave assunto só para manter feliz a sua sádica enteada. Dadas as circunstâncias, parece estranho que não tenha havido tumultos civis em grande escala, ou até uma insurreição. Como vimos, Josefo regista que o povo atribuiu a esmagadora derrota sofrida pouco depois pelo exército de Herodes a uma vingança divina pela morte de João, o que revela, no mínimo, que a tragédia teve um impacto forte e duradouro.

Não houve, contudo, qualquer insurreição. Em vez disso, quaisquer tensões foram dissipadas por Jesus, que, tal como vimos, presidiu imediatamente à Alimentação dos Cinco Mil. Terá acalmado o povo? Terá conseguido confortá-lo pela morte do seu amado Batista? Pode muito bem tê-lo feito, mas não existe nos Evangelhos qualquer referência a tal. É, no entanto, evidente que muitos dos discípulos de João entenderam que Jesus tinha assumido o papel do seu líder morto.

Faz, pois, pouco sentido a versão dos autores dos Evangelhos da morte deste. Porque haveriam de sentir que era necessário inventar uma história tão retorcida? Afinal, se a sua intenção era

simplesmente desvalorizar a dimensão dos seguidores do Batista, podiam ter transformado a sua morte no primeiro martírio cristão. Na realidade, descrevem-na como o resultado de uma sórdida intriga palaciana – Herodes dá-se por satisfeito por ter mandado aprisionar João, por isso tem de ser enganado a fim de o mandar matar. Mas porque haveriam de se esforçar tanto para garantir que Herodes sai da história como um homem decente levado por mulheres intriguistas a ordenar um ato terrível? Parece, pois, que houvera *mesmo* uma intriga palaciana a envolver esta morte, e que era demasiado conhecida para os autores dos Evangelhos a poderem ignorar. Mas, ao rescrever a história de modo a servir os seus próprios fins, criaram inadvertidamente um disparate.

Herodes Antipas não beneficiou em nada com a morte de João – o facto de ter falado contra o seu casamento era já provavelmente do conhecimento geral e o mal estava feito. Quando muito, verificou-se o contrário: a morte do Batista tornou a situação mais difícil para ele.

Quem beneficiou então com a morte de João? Segundo a teóloga australiana Barbara Thiering, circularam rumores, na altura, de que a culpa seria da fação de Jesus.[16] Por mais chocante que isto possa inicialmente parecer, nenhum outro grupo conhecido teria beneficiado mais com a remoção de João Batista. Basta esta razão para que os apoiantes de Jesus não devam ser ignorados, se – tal como suspeitamos – esta morte foi, na verdade, um assassinato astuciosamente arquitetado. Afinal, conhecemos a identidade do líder rival sobre o qual ele decidiu lançar dúvidas a partir da prisão, no que foi possivelmente o último discurso público que fez.

Mas uma coisa é albergar suspeitas e outra completamente diferente é encontrar provas que as sustentem. Após a passagem de dois mil anos, é, claro, impossível encontrar pistas frescas e diretas quanto à veracidade desta matéria, mas continua a ser possível desvendar um enquadramento de provas circunstanciais que nos fazem certamente parar para pensar. Afinal, como vimos, devem ter existido razões específicas para a tradição joanita, para a

frieza – na melhor das hipóteses – dos hereges em relação a Jesus e, no limite mais extremo, para a hostilidade ativa dos Mandeus para com ele. As razões têm de estar nas circunstâncias que rodeiam a morte de João.

Curiosamente, ainda que este deva ser um dos episódios mais conhecidos de todo o Novo Testamento, só sabemos o nome da filha de Herodíade – Salomé – graças a Josefo. Os autores dos Evangelhos evitam cuidadosamente referi-lo de todo, embora registem os nomes de todos os outros grandes intervenientes no episódio. Será possível que estivessem a ocultar deliberadamente o seu nome?

Jesus tinha uma discípula chamada Salomé. Mas, apesar de ser referida como uma das mulheres que estiveram aos pés da cruz e foram com a Madalena ao túmulo no Evangelho de Marcos, nos de Lucas e Mateus – que utilizaram Marcos como fonte – ela desaparece misteriosamente. Além disso, vimos anteriormente a curiosa omissão do aparentemente inócuo episódio no Evangelho de Marcos, que é revelada em *The Secret Gospel*, de Morton Smith:

> Foi então a Jericó. E a irmã do jovem amado por Jesus estava lá com a sua mãe e Salomé, mas Jesus não as recebeu.

Ao contrário da eliminação da ressurreição de Lázaro, não existe qualquer motivo óbvio para a remoção deste incidente. Parece, pois, que os autores dos Evangelhos tinham as suas próprias razões para não nos deixarem saber de Salomé. (Esta surge, porém, no *Evangelho de Tomé* – um dos textos de Nag Hammadi –, onde se deita num divã com Jesus,[17] no de resto perdido *Evangelho dos Egípcios*[18] e no *Pistis Sophia*, onde é retratada como discípula e catequista de Jesus.) É verdade que Salomé era um nome comum, mas o próprio facto de ter sido suficientemente importante para ser tão cuidadosamente removida pelos autores dos Evangelhos tem, na verdade, o efeito de atrair a nossa atenção para a Salomé que seguiu Jesus.

João Batista tornara-se decerto um embaraço para o movimento dissidente de Jesus. Mesmo encarcerado, conseguiu ainda dar voz

às suas dúvidas sobre o estatuto do seu antigo discípulo – que eram claramente tão preocupantes que, tal como vimos, o seu sucessor oficial não foi Jesus, mas sim Simão Mago. E então este carismático profeta, com o seu considerável número de seguidores, é, dizem-nos, executado por capricho pela família de Herodes, que não pode ter sido assim tão ingénuo ao ponto de subestimar a possível reação do povo.

Como vimos, estudiosos como Hugh Schonfield defenderam de forma convincente a existência de um obscuro grupo que parece ter facilitado a missão de Jesus – e que pode ter considerado prudente eliminar o Batista de forma permanente. A história está repleta de casos de mortes convenientes, como as de Dagoberto II e Thomas Becket, que, de uma penada, removeram tanto a dissidência como o derradeiro obstáculo às ambições do novo regime. Talvez a execução de João se enquadre nessa categoria. Pode este grupo ter decidido que era tempo de retirar de cena o grande rival de Jesus? Claro que o próprio Jesus pode não ter tido conhecimento prévio do crime cometido em seu benefício, tal como Henrique II nunca pretendeu que os seus cavaleiros matassem o arcebispo Thomas Becket.

O grupo por trás de Jesus parece ter sido rico e influente, pelo que podem muito bem ter tido contactos no interior do palácio de Herodes. Sabemos que isto não é impossível, pois até os seguidores imediatos de Jesus tinham pelo menos um contacto conhecido no interior do palácio: os Evangelhos dizem que a sua discípula Joana era a esposa de Cusa, mordomo de Herodes.[19]

Seja qual for a verdade dos factos, o que é certo é que havia *algo* de gravemente errado na relação entre o Batista e Jesus, algo em que os hereges acreditaram durante séculos e que os estudiosos começam finalmente a reconhecer, ainda que apenas no facto de que eram rivais. No mínimo dos mínimos, a antipatia dos hereges por Jesus pode basear-se na ideia de ele não ter passado de um oportunista sem escrúpulos que explorou a morte de João para seu próprio benefício, apoderando-se do movimento com uma pressa

indecente – principalmente se o legítimo sucessor de João fosse realmente Simão Mago. Talvez o mistério que rodeia a morte de João nos proporcione a chave para a de outro modo inexplicável ênfase em venerar o Batista acima de Jesus entre os grupos que discutimos ao longo de toda esta investigação.

Como vimos, os Mandeus consideram João como o «Rei da Luz», vilipendiando ao mesmo tempo Jesus como um falso profeta que transviou o povo – a mesma forma como é retratado no Talmude, onde é também descrito como um feiticeiro. Outros grupos, como os Templários, adotaram uma perspetiva aparentemente menos extremada, mas, apesar disso, veneravam João acima de Jesus. Isto encontrou suma expressão n' *A Virgem dos Rochedos* de Leonardo, e é reforçado por vários elementos nas outras obras que discutimos no Capítulo Um.

Quando reparámos pela primeira vez na obsessão de Leonardo pela supremacia de João Batista, perguntámo-nos se seria apenas um capricho da sua parte. Mas, após termos vasculhado a enorme quantidade de indícios da existência de um mais vasto culto a João, tivemos de concluir não só que esse culto existia, mas também que sempre existira paralelamente à Igreja, mantendo o seu segredo a salvo. A Igreja de João assumiu muitos rostos ao longo dos séculos, como o dos monges-guerreiros de outrora e o seu braço político, o Priorado de Sião. Muitos adoravam secretamente João enquanto faziam vénias a «Cristo» – como vimos, o Priorado, que dá aos seus Grão-Mestres o título de «João», começou a sua tradição com «Jean II». Pierre Plantard de Saint-Clair explica isto com o que parece ser um *non sequitur*: «João I» está reservado a Cristo.

Claro que apresentar uma defesa sólida da existência de grupos que *acreditavam* que Jesus era um falso profeta, ou que teve até mão no homicídio de João Batista, não é de todo a mesma coisa que provar que estas coisas foram efetivamente assim. O que é certo é que as duas Igrejas existiram lado a lado durante dois mil anos: a Igreja de Pedro, que apresenta Jesus não só como o homem perfeito, mas também como Deus encarnado; e a Igreja de

João, que vê Jesus como basicamente o contrário. É possível que nenhuma das duas tenha o monopólio da verdade e que o que vemos refletido nestas fações opostas seja apenas a continuidade da velha contenda entre os discípulos dos dois mestres.

O próprio facto, contudo, de existir uma tradição como a Igreja de João alega forçosamente que é mais do que tempo de fazer uma reavaliação radical das personalidades, papéis e legados de João Batista e Jesus «Cristo». Mas há muito mais do que isso em jogo aqui.

Se a Igreja de Jesus assenta na verdade absoluta, então a Igreja de João baseia-se numa mentira. Mas se invertermos os papéis, aquilo com que nos deparamos é a *possibilidade* de uma das mais terríveis injustiças da história. Não queremos com isto dizer que a nossa cultura tenha vindo a adorar o Cristo errado, pois não existem indícios de que João tenha procurado esse papel, ou de que ele tenha sequer existido, nos termos em que o entendemos hoje, até Paulo o ter inventado para Jesus. Mas, seja como for, João foi morto pelos seus princípios, e nós acreditamos que estes brotaram diretamente da tradição de onde tomou o ritual do batismo. Era a antiga religião da *gnose* pessoal, ou *iluminação*, a transformação espiritual do indivíduo – os mistérios do culto de Ísis e Osíris.

Jesus, João Batista e Maria Madalena pregavam essencialmente a mesma mensagem – mas, ironicamente, não era a que a maioria das pessoas julga. Este grupo do século I levou para a Palestina a sua forma de intensa consciência gnóstica do Divino, batizando aqueles que procuravam obter para si este conhecimento místico – iniciando-os na antiga tradição *oculta*. Também Simão Mago e Helena fizeram parte deste movimento, sendo a sua magia e milagres, tal como os associados a Jesus, uma parte intrínseca das suas práticas religiosas. O ritual era essencial para este movimento, desde o primeiro batismo à representação dos mistérios egípcios. Mas a suprema iniciação vinha através do êxtase sexual.

Nenhuma religião garante, contudo, a superioridade moral ou ética, independentemente do que possa professar. A natureza

humana intromete-se sempre, criando o seu próprio sistema híbrido ou, nalguns casos, transformando a religião num culto da personalidade. Este movimento pode ter sido essencialmente isíaco, com toda a ênfase no amor e na tolerância que essa religião procurava instilar, mas mesmo na sua terra natal, o Egito, houve muitos casos registados de corrupção entre os sacerdotes e sacerdotisas. E, nos turbulentos dias da Palestina do século I, em que os homens procuravam fervorosamente um Messias, a mensagem ficou enredada numa vaga de ambição pessoal. Como sempre, quanto maiores os riscos, mais provável é que haja abusos de poder.

As conclusões e implicações desta investigação serão novas para a maioria dos leitores, e chocantes para muitos, sem dúvida. Mas, tal como esperamos ter demonstrado, estes achados surgiram passo a passo à medida que examinávamos as provas. Em muitos casos, houve o que será para muitos uma quantidade surpreendente de apoio vinda dos estudos modernos. E, no fim de contas, a imagem que emerge é, no mínimo, muito diferente daquela com que estamos familiarizados.

Este novo retrato das origens do cristianismo e do homem em cujo nome a religião foi fundada traz consigo implicações incrivelmente abrangentes. E, ainda que estas implicações possam ser novas para a maioria das pessoas, são reconhecidas há séculos por um estrato particularmente tenaz da sociedade ocidental. É estranhamente perturbador pensar, ainda que apenas por um momento, na possibilidade de os hereges terem estado certos.

Capítulo Dezassete

SAÍDOS DO EGITO

Dois mil anos após Jesus, João e Maria terem vivido as suas estranhamente significativas vidas num longínquo recanto do Império Romano, milhões de pessoas continuam ainda a acreditar na história tal como é contada nos Evangelhos. Para elas, Jesus era o Filho de Deus e de uma virgem, que por acaso encarnou como um judeu, João Batista era o seu percursor espiritualmente inferior e Maria Madalena era uma mulher de reputação duvidosa a quem Jesus curou e converteu.

A nossa investigação, contudo, revelou que o cenário era muito diferente. Jesus não era o Filho de Deus, nem da religião judaica – embora possa ter sido etnicamente judeu. As evidências indicam que terá pregado uma mensagem estrangeira na terra onde montou a sua campanha e deu início à sua missão. Os seus contemporâneos viam-no certamente como um adepto da magia egípcia, perspetiva essa que é também expressa no Talmude judaico.

Podem ter sido apenas rumores maliciosos, mas vários estudiosos, nomeadamente Morton Smith, estão de acordo quanto a os milagres de Jesus serem parte integrante do típico repertório de um mágico egípcio. Além disso, este foi de facto entregue a Pilatos com palavras que diziam que era «um malfeitor» – o que, na lei romana, significava especificamente ser um feiticeiro.

João não reconhecia Jesus como o Messias. Pode muito bem tê-lo batizado, pois Jesus era um dos *seus* discípulos, subindo até, talvez, na sua hierarquia até se transformar no seu braço-direito. Mas algo correu mal: João mudou de ideias e nomeou Simão Mago como seu sucessor. Pouco depois, João foi morto.

Maria Madalena era uma sacerdotisa e a companheira de Jesus num casamento sagrado, tal como Helena era a de Simão Mago. A natureza sexual da sua relação é atestada por muitos dos textos gnósticos que a Igreja impediu que fossem incluídos no Novo Testamento. Era também a «Apóstola dos Apóstolos» e uma

conhecida pregadora – chegando mesmo a reunir os desanimados discípulos após a Crucifixão. Simão Pedro odiava-a, tal como odiava todas as mulheres, e esta pode ter fugido para França após a Crucifixão por receio do que ele lhe poderia fazer. E embora seja impossível saber qual era ao certo a sua mensagem, é certo que poucas semelhanças teria com o que é hoje conhecido como cristianismo. Independentemente do que mais possa ter sido, Maria Madalena não foi uma pregadora *cristã*.

É inegável a influência egípcia na história dos Evangelhos: Jesus pode muito bem ter estado a cumprir conscientemente o profetizado papel do Messias judaico a fim de obter o apoio popular, mas tanto ele como Maria parecem ter estado também a representar o mito de Ísis e Osíris, provavelmente para fins iniciáticos.

Por trás da sua missão, estavam a magia egípcia e os segredos esotéricos, e o seu mestre foi João Batista. Dois dos seus discípulos – o seu sucessor, Simão Mago, e a ex-prostituta Helena – formavam um paralelismo exato com Jesus e a Madalena. Talvez fosse suposto. O conhecimento subjacente era sexual – o da *horasis*, ou iluminação através do sexo transcendental com uma sacerdotisa, que era um conceito familiar no Oriente e também do outro lado da fronteira, no Egito.

Apesar das alegações da Igreja, não era Pedro o aliado mais próximo de Jesus, nem – a julgar pelos seus repetidos fracassos em entender as palavras do seu mestre – pertencia sequer ao círculo interno. Se havia alguém que fosse o sucessor de Jesus, esse alguém era a Madalena. (Importa recordar que andavam ativamente a espalhar os ensinamentos e práticas do já muito antigo culto de Ísis/Osíris, não algum tipo de heresia judaica, como frequentemente se julga.) Maria Madalena e Simão Pedro seguiram caminhos diferentes, que acabaram com um deles a fundar a Igreja de Roma e com a outra a confiar os seus mistérios a gerações daqueles que entendiam o valor do Princípio Feminino: os «hereges».

João, Jesus e Maria estavam inextricavelmente ligados pela sua religião (a do Antigo Egito), que adaptaram à cultura judaica – tal

como Simão Mago e Helena, que visaram Samaria com a sua mensagem. Quem definitivamente não fazia parte deste círculo interno de missionários egípcios eram Simão Pedro e os restantes Doze.

***

Maria Madalena era venerada pelo movimento clandestino europeu por ter fundado a sua própria «Igreja» – não um culto cristão no sentido geralmente aceite da palavra, mas baseado na religião de Ísis/Osíris. Algo muito semelhante havia sido pregado por Jesus e João.

João era venerado pela mesma tradição de «hereges», pois eram os descendentes espirituais diretos daqueles para quem ele era o seu «rei sacrificial», o mártir da sua causa que havia sido derrubado no auge do seu vigor. O choque e a atrocidade da sua morte foram salientados pelas circunstâncias altamente duvidosas que a rodearam, bem como pelo que foi entendido como a subsequente manipulação insensível dos seguidores de João pelo seu antigo rival.

Existe, no entanto, outra versão desta história. Como vimos, circulou um rumor durante a sua vida que alegava que Jesus tinha praticado magia negra sobre o Batista morto. As obras de Carl Kraeling e Morton Smith demonstraram claramente que Herodes Antipas acreditava que Jesus tinha escravizado a alma de João (ou a sua consciência) a fim de adquirir poderes mágicos, pois era entendido entre os magos gregos e egípcios que o espírito de um homem assassinado era presa fácil para os feiticeiros – principalmente se tivessem uma parte do corpo da vítima. Tivesse ou não passado por esse tipo de cerimónia mágica, o rumor de que a alma de João continuava a viver sob o controlo do seu antigo rival não teria feito nenhum mal ao movimento de Jesus. Nessa era de pensamento mágico, teria praticamente assegurado que a maioria dos discípulos de João passariam para Jesus, principalmente porque parecia ter poderes milagrosos. E, uma vez que Jesus tinha

já dito aos seus seguidores que João era a reencarnação do profeta Elias, teria parecido ainda mais credível às massas.

Mas, apesar da peculiar ideia de um Jesus que se julgava ter tido o controlo das almas de pelo menos dois outros profetas, o segredo da tradição secreta não está relacionado com ele. Na verdade, apesar de os hereges venerarem João e a Madalena como verdadeiras individualidades históricas, sempre os viram também como *representantes* de um antigo sistema de crenças. Era o que representavam que mais importava para eles – enquanto Sumo Sacerdote e Suma Sacerdotisa do Reino da Luz.

As duas tradições – uma centrada no Batista e a outra na Madalena – só se tornam realmente percetíveis por volta do século XII, quando, por exemplo, os Cátaros emergiram no Languedoc e os Templários ascenderam ao pináculo do seu poder. Há um aparente intervalo na transmissão das tradições: é como se desaparecessem num buraco negro entre os séculos IV e XII. Foi por volta de 400 d.C. que os textos de Nag Hammadi – que realçavam o papel de Maria Madalena – foram enterrados no Egito: como vimos na Parte Um, ideias surpreendentemente similares acerca da sua importância persistiram em França, tendo alguma influência junto dos Cátaros. E, ainda que a Igreja de João tenha aparentemente desaparecido por volta do ano 50 d.C., pode ser deduzida a continuidade da sua existência a partir da insurgência dos Pais da Igreja contra os seus sucessores – Simão Mago e Dositeu – durante outros cerca de duzentos anos. Então, mais uma vez no século XII, esta tradição surge também na veneração mística dos Templários por João.

É impossível dizer ao certo o que aconteceu a ambas as tradições nos anos em falta, mas, chegados ao fim da nossa investigação, sentimos que podemos arriscar um palpite. A «linha» da Madalena continuou no sul de França, ainda que quaisquer registos a confirmá-lo tenham sido destruídos durante a devastação sistemática da cultura do Languedoc que acompanhou a Cruzada dos Cátaros. Mas chegaram-nos ecos dessa tradição através das crenças cátaras sobre a relação da Madalena com Jesus e do

opúsculo de influência cátara *Schwester Katrei*, em que algumas das ideias foram nitidamente retiradas dos textos de Nag Hammadi.

É provável que a tradição joanita tenha sobrevivido independentemente no Médio Oriente, através dos antepassados dos Mandeus e dos Nosairi, mas sabemos que surge na Europa vários séculos depois. Mas como chegou até lá? Quem viu o seu valor e decidiu defender secretamente as suas crenças? Mais uma vez, encontramos a resposta nos monges-guerreiros, cujas operações militares no Médio Oriente escondiam a sua determinada busca de conhecimento esotérico. Os Cavaleiros Templários trouxeram a tradição joanita para a Europa para se juntar à da Madalena, dando assim sentido ao que pode parecer terem sido mistérios separados, masculino e feminino. E importa recordar que os nove cavaleiros templários originais tinham emergido da cultura do Languedoc, alma e coração do culto da Madalena – e que a tradição oculta diz que eles aprenderam os seus segredos «dos Joanitas do Leste».

Na nossa opinião, é altamente improvável que a união destas duas tradições por parte dos Templários tenha sido mera coincidência. Afinal, o seu principal objetivo era procurar e utilizar os mais arcanos conhecimentos. Hugo de Payens e os seus oito irmãos cavaleiros partiram para a Terra Santa com um propósito em mente: procuravam o poder do conhecimento e podem ter também procurado algum artefacto de grande valor, que não seria provavelmente apenas monetário. Os Templários pareciam saber já da existência da tradição joanita antes de a terem encontrado, mas como o souberam ninguém pode dizer.

O que estava em jogo era nitidamente muito mais do que vagos ideais religiosos: os Templários eram homens muito práticos – preocupados sobretudo com a aquisição de poder material – e a pena por defenderem as suas crenças secretas foi inimaginavelmente horrenda. Nunca é demais enfatizar que estas crenças não eram meras ideias espirituais que eles tinham decidido abraçar para bem das suas almas. Eram segredos *mágicos* e

alquímicos que podem muito bem ter-lhes dado, no mínimo, um avanço naquilo a que atualmente chamaríamos de ciência. A superioridade do seu conhecimento em matérias como a geometria sagrada e a arquitetura encontrou decerto expressão nas catedrais góticas que ainda hoje continuam connosco, esses secretos livros de pedra que contêm os frutos das suas aventuras no esoterismo. Na sua busca pelo conhecimento do mundo, os Templários procuraram expandir os seus conhecimentos de astronomia, química, cosmologia, navegação, medicina e matemática – cujos benefícios são evidentes.

Mas os Templários eram ainda mais ambiciosos na sua busca de conhecimento secreto – *oculto*. Procuravam as respostas para as grandes e eternas questões. E podem ter encontrado na alquimia pelo menos algumas delas. Essa misteriosa ciência, que abraçaram, sempre foi entendida como contendo os segredos do prolongamento da própria vida, da longevidade, se não mesmo da imortalidade física. Longe de expandir simplesmente os seus horizontes filosóficos ou religiosos, os Templários procuravam o verdadeiro poder: o efetivo domínio sobre o próprio tempo, sobre a tirania da vida e da morte.

E a seguir aos Templários vieram gerações após gerações de «hereges», que assumiram as suas funções e deram continuidade à tradição com o mesmo fervor. Esses fanaticamente procurados segredos tinham obviamente um atrativo que inspirou um número incalculável de pessoas a arriscar tudo – mas qual era? O que tinham as tradições da Madalena e de João para provocar um tal zelo e devoção?

Não existe uma só resposta a essas perguntas, mas sim três respostas possíveis.

A primeira é que as histórias da Madalena e de João Batista oferecem, entre si, o segredo do que o «Cristianismo» – a sua missão original – deveria ter sido, num claro contraste com aquilo em que efetivamente se tornou.

Enquanto, a toda a sua volta, mulheres eram aviltadas e o sexo era ultrajado, e os sacerdotes tinham as chaves do céu e do inferno, os hereges procuravam nos segredos do Batista e da Madalena conforto e iluminação. Através destes dois «santos», puderam juntar-se em segredo à linha ininterrupta de adoradores gnósticos e pagãos que recuava até ao antigo Egito (e possivelmente mais além): como Giordano Bruno ensinou, a religião egípcia era, em todos os aspetos, muito superior ao cristianismo; e, tal como vimos, houve pelo menos um templário a rejeitar o principal símbolo do cristianismo, a cruz, como sendo «demasiado novo».

Em vez do austero patriarcado de Pai, Filho e (por esta altura masculino) Espírito Santo, os adeptos desta tradição secreta encontravam o equilíbrio natural da antiga trindade de Pai, Mãe e Filho. Em vez de se sentirem culpados relativamente ao sexo, sabiam por experiência própria que era, na verdade, um portal para Deus. Em vez de terem os sacerdotes a dizerem-lhes o estado das suas almas, encontravam a sua própria salvação através da gnose ou conhecimento direto do divino. Tudo isto foi punível com pena de morte durante grande parte dos últimos dois mil anos, e tudo isto vinha das tradições secretas do Batista e da Madalena. Não admira que tivessem de ser mantidas em segredo.

A segunda razão para o constante atrativo destas tradições é que estes hereges mantinham também o *conhecimento* vivo. É muito fácil para nós hoje em dia subestimar o puro poder da educação durante grande parte da história: a invenção da imprensa causou furor, e até a capacidade de ler e escrever – principalmente para as mulheres – era rara e frequentemente vista com a mais grave desconfiança por parte da Igreja. Mas esta tradição secreta incentivava ativamente a fome de conhecimento, mesmo entre as suas mulheres: os alquimistas, tanto homens como mulheres, trabalhavam longas horas atrás de portas fechadas para descobrir grandes segredos que atravessavam as fronteiras entre magia, sexo e ciência – e pareciam tê-los muitas vezes encontrado.

A linha ininterrupta desta tradição secreta abrangia os construtores das pirâmides, talvez até aqueles que erigiram a Esfinge, aqueles que construíam de acordo com os princípios da geometria sagrada e cujos segredos encontraram expressão na extraordinária beleza das grandes catedrais góticas. Eram *os criadores da civilização*, preservando-a através da tradição secreta. (Não é decerto coincidência que se julgasse que Osíris tinha dado à humanidade o conhecimento necessário à cultura e à civilização.) E, tal como é demonstrado pelas obras de autores como Robert Bauval e Graham Hancock,[1] os antigos Egípcios tinham conhecimentos científicos que ultrapassavam até os da nossa própria época. Uma parte inextricável desta linha de cientistas heréticos foram os hermetistas do Renascimento, cuja elevação de Sophia, da busca pelo conhecimento e crença na natureza divina do Homem se tinham originalmente desenvolvido a partir das mesmas raízes que o gnosticismo.

Alquimia, hermetismo e gnosticismo remontam todos inevitavelmente à Alexandria do tempo de Jesus, onde estava a fermentar uma extraordinária mistura de ideias. E vemos, pois, que as mesmas ideias impregnam o *Pistis Sophia*, o *Corpus Hermeticum* de Hermes Trismegisto, o que resta das obras de Simão Mago e os textos sagrados mandeus.

Como vimos, Jesus foi explicitamente associado à magia do Egito, e o Batista e os seus sucessores, Simão Mago e Dositeu, foram também descritos como «formados» pelas escolas ocultas de Alexandria. E todas as tradições esotéricas ocidentais podem ser seguidas até à mesma raiz.

Seria um erro, contudo, pensar que o conhecimento procurado pelos Templários ou pelos hermetistas era simplesmente aquilo a que atualmente chamaríamos de filosofia – ou até mesmo ciência. É verdade que essas disciplinas faziam parte daquilo por que ansiavam, mas existe também outra dimensão na sua tradição secreta, uma que seria errado omitir. Subjacente a todos os esforços arquitetónicos, científicos e artísticos dos hereges estava uma

fervorosa busca pelo *poder mágico*. Poderá a pista para o porquê de isto ser tão importante estar no rumor da «escravização mágica» de João por Jesus? Talvez seja significativo que os Templários, cuja reverência pelo Batista era conhecida como inigualável, tenham sido acusados de adorar uma cabeça cortada nos seus mais secretos rituais.

A questão da validez e eficácia (ou falta dela) da magia cerimonial está fora do âmbito deste livro: o que importa é aquilo em que outros *acreditaram* ao longo dos séculos e que papel desempenhou nas suas motivações e conspirações e nos planos que puseram em ação.

O ocultismo foi a verdadeira força motriz por detrás de muitos pensadores aparentemente «racionalistas» – como Leonardo da Vinci e Sir Isaac Newton – e por detrás do *círculo interno* de organizações como os Templários, alguns capítulos da Maçonaria e o Priorado de Sião. E esta longa linha de mágicos secretos – *magos* – pode muito bem ter incluído o Batista e Jesus.

Uma das histórias menos conhecidas do Graal tem como objeto da demanda a cabeça cortada de um homem barbudo numa bandeja. Seria uma referência à cabeça de João, ao estranho poder encantado que se supunha possuir e conceder a quem a encontrasse? Mais uma vez, é fácil deixarmo-nos levar pelo ceticismo de finais do século XX. O que importa é que, de alguma forma, a cabeça de João era *considerada* não só sagrada, mas também *mágica*.

Os celtas tinham também uma tradição de cabeças enfeitiçadas, mas, mais pertinente ainda, havia no templo osiríaco em Abidos uma cabeça cortada que se acreditava fazer profecias.[2] Noutro mito associado, a cabeça de outro deus morto-e-ressuscitado, Orfeu, deu à costa em Lesbos, onde começou a prever o futuro.[3] (E será mera coincidência que um dos mais enigmáticos e surreais filmes de Jean Cocteau tenha sido *Orphée*?)

Leonardo retratou «Jesus» no seu falso Sudário de Turim como decapitado. Inicialmente, pensámos que não passava de um

mecanismo visual para transmitir a ideia de que, na herética opinião joanita de Leonardo, alguém que fora decapitado estava (moral e espiritualmente) «acima» de alguém que fora crucificado. A linha de demarcação entre a cabeça e o corpo do «Amortalhado» é certamente deliberada, mas Leonardo pode estar a sugerir algo diferente. Talvez fosse uma referência à ideia de que Jesus *tinha* a cabeça de João, e que o tinha de algum modo absorvido, tornando-se – nas palavras de Morton Smith – «Jesus-João». Lembre-se de que, no cartaz do século XIX do Salão da Rosa+Cruz, Leonardo é retratado como o *Guardião do Graal*.

Vimos como, na obra de Leonardo, o indicador erguido simboliza o Batista: João faz este gesto no último quadro do *Maestro* e na sua escultura de João em Florença. Não é assim tão invulgar, pois houve outros artistas que o retrataram desta forma, mas, nas obras de Leonardo, surgem outras personagens a utilizá-lo além do próprio João, no que se destina claramente a ser uma *lembrança* do Batista. Na *Adoração dos Magos*, a figura que está junto às raízes elevadas da alfarrobeira (que tradicionalmente simboliza João) ergue o indicador na direção da Virgem e do menino; Isabel, a mãe de João, fá-lo mesmo na cara da Virgem na imagem de *A Virgem e o Menino com Santa Ana*, e o discípulo que tão rudemente aponta o dedo à cara de Jesus n' *A Última Ceia* trespassa claramente o ar com o seu indicador. E, embora possam muito bem estar de facto a dizer que «os seguidores de João não esquecem», este tema repetido pode também ser uma referência a uma verdadeira relíquia – ao dedo de João, que se julga ter estado em tempos entre as mais prezadas relíquias dos Templários.

(No quadro de Nicolas Poussin *La Peste d'Azoth – A Peste de Azoth* –, uma enorme estátua de um homem perdeu uma mão e a sua cabeça barbuda. Mas o indicador da mão cortada surge especificamente a fazer o «gesto de João».)

Durante o decorrer desta investigação, ouvimos um alegado adágio templário – «quem tiver a cabeça de João Batista dominará o mundo» – e, inicialmente, descartámo-lo como fantasioso ou, na

melhor das hipóteses, algum tipo de metáfora. Mas importa não esquecer que certos objetos, em simultâneo míticos e reais, sempre exerceram um enorme domínio sobre os corações e mentes humanos – entre eles a «Verdadeira Cruz», o Santo Sudário, o Graal e, claro, a Arca da Aliança. Todos estes objetos lendários envolvem uma mística curiosamente irresistível, como se fossem portais onde os mundos humano e divino se encontram, verdadeiros objetos sólidos que existem em duas realidades ao mesmo tempo. Mas se há quem acredite que artefactos como o Graal possuem poderes mágicos, quão mais procurados não serão os verdadeiros restos mortais físicos de pessoas que se julga terem incorporado energia sobrenatural e possuído conhecimentos ocultos?

Vimos certamente como as relíquias da Madalena foram de suma importância para os membros da tradição secreta, e é possível que também a elas lhes seja atribuído algum efetivo poder mágico. Seja como for, os ossos da Madalena seriam aparentemente objeto de grande veneração e, tal como a macabra relíquia de João, funcionariam, sem dúvida, como um totem atrás do qual os hereges se poderiam reunir. Com ou sem a ideia de poder mágico, estar perante a cabeça de João e os ossos da Madalena teria um impacto enorme nos membros da tradição secreta: seria um momento de grande carga emocional considerar sequer a presença ali, juntos, dos restos mortais de dois seres humanos que, durante séculos, haviam sido tratados com tão implacável e calculada injustiça, e em cujos nomes inúmeros «hereges» haviam sofrido.

A terceira razão para o apelo duradouro da tradição secreta é a sua autossustentada certeza moral: estes «hereges» acreditam que estão certos e que a Igreja consagrada está errada. Mas não estão meramente a manter viva outra religião numa cultura «estrangeira». Estão a manter vivo aquilo que acreditam ser a chama sagrada das verdadeiras origens e propósito do «cristianismo». Esta omnipresente noção de retidão, contudo, quando confrontados com o que era para eles a «heresia» da Igreja Cristã, explica apenas o porquê de ter tido um tão grande poder no passado. Nos dias que

correm, com a sua abordagem muito mais tolerante à religião, porque haveria esta tradição de ter de permanecer secreta?

Iniciámos esta investigação com uma análise ao atual Priorado de Sião e às suas constantes atividades. Seja qual for o verdadeiro propósito dessa organização, Pierre Plantard de Saint-Clair indicou que tem um programa definido, um plano no seio do qual pretende suscitar certas mudanças concretas no mundo em geral, ainda que a sua natureza exata possa apenas ser alvo de especulação.[4]

Seja qual for o plano geral do Priorado, parece estar relacionado com a heresia que desvendámos. Na verdade, escondidas nos *Dossiers secrets*, estão certas afirmações bastante inequívocas que dizem que o Priorado tem sido responsável, ao longo da história, por coordenar a tradição secreta. Estas afirmações, que aludem direta ou indiretamente ao Priorado, incluem as seguintes: «[São] os apoiantes de todas as heresias…»;[5] «por trás de todas as heresias, dos Cátaros e dos Templários até à Maçonaria…»;[6] «agitadores secretos contra a Igreja…»[7] E outro documento do Priorado, *Le cercle d'Ulysse* (*O Círculo de Ulisses*, em tradução livre), publicado em 1977 sob a autoria de Jean Delaude, inclui as seguintes ominosas palavras:

> O que planeia o Priorado de Sião? Não sei, mas representa um poder capaz de enfrentar o Vaticano nos dias vindouros.[8]

E, como vimos anteriormente, *Rennes-le-Château: capitale secrète de l'histoire de France*, a obra inspirada pelo Priorado, ao discutir as suas ligações à «Igreja de João», refere-se a acontecimentos que «virarão o cristianismo do avesso».

No início desta investigação, considerámos a possibilidade de o Priorado sofrer coletivamente de ilusões de grandeza, e – tal como a maioria das pessoas – achávamos difícil imaginar que tipo de segredo poderia ter tão ciosamente guardado que tivesse o poder de ameaçar uma tão vasta e consolidada organização como a Igreja de Roma. Agora, após todas as nossas pesquisas e experiências, chegámos à conclusão de que a agenda do Priorado – seja ela qual for – deve, pelo menos, ser levada a sério.

Na verdade, o conceito de um corpo organizado que jurou derrubar a Igreja não é novo. No século XVIII, por exemplo, quando começaram a surgir sociedades secretas que alegavam descender dos Templários, a paranoia varreu a Igreja e vários estados europeus. França, em particular, sentiu-se aterrorizada pela sombra vingativa de Jacques de Molay – estariam os Templários a regressar para uma literal vingança? Houve até rumores de que os cavaleiros estavam por detrás da Revolução Francesa.

Há, no entanto, problemas com o cenário da vingança dos Templários. Nenhuma organização inteligente alimentaria o fogo incandescente do ódio contra todos os riscos e ao longo dos séculos só para matar um futuro monarca francês e um Papa específico, não tendo nenhum dos quais tido nada que ver com a sua supressão há todas aquelas centenas de anos. Esta ideia assenta na base de ter sido a supressão dos Templários a *razão* do seu ódio pela Igreja – mas e se já a odiassem por princípio? (E, de acordo com o *Levitikon*, os Templários eram contra a Igreja de Roma desde a sua criação, não devido à forma como foram suprimidos.)

A nossa investigação demonstrou não só que os Templários acreditavam possuir conhecimentos secretos sobre o cristianismo como que eram também os seus verdadeiros e devidos guardiões. E importa lembrar que os Templários e o Priorado de Sião sempre estiveram inextricavelmente ligados; qualquer plano ou programa de uns pertence também muito provavelmente aos outros. E encontramos no Priorado de Sião uma organização em que as duas vertentes heréticas – a da Madalena e a do Batista – se unem.

É possível que o Priorado/os Templários planeiem apresentar a uma Cristandade sobressaltada algum tipo de prova das suas crenças intemporais, algum suporte tangível para a sua tradição joanita de culto à deusa. Mesmo tendo em conta a sua clara obsessão pela procura de relíquias, é difícil imaginar o que poderá ser esta prova concreta ou – à primeira vista – como pode qualquer objeto representar uma ameaça para a Igreja.

Mas, tal como vimos no caso do alegado Santo Sudário, as relíquias religiosas têm efetivamente uma poderosa e singular influência sobre os corações e as mentes. Na verdade, *qualquer coisa* supostamente associada às principais personagens do drama cristão é investida de uma ressonância singularmente mágica – até as «antirrelíquias» desses ossários recentemente descobertos em Jerusalém se tornaram de imediato no foco de um intenso debate e de uma generalizada introspeção cristã. É elucidativo imaginar como teria disparado o interesse público se os ossários estivessem mais convincentemente ligados a Jesus e à sua família. Teria decerto alimentado uma histeria em massa entre os cristãos, que se teriam sentido traídos, desgostosos e espiritualmente desestabilizados.

As pessoas adoram uma demanda – uma busca por algo que é provocadoramente fugidio, mas que talvez esteja, ainda assim, quase ao nosso alcance. A busca por um sempre inalcançável Santo Graal ou Arca da Aliança parece estar quase programada em nós, tal como é revelado pelo entusiasmo com que *The Sign and the Seal*, de Graham Hancock, foi recebido. No fundo, existe também, contudo, um reconhecimento de que estes objetos, ainda que possam – emocionantemente – existir algures, são meros símbolos, focos ou personificações de alguns segredos arcanos. Ainda que o Priorado de Sião e os seus aliados possam estar prestes a revelar uma justificação concreta para as suas crenças, também a própria história, tal como esperamos ter demonstrado, nos deu algumas pistas quanto à força dessa justificação.

Claro que esses planos têm o máximo interesse, mas já não são necessários para a compreensão da suposta ameaça à Igreja – e, implicitamente, às raízes de toda a nossa cultura ocidental. É tanto o que se baseia em suposições sobre a história cristã, e há tanta emoção intensamente pessoal investida em conceitos como o de um Jesus Cristo que era o Filho de Deus e da Virgem Maria, o humilde carpinteiro que morreu pelos nossos pecados e foi ressuscitado. A sua vida de humildade, tolerância e sofrimento tornou-se a imagem da perfeição humana e o modelo espiritual para

milhões. Jesus Cristo, do seu lugar à direita do Pai no céu, olha para os pobres e humilhados e dá-lhes conforto – pois não disse ele «Vinde a mim todos os que estais cansados e eu vos reconfortarei»?

Na verdade, ainda que seja muito provável que Jesus tenha realmente proferido essas palavras, não é simplesmente verdade que tenham tido origem nele. Pois, tal como vimos, vieram – e provavelmente muitas outras como elas – das palavras atribuídas a *Chreste Isis*: a Doce Ísis, suprema deusa-mãe dos egípcios. Para Jesus, tal como para qualquer outro sacerdote isíaco, essas palavras teriam sido muito familiares.

Como vimos, a maioria dos cristãos modernos está surpreendentemente mal informada sobre os desenvolvimentos no estudo da Bíblia. Para muitos, ideias como a de Jesus enquanto mágico egípcio, ou a da rivalidade entre Jesus e João Batista, devem parecer pouco menos do que blasfemas – mas não se trata de invenções de autores de ficção nem dos inimigos da sua religião, mas sim das conclusões de estudiosos respeitados, alguns dos quais são eles mesmos cristãos. E foi há bem mais de um século que os elementos pagãos na história de Jesus foram reconhecidos pela primeira vez.

Quando começámos a estudar o tema, ficámos espantados com o muito que os estudiosos *questionaram* a história cristã convencional, apresentando argumentos detalhados e meticulosamente fundamentados para uma versão quase irreconhecível de Jesus e do seu movimento. Ficámos particularmente espantados ao descobrir que havia já abundantes provas escolásticas do facto de Jesus não ter sido judeu – e de ter pertencido, na realidade, à religião egípcia. Mas, por ser tão forte a nossa presunção cultural de que Jesus era judeu, nem mesmo aqueles que reuniram estas provas conseguem dar o derradeiro salto lógico e concluir que o peso deste material revela na verdade que Jesus não era da religião judaica, mas sim da egípcia.

São muitos os que deram grandes contributos para a criação de uma imagem radicalmente nova de Jesus e do seu movimento. Desmond Stewart alegou de forma soberba em *The Foreigner* que Jesus havia sido influenciado pelas escolas dos mistérios egípcios, mas, mais uma vez, Stewart vê a ligação egípcia como apenas uma modificação ao judaísmo essencial de Jesus. E o professor Burton L. Mack, embora argumente que Jesus não era da religião judaica, rejeita também o material das escolas dos mistérios contido nos Evangelhos com base em que terá sido uma adição posterior – hipótese essa que não é sustentada por qualquer prova.

Até o professor Karl W. Luckert escreve o seguinte:

> Estas dores de parto [do cristianismo]… foram, ainda assim, verdadeiras dores por parte da mãe da Cristandade, a moribunda religião do antigo Egito. A nossa velha mãe egípcia morreu nos séculos durante os quais a sua vigorosa progénie emergiu e começou a prosperar no mundo mediterrânico. As suas dores de parto foram as dores da morte.
>
> Durante toda a sua vida de quase dois milénios, esta filha cristã nascida da Mãe Egito manteve-se relativamente bem informada acerca da sua antiga tradição paterna hebraica… [mas] ainda hoje não lhe foi falado da identidade da sua falecida religião materna…[9]

Mesmo tendo defendido magnificamente os argumentos a favor das raízes egípcias do cristianismo, Luckert consegue falhar o alvo. Vê a influência egípcia como indireta, um eco distante das origens egípcias do próprio judaísmo. Mas, se Jesus ensinou matéria das escolas dos mistérios egípcios, então faz certamente mais sentido que a tivesse aprendido em primeira mão do outro lado da fronteira do que tê-la reunido a partir de fragmentárias e incertas alusões no Antigo Testamento.

De todos estes especialistas, só um deu efetivamente esse arrojado último passo lógico. Morton Smith, no seu *Jesus the Magician*, afirma inequivocamente que as crenças e práticas do

próprio Jesus eram as do Egito – e, significativamente, baseou esta afirmação em material de certos textos mágicos egípcios.

A obra de Morton Smith, embora totalmente ignorada por muitos comentadores bíblicos, foi recebida por alguns com cautelosa aprovação.[10] Mas as opiniões dos académicos não formam de todo, como vimos ao longo da nossa investigação, a imagem global. Ao longo dos séculos, muitos grupos partilharam uma crença secreta na origem egípcia de Jesus e de outros intervenientes no drama do século I – e estes «hereges» proporcionaram-nos também muito mais conhecimento sobre as origens do cristianismo. É curioso que estas ideias estejam agora a ser confirmadas pelos estudos atuais do Novo Testamento.

Se o cristianismo tiver sido realmente um ramo da religião egípcia, e não a missão singular do Filho de Deus – ou sequer um desenvolvimento radical de uma forma de judaísmo –, então as implicações para toda a nossa cultura são de tal modo essenciais e enormemente abrangentes que podem apenas ser afloradas aqui.

Ao virar as costas às suas raízes egípcias, a Igreja perdeu, por exemplo, o entendimento essencial da igualdade arquetípica dos sexos, pois Ísis sempre foi contrabalançada pelo seu consorte Osíris, e vice-versa. Em princípio, pelo menos, este conceito incentivava a que fosse dado o devido respeito tanto a homens como a mulheres, pois Osíris representava todos os homens e Ísis todas as mulheres. Mesmo na nossa era secular, sofremos ainda as consequências desta rejeição do ideal egípcio: pois, ainda que o sexismo não seja um fenómeno exclusivamente ocidental, as suas manifestações diretas no Ocidente devem muito aos ensinamentos da Igreja sobre o lugar das mulheres.

Além disso, ao negar a sua origem egípcia, a Igreja rejeitou também – muitas vezes com especial virulência – todo o conceito do sexo enquanto sacramento. Ao instaurar como líder de um patriarcado misógino um Filho de Deus celibatário, perverteu a mensagem «cristã» original. Pois os deuses que o próprio Jesus venerava eram parceiros sexuais e esta sexualidade era motivo de

celebração e imitação entre os seus devotos – mas, significativamente, os egípcios não eram conhecidos como um povo particularmente licencioso, destacando-se antes pela sua espiritualidade. As consequências da atitude da Igreja para com o sexo e o amor sexual foram, como vimos, terríveis para a nossa cultura: a repressão a uma tão grande escala foi responsável não só por tormentos pessoais e introspeções desnecessárias mas também por inúmeros crimes contra mulheres e crianças – muitos dos quais as autoridades decidiram ignorar.

Houve outras colheitas amargas resultantes deste grande erro, de uma Igreja Cristã que rejeitou as suas verdadeiras raízes. Durante séculos, a Igreja perpetrou sistematicamente atrocidades contra os judeus, com base na crença de que o cristianismo e o judaísmo eram concorrentes. Tradicionalmente, a Igreja considerava os judeus blasfemos por negarem a messianidade de Jesus – mas, se Jesus não tivesse sido judeu, então menos razões teriam ainda para os horrores cometidos contra milhões de judeus inocentes. (A outra grande acusação utilizada para justificar os ataques aos judeus – que tinham morto Jesus – foi reconhecida há muito como falaciosa, pelo simples facto de que foram os romanos que o executaram.)

Houve depois outro grupo a atrair a hostilidade da Igreja ao longo dos anos. No seu fervor por se estabelecer como a única religião, o cristianismo sempre declarou guerra aos pagãos. Foram destruídos templos e pessoas foram torturadas e mortas, da Islândia à América do Sul, da Irlanda ao Egito, em nome de Jesus Cristo.[11] Mas, se estivermos certos e *o próprio Jesus tiver sido pagão*, então este fervor cristão foi não só uma nova negação da humanidade comum, mas também dos princípios do seu fundador. Esta questão permanece relevante, pois os pagãos modernos continuam a ser assediados pelos cristãos na sociedade atual.

Toda a nossa cultura é inquestionavelmente entendida como sendo judaico-cristã, mas o que significaria se estivéssemos certos e devesse ser, na verdade, *egípcio*-cristã? Claro que esta questão só pode ser hipotética, mas talvez seja mais apelativo basearmos o

nosso sonho religioso na magia e no mistério das pirâmides do que no colérico Javé. Certamente que a religião que tem como sua trindade Pai, Mãe e Filho terá sempre de exercer uma poderosa atração e uma profunda sensação de conforto.

Seguimos a linha ininterrupta da crença «herética» na Europa, a corrente subterrânea do mistério da deusa, da alquimia sexual e dos segredos que rodeiam João Batista. Acreditamos que os hereges tinham as chaves para a verdade sobre a histórica Igreja de Roma. Nestas páginas, apresentámos a sua defesa, passo a passo, à medida que nós mesmos fazíamos as descobertas e víamos a imagem global a emergir do turbilhão de informação – e desinformação, na verdade.

Acreditamos que, de uma forma geral, os hereges têm um caso que vale a pena defender. Foi certamente cometida uma grave injustiça contra as figuras históricas de João Batista e Maria Madalena, e está mais que na altura de esclarecer as coisas. O respeito pelo Princípio Feminino, bem como todo o conceito de alquimia sexual, têm de ser entendidos para que a humanidade ocidental possa ter esperança de entrar no novo milénio livre de repressão e de culpa.

Mas, se alguma lição pode ser retirada do caminho que percorremos nesta investigação e das descobertas que fizemos, não é tanto a de que os hereges estavam certos e a Igreja errada. É que há uma necessidade, não de mais segredos ciosamente guardados e guerras santas, mas sim de *tolerância* e abertura a novas ideias, livre de preconceitos e discriminação. Sem limites para a imaginação, o intelecto ou o espírito, talvez a tocha em tempos mantida acesa por luminares como Giordano Bruno, Heinrich Cornelius Agrippa e Leonardo da Vinci possa ser nossa para a levarmos em frente. E podemos até vir a apreciar plenamente esse velho adágio hermético: *Não sabeis que sois deuses*?

Posfácio

DUAS DÉCADAS DEPOIS

Não é de admirar que, nas duas décadas passadas desde a publicação de *O Segredo dos Templários*, tenhamos continuado a explorar os vários temas abordados nas suas páginas. Alguma dessa investigação deu origem a outros livros – nomeadamente *O Segredo de Sião* (2006), *The Masks of Christ* (2008), *When God Had a Wife* (2019), e o livro de Lynn, *Mary Magdalene: Christianity's Hidden Goddess* (2003) – mas muitas das nossas novas descobertas desenvolveram ideias e hipóteses, colmataram lacunas e ataram pontas soltas e, nalguns casos, levaram-nos a áreas totalmente novas.

Estamos também particularmente gratos por termos a oportunidade de abordar as diferentes críticas que foram apontadas a este livro – principalmente após o sucesso de *O Código da Vinci* ter aumentado consideravelmente a sua notoriedade. Tal como Dan Brown deixou claro num depoimento no Supremo Tribunal de Londres em 2006, *O Segredo dos Templários* inspirou diretamente *O Código da Vinci*, especialmente os nossos achados sobre o simbolismo herético nos quadros de Leonardo (o *verdadeiro* «código da Vinci», na realidade), nomeadamente n'*A Última Ceia* e n' *A Virgem dos Rochedos*.

Tal como é hoje sabido por milhões de pessoas, o primeiro surge de modo especial no romance de Brown, mas grande parte da sua análise – como o aspeto duvidosamente feminino de «São João» – é retirada do nosso livro, embora utilize outras fontes. (Como, por exemplo, a interpretação de Margaret Starbird da forma em «V» do espaço entre Jesus e «João» como um símbolo do Sagrado Feminino.)

Tal como em *O Segredo dos Templários*, *A Última Ceia* é a chave para o segredo perdido da importância de Maria Madalena – e portanto do Sagrado Feminino –, sendo o conhecimento a este respeito transmitido através da clandestinidade herética/esotérica. Brown, porém, associa isto à hipótese da «linhagem sagrada», da

qual nos separamos. (Para nós, o que é significativo é o facto de tal linhagem ter alguma vez começado, não o seu hipotético fim ou alegada continuidade.) *A Última Ceia* surge também no filme, ainda que tenham sido acrescentadas algumas novas observações.

A nossa interpretação do simbolismo escondido nestas obras está no âmago de outro romance, *O Segredo da Última Ceia*, de Javier Sierra, publicado em Espanha em 2004 e no Reino Unido dois anos depois. (Sierra começara a trabalhar neste romance – situado na época de Leonardo – antes de *O Código da Vinci* ter sido publicado.) Sierra sugere também a sua própria interpretação das obras de Leonardo, nomeadamente de *A Última Ceia*, mas, tal como ele agradavelmente nos disse: «Passei três anos em viagens, entrevistas e pesquisas antes de escrever *O Segredo da Última Ceia*, e levei sempre comigo um exemplar de *O Segredo dos Templários*. O que descobri nem sempre corresponde aos factos desvendados pelas vossas descobertas, mas o vosso livro foi um incentivo constante para continuar a investigar a fabulosa figura de Leonardo.»

Devido à fenomenal exposição de *O Código da Vinci* e *O Segredo da Última Ceia*, a nossa própria interpretação dos quadros de Leonardo chegou a um público vasto que provavelmente não a teria descoberto de outro modo (algo por que sempre estaremos muito gratos). Mas isto provocou também inevitavelmente gritos de indignação por parte de historiadores, especialistas em arte e cristãos tradicionais – que, embora atacando sobretudo o romance de Brown, estão também muitas vezes, claro, essencialmente a atacar-nos a nós. Assim, agora que temos esta oportunidade de ouro para responder aos nossos críticos, podem ter a certeza de que não a desperdiçaremos.

O elemento essencial, que tantos imaginários incendiou, é a nossa afirmação de que o jovem «São João» n' *A Última Ceia* é uma mulher, representando Maria Madalena. Na verdade, o (algo controverso) restauro do mural de Leonardo que foi completado mais ou menos na altura em que a primeira edição deste livro foi

publicada faz com que a figura pareça ainda mais feminina do que antes.

Poucos críticos contestam que esta personagem *parece* uma mulher. Mas terá Leonardo *pretendido* que esta figura fosse vista – um dia – como uma mulher ou será apenas um homem de aspeto efeminado?

O falecido crítico de arte britânico Brian Sewell não nega que «ele» parece feminino, mas explica-o como um efeito secundário da orientação sexual do próprio Leonardo:

> Estamos a lidar com alguém que era homossexual. Não há disso quaisquer dúvidas… [São João] devia estar de acordo com os seus ideais de beleza. É nitidamente um belo jovem; é uma constante na sua obra.[1]

Sewell parece, contudo, confundir o jovem São João – o Evangelista – com João Batista:

> É inconcebível que um dos apóstolos tenha sido substituído por Maria Madalena. Tem de se tirar um dos doze para nos convencer de que a Madalena faz parte do grupo… Porque haveria então Leonardo de introduzir uma mulher e retirar, supostamente, São João, que era o seu mais querido discípulo? É inconcebível.

Pelo menos neste aspeto, todos os outros especialistas em Leonardo estão de acordo connosco em que era o Batista o «mais querido» de Leonardo.

Em última instância, claro que é impossível ter a certeza do que ia na mente de Leonardo quando criou esta obra-prima, mas acreditamos que, vista em conjunto com a forma em «M», o «reflexo» nas roupas e por aí adiante, tinha toda a intenção de esconder esta mulher à vista de todos. Outros houve que, de forma independente, concordaram com esta perspetiva, desenvolvendo-a até. Javier Sierra, por exemplo, salienta que o azul das suas vestes é geralmente associado às mulheres (normalmente às Madonas) na arte desse período.[2]

Outra crítica recorrente aos aspetos d' *A Última Ceia* que nós e outros autores salientamos é que são meros efeitos secundários da composição: as formas em «M» e em «V» estão lá, dizem, porque Leonardo queria isolar visualmente Jesus e organizar os discípulos em grupos de três, numa composição agradável e interessante. Isto explica também o porquê de Leonardo, na forma de São Tadeu, estar de costas voltadas para Jesus.

Esta explicação é, porém, decerto tão especulativa como a nossa. Pode muito bem ser ao contrário – a composição ser consequência do desejo de Leonardo de incorporar estes elementos no quadro. Existem tantos elementos estranhos n' *A Última Ceia* que Leonardo estava nitidamente a tentar transmitir *algo*, algo de tal modo contrário à narrativa bíblica que seria decididamente herético.

Outra objeção comum é que nada existe de particularmente significativo na ausência generalizada de vinho ou de um cálice ou Graal na mesa. Uma vez que a Última Ceia era significativa devido à instituição da Eucaristia por Jesus *e* ao seu anúncio de que um dos seus discípulos estava prestes a traí-lo, foi este último momento, e não o primeiro, que Leonardo decidiu retratar. Assim, alegam os nossos críticos, não havia qualquer motivo para ele ter incluído cálices cheios de vinho.

Mas até a escolha de salientar o momento da traição era invulgar – grande parte, se não mesmo todos, dos quadros tradicionais da Última Ceia celebram a instituição da Eucaristia, o que faria mais sentido num mural pintado na parede do refeitório de uma casa religiosa. Porque quis então Leonardo que uma óbvia lembrança da traição presidisse às refeições de gerações de monges?

Seja como for, mesmo que Leonardo estivesse concentrado no anúncio da iminente traição, não seria propriamente uma boa razão para ignorar o pão e o vinho. Não foi por mero acaso que os dois momentos coincidiram durante a mesma refeição, mas sim porque estavam intimamente associados. Há o anúncio de uma traição, que estilhaça a harmonia do que os discípulos julgavam ser um grupo eleito de irmãos e anuncia a iminente separação do grupo do líder a

quem são dedicados, suavizado por um ritual que promete pelo menos reparar simbolicamente essa desunião e separação, unindo os seguidores de Jesus na sua presença mística. Na verdade, em dois dos Evangelhos, o anúncio da iminente traição surge *antes* do sacramento, pelo que o pão e o vinho deviam estar já na mesa. Incluí-los teria efetivamente tornado o quadro duplamente sagrado.

Os críticos disseram também que a razão por que «João» não está reclinado contra o peito de Jesus n' *A Última Ceia* é porque Leonardo estava a seguir fielmente as «indicações cénicas» dadas no Evangelho de João, onde, após Jesus ter espantado os discípulos com o seu anúncio, Pedro chama João para lhe pedir que pergunte a Jesus pela identidade do traidor. Isto, dizem eles, explica o porquê de João não estar inclinado para Jesus, bem como o porquê de haver um intervalo entre eles (João está inclinado para Pedro para ouvir o seu pedido sussurrado) e de Pedro ter a mão no ombro de João.

Infelizmente, este argumento só seria válido se Leonardo tivesse utilizado a versão da Bíblia do Rei Jaime (que surgiu pela primeira vez mais de um século após a morte do *Maestro*), que, em João 13:23-25, diz assim: «Estava então um dos discípulos, aquele a quem Jesus amava, reclinado sobre o peito de Jesus. Simão Pedro chamou-o, pois, para que lhe perguntasse de quem falava. Então, inclinando-se ele sobre o peito de Jesus, perguntou-lhe assim: Quem é, Senhor?» Isto insinua, de facto, que João se move na direção de Pedro em resposta ao sinal deste, aproximando-se depois novamente de Jesus.

Leonardo só podia, porém, ter utilizado a Vulgata Latina, que não contém tal sugestão. Nem está no original grego, que, na tradução literal de Andy Gaus, diz assim: «Um dos seus discípulos, a quem Jesus amava, estava deitado no colo de Jesus. Simão Pedro faz-lhe então sinal para que lhe pergunte de quem estava a falar. Então, enquanto está ali deitado com a cabeça no peito de Jesus, pergunta-lhe o outro assim: "Quem é, Senhor?"»[3]

A palavra essencial traduzida por Gaus como «faz-lhe sinal», *neuo*, é fielmente traduzida na Vulgata pelo termo em latim *innuit*, que significa «acena». O dicionário de latim de Cassel define-a como «acenar, fazer um símbolo ou sinal a». Foi *erradamente traduzida* na versão do Rei Jaime como «chamar». Para Leonardo, a interpretação óbvia seria, pois, que Pedro se limitou a acenar ou a fazer algum gesto a João, não que o chamou para junto de si.

O restauro veio demonstrar, contudo, que uma das nossas alegações originais foi sobrevalorizada. A mão «desencarnada» que segura a faca é hoje claramente visível como pertencendo a São Pedro. (Embora importe recordar que muitas partes do mural estavam de tal modo danificadas que os restauradores tiveram muitas vezes de adivinhar o que lá teria estado.) Mas, tal como é apontado por Javier Sierra, isto vem, na verdade, *reforçar* a ideia de que Leonardo estava a tentar transmitir n' *A Última Ceia* algo de profundamente herético. Nada é incluído neste quadro (nem em qualquer outra das suas obras) por acaso – porque decidiu então Leonardo ter Pedro a segurar atrás das costas a única faca presente na cena? Sierra sugere que, ao mostrar Pedro a *esconder* a arma, a mensagem é que é Pedro, e não Judas, quem vai trair Cristo – ao conspirar para denegrir a sua amada Madalena e minorar o seu verdadeiro estatuto. Isto é reforçado pela mão ameaçadora que atravessa a garganta de Maria – evocando a sua traição às mãos da Igreja Católica Romana de Pedro.

(O contra-argumento dos críticos de que a faca pretende simbolizar a espada que Pedro viria a empunhar no Jardim nessa mesma noite é muito pouco convincente. Se, tal como alegam, Leonardo deixou o vinho de fora a fim de não desvalorizar o momento dos Evangelhos, porque incorporou então um elemento não bíblico – a faca?)

Importa também dizer que alguns dos «especialistas» que rejeitaram as nossas interpretações dos quadros de Leonardo não foram simplesmente capazes de fazer a verificação dos factos. A Dra. Denise Budd, da Universidade de Columbia, entrevistada para

Segredos do Código, de Dan Burstein, desafia a interpretação de Dan Brown – que é na verdade a nossa – de *A Virgem dos Rochedos*, dizendo que o tema e a composição não foram escolhidos por Leonardo, mas sim especificados por aqueles que encomendaram a obra: «Durante o Renascimento, não era geralmente dada ao artista rédea solta em encomendas importantes. Teria havido orientações específicas. E Leonardo terá provavelmente seguido essas instruções.»[4]

É, porém, inquestionável que *não* foi esse o caso. O contrato da encomenda, datado de 25 de abril de 1483, que inclui uma descrição detalhada das especificações da Fraternidade da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria, ainda existe – e demonstra que Leonardo ignorou por completo os seus desejos. Na verdade, isto deu origem a um longo processo jurídico que se arrastou durante 23 anos.[5] (Embora se refira a isto na sua entrevista, a Dra. Budd sugere ter-se tratado de uma disputa sobre o pagamento.) Além dos elementos que o artista deixou de fora, há um grande significado nos que escolheu *acrescentar*: a figura do pequeno João Batista e do seu protetor, o arcanjo Uriel.

Sobre o tratamento de João neste quadro, Ilse Hecht, do Instituto de Arte de Chicago, escreveu que «João é transformado de um espectador em alguém igual a Cristo».[6] Esta é, por si só, uma afirmação extraordinária – mas, como os leitores de *O Segredo dos Templários* saberão, acreditamos tratar-se de uma *sub*avaliação.

FACTOS E FALOS

Mas, para nós, a mais importante mensagem escondida nas obras de Leonardo é, claro, o seu perigosamente herético joanismo, que nem sempre foi profundo ou intelectual, como descobrimos após a primeira edição deste livro ter sido publicada, para nosso imenso – e persistente – espanto. Teoricamente, não tem qualquer ligação à intensa aversão de Leonardo pela Sagrada Família – principalmente, ao que parece, pela Virgem Maria – a sua alegre representação de um enorme falo e de uns testículos, feitos a partir das rochas em fundo, que brotam da cabeça d' *A Virgem dos*

Rochedos. Sendo, por esta altura, já uma muito usada conclusão para a nossa palestra sobre o «Mundo Secreto de Leonardo», a sua revelação nunca deixa de provocar um arquejo em massa seguido de gargalhadas. Trata-se nitidamente de Leonardo a dizer, ao seu estilo inimitável, que «*esta* não é virgem nenhuma», e quase certamente a mandar uma indireta à Fraternidade da Imaculada Conceição, que fez a encomenda. Claro que escapou impune – até agora – pois sabia que, se as pessoas acreditarem que um quadro retrata uma cena sagrada, é geralmente improvável que detetem um pénis na cabeça da Mãe de Deus. Mas lá está ele, para diversão de muitos e extrema irritação da elite académica, que, quando confrontada com esta obviamente grosseira, sacrílega e contestatária piada, se torna de súbito totalmente cega.

Ainda que o falo seja Leonardo no seu lado mais infantil, e talvez até no mais cruelmente anticristão, fizemos também mais descobertas sobre a sua faceta joanista mais séria através de uma comparação entre duas obras que retratam a Virgem Maria, Santa Ana e o menino Jesus.

A primeira é o «esboço» na National Gallery, em Londres, que mostra a Virgem com outra figura feminina, que tanto pode ser Ana, a mãe de Maria, como (mais provavelmente, na nossa perspetiva) Isabel, a mãe de João Batista, e com os meninos Jesus e João. No Capítulo Um, observámos a presença do «gesto de João» a ser feito por Isabel/Ana, mas não reparámos em *como* Jesus «abençoa» João. Uma das mãos está sob o queixo de João, como que a firmá-lo e/ou a levantar-lhe a cabeça. A outra pode parecer estar erguida numa bênção, mas, se seguirmos o ângulo do braço, parece que o menino Jesus está prestes a desferir um poderoso golpe na garganta do pequeno João.

Talvez por esse motivo, Leonardo nunca terminou a obra – mas esta evoluiu para a versão final de *A Virgem e o Menino com Santa Ana*, atualmente no Louvre. A composição é muito similar – com a mesma ambiguidade acerca da figura de «Ana» (ainda que sem o gesto de João) –, mas a grande diferença é que João foi substituído

por um cordeiro, com o qual Jesus está a brincar. Tal como observámos no Capítulo Cinco, para alguns grupos – incluindo os Templários –, o Cordeiro de Deus simbolizava João Batista (que proferiu estas palavras) e não, como é mais habitual, Jesus (de quem foram ditas). É nitidamente esse o caso no quadro de Leonardo: Jesus está fisicamente presente, bem como o Cordeiro, que ocupou diretamente o lugar de João na versão anterior.

Mas, mais uma vez, há algo de muito estranho na forma como o menino Jesus brinca com o Cordeiro, puxando-lhe as orelhas de forma algo bruta – enquanto aparenta olhar para a mãe em busca de aprovação – e com uma perna rechonchuda à volta do seu pescoço. Isto não só separa visualmente a cabeça do Cordeiro do seu corpo como dá a distinta impressão de que Jesus está efetivamente a tentar arrancar essa cabeça vulnerável.

Seria difícil criar uma imagem mais explícita – e, ainda assim, brilhantemente disfarçada – das crenças essenciais da vertente mais extrema do joanismo, segundo a qual a morte de João se deve, de algum modo, a Jesus.

De igual forma, uma descoberta intrigante noutra das obras de Leonardo que discutimos vem não só sustentar, mas também desenvolver, a nossa interpretação. Resultou de um estudo de alta tecnologia feito à *Adoração dos Magos*, realizado durante quatro anos a partir de 2001 pelo engenheiro Maurizio Seracini e pela sua equipa da Editech, uma empresa sediada em Florença, tendo os resultados completos sido revelados em setembro de 2005. Originalmente chamado pela galeria Uffizi para esclarecer se a obra era ou não suficientemente robusta para resistir ao restauro, Seracini concluiu que não e o plano foi abandonado, mas a sua análise detalhada da *Adoração* com recurso a várias técnicas de imagiologia para penetrar nas suas muitas camadas revelou pormenores até então desconhecidos.

Como vimos no Capítulo Dois, a *Adoração* destinava-se a ser uma pintura em madeira de uma cena do Novo Testamento, mas só os esboços preliminares e a preparação foram concluídos, ainda

que parte da cena tenha sido pintada. (Leonardo abandonou o projeto por razões desconhecidas.) Sempre se presumiu que a sobrepintura fosse da sua autoria, mas Seracini demonstrou que fora na verdade feita por outra mão posterior – especificamente para obliterar alguns dos pormenores de Leonardo. Outras áreas foram tapadas por faixas de carvão. Seracini conseguiu revelar o que estava por baixo – a ideia original de Leonardo.

Algumas das figuras no esboço original não são surpreendentes, tendo em conta o tema – um burro e uma vaca, por exemplo. Mais incongruente é um pequeno elefante (felizmente um estranho à mais habitual representação da Natividade). Ainda mais iconoclasta era a intenção original de Leonardo de pintar como pano de fundo uma batalha campal entre exércitos montados a cavalo. Só um par de cavalos e cavaleiros sobreviveram à sobrepintura, nitidamente realizada porque os proprietários ficaram horrorizados ante tão incongruente violência na tradicional cena da Natividade.

Para nós, porém, a descoberta mais interessante diz respeito ao templo semiconstruído – «em ruínas» – que surge em segundo plano. A aparentemente secundária descoberta de Seracini de que várias figuras de trabalhadores tinham sido tapadas tem, na verdade, implicações profundas para o nosso entendimento do que Leonardo estava a tentar transmitir neste quadro. Tal como foi reportado pelo *Guardian* de Londres:

> A interpretação tradicional é de que o edifício é uma ruína, simbolizando a decadência da velha ordem pré-cristã. A análise do Sr. Seracini confirmou que a estrutura não é cristã. Da Vinci não se voltou para a clássica arquitetura romana que se encontrava a toda a sua volta. «Isto é um capitel em forma de lótus», disse o Sr. Seracini, apontando para o topo de uma coluna. «Fiquei muito surpreendido ao ver isto.»
>
> O capitel, que é a parte superior de uma coluna, constitui uma das principais pistas para a época e o estilo de um edifício.

> Capitéis em forma de flor de lótus são caraterísticos do antigo Egito.
>
> Partes do edifício estão em ruínas e abandonadas. Outra descoberta recente, feita há poucos dias, é a de que há uma árvore a brotar da alvenaria. Mas existem pessoas – aparentemente trabalhadores e artesãos – a trepar por ela acima. O Sr. Seracini acredita que o edifício é um templo pagão, e que Leonardo pretendia originalmente mostrá-lo a ser construído.[7]

Na verdade, se o templo ficou abandonado durante tempo suficiente para dele brotarem árvores, então está certamente a ser *reconstruído* ou restaurado. Uma vez que isto é uma absoluta inversão da interpretação de gerações de especialistas em arte, é inevitável que isto lhes tenha trazido um súbito despertar. Mas, visto em conjunto com o grupo de adoradores do Batista erguidos acima dos que rodeiam a Virgem e o menino Jesus, é uma perfeita representação visual das conclusões essenciais do nosso livro: que a missão de João e de Jesus se baseava essencialmente na religião pagã do Egito.

Como sabemos agora, Leonardo era de facto um herege muito ocupado, mas apesar de aparentemente muito empenhado em que as gerações futuras desvendassem a sua mensagem secreta, o seu ego parece ter-lhe exigido que reconhecesse também toda a extensão do seu génio. Nesse contexto, estamos encantados por ter feito uma nova descoberta sobre a sua ligação ao Sudário de Turim, detalhada no *e-book* de 2012 da edição revista e atualizada de *Turin Shroud: How Leonardo da Vinci Fooled History*.

Resumidamente, descobrimos que o *Salvator Mundi* (*Salvador do Mundo*) de Leonardo, pintado por volta de 1498, corresponde de tal modo ao rosto do homem no Sudário que é de ficar – literalmente – de queixo caído. Mas não existe qualquer registo de da Vinci ter sequer visto o Sudário. Será este o elo há muito perdido entre ele e

a alegada imagem de Cristo? *Será esta efetivamente a confissão de Leonardo de que falsificou o Sudário de Turim?*

UMA MUITO FAMOSA SOCIEDADE SECRETA

O Código da Vinci deu ao Priorado de Sião um importante papel, onde surge tal como apresentado em *O Sangue de Cristo e o Santo Graal*, como protetor da linhagem merovíngia/de Jesus. Desde o final dos anos 1980 que o Priorado, e o seu fundador Pierre Plantard de Saint-Clair, adotaram um perfil discreto, sendo o único desenvolvimento notável a morte de Plantard a 3 de fevereiro de 2000. Ainda que Gino Sandri se recuse a abordar o tema da identidade do atual Grão-Mestre, dizem os rumores que, nos anos 2010, era Inès de la Torre, uma artista e antropóloga espanhola que é a companheira de Sandri. Mas dada a propensão do Priorado para a criação de mitos e de rumores, quem sabe se é verdade ou se ainda existe sequer um Grão-Mestre?

(A propósito, Plantard não foi sepultado em Rennes-les-Bains, como sugeriam os marcadores na campa que supostamente tinha reservado no cemitério de lá; os seus restos mortais terão alegadamente sido cremados.)

O facto de Dan Brown ter empurrado o Priorado para os holofotes globais foi como que uma faca de dois gumes, pois não lhes trouxe apenas fama, mas também notoriedade, e o Priorado, juntamente com o próprio Pierre Plantard de Saint-Clair, tornaram-se um grande alvo das críticas contra o livro. Todo o tipo de acusações e alegações – muitas vezes infundadas – foram postas a circular sobre Plantard, sobretudo na *internet*, e, em muitos casos, apenas após a sua morte. Infelizmente, os seus inimigos e críticos não se coíbem de fazer exatamente o mesmo por que o condenaram – exagerar e até mesmo inventar provas contra ele.

Desde o sucesso de *O Código da Vinci* que a opinião automática em voga nos meios do comunicação é a de que tudo não passou de um embuste perpetrado por Plantard. Mas, infelizmente para aqueles que procuram respostas simples, as respostas recusam-se

a ser assim tão simples. Na verdade, algumas das provas de que o Priorado é um embuste são elas mesmas falsas.

Como dissemos no Capítulo Dois, estávamos indecisos quanto à história do Priorado de Sião. Por um lado, rejeitávamos muitas das suas alegações acerca das suas origens, história e propósitos – nomeadamente quanto à sobrevivência da linhagem merovíngia – e não conseguimos encontrar quaisquer provas da sua existência antes de 1956. Mas, por outro, admitíamos que parecia ter acesso a conhecimentos internos sobre a história esotérica europeia. E havia claros indícios de algum tipo de «corrente subterrânea» herética remontando pelo menos ao tempo das Cruzadas, envolvendo certas famílias nobres e sociedades secretas, das quais o Priorado parece ter tido conhecimento. Mas nada disto estava associado aos merovíngios.

A nossa investigação em curso, apresentada em *O Segredo de Sião*, tende a confirmar ambos os lados deste paradoxo: o Priorado *não* é o que afirma ser, mas é certamente mais do que um simples embuste. Ainda assim, conseguimos extrair conclusões mais firmes sobre essa astuta organização.

O Priorado de Sião foi efetivamente criado *como tal* em 1956 por Plantard e outros, mas não apenas como um embuste ou esquema, e sim como uma fachada ou cobertura para outras sociedades. Na verdade, toda a história da linhagem merovíngia, inventada nos anos 1960, foi concebida como cobertura.

As sociedades para as quais o Priorado servia de fachada eram as que tínhamos já descoberto a rondar em pano de fundo, tal como é discutido no Capítulo Seis e no Apêndice – o Rito Escocês Retificado, a Ordem Martinista e a Ordem de Mênfis-Misraïm. Quando escrevemos *O Segredo dos Templários*, sabíamos que havia uma relação entre estas sociedades e o Priorado de Sião, mas a exata natureza da relação não era clara. Estão estas por trás do Priorado ou é o Priorado que está por trás delas?

O desenvolvimento da nossa investigação demonstrou ser a primeira hipótese a correta. Conseguimos traçar ligações sólidas e

específicas entre o atual Priorado de Sião, a sua precursora, a Ordem Alpha-Galates dos tempos da guerra, e tanto o Rito Escocês Retificado (ou, mais precisamente, a sua altamente secreta ordem interna, os Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa) como a Ordem Martinista.

Quando nos referimos neste livro ao «Priorado de Sião», deve, pois, ler-se como uma abreviatura para «as sociedades às quais o Priorado de Sião serve de fachada» ou, recuando ainda mais na história, «as tradições em que os criadores de mitos do Priorado se basearam». (Discutiremos uma dessas tradições na secção seguinte.)

Como observámos no Apêndice, todas estas sociedades partilham uma origem comum, a Estrita Observância Templária criada pelo Barão von Hund na Alemanha de meados dos anos 1700 – mas que alegava, de modo mais controverso, descender dos Cavaleiros Templários medievais. Ao aprofundarmos mais a nossa análise do Rito Escocês Retificado, que é basicamente uma redesignação da Estrita Observância, descobrimos que o Alto Capítulo original desta última (o equivalente à Grande Loja), sediado em Jena, na Turíngia, era efetivamente designado de Capítulo de Sião. E, uma vez que os capítulos da Estrita Observância eram presididos por um Prior, podia até ser considerado um «Priorado de Sião»… Assim, partindo do atual Priorado de Sião, seguimos as obscuras sociedades por trás dele até dois séculos antes – e chegámos a outro Priorado de Sião![8]

SEGREDOS DOS ANJOS

Desde a edição original, desvendámos muito mais sobre uma tradição esotérica-artística que liga Leonardo da Vinci e Jean Cocteau, ajudando a explicar a sua presença – à primeira vista algo incongruente – na lista de Grão-Mestres do Priorado de Sião.

Em primeiro lugar, o autor britânico Andrew Collins apontou-nos uma importante ligação à Ordem da Rosa Cruz, do Templo e do Graal, cujos membros incluíam Claude Debussy e o compositor Erik Satie.

As Constituições da Ordem, redigidas pelo seu Grão-Mestre Joséphin Péladan em 1893, citam Leonardo como um dos padroeiros da Ordem. Na verdade, era exigido aos iniciados no seu grau rosacruz que prestassem um juramento em seu nome.[9] Como vimos, surge no cartaz do Salão da Rosa+Cruz, o «rosto público» da Ordem, como Guardião do Graal. Péladan não foi o fundador da Ordem – as suas origens devem-se, significativamente, a indivíduos ligados à família Hautpoul de Rennes-le-Château –, mas, após ter-se tornado Grão-Mestre, reviu totalmente os seus rituais e doutrinas, introduzindo a veneração por Leonardo.

Péladan, um grande leonardófilo, teve um papel significativo em fazer com que da Vinci fosse reconhecido como mais do que um pintor clássico, que foi realmente tudo aquilo por que foi recordado até ao virar do século XX. Péladan produziu as primeiras traduções dos há muito descurados cadernos de Leonardo mantidos no Institut de France e escreveu vários estudos a demonstrar o seu génio e invenções, alegando também que devia ser levado a sério enquanto filósofo – um deles até ganhou um prémio da Académie Française.

(E recordemos que o secretário de Péladan era o sombrio Georges Monti, que se tornou uma espécie de mentor para Pierre Plantard de Saint-Clair, o rosto público do Priorado de Sião.)

Isto vai ao encontro de uma das nossas descobertas mais importantes desde a escrita de *O Segredo dos Templários*, e que fez com que muitas das peças que tínhamos sobre o Priorado de Sião se encaixassem, que foi um livro de Maurice Barrès, *Le Mystère in pleine lumière*, postumamente publicado em 1926.

Barrès (1862-1923) é uma das figuras-chave da cultura francesa do século XX. Romancista e político – tendo representado a região do Sena na Câmara dos Deputados entre 1906 e a sua morte –, foi também participante ativo no mundo oculto do *fin-de-siècle* parisiense, onde conviveu com indivíduos que foram introduzidos na história do Priorado de Sião, como Debussy e Emma Calvé. O biógrafo de Calvé, Jean Contrucci, descreveu Barrès como um «companheiro viajante» de Péladan:[10] segundo Christian Plume e

Xavier Pasquini, em *Encycplopédie des sects dans le monde*, Barrès foi, juntamente com Péladan, um dos membros do Conselho Supremo da Ordem Martinista que foi fundada em 1891.[11] Vários investigadores observaram que *La Colline inspirée*, o romance de Barrès de 1913, baseado no estranho caso dos irmãos Baillard de Sion-Vaudémont e no seu envolvimento no culto sexual de Eugène Vintras (ver Capítulo Sete), tem curiosas semelhanças com a história do abade Saunière de Rennes-le-Château.

Em *Le Mystère en pleine lumière*, Barrès escreve em termos cautelosos e cuidadosamente sentenciosos sobre uma fraternidade secreta de artistas que, dizia ele, existia desde o século XVII, baseada numa tradição ainda mais antiga que remontava ao Renascimento italiano. Intitulava-se esta irmandade de Société Angélique, uma vez que estes pintores, escultores e poetas consideravam estar sob a influência dos anjos, razão pela qual estes surgem preponderantemente na sua obra. Barrès sugere que isto vai além de uma simples metáfora para a inspiração, sendo as interações destes indivíduos com os seres espirituais de um tipo muito mais direto.

Tal como foi observado no Capítulo Nove, o investigador Antoine Bruzeau sugeriu que Dom Polycarpe de la Rivière, do mosteiro de Sainte-Croix-en-Jarez, em Le Pilat, foi membro da Société Angélique nos anos 1620 – algo que é corroborado pelas nossas próprias investigações. Bruzeau e André Douzet traçam também uma ligação entre Le Pilat e as viagens e atividades de Bérenger Saunière, entrelaçando ainda mais os vários fios.

Cedo se torna evidente que grande parte da tradição do Priorado incluída nos *Dossiers secrets* é manifestamente baseada no livro de Barrès, demonstrando assim que quem quer que tenha concebido esses enigmáticos documentos estava familiarizado com ele (ou talvez com as suas fontes). Barrès identificou, por exemplo, Nicolas Poussin como um dos primeiros membros da Angélique, e até como um dos seus fundadores. Chama também especialmente a atenção

para os quadros de Eugène Delacroix na igreja de Saint-Sulpice, que são mencionados em *Le serpent rouge*.

Ainda mais significativamente, Barrès revelou o código utilizado pelos iniciados para sinalizar a sua filiação na Société: a expressão latina *Et in Arcadia ego*, que, tal como vimos, surge de forma recorrente nos mistérios do Priorado de Sião e de Rennes-le-Château.

Mas o mais importante de tudo à luz das nossas conclusões neste livro é que Barrès nos deu pistas para outro dos sinais de reconhecimento da Angélique. Ao escrever sobre a «terra dos anjos» a que os membros aspiram e de onde extraem a sua inspiração, diz que é «a terra para onde o São João de da Vinci aponta com o seu dedo erguido».[12] Refere-se claramente ao «gesto de João»… E Barrès associa-o à Société Angélique. A clara implicação disto é que, apesar de, segundo Barrès, ter sido fundada no século XVII, no tempo de Poussin, esta sociedade via Leonardo da Vinci como parte, ou como um precursor, da sua tradição.

E é uma tradição que liga Leonardo a Jean Cocteau. Que foi onde começámos.

Os escritos e as ideias quase místicas de Barrès sobre a nação francesa, baseados numa relação profundamente espiritual entre o povo, a terra e a história e mitologia da nação, tiveram uma enorme influência sobre o jovem Cocteau (bem como em muitos outros, incluindo o general de Gaulle). Em 1914, Cocteau chegou mesmo a fundar um breve jornal, *Le Mot*, para promover as teorias nacionalistas de Barrès. É certo que Cocteau e Barrès se conheceram, pois Cocteau escreveu sobre duas visitas a casa de Barrès durante a Primeira Guerra Mundial. (Numa delas, curiosamente, discutiram *La Colline inspirée*.)[13] Mas, ainda que Cocteau idolatrasse o célebre romancista, parece que Barrès não sabia bem o que pensar do jovem dândi.

Cocteau é um candidato perfeito à filiação na Société Angélique, pois não só foi profundamente influenciado por Barrès como tinha uma eterna obsessão por anjos, que surgem destacadamente nos

seus quadros, peças e filmes. Marielle Wyns, num estudo dedicado à importância dos anjos na sua *oeuvre*, *Jean Cocteau: L'Empreinte de l'Ange* (2005), escreve que «vários críticos notaram a preponderância do anjo na obra de Cocteau».[14] Este era fascinado pela relação entre anjos e humanos, escrevendo sobre eles em termos muito similares aos de Barrès, e alegava também servir de «veículo» para os anjos.[15]

Cocteau era fã de Leonardo – o que não é de admirar num artista. Num ensaio de 1959, escreveu sobre o seu «amor fraternal» por Leonardo e republicou um poema mais antigo, *Hommage a Léonard*, em que fala do gesto de João em termos muito similares aos de Barrès:

> Do meu destino, afasta-me habilmente o seu [de Leonardo]
> indicador esquerdo
> E aponta para o reino desconhecido no mapa
> Onde triunfa o glorioso fracasso de Vinci.[16]

Tal como Barrès, Cocteau associa o gesto de João a uma terra invisível. Não é decerto uma coincidência. Principalmente quando vista em conjunto com os paralelismos entre as imagens nas obras de Cocteau e de Leonardo, o que sugere que Cocteau tinha conhecimento dos «códigos», e do seu significado, que deram início à nossa própria demanda.

E por falar nisso…

A ÚLTIMA CEIA DE COCTEAU

Após termos escrito a primeira edição de *O Segredo dos Templários*, descobrimos que Jean Cocteau tinha também pintado uma *Última Ceia* – uma das suas obras menos conhecidas e parte do seu último projeto. Isto acrescenta aos paralelismos entre a sua obra e a de Leonardo, que foram, em muitos aspetos, o ponto de partida para a nossa jornada.

Aquando da sua morte, em outubro de 1963, Cocteau estava a trabalhar na capela de Notre Dame de Jérusalem, mesmo à saída de Fréjus, na costa mediterrânica, não muito longe de Cannes. Este trabalho foi solicitado pelo banqueiro Jean Martinon, como capela de

uma comunidade artística que ele estava a construir. Desta vez, Cocteau projetou todo o edifício a partir da base, tendo, portanto, toda a liberdade. (Após a sua morte, a decoração do interior foi concluída, de acordo com os seus planos, pelo seu filho adotivo – e, tal como ele admitiu nos anos 1980, amante – Édouard Dermit, um ator e pintor que Cocteau conheceu em 1950 durante a produção da adaptação cinematográfica do seu romance *Les Enfants terribles* e que apareceu em vários filmes de Cocteau.)

O tema escolhido por Cocteau foi a Paixão de Cristo, da Última Ceia à Ressurreição, e isto está refletido em todo o traçado da capela. É octogonal, possivelmente baseado no modelo da Cúpula da Rocha em Jerusalém – ainda que, claro, seja também caraterístico das igrejas templárias pela mesma razão.

No interior da capela, há frescos que mostram as cenas-chave dos últimos anos da vida terrena de Jesus. Tal como nas suas outras decorações de igrejas, existem todos os tipos de elementos interessantes, mas focamo-nos aqui na sua particularmente colorida Última Ceia. Embora num estilo naturalmente muito diferente do da versão de Leonardo, de quase cinco séculos antes, existem alguns paralelismos intrigantes.

Tal como Leonardo, Cocteau incluiu-se – ainda que enquanto jovem – como um dos discípulos (juntamente com outros amigos, como o ator Jean Marais). Cocteau ocupa a mesma posição que Leonardo, o segundo discípulo à direita. E, enquanto Leonardo pintou um dos discípulos como mulher – Maria Madalena, obviamente –, Cocteau tem dois (talvez três, uma vez que um dos outros apóstolos é decididamente de género indeterminado). Cocteau transmite, no mínimo, uma consciência destes elementos na versão de Leonardo.

E ter duas, ou três, mulheres entre os discípulos de Jesus é decididamente pouco convencional para uma capela cristã, especialmente católica.

Mas há uma reviravolta na história para os investigadores do Priorado de Sião.

Ao centro do chão azul em mosaico – concebido para parecer água a ondular – surge uma «cruz de Jerusalém» vermelha, uma grande cruz de braços iguais rodeada por quatro mais pequenas. Este foi o símbolo adotado pelo Reino de Jerusalém quando foi fundado após a Primeira Cruzada, daí o nome. Dada a dedicação da capela, faz sentido a sua presença, exceto que, nas armas do reino, as cruzes são douradas, não vermelhas, como aqui.

A variante vermelha – vermelho para simbolizar o sangue de Cristo – era a insígnia de uma ordem específica de cavaleiros cruzados, a Ordem do Santo Sepulcro, que foi criada para guardar e proteger a igreja que se julgava assinalar o local do túmulo de Cristo. (Ainda existe, muito desenvolvida em termos de organização e função, enquanto ordem católica sob o patrocínio pessoal do Papa.) A referência é reforçada pela inclusão por Cocteau do lema dessa ordem, *Dieu le veut* («Deus o quer»), por baixo da cruz.

Ainda que isto se enquadre no tema geral da capela, não é claro porque quis ao certo Cocteau chamar a atenção para essa ordem específica (a capela não tem qualquer ligação oficial à versão moderna). Mas eis uma coisa engraçada: a Ordem do Santo Sepulcro foi fundada em 1099 por Godofredo de Bulhão – que é exatamente o que os *Dossiers secrets* alegam para o Priorado de Sião. Na verdade, o desenho da cruz vermelha é, por vezes, conhecido como a «cruz de Godofredo de Bulhão».

Para completar o cenário, segundo dois historiadores medievais franceses, Alain Demurger e Michel Parisse, existem indícios de que o fundador dos Cavaleiros Templários, Hugo de Payens, fora anteriormente membro da Ordem do Santo Sepulcro, juntamente com alguns dos outros cavaleiros templários fundadores.[17] Lembramos que o Priorado – originalmente Ordem – de Sião alega ter uma origem comum à dos Templários.

Claro que haverá quem queira explicar isto como uma dissimulada alusão ao Priorado por parte de Cocteau no traçado e decoração da capela – uma declaração da sua fidelidade. Mas, dadas todas as dificuldades que existem em torno da alegada

história do Priorado, é mais provável que tenha sido o contrário: os criadores da história mítica do Priorado obtiveram a ideia a partir desta derradeira obra de Cocteau, baseando o seu relato ficcional das origens do Priorado na verdadeira história da Ordem do Santo Sepulcro.

RENNES-LE-CHÂTEAU REVISITADA

Quanto a atualizações sobre o mistério de Rennes-le-Château (Capítulos Oito e Nove), ainda que, mais uma vez, o sucesso de *O Código da Vinci* o tenha projetado para a notoriedade global, existe – talvez previsivelmente – pouco a reportar.

A própria Rennes-le-Château não surge no romance de Brown – sendo a única alusão o uso do nome do sacerdote, Saunière, para curador do Louvre –, mas está tão intimamente associada ao conceito de «sangue sagrado» que foi inevitavelmente arrastada para a controvérsia, tanto pelos curiosos em saber mais como por aqueles cuja missão é demonstrar que tudo quanto esteja sequer remotamente associado ao livro é um disparate. Mas (apesar dos desejos destes últimos) o mistério da riqueza de Saunière continua por resolver.

A nossa própria investigação desenvolveu e cristalizou as ideias esboçadas neste livro e, ainda que não tenhamos uma solução definitiva, certos aspetos estão hoje mais claros. A nossa posição mais recente é pormenorizada em *O Segredo de Sião*, mas eis um breve resumo:

É agora evidente que o caso Saunière não tem qualquer ligação às hipóteses das linhagens merovíngia e de Jesus/Maria Madalena, sendo a primeira uma invenção do Priorado de Sião (via *Dossiers secrets*) nos anos 1960, provavelmente mais como um exercício de desinformação do que como um simples embuste. E, se não houve sobrevivência secreta dos merovíngios, então colapsa também a base da hipótese da «linhagem sagrada».

Tornou-se igualmente mais claro que as estranhas atividades dos irmãos Saunière – Alfred é pelo menos tão importante como o mais famoso Bérenger – estavam relacionadas com a procura de

documentos que tinham estado em tempos nos arquivos da família Hautpoul, mas que se haviam perdido ou sido escondidos, provavelmente durante a Revolução Francesa. Claro que, até sabermos o que contêm, nunca saberemos a natureza do seu atrativo, mas dificilmente poderá ser coincidência que os Hautpoul estivessem intimamente associados às mesmas sociedades secretas e ordens da Maçonaria oculta que descobrimos estarem por trás do Priorado de Sião.

Gino Sandri parece ter confirmado ambas as nossas conclusões. Numa entrevista em 2003, disse que o material disseminado nos anos 1960 – em particular os pergaminhos alegadamente encontrados por Bérenger Saunière – tinha sido criado para «desviar as atenções a fim de proteger outros documentos» outrora detidos pelos Hautpoul. Descreveu até os *Dossiers secrets* como uma «*intoxication*», o termo francês para uma campanha de desinformação.[18] Mas seria isto uma verdadeira confirmação ou apenas o Priorado no seu habitual registo jocoso – ou enfurecedor?

Independentemente do que quer que se passasse, a ideia popularizada pelos desmistificadores de *O Código da Vinci* de que toda a questão de Rennes-le-Château é basicamente um embuste, e de que o mistério da riqueza de Saunière se devia apenas ao seu tráfico de missas, é uma simplificação enormemente redutora.

Apesar de, tal como vimos neste livro, a explicação do «tráfico de missas» tenha sido apresentada pelos céticos desde a primeira vez em que o mistério se tornou popular, nos anos 1960, reapareceu em 2003 em *The Treasure of Rennes-le-Château: A Mystery Solved*, dos investigadores britânicos Bill Putnam e John Edwin Wood.

Ainda que os nossos críticos tendam a colocar-nos em campos opostos aos de Putnam e Wood, estamos, na verdade, de acordo em muitos pontos importantes, pelo menos no que à fonte de rendimentos de Saunière diz respeito. (Na realidade, estamos também, em grande medida, de acordo quanto ao Priorado de Sião: embora o descartem como um embuste dos tempos modernos, Putnam e Wood aceitam que não foi financeiramente motivado e

reconhecem a sua perplexidade quanto aos seus verdadeiros objetivos.)[19]

Putnam e Wood concluem que a riqueza de Saunière veio de pagamentos por rezar missas, suplementados por donativos de indivíduos abastados. Na verdade, é também essa a nossa conclusão, da qual temos vindo a ficar cada vez mais certos – ainda que a invertêssemos, dizendo que a sua principal fonte de rendimento eram os donativos, suplementados pelo pagamento de missas. O ponto em que divergimos é na *razão* para as pessoas o cobrirem dessas somas. Putnam e Wood sugerem simplesmente que ele (e/ou Alfred) eram capazes de encantar mulheres ricas, levando-as a fazer donativos, enquanto nós sentimos que estava relacionado com algum serviço que os irmãos proporcionavam.

Não basta a simples ambição para explicar certos elementos vitais, como um dos mais importantes: as visitas a Rennes-le-Château, entre 1888 e 1890, do arquiduque Johann Salvator von Habsburg, que realmente aconteceram, mas que são sistematicamente ignoradas pelos céticos – incluindo Putnam e Wood.

Depois, durante algum tempo, foi empolgante ver que a grande descoberta, a resposta definitiva, parecia estar finalmente prestes a ser encontrada…

Em 2001, Jean-Louis Génibrel, um americano que alegava ser neto de um dos trabalhadores de Saunière, disse que o seu avô tinha ajudado o sacerdote a enterrar uma arca debaixo da Torre de Magdala. Isto chegou aos ouvidos do Dr. Robert Eisenman, mais conhecido pelo seu trabalho nos Manuscritos do Mar Morto, que, com a Fundação Merril, que geralmente financiava trabalhos arqueológicos na Terra Santa, organizou um estudo usando georradares – tendo identificado um objeto de 0,3 metros quadrados cerca de 3,5 metros abaixo da torre. (O envolvimento de tantas pessoas ligadas à arqueologia na Terra Santa revela a dimensão adquirida pela ideia de que a resolução do mistério de Saunière está, de algum modo, relacionada com as origens do cristianismo.)

Em agosto de 2003, um grupo de vários especialistas, incluindo Eisenman e Michael Baigent, reuniu-se lá para a escavação (inevitavelmente diante das câmaras do Canal História). O objeto revelou ser… uma pedra.

(O estudo por georradar confirmou também a existência de uma cripta sob a igreja de Santa Maria Madalena, que é certamente muito mais importante, mas não houve qualquer tentativa de a investigar.)

Quando escrevemos *O Segredo dos Templários*, a notícia da maquete descoberta por André Douzet tinha acabado de surgir, criando em nós a esperança de aumentar substancialmente o nosso conhecimento sobre o caso Saunière. Duas décadas passadas, a situação continua sem avançar. O modelo ainda tem de ser autenticado como uma encomenda de Saunière.

Existem também indícios de a maquete ter estado em Itália nos anos 1970, o que implica graves problemas para a reconstrução da sua história por parte de Douzet – nomeadamente que, após ter sido encomendada por Saunière em Lyons em 1917, ficou a definhar nos fabricantes até ter sido encontrada pouco antes de ele a adquirir em 1991. É verdade que Douzet apresenta estas provas no seu livro, *Saunière's Model and the Secret of Rennes-le-Château* (2001), e que inclui também uma fotografia de um par de moldes em bronze que surgiram numa obra sobre os Evangelhos publicada em Itália em 1976. O primeiro mostra a paisagem de Jerusalém em torno do suposto local do túmulo de Jesus e o segundo mostra um corte da área após a escavação do edifício erigido no local por cristãos posteriores.[20]

O primeiro foi nitidamente produzido a partir de um molde da maquete de Douzet. Embora ele aponte diferenças, a maquete era um «esboço», feita precisamente com o objetivo de acertar os pormenores antes da moldagem final. A existência de um molde em bronze baseado na maquete no período intercalar fragiliza a alegada proveniência desta última e, assim, a ligação a Saunière – principalmente uma vez que se trata de parte de um par.

Existe uma situação similar no mausoléu de Notre-Dame de Marceille, perto de Limoux, que prometia também fazer avançar o mistério. Pouco após a publicação do nosso livro, a entrada foi tapada pelas autoridades locais e, numa visita ao espaço em 2006, descobrimos que o campo onde se situa está atualmente coberto por uma colheita à altura dos ombros, o que faz com que seja impossível localizar sequer a entrada ou a conduta.

UM TESTE AOS TEMPLÁRIOS

São frequentes os protestos de que estamos errados ao associar os Templários a João Batista, alegando que eles não lhe atribuíam qualquer reverência especial, não tendo ele um papel importante nas suas cerimónias ou serviços, e que o facto de muitas das suas igrejas e outros locais serem atualmente consagrados ao Batista reflete apenas o facto de estes terem posteriormente pertencido aos Cavaleiros de São João de Jerusalém (também conhecidos como Cavaleiros Hospitalários), que foram *realmente* batizados em sua honra.

Há como que uma divisão sobre este tema, delineada pelo Canal da Mancha: os historiadores britânicos e americanos tendem a rejeitar qualquer relação especial entre os Templários e João Batista, enquanto os franceses aceitam facilmente a ligação. Muitos dos locais dedicados a João em França – particularmente no Languedoc – *não* foram transferidos para os Hospitalários aquando da dissolução dos Templários. (A veneração dos Templários pelo Batista era nitidamente mais devota no Languedoc, estando o Cordeiro de Deus joanita incluído no seu selo.)

Mas mesmo em Inglaterra o santo não era propriamente ignorado. Na verdade, o selo do mestre templário de Inglaterra exibia o Cordeiro de Deus/*Agnus Dei*, enquanto o seu contrasselo exibia a imagem da cabeça cortada de João com o lema «Sou o garante do cordeiro».[21] Nas palavras do historiador francês Michel Lamy no seu estudo de 1994 sobre os Templários:

Os Templários prestavam-lhe [a João Batista] verdadeiro culto.

Por um lado, consagraram-lhe uma série das suas igrejas e

> capelas, mas, além disso, era frequente utilizarem um símbolo que o associava a Cristo: o cordeiro. Não é invulgar encontrar cruzes templárias enfeitadas com este cordeiro que segura um estandarte, no qual surge, ao ponto do exagero, a *croix pattée* da Ordem. O símbolo decora também por vezes as pedras angulares das suas igrejas. O cordeiro associado à *croix pattée* surge também em Jouers, perto de Accous, nos Pirenéus Atlânticos, com esculturas de cabeças cortadas… O *Agnus Dei* surge mais de 17 vezes nas marcas dos selos templários e foi encontrado 8 vezes nos moldes, correspondendo ao bastante longo período entre 1160 e 1304.[22]

Os símbolos nos selos templários sustentam a hipótese de eles terem adotado algum tipo de gnosticismo. Um estudo descobriu que cerca de 10 % dos remanescentes selos templários contêm símbolos explicitamente gnósticos, todos mais ou menos do período entre 1210 e 1290.[23]

A imagem mais comum utilizada pelos Templários era a de Abraxas, um venerado ser gnóstico com o corpo de um homem e a cabeça de um galo. (Um destes símbolos, nos Arquivos Nacionais Franceses, contém na verdade a inscrição *Secretum Templi*, mas pertenceria o selo a uma ordem interior secreta ou seria apenas uma espécie de carimbo de «Confidencial»?) Significativamente, Lamy sugere que os Templários utilizavam Abraxas como um símbolo velado para João Batista:

> Tal como o despertar da estrela da manhã, Lúcifer, o galo precede e parece causar o nascer do Sol. Neste sentido, talvez os Templários vissem nele um símbolo evocativo de São João Batista, precursor e arauto de Cristo.[24]

No contexto dos segredos dos Templários, admitimos ter-nos escapado por completo algo bastante óbvio em 1997. Como vimos no Capítulo Seis, existem tradições esotéricas que o Priorado de Sião professa e que atribuem o «segredo» dos Templários ao seu encontro com um grupo chamado Igreja de João ou Joanitas do

Leste. Importa salientar que são apenas tradições, alegados segredos transmitidos pelos iniciados ao longo das eras – mas, embora não exista qualquer prova histórica concreta, descobrimos que correspondem rigorosamente à nossa reconstrução da história da heresia joanita, da sobrevivência da «Igreja» de João Batista, dos Mandeus e por aí fora. Mas, na verdade, existem indícios históricos de que os Templários se encontraram realmente com *algum* grupo que existia já desde os primórdios do cristianismo.

Tal como foi discutido no Capítulo Cinco, Hugh Schonfield descobriu que a aplicação da cifra Atbash ao nome «Baphomet» (no alfabeto hebraico) o transformava na palavra grega «Sophia». (O método de decifração completo está incluído em *O Código da Vinci*.) A cifra Atbash é um sistema de substituição de letras que era especificamente utilizado por várias seitas na Palestina do século I para a ocultação de nomes. (Sendo um sistema extremamente simples, podia ter sido inventado de forma independente pelos Templários – não fosse a codificação Baphomet-Sophia só funcionar quando as palavras são transliteradas para o alfabeto *hebraico*. Quer isto dizer que os Templários a aprenderam de algum grupo com origens judaicas que mantivera a prática desde o tempo do Novo Testamento.)

A utilização pelos Templários da cifra Atbash demonstra que eles entraram *realmente* em contacto com grupos ou seitas – que permanecem desconhecidos – que remontavam aos primórdios da era cristã, acrescentando plausibilidade às tradições que dizem que os Templários deviam as suas doutrinas ao contacto com os «Joanitas do Leste» – os Mandeus.

O grande desenvolvimento na história dos Templários em geral desde a primeira edição deste livro foi a descoberta do «Pergaminho de Chinon» nos arquivos do Vaticano e a sua divulgação em 2007, coincidindo com o 700.º aniversário da supressão da Ordem. (Na verdade, fora descoberto alguns anos antes, mas o anúncio foi deliberadamente adiado até ao aniversário.) Trata-se de um relatório de 1308 feito por três cardeais que haviam sido enviados pelo Papa

Clemente V para interrogar cinco veteranos Templários, incluindo Jacques de Molay e o seu braço-direito Hugo de Piraud, Precetor de França, que estavam aprisionados na fortaleza de Chinon, no Vale do Loire. O interrogatório foi feito sem a ameaça de tortura e com a promessa de que o próprio Papa perdoaria quaisquer pecados que eles confessassem. Estas condições tornam as respostas dos cinco Templários particularmente significativas.

Todos negaram a maioria das acusações feitas contra a Ordem, como por exemplo a de terem estado envolvidos em atividades homossexuais ou de estas serem ativamente encorajadas no seio da Ordem. Quatro deles negaram qualquer conhecimento acerca da identidade do líder, ainda que Hugo de Piraud tenha dito que o vira. Mas *todos* admitiram ter-lhes sido ordenado que negassem Cristo e que cuspissem num crucifixo durante as suas cerimónias de iniciação, e Hugo disse que ele mesmo tinha iniciado muitos novos membros dessa forma. Outro deles, Godofredo de Gonneville, disse ter-se recusado a fazê-lo, mas que lhe fora permitido entrar para a Ordem após ter prometido que, se os outros templários alguma vez lhe perguntassem, diria tê-lo feito.

São provas claras e sólidas de que pelo menos a rejeição de Cristo e a profanação da cruz faziam realmente parte do rito de iniciação nos Templários. Isto deveria ter causado uma importante reconsideração entre os historiadores acerca das razões para a queda da Ordem, mas, talvez previsivelmente, não o fez. Os que reconhecem as evidências do documento explicam-no como um teste, ou um treino para o caso de serem forçados a passar por tal provação se fossem capturados pelos sarracenos. Esta explicação não só está totalmente ausente do testemunho dos cinco templários como nem sequer faz sentido; se fosse um teste, ao obedecerem às instruções, ter-se-ia certamente considerado que tinham falhado – pelo que a ideia de «treino» simplesmente não funciona.

Uma questão que as novas pesquisas históricas vieram certamente esclarecer é o papel das mulheres na Ordem do Templo, expandindo as considerações sobre o tema que fizemos no Capítulo

Cinco. Não só é possível dar uma resposta firme, como são tais os indícios que é de admirar que tenha existido aí algum mistério: sim, as mulheres tinham lugar nos Templários – algo que os historiadores parecem estranhamente relutantes em admitir.

E o que é esquisito é que, ao admitir mulheres na Ordem, os Templários estavam a desobedecer à sua própria Regra, definida no Concílio de Troyes em 1128. Tal como observámos, esta decretou que era proibido «adicionar mais irmãs à Ordem» e «que não será permitido continuar com este costume».[25] Nitidamente, *fora* até então permitido. Como observa o importante historiador medieval francês Alain Demurger: «A formulação deste artigo indica que a regra corrigiu um costume anterior que se julgava estar errado.»[26]

Mas, surpreendentemente, apesar deste decreto, existem claros indícios de que os Templários continuaram a admitir irmãs – fazendo os mesmos votos que os irmãos – até ao fim.

Um documento datado de 11 de agosto de 1198 – ou seja, 70 anos após a Regra – relativo à instituição templária situada em Rourrel, Espanha, nomeia a sua líder como Dona Ermengarda de Oluva, que é explicitamente descrita como «irmã da cavalaria do Templo e atual *commandatrice* da casa de Rourrel.»[27] E mais, o documento refere-se a «outros irmãos e irmãs»; sendo a única irmã especificamente nomeada uma tal Titborga ou Titborgs, estando implícito que se tratava de um dos membros superiores da casa.

Ainda que Rourrel pareça ter sido a única (tanto quanto sabemos) a ter uma mulher no comando, existem registos de irmãs noutras propriedades templárias. Além da de Inglaterra que é referida por Michael Baigent e Richard Leigh, existe uma Berengária de Llorac noutro comando espanhol em meados do século XIII, uma irmã Imberta de Cremena em Albano, França, entre 1297 e 1304, e uma Dona Urraca Bermudez listada em 1201 como *soror Templi* (juntamente com outras irmãs não nomeadas) em Faro, Portugal.

Isto continuou a acontecer mesmo até ao fim. Aquando das detenções em massa dos Templários em França, a 13 de outubro de 1307, tiveram de ser tomadas medidas especiais para as irmãs

encontradas em alguns estabelecimentos. Estranhamente, inexplicavelmente até, nenhuma delas foi presa com os homens. Foi também necessário tomar medidas a seu respeito após Clemente V ter finalmente dissolvido a Ordem em 1312: Alan Demurger encontrou registos de várias ex-irmãs do Templo a viver em casas hospitalárias até 25 anos depois do encerramento dos Templários.[28]

Os relatos mais intrigantes dizem respeito ao comando templário de Payens, perto de Troyes, em Champanhe, que era visto como particularmente importante devido à ligação ao fundador da Ordem, Hugo de Payens. Os registos do oficial real encarregado do comando após a remoção dos cavaleiros afirmam que uma irmã tinha estado presente aquando das detenções. Como habitual, não foi presa e foi-lhe permitido continuar a viver ali, sendo-lhe até providenciadas roupas, comida e vinho, e mesmo dinheiro para pagar a uma serva – o curioso é que, ainda que o nome da serva tenha sido registado, o da irmã permanece anónimo.[29]

Embora fosse a única irmã em Payens no momento das detenções, as referências a outras nos registos do comando demonstram ter havido mais no passado. E isto foi confirmado pelo precetor de Payens, Ponsard de Gizy – mas introduz uma estranha, para não dizer perturbadora, reviravolta.

No começo do grande julgamento dos Templários, que teve início em Paris em 1309, Ponsard foi levado à presença dos comissários papais que estavam a presidir. Declarou que as acusações eram absolutamente falsas e que estava pronto para defender a Ordem, pedindo a ajuda de dois irmãos, cujos nomes referiu, para preparar a defesa.[30] Os comissários apresentaram-lhe então um documento que Ponsard tinha enviado a um dos oficiais superiores do papa, em que fazia as suas próprias alegações de corrupção contra certos líderes templários, incluindo esta extraordinária afirmação:

> … os mestres que recebiam irmãos e irmãs do Templo faziam as ditas irmãs prometer obediência, castidade, abnegação das propriedades pessoais, prometendo-lhes os referidos mestres fé e lealdade, como às suas irmãs… [mas] quando as ditas

> irmãs entravam na Ordem, os ditos mestres desfloravam-nas; e com as outras irmãs, que eram adultas [o que significa que não eram virgens, ou seja, eram viúvas], e que julgavam entrar na Ordem para salvar as suas almas, os ditos mestres tinham de usar a força para as vergar aos seus desejos; as ditas irmãs tinham filhos que os ditos mestres tornavam irmãos da Ordem.[31]

De forma ainda mais bizarra, apesar de admitir ter escrito o documento, Ponsard disse que só o tinha feito porque estava zangado após o Tesoureiro dos Templários se lhe ter dirigido de forma «abusiva», querendo assim dizer que tinha inventado tudo. A última estranha reviravolta é a de que os comissários aceitaram alegremente esta explicação e o documento nunca mais voltou a ser referido – apesar de proporcionar ainda mais alegações de perversidade com que condenar os Templários.

Seja qual for a verdade das alegações de abuso, está subjacente na afirmação de Ponsard um entendimento de que as mulheres eram sistematicamente iniciadas na Ordem do Templo nas mesmas condições que os homens, fazendo os mesmos votos de obediência, castidade e pobreza e sendo vistas como membros de pleno direito – o que parece ter sido também tomado como certo pelos comissários papais. Ainda que a própria Regra dos Templários o proibisse!

Nada disto esclarece o papel ou a função das irmãs templárias – o que realmente *faziam*. E há entre os historiadores uma curiosa relutância em explorar toda a questão das mulheres nos Templários: reconhecem referências como as citadas acima, mas seguem depois rapidamente em frente, quase com um encolher de ombros. Visto, porém, em conjunto com os outros indícios que discutimos de uma inesperada reverência pelo feminino, é tudo muito sugestivo de que há mais a envolver os Cavaleiros Templários do que aquilo que atualmente sabemos.

AINDA SOBRE A DEMANDA DO GRAAL

Ao nos embrenharmos mais a fundo nos romances do Santo Graal – principalmente o *Parzival* de Wolfram von Eschenbach –, conseguimos desenvolver as ideias que apresentámos no Capítulo Cinco acerca das suas origens joanitas.

Os estudiosos da literatura de Wolfram registaram a sua marginalização deliberada da Igreja e do clero, chegando este mesmo a remover por completo certas personagens e situações que surgem na sua fonte, o *Percival* de Chrétien de Troyes. Os académicos explicam que Wolfram pretendia escrever um auto de moralidade especificamente dirigido à casta dos cavaleiros (à qual ele mesmo pertencia), incentivando a uma espiritualidade mais proativa, sem necessidade de recorrer ao clero. Isto pode estar ou não correto, ainda que qualquer tentativa de rejeitar o papel dos sacerdotes tivesse decerto sido vista com desconfiança pela Igreja. A marginalização da Igreja por parte de Wolfram é, porém, tão indiscutivelmente visível que os estudiosos sentem necessidade de a explicar (e, claro, não têm nenhum motivo específico para suspeitar de que ele estaria a promover uma mensagem herética). Na verdade, o consenso académico é que Wolfram alterou partes da sua história ao contá-la – a história surgiu em parcelas – devido à censura clerical, acrescentando avisos e correções para emendar as referências suspeitas.[32]

Embora haja referências específicas a doutrinas cristãs convencionais, pelos padrões da época, existe talvez o mínimo essencial para evitar levantar suspeitas de heterodoxia. Nesta longa obra, há apenas uma mão-cheia de referências a Jesus ou a Cristo. A maioria das alusões são neutras – referindo-se simplesmente a Deus.

Por outro lado, existem muitos elementos que podem parecer ser cristãos, mas que são formulados em termos joanitas: «homens batizados» para descrever os guardiões do Graal (ainda que ocasionalmente «cristãos»); um apelo «àquele a quem os pintores retratam ainda como o Cordeiro, com a Cruz entre os Seus cascos»,[33] e por aí adiante.

O «Gral» de Wolfram não tem, por outro lado, quaisquer ligações específicas a Jesus, embora isto não seja assim tão surpreendente, pois, na sua história, os anjos trouxeram esta pedra do Graal para a Terra muito antes de Jesus ter encarnado. Mas porque decidiu Wolfram retratar o Graal desta maneira, principalmente quando, nessa altura, a história estava a ser desenvolvida noutro local, com o cálice do Graal a ser associado à Última Ceia e à Crucifixão? (Como vimos, o Graal original de Chrétien foi baseado na salva que, na sua fonte celta, continha uma cabeça masculina cortada.) Sugerimos que isto se deveu ao facto de ser uma forma conveniente de, sempre que possível, evitar referir Jesus.

Esta história complexa fala da viagem de Parzival de regresso a Deus, através do seu derradeiro sucesso na demanda do Graal. Isto é geralmente visto como uma simples história de perda e recuperação da fé por parte de um indivíduo – mas a derradeira reconciliação de Parzival não é, na verdade, com a Igreja, mas sim com uma secreta forma mística de cristianismo que é muito anterior a Jesus, centrada no Graal e em que o batismo é fundamental. Envolve também os Templários, entre certas influências inesperadas, mas muito reveladoras.

Lembramos que Wolfram reconhece que a sua versão da história do Graal é baseada nas obras do «pagão» Flegetanis, via Kyot da Provença, que se deparou com este relato em Toledo, Espanha. Poucos levam a sério as alegações de Wolfram sobre a proveniência da sua história – ainda que Kyot pareça ter sido uma pessoa real –, vendo-a os historiadores apenas como um conceito literário. Mas pode ser, na verdade, uma referência codificada a uma das suas fontes essenciais.

Há muito que é admitido que a ideia de uma pedra milagrosa, o *lapsit exillis*, foi mais ou menos inteiramente retirada de uma versão alemã da vida de Alexandre, *o Grande*. A sua pedra mágica – *lapis exilis* (pequena pedra) – tem muitos dos atributos da pedra do Graal de Wolfram, e parece ser a origem do seu *lapsit exillis*. Mas algumas das caraterísticas do Graal, bem como as suas origens, parecem ter

vindo de outro objeto mágico, de outra fonte – o *Corpus Hermeticum*.

O nosso amigo Tobias Churton, o importante historiador britânico do gnosticismo, salienta que, no Livro IV do *Corpus Hermeticum*, Hermes Trismegisto descreve uma espécie de pia batismal hermética (*krater*), cheia de uma substância chamada *nous* – mente ou intelecto –, em termos similares aos do relato de Wolfram de como o Graal foi trazido para a terra:

> Ele [Deus] encheu uma grande taça de *nous* e enviou-a para a terra; e nomeou um arauto e mandou-o fazer a seguinte proclamação…: «Ouvi, corações humanos, se puderdes, batizai-vos nesta taça, reconhecendo o propósito com que fostes criados, e crendo que ascendereis àquele que enviou a taça.» Ora aqueles que atenderam ao apelo… e mergulharam no banho da mente… receberam uma porção de gnose; receberam a mente, e tornaram-se assim homens completos… todos quantos partilharam do dom que Deus enviou, esses, meu filho, em comparação com os outros, são como deuses imortais para os homens mortais…[34]

Ainda que Churton não o refira, a ênfase no batismo e nos seus dons, através do vaso milagroso (Graal e taça, respetivamente), é outra forte semelhança.

Segundo a sabedoria convencional, contudo, o *Corpus Hermeticum* era desconhecido na Europa nesse tempo. Mas Churton pergunta assim:

> Existe algum motivo para pensar que von Eschenbach teve acesso a fontes herméticas? Esse acesso pode ser considerado improvável até que o nome de Thabit ibn Qurra emerge do texto de Wolfram… o polímata sabeu que adotou Hermes como seu profeta e os textos herméticos como seu livro sagrado é referido pelo nome no capítulo treze de *Parzival*

como um «filósofo» e alguém que «compreendia artes obscuras».[35]

Tal influência teria vindo da Espanha mourisca, pelo que a invocação por Wolfram de Flegetanis e Toledo – onde havia uma escola dedicada à tradução para latim de textos árabes – faz sentido. Wolfram revela um conhecimento das ciências árabes, enquanto o próprio nome de Flegetanis é plausivelmente baseado no título de um tratado de cosmologia árabe chamado *Felek Thani* (*Segunda Esfera*). Diz Churton:

> Todo o *Parzival* está efetivamente impregnado de germanizações da sabedoria oriental… e deixa bem claro que a fonte dessa informação foi Toledo… onde traduções feitas pelos Sabeus de obras gregas e siríacas para o árabe vieram a ser traduzidas para o latim.[36]

Os Sabeus eram um povo erudito, que desenvolveu a ciência e filosofia gregas que haviam herdado – essencialmente um culto da sabedoria vindo de Harran (na atual Turquia), que adorava Hermes Trismegisto. Eram os herdeiros dos estudiosos de Alexandria, cuja escola de filosofia e ciência foi transferida para Harran quando a Igreja Cristã se abateu sobre os estudiosos pagãos no século IV. Quando, 300 anos depois, a Turquia caiu sob domínio muçulmano, os Sabeus tornaram-se cientistas, médicos e estudiosos (tendo-se muitos deles mudado para Bagdad). Na verdade, grande parte do que vemos como a ciência medieval árabe veio dos Sabeus. Mas podemos ir ainda mais longe na cadeia de ligações – pois os Sabeus eram nada mais nada menos que os Mandeus…

Ainda que alguns antropólogos e historiadores aceitem que os Sabeus de Harran eram a mesma coisa que os Mandeus, muitos não o fazem. O consenso académico atual é que, apesar de os Mandeus terem sido (e continuarem a ser) conhecidos pelos árabes como Sabeus e verem Harran como um lugar fundamental da sua história, não devem, de modo algo surreal, ser confundidos com os Sabeus de Harran… ou seja, os pagãos que mantiveram acesa a

tocha do hermetismo. Que dois grupos de pessoas com o mesmo nome estejam associados à mesma cidade é, dizem-nos, uma das grandes coincidências da história.

Esta perspetiva baseia-se sobretudo nas diferenças entre as práticas e crenças religiosas dos Sabeus de Harran (tal como são entendidas a partir dos poucos registos de autores medievais árabes e escritos mandeus atuais). Outros, porém, acreditam que os dois grupos de Sabeus são o mesmo, associando os Mandeus aos Sabeus herméticos – ainda que estes investigadores tendam a ser independentes da corrente convencional. Andrew Collins, por exemplo, aponta para as semelhanças nas tradições de ambos relativamente às estrelas. Os Sabeus de Harran prestavam culto às estrelas, tendo a astronomia um importante papel na sua cultura. No século XI, os Sabeus faziam peregrinações às pirâmides de Gizé. Efetivamente, com base no trabalho do grande egiptólogo egípcio Selim Hassan, Collins identificou os Sabeus com um povo de Harran que fazia peregrinações à Grande Esfinge – e que construiu uma aldeia ali perto – já nos séculos XVI e XVII a.C., abrindo assim algumas vias de investigação extremamente intrigantes. Lembramos que os Mandeus acreditam ter tido origem no Egito e serem «correligionários» dos antigos egípcios.[37]

Curiosamente, os estudiosos encontraram paralelismos entre o Evangelho de João (as passagens que se julga terem tido origem entre os seguidores de João Batista), os textos herméticos e os textos sagrados mandeus, o que sugere uma origem comum.

Na nossa opinião, a ideia de que os dois grupos de sabeus são povos totalmente diferentes baseia-se numa interpretação demasiado zelosa das diferenças entre os Sabeus medievais e os atuais Mandeus. Ainda que jamais pudessem ser literalmente o mesmo povo, inalterado ao longo dos séculos, existe *de facto* uma relação familiar. Defendemos que os Mandeus são os Sabeus de Harran, com mais mil e tantos anos de bagagem de certos elementos adicionados e outros esquecidos. Isto, acreditamos,

explica tanto as semelhanças como as diferenças entre os dois grupos.

Se estivermos certos, e se houver mesmo uma ligação entre os Sabeus medievais e os Mandeus (algo que Tobias Churton rejeitaria), então torna-se clara a fonte dos elementos joanitas no *Parzival* de Wolfram von Eschenbach.

OS JOANITAS E OS TEXTOS HERMÉTICOS

Estas descobertas sobre as fontes de Wolfram trazem-nos à memória uma grande pergunta sem resposta de *O Segredo dos Templários*: porque existiu sempre uma estreita ligação entre joanismo e hermetismo? Sempre que nos cruzávamos com um, encontrávamos o outro, mesmo nos sítios mais improváveis. Leonardo, por exemplo, cujo código secreto joanita nos lançou neste caminho, era versado na filosofia hermética que impulsionou todo o Renascimento. E os Sabeus de Harran – que acreditamos serem os Mandeus joanitas – construíram um culto a partir do hermetismo.

Como acabámos de ver, o sistema hermético incluía até a sua própria forma de batismo, na taça de *nous*. Mas uma das associações mais inesperadas é que Mani, fundador da heresia maniqueia, que foi influenciada pelos Mandeus, mostra também indícios de ter sido influenciado pelos textos herméticos.[38]

Parece não existir nenhum motivo óbvio para a recorrente ligação entre joanitas e hermetistas. Enquanto um é um movimento religioso baseado em ideias e figuras específicas da Palestina do século I, o outro é uma escola filosófica, cosmológica e mágica. Terá simplesmente acontecido que, na Europa, dois movimentos proibidos se tenham naturalmente unido? Certamente que não – a ligação revelou-se também em momentos e locais onde não existia tal ameaça.

Os hermetistas do Renascimento acreditavam firmemente que os seus venerados textos datavam dos mais antigos tempos da civilização egípcia – uma fonte de sabedoria ainda mais antiga do que os livros de Moisés, os mais antigos reconhecidos pela Bíblia. Mas, em 1614, o teólogo e estudioso clássico suíço Isaac Casaubon

fez um estudo detalhado dos textos herméticos e concluiu que estes eram essencialmente baseados na filosofia grega dos primeiros séculos da era cristã.[39] Foi especificamente o paralelismo entre certas passagens do Evangelho de João e os textos herméticos que inspirou Casaubon a desmistificar estes últimos. Mas, segundo académicos como Karl Luckert, estas partes do Evangelho são de facto baseadas em antigos conceitos religiosos egípcios, anteriores à hegemonia grega no Egito. Assim, ironicamente, a premissa básica que levou Casaubon a desmistificar os textos herméticos estava *errada*. E, tal como observámos no Capítulo Quinze, houve alguns estudiosos que sugeriram que estas partes do Evangelho de João tinham sido retiradas dos escritos dos seguidores de João Batista – outra associação entre os textos herméticos e o joanismo.

Provou-se, contudo, que Casaubon estava certo, na medida em que não existem dúvidas de que os tratados herméticos, embora oriundos do Egito, foram escritos durante o período do domínio grego, não na Era das Pirâmides ou dos faraós. Foram também escritos em grego – que era então a língua oficial do Egito.

Mas e quanto ao conteúdo? Desde Casaubon que a perspetiva aceite era a de que as suas ideias metafísicas, filosóficas e mágicas tinham também tido origem nos gregos. Mas isto foi sendo constantemente erodido ao longo dos anos, à medida que novas descobertas e estudos revelavam uma influência de origem inquestionavelmente egípcia.

Significativamente, um dos acontecimentos que desencadearam o desafio ao pensamento convencional foi a descoberta dos códices de Nag Hammadi, que, tal como vimos no Capítulo Seis, incluíam tratados herméticos entre os Evangelhos Gnósticos, revelando assim uma afinidade intelectual entre as duas correntes. (Na verdade, o conjunto de Nag Hammadi inclui os mais antigos manuscritos completos dos tratados herméticos.) Isto revelou-se consideravelmente mais importante do que originalmente julgávamos. Como escreveu Brian P. Copenhaver, professor de História e Filosofia na Universidade da Califórnia, em 1992:

> O impacto das descobertas de Nag Hammadi no nosso entendimento dos textos herméticos foi enorme. Encontrar escritos herméticos teóricos no *Egito*, em *copta* e juntamente com as mais desvairadas eflorescências da imaginação *gnóstica* foi um desafio espantoso à perspetiva mais antiga… de que os textos herméticos podiam ser totalmente entendidos num contexto grego pós-platónico.[40]

Esta descoberta salientou as grandes semelhanças entre a filosofia hermética e alguns dos sistemas gnósticos que se desenvolveram também no caldeirão cultural que era o Egito helenístico – nomeadamente a cosmopolita Alexandria. (A alquimia brotou do mesmo caldeirão, o que explica a sua estreita relação com o hermetismo.) Como diz o historiador Garth Fowden, alguns dos textos gnósticos na coleção de Nag Hammadi têm «paralelismos doutrinais» com o hermetismo.[41]

Isto sugere que, ao invés de serem ideias gregas mascaradas por um disfarce egípcio, os textos herméticos eram, no mínimo dos mínimos, um híbrido de ideias gregas e de origem egípcia. Mas continuam a crescer os argumentos em favor do seu reconhecimento como ideias egípcias disfarçadas de gregas.

LAMENTO PELOS DEUSES DE QUEM?

A imagem global só faz realmente sentido se entendermos a situação no Egito na altura em que as obras foram compostas. Sob absoluto domínio cultural por parte dos seus monarcas ptolemaicos gregos, os egípcios, principalmente aqueles que estavam encarregados da preservação do seu conhecimento, lamentavam e, naturalmente, ressentiam-se do desaparecimento da sua grande e antiga civilização.

Mas os deuses que aparecem nos textos herméticos são nitidamente egípcios, tal como os sábios nas suas páginas. Nas palavras de Garth Fowden, é claro que os autores pensavam «em termos de todo um meio povoado por deuses e sábios do antigo Egito».[42] Os principais deuses/personagens dos tratados herméticos

eram Hermes Trismegisto, Esculápio, Ísis, Hórus, Ámon (Amun), Tat (Thoth), Agathos Daimon (divindade padroeira de Alexandria) – todos egípcios, com exceção do deus grego da cura, Esculápio. Mas, mesmo assim, como veremos, este estava intimamente associado a Serápis, cujo centro de culto ficava em Alexandria. Além disso, na célebre secção do *Asclépio* conhecida como o «Lamento», o desaparecimento dos deuses e da religião egípcia é deplorado em nome de todo o mundo – o que não é propriamente um sentimento grego! Fowden observa também que o formato dos textos herméticos é tipicamente egípcio – uma coleção de tratados atribuídos a um deus – e tem paralelismos com a literatura sapiencial «instrutiva» egípcia.

Apesar de equiparados pelos gregos, os dois deuses da sabedoria, o Hermes grego e o Thoth egípcio, não partilhavam os mesmos atributos – e ainda que Hermes Trismegisto exiba um nome grego, ajusta-se mais à personagem de Thoth do que à de Hermes. Além disso, o epíteto «Três Vezes Grande» é carateristicamente egípcio (ainda que traduzido para grego). Geralmente, os egípcios repetiam duas ou três vezes a palavra/glifo «grande» ao honrar um deus – «grande, grande, grande Thoth». Em grego, isto tornou-se «três vezes grande». E a forma «três vezes grande» parece ter estado especificamente reservada a Thoth, deus da escrita e da sabedoria.[43] Por último, existem estreitos paralelismos entre a magia egípcia e a que está contida nos textos herméticos.

Vemos, pois, que os textos herméticos representavam uma tradição *egípcia*, ainda que adaptada a fim de apelar ao mundo grego. Essencialmente, parece que os autores estavam a tentar preservar a sua religião face ao domínio cultural por parte dos gregos. A ser assim, então os textos devem datar do início do domínio grego, quando os Ptolemeus e os egípcios tentaram construir pontes entre si, ainda que isto tenha fracassado em finais do século II a.C. Os textos herméticos devem, pois, datar do período anterior, c. 300 a c. 200 a.C. (Isto demonstra também que Casaubon estava errado quanto a serem posteriores ao Evangelho de João.)

Quer isto dizer que as ideias herméticas não eram novas nem foram uma invenção do período grego, representando antes ideias religiosas, cosmológicas e metafísicas egípcias de um período muito mais antigo. Mas será possível identificar as suas fontes egípcias originais e algum culto ou tradição específicos? E até onde na vasta história do Egito é possível fazer remontar os conceitos e conhecimentos dos textos herméticos?

A primeira possível referência a «Hermes Três Vezes Grande» surge em escritos atribuídos ao famoso sacerdote egípcio Mâneton, na primeira metade do século III a.C. Sumo sacerdote de Heliópolis, procurou explicar aos seus novos senhores a história do seu país, escrevendo para o segundo monarca grego, Ptolemeu Filadelfo, uma cronologia dos reis do Egito – ainda utilizada, pelo menos em parte, pelos egiptólogos atuais.

A dedicatória desta obra refere-se a Mâneton colocando diante de Ptolemeu «os Livros Sagrados que estudei, escritos pelo vosso antepassado Hermes Trismegisto». Infelizmente, esta é rejeitada como uma falsificação muito mais tardia, em grande medida porque o nome «Hermes Trismegisto» é um anacronismo para os estudiosos que entendem que os textos herméticos foram compostos nos primeiros séculos da era cristã. Mas, uma vez que é hoje geralmente aceite que os tratados herméticos foram escritos vários séculos antes, precisamente na época de Mâneton, e que o termo «três vezes grande Thoth» era *realmente* utilizado pelos sacerdotes egípcios, Mâneton pode muito bem ter utilizado a expressão, afinal. E o motivo imputado por certos investigadores aos autores dos textos herméticos – preservar a sabedoria do Egito de uma forma aceitável para os gregos – encaixa de facto nos objetivos de Mâneton.

Mâneton foi também fundamental para a criação de uma nova «religião de estado» – o culto de Serápis (ou Sárapis). As ideias académicas convencionais sobre o culto de Serápis passaram por um processo surpreendentemente similar ao das atitudes para com os textos herméticos. Em tempos, julgou-se ser um culto grego

disfarçado de modo a parecer egípcio, mas, tal como observa o historiador John E. Stambaugh: «Da perspetiva grega… Sárapis era de natureza totalmente egípcia, ainda que de aspeto grego.»[44]

«Serápis» era uma versão grega dos nomes de dois deuses egípcios, Asar (Osíris) e Hapi (Ápis) – Asar-Ápis. Tal como Osíris, Serápis era adorado juntamente com a sua esposa-irmã Ísis, tendo o culto ganho posteriormente destaque no Império Romano, ainda que, ironicamente, Ísis tenha vindo a eclipsar o seu marido nos corações e mentes dos fiéis, tornando-se a mais séria rival do cristianismo no Império durante os primeiros séculos da era cristã.

A ideia convencional costumava ser que Mâneton (juntamente com um sacerdote grego chamado Timóteo) formara o novo culto por ordem dos monarcas gregos num exercício algo cínico – ou oportuno –, criando assim uma religião híbrida com que ambos os lados se sentissem confortáveis. (Na verdade, parece que o culto pretendia apelar aos *três* principais grupos étnicos de Alexandria – gregos, egípcios e judeus, sendo dados a Serápis os atributos de Zeus, Osíris e Javé.)

O principal problema com a ideia de Serápis ter sido uma invenção é que existem claros indícios de o seu culto ser anterior ao período grego.[45] Aparentemente, o culto de Serápis, embora tendo adquirido certos elementos gregos, era mais fiel ao culto original de Osíris e Ísis do que inicialmente julgávamos. Tendíamos a vê-los essencialmente como rivais – com os tradicionais mistérios de Osíris e Ísis a seguir em paralelo com o «novo» e helenizado Serápis – e a considerar que Jesus, João Batista e Maria Madalena eram, no fundo, missionários da versão tradicional egípcia. Mas a perceção de que o culto de Serápis era baseado nos mistérios tradicionais de Osíris significa que muitas coisas começam por fim a encaixar.

Se os textos herméticos foram o resultado de um culto específico, então o único verdadeiro candidato é Serápis, que partilhava dos mesmos objetivos que os autores herméticos: a preservação das tradições egípcias face ao domínio grego, além da sabedoria religiosa, filosófica e cosmológica egípcia.

O culto estava associado sobretudo à sabedoria e à preservação do conhecimento, e não só o responsável máximo da célebre Biblioteca de Alexandria era o sumo sacerdote de Serápis, como a segunda biblioteca no templo principal do culto, o Serapeu, continha livros e manuscritos relacionados com a religião egípcia. Assim, se os tratados herméticos foram *realmente* escritos para preservar o conhecimento religioso egípcio, é lógico que tenham sido produzidos pelos sacerdotes de Serápis – e que tivessem sido guardados no Serapeu.

Serápis foi também equiparado ao deus grego da cura, Esculápio – o protagonista de um dos mais conhecidos tratados herméticos. E o historiador P.M. Fraser salienta que a estátua de Serápis era «fortemente evocativa de Zeus ou de Esculápio».[46] As associações são inegáveis.

OS PRIMÓRDIOS DA IGREJA EGÍPCIA

Tal como observámos no Capítulo Treze, excetuando o facto de o cristianismo se ter lá instalado desde muito cedo, não sabemos praticamente nada sobre as atividades dos cristãos no Egito até este ter ficado sob o controlo da Igreja Romana no século IV. O inflexível Teófilo, Patriarca de Alexandria, presidiu a uma grande purga das heresias locais e também dos cultos pagãos com que o cristianismo coexistira de bom grado. Todos os escritos de e sobre a Igreja Cristã Egípcia foram erradicados – sugerindo assim que devem ter existido diferenças profundas entre as práticas egípcias e romanas.

Teófilo também fechou e destruiu o Serapeu em 391. Outra consequência da sua ação contra os pagãos e hereges foi a ocultação da coleção de Nag Hammadi – documentos cristãos gnósticos que incluíam, sem qualquer sensação de incongruência, também os escritos atribuídos a Hermes Trismegisto.

Mas entre o pouco que sabemos sobre o cristianismo egípcio entre os séculos I a IV está o facto de os seus seguidores não parecerem ter qualquer problema com o culto de Serápis (ou vice-versa). O imperador Adriano escreveu nos anos 130 sobre «aqueles

que se autointitulam de bispos de Cristo e se consagram a Serápis».[47]

As razões por que os primeiros cristãos de Alexandria se sentiam confortáveis com os adoradores de Serápis são provavelmente as mesmas que levaram a Igreja de Roma – que defendia agora uma rígida estrutura de poder e um conjunto de dogmas – a odiá-los tanto quando se tornou predominante no século IV. Havia, no mínimo, muitas afinidades entre os dois cultos. Por exemplo, o epíteto mais frequentemente aplicado a Serápis – e a Ísis – era o de «salvador».[48]

A religião de Serápis sofreu alguns desenvolvimentos significativos, principalmente após os romanos terem chegado ao poder no Egito (a partir de 30 a.C.) P.M. Fraser resume assim estes desenvolvimentos: «Encontramos finalmente as várias expressões do seu derradeiro papel supremo como Deus Único num universo monoteísta, o Zeus Serápis, e foi neste papel que sucumbiu à furiosa rivalidade do setor cristão da população de Alexandria.»[49] (Fraser observa também que nesta altura Serápis foi assimilado pelo deus sol Helios – o que, intrigantemente, pode ter alguma relação com uma das interpretações do grito de Jesus na cruz.)

Vamos mais longe, contudo, alegando que os cristãos e os serapistas eram essencialmente o *mesmo* culto, cuja associação ameaçava revelar qual fora realmente o objetivo da missão de Jesus na Judeia…

De enorme importância para este livro, a ligação entre o cristianismo e o culto de Serápis foi recordada (ou redescoberta) pelos evangelistas herméticos do Renascimento. Giordano Bruno escreveu que a cruz era originalmente um símbolo de Serápis (e recordamos que os templários medievais viam a cruz como «demasiado nova»).

Pode ser ou não coincidência o facto de, após o Serapeu ter sido demolido, terem sido construídas três igrejas nas suas ruínas – sendo a mais importante consagrada a São João Batista.

Relacionando ainda mais as coisas, o teólogo e historiador holandês Gilles Quispel, um dos editores da biblioteca de Nag Hammadi, escreveu o seguinte:

> Devido aos novos escritos herméticos que foram descobertos junto a Nag Hammadi em 1945, tornou-se certo que a Gnose Hermética tinha as suas raízes numa sociedade secreta em Alexandria, uma espécie de loja maçónica, com certos ritos, como um beijo da paz, um batismo de renascimento e uma refeição sagrada entre os irmãos.[50]

Quispel não só associa aquilo a que chama de «Loja Hermética» de Alexandria a um rito batismal, mas também às origens da Eucaristia cristã – a comunhão mística iniciada por Jesus. A Eucaristia, tal como discutimos no Capítulo Treze (e argumentamos mais ao pormenor em *The Masks of Christ*)[51] é um dos aspetos de inspiração pagã da missão de Jesus que é impossível de enquadrar na sua imagem de um homem santo puramente judeu.

O hermetismo e a religião *original* da qual Jesus, João Batista e Maria Madalena eram missionários eram, pois, basicamente duas faces da mesma moeda – emergindo juntamente com o gnosticismo do mesmo cadinho de ideias religiosas e metafísicas que era a Alexandria do período grego, mas essencialmente *egípcias*. Mas, após a formação do cristianismo enquanto religião, com base numa interpretação errada da missão de Jesus na Judeia, foram os hereges – principalmente aqueles que se mantiveram fiéis aos ensinamentos de João – quem conservou a verdadeira versão. Temos finalmente a resposta para o porquê de os Joanitas serem hermetistas.

Foi a hostilidade da Igreja para com as escolas da sabedoria pagã que levou ao total desaparecimento dos textos herméticos na Europa. Mas estes sobreviveram no exterior – acabando eventualmente por regressar para desencadear o Renascimento. E, crucialmente, foram preservados na cidade de Harran pelos Sabeus – os Mandeus.

O *Corpus Hermeticum* reapareceu em Bizâncio no século XI, embora só viesse a chegar à Europa – pelo menos abertamente – quando os agentes de Cosme de Médicis o levaram para Florença 300 anos depois. (Só um tratado, o *Asclépio*, era conhecido na Europa durante a Idade Média.) Existem, contudo, indícios de que, através dos escritos sabeus, os textos herméticos entraram na Europa via Espanha – influenciando a grande história do Graal de Wolfram von Eschenbach, que é também a mais joanita…

A DEUSA JUDAICA

Originalmente, sugerimos que Jesus e João Batista eram missionários de uma religião egípcia que aspirava a devolver à Judeia o que acreditavam ser a religião original dos israelitas, ainda que, no caso de Jesus, as ambições políticas e pessoais pareçam ter complicado este cenário.

Nas palavras da cerimónia de iniciação do sétimo grau (Diácono Levita) da Igreja Joanita, tal como são apresentadas no *Levitikon*: «Cheio de um espírito inteiramente divino, e dotado das mais assombrosas aptidões após ter recebido no Egito todos os graus de instrução e iniciação científicas, políticas e religiosas, e com elas o espírito santo e o poder teocrático, ele [Jesus] regressou à Judeia, onde proclamou as múltiplas alterações que a lei de Moisés tinha sofrido às mãos dos Levitas.»[52]

A nossa conclusão de que Jesus, Maria Madalena e João Batista (para não falar em Simão Mago e na sua Helena) estavam a tentar introduzir – ou antes reintroduzir – a deusa na religião judaica recebeu apoios substanciais por parte de novos estudos e investigações, tanto sobre a religião da antiga Israel como sobre o papel do feminino na missão de Jesus.

O novo material altera a conclusão que apresentamos neste livro de que a nossa civilização devia ser vista como egípcio-cristã em vez de judaico-cristã. As evidências históricas unem agora ainda mais as religiões judaica – ou, mais rigorosamente, israelita – e egípcia: é, pois, hoje mais correto chamar à nossa civilização egípcio-judaico-cristã!

Contamos a história completa em *When God Had a Wife*, que pode ser visto, em certos aspetos, como uma prequela a *O Segredo dos Templários*, mas, resumidamente, foram-se tornando cada vez mais fortes os argumentos de que a religião *original* de Moisés e dos israelitas que tinham saído do Egito devia muito à religião dessa terra (e não ao suposto monoteísmo do «faraó herege» Aquenáton, mas sim às divindades tradicionais). Na verdade, apesar do que nos foi ensinado durante gerações, é hoje reconhecido por praticamente todos os historiadores da Bíblia que os antigos israelitas *não* eram monoteístas. Eram antes *monólatras* – dedicavam-se a um deus específico, embora reconhecendo a existência de outros. Outras divindades eram adoradas juntamente com Javé, incluindo a sua consorte, a deusa Asherah (além de outras deusas).

Eventualmente, em resultado das circunstâncias descritas em *When God Had a Wife*, a monolatria tal como era praticada em Judá consolidou-se em monoteísmo e a religião foi purgada das outras divindades, particularmente o culto de Asherah, que tinha os seus próprios sacerdotes *e* sacerdotisas. Isto aconteceu muito mais tarde do que pensávamos quando estávamos a escrever *O Segredo dos Templários*: a religião total e rigidamente monoteísta centrada no inflexivelmente masculino Javé só surgiu cerca de um século após o regresso dos judeus do Cativeiro na Babilónia, em meados do século IV a.C. Mas a forma original da religião, argumentamos, incluindo o culto de Asherah juntamente com Javé, sobreviveu em Samaria, e nas comunidades samaritanas e judaicas no Egito.

A deusa sobreviveu também nalguns ramos do judaísmo, ainda que em formas alegóricas modificadas, como Chokmah (Sabedoria). No grande cadinho de Alexandria, no Egito, onde diferentes religiões e filosofias se encontravam e trocavam ideias e crenças, os teólogos e filósofos judeus – e quase de certeza samaritanos – reconheceram e exploraram a relação entre a deusa hebraica e o culto a Ísis. Daí, emergiu uma nova forma de culto da Sabedoria, agora Sophia.

A tradição de Sophia estava consubstanciada em obras como a Sabedoria de Salomão (também conhecida como o Livro da Sabedoria) e o Livro de Ben Sirá, ambos do século I a.C. Os estudiosos admitem que ambos se basearam em textos egípcios a elogiar as capacidades e caraterísticas de Ísis, fazendo de Sophia uma mistura dessa deusa e de Ísis (e talvez também com ligações ao culto de Serápis). O que dá todo o sentido à nossa reconstrução de que Jesus fora influenciado pelo culto de Ísis *e* procurava trazer a deusa de volta ao Templo.

Este novo entendimento da tradição de Sophia e da sobrevivência clandestina do culto de Asherah explica o porquê de alguém vindo de um contexto essencialmente judaico ter julgado necessário levar a deusa para o Templo de Jerusalém. Viam-no como o seu legítimo lugar: tal como salientámos, mesmo a partir dos indícios do próprio Antigo Testamento, Asherah fora adorada lado a lado com Javé no Templo de Salomão durante mais de 70 % da existência desse edifício.

Embora tenhamos realçado a importância da tradição de Sophia para Jesus, esta vai consideravelmente mais longe do que julgávamos. Significativamente, alguns estudiosos do Novo Testamento reconhecem hoje como o culto de Sophia foi essencial e crucial para Jesus e para a sua missão, alegando que ele se via como um mensageiro de Sophia. Alguns, como Elizabeth Schüssler Fiorenza e Martin Scott, preferem mesmo aplicar o termo «Jesus Sophia» para se referir a ele neste modo. Scott escreve que Jesus «se via como um mensageiro da Sabedoria»,[53] enquanto Fiorenza resume assim: «As primeiras evocações e interpretações teológicas palestinianas da vida e morte de Jesus entendem-no como mensageiro de Sophia e, posteriormente, como a própria Sophia.»[54]

É a tradição de Sophia que está por detrás de *Q*, o livro de ensinamentos de Jesus que foi incorporado nos Evangelhos de Mateus e Lucas. Tal como é resumido por John Dominic Crossan: «Na visão do Evangelho de Q, a Sabedoria divina desceu à terra e falou através dos profetas de outrora, falou por João Batista e

recentemente por Jesus, e continua a fazê-lo através da comunidade Q.»[55]

Jesus enquanto mensageiro de Sophia perdeu-se em traduções e interpretações. Assim, enquanto Lucas (11:49) regista, a partir de *Q*, Jesus a declarar: «Disse-lhes, pois, também a sabedoria de Deus, enviar-lhes-ei profetas e apóstolos…», Mateus (23:34) altera-o para o seguinte: «Por isso, vede, eu vos envio…» E traduções como a da versão do Rei Jaime traduzem frequentemente «Sabedoria de Deus» (*Sophia toutheou*) como «Deus na sua sabedoria», perdendo ainda mais a noção de que Sophia, tal como Chokmah, era uma entidade – uma entidade feminina – por direito próprio.

Jesus via-se então como proclamando a mensagem de Sophia. O *Evangelho Gnóstico de Filipe* equipara Maria Madalena a Sophia, e a Madalena surge no *Pistis Sophia*, cujo título fala por si. E Simão Mago associa explicitamente a sua companheira Helena a Sophia.

Tudo encaixa.

DE SAMARIA A HELIÓPOLIS

A nossa pesquisa em curso, descrita ao pormenor em *The Masks of Christ* e *When God Had a Wife*, foi gradualmente revelando a importância de Samaria. João Batista levou a sua missão até lá: existem fortes indícios de que a cidade de Enon, a que nos referimos no Capítulo Catorze como um dos locais onde os Evangelhos dizem que João batizou, era na verdade a Enon junto à capital samaritana de Sebaste, e não a do vale do Jordão.[56] Simão Mago era samaritano e começou aí a sua própria missão. E Jesus parecia ter uma afinidade particular pelos samaritanos: de facto, segundo o Evangelho de João, foi em Samaria que pela primeira vez foi reconhecido como o Messias. Ficámos também intrigados ao descobrir que existia uma grande comunidade samaritana no Egito, não só em Alexandria, juntamente com a comunidade judaica, mas também em vários outros lugares.

Resumidamente, parece que a religião israelita original de influência egípcia subsistiu em Samaria muito depois de ter sido eliminada na Judeia. Além disso, os samaritanos eram os

descendentes de duas tribos específicas de Israel, as de Efraim e Manassés, que eram as mais importantes nos primórdios: Efraim fora originalmente o guardião da religião, tendo-lhe, por exemplo, sido dada posse da Arca da Aliança, até ser posteriormente – para ira dos efraimitas – levada para Jerusalém pelo rei David de Judá. A divisão e as lutas pelo poder entre as tribos de Judá e de Efraim atravessa toda a história antiga de Israel, sendo a fonte da fricção entre judeus e samaritanos que todos conhecemos dos Evangelhos.

O que é particularmente revelador é que as tribos de Efraim e de Manassés eram as únicas a alegar ter uma ligação lendária à religião do antigo Egito – nomeadamente à de Heliópolis. O seu mito fundacional fá-las remontar aos dois filhos de José e da sua esposa egípcia Asenat, filha do sacerdote de Heliópolis (o bíblico On). A religião de Heliópolis, que era a dos construtores das pirâmides de Gizé, centrava-se na Grande Enéade de nove deuses, que incluía Ísis e Osíris.

Um tema heliopolitano atravessa a nossa reconstrução da história de Jesus *e* da Grande Heresia Europeia. Vimos acima que Mâneton, promotor do culto de Serápis, que foi, segundo julgamos, o cadinho de onde o hermetismo emergiu, era um sacerdote de Heliópolis. E Karl W. Luckert, cujas obras que associam as origens do cristianismo ao antigo Egito foram discutidas nos Capítulos Catorze e Dezassete, identificou especificamente a teologia heliopolitana como a fonte. Liga-a, por exemplo, à abertura do Evangelho de João e, ainda mais diretamente, aos ensinamentos de Simão Mago.[57]

Tudo isto parece simplesmente demasiada coincidência.

PRECURSOR – MAS DO ANTICRISTO?

Continuaram também a acumular-se evidências da rivalidade de Jesus e de João Batista, que são, mais uma vez, detalhadas em *The Masks of Christ* e *When God Had a Wife*. Há uma descoberta, contudo, que une por fim tudo e cuja importância é absolutamente crítica…

No Capítulo Catorze, referimo-nos brevemente aos *Reconhecimentos Clementinos*, uma das fontes para a espantosa

alegação de que Simão Mago era discípulo de João Batista. O nosso estudo adicional destes textos, bem como das descobertas dos estudiosos a seu respeito, revelou algo sensacional…

O elemento central da história é um debate público entre Pedro e Simão Mago no grande porto samaritano de Cesareia Marítima, em que ambos tentam conquistar os corações e mentes das pessoas. O texto foi escrito no século III, sendo, pois, bastante tardio, mas, à maneira habitual, foi coligido a partir de várias fontes, algumas delas datadas dos primeiros anos do cristianismo. Os especialistas admitem particularmente que a fonte utilizada para a argumentação de Pedro no debate foi um antigo texto conhecido como os *Ensinamentos de Pedro* (*Kerygmata Petrou*), e conseguiram reconstruí-lo de forma similar ao que foi feito com *Q* a partir dos Evangelhos de Mateus e de Lucas.

Os *Ensinamentos* sustentam – e unem – duas importantes vertentes da nossa reconstrução: a rivalidade entre Jesus e João Batista e a aparente misoginia de Pedro tal como é revelada em alguns dos textos gnósticos sobre Maria Madalena.

Existem, diz ele, duas formas de profecia, uma verdadeira e outra falsa, e que remontam ao primeiro casal humano no Éden. A verdadeira linhagem, derivada de Adão, é (previsivelmente) masculina, e:

> … a outra encontra-se entre os *nascidos de mulher*. Proclamando o que diz respeito ao mundo presente, a profecia feminina deseja ser considerada masculina. Para tal, rouba a semente do homem, envolve-a na sua própria semente carnal e deixa-as – as suas palavras, isto é – surgir como suas próprias criações… Aqueles que desejam obter dela a verdade são levados por muitas afirmações e sugestões diferentes e contraditórias a procurá-la para sempre sem nunca a encontrarem, até à morte.[58]

Embora não haja qualquer referência a Maria Madalena nos *Ensinamentos de Pedro*, a sua postura antimulheres é

extraordinariamente semelhante às suas caraterísticas explosões contra ela nos Evangelhos Gnósticos, tal como foram descritas no Capítulo Doze. É, pois, muito difícil acreditar que isto não representasse os verdadeiros sentimentos de Pedro e que ele não fosse genuinamente hostil à Madalena – e a todas as mulheres.

Mas vai ainda mais longe. Nos *Ensinamentos*, Pedro diz que os profetas aparecem sempre aos pares: primeiro vem o falso (que representa a linhagem feminina), espalhando confusão e erro, pelo que o verdadeiro profeta tem depois de vir corrigir os seus ensinamentos – é por isso, por exemplo, que o Anticristo tem de vir primeiro para que Cristo possa regressar. Na verdade, faz tudo parte do astuto plano de Deus para promover a verdadeira religião. E é por isso que Simão Mago – com a sua profetisa Helena – vai a Samaria: para abrir caminho a Pedro. Mas – eis a parte realmente interessante –, como se pode adivinhar pelo recurso de Pedro à expressão «entre os nascidos de mulher» (que repete mais tarde na secção sobre profecias), as palavras celebremente utilizadas por Jesus acerca de João Batista, ele associa João à linha de *falsos* profetas. Ou seja, segundo Pedro, *João Batista era o falso profeta que Jesus veio corrigir*. Era nesse sentido que ele era o precursor de Cristo, não como seu arauto.

Isto não só salienta a rivalidade entre os dois líderes – ou, aquando do choque entre Pedro e o Mago, entre os seus respetivos seguidores – como liga, claro, João à corrente *feminina* da profecia, juntamente com Simão Mago e Helena, que, segundo os *Reconhecimentos Clementinos*, eram discípulos do Batista.

Pertencendo à antiga tradição cristã síria, os *Reconhecimentos* mantiveram-se pouco conhecidos e ainda menos interessantes para o Ocidente. Lembramos, porém, que no século X, tal como foi discutido no Capítulo Quatro, os Bogomilos Gnósticos dos Balcãs viam o Batista como precursor não de Jesus, mas sim do Anticristo, e que o seu *Liber Secretum* ou *Livro de João* (Evangelista), que foi também utilizado por algumas seitas cátaras e que associava o Batista ao profeta Elias, diz assim: «E Satanás… enviou o seu anjo,

e até Elias, o profeta, para batizar com água: aquele a quem chamam de João Batista.»[59] É difícil não concluir que esta linha de pensamento remontava às mesmas fontes que os *Ensinamentos de Pedro*.

A TRIBULAÇÃO DOS ÚLTIMOS GNÓSTICOS

Ao terminar esta Atualização, os nossos pensamentos voltam-se inevitavelmente para um povo histórico que sofre hoje perseguições e dificuldades chocantes – os Mandeus do Iraque, que revelámos serem os descendentes dos seguidores de João Batista e os guardiões de grandes segredos sobre as verdadeiras origens do cristianismo. De facto, tal como nos disse o seu porta-voz, o Dr. Naim Al-Shadir, em 2006: «Vemo-nos como parte do legado cristão porque, na verdade, começou connosco.»

Nos anos 1990, fora dos círculos históricos e antropológicos especializados, quase ninguém tinha ouvido falar nos Mandeus, e era muito difícil encontrar informações sobre eles, mas nós continuámos a procurar – tal como o falecido Steve Wilson, a quem pela primeira vez ouvimos falar sobre eles e por cujas atualizações e perspetivas estamos extremamente gratos. E, no rescaldo imediato da invasão liderada pelos americanos ao Iraque de Saddam Hussein em 2003, os Mandeus começaram de repente a aparecer nos meios de comunicação, inicialmente à medida que os jornalistas ocidentais descobriam a existência deste povo singular – a última seita gnóstica a subsistir no mundo e a mais pequena das muitas fações religiosas no Iraque, centrada em torno de Nassíria, um nome aparentemente derivado de Nazareno. Mas, desde essa guerra, os Mandeus têm aparecido nas notícias por razões mais perturbadoras, que discutiremos em breve.

Admitimos estar bastante envergonhados por nos ter escapado um suplemento especial de 1994 sobre os Mandeus publicado no *Journal of Semitic Studies: The Knowledge of Life* pelo historiador religioso turco Sinasi Gündüz. Sendo um excelente estudo da atual investigação sobre os mandeus, vale a pena mencionar aqui alguns dos achados de Gündüz.

A história dos Mandeus tende a ser uma confusa cronologia de acontecimentos lendários e reais, apesar de conter inegáveis elementos de acontecimentos reais. Um dos acontecimentos-chave, por exemplo, é o seu «êxodo» do Egito, após – estranha reviravolta – um desentendimento com Moisés, instalando-se depois no «interior de Haran», identificada por muitos estudiosos como Harran e liderada por um «rei Ardban». Gündüz identifica este monarca como Artabano III, rei dos Partas (cujo império se centrava no que é atualmente o Irão, estendendo-se porém para o Iraque e partes da Turquia), que reinou entre c. 12 e 38 d.C.

Nitidamente, a história do Antigo Testamento sobre o Êxodo dos israelitas do Egito foi associada a um outro êxodo que teve lugar por volta da muito mais tardia época de Jesus e João Batista após um desentendimento com «Moisés» – ao que tudo indica, um símbolo do povo judeu. E, significativamente, Plínio regista um povo chamado Mardani (alguns textos apresentam o seu nome como Mandani) que migrou para a Pártia durante o reinado de Artabano III. Como é óbvio, não era o seu líder, mas sim o seu protetor. E, ainda que as lendas mandeias falem de uma segunda fuga – desta vez de Jerusalém, em resultado da perseguição pelos judeus algum tempo após a morte de João Batista – é evidente, tal como conclui Gündüz, que as duas histórias se referem ao mesmo acontecimento.[60]

Isto demonstra como é possível extrair informações essenciais sobre preciosidades históricas extremamente obscuras a partir do que aparenta ser uma confusão irremediável. Mas o mais importante é que confirma que os Mandeus deixaram realmente a Palestina por volta da época de João e de Jesus – para se instalarem em Harran. (Por outro lado, Gündüz argumenta contra a associação dos Mandeus aos Sabeus de Harran. Somos obrigados a discordar!)

Curiosamente, Gündüz chega à mesma conclusão que apresentamos no Capítulo Quinze acerca da personagem de Miriai na literatura mandeia, nomeadamente no *Livro de João*: que representa ou é baseada em Maria Madalena.[61]

A cruel ironia é, porém, que a «redescoberta» dos Mandeus pelo Ocidente após o derrube de Saddam Hussein pode revelar-se desastrosa. Após séculos a sobreviver às perseguições de praticamente todos quantos encontraram nas suas longas viagens (o que é estranho para um povo tão pacífico) – judeus, cristãos, muçulmanos e até, a determinada altura, zoroastrianos –, estão hoje sob ameaça como nunca antes estiveram, por duas razões ironicamente opostas.

A primeira está na pátria dos Mandeus, o Iraque, onde a vida se tornou ainda mais um pesadelo desde a invasão. Os meios de comunicação tendem a concentrar-se quase por completo nas atrocidades cometidas pelas duas principais seitas muçulmanas uma contra a outra e sobre os cristãos, mas pouca atenção é prestada à perseguição dos Mandeus pelos fundamentalistas islâmicos, que, procurando um estado exclusivamente muçulmano, deixaram bem claro que os Mandeus têm de sair depressa ou então sofrer uma limpeza étnica. Enquanto ficam, presos na linha de fogo, são visados por uma campanha de violência que inclui homicídios e o rapto e violação das suas mulheres, bem como a circuncisão forçada dos seus rapazes e conversões forçadas ao Islão.

Imediatamente a seguir à guerra, muitos mandeus iraquianos emigraram para o Irão a fim de se juntarem à comunidade aí existente, ainda que a lei iraniana não lhes conceda plenos direitos civis. Outros tornaram-se refugiados na Síria – de onde presumivelmente se terão desde então tornado de novo refugiados.

Muitos outros abandonaram por completo a região. Na verdade, após a Guerra do Golfo em 1991, foram instituídas comunidades mandeias em muitos locais de todo o mundo. Expandidas as suas fileiras por uma nova vaga de refugiados vindos do Iraque, existem atualmente comunidades na Grã-Bretanha, nos Estados Unidos da América, na Austrália, nos Países Baixos e em vários outros locais. Algumas, criadas após a Guerra do Golfo, como a de Londres, tiveram tempo de se estabelecer – tendo muitas delas prosperado –, enquanto outras, como no caso da Austrália, estão basicamente

confinadas a campos de refugiados. A maior comunidade mandeia na diáspora fora do Médio Oriente encontra-se na Suécia, onde o primeiro local de culto propositadamente construído na Europa, o Beth Manda Yardna, abriu em 2018. Julga-se que a população mundial rondará os 70 000. Segundo a Associação Mandeia no Reino Unido, existem cerca de 350 famílias mandeias espalhadas por Londres, Manchester, Glasgow e outras cidades. (O Museu de Birmingham chegou mesmo a celebrar um Dia dos Mandeus em julho de 2018.)

Mas, para aqueles que conseguiram instalar-se com sucesso em novos países, há uma nova ameaça à religião, pois, confrontada com todos os atrativos da vida no Ocidente, a nova geração de jovens mandeus começa a perder o interesse pela sua cultura, religião e modo de vida. Tal como foi resumido no seu «Compromisso de Esperança» publicado em 2018: «A comunidade mandeia espalhou-se em pequenos aglomerados por países estrangeiros, onde prevalecem outros valores, tradições e religiões», o que levou à «rotura do tecido social mandeu, tendo os seus costumes e tradições quase desaparecido».[62]

Mas, como é demonstrado por esse «Compromisso de Esperança», este povo tenaz não vai desistir sem luta, e as várias comunidades nacionais começam a organizar-se globalmente para manter viva a sua cultura e a sua fé. Em agosto de 2019 foi realizada em Amesterdão a Conferência de Esperança dos Mandeus, tendo um dos seus resultados sido a formação da Associação Mundial de Jovens Mandeus.

Seria uma tragédia terrível se, após terem resistido a séculos das piores perseguições e dificuldades, e preservado tanta informação importante para o nosso entendimento das origens do cristianismo, fosse a «redescoberta» dos Mandeus pelo Ocidente – e a própria cultura ocidental – a provocar o seu desaparecimento definitivo.

Se alguém alguma vez duvidar de que o estudo da história religiosa é relevante para o mundo atual, talvez devesse contemplar

a tribulação dos Mandeus do Iraque, os filhos perdidos de João Batista, que, apesar do pior, mantiveram a sua fé.

Apêndice

MAÇONARIA CONTINENTAL OCULTA

Seguir a propagação da Maçonaria das Ilhas Britânicas ao Continente, e o seu desenvolvimento na Europa, é um processo complicado, que tanto é dificultado pelo desejo da Maçonaria «convencional» moderna de se distanciar das suas origens esotéricas como pela relutância dos historiadores em levar o assunto a sério.

As primeiras lojas maçónicas oficialmente reconhecidas em França foram criadas nos anos 1720, sob o controlo da Grande Loja de Inglaterra. Nesta altura, já existiam, porém, lojas em França, devendo as suas origens aos apoiantes (predominantemente escoceses) de Carlos I que tinham fugido para França por volta de 1650. A história da Maçonaria em França é, pois, de duas correntes distintas, a que descende das lojas inglesas (que formaram a sua própria Grande Loja em Paris em 1735) e a que descende das lojas escocesas, com períodos de hostilidade mútua a alternar com tentativas de reconciliação. A fundação da Grande Loja de França em 1735 representou uma rutura com a Grande Loja inglesa, sendo a fonte de fricção precisamente as objeções de Londres a que as «suas» lojas mantivessem boas relações com as lojas escocesas.

A Maçonaria Escocesa parece ter estado mais próxima do caráter original da Maçonaria enquanto sociedade oculta e secreta, enquanto a de Inglaterra se transformou numa associação de auxílio e promoção mútuos ou, na melhor das hipóteses, numa sociedade filosófica. A Maçonaria Escocesa sempre teve decerto um caráter vincadamente oculto.

A criação da Estrita Observância Templária pelo Barão von Hund em finais dos anos 1740 representou um novo desenvolvimento no seio da Maçonaria Escocesa. Von Hund afirmou que a sua autoridade vinha de membros dos apoiantes dos Stuart exilados em Paris, um círculo centrado em Carlos Eduardo Stuart (1720-1788), o «Jovem Pretendente». A ser verdade – e estudos recentes tendem

a confirmar as suas alegações –, o seu sistema basear-se-ia nos mesmos círculos que o já existente sistema escocês.

Apesar de ter sido iniciado em Paris e de ter sido em França que von Hund começou inicialmente a promover o seu novo sistema, foi na sua Alemanha natal que a Estrita Observância Templária obteve o seu maior sucesso inicial, sendo aí inicialmente conhecida como Irmandade de São João Batista. (Na verdade, o título «Estrita Observância Templária» só foi adotado em 1764, sendo o sistema anteriormente designado simplesmente como «Maçonaria Retificada».) Von Hund criou a primeira loja alemã, a «Loja dos Três Pilares», no dia 24 de junho (dia de João Batista) de 1751 em Kittlitz. As lojas alemãs tinham estreitas ligações às sociedades rosacrucianistas, particularmente à Ordem da Rosa Cruz Dourada (ver Capítulo Seis).

Em França, uma autoridade rival à da Grande Loja, o Grande Oriente, foi criada em 1773. O principal ponto de discórdia entre os dois sistemas era o envolvimento de mulheres na Maçonaria – o Grande Oriente incluía lojas totalmente femininas. O Grande Oriente foi, contudo, mergulhado em convulsões devido ao que foi entendido como uma tentativa por parte da Estrita Observância Templária de assumir o controlo. A resistência deveu-se em parte ao nacionalismo, uma vez que era visto como um sistema estrangeiro, alemão. Consequentemente, um novo sistema «escocês», o Rito Escocês Antigo e Aceite (que viria posteriormente a tornar-se muito popular nos Estados Unidos da América), foi criado em 1804. (Para confundir ainda mais as coisas, existe atualmente uma Grande Loja Nacional Francesa – diferente da Grande Loja de França –, que, embora representando uma minoria das lojas, está aliada à Grande Loja inglesa.)

Martinès de Pasqually (1727-1779) fundou outra forma de Maçonaria oculta, a Ordem dos Eleitos Coens, em 1761. Sabe-se muito pouco sobre os antecedentes de de Pasqually, ainda que fosse provavelmente espanhol. Alguns investigadores acreditam que de Pasqually estava ligado à Ordem Dominicana – a antiga

Inquisição – e que conseguiu extrair material herético e mágico dos seus arquivos. Conseguiu também apresentar à Grande Loja de França uma licença concedida ao seu pai por Carlos Eduardo Stuart, o que o liga à Maçonaria Escocesa, que esteve por trás do Barão von Hund.[1]

O secretário de de Pasqually era Louis Claude de Saint-Martin, um importante e influente filósofo oculto, que era conhecido como o «Filósofo Desconhecido». Saint-Martin fundou um novo sistema de Maçonaria Escocesa, o Rito Escocês Reformado, que foi unido ao ramo francês da Estrita Observância Templária em 1778 no Convénio de Lyons, uma assembleia de maçons do Rito Escocês que incluiu também representantes da Maçonaria Suíça. O principal impulsionador por detrás do encontro de Lyons foi Jean-Baptiste Willermoz (1730-1824), que era também membro dos Eleitos Coens. No convénio, a Estrita Observância Templária de von Hund e o Rito Escocês Reformado de Saint-Martin uniram-se sob o nome de Rito Escocês Retificado. (A filosofia de Saint-Martin – o Martinismo – teve uma grande influência no revivalismo oculto francês de finais do século XIX, principalmente nos grupos «rosacrucianistas» discutidos no Capítulo Sete, e as ligações entre as Ordens Martinistas e o Rito Escocês Retificado ainda hoje se mantêm próximas.)

A Estrita Observância Templária foi abolida no Convénio de Wilhelmsbad em 1782, ainda que o sistema do Rito Escocês Retificado (que era essencialmente outro nome para a Estrita Observância, com a junção de certas crenças martinistas) tenha sido considerado legítimo.

A Estrita Observância Templária continuou também a viver através da sua influência noutra forma de Maçonaria «oculta», os Ritos Egípcios criados pelo Conde Cagliostro (ver Capítulo Sete). Após a sua iniciação numa loja da Estrita Observância (Esperance 369) em Londres no ano de 1777, Cagliostro desenvolveu o seu próprio sistema, incorporando ideias alquímicas e de outros tipos que havia aprendido de grupos alemães secretos. Em 1782, criou a

«loja mãe» do Rito Egípcio em Lyons. O traço caraterístico deste sistema – além da sua utilização de símbolos do antigo Egito – era a igualdade de papel das mulheres.

Também a data da fundação deste sistema é significativa. Os céticos atribuem a fundação da Maçonaria do Rito Egípcio à moda europeia de tudo quanto era egípcio que se seguiu à campanha de Napoleão nesse país (durante a qual foi descoberta a famosa Pedra de Roseta). Mas isso foi nos anos de 1798-99, *após* a criação do sistema maçónico.

O Rito de Misraïm foi criado em Veneza em 1788, sob uma licença concedida por Cagliostro. Este foi levado para França em 1810 por três irmãos da Provença – Michel, Joseph e Marc Bédarride.

Criaram em Paris um Grande Capítulo e encetaram negociações a fim de se juntarem ao Grande Oriente. Criaram também ligações ao Rito Escocês Retificado – um reconhecimento das origens comuns de ambos os sistemas na Estrita Observância Templária. Os quatro graus superiores do Rito de Misraïm eram chamados de *Arcana Arcanorum*.

Outro importante Rito Egípcio foi o de Mênfis, criado em Montauban em 1838 por Jacques-Étienne Marconis de Nègre (1795-1868), um antigo membro do Rito de Misraïm. Também este sistema tinha estreitas ligações ao Rito Escocês Retificado.

Em 1899, os Ritos de Mênfis e Misraïm foram unidos por Gérard Encausse (Papus), que anteriormente fundara e liderara a Ordem Martinista (ver Capítulo Sete).

Assim, o Rito Escocês Retificado, os Ritos Egípcios e as Ordens Martinistas formam um grupo interligado de sociedades, todas devendo as suas origens à Estrita Observância Templária do Barão von Hund – que por sua vez tem origem nos Cavaleiros Templários escoceses – e às lojas rosacrucianistas alemãs.

NOTAS E REFERÊNCIAS

CAPÍTULO UM: O CÓDIGO SECRETO DE LEONARDO DA VINCI

1. Ver Augusto Marinoni, «*The Bicycle*», em Reti (ed.), *The Unknown Leonardo*, 1974.
2. Picknett e Prince, *Turin Shroud: How Leonardo da Vinci Fooled History.*
3. Ibid., capítulo 8.
4. Por Maria Corti, por exemplo, uma investigadora italiana que concorda que a imagem do Sudário é um autorretrato de Leonardo mas que prefere atribuir os motivos deste ao desejo de se identificar com os sofrimentos de Jesus. Corti descreveu os seus pontos de vista no documentário da BBC «*Double Exposure*», transmitido como parte da série *Everyman* no dia 15 de outubro de 1995 (realizado por Nikki Stockley e produzido por Trevor Poots).
5. Ver Picknett e Prince, p. 178.
6. Ibid., pp. 151-152.
7. Ibid., pp. 132-133.
8. Bramly, *Leonardo: The Artist and the Man*, p. 163.
9. Ibid., pp. 184-186.
10. Ibid., p. 190.
11. Aos 24 anos, Leonardo foi preso devido a acusações de sodomia, para as quais a pena era a morte. A acusação foi retirada, uma vez que um dos jovens detidos com ele pertencia à família reinante de Florença, mas a experiência parece ter tido um efeito profundo na sua vida a partir de então, alimentando a sua obsessão pela privacidade e pelo secretismo.
12. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, p. 435.
13. Picknett and Prince, capítulo 5.
14. Ver Capítulo 6.
15. Picknett and Prince, pp. 153-155.

CAPÍTULO DOIS: RUMO AO SUBMUNDO

1. Lincoln, *The Holy Place*, pp. 158-160.
2. Picknett e Prince, *Turin Shroud*, capítulo 4.
3. Para as origens e história da sociedade – tal como são alegadas pelo próprio Priorado de Sião –, ver Baigent, Leigh e Lincoln, *The*

Holy Blood and the Holy Grail, capítulos 4-7.

4. Para uma lista completa dos alegados Grão-Mestres do Priorado de Sião, ver o apêndice de *The Holy Blood and the Holy Grail*.
5. Ver, por exemplo, «*The Myth of the Priory of Sion*», do investigador britânico Paul Smith, *The Rennes-le-Château Observer*, n.º 1.7 (março de 1995).
6. O Priorado de Sião registou-se na subprefeitura de Saint-Julien-en-Genevois (Alta Saboia) nessa data. O anúncio do seu registo foi publicado no *Journal officiel de la République Française* no dia 20 de julho de 1956.
7. Os estatutos contendo a assinatura de Cocteau e datados de 5 de junho de 1956 são reproduzidos em Baigent, Leigh e Lincoln, *The Holy Blood and the Holy Grail*, pp. 225-228. Confusa e carateristicamente, existe um segundo conjunto de estatutos, por assinar e depositados juntamente com o registo oficial, que divergem em vários aspetos dos estatutos de «Cocteau». Estes foram publicados num artigo de Jean-Luc Chaumeil, «*Les Archives du Prieuré de Sion*», no jornal *Le Charivari*, n.º 18 (inverno de 1973).
8. Ver de Sède, *Rennes-le-Château: le dossier, les impostures, les phantasmes, les hypothèses*, pp. 130-133.
9. Robin, *Le royaume du graal*, p. 37.
10. Brian Innes, «*Names to Conjure With*», *The Unexplained*, n.º 126, p. 2516, citando o investigador francês Franck Marie.
11. Baigent, Leigh e Lincoln, *The Messianic Legacy*, capítulo 23.
12. Os «arquivos secretos» consistem em: Henri Lobineau, *Généalogie des rois mérovingiens…* (datado de 1956, depositado em 1964); Madaleine Blancasall, *Les descendants mérovingiens ou l'énigme du Razès wisigoth* (1965); Antoine l'Ermite, *Un trésor mérovingien à Rennes-le-Château* (datado de 1961, depositado em 1966); Eugène Stublein, *Pierres gravées du Languedoc* (suposta reedição de uma obra de 1884, depositada em 1966); S. Roux, *L'affaire de Rennes-le-Château: réponse à Lionel Burrus* (1966); Pierre Feugère, Louis Saint-Maxent e Gaston de Koker, *Le serpent rouge* (1967); Philippe Toscan du Plantier, *Les dossiers secrets d'Henri Lobineau* (1967).

Os textos completos dos *dossiers*, bem como outros documentos similares relativos ao Priorado de Sião, foram republicados em Jarnac (ed.), *Les mystères de Rennes-le-Château: mélanges sulfureux*.

13. Para discussões detalhadas sobre os erros históricos nas reivindicações de descendência merovíngia contidas nos *Dossiers secrets* e noutras obras inspiradas pelo Priorado, ver de Sède, *Rennes-le-Château*, pp. 134-144, e Robin, *Le royaume du graal*, pp. 621-623.
14. Robin, *Le royaume du graal*, p. 621.
15. De Sède, *Rennes-le-Château*, p. 127.
16. O Priorado de Sião atribui uma grande importância à data de 17 de janeiro. Como veremos, surge recorrentemente nesta história.
17. De Sède, *Rennes-le-Château*, pp. 123-127.
18. Apêndices à reedição de Franck Marie de *Le serpent rouge* (S.R.E.S., Malakoff, 1979), citados em Jarnac, *Les archives du trésor de Rennes-le-Château*, volume 1, pp. 188-190.
19. Baigent, Leigh e Lincoln, *The Messianic Legacy*, capítulo 18.
20. Baigent, Leigh e Lincoln, *The Holy Blood and the Holy Grail*, capítulos 6 e 7.
21. Uma sociedade secreta do século XVII, cujo quartel-general ficava no Seminário de Saint-Sulpice, em Paris (ver capítulo 8).
22. Picknett e Prince, *Turin Shroud*, capítulo 6.
23. Ver, por exemplo, Baigent, Leigh e Lincoln, *The Holy Blood and the Holy Grail*, capítulo 6.
24. Conversas entre Alain Féral e Clive Prince em Rennes-le-Château, 2 de junho de 1995 e 5 de março de 1996.
25. Entrada para Leo em *Le serpent rouge* (tradução dos autores).
26. Por exemplo, Phipps, *Was Jesus Married?*
27. «Henry Lobineau», *Généalogie des rois mérovingiens*…, quadro 4.
28. Baigent, Leigh e Lincoln, *The Holy Blood and the Holy Grail*, pp. 487-488.
29. Este lado da vida de Newton é explorado na sua recente biografia, *The Last Sorcerer*, de Michael White.
30. Wood, *Genesis*, p. 218.

31. Baigent, Leigh e Lincoln, *The Messianic Legacy*, p. 345.
32. Os nossos agradecimentos a Keith Prince por nos ter apontado isto.
33. Baigent, Leigh e Lincoln*, The Holy Blood and the Holy Grail*, p. 164.
34. Baigent, Leigh e Lincoln, *The Messianic Legacy*, p. 295.
35. A alegação foi feita em panfletos anónimos que circularam por Paris em 1983. (Ibid., p. 334.)
36. Deloux e Brétigny, *Rennes-le-Château: capitale secrète de l'histoire de France*, pp. 44-45.
37. Ibid., p. 45.
38. Carta de Gino Sandri aos autores, datada de 24 de junho de 1995.

CAPÍTULO TRÊS: NOS PASSOS DA MADALENA

1. Haskins, *Mary Magdalen.*
2. Lucas 8:3. (Exceto onde tal for referido, todas as citações da Bíblia são da versão do Rei Jaime.)
3. Mateus 16:18.
4. Haskins, capítulo III.
5. Ibid., p. 155.
6. Para um estudo sobre a importância das mulheres nos primórdios da Igreja, ver Torjesen, *When Women Were Priests*.
7. Até a Igreja Católica reconheceu oficialmente isto. Na sua encíclica de 1987, *Mulieris dignitatem*, que reiterava a perspetiva tradicional das mulheres como intrinsecamente subordinadas aos homens, o Papa João Paulo II admitiu que as seguidoras de Jesus tinham demonstrado mais lealdade do que os homens – mas afirma em seguida que Jesus chamou «apenas homens» como seus apóstolos.
8. Ricci, *Mary Magdalene and Many Others*, p. 193.
9. A única exceção é João 19:25, onde a mãe de Jesus é colocada no topo da lista. Mesmo aí, Maria, a Mãe, só é referida em primeiro lugar porque há um motivo específico para o fazer. Ver Witherington, *Women and the Genesis of Christianity*, p. 115.
10. Haskins, p. 12.

11. Sobre os textos de Nag Hammadi, ver: Pagels, *The Gnostic Gospels*; Schneemelcher (ed.), *New Testament Apocrypha*, e Layton, *The Gnostic Scriptures*.
12. Schneemelcher, pp. 391-395.
13. No *Evangelho de Maria*, por exemplo. (Ver Schneemelcher, p. 395.)
14. Pagels, p. 85.
15. Haskins, p. 43.
16. Pagels, p. 84.
17. Evangelho de Filipe, v. 32. (Ver Schneemelcher, p. 192.)
18. R. McL. Wilson, *The Gospel of Philip*, pp. 96-98; ver também Haskins, p. 40.
19. I Coríntios 7:9.
20. Haskins, p. 373.
21. De Voragine, *The Golden Legend*, vol. 1, pp. 374 e seguintes.
22. Padre Philippe Devoucoux du Buysson, escrevendo em *Dieu est amour*, n.º 115 (maio de 1989).
23. Walker, *The Woman's Encyclopedia of Myths and Secrets*, p. 455.
24. Ricci, p. 151.
25. Buenner, *Notre-Dame de la Mer et les Saintes-Maries*.
26. A canção de Dylan, *One More Cup of Coffee* (1975), é uma assombrosa evocação do poder sombrio da sexualidade feminina, personificado por uma princesa cigana.
27. Baigent, Leigh e Lincoln, *The Holy Blood and the Holy Grail*, pp. 164-167.
28. Moncault, *La Basilique Sainte-Marie-Madeleine et le Couvent Royal*.
29. Haskins, p. 131.
30. De *7eme Centenaire*, uma história comemorativa produzida pela Association du 7e de Saint-Maximin et de la Sainte-Baume (1995), pp. 9-10.
31. Victor Saxer, citado em Haskins, p. 131.
32. 7eme Centenaire, pp. 14-16.
33. La revue du rosaire (publicação da Ordem Dominicana em Saint Maximin), maio de 1995, p. 13.

34. Baigent, Leigh e Lincoln, *The Holy Blood and the Holy Grail*, p. 141. (Tradução nossa.)
35. Para um estudo detalhado do culto da Virgem Negra, incluindo as suas ligações a Maria Madalena e ao Priorado de Sião, ver Begg, *The Cult of the Black Virgin*. Inclui um detalhado dicionário geográfico dos locais da Virgem Negra.
36. Da análise dos locais enumerados na secção de dicionário geográfico do livro de Begg.
37. Ibid., pp. 8-9.
38. Ibid., p. 8.
39. Isto é explorado nos dois principais estudos franceses sobre o culto da Virgem Negra, *Étude sur l'origine des Vierges Noires*, de Marie Durand-Lefèbvre (1937) e *Nos Vierges Noires, leurs origines*, de Emile Saillens (1940). (Citado em Begg.)
40. Ver entrada para «Ísis» em Walker, p. 453.
41. Begg, p. 99.
42. Richard Leigh e Michael Baigent, «*Virgins with a Pagan Past*» (*The Unexplained*, n.º 3, p. 61), «*The Goddess Behind the Mask*» (n.º 5, p. 114) e «*Guardians of the Living Earth*» (n.º 7, p. 154).
43. Deloux e Brétigni, pp. 42-44.
44. Ibid., p. 47.
45. Begg, p. 14.
46. Ibid., p. 15.
47. O primeiro comentário cristão ao Cântico dos Cânticos, datado de finais do século II, associa a «noiva» do Cântico a Maria Madalena. (Haskins, p. 63.)
48. A Virgem Negra em Tindari, na Sicília, torna esta ligação explícita ao exibir uma inscrição desta frase.
49. Begg, p. 13.
50. Saint-Jean-Cap-Ferrat e Villefranche-sur-Mer surgiram de facto como cenários para o filme de James Bond *Nunca Digas Nunca*, de 1984.
51. Tarade e Barani, *Les sites magiques de Provence*, pp. 134-135.
52. Ibid., p. 136.

CAPÍTULO QUATRO: O CORAÇÃO DA HERESIA

1. H.T.F. Rhodes, «*Black Mass*», *Man, Myth and Magic*, n.º 10 (1971), pp. 274-278.
2. Mann e Lyle, *Sacred Sexuality*, p. 137.
3. Begg, p. 39.
4. Robin, p. 266.
5. Begg, p. 113.
6. Walker, p. 650.
7. Reproduzido nas páginas 110-112 de Wolff (ed.), *Documents de l'histoire du Languedoc*, que inclui três outros relatos contemporâneos do massacre. Os extratos seguintes foram traduzidos pelos autores.
8. O bispo de Béziers, Renaud de Montpeyroux, que tomou o partido dos Cruzados, fez uma lista – ainda existente – de conhecidos cátaros que exigiu que fossem entregues. (Ibid., p. 110.)
9. Ver bibliografia para fontes sobre os Cátaros.
10. Citado em Birks e Gilbert, *The Treasure of Montségur*, p. 59.
11. Para ilustrar este ponto, a determinada altura da Cruzada, o conde de Toulouse fez uma aliança com o Rei Católico de Espanha contra os Cruzados.
12. Esta frequentemente descurada questão é discutida ao pormenor em Birks e Gilbert, capítulo 8.
13. Stoyanov, *The Hidden Tradition in Europe.*
14. Por exemplo, Baigent, Leigh e Lincoln em *The Holy Blood and the Holy Grail*, p. 52.
15. Ver Stoyanov, pp. 222-223.
16. Ibid., p. 223.
17. Malvern, *Venus in Sackcloth*.
18. Newman, *From the Virile Woman to WomanChrist*, pp. 172-181.
19. O opúsculo *Irmã Catarina*, por exemplo, utiliza a expressão de que as mulheres deviam «tornar-se masculinas» para entrar no Reino dos Céus, o que é idêntico ao Evangelho de Tomé. Ainda mais impressionante é o facto de esta obra contar uma estranha historieta metafórica em que Jesus diz aos seus discípulos para comerem o corpo de um morto; esta mesma imagem é utilizada em dois dos textos de Nag Hammadi, o Evangelho de Filipe e o Evangelho de Tomé.

20. Newman, p. 178.
21. Citado em Baigent, Leigh e Lincoln, *The Holy Blood and the Holy Grail*, pp. 469-470.
22. Stoyanov, p. 129.
23. Ver Birks e Gilbert, pp. 80-81, e Stoyanov, pp. 214-219.
24. Stoyanov, p. 173.
25. Birks e Gilbert, p. 36.
26. A verdadeira natureza da relação entre Jesus e João Batista é explorada na Parte Dois.
27. Calvé, *My Life*, p. 3.
28. Ver bibliografia para as obras consultadas sobre a história dos Templários.
29. Gascoigne, *The Christians*, pp. 78-79.
30. Baigent, Leigh e Lincoln, *The Holy Blood and the Holy Grail*, pp. 83-90.
31. Ibid., p. 83, citando M. Michelet, *Procès des Templiers* (Paris, 1851).
32. Philippe Toscan du Plantier, *Dossiers secrets d'Henri Lobineau*, prancha 4. Ver também *The Holy Blood and the Holy Grail*, pp. 120-123.
33. As provas disto são discutidas no capítulo 6 do nosso *Turin Shroud: In Whose Image?*
34. Barber, *The Trial of the Templars*, p. 12.
35. Sinclair, *The Sword and the Grail*, p. 9.
36. Hancock, *The Sign and the Seal*, capítulo 5.
37. Ver Baigent, Leigh e Lincoln, *The Holy Blood and the Holy Grail*, p. 80.
38. Knight e Lomas, *The Hiram Key*, p. 269 e prancha 21.

Knight e Lomas depreendem que a ilustração de Lamberto foi copiada por ele a partir de um dos «Manuscritos Essénios» encontrados pelos Templários sob o Templo de Herodes em Jerusalém. Mas isto é improvável: Lamberto morreu em 1121, enquanto os nove cavaleiros fundadores ainda estavam a escavar; a ilustração é nitidamente ao estilo europeu medieval; e nenhum dos Manuscritos do Mar Morto contém qualquer tipo de ilustrações. É, em todo o caso, muito discutível se os Manuscritos

do Mar Morto, e portanto o conjunto de documentos que serve de base à hipótese de Knight e Lomas, eram textos essénios – ver capítulo 11.

39. Do *Liber de acquisitione terrae sanctae*, de Lúlio (março de 1309), citado em Hillgarth, *Lull and Lullism in Fourteenth Century France*, p. 104. O texto original em latim é o que se segue:

Pars ista ostendit pericula navicule Sancti Petri et primo sic: Inter christianos sunt forte multa secreta de quibus secretis poterit orribilis revelatio sicut de Templariis evenire… hoc etiam dico de quibusdam palam turpissimus et sensibus manifestis, propter que periclitatur navicula Sancti Petri.

O nosso agradecimento a Keith Prince pela tradução.

CAPÍTULO CINCO: GUARDIÕES DO GRAAL

1. As citações de Nicole Dawe e Charles Bywaters neste capítulo foram retiradas de uma entrevista em Rennes-les-Bains a 4 de agosto de 1995.
2. Ver Capítulo 6.
3. Robin, *Le royaume du graal*, p. 229.
4. Hancock, p. 333.
5. Begg, p. 104.
6. Por exemplo, o Sermão 57, reproduzido em Matarasso, *The Cistercian World*. Sobre São Bernardo e o Cântico dos Cânticos, ver Pope, *Song of Songs*, pp. 122-124.
7. Norvill, *Hermes Unveiled*, pp. 125-126.
8. Haskins, p. 122.
9. Begg, p. 103.
10. Ibid., p. 24.
11. Ver, por exemplo, a cerimónia de receção descrita no Apêndice B de Barber, *The Trial of the Templars*.
12. Ibid., pp. 167 e 213.
13. Informação fornecida por Nicole Dawe e Charles Bywaters.
14. Baigent e Leigh, *The Temple and the Lodge*, p. 95.
15. Ibid., p. 84.
16. Schonfield, *The Essene Odyssey*, pp. 162-164.
17. Hancock, p. 334.
18. Ver Capítulo 13.

19. Ver Lee Irwin, «*The Divine Sophia: Isis, Achamoth e Ialdabaoth*», em Fideler (ed.), *Alexandria 3*.
20. Entrevista a Niven Sinclair, 4 de maio de 1996.
21. Spelman Timmins, «*Celestial Harmonies*», *The Unexplained*, n.º 153, p. 3041.
22. Andrew Sinclair, p. 110.
23. Hancock, p. 306.
24. Para uma discussão da geometria sagrada, principalmente tal como foi aplicada à arquitetura dos edifícios templários, ver Hancox, *The Byrom Collection*, capítulo 5. Ao discutir as implicações da posse deste conhecimento pelos Templários, Hancox (p. 157) coloca a seguinte questão: «Fariam parte de uma filosofia mais vasta que a Igreja só podia classificar como heresia?»
25. Nataf, *The Occult*, pp. 38-39.
26. Baigent e Leigh, p. 188.
27. Ibid., p. 189.
28. A construção do Templo de Salomão é descrita no Primeiro Livro dos Reis, capítulos 5-7.
29. Ver Capítulo 6.
30. Para pormenores sobre a vida de Flamel e a sua realização da Grande Obra, ver Holroyd e Powell, *Mysteries of Magic*, pp. 171-182. Este livro inclui também um alegado relato do século XIX de um encontro com os ainda vivos Nicolas e Perenelle Flamel. Observamos, porém, que a referida «obra pouco conhecida» tem o título de *The Lying Raven* e é da autoria de um tal Ninian Bres, que acontece ser um anagrama do nome verdadeiro de um dos autores de *Mysteries of Magic*!
31. Schwartz
32. Ver a ilustração que acompanha o artigo de Kenneth Rayner Johnson, «*The Image of Perfection*», *The Unexplained*, n.º 45, p. 828.
33. Ver prancha 13 em Hancock, *The Sign and the Seal*.
34. St Victor, *Epiphany*, p. 90.
35. Walker, pp. 866-867.

36. Ean e Deike Begg, *In Search of the Holy Grail and the Precious Blood*, p. 79.
37. Godwin, *The Holy Grail*, p. 16.
38. A história de Peredur faz parte da coleção de histórias populares galesas conhecida como *Mabinogion*. Ver a tradução de Gwyn Jones e Thomas Jones.
39. Godwin, p. 47.
40. Ibid., p. 80.
41. Baigent, Leigh e Lincoln, *The Holy Blood and the Holy Grail*, p. 302, citando R. Barber.
42. Godwin, p. 104.
43. Wolfram von Eschenbach, *Parzival*, traduzido por A.T. Hatto.
44. Baigent, Leigh e Lincoln, *The Holy Blood and the Holy Grail*, pp. 307-308.
45. Por exemplo, Wolfram von Eschenbach, *Parzival*, p. 410.
46. Baigent, Leigh e Lincoln, *The Holy Blood and the Holy Grail*, capítulo 11.
47. Godwin, p. 176.
48. Por exemplo, Wolfram von Eschenbach, *Parzival*, p. 405.
49. Godwin, p. 206.
50. C. de Hoghton, «*Parsifal*», *Man, Myth and Magic*, n.º 76, p. 2143.
51. Por exemplo, Ian Wilson, *The Turin Shroud*, pp. 205-206.
52. Ver os Artigos de Acusação contra os Templários, reproduzidos no Apêndice A de Barber, *The Trial of the Templars*.
53. Ibid., p. 163.
54. Schonfield, *The Essene Odyssey*, p. 165.
55. De Voragine, vol. 2, p. 132.
56. Epton, *The Valley of Pyrene*, pp. 135-138.
57. Ean e Deike Begg, p. 42.
58. Tarade e Barani, pp. 134-137.
59. Waite, *The Hidden Church of the Holy Graal*, p. 561.
60. Ibid., p. 448.

CAPÍTULO SEIS: O LEGADO DOS TEMPLÁRIOS

1. Hancox, pp. 183-185.
2. Yates, *The Rosicrucian Enlightenment*, capítulo XIII.

3. Foi a iniciação de Sir Robert Moray na Loja Mary's Chapel de Edimburgo. A loja estava já obviamente estabelecida antes desta data.
4. Robinson, *Born in Blood*, pp. 55-62.
5. Citado em Spence, *An Encyclopaedia of Occultism*, p. 174.
6. Robinson, p. 199.
7. Thomas Norton, *Ordinall of Alchemy* (ver nota 5).
8. Yates, *The Rosicrucian Enlightenment*, capítulo XIV.
9. Na história da Ordem da Jarreteira de Ashmole (1640). Frances Yates encontrou uma forte ligação entre os rosacrucianistas do século XVII e a Ordem da Jarreteira. Isto é por si só sugestivo, uma vez que a Ordem da Jarreteira tem sido vista como uma continuidade (pelo menos no que toca ao cerimonial) dos Cavaleiros Templários.
10. Para a Capela Rosslyn e a família St Clair, ver Sinclair, *The Sword and the Grail*, e Wallace-Murphy, *The Templar Legacy and the Masonic Inheritance within Rosslyn Chapel*.
11. *Kenning's Masonic Cyclopaedia and Handbook of Masonic Archaeology, History and Biography*, p. 558. A «Carta St Clair», que declara a família St Clair/Sinclair padroeira hereditária da Maçonaria, data alegadamente de 1441, ainda que a primeira cópia conhecida seja de cerca de 1600.
12. Ver Baigent, Leigh e Lincoln, *The Messianic Legacy*, pp. 361-367. Niven Sinclair, que investigou amplamente a genealogia da sua família, disse-nos que Plantard tem «uma ligação razoavelmente boa» ao ramo francês dos St Clair.
13. Sinclair, p. 3.
14. A lenda do homicídio de Hiram Abiff, principal arquiteto do Templo de Salomão, e da busca pelo seu corpo forma o tema central dos rituais iniciáticos maçónicos. Ver Robinson, pp. 217-223.
15. Sinclair, p. 171.
16. As citações seguintes são de uma entrevista feita a Niven Sinclair em sua casa, no Surrey, a 4 de maio de 1996.
17. Walker, p. 360.
18. Por exemplo, Sinclair, p. 86.

19. Ibid., p. 77.
20. Ver Baigent e Leigh, capítulo 6.
21. Robinson, p. 182.
22. Pennick, *Hitler's Secret Sciences*, pp. 9-10.
23. Por exemplo, Partner, *The Murdered Magicians*, p. 117.
24. Baigent e Leigh, pp. 267-269.
25. A lista do Priorado de Sião abrange os oito primeiros Grão-Mestres templários, de 1118 a 1188, e aparece em Philippe Toscan du Plantier, *Dossiers secrets d'Henri Lobineau*, prancha 4 (ver capítulo 2, nota 12). Esta alega ser baseada no *Livro de Constituições* dos «Comandos de Genebra». Para a ligação à lista do Barão von Hund, ver Baigent e Leigh, p. 267.
26. Baigent, Leigh e Lincoln, *The Holy Blood and the Holy Grail*, pp. 129-132.
27. Partner, p. 118; J.M. Roberts, *The Mythology of the Secret Societies*, p. 98.
28. Nataf, p. 146.
29. Yates, *Giordano Bruno*, p. 449.
30. Ver Yates, *The Occult Philosophy in the Elizabethan Age*, capítulo II.
31. Yates, *Giordano Bruno*, pp. 111-115.
32. Ver bibliografia.
33. Yates, *Giordano Bruno*, p. 215.
34. Por exemplo, Luckert, *Egyptian Light and Hebrew Fire*.
35. Esta sugestão foi apresentada por Frances Yates em 1966 em *The Art of Memory*, mas continuou a ser especulativa até ser notavelmente confirmada pelos «Documentos Byrom» (discutidos abaixo), que contêm um plano do Globe e de outros teatros isabelinos.
36. Yates, *The Occult Philosophy*, capítulo XV.
37. Yates, *Giordano Bruno*, p. 312.
38. Para o percurso de Dee na fundação dos Rosacrucianistas, ver Yates, *The Rosicrucian Enlightenment*, capítulo III, e *The Occult Philosophy*, capítulos VIII e IX.
39. Os textos dos dois manifestos rosacruzes são reproduzidos nos apêndices de *The Rosicrucian Enlightenment*, de Yates.

40. Ibid., p. 38.
41. Citado em ibid., p. 44.
42. Ibid., p. 118.
43. Citado em Baigent, Leigh e Lincoln, *The Holy Blood and the Holy Grail*, p. 449.
44. As Núpcias Alquímicas são resumidas em Yates, *The Rosicrucian Enlightenment*, capítulo V.
45. Ibid., capítulo VI.
46. Spence, p. 174.
47. Yates, *The Rosicrucian Enlightenment*, pp. 182-185.
48. Ibid., p. 183.
49. Hancock, p. 335.
50. Yates, *The Rosicrucian Enlightenment*, p. 210.
51. Ibid., p. 211.
52. Hancox, *The Byrom Collection*.
53. Ibid., p. 131.
54. Ver Ellic Howe, «*German Occult Groups*», em Cavendish (ed.), *The Encyclopedia of the Unexplained*, p. 89; Ellic Howe, «*Rosicrucians*», *Man, Myth and Magic*, n.º 87, p. 2426; J.M. Roberts, *The Mythology of the Secret Societies*¸ p. 102.
55. Ver Findel, *The History of Freemasonry*, pp. 233-234, e Robert Amadou, «*Martinès de Pasqually et l'Ordre des élus Cohen*», *L'Originel*, n.º 2 (outono de 1995).
56. Nataf, p. 177.
57. Ver a entrevista a Sebastiano Caraccioli (atual líder do Antigo e Original Rito Oriental de Misraïm e Mênfis), *L'Originel*, n.º 2 (outono de 1995), p. 38.
58. De Sède, *Rennes-le-Château*, pp. 205-206. A ligação entre Ormus e a Ordem da Rosa Cruz Dourada pode ser encontrada nos estudos de Jean-Pierre Bayard sobre os Rosacrucianistas.
59. O nosso agradecimento a Filip Coppens por nos ter chamado a atenção para isto.
60. Baigent, Leigh e Lincoln, *The Messianic Legacy*, pp. 426-428.
61. Por exemplo, Partner, p. 135.
62. Baigent e Leigh, p. 113.

63. Para exemplos das críticas comuns à Carta de Larmenius, ver Findel, *A History of Freemasonry*, e Grégoire, *Histoire des sectes religieuses*, vol. 2, pp. 401-402.
64. Estes pontos são discutidos ao pormenor em F.J.W. Crowe, «*The "Charta Transmissionis" of Larmenius*», *Transactions of the Quatour Coronati Lodge*. (O nosso exemplar omite os dados e data de publicação.) O nosso agradecimento a Guy Patton por nos ter proporcionado um exemplar deste artigo imensamente útil, que contém reproduções da Carta de Larmenius, bem como o texto original em latim.
65. O *Levitikon* é consensualmente datado como sendo no mínimo do século XV. Alguns estudiosos situaram-no no século XIII, outros no século XI – ver Grégoire, vol. 2, p. 407. (Grégoire, um bispo, é hostil ao conteúdo do *Levitikon*, mas aceita que a sua origem é, no mínimo, do século XIII.)
66. O seguinte resumo do *Levitikon* é retirado sobretudo de Grégoire, vol. 2, pp. 407-422.
67. R. McL. Wilson, p. 43.
68. Lévi, *The History of Magic*, traduzido por A.E. Waite, p. 264.
69. Ibid., p. 271.
70. Lévi, *Histoire de la magie.*
71. Pike, *Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry*, p. 821. (O nosso agradecimento a Filip Coppens por nos ter direcionado para esta obra.)
72. Lévi (tradução de Waite), p. 405.
73. Pike, p. 821.
74. Ibid.
75. Arkon Daraul, em *Secret Societies*, regista as palavras dirigidas pelo Mestre Inglês do Templo a Henrique III em 1252: «Enquanto exercerdes justiça, reinareis; mas, se a infringirdes, deixareis de ser Rei!»
76. Nas notas de Waite à sua tradução de *The History of Magic*, de Lévi, p. 174.
77. Robinson, p. 206.
78. Ernest Beha diz o seguinte em *A Dictionary of Freemasonry*: «O motivo para a adoção dos dois Santos João é obscuro.» A

questão foi tema de um estudo do reverendo George Oliver em 1848, intitulado *A Mirror for the Johannite Masons*, que concluiu que a reverência dos maçons por João Batista se deve ao facto de, no seu tempo, ele ter sido Grão-Mestre da Maçonaria!

79. Hancock, p. 335.
80. O Ionismo é uma escola dos mistérios com ramos em vários países, sobretudo em França e no Reino Unido. Alega ser um ramo da Igreja de João original e inclui também o culto à deusa Ísis. Mas, uma vez que não apresenta qualquer prova da sua alegada genealogia, ou sequer um mito fundador, considerámos que estava fora do âmbito desta investigação.

CAPÍTULO SETE: SEXO: O DERRADEIRO SACRAMENTO

1. Jung, *Psychology and Alchemy*.
2. Holroyd e Powell, pp. 175-176.
3. Mann e Lyle, p. 175.
4. Benjamin Walker, «*Tantrism*», *Man, Myth and Magic*, n.º 109, p. 2780.
5. Brian Innes, «*Alchemy: Sex and Symbol*», *The Unexplained*, n.º 50, p. 988.
6. Mann e Lyle, p. 170.
7. Nataf, pp. 6-7.
8. Walker, p. 19.
9. Ibid., pp. 9-10.
10. Denis Labouré, «*De Cagliostro aux Arcana Arcanorum*», *L'Originel*, n.º 2 (outono de 1995), p. 20.
11. Lindsay, *The Origins of Alchemy in Graeco-Roman Egypt*, p. 171. (O nosso agradecimento a Steve Moore por nos ter indicado esta obra.)
12. Ibid., p. 195.
13. Sobre Maria, a Judia, ver ibid., capítulo 11.
14. Ibid., p. 285.
15. Ibid., p. 372.
16. Redgrove, *The Black Goddess and the Sixth Sense*, p. 131.
17. Newman, p. 172.
18. Para uma discussão dos elementos religiosos das tradições dos trovadores e *minnesingers*, ver ibid., capítulo Cinco.

19. Walker, pp. 859-864.
20. Newman, p. 167.
21. Redgrove, p. 135.
22. Walker, p. 866.
23. Ibid., pp. 182-183.
24. Newman, p. 25.
25. Citado em Walker, p. 910.
26. Significativamente, Tristão revela o segredo do seu nome alternativo ao sussurrá-lo à sua amante, para a tranquilizar quando esta receia ficar grávida. Ver Roger S. Loomis e Laura H. Loomis, *Medieval Romance*, e H.A. Guerber, *Legends of the Middle Ages*. O nosso obrigado a Jane Lyle por esta informação.
27. Citado em Mann e Lyle, p. 169.
28. Godwin, pp. 24-25.
29. Mann e Lyle, p. 162.
30. Riffard, *Dictionnaire de l'ésotérisme*, p. 154.
31. Ean Begg, p. 114.
32. Lévi (tradução de Waite), p. 345.
33. Anderson, *Dante the Maker*, p. 85.
34. Ibid., p. 84.
35. Ibid., p. 111.
36. Ibid., p. 85.
37. Ibid., p. 412.
38. Citado em King e Sutherland, *The Rebirth of Magic*.
39. Sinclair, p. 44.
40. Walker, p. 1085.
41. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, p. 280.
42. Ibid., p. 281.
43. Nataf, p. 70.
44. Yates, *Giordano Bruno*, p. 281.
45. Citado em ibid., p. 281.
46. Citado em King e Sutherland, p. 170.
47. Newman, p. 227.
48. Citado em ibid., p. 230.
49. Ibid., p. 232.

50. Yates (*Giordano Bruno*, p. 332), ao discutir a última obra publicada de Bruno, refere-se a imagens «sexuais violentas», mas não desenvolve o tema.
51. Ibid., p. 311.
52. Ibid., p. 284.
53. Ver Yates, *The Occult Philosophy*, capítulo VI.
54. Flowers, *Fire and Ice.*
55. Ean Begg, p. 12.
56. Os Joanitas foram criados no início dos anos 1770, manifestamente baseados nas visões de um tal Loiseaut, que alegava ter tido visões de João Batista a profetizar um iminente período de revoltas, caos e o derrube da monarquia. Isto, claro, não tardou a acontecer na Revolução Francesa. Para as ligações dos Joanitas a Näundorff e Vintras, ver Webb, *The Occult Underground*, pp. 298 e seguintes.
57. Ibid., p. 299.
58. Ibid., pp. 136-137.
59. Ibid., p. 301.
60. Griffiths, *The Reactionary Revolution*, p. 145.
61. Ean Begg, pp. 12-13.
62. Griffiths, pp. 129-135.
63. Ibid., p. 131.
64. Informação fornecida pelo investigador Jonothon Boulter.
65. Rémi Boyer, «*Le Monde secret: pour une compréhension du monde des sociétés secrètes*», *L'Originel*, n.º 2 (outono de 1995), p. 12.
66. De Sède, *Rennes-le-Château*, pp. 207-208.
67. King e Sutherland, p. 63.
68. Nataf, p. 162.
69. De Sède, *Rennes-le-Château*, p. 211.
70. Griffiths, p. 134.
71. De Sède, *Rennes-le-Château*, p. 32.
72. Calvé, *My Life*, p. 155.
73. Sobre a vida e carreira de Cagliostro, ver: Colin Wilson, *The Occult*, parte 2, capítulo 5; F. Ribadeau Dumas, «*Cagliostro*», *Man, Myth and Magic*, n.º 14, p. 388; e Tompkins, *The Magic of*

Obelisks, pp. 108-151. Para as suas ligações à Estrita Observância Templária, ver Tompkins, p. 109, e Findel, p. 231.

74. Lévi, p. 409.
75. Denis Labouré, «*De Cagliostro aux Arcana Arcanorum*», *L'Originel*, n.º 2 (outono de 1995).
76. Marie-Jean Vinciguerra, «*Garibaldi héros du Risorgimento et la maçonnerie italienne*», *L'Originel*, n.º 2.
77. De Sède, *Rennes-le-Château*, pp. 204-206.
78. Frater U.D., *Secrets of the German Sex Magicians*, pp. 3-4.
79. Citado em William Sargent, «*Sex*», *Man, Myth and Magic*, n.º 91, p. 2541.
80. Citado em Tompkins, p. 423.
81. De Sède, *Rennes-le-Château*, pp. 208-209; Daniel Wagner, «*La Golden Dawn et ses descendants*», *L'Originel*, n.º 2 (outono de 1995).
82. Howe, «*German Occult Groups*», em Cavendish (ed.), *Encyclopedia of the Unexplained*; Daniel Wagner, «*La Golden Dawn et ses descendants*», *L'Originel*, n.º 2 (outono de 1995), p. 76.
83. Shu'al, *Sexual Magick*.
84. Tompkins, p. 413.
85. Citado em ibid., p. 413.
86. Citado em Greer, *Women of the Golden Dawn*, p. 352.
87. Ibid., p. 357.
88. Ibid., p. 451.
89. Citado em King e Sutherland, pp. 26-29.
90. Ibid., p. 30.

CAPÍTULO OITO: «ESTE É UM LUGAR TERRÍVEL»

1. A igreja é geralmente datada do século X ou XI, ainda que obras recentes indiquem que algumas partes podem remontar ao século V. Ver Sipra, *L'architecture insolité de l'église de Rennes-le-Château*.
2. Reconstituir um relato preciso do caso Saunière é extremamente difícil, pois a ordem exata dos acontecimentos não é fácil de reconstruir e a história adquiriu muitos elementos apócrifos ao ser recontada. O espaço não nos permite uma discussão detalhada

de todos os pontos, e o relato que se segue pretende ser apenas um resumo. Para as obras consultadas, ver bibliografia. Estamos também gratos pelas muitas discussões que tivemos com investigadores em França e Inglaterra (ver agradecimentos) que ajudaram a esclarecer muitos dos pormenores.

Há uma vasta literatura sobre Rennes-le-Château em França, que vai da desmistificação cética à fantasia crédula. Entre estas obras, as de Pierre Jarnac (ver bibliografia) são indispensáveis ao investigador. *Rennes-le-Château: la colline envoûtée*, de Jean Robin, é também recomendado.

As obras em inglês tendem (tal como aqui) a apresentar apenas resumos. Para uma boa introdução e perspetiva geral, ver Gay Roberts, *The Mystery of Rennes-le-Château: A Concise Guide*, publicado pelo grupo de investigação de Rennes-le-Château sediado na Grã-Bretanha.

3. Descadeillas, *Mythologie du trésor de Rennes-le-Château*. (Ver Capítulo Três sobre o Priorado e Notre-Dame de Lumière.)
4. Alain Féral, «*Deux abbés Saunières à Rennes-le-Château*», *Association Terre de Rhedae Bulletin*, n.º 8 (outubro de 1994), p. 34. (A Association Terre de Rhedae, sediada em Rennes-le-Château, dedica-se ao estudo da aldeia e do mistério de Saunière.)
5. De Sède, *Rennes-le-Château*, pp. 27-28.
6. Entrevista com os autores, 25 de maio de 1995.
7. Descadeillas, *Notice sur Rennes-le-Château et l'abbé Saunière*, p. 11.
8. Ibid., p. 11.
9. A data oficial da mudança de propriedade foi 26 de julho de 1946, mas o testamento manuscrito de Marie Dénardaud está claramente datado de 22 de julho.
10. Corbu e Captier, *L'héritage de l'abbé Saunière*, p. 13.
11. Ibid., pp. 12 e 43.
12. Ibid., p. 59.
13. De Sède, *Rennes-le-Château*, p. 26.
14. Numa carta a Pierre Jarnac datada de 22 de maio de 1985, reproduzida em Jarnac, *Les archives du trésor de Rennes-le-*

Château, vol. 2, p. 547.

15. Ver Lincoln, *The Holy Place*, Apêndice 1.
16. Robin, *Le royaume du graal*, p. 36. A admissão de de Chérisey surgiu num panfleto intitulado *L'Enigme de Rennes* (1978).
17. Baigent, Leigh e Lincoln, *The Messianic Legacy*, p. 301.
18. Benoist Rivière, «*Où il est question d'une maquette*», em Rivière (ed.) *Lumières nouvelles sur Rennes-le-Château*, p. 101. [Ver a tradução de Clive Prince em *Le Reflet*, n.º 5 (outono de 1995).]
19. Para mais sobre esta ideia, ver Keith Prince, «*Terribilis Est Locus Iste*», *Le Reflet*, n.º 5 (outono de 1995).
20. Billard influenciou vários idosos que frequentavam a igreja a emendarem os seus testamentos em seu favor, sendo-lhe o dinheiro deixado enquanto indivíduo particular, não na sua qualidade de bispo. O Vaticano também o suspendeu da celebração dos santos ofícios durante três meses por má gestão de fundos. Não foi possível determinar nada de efetivamente ilegal, mas as suas transações financeiras foram vistas por muitos como pouco éticas; menos de um mês após a sua morte, um dos seus próprios sacerdotes escreveu que «a diocese podia até ver a sua morte como um abençoado alívio». (Ver Jarnac, *Les archives du trésor de Rennes-le-Château*, vol. 2, pp. 457-470.)
21. Deloux e Brétigni, p. 8.
22. Julien Coudy e Maurice Nogué, *Midi Libre*, 3-5 de outubro de 1975, citado em Jarnac, *Les archives du trésor de Rennes-le-Château*, vol. 2, p. 443.
23. Sipra, p. 5.
24. De Sède, *Rennes-le-Château*, p. 173.
25. Robin, *Le royaume do graal*, p. 122.
26. Begg, p.209.
27. A carta é reproduzida em Corbu e Captier, p. 37.
28. Birks e Gilbert, pp. 33-35.
29. Marie, *Alet-les-Bains*.
30. Baigent, Leigh e Lincoln, *The Holy Blood and the Holy Grail*, pp. 178-183.
31. Exceto onde tal for referido, os pormenores da história do local são retirados de Migault, *Notre-Dame de Marceille, Limoux*.

32. Paul Smith, «*Verdict on Notre-Dame de Marceille*», *The Rennes-le-Château Observer*, n.º 11 (junho de 1996), p. 13. (O *The Rennes-le-Château Observer* é o jornal do grupo de investigação de Rennes-le-Château.)
33. Ver Gay Roberts, «*The Brotherhood of the Blue Penitents of Narbonne*», *The Rennes-le-Château Observer*, n.º 1.8 (setembro de 1995), p. 6.
34. Ver Jos Bertaulet, *De Verloren Konig en de bronnen van de graallegende*, e Filip Coppens, «*The Vault at Notre-Dame de Marceille*». *The Rennes-le-Château Observer*, n.º 1.7 (marco de 1995), p. 27.

CAPÍTULO NOVE: UM CURIOSO TESOURO

1. Corbu e Captier, p. 278.
2. De Sède, *Rennes-le-Château*, p. 187.
3. Robin, *Le royaume du graal*, p. 36.
4. De Sède (*Rennes-le-Château*, pp. 79-80) conta a história do anterior interesse de Corbu pelo caso Saunière, do seu acordo com o abade Gau, da investigação do arcebispo Roncalli e da bolsa do Vaticano, mas evita cuidadosamente nomeá-lo. Jania Macgillivray (citada em Deloux e Brétigny, p. 33) refere Corbu ao descrever o seu acordo com Gau e a bolsa do Vaticano.
5. De Sède afirma que o protagonista anónimo da sua história tinha «enganado» a diocese, mas não desenvolve o tema.
6. Paul Smith, em «*The Plantard Grail*» (*Pendragon*, vol. XVII, n.º 3), diz que esta afirmação foi feita na revista belga *Bonne Soirée* (14 de agosto de 1980). Christopher Scargill, num artigo da *Popular Archaeology* (abril de 1985), intitulado «*The Abbé Saunière's "Treasure"*», faz a mesma afirmação, mas não se sabe com que fundamento.
7. De Sède, *Rennes-le-Château*, pp. 201-202.
8. A obra de Féral, sob o seu pseudónimo de Spatz, encontra-se publicada em Göte e Spatz, *Rennes-le-Château: clef du royaume des morts*. Ver particularmente o volume 3.
9. Jonothon Boulter, «*Jansenism and Rennes*», *The Rennes-le-Château Observer*, n.º 1.7 (março de 1995), p. 18.

10. De Sède, *Rennes-le-Château*, pp. 25-26, citando uma coleção de escritos de Saunière publicada como *Mon enseignement à Antugnac* (Éditions Bélisane, Nice, 1984).
11. Ver Rappoport, *Ancient Israel*, vol. 1, p. 94.
12. Robin, *Rennes-le-Château: la colline envoûtée*, p. 142.
13. Entrevista em Rennes-les-Bains, 25 de maio de 1995.
14. De Sède, *Rennes-le-Château*, pp. 189-194.
15. Ver Guy Patton, «*Mary Magdalene and Rennes-le-Château*», *The Rennes-le-Château Observer*, n.º 1.8 (setembro de 1995), p. 15.
16. De Sède, *Rennes-le-Château*, pp. 218-219.
17. Ibid., p. 194.
18. Ibid., pp. 207-208.
19. Baigent, Leigh e Lincoln, *The Holy Blood and the Holy Grail*, pp. 477-479.
20. Ibid., p. 480. Sobre a ligação do Conde de Chambord ao caso de Rennes-le-Château, ver Guy Patton, «*Saunière and the Count de Chambord*», *The Rennes-le-Château Observer*, n.º 11 (junho de 1996), p. 20.
21. Robin, *Rennes-le-Château*, p. 60.
22. De Sède, *Rennes-le-Château*, p. 218, a partir de informação fornecida por Aynard de Bissy, um descendente dos Chefdebien.
23. Citado em Robin, *Rennes-le-Château*, p. 62.
24. Devido à natureza da vida e das atividades de Monti, é difícil encontrar informações biográficas. O relato que se segue é extraído de Gérard de Sède (*Rennes-le-Château*, pp. 225-236), que é retirado de um arquivo coligido por Emile Hoffet e que se encontra atualmente na posse de de Sède.
25. Robin, *Rennes-le-Château*, p. 151.
26. Do jornal *Circuit*, n.º 8, citado em de Sède, *Rennes-le-Château*, p. 236.
27. Descadeillas, *Notice sur Rennes-le-Château et l'abbé Saunière*, p. 12.
28. Corbu e Captier, p. 216.
29. Descadeillas, *Notice sur Rennes-le-Château et l'abbé Saunière*, p. 8.

30. Lionel e Patricia Fanthorpe, *Rennes-le-Château: Its Mysteries and Secrets*, pp. 3 e 180.
31. Entrevista a André Galaup, Rennes-les-Bains, 28 de julho de 1995.
32. J.E. Mansion, *New Standard French and English Dictionary* (George G. Harrpa & Co., Londres, 1939). O nosso agradecimento a Keith Prince por nos chamar a atenção para esta referência.
33. «*Madeleine Blancasall*», *Les descendants mérovingiens ou l'énigme du Razès wisigoth*. (Ver capítulo 2, nota 12.)
34. Antoine Captier, Marcel Captier e Michel Marrot, *Rennes-le-Château: le secret de l'abbé Saunière*. Embora conte a história de Saunière em forma de banda desenhada, representa a versão mais exata dos acontecimentos de acordo com as memórias dos aldeões.
35. A inscrição é a seguinte:

CE GIT NOBLE M/ ARIE DE NEGRE/ DARLES DAME/ DHAUPOUL/ DE/ BLANCHEFORT/ AGEE DE SOIX/ ANTE SEPT ANS/ DECEDEE LE/ XVII JANVIER/ MDCOLXXXI/ REQUIES CATIN/ PACE

Que Bigou foi responsável pelas palavras na lápide, e pelos erros deliberados, é confirmado pela descoberta do Almirante Georges Cagger de que o nome «Bigou» está escondido em código na inscrição – ver o apêndice de *Le royaume du graal*, de Jean Robin.

36. Gay Roberts, «*Jacques et le Bean Stalk: A Fairy Story*», *Le Reflet Newsletter in English*, n.º 3.
37. Alegadas reproduções da laje horizontal surgem nos *Dossiers secrets*, no que se alega ser um excerto de uma obra do sábio Eugène Stüblein (1832-1899), *Pierre gravées du Languedoc*. São a base para todas as representações subsequentes (embora haja pequenas variações). Não é, contudo, possível localizar tal obra de Stüblein, e a versão dos *Dossiers secrets*, que foi depositada na Biblioteca Nacional em 1966, facilmente se revela como uma falsificação. Mas um engenheiro chamado Ernest Cros, amigo de Saunière, fez uma reconstrução das inscrições nos anos 1920. As

suas notas registam as principais caraterísticas da versão de «Stüblein», exceto o lema *Et in Arcadia ego*.

38. Os outros dois quadros terão sido *A Tentação de Santo Antão*, de David Teniers – ainda que não se saiba qual dos David Teniers (pai ou filho) ou qual das várias versões deste tema pintadas por ambos os artistas –, e um retrato de Celestino V, um dos papas do século XIII.
39. De Sède, *Rennes-le-Château*, pp. 144-145.
40. Citado em Robin, *Le royaume du graal*, p. 107. (Tradução dos autores.)
41. Migault, *Notre-Dame de Marceille, Limoux*, p. 5.
42. Deloux e Brétigny, p. 4.
43. Entrevista a Antoine e Claire Captier, Rennes-les-Bains, 25 de maio de 1995.
44. Antoine Bruzeau, «*Marie-Madeleine: de la Bible à la legende, de la legende à la tradition*», em Rivière (ed.), *Lumières nouvelles sur Rennes-le-Château*, p. 11.
45. Antoine Bruzeau, «*De Rennes-le-Château au Pilat*», *Lumières nouvelles sur Rennes-le-Château*, p. 82.
46. Benoist Rivière, «*Bérenger Saunière à Lyon?*», *Lumières nouvelles sur Rennes-le-Château*, p. 95.
47. L'Indépendant, 24 de setembro de 1987.

CAPÍTULO DEZ: ADIVINHANDO A CORRENTE SUBTERRÂNEA

1. Jean Robin, *Rennes-le-Château: la colline envoûtée*, p. 80, citando a partir de de Sède*, Les Templiers sont parmi nous*.
2. Baigent, Leigh e Lincoln, *The Holy Blood and the Holy Grail*, pp. 212-213.
3. Guy Patton, em *The Rennes-le-Château Observer*, n.º 1.9 (dezembro de 1995), reporta informação que lhe foi fornecida por Roger-René Dagobert. Apesar do apelido sugestivo, Dagobert é um verdadeiro descendente de uma família nobre da Normandia, cujos antepassados estiveram intimamente envolvidos nas sociedades maçónicas do Languedoc centradas no Marquês de Chefdebien e na família Hautpoul. Segundo este relato, François Mitterrand e Pierre Plantard (como então se chamava) foram sócios durante o período do regime de Vichy no sul de França.

4. Toscan du Plantier, *Dossiers secrets d'Henri Lobineau*. Ver também Baigent, Leigh e Lincoln, *The Holy Blood and the Holy Grail*, p. 170.

CAPÍTULO ONZE: FALSIDADES DO EVANGELHO

1. A descoberta foi desvendada no documentário da BBC «*The Body in Question*», transmitido como parte da série *Heart of the Matter* no dia 7 de abril de 1996 (realizado e produzido por Christopher Mann). Ver também Joan Bakewell, «*The Tomb that Dare not Speak its Name*», *Sunday Times News Review*, 31 de março de 1996.
2. Vermes, *Jesus the Jew*, p. 114.
3. Golb, *Who Wrote the Dead Sea Scrolls?*
4. Knight e Lomas, p. 54.
5. A questão de se Jesus batizou tem sido motivo de debate desde os primórdios da Igreja. As únicas afirmações sobre o tema, ambas contidas no Evangelho de João, são contraditórias. João 3:23 diz que Jesus batizou, enquanto 4:2 diz que, embora os seus discípulos batizassem, o próprio Jesus não o fez. A ser verdade esta última afirmação, isto levanta a questão de quem batizou os discípulos.
6. Isto é admitido até por muitos teólogos católicos. O padre Philippe Devoucoux de Buyson, por exemplo, em «*Marie-Madeleine: témoin de la Passion-Résurrection*», *Dieu est amour* (n.º 115, maio de 1989), escreve que «Maria Madalena assume o lugar de João Batista».
7. Ricci, pp. 171-177.
8. Por exemplo, Marcos 2:18-22.
9. Por exemplo, Lucas 7:18-23.
10. Lucas 7:18, Mateus 11:11.
11. Vermes, pp. 32-33.
12. Smith, *Jesus the Magician*, p. 26.
13. St Victor, *Epiphany*, p. 81.
14. Por exemplo, Lucas 5:7. (A versão do Rei Jaime diz «garrafas», mas a tradução correta é «peles».)
15. Ver entrada sobre a «Cláusula Joanina» em *The Encyclopedia of Religion* (ed. Mircea Eliade).

16. Ver Ian Wilson, *Are these the Words of Jesus?*, pp. 31-33. Alguns dos primeiros manuscritos do Novo Testamento têm este episódio em Lucas.
17. Vermes, p. 21.
18. Marcos 6:3. Mateus, obviamente ciente deste problema, altera as palavras para «*filho* do carpinteiro», enquanto os outros Evangelhos omitem por completo a referência.
19. A.N. Wilson, *Jesus*, p. 48.
20. O consenso é que Marcos é o primeiro, tendo provavelmente sido escrito por volta de 70 d.C., e que Mateus e Lucas foram pelo menos parcialmente baseados em Marcos, datando de algures entre os anos 70 e 90. Devido ao caráter muito distinto do Evangelho de João, julga-se que este terá sido o último a ser escrito, por volta de 100 d.C. Mas estas datas não são de todo unânimes: ainda há quem defenda Mateus como o primeiro, e até João tem os seus apoiantes.

Estas datas baseiam-se em deduções e conjeturas que têm de ser feitas na ausência de indícios sólidos. Os mais antigos manuscritos completos dos Evangelhos datam da primeira metade do século IV. Existem fragmentos do século II – o fragmento mais antigo é, na verdade, do Evangelho de João e tem sido datado de entre 130 e 150.

Recentemente, Carsten Peter Thiede sugeriu que um minúsculo fragmento do Evangelho de Mateus – guardado (talvez ironicamente) no Magdalen College, em Oxford – data na verdade dos anos 40 do século I, menos de dez anos após a Crucifixão. A ser verdade, isto anularia quase todo o pensamento atual sobre o tema. Mas a posição de Thiede está aberta a muitas críticas e parece improvável que esteja correto. Se as suas alegações forem, porém, confirmadas por investigações adicionais, haverá implicações significativas para a nossa própria hipótese. O fragmento contém partes de dois episódios familiares, a unção de Jesus por Maria de Betânia e a instituição da Eucaristia na Última Ceia, ambos importantes para a nossa investigação, e uma data tão precoce apoiaria os argumentos apresentados nos Capítulos Doze e Treze. (Ver Thiede e d'Ancona, *The Jesus Papyrus*.)

21. Ver, por exemplo, A.N. Wilson, capítulo III.
22. Por exemplo, John A.T. Robinson, *The Priority of John*.
23. Sobre o Concílio de Niceia, ver Ayerst e Fisher, *Records of Christianity, Volume I: In the Roman Empire*, pp. 144-146.
24. Burton L. Mack, ao resumir a posição atual dos estudiosos do Novo Testamento em *The Lost Gospel*, afirma que, das pouco mais de 500 frases atribuídas diretamente a Jesus, *no máximo* 10 % são vistas pelos estudiosos como tendo qualquer pretensão à autenticidade.
25. Ver Sanders, *Jesus and Judaism*, p. 15.
26. A crucifixão era uma pena *romana*, utilizada para punir crimes civis. Se os judeus tivessem executado Jesus por blasfémia, como é alegado nos Evangelhos, então a morte teria sido por apedrejamento. Nesse caso, os líderes judaicos não teriam tido de envolver o governador romano.
27. Sanders, em *Jesus and Judaism*, faz uma exposição e análise da atual posição dos estudiosos do Novo Testamento, e aborda ao pormenor muitos dos problemas fundamentais aqui referidos. Na verdade, Sanders enumera apenas oito «factos incontestáveis» em que os estudiosos estão de acordo acerca de Jesus: (1) Foi batizado por João; (2) Era um pregador e curandeiro galileu; (3) Tinha discípulos; (4) A sua atividade estava confinada à Palestina; (5) Esteve envolvido numa controvérsia relativa ao Templo de Jerusalém; (6) Foi crucificado pelos romanos; (7) O seu movimento continuou após a sua morte; (8) O novo movimento foi perseguido por pelo menos alguns judeus. *Tudo o mais* é contestado.
28. Esta afirmação será um choque para a maioria dos leitores, quer sejam cristãos ou não. Mas é um facto que nada nos Evangelhos apresenta motivos suficientes para o tratamento dado a Jesus. Para uma discussão detalhada deste problema, ver Sanders, *Jesus and Judaism*.
29. Schonfield, *The Passover Plot*, p. 109.
30. Jesus diz a dois dos seus discípulos onde encontrarão o burro preso e, se alguém lhes perguntar o que estão a fazer, para

responderem que «o Senhor precisa dele», após o que lhes será permitido levá-lo (Marcos 11:2-7). (Ibid., p. 119.)
31. Ibid., pp. 138-139.
32. Ver Baigent, Leigh e Lincoln, *The Messianic Legacy*, p. 72.
33. Smith, *The Secret Gospel*. Para reações à descoberta de Smith, ver Shawn Eyer, «*The Strange Case of the Secret Gospel according to Mark*», em *Alexandria 3*, p. 103.
34. Smith, *The Secret Gospel*, p. 17.

CAPÍTULO DOZE: A MULHER QUE JESUS BEIJOU

1. Torjesen, pp. 9-10.
2. Ver Walker, p. 644.
3. Citado em Newman, pp. 13-14.
4. Haskins, p. 40.
5. O nosso agradecimento a Keith Prince por ter investigado esta questão por nós.
6. Walker, pp. 613-616.
7. Starbird, *The Woman with the Alabaster Jar*, p. 50.
8. Vermes, p. 102.
9. Ibid.
10. Baigent, Leigh e Lincoln, *The Holy Blood and the Holy Grail*, pp. 348-349.
11. Phipps, *The Sexuality of Jesus*, p. 69.
12. Haskins, p. 18.
13. Phipps, *The Sexuality of Jesus*, p. 62.
14. Ver Schonfield, *The Passover Plot*, p. 156.
15. Ver Walker, pp. 501-508.
16. Qualls-Corbett, *The Sacred Prostitute*, p. 25.
17. Para os muitos paralelismos entre o Cântico dos Cânticos e os textos sobre o casamento sagrado, ver Pope, *Song of Songs*.
18. Starbird, p. 43, citando Bayley, *The Lost Language of Symbolism*.
19. Qualls-Corbett, pp. 102-104.
20. Baigent, Leigh e Lincoln, *The Holy Blood and the Holy Grail*, pp. 350-351.
21. Qualls-Corbett, pp. 104-105.
22. Pope, p. 192.

23. Redgrove, pp. 125-126.
24. Walker, p. 615.
25. Ibid., p. 614.
26. R. McL. Wilson, p. 21.
27. Ambas as citações retiradas do *Evangelho de Filipe* relativas a Maria Madalena surgem no contexto de discussões sobre o Espírito Santo/Sophia. Ver ibid., pp. 39 e 107.
28. Ibid., p. 50.
29. Schneemelcher, p. 93.
30. João 20:9.

CAPÍTULO TREZE: FILHO DA DEUSA

1. Mack, p. 193.
2. Gascoigne, p. 12.
3. Citado em Ayerst e Fisher, pp. 2-3.
4. Ibid., p. 11.
5. Ibid., pp. 14-16.
6. Ver Schonfield, *The Pentecost Revolution*, p. 34.
7. Ibid.
8. É possível que o relato de Jesus no «Josefo eslavo» possa conter uma verdadeira referência a Jesus. Trata-se de uma versão de *A Guerra dos Judeus* que foi traduzida para grego numa fase precoce e escapou ao processo de edição a que foi sujeita no Ocidente, permanecendo desconhecida na Europa até finais do século XIX. Quase universalmente descartada pelos estudiosos como falsa, traça, porém, uma imagem tão invulgar de Jesus – como essencialmente um milagreiro e um líder rebelde – que é difícil imaginá-la a ser inventada por um cristão. Uma vez que esta descrição está de acordo com as conclusões mais recentes acerca de Jesus – e com as deste livro –, talvez fosse oportuna uma reavaliação deste texto. (Ver Eisler, *The Messiah Jesus and John the Baptist*.)
9. Ashe, *The Virgin*, pp. 41-43.
10. Hector Hawton, Introdução a Robertson, *Pagan Christs*, p. 8.
11. Robertson, p. 52.
12. Ibid., p. 53.
13. Ibid., p. 68.

14. Ibid., p. 52.
15. Mack, p. 22.
16. Schonfield, *The Passover Plot*, p. 204.
17. Osman, *The House of the Messiah*.
18. Smith, *Jesus the Magician*, p. 147.
19. A.N. Wilson, p. 8.
20. Mack, p. 2.
21. Morton Smith dedica um apêndice em *Jesus the Magician* às provas deste facto.
22. Smith, *Jesus the Magician*, p. 29.
23. Stewart, *The Foreigner*, p. 34.
24. Mack, p. 51.
25. Schonfield, *The Passover Plot*, p. 37.
26. Mack, p. 53.
27. Smith, *Jesus the Magician*, p. 68.
28. Mack, p. 59.
29. Ibid., p. 53.
30. Schonfield, *The Passover Plot*, p. 209.
31. Schonfield, *The Pentecost Revolution*, p. 278.
32. Keith Prince apontou-nos o paralelismo, que é um acontecimento registado por três autores romanos, Dião Cássio, Suetónio e Plínio. Em 66 d.C., Tirídates, rei da Arménia, visitou Nero em Roma, acompanhado pelos filhos de três monarcas vizinhos da Pártia, onde o zoroastrismo – a religião dos magos – era forte. O objetivo da visita foi adorar Nero como a um deus, com Tirídates a proclamar: «Vim a vós, meu deus, para vos prestar homenagem como faço a Mitra.» O relato termina assim: «O rei não regressou pelo caminho que seguira na vinda, mas… por um caminho diferente» – tal como na história dos Evangelhos.
33. A.N. Wilson, p. 124.
34. Smith, *Jesus the Magician*, p. 147.
35. Por exemplo, Ian Wilson, *Are these the Words of Jesus?*, p. 20.
36. A.N. Wilson, p. 123.
37. Por exemplo, Stewart, p. 64.
38. Crossan, *Who Killed Jesus?*, p. 64.
39. Smith, *Jesus the Magician*, pp. 96-97.

40. Stewart, p. 61.
41. A.N. Wilson, p. 21.
42. Stewart, p. 119.
43. Ibid., p. 100.
44. Ibid., p. 133.
45. Schonfield, *The Passover Plot*, p. 219. Ver também Ayerst e Fisher, p. 32.
46. Schonfield, *The Passover Plot* (citando T.J. Meek).
47. Ibid., p. 227.
48. Ashe, p. 37.
49. Osman, p. 50.
50. Stewart, p. 77.
51. Marcos 15:34-5 e Mateus 27:46-7.
52. Stewart, Apêndice C, *The Foreigner*.
53. Ashe, p. 14.
54. Ibid., p. 39.
55. Walker, p. 454.
56. George Witterschein, Introdução a Gaus (trad.), *The Unvarnished New Testament*, pp. 15-16.
57. Gaus, p. 171.
58. Sobre a associação dos Gnósticos entre Sophia e o Espírito Santo, ver R. McL. Wilson, p. 14.
59. Luckert, p. 322.
60. Ver Morton Smith, *Jesus the Magician*, pp. 47-49.
61. Ibid., p. 94.
62. Ibid., p. 120.
63. Peter James, «*Birth of the Gods*», *The Unexplained*, n.º 154, p. 3063.
64. Smith, *Jesus the Magician*, p. 123.
65. Ibid., p. 33.
66. Ibid., p. 94. Sobre as práticas mágicas dos primeiros cristãos egípcios, ver Meyer e Smith, *Ancient Christian Magic*.
67. Walker, p. 750.
68. Wallis Budge (trad.), *The Book of the Dead*, p. 440.
69. Walker, pp. 748-749.
70. Vermes, p. 114.

71. Schonfield, *The Passover Plot*, p. 177.
72. Luckert, pp. 320-322.
73. Walker, pp. 453-454.
74. Doresse, *The Secret Books of Egyptian Gnostics*, pp. 273-274.
75. Patai, *The Hebrew Goddess*, p. 53.
76. Luckert, p. 157.
77. Ver Ashe, p. 26.
78. Ibid., pp. 26-30.
79. Mack, p. 150.
80. Ver Heyob, *The Cult of Isis among Women in the Graeco-Roman World*, p. 60, e Jones e Pennick, *A History of Pagan Europe*, capítulo 4.
81. Ver Heyob, pp. 115-119.
82. R. Merkelbach, «*Isis*», *Man, Myth and Magic*, n.º 51, p. 1461.
83. Heyob, p. 60.
84. Merkelbach, «*Isis*», p. 1463.
85. Ibid., p. 1461.
86. S.G.F. Brandon, «*Baptism*», *Man, Myth and Magic*, n.º 5, p. 217.
87. Ibid., citando Romanos 6 como exemplo.
88. Jones e Pennick, p. 57.
89. Heyob, pp. 64-66.
90. S.G.F. Brandon, «*Dying God*», *Man, Myth and Magic*, n.º 26, p. 739.
91. Meyer (ed.), *The Ancient Mysteries*, p. 8.
92. S.G.F. Brandon, «*Osiris*», *Man, Myth and Magic*, n.º 74, p. 2088.
93. Luckert (p. 294) cita Helmut Koester: «É… impensável que a missão cristã pudesse ter passado ao lado de Alexandria durante décadas… Os primórdios do cristianismo no Egito eram "heréticos", daí que os escritos cristãos compostos no Egito durante este primeiro período não tenham sido preservados.»
94. Doresse, pp. 138-139.
95. Eliade, vol. 1, p. 85.

CAPÍTULO CATORZE: JOÃO CRISTO

1. Lucas 1:46-55.
2. A história da execução de João Batista é contada em Mateus 14:3-12 e Marcos 6:17-29. Lucas fala apenas da sua prisão e

João omite qualquer menção ao seu destino.

3. A única alteração que pode ter sido feita é a adição do epíteto «Batista», uma vez que é discutível se Josefo teria estado familiarizado com o termo.
4. O relato de Mateus (3:1-12) coloca João na Judeia, mas na margem oriental do Jordão, que ficava efetivamente na Pereia (sendo o Jordão a fronteira).
5. Kraeling, *John the Baptist*, p. 7.
6. Ibid., pp. 10-11.
7. *Antiguidades Judaicas*, Livro 18, citado em Robert L. Webb, *John the Baptizer and Prophet,* p.32
8. Robert L. Webb, p. 36.
9. Schonfield, *The Passover Plot*, p. 72.
10. Kraeling, p. 87.
11. Ibid.
12. Lucas 11:1.
13. Wallis Budge, *Egyptian Magic*, p. 116.
14. Vermes, p. 31.
15. Schonfield, *The Essene Odyssey*, p. 40.
16. Ibid., p. 58.
17. Knight e Lomas, capítulo 11.
18. A.N. Wilson, p. 112.
19. O artigo de Kraeling foi publicado no *Journal of Biblical Literature*, LIX, 2 (1940).
20. Smith, *Jesus the Magician*, p. 34.
21. Kraeling, p. 160.
22. Smith, *Jesus the Magician*, p. 34.
23. Ibid., p. 97.
24. Ibid.
25. Por exemplo, Marcos 12:37-33.
26. Livro de Tiago, 23:1-3. Ver Tiago, *The Apocryphal New Testament*, p. 48. (O nosso agradecimento a Craig Oakley por ter chamado a nossa atenção para este episódio.)
27. Kraeling, p. 16.
28. Ibid., pp. 169-170.
29. Lucas 1: 68-79.

30. Schonfield, *The Essene Odyssey*, p. 58.
31. Reconhecimentos Clementinos, I 60, citados em Kraeling, p. 181.
32. Vermes, p. 95.
33. João 1:35-40.
34. Yamauchi, *Pre-Christian Gnosticism*, p. 31.
35. Ibid., p. 25.
36. A.N. Wilson, p. 102.
37. Gascoigne, p. 24.
38. St Victor, p. 19.
39. G.R.S. Mead reuniu convenientemente todas as primeiras referências a Simão Mago no seu *Simon Magus: An Essay*.
40. Luckert, p. 304. Para os paralelismos entre os ensinamentos de Simão Mago e vários dos textos de Nag Hammadi, ver Doresse, Apêndice I.
41. Schonfield, *The Essene Odyssey*, p. 165.
42. Luckert, pp. 302-305.
43. Ashe, p. 138.
44. Atos de Pedro, citados em St Victor, p. 37.
45. Citado em Mead, *Simon Magus*, p. 10.
46. Ibid., p. 26.
47. Ibid., p. 13.
48. Ibid., p 24.
49. Ibid., p. 21.
50. Ibid., p. 28.
51. Ibid., p. 36.
52. Ibid., p. 19.
53. Luckert, p. 300.
54. Haskings, p. 41.
55. Romer, p. 194.
56. Luckert, p. 299.
57. Ibid., p. 305.
58. Ver Mead, *Simon Magus*, pp. 28 e seguintes.
59. Foerster, *Gnosis*, vol. 1, p. 32.
60. Eisler, p. 254.

CAPÍTULO QUINZE: SEGUIDORES DO REI DA LUZ

1. A mais extensa literatura sobre os Mandeus encontra-se em língua alemã. Ver bibliografia para as obras consultadas em língua inglesa. A mais acessível obra recente sobre os Mandeus é Rudolph, *Mandaeism*.
2. Kurt Rudolph, «*Mandaean Sources*», em Foerster (ed.) *Gnosis*, vol. 2. Lady Drower, em *The Mandaeans of Iraq and Iran* (p. 14), obviamente atenta às sensibilidades dos seus leitores ingleses, apresenta as palavras de abertura simplesmente como «Quando oprimidos…»
3. Tentámos saber qual a atual situação dos Mandeus através da nossa amiga Dominique Hyde, da Faculdade de Estudos sobre o Médio Oriente da Universidade de Londres. Devido aos atuais problemas internos do Iraque, tem-se revelado impossível descobrir seja o que for sobre as tribulações dos Mandeus.
4. Drower, p. 100.
5. Rudolph, *Mandaeism*, p. 3.
6. Schonfield, *The Pentecost Revolution,* p. 284.
7. Yamauchi, pp. 135-140.
8. Drower, p. 264.
9. Ibid., p. 3.
10. Existem apenas excertos do *Sidra d'Yahya* traduzidos em inglês, em G.R.S. Mead, *The Gnostic John the Baptizer: Selections from the Mandaean John-Book*. Este baseia-se na tradução alemã de M. Lidzbarski, *Das Johnannes buch der Mandäer* (2 vols. Gießen, 1905 e 1915).
11. Num hino maniqueu do século IV – ver Haskins, p. 52.
12. Rudolph, «*Mandaean Sources*», p. 398.
13. Citado em Drower, p. 9.
14. Citado em Rudolph, p. 299.
15. Citado em ibid., p. 300.
16. Secções 33-35 do *Sidra d'Yahya*.
17. Ver prancha IV em Rudolph, *Mandaeism*.
18. Drower, p. 3; Yamauchi, p. 80.
19. Mead, *The Gnostic John the Baptizer*, p. 16.
20. Gaster, *The Dead Sea Scriptures*, pp. 21-22.

21. Ver: *Man, Myth and Magic*, n.º 43, p. 1213; Riffard, *Dictionnaire de l'ésotérisme*, pp. 154 e 294.
22. Lindsay, p. 172.
23. Rudolph, «*Mandaean Sources*», p. 126.
24. Yamauchi, p. 24.
25. Ibid., p. 126.
26. Citado em ibid., p. 30.
27. Ibid., p. 35.
28. Ibid., p. 176.
29. Rudolph, *Mandaeism*, p. 3.
30. Schonfield, *The Passover Plot*, p. 208.
31. Yamauchi, p. 29.
32. Walter N. Birks, «*A Personal Reminiscence*» (epílogo a Birks e Gilbert, *The Treasure of Montségur*).
33. Ibid., p. 154.
34. Sobre os paralelismos entre os textos mandeus, o maniqueísmo, o *Pistis Sophia* (e outros textos de Nag Hammadi) e as doutrinas de Simão Mago, ver: Mead, *The Gnostic John the Baptizer* e *Simon Magus*; Yamauchi, *Pre-Christian Gnosticism*, e Doresse, *The Secret Books of the Egyptian Gnostics*.

CAPÍTULO DEZASSEIS: A GRANDE HERESIA

1. Josefo, *The Jewish War*, p. 139.
2. A discrepância entre o número de seguidores apresentado por Josefo e pelos Evangelhos explica-se pela notória inclinação de Josefo para o exagero.
3. Robert L. Webb, p. 338.
4. Mateus 6:39-44.
5. Mateus 10:34.
6. Marcos 7:9-10.
7. Lucas 14:26.
8. Schonfield, *The Passover Plot*, p. 81.
9. Marcos 10:13-16.
10. Marcos 9:42.
11. Gascoigne, p. 17.
12. João 6:26.
13. A.N. Wilson, p. 160.

14. Marcos, o primeiro dos Evangelhos Sinópticos, refere apenas «cinco mil homens» (6:44), tal como Lucas (9:14). Mateus (14:21) fala em «cinco mil homens, além de mulheres e crianças». João é o mais taxativo: «Sentaram-se então os homens, em número de cerca de cinco mil» (6:10); e, após a alimentação, refere-se de novo apenas à presença de homens (6:14) – não há qualquer referência a mulheres ou crianças.
15. A.N. Wilson, p. 161.
16. Thiering, *Jesus the Man*, pp. 84-85 e 390-391.
17. Evangelho de Tomé 61 (ver Layton, p. 391).
18. Clemente de Alexandria regista este excerto do Evangelho perdido dos Egípcios no seu *Stromateis*. Ver Ian Wilson, *Are these the Words of Jesus?*, pp. 153-154.
19. Lucas 8:3.

CAPÍTULO DEZASSETE: SAÍDOS DO EGITO

1. Bauval e Gilbert, *The Orion Mystery*; Hancock, *Fingerprints of the Gods*; Hancock e Bauval, *Keeper of Genesis*.
2. Lurker, *An Illustrated Dictionary of the Gods and Symbols of Ancient Egypt*, p. 93.
3. M.L. West, «*Orpheus and Orphism*», *Man, Myth and Magic*, n.º 74, p. 2082.
4. Baigent, Leigh e Lincoln, *The Messianic Legacy*, pp. 296-298.
5. «*S. Roux*», *L'affaire de Rennes-le-Château: réponse à Monsieur Lionel Burrus*. (Ver capítulo 2, nota 12.)
6. «*Lionel Burrus*», *Faisons le point…* (Suposto excerto de *Semaine catholique genevoise*, 22 de outubro de 1966). (Ver capítulo 2, nota 12.)
7. Ibid.
8. «Jean Delaude», *Le cercle d'Ulysse*. Julga-se que o verdadeiro autor terá sido Philippe de Chérisey.
9. Luckert, p. 29.
10. Ver, por exemplo, Sanders, p. 8.
11. Ver Jones e Pennick.

POSFÁCIO: DUAS DÉCADAS DEPOIS

1. Entrevistado em «*The Da Vinci Code Myth*», na série *Revealed*, do Channel 5. Escrita e produção de Rob Blumenstein, realizado

por Will Ehbrecht, da Weller/Grossman Productions em associação com a Paulist Productions para o History Channel/Love Productions, Channel 5, 2005.

2. www.thesecretsupper.com/thesecretfaith.php.
3. Gaus, p. 200.
4. Burstein, p. 225.
5. Ver Bramly, pp. 184-190.
6. Hecht, p. 228.
7. John Hooper, «*Art Detective Exposes Hidden Images to Fuel Da Vinci Code Conspiracies*», *Guardian*, 20 de setembro de 2005.
8. Ver Picknett e Prince, *The Sion Revelation*, pp. 347-355.
9. Péladan, *Constitutions de la Rose-Croix, le Temple et le Graal*, pp. 28-29.
10. Contrucci, p. 131.
11. Plume e Pasquini, p. 335.
12. Barrès, p. 34. (Tradução dos autores.)
13. «*Visits to Maurice Barrès*», em Cocteau, *A Call to Order*.
14. Wyns, p. 14.
15. Em «*Les Anges*», um artigo originalmente publicado em 1949 e republicado em Cocteau, *Cahiers Jean Cocteau no. 10*, p. 136. (Tradução dos autores.)
16. Jean Cocteau, «*Chaque nuit la Joconde en soi-même se change*», em Brion, pp. 282-283. (Tradução dos autores.)
17. Demurger, pp. 26-27; Michel Parisse, «*La Modèle Romaine*», em Vauchez (ed.), p. 303.
18. https://rennes-le-chateau.org/index.php/autour-de-laffaire/les-interviews/ginosandri/
19. Putnam e Wood, p. 185.
20. Douzet, pp. 106-109.
21. Lamy, p. 152.
22. Ibid., p. 151. (Tradução dos autores.)
23. Estudo do historiador Paul de Saint-Hilaire, citado em ibid., p. 119.
24. Ibid., p. 117. (Tradução dos autores.)
25. Barber e Bate, p. 49.
26. Demurger, p. 130. (Tradução dos autores.)

27. Ibid., p. 131. (Tradução dos autores.)
28. Ibid., p. 477.
29. Nicholson, p. 53.
30. Barber e Bate, p. 290.
31. Ibid., p. 291.
32. Ver comentário de A.T. Hatto em Wolfram von Eschenbach, pp. 413-415.
33. Ibid., p. 63.
34. Churton, p. 33.
35. Ibid., pp. 33-34.
36. Ibid., p. 34.
37. Collins, pp. 228-230.
38. Fowden, pp. 203-204.
39. Ver Picknett e Prince, *The Forbidden Universe*, pp. 101-105.
40. Copenhaver, p. 44.
41. Fowden, pp. 4-5.
42. Ibid., p. 34.
43. Ver Ray.
44. Stambaugh, p. 44.
45. Ver ibid., pp. 10-13.
46. Fraser, vol. I, p. 3.
47. Feather, *The Secret Initiation of Jesus at Qumran*, p. 116.
48. Fraser, vol. I, p. 260.
49. Ibid., p. 259.
50. G. Quispel, «*The Asclepius – From the Hermetic Lodge in Alexandria to the Greek Eucharist and the Roman Mass*», em van den Broek e Hanegraaff, p. 75.
51. Ver Picknett e Prince, *The Masks of Christ*, pp. 210-222.
52. Levitikon, p. 62.
53. Scott, p. 83.
54. Fiorenza, p. 134.
55. Crossan, p. 26.
56. Picknett e Prince, *The Masks of Christ*, p. 143.
57. Luckert, p. 305.
58. Schneemelcher, vol. 2, p. 532. Os itálicos são de Schneemelcher.

59. Citado em Birks e Gilbert, p. 82.
60. Gündüz, pp. 64-69. O nosso agradecimento a Simon Cox por nos ter chamado a atenção para o livro de Gündüz.
61. Ibid., pp. 107-108.
62. Saad Salloum, «*Iraqi Mandaeans Fear Extinction*», *site* informativo Al-Monitor, 29 de agosto de 2019: https://al-monitor.com/pulse/originals/2019/08/iraqminority-mandaen.html.

APÊNDICE: MAÇONARIA CONTINENTAL OCULTA

1. Robert Amadou, «*Martinès de Pasqually et l'Ordre des élus Cohen*», *L'Originel*, n.º 2 (outono de 1995).

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

Addison, C.G., *The History of the Knights Templars, the Temple Church and the Temple*, Longman & Co, Londres, 1842.

Anand, M., *The Art of Sexual Ecstasy*, Aquarian Press, Londres, 1990.

Anderson, W., *Dante the Maker*, Routledge & Kegan Paul, Londres, 1980.

Ann, M., e Imel, D.M., *Goddesses in World Mythology*, Oxford University Press, Oxford, 1993.

Apuleio, L., *The Golden Ass*, trad. W. Adlington, Harvard University Press, Londres, 1989.

Ashe, G., *The Virgin*, Arkana, Londres, 1976.

Ayerst, D., e Fisher, A.S.T., *Records of Christianity, Volume I: In the Roman Empire*, Basil Blackwell, Oxford, 1971.

Baigent, M., e Leigh, R., *The Temple and the Lodge*, Jonathan Cape, Londres, 1989.

Baigent, M., Leigh, R., e Lincoln, H., *The Holy Blood and the Holy Grail*, Jonathan Cape, Londres, 1982; edição revista: Arrow, Londres, 1996.

— *The Messianic Legacy*, Jonathan Cape, Londres, 1986.

Barber, M., *The New Knighthood: A History of the Order of the Temple*, Cambridge University Press, Cambridge, 1994.

— *The Trial of the Templars*, Cambridge University Press, Cambrdige, 1978.

Barber, M., e Bate, K., *The Templars: Selected sources translated and annotated*, Manchester University Press, 2002.

Barrès, M., *Le Mystère en pleine lumière*, Librairie Plon, Paris, 1926.

Bauval, R., e Gilbert, A., *The Orion Mystery*, William Heinemann, Londres, 1994.

Bayley, H., *The Lost Language of Symbolism*, Williams & Norgate, Londres, 1912.

Begg, E., *The Cult of the Black Virgin*, Arkana, Londres, 1985; edição revista: 1996.

Begg, E., e Begg, D., *In Search of the Holy Grail and the Precious Blood*, Thorsons, Londres, 1995.

Beha, E., *A Dictionary of Freemasonry*, Arco, Londres, 1962.

Bertaulet, J., *De Verloren Konig en de bronnen van de Graallegende*, Stichting Mens en Kultuur, Gante, 1991.

Birks, W., e Gilbert, R.A., *The Treasure of Montségur*, Crucible, Londres, 1987.

Black, M., *The Scrolls and Christian Origins: Studies in the Jewish Background of the New Testament*, Thomas Nelson & Sons, Londres, 1961.

Blum, J., *Rennes-le-Château: wisigoths, cathares, templiers*, Éditions du Rocher, Mónaco, 1994.

Boudet, H., *La vraie langue celtique et le Cromleck de Rennes-les-Bains*, Éditions Bélisane, Nice, 1984 (fac-símile da edição original de 1886).

Bramly, S., *Leonardo: the Artist and the Man*, Michael Joseph, Londres, 1992; originalmente publicado como *Léonard de Vinci*, Éditions Jean-Claude Lattés, Paris, 1988.

Brion, M., *Léonard de Vinci*, Hachette, Paris, 1959.

Brown, D., *The Da Vinci Code*, Corgi, Londres, 2004.

Budge, Sir E.A.W., (trad.) *The Book of the Dead*, British Museum, Londres, 1899.

— *Egyptian Magic*, Dover Publications, Nova Iorque, 1971.

Buenner, D., *Notre-Dame de la Mer et les Saintes-Maries*, Lescuyer, Lyons, n. d.

Burstein, D. (ed.), *Secrets of the Code*, Weidenfeld & Nicolson, Londres, 2004.

Calvé, E., *My Life*, D. Appleton & Co., Londres, 1922.

Captier, A., Captier, M., e Marrot, M., *Rennes-le-Château: le secret de l'abbé Saunière*, Éditions Bélisane, Nice, n.d.

Cavendish, R. (ed.), *The Encyclopedia of the Unexplained*, Routledge & Kegan Paul, Londres, 1974.

— *The Magical Arts*, Arkana, Londres, 1984.

Chang, J., *The Tao of Love and Sex*, Wildwood House, Londres, 1977.

Churton, T., *The Golden Builders: Alchemists, Rosicrucians and the first Free Masons*, Signal Publishing, Lichfield, 2002.

Cocteau, J., *Cahiers Jean Cocteau no. 10: Théâtre inédit et texts épars*, Gallimard, Paris, 1983.

— *A Call to Order: Written between the Years 1918 and 1926*, Faber & Gwyer, Londres, 1926.

Collins, A., *Gods of Eden: Egypt's Lost Legacy and the Genesis of Civilisation*, Headline, Londres, 1998.

Contrucci, J., *Emma Calvé, la Diva du siècle*, Albin Michel, Paris, 1989.

Copenhaver, B.P., *Hermetica: The Greek Corpus Hermeticum and the Latin Asclepius in a New English Translation*, Cambridge University Press, Cambridge, 1992.

Corbu, C., e Captier, A., *L'Héritage de l'abbé Saunière*, Éditions Bélisane, Cazilhac, 1995.

Crossan, J.D., *Who Killed Jesus?*, HarperCollins, Nova Iorque, 1995.

Daraul, A., *Secret Societies*, Frederick Muller, Londres, 1961.

de Rosa, P., *Vicars of Christ: The Dark Side of the Papacy*, Bantam Press, Londres, 1988.

de Sède, G., *Rennes-le-Château: le dossier, les impostures, les phantasmes, les hipothèses*, Robert Laffont, Paris, 1988.

— *Les Templiers sont parmi nous*, Julliard, Paris, 1963.

de Sède, G., e de Sède, S., *L'Or de Rennes, ou la vie insolite de Bérenger Saunière, curé de Rennes-le-Château*, Julliard, Paris, 1967.

de Voragine, J., *The Golden Legend: Readings on the Saints*, trad. William Grayer Ryan, 2 volumes, Princeton University Press, 1993.

Delaude, J., *Le cercle d'Ulysse*, Éditions Dyroles, Toulouse, 1977.

Deloux, J.-P., e Brétigny, J., *Rennes-le-Château: capitale secrète de l'histoire de France*, Éditions Atlas, Paris, 1982.

Demurger, A., *Les Templiers: Une chevalerie chrétienne au Moyen Âge*, Éditions Jean-Paul Gisserot, Quintin, 2007.

Descadeillas, R., *Mythologie du trésor de Rennes-le-Château*, Savary, Carcassonne, 1974.

— *Notice sur Rennes-le-Château et l'abbé Saunière*, Arquivos do Departamento do Aude, Carcassonne, 1962.

Dodd, C.H., *The Interpretation of the Fourth Gospel*, Cambridge University Press, Cambridge, 1953.

Doresse, J., *The Secret Books of the Egyptian Gnostics*, Hollis & Carter, Londres, 1960; originalmente publicado como *Les livres secrets des Gnostiques d'Egypte*, Librairie Plon, Paris, 1953.

Douzet, A., *Elements du passé de Sainte-Croix-en-Jarez Chartreuse: pour servir à son histoire*, A. Douzet, Bages, 1994.

Douzet, A., *Saunière's Model and the Secret of Rennes-le-Château: The Priest's Final Legacy Unveils the Location of his Terrifying Discovery*, Adventures Unlimited Press/Frontier Publishing/Société Perillos, Kempton/Enhuizen/North Berwick, 2001.

Drower, E.S., *The Mandaeans of Iraq and Iran: Their Cults, Customs, Magic, Legends and Folklore*, Clarendon Press, Oxford, 1937.

Eisler, R., *The Messiah Jesus and John the Baptist*, Methuen & Co., Londres, 1931.
Eliade, M., *The Encyclopedia of Religion*, Macmillan, Nova Iorque, 1987.
Epton, N., *The Valley of Pyrene*, Cassel & Co., Londres, 1955.
Fanthorpe, L., e Fanthorpe, P., *Rennes-le-Château: Its Mysteries and Secrets*, Bellevue Books, Ashford, 1991.
Feather, R., *The Copper Scroll Decoded: One Man's Search for the Fabulous Treasures of Ancient Egypt*, Thorsons, Londres, 1999.
— *The Secret Initiation of Jesus at Qumran: The Essene Mysteries of John the Baptist*, Bear & Co., Rochester, 2005.
Fideler, D. (ed.), *Alexandria 3*, Phanes Press, Grand Rapids, 1995.
Findel, J.G., *The History of Freemasonry from its Origins down to the Present Day*, George Kenning, Londres, 1869.
Fiorenza, E.S., *In Memory of Her: A Feminist Theological Reconstruction of Christian Origins*, S.C.M. Press, Londres, 1983.
Flowers, S.E., *Fire and Ice*, Llewellyn Publications, St. Paul, 1994.
Foerster, W. (ed.), *Gnosis: A Selection of Gnostic Texts* (2 vols.), Clarendon Press, Oxford, 1972/74; originalmente publicado como *Gnosis*, Artemis Verlags-AG, Zurique, 1969/71.
Fowden, G., *The Egyptian Hermes: A Historical Approach to the Late Pagan Mind*, Cambridge University Press, Cambridge, 1986.
Fox, R.L., *The Unauthorised Version*, Viking, Londres, 1991.
Fraser, P.M., *Ptolemaic Alexandria*, 3 vols., Clarendon Press, Oxford, 1972.
Gascoigne, B., *The Christians*, Jonathan Cape, Londres, 1977.
Gaster, T.H., *The Dead Sea Scriptures*, Doubleday and Co., Garden City, 1956.
Gaus, A. (trad. e ed.), *The Unvarnished New Testament*, Phanes Press, Grand Rapids, 1991.

Gilbert, R.A., *The Golden Dawn: Twilight of the Magicians*, Aquarian Press, Wellingborough, 1983.

Godwin, J., *Robert Fludd: Hermetic Philosopher and Surveyor of Two Worlds*, Thames & Hudson, Londres, 1979.

Godwin, M., *The Holy Grail: Its Origins, Secrets and Meaning Revealed,* Bloomsbury, Londres, 1994.

Golb, N., *Who Wrote the Dead Sea Scrolls?*, Michael O'Mara, Londres, 1995.

Göte, A., e Spatz, *Rennes-le-Château: clef du royaume des morts*, 4 volumes, Atelier Empreinte, Rennes-le-Château, 1984-1987.

Greer, M.K., *Women of the Golden Dawn: Rebels and Priestesses,* Park Street Press, Rochester, 1995.

Grégoire, M., *Histoire des sects religieuses* (6 vols.), Baudouin Frères, Paris, 1828-29.

Griffiths, R., *The Reactionary Revolution*, Constable, Londres, 1966.

Guerber, H.A., *Legends of the Middle Ages*, American Book Co., Nova Iorque, 1924.

Gündüz, S., *The Knowledge of Life: The Origins and Early History of the Mandaeans and Their Relation to the Sabians of the Qu'ran and to the Harranians*, Oxford University Press, Oxford, 1994.

Haeffner, M., *The Dictionary of Alchemy*, Aquarian Press, Wellingborough, 1991.

Hancock, G., *Fingertips of the Gods*, William Heinemann, Londres, 1995.

— *The Sign and the Seal*, William Heinemann, Londres, 1992.

Hancock, G., e Bauval, R., *Keeper of Genesis*, William Heinemann, Londres, 1996.

Hancox, J., *The Byrom Collection*, Jonathan Cape, Londres, 1992.

Haskins, S., *Mary Magdalen*, HarperCollins, Londres, 1993.

Hecht, I., «*The Infants Christ and St John Embracing*», *Apollo*, vol. CXIII, n.º 230, abril de 1981.

Heyob, S.K., *The Cult of Isis among Women in the Graeco-Roman World*, E.J. Brill, Leiden, 1975.

Hillgarth, J.N., *Lull and Lullism in Fourteenth Century France*, Clarendon Press, Oxford, 1971.

Holroyd, S., e Powell, N., *Mysteries of Magic*, Bloomsbury Books, Londres, 1991.

Hooper, J., «*Art Detective Exposes Hidden Images to Fuel Da Vinci Code Conspiracies*», *Guardian*, 20 de setembro de 2005.

James, M.R. (ed.), *The Apocryphal New Testament*, Clarendon Press, Oxford, 1953.

Jarnac, P. (ed.), *Les archives de l'abbé Saunière*, Pierre Jarnac, Sailles, 1995.

— *Les archives du trésor de Rennes-le-Château*, (2 vols.), Éditions Bélisane, Nice, 1987/ /1988.

— *Histoire du trésor de Rennes-le-Château*, Éditions Bélisane, Nice, 1985.

— (ed.), *Les mystères de Rennes-le-Château: mélanges sulfureux* (3 vols.), C.E.R.T., Couiza, 1994-1995.

Jones, G., e Jones, T. (trad. e ed.), *The Mabinogion*, J.M. Dent & Sons, Londres, 1974.

Jones, P., e Pennick, N., *A History of Pagan Europe*, Routledge, Londres, 1995.

Josefo, F., *The Jewish War*, trad. G.A. Williamson, Penguin, Londres, 1970.

Jung, C.G., *Psychology and Alchemy*, Routledge & Kegan Paul, Londres, 1968.

King, F., e Sutherland, I., *The Rebirth of Magic*, Corgi, Londres, 1982.

Knight, C., e Lomas, R., *The Hiram Key*, Century, Londres, 1996.
Knight, G., *Magic and the Western Mind*, Kahn & Averill, Londres, 1991.
— *The Rose Cross and the Goddess*, Aquarian Press, Wellingborough, 1985.
Kraeling, C.H., *John the Baptist*, Charles Scribner's Sons, Londres, 1951.
Lamy, M., *Les templiers: Ces grands seigneurs aux blancs manteaux*, Aubéron, Bordéus, 1994.
Layton, B., *The Gnostic Scriptures*, SCM Press, Londres, 1987.
Lévi, É., *The History of Magic*, trad. A.E. Waite, William Rider & Sons, Londres, 1913; originalmente publicado como *Histoire de la Magie*, Germer Baillière, Paris, 1860.
Lévitikon, ou exposé des principes fondamentaux de la doctrine des Chrétiens-Catholiques-Primitifs, Librairie des Chrétiens Primitifs, Paris, 1831.
Lincoln, H., *The Holy Place*, Jonathan Cape, Londres, 1991.
Lindsay, J., *The Origins of Alchemy in Graeco-Roman Egypt*, Frederick Muller, Londres, 1970.
Loomis, R.S., e Loomis, L.H. (eds.), *Medieval Romance*, Modern Library, Nova Iorque, 1957.
Luckert, K.W., *Egyptian Light and Hebrew Fire*, State University of New York Press, Nova Iorque, 1991.
Lurker, M., *An Illustrated Dictionary of the Gods and Symbols of Ancient Egypt*, Thames & Hudson, Londres, 1980.
Mack, B.L., *The Lost Gospel: The Book of Q and Christian Origins*, Element Books, Shaftesbury, 1994.
Malvern, M.M., *Venus in Sackcloth: The Magdalen's Origins and Metamorphoses*, Southern Illinois University Press, Carbondale, 1975.

Mann, A.T., e Lyle, J., *Sacred Sexuality*, Element Books, Shaftesbury, 1995.

Marie, F., *Alet-les-Bains: les portes du temps*, Franck Marie, Montrouge, 1984.

Marlowe, J., *The Golden Age of Alexandria: From Its Foundation by Alexander the Great in 331BC to Its Capture by the Arabs in 642AD*, Victor Gollancz, Londres, 1971.

Marwick, M. (ed.), *Witchcraft and Sorcery: Selected Readings*, Penguin, Londres, 1970.

Mascetti, M. D., *The Song of Eve: Mythology and Symbols of the Goddess*, Aurum Press, Londres, 1994.

Matarasso, P. (trad. e ed.), *The Cistercian World: Monastic Writings of the Twelfth Century*, Penguin, Londres, 1993.

Mead, G.R.S. (ed.), *The Gnostic John the Baptizer: Selections from the Mandaean John-Book*, John M. Watkins, Londres, 1924.

— *Simon Magus: An Essay*, Theosophical Publishing Society, Londres, 1892.

Meyer, M.W. (ed.), *The Ancient Mysteries: A Sourcebook*, HarperCollins, São Francisco, 1987.

Meyer, M., e Smith, R. (eds.), *Ancient Christian Magic: Coptic Texts of Ritual Power*, HarperCollins, São Francisco, 1994.

Montcault, M., *La basilique Sainte-Marie-Madeleine et le Couvent Royal*, Edisud, Aix-en-Provence, 1985.

Nataf, A., *The Occult*, W & R Chambers, Edimburgo, 1991; originalmente publicado como *Les maîtres de l'occultisme*, Bordas, Paris, 1988.

Newman, B., *From Virile Woman to WomanChrist: Studies in Medieval Religion and Literature*, University of Pennsylvania Press, Filadélfia, 1995.

Nicholson, H.J., *The Everyday Life of the Templars: The Knights Templar at Home*, Fonthill Media, Stroud, 2017.

Norvill, R., *Hermes Unveiled*, Ashgrove Press, Bath, 1986.

Oliver, Rev. G., *A Mirror for the Johannite Masons*, Richard Spencer, Londres, 1848.

Osman, A., *The House of the Messiah*, HarperCollins, Londres, 1992.

Pagels, E., *The Gnostic Gospels*, Weidenfeld & Nicolson, Londres, 1980.

Partner, P., *The Murdered Magicians: The Templars and their Myth*, Oxford University Press, Oxford, 1981.

Patai, R., *The Hebrew Goddess* (3.ª ed.), Wayne State University Press, Detroit, 1990.

Péladan, S., *Constitutions de la Rose-Croix, le Temple et le Graal*, Secretariado da Ordem da Rosacruz, do Templo e do Graal, Paris, 1893.

— *L'Art idéaliste et mystique: Doctrine de l'Ordre et du Salon annuel des Rose-Croix*, Chamuel, Paris, 1894.

Pennick, N., *Hitler's Secret Sciences*, Neville Spearmen, Sudbury, 1981.

Phipps, W.E., *The Sexuality of Jesus*, Harper & Row, Nova Iorque, 1973.

— *Was Jesus Married?*, Harper & Row, Nova Iorque, 1970.

Picknett, L., e Prince, C., *The Forbidden Universe: The Occult Origins of Science and the Search for the Mind of God*, Constable, Londres, 2011.

— *The Masks of Christ: Behind the Lies and Cover-Ups About the Man Believed to Be God*, Sphere, Londres, 2008.

— *The Sion Revelation: The Truth About the Guardians of Christ's Sacred Bloodline*, Touchstone, Nova Iorque, 2006.

— *Turin Shroud: In Whose Image*?, Bloomsbury, Londres, 1994.
— *When God Had a Wife: The Fall and Rise of the Sacred Feminine in the Judeo-Christian Tradition*, Bear & Co., Rochester, 2019.
Pike, A., *Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry*, A4M4, Charleston, 1871.
Plume, C., e Pasquini, X., *Encyclopédie des sects dans le monde*, Henri Veyrier, Paris, 1984.
Pope, M.H., *Song of Songs: A New Translation with Introduction and Commentary*, Doubleday, Nova Iorque, 1983.
Putnam, B., e Wood, J.E., *The Treasure of Rennes-le-Château: A Mystery Solved*, Sutton Publishing, Stroud, 2003.
Qualls-Corbett, N., *The Sacred Prostitute: Eternal Aspect of the Feminine*, Inner City Books, Toronto, 1988.
Rappoport, A.S., *Ancient Israel*, 3 volumes, Senate, Londres, 1995.
Ray, J.D., *The Archive of Hor*, Egypt Exploration Society, Londres, 1976.
Redgrove, P., *The Black Goddess and the Sixth Sense*, Bloomsbury, Londres, 1987.
Reti, L. (ed.), *The Unknown Leonardo*, McGraw-Hill, Londres, 1974.
Ricci, C., *Mary Magdalene and Many Others: Women who followed Jesus*, Burns & Oates, Tunbridge Wells, 1994; originalmente publicado como *Maria di Magdala e le Molte Altre: Donne sul cammino di Gesù*, M. D'Auria Editore, Nápoles, 1991.
Riffard, P., *Dictionnaire de l'ésotérisme*, Payot, Paris, 1983.
Rivière, B. (ed.), *Lumières nouvelles sur Rennes-le-Château*, Benoist Rivière, Lyons, 1995.
Roberts, G., *The Mystery of Rennes-le-Château: A Concise Guide*, Rennes-le-Château Research Group, Twylch, 1995.
Roberts, J.M., *The Mythology of Secret Societies*, Secker & Warburg, Londres, 1972.

Robertson, J.M., *Pagan Christs*, Barnes & Noble, Nova Iorque, 1993 (redução para um volume da obra de 1903).
Robin, J., *Rennes-le-Château: la colline envoûtée*, Guy Trédaniel, Paris, 1982.
— *Le royaume du graal*, Guy Trédaniel, Paris, 1992.
Robinson, J.A.T., *The Priority of John*, SCM Press, Londres, 1985.
Robinson, J.J., *Born in Blood*, Century, Londres, 1990.
Romer, J., *Testament: The Bible and History*, Michael O'Mara, Londres, 1988.
Rudolph, K., *Mandaeism*, E.J. Brill, Leiden, 1978.
St Victor, O., *Epiphany*, Sancta Sophia, Leuvens, 1991.
Sanders, E.P., *Jesus and Judaism*, SCM Press, Londres, 1985.
Saul, J.M., e Glaholm, J.A., *Rennes-le-Château: A Bibliography*, Mercurius Press, Londres, 1985.
Schellenberger, P. e Andrews, R., *The Tomb of God: The Body of Jesus and the Solution to a 2,000-year-old Mystery*, Little, Brown & Co., 1996.
Schneemelcher, W. (ed.), *New Testament Apocrypha* (2 vols.), James Clarke & Co., Cambridge, 1991.
Schonfield, H.J., *The Essene Odyssey*, Element Books, Shaftesbury, 1984.
— *The Passover Plot*, Hutchinson, Londres, 1965.
— *The Pentecost Revolution*, Hutchinson, Londres, 1974.
Schwartz, L., «*Leonardo's Mona Lisa*», *Art & Antiques*, janeiro de 1987, p. 50.
Scott, M., *Sophia and the Johannine Jesus*, Sheffield Academic Press, Sheffield, 1992.
Shu'al Katan, *Sexual Magick,* Mandrake of Oxford, 1995.
Sierra, J., *The Secret Supper*, Simon and Schuster, Nova Iorque/Londres, 2006; originalmente publicado como *La cena*

secreta, Plaza y Janés, Barcelona, 2004.
Sinclair, A., *The Sword and the Grail*, Century, Londres, 1992.
Sipra, J.A., *L'architecture insolite de l'église de Rennes-le-Château*, Association Terre de Rhedae, Rennes-le-Château, 1992.
Smith, M., *Clement of Alexandria and a Secret Gospel of Mark*, Harvard University Press, Cambridge, Mass., 1973.
— *Jesus the Magician*, Victor Gollancz, Londres, 1978.
— *The Secret Gospel: The Discovery and Interpretation of the Secret Gospel according to Mark*, Gollancz, Londres, 1973.
Spence, L., *An Encyclopaedia of Occultism*, G. Routledge & Sons, Londres, 1920.
Stambaugh, J.E., *Sarapis under the Early Ptolomies*, E.J. Brill, Leiden, 1972.
Starbird, M., *The Woman with the Alabaster Jar*, Bear & Co., Sante Fe, 1993.
Stewart, D., *The Foreigner*, Hamish Hamilton, Londres, 1981.
Stoyanov, Y., *The Hidden Tradition in Europe*, Arkana, Londres, 1994.
Tarade, G., e Barani, J.-M., *Les sites magiques de Provence*, Robert Laffont, Paris, 1990.
Thiede, C.P., e d'Ancona, M., *The Jesus Papyrus*, Weidenfeld & Nicolson, Londres, 1996.
Tompkins, P., *The Magic of Obelisks*, Harper & Row, Nova Iorque, 1981.
Torjeson, K.J., *When Women were Priests*, HarperCollins, São Francisco, 1993.
Tully, M., *God, Jew, Rebel, the Hidden Jesus: An Investigation into the Lives of Jesus*, BBC Books, Londres, 1995.
Tyldesley, J., *Daughters of Isis: Women of Ancient Egypt*, Viking, Londres, 1994.

U D , F., *Secrets of the German Sex Magicians*, Llewellyn, St. Paul, 1991.
Ursin, J., *Création et histoire du Rite Écossais Rectifié*, Éditions Derry, Paris, 1993.
van den Broek, R., e Hanegraaff, W.J. (eds.), *Gnosis and Hermeticism from Antiquity to Modern Times*, State University of New York Press, Albany, 1998.
Vauchez, A. (ed.), *Histoire du christianisme des origines à nos jours, vol. 5: Apogée de la Papauté et expansion de la chrétienté (1054-1274)*, Desclée, Paris, 2001.
Vermes, G., *Jesus the Jew*, William Collins, Londres, 1973.
von Eschenbach, W., *Parzival*, (trad. A.T. Hatto), Penguin, Londres, 1980.
Waite, A.E., *The Hidden Church of the Holy Graal: Its Legends and Symbolism*, Rebman, Londres, 1909.
Walker, B.G., *The Woman's Encyclopedia of Myths and Secrets*, HarperCollins, São Francisco, 1983.
Wallace-Murphy, T., *The Templar Legacy and the Masonic Inheritance within Rosslyn Chapel*, Friends of Rosslyn, Roslin, 1994.
Webb, J., *The Occult Underground*, Open Court, La Salle, 1974.
Webb, R.L., *John the Baptizer and Prophet*, Sheffield Academic Press, Sheffield, 1991.
Wilson, A.N., *Jesus*, Sinclair-Stevenson, Londres, 1992.
Wilson, C., *The Occult*, Hodder & Stoughton, Londres, 1971.
Wilson, I., *Are these the Words of Jesus?*, Lennard Publishing, Oxford, 1990.
— *Jesus: the Evidence*, Weidenfeld & Nicolson, Londres, 1984.
— *The Turin Shroud*, Penguin, Londres, 1979.

Wilson, R. McL., *The Gospel of Philip*, A. R. Mowbray & Co., Londres, 1962.
Witherington III, B., *Women and the Genesis of Christianity*, Cambridge University Press, 1990.
Wolff, P. (ed.), *Documents du l'histoire du Languedoc*, Édourard Privat, Toulouse, 1969.
Wood, D., *Genisis: The First Book of Revelations*, Baton Press, Londres, 1985.
Woodford, Rev. A.F.A. (ed.), *Kenning's Masonic Cyclopaedia and Handbook of Masonic Archaeology, History and Biography*, George Kenning, Londres, 1878.
Wyns, M., *Jean Cocteau: L'Empreinte de l'Ange*, L'Harmattan, Paris, 2005.
Yamauchi, E., *Pre-Christian Gnosticism*, Tyndale Press, Londres, 1973.
Yates, F.A., *The Art of Memory*, Routledge & Kegan Paul, Londres, 1966.
— *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, Routledge & Kegan Paul, Londres, 1964.
— *The Occult Philosophy in the Elizabethan Age*, Routledge & Kegan Paul, Londres, 1979.
— *The Rosicrucian Enlightenment*, Routledge & Kegan Paul, Londres, 1972.

AGRADECIMENTOS

Este livro não teria sido possível sem a ajuda e o apoio de muitas pessoas, mas, devido à natureza controversa das nossas conclusões, devemos salientar que as pessoas abaixo referidas não partilham necessariamente das nossas opiniões.

Gostaríamos de agradecer:

A Keith Prince, pela sua meticulosa pesquisa em nosso nome, tanto na biblioteca como em campo, pelos seus pensamentos incisivos e, por norma, muito pouco ortodoxos sobre o tema – e por ter literalmente arriscado a vida por este projeto.

A Craig Oakley, pelo indefetível apoio, entusiasmo e ajuda na nossa investigação.

A Filip Coppens, por nos ter indicado e fornecido de forma entusiástica muito e valioso material de pesquisa.

A Lavinia Trevor, a nossa agente, por preparar o caminho para este livro e nos manter livres de pressões.

A Jim Cochrane, o nosso editor na Bantam Press, pelos seus comentários informados e construtivos – e por nos manter *sob* pressão. Obrigado também a Bill Scott-Kerr, Judith Welsh, Kate Melhuish, Sheila Corr e Martin Macrea. E, na Alma dos Livros, a Sara Nabais, Ricardo Antunes e Carla Ribeiro.

A Lucien Morgan, por nos fazer realmente pensar neste livro!

O material sobre Rennes-le-Château nos capítulos Oito e Nove deve muito à informação fornecida por e às discussões tidas com muitas pessoas:

No Reino Unido, aos membros do grupo de investigação de Rennes-le-Château, em especial a John e Joy Millar, Gay Roberts, Howard Barkway, Jonothon Boulter, Marke Pawson e Guy Patton. Obrigado ao Guy também pela sua ajuda na nossa investigação sobre os Cavaleiros Templários.

Em França, devemos agradecer sobretudo a Alain Féral, Sonia Moreu, Antoine e Claire Captier, Jean-Luc e Louise Robin, Celia Brooke, Marcel Captier e Elizabeth van Buren. (E também a Monique e Michel Marrot do La Pomme Bleue, em Rennes-le-

Château, cujas refeições nos fizeram muitas vezes ganhar o dia.) Gostaríamos também de reconhecer a nossa dívida para com o falecido Jos Bertaulet e a sua pesquisa sobre Notre-Dame de Marceille. Obrigado à sua viúva Suzanne e aos filhos Christian e Diederick pela sua hospitalidade.

A John Stephenson e Anita Forsythe, por terem cuidado de nós em Ferran, animando as nossas viagens ao Languedoc e partilhando connosco o seu conhecimento local. Obrigado também pela sua maravilhosa hospitalidade e entretenimento, e por nos terem emprestado a *Gold*.

A Peter Humber, por nos ter permitido utilizar a sua casa no Languedoc durante a nossa primeira viagem de pesquisa, e pela sua reação *muito* relaxada ao que quase lhe fizemos… e obrigado também aos habitantes de Ferran e ao Corpo de Bombeiros de Montréal por virem em nosso auxílio nesse fatídico dia 17 de janeiro de 1995. E ainda pelo falecido Café Fou de Peter, em Boundary Road, que parecia de algum modo destinado a ser o nosso refúgio.

A Robert Howells, pelas muitas deliciosas discussões tardias sobre todo o tipo de questões esotéricas, bem como pelo benefício do seu vasto conhecimento.

A André Douzet, por generosamente ter partilhado os resultados da sua exaustiva investigação acerca dos mistérios franceses.

Ao falecido Niven Sinclair, pela sua grande generosidade e fascinantes visões sobre a Capela Rosslyn e os Cavaleiros Templários.

A Jane Lyle, por partilhar connosco o seu vasto conhecimento sobre sexualidade sagrada e – como sempre – pelo riso, pelo encorajamento e pelo apoio prático.

Ao falecido Steve Wilson, pela sua ajuda com os Mandeus, por nos dar uma plataforma na *Talking Stick* e por uma divertida e memorável viagem de comboio.

A Karine Esparseil López, pela sua ajuda com as traduções do francês, pelo apoio e pela sua valiosíssima amizade.

Obrigado também aos seguintes pela ajuda prestada de vários modos, quer proporcionando-nos uma muito necessária informação ou apenas com o seu apoio e encorajamento:

Nicole Dawe e Charles Bywaters, bem como as suas respetivas filhas, Laura Dawe e Kathryn e Jennifer Bywaters; Trevor Poots; Andy Collins; Dominique Hyde; Lionel Beer e o seu grupo da TEMS; Steve Moore, do *Fortean Times*; Bob e Veronica Cowley, da RILKO; Georges Keiss; Yuri Stoyanov; Benoist Rivière; Henri Buthion; Jean-Pierre Aptel; André Galaup; Louis Vazart; Gino Sandri; Manfred Cassirer; Alun Harris; John Spencer; Steve Pear; Olivia Robertson, da Irmandade de Ísis; Caroline Wise; Gareth Medway; Tony Pritchett; Mick e Lorraine Jones; Mark Bennett; Dave Smith e Natalie Hac; Loren McLaughlin; David N. Corona; Simon Cox; Sylvia Patton; Barry e Fiona Johnstone; Sarah Litvinoff; Vida Adamoli; Helen Scott; Michèle Kaczynski; Mary Saxe-Falstein; Sally «Morgana» Morgan; Will Fowler; Sheila e Eric Taylor; Samuel López; James Dew; Nic Davis; Lisa Bailey; David Bell; I-N. E ao pessoal das salas de leitura da Biblioteca Britânica e da Biblioteca de Referência de Westminster.

Obrigado aos serviços de emergência de Limoux e Carcassonne por terem resgatado Keith Prince – e ao nosso amigo anónimo que ligou a pedir ajuda a partir de Notre-Dame de Marceille.